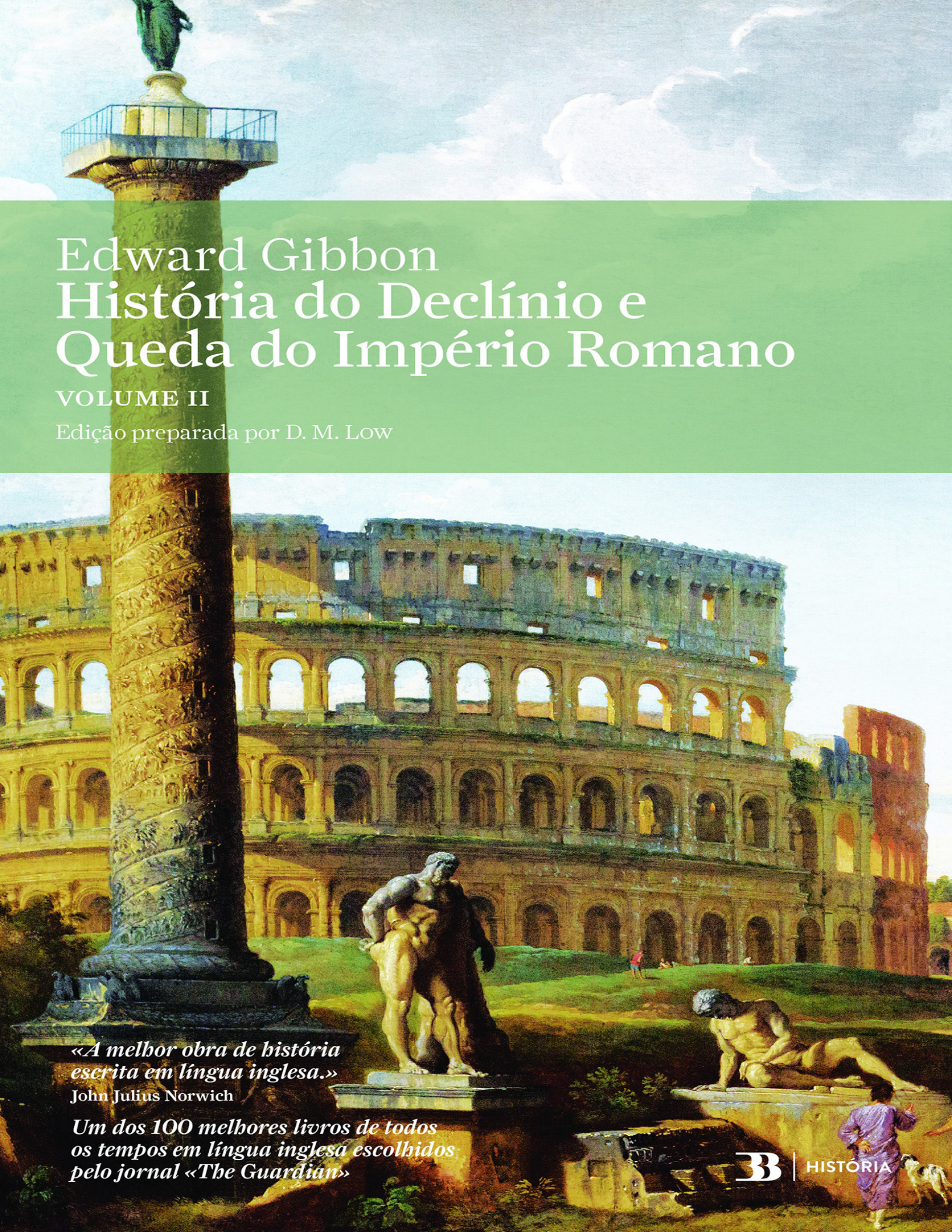




Edward Gibbon História do Declínio e Queda do Império Romano

VOLUME II

Edição preparada por D. M. Low

*«A melhor obra de história
escrita em língua inglesa.»*

John Julius Norwich

*Um dos 100 melhores livros de todos
os tempos em língua inglesa escolhidos
pelo jornal «The Guardian»*



HISTÓRIA

Edward Gibbon
História do Declínio e
Queda do Império Romano

VOLUME II

Título original: *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*

© Índice onomástico: David Womersley

Mapa 1 Mapa da Europa (criado por Karl von Spruner em 1865)
representando o Império Romano na época de Constantino, a maior extensão do
Império unificado.

© CPC Collection / Alamy Stock Photo

Mapa 2 Mapa da Europa (1831) representando as fronteiras territoriais
no ano da queda do Império Romano do Oriente, 1453.

© Science History Images / Alamy Stock Photo

Tradução: Maria Emília Ferros de Moura

Revisão: Helder Guégués

Conversão para ebook: www.arinos.in

Todos os direitos para língua portuguesa reservados para
esta edição por Bookbuilders / Letras Errantes, Lda.

Bookbuilders é uma chancela editorial de

Letras Errantes, Lda.
Rua Oceano Atlântico, 5
2560-510 Silveira
www.bookbuilders.net
info@bookbuilders.net

1.^a edição digital, Julho de 2022

ISBN 978-989-8973-52-8

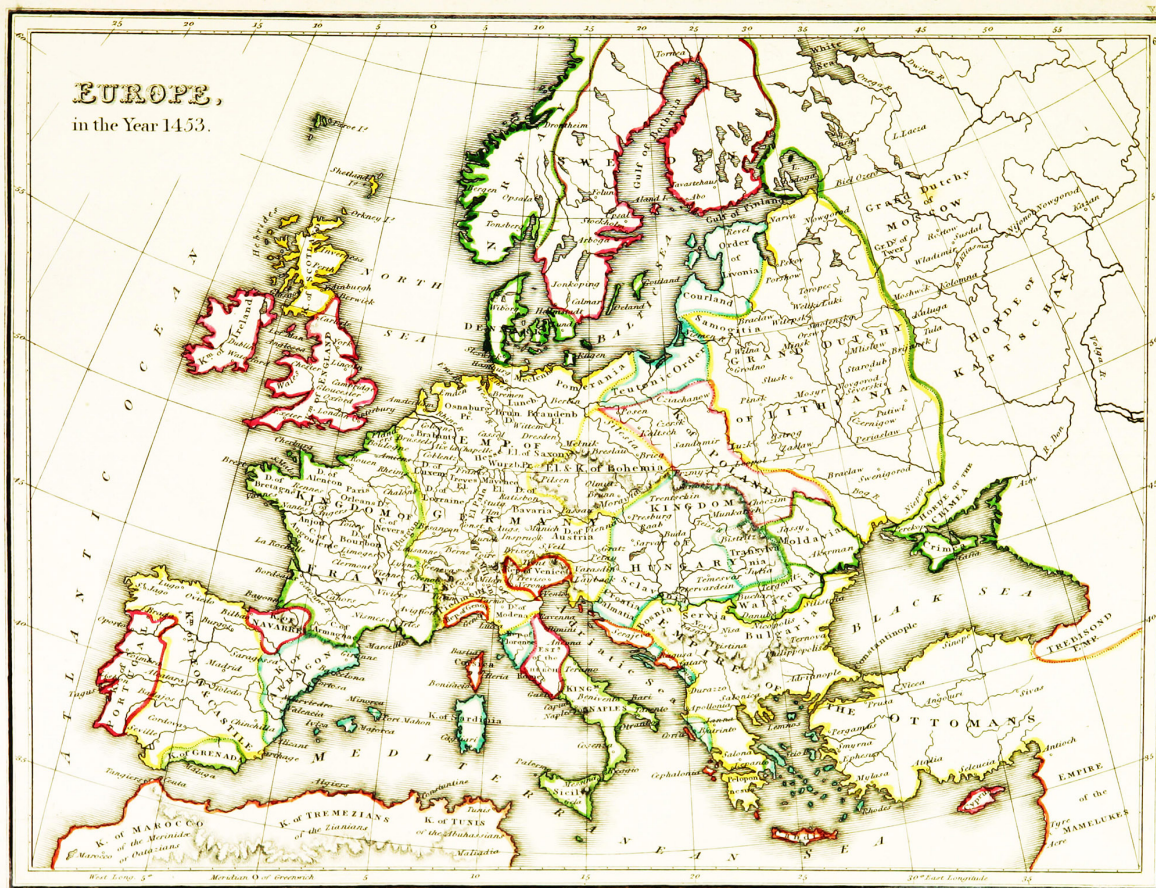
Edward Gibbon
História do Declínio e
Queda do Império Romano

VOLUME II

Edição preparada por D. M. Low

Traduzido do inglês (Inglaterra) por
Maria Emília Ferros de Moura

EUROPE,
in the Year 1453.



London, Published by Baldwin & Cradock, Sep. 1853.

Sumário

AS GRANDES INVASÕES

Capítulo 31

Invasão de Itália por Alarico. Costumes dos Nobres e do Povo de Roma. Três cercos e saque de Roma. Retirada dos Godos e morte de Alarico

O carácter dos nobres romanos

O povo de Roma

O primeiro cerco de Roma

O segundo cerco de Roma

Terceiro cerco e saque de Roma

A retirada dos Godos e a morte de Alarico

Capítulo 32

O Reinado de Arcádio. São João Crisóstomo. Morte de Arcádio e sucessão de Teodósio II. Administração de Pulquéria. Aventuras de Eudóxia

São João Crisóstomo

A morte de Arcádio e a sucessão de Teodósio II

A administração de Pulquéria

As aventuras de Eudóxia

Capítulo 33

Invasão de África pelos Vândalos. Santo Agostinho e o cerco de Hipona. Saque de Cartago. Fábula dos Sete Adormecidos

Invasão de África pelos Vândalos

Santo Agostinho e o cerco de Hipona
O saque de Cartago
A fábula dos Sete Adormecidos

O FIM DO IMPÉRIO NO OCIDENTE

Capítulo 35

Invasão da Gália e de Itália por Átila. Fundação de Veneza. Morte de Átila e destruição do seu Império. Assassínio de Aécio e morte de Valentiniano III. Sintomas de decadência no Império Romano do Ocidente

A invasão da Gália por Átila
A invasão de Itália
A fundação de Veneza
A morte de Átila e a destruição do seu império
O assassinio de Aécio e a morte de Valentiniano III
Sintomas de decadência no Império Romano do Ocidente

Capítulo 36

O Imperador Majoriano. Odoacro, Rei de Itália

O Imperador Majoriano
Odoacro, rei de Itália

Capítulo 37

Origem dos Monges. Causas dos rápidos progressos do monaquismo. São Simeão, o Estilita. Conversão dos Bárbaros ao cristianismo

Causas dos rápidos progressos do monaquismo
São Simeão, o Estilita

Capítulo 38

Queda do Império Romano do Ocidente. Observações gerais

Queda do Império Romano do Ocidente
Observações gerais sobre a Queda do Império Romano do Ocidente

O ESTADO DE ITÁLIA

Capítulo 39

Reinado de Teodorico, o Ostrogodo. Prosperidade de Roma e de Itália.
Arianismo de Teodorico. Execução de Boécio. Morte de Teodoric

O reinado de Teodorico

A prosperidade de Roma e de Itália

O arianismo de Teodorico

A execução de Boéci

A morte de Teodorico

A ÉPOCA DE JUSTINIANO

Capítulo 40

O reinado de Justiniano. A Imperatriz Teodora. Os tumultos de Nika.
Importação de seda da China. A Igreja de Santa Sofia. Abolição das Escolas
de Atenas e do consulado romano

A Imperatriz Teodora

Os tumultos de Nika

Importação de seda da China

A Igreja de Santa Sofia

Abolição das Escolas de Atenas

Extinção do consulado romano

Capítulo 43

Última vitória e morte de Belisário. Carácter e morte de Justiniano.
Cometas, terramotos e peste durante o reinado de Justiniano

Última vitória e morte de Belisário

Carácter e morte de Justinian

Cometas

Terramotos

A Peste

Capítulo 45

Miséria de Roma no final do século VI. Pontificado de Gregório Magno

Miséria de Roma no final do século VI

O pontificado de Gregório Magno

INFLUÊNCIAS TEOLÓGICAS

Capítulo 47

História da Doutrina da Encarnação. Os ebionitas e os gnósticos. Teorias opostas de Cerinto e Apolinário. Cirilo, Nestório e o Primeiro Concílio de Éfeso. A Heresia de Êutiques e o Segundo Concílio de Éfeso. Concílio de Calcedónia. O Henoticon de Zenão. Teologia de Justiniano

Os ebionitas

Os gnósticos

Teorias opostas de Cerinto e Apolinário

Cirilo, Nestório e o Primeiro Concílio de Éfeso

A heresia de Êutiques e o Segundo Concílio de Éfeso

O Concílio de Calcedónia

O Henoticon de Zenão

A Teologia de Justiniano

Capítulo 49

O culto das Imagens. Leão, o Iconoclasta. Revolta da Itália. Relações de Pepino e Carlos Magno com os Papas. Restauração das Imagens no Oriente. Separação final entre os Papas e o Império do Oriente. Reinado e carácter de Carlos Magno. Reinado de Carlos IV e comparação com Augusto

Leão, o iconoclasta

Revolta da Itália

Relações de Pepino e Carlos Magno com os Papas

Restauração das Imagens no Oriente

A separação final entre os Papas e o Império do Oriente

O reinado e o carácter de Carlos Magno

O Imperador Carlos IV

Comparação entre Carlos IV e Augusto

O ADVENTO DO ISLÃO

Capítulo 50

Descrição da Arábia. Carácter e religião dos Árabes. A ascensão de Maomé. Os seus preceitos. A sua fuga de Meca para Medina. A sua declaração de guerra contra os infiéis. Morte de Maomé. A sua personalidade e a sua vida privada. Apreciação da sua influência

O carácter dos Árabes

A religião dos Árabes

A ascensão de Maomé
Os preceitos de Maomé
A fuga de Maomé de Meca para Medina
Maomé declara guerra aos infiéis
A morte de Maomé
A personalidade e a vida privada de Maomé
A influência de Maomé

Capítulo 51

O destino da biblioteca de Alexandria

A biblioteca de Alexandria

O DECLÍNIO DO IMPÉRIO DO ORIENTE

Capítulo 53

Estado do Império do Oriente no século X. Riquezas, manufacturas e rendimentos do Império. O Palácio Imperial. Esquecimento da língua latina. Renascimento da sabedoria grega. Decadência do gosto

Riquezas, manufacturas e rendimentos do Império

O Palácio Imperial

O esquecimento da língua latina

O renascimento da sabedoria grega

A decadência do gosto

Capítulo 56

Conflito dos Sarracenos, Francos e Gregos em Itália. A chegada dos Normandos. Conquistas de Roberto Guiscardo

A chegada dos Normandos

As conquistas de Roberto Guiscardo

Capítulo 57

O Reino de Rum. A conquista Turca de Jerusalém

O Reino de Rum

A conquista Turca de Jerusalém

AS CRUZADAS

Capítulo 59

São Luís e a Sexta e Sétima Cruzadas. A perda de Antioquia. A perda de Acre e da Terra Santa

São Luís e a Sexta e Sétima Cruzadas

A perda de Antioquia

A perda de Acre e da Terra Santa

Capítulo 60

Cisma e hostilidade entre Gregos e Latinos. A Quarta Cruzada. Aliança dos Franceses e Venezianos e sua expedição a Constantinopla. Conquista e pilhagem de Constantinopla pelos Latinos

Hostilidade entre Gregos e Latinos

A Quarta Cruzada

Aliança dos Franceses e dos Venezianos

A viagem a Constantinopla

A conquista de Constantinopla pelos Latinos

A pilhagem de Constantinopla

Capítulo 61

Balduíno II e a santa coroa de Espinhos. Reconquista de Constantinopla pelos Gregos. Consequências gerais das cruzadas

Balduíno II e a santa coroa de Espinhos

Reconquista de Constantinopla pelos Gregos

Consequências gerais das cruzadas

O FIM DO IMPÉRIO ROMANO

Capítulo 65

Cerco de Constantinopla por Amurat II. Disciplina dos Turcos. Invenção da pólvora

Cerco de Constantinopla por Amurat II

Disciplina dos Turcos

Invenção da pólvora

Capítulo 66

Apelos Gregos ao Ocidente. Visita de João Paleólogo a Roma. Visita de Manuel a Itália, França e Inglaterra. Expedição de João Paleólogo II.

União temporária dos Gregos e Latinos. Renascimento das letras gregas em Itália. Papa Nicolau V. Uso e abuso da antiga erudição

Visita de João Paleólogo a Roma

Visita de Manuel a Itália, França e Inglaterra

A expedição de João Paleólogo II

União temporária dos Gregos e Latinos

Renascimento das letras gregas em Itália

O Papa Nicolau V

Uso e abuso da erudição antiga

Capítulo 68

Carácter e reinado de Mahomet II. Cerco e tomada de Constantinopla.

Entrada dos Turcos na Cidade. Consternação e terror da Europa

O cerco de Constantinopla

A tomada de Constantinopla

A entrada de Mahomet II

Consternação e terror da Europa

EPÍLOGO: ROMA MEDIEVAL E OS ALVORES DO RENASCIMENTO

Capítulo 69

Autoridade dos Papas em Roma. Métodos de eleição papal. Ida dos Papas para Avinhão. Instituição do Jubileu ou Ano Santo.

A nobreza romana

Métodos de eleição papal

Ida dos Papas para Avinhão

Instituição do Jubileu ou Ano Santo

A nobreza romana

Capítulo 70

Petrarca. Rienzi e a restauração do bom Estado. Prosperidade da República Romana. Grau de cavaleiro, coroação e loucuras de Rienzi. Regresso dos Papas a Roma. Grande cisma do Ocidente. Governo de Roma no século XV. Governo Eclesiástico

Rienzi e a restauração do bom Estado

A prosperidade da República Romana

Grau de cavaleiro, coroação e loucuras de Rienzi
O regresso dos Papas a Roma
O grande cisma do Ocidente
O governo de Roma no século XV
O governo eclesiástico

Capítulo 71

Discurso de Poggio sobre as ruínas de Roma no século XV. Quatro causas de ruína. O Coliseu. Restauração da cidade. Reflexões finais sobre o Declínio e Queda do Império Romano

Quatro causas de destruição
O Coliseu
A restauração da cidade
Reflexões finais sobre o Declínio e Queda do Império Romano

NOTA BIBLIOGRÁFICA

UMA LISTA CRONOLÓGICA DOS IMPERADORES ROMANOS

AS GRANDES INVASÕES

Capítulo 31

Invasão de Itália por Alarico. Costumes dos nobres e do povo de Roma. Três cercos e saque de Roma.
Retirada dos Godos e morte de Alarico

A incapacidade de um governo fraco e desorientado pode frequentemente assumir a aparência e produzir os efeitos de uma traiçoeira cumplicidade com o inimigo público. Se o próprio Alarico tivesse sido admitido no conselho de Ravena, é provável que recomendasse medidas idênticas às que eram efectivamente levadas a cabo pelos ministros de Honório. O rei dos Godos talvez conspirasse mesmo com alguma relutância para destruir o temível adversário por cujas armas, tanto em Itália como na Grécia, fora por duas vezes vencido. O ódio activo e interessado de tais ministros consumou laboriosamente a desgraça e a ruína do grande Estilício. O valor de Saro, o seu renome militar e a sua influência pessoal ou hereditária sobre os bárbaros confederados somente o recomendavam aos amigos da pátria que desprezavam ou abominavam o vil carácter de Turpílio, Varanes e Vigilância. Ante as prementes solicitações dos novos favoritos, estes generais, que se haviam mostrado indignos do nome de soldados, foram

promovidos ao comando da cavalaria, da infantaria e das tropas do palácio. O príncipe godo teria assinado com prazer o edicto que o fanatismo de Olímpio ditou ao simples e devoto imperador. Honório afastava assim todas as pessoas adversas à Igreja Católica do desempenho de qualquer cargo público; rejeitava pertinazmente o serviço de todos os que divergiam da sua religião: e apeava, de modo inconsiderado, muitos dos seus mais corajosos e hábeis oficiais que aderiam ao culto pagão ou se tinham impregnado das noções do arianismo. Alarico teria aprovado, e talvez mesmo sugerido, todas estas medidas tão vantajosas para os inimigos do império, mas é de duvidar que o bárbaro houvesse favorecido os seus interesses à custa da desumana e absurda crueldade que se perpetrou por ordem, ou pelo menos com a conivência dos ministros imperiais. Os auxiliares estrangeiros que tinham estado ligados à pessoa de Estilício lamentaram a sua morte; o desejo de vingança foi, contudo, refreado por uma natural apreensão quanto à segurança das suas mulheres e filhos que estavam retidos como reféns nas praças-fortes de Itália, onde eles também haviam depositado os seus mais valiosos bens. À mesma hora, e como que obedecendo a um mesmo sinal, as cidades de Itália foram maculadas pelas mesmas e terríveis cenas de chacina e pilhagem geral que envolveram numa destruição indiscriminada as famílias e as riquezas dos bárbaros. Exasperados por esta ofensa que insurgiria o mais dócil e submisso dos espíritos, eles lançaram um olhar de indignação e esperança para o acampamento de Alarico e juraram unanimemente travar uma justa e implacável guerra contra a pérfida nação que tão vilmente infringira as leis da hospitalidade. Devido ao imprudente comportamento dos ministros de Honório, a República perdeu o concurso de trinta mil dos seus mais valorosos soldados e ganhou a inimizade deles; e o peso deste formidável exército, que poderia por si só ter determinado o desfecho da guerra, transferiu-se do lado dos Romanos para o dos Godos.

Na arte da negociação, tal como na da guerra, o rei godo manteve o seu ascendente sobre um inimigo cujas supostas mudanças resultavam de uma ausência total de critério e desígnios. Do seu acampamento nas fronteiras de Itália, Alarico observava atentamente as revoluções do palácio, espreitava os progressos do espírito de facção e do descontentamento, dissimulava o aspecto hostil de um invasor bárbaro e assumia a aparência mais popular de amigo e aliado do grande Estilício, a cujas virtudes, quando já não eram temíveis, prestava um justo tributo de sincero louvor e pesar. O insistente convite dos descontentes que incitavam o rei dos Godos a invadir a Itália

era reforçado por um vivo sentimento das injúrias por ele sofridas; e Alarico podia queixar-se com alguma verdade de que os ministros imperiais continuavam a protelar e a esquivar-se ao pagamento das quatro mil libras de ouro que haviam sido prometidas pelo Senado romano para compensar os seus serviços ou apaziguar a sua fúria. A sua digna firmeza era sustentada por uma astuta moderação que contribuiu para o êxito dos seus objectivos. Exigia uma justa e razoável reparação, mas dava todas as garantias de que, mal a tivesse obtido, se retiraria imediatamente. Negava-se a confiar na palavra dos Romanos, excepto se Ácio e Jasão, filhos de dois altos dignitários do Estado, fossem enviados como reféns para o seu acampamento. Oferecia-se, contudo, para entregar em troca alguns dos mais nobres jovens da nação goda. Os ministros de Ravena interpretaram o comedimento de Alarico como uma prova indubitável da sua fraqueza e do seu medo. Desdenharam não só negociar um acordo como reunir um exército. E com temerária confiança, fruto da sua ignorância do tremendo perigo, desperdiçaram irremediavelmente os momentos decisivos de fazer a paz ou a guerra. Enquanto eles aguardavam, num obstinado silêncio, que os bárbaros se afastassem das fronteiras de Itália, Alarico, em ousadas e rápidas marchas, atravessou os Alpes e o Pó; saqueou apressadamente as cidades de Aquileia, Altino, Concórdia e Cremona, que sucumbiram às suas armas; ele aumentou as suas forças com o recrutamento de trinta mil auxiliares, e, sem encontrar um único inimigo pronto a combatê-lo, avançou até à beira do pântano que defendia a residência inexpugnável do imperador do Ocidente. Em vez de tentar o cerco inútil de Ravena, o cauteloso chefe dos Godos prosseguiu até Rimini, estendeu as suas devastações ao longo da costa do Adriático e planeou a conquista da antiga senhora do mundo. Um eremita italiano, cujo zelo e santidade eram respeitados pelos próprios bárbaros, foi ao encontro do monarca vitorioso e anunciou-lhe ousadamente a indignação do céu contra os opressores da terra; mas o próprio santo ficou confuso perante a solene declaração de Alarico de que sentia um impulso secreto e sobrenatural que o dirigia e quase o arrastava na sua marcha até às portas de Roma. Sentia que o seu génio e a sua fortuna o elevavam à altura dos mais árduos empreendimentos, e o entusiasmo que ele inspirava aos Godos apagou imperceptivelmente o popular e quase supersticioso respeito das nações pela majestade do nome romano. As suas tropas, animadas pela esperança do despojo, seguiram ao longo da Via Flamínia, ocuparam os desfiladeiros desguarnecidos dos Apeninos(*) e desceram até às ricas

planícies da Úmbria; e, enquanto acampavam nas margens do Clitumno, puderam abater e devorar a seu bel-prazer os bois brancos como leite que, durante tanto tempo, haviam sido reservados para os sacrifícios por ocasião dos triunfos romanos. Uma localização escarpada e uma oportuna tempestade de raios e trovões preservou a cidadezinha de Narni, mas o rei dos Godos, desprezando a insignificante presa, continuou a avançar com inquebrantável vigor. E, depois de ter passado sob os imponentes arcos adornados com os despojos das vitórias dos bárbaros, assentou arraiais sob as muralhas de Roma.

Durante um período de seiscentos e dezanove anos, a sede do império nunca fora violada pela presença de um inimigo estrangeiro. A malograda expedição de Aníbal apenas servira para evidenciar a energia do Senado e do povo; de um Senado mais degradado do que enobrecido pela comparação com uma assembleia de reis; e de um povo a quem o embaixador de Pirro atribuía os recursos inesgotáveis da Hidra. Cada senador, na época das guerras púnicas, cumprira o seu tempo de serviço militar num posto subalterno ou numa patente superior; e o decreto que investia de um comando temporário todos os que haviam sido cônsules, censores ou ditadores proporcionava à República o auxílio sempre pronto de um grande número de bravos e experientes generais. No início da guerra, o povo romano compunha-se de duzentos e cinquenta mil cidadãos com idade para pegar em armas. Cinquenta mil já tinham morrido em defesa do país; e as vinte e três legiões que guarneciam os diversos acampamentos da Itália, Grécia, Sardenha, Sicília e Espanha exigiam cerca de cem mil homens. No entanto, ainda permaneciam outros tantos em Roma e no território circunvizinho, todos animados da mesma intrépida coragem; e cada cidadão era adestrado desde a mais tenra juventude na disciplina e nos exercícios do soldado. Aníbal ficou surpreendido com a firmeza do Senado que, sem levantar o cerco de Cápuia, nem chamar as tropas dispersas, aguardava a sua aproximação. Ele acampou numa das margens do Ânio, à distância de três milhas da cidade; e não tardou a saber que o terreno onde armara a sua tenda acabava de ser vendido por um preço normal em hasta pública; e que um corpo de tropas recebera ordem para sair por uma estrada oposta, a fim de ir reforçar as legiões de Espanha. Ele conduziu os seus africanos até às portas de Roma, onde encontrou três exércitos em ordem de batalha preparados para o enfrentar. Aníbal receou, porém, o desfecho de um combate que não lhe deixava a mínima esperança de vencer, salvo se

aniquilasse até ao último dos seus inimigos; e a sua precipitada retirada foi uma confissão da invencível coragem dos Romanos.

O carácter dos nobres romanos

Desde o tempo das guerras púnicas, a ininterrupta sucessão dos senadores preservara o nome e a imagem da República; e os degenerados súbditos de Honório diziam-se ambiciosamente descendentes dos heróis que tinham repellido as tropas de Aníbal e subjugado todas as nações da Terra. As honras temporais que a devota Paula herdou e das quais fazia pouco caso são cuidadosamente recapituladas por Jerónimo, o director da sua consciência e o historiador da sua vida. A genealogia do seu pai, Rogato, que remontava a Agamémnon, podia levar a pensar numa origem grega; mas a sua mãe, Blesila, incluía os Cipiões, Paulo Emílio e os Gracos na lista dos antepassados; e Toxócio, o marido de Paula, derivava a sua linhagem real de Eneias, o fundador da estirpe Júlia. A vaidade dos ricos, que desejavam ser nobres, era satisfeita por estas soberbas pretensões. Encorajados pelo aplauso dos seus parasitas, eles iludiam facilmente a credulidade do vulgo; e foram ajudados, em certa medida, pelo hábito de adoptar o nome do patrono que sempre prevalecera entre os libertos e os clientes das famílias ilustres. No entanto, a maior parte destas famílias, atacadas por tantas causas de violência externa ou de decadência interna, tinham-se sucessivamente extinguido; e seria mais razoável procurar uma filiação de vinte gerações no meio das montanhas dos Alpes ou na tranquila solidão da Apúlia do que no palco de Roma, centro dos golpes da fortuna, do perigo e das constantes revoluções. Sob cada reinado, e vinda de todas as províncias do império, uma multidão de intemeratos aventureiros, valendo-se da pujança dos seus talentos ou dos seus vícios, usurpavam a riqueza, as honras e os palácios de Roma; e oprimiam ou protegiam os pobres e humildes restos das famílias consulares, que talvez ignorassem a glória dos seus antepassados.

Na época de Jerónimo e de Claudiano, os senadores cediam unanimemente a preeminência à linha Anícia; e um breve relance sobre a sua história contribuirá para se apreciar a categoria e a antiguidade das famílias nobres que somente pugnavam pelo segundo lugar. Durante os

cinco primeiros séculos da cidade, o nome dos Anícios foi de todo em todo desconhecido; julga-se que eram oriundos de Preneste; e a ambição destes novos cidadãos satisfiz-se durante muito tempo com as honras plebeias dos tribunos do povo. Cento e sessenta e oito anos antes da era cristã, a família viu-se enobrecida pela pretura conferida a Anício, que concluiu gloriosamente a guerra da Ilíria com a conquista da nação e a captura do rei. A partir do triunfo deste general, três consulados em épocas distantes umas das outras assinalaram a descendência do nome dos Anícios. Desde o reinado de Diocleciano à derrocada final do Império do Ocidente, este nome brilhou com um fulgor que não ficou eclipsado na estima pública pela majestade da púrpura imperial. Os vários ramos a que foi transmitido uniram, por casamento ou por herança, a riqueza e os títulos das casas Aniana, Petroniana e Olibriana; e, em cada geração, o número de consulados multiplicou-se por uma espécie de direito hereditário. A família Anícia sobressaía pela fé e as riquezas; os seus membros foram os primeiros do Senado romano que aderiram ao cristianismo; e é provável que Anício Juliano, mais tarde cônsul e prefeito da cidade, expiasse a sua ligação ao partido de Maxêncio através da prontidão com que aceitou a religião de Constantino. O vasto património deles foi aumentado pela laboriosidade de Probo, o chefe da família Anícia, que partilhou com Graciano as honras do consulado e exerceu por quatro vezes o alto cargo de prefeito do pretório. As suas imensas propriedades estavam dispersas por todas as províncias do mundo romano; e, embora o público pudesse desconfiar ou discordar dos métodos pelos quais elas tinham sido adquiridas, a generosidade e a magnificência deste afortunado estadista mereceu a gratidão dos seus clientes e a admiração dos estrangeiros. O respeito pela sua memória era de tal ordem que os dois filhos de Probo, ainda muito jovens e a pedido do Senado, ocuparam conjuntamente a dignidade consular, uma distinção memorável, sem exemplo nos anais de Roma.

«Os mármores do palácio Aniciano» eram utilizados como uma expressão proverbial de opulência e esplendor; no entanto, os nobres e os senadores de Roma aspiravam, na medida do possível, a imitar esta ilustre família. A cuidadosa descrição da cidade, efectuada no reinado de Teodósio, enumera mil setecentas e oitenta casas, residências de abastados e insignes cidadãos. Muitas destas imponentes mansões quase poderiam desculpar o exagero do poeta, segundo o qual Roma contava uma

quantidade de palácios, cada um dos quais se assemelhava a uma cidade, pois incluía no seu próprio recinto tudo o que podia servir à utilidade ou ao luxo: mercados, hipódromos, templos, fontes, banhos, pórticos, bosques frondosos e aviários. O historiador Olimpíodoro, que descreve o estado de Roma na altura em que foi cercada pelos Godos, dá-nos conhecimento de que alguns dos mais abastados senadores tiravam do seu património um rendimento anual de quatro mil libras de ouro, ou seja, mais de cento e sessenta mil libras esterlinas; sem contar com as rendas estipuladas em trigo e vinho, que, em caso de venda, poderiam equivaler a um terço desta quantia. Comparado com esta imensa riqueza, um vulgar rendimento de mil ou mil e quinhentas libras de ouro mal parecia chegar para a dignidade do senador, que exigia muitas despesas públicas e de representação. No reinado de Honório são referidos vários exemplos de nobres presumidos e notórios que celebravam o aniversário da sua pretura com uma festa que durava sete dias e custava mais de cem mil libras esterlinas. As propriedades dos senadores romanos, que excediam tão consideravelmente a bitola da moderna riqueza, não se restringiam aos limites de Itália. As suas possessões estendiam-se muito para lá dos mares Jónio e Egeu, até às mais remotas províncias: a cidade de Nicópolis, fundada por Augusto como um monumento perpétuo à vitória de Aedo, era propriedade da devota Paula; e Séneca observa que os rios que haviam separado nações hostis atravessavam agora as terras de simples particulares. Segundo as preferências e as circunstâncias, as herdades dos romanos eram cultivadas pelo labor dos escravos ou arrendadas por determinada soma a um diligente lavrador. Os escritores económicos da Antiguidade recomendam veementemente o primeiro método sempre que é praticável; mas se, em virtude do afastamento ou da extensão das terras, o dono não pode velar pessoalmente por elas, os ditos escritores preferem o cuidado activo de um velho rendeiro hereditário, ligado ao solo e interessado na colheita, à administração mercenária de um negligente e talvez infiel intendente.

Os nobres opulentos de uma imensa capital, que nunca se entusiasmavam com a busca da glória militar e raras vezes se empenhavam nas ocupações do governo civil, dedicavam naturalmente os seus lazes aos negócios e aos prazeres da vida privada. Em Roma, o comércio foi sempre encarado com desprezo; mas os senadores, desde a primeira idade da República, aumentavam o seu património e multiplicavam os seus clientes mediante a lucrativa prática da usura, e as leis obsoletas eram contornadas ou violadas

pela mútua inclinação e interesse das duas partes. Avultados tesouros devem ter sempre existido em Roma, quer na moeda corrente do império, quer sob forma de baixelas de ouro e prata; e na época de Plínio muitos aparadores deviam conter mais prata maciça do que a trazida por Cipião da vencida Cartago. A maioria dos nobres, que dissipavam as suas fortunas numa profusão de luxo, davam consigo pobres no meio das riquezas, e inactivos num constante rodopio de divertimentos. Os seus desejos eram continuamente satisfeitos pela faina de milhares de braços; os do numeroso séquito dos seus escravos domésticos compelidos pelo medo do castigo; os dos vários ofícios de artífices e mercadores, mais energicamente animados pela esperança do lucro. Os Antigos careciam de muitas das comodidades da vida que têm sido inventadas ou aperfeiçoadas pelos progressos da indústria; e a abundância de vidro e linho difundiu mais verdadeiro conforto entre as modernas nações da Europa do que os senadores romanos podiam tirar de todos os requintes do luxo faustoso ou sensual(*). O seu luxo e os seus costumes têm constituído o tema de uma minuciosa e árdua investigação; na medida, porém, em que tais pesquisas me desviassem do plano desta obra, apresentarei uma descrição autêntica de Roma e dos seus habitantes que se aplica mais especificamente ao período da invasão goda. Amiano Marcelino, que escolheu prudentemente a capital do império como lugar de residência mais adequado ao historiador da sua própria época, entremeou com o relato dos acontecimentos públicos uma representação sugestiva das cenas a que assistia todos os dias. O leitor judicioso nem sempre aprovará o azedume da crítica, a escolha das circunstâncias ou o tipo de linguagem; talvez descortine os preconceitos latentes e os ressentimentos pessoais que envinagravam o temperamento do próprio Amiano; mas admirará indubitavelmente, com uma curiosidade filosófica, o interessante e original retrato dos costumes de Roma(**).

«A grandeza de Roma (tal é a linguagem do historiador) baseava-se na rara e quase inconcebível aliança da virtude e da fortuna. O longo período da sua infância passou-se numa esforçada luta contra as tribos de Itália, vizinhas e inimigas da cidade nascente. Na força e ardor da juventude, ela aguentou as tormentas da guerra, levou as suas armas vitoriosas para lá dos mares e das montanhas e trouxe no regresso os louros colhidos em todas as partes do globo. Por fim, declinando para a velhice, e triunfando por vezes devido ao simples temor do seu nome, procurou as bênçãos do desafogo e da tranquilidade. A venerável cidade, que vergara a espinha das mais

ferozes nações e estabelecera um sistema de leis, eternas guardiãs da justiça e da liberdade, contentou-se, à semelhança de uma sábia e abastada mãe, em confiar aos Césares, seus filhos favoritos, o encargo de governar o seu vasto património. Uma sólida e profunda paz, igual à que se gozara outrora no reinado de Numa, sucedeu aos tumultos da República, enquanto Roma continuava a ser venerada como a rainha da Terra e as nações subjugadas ainda respeitavam o nome do seu povo e a majestade do Senado. No entanto, este pátrio esplendor (prossegue Amiano) é degradado e manchado pelo comportamento de alguns nobres que, sem atender à sua própria dignidade e à do país, se entregam aos mais desenfreados desregramentos do vício e da insânia. Rivalizam entre si pela estéril vaidade dos títulos e dos apelidos, e escolhem ou inventam curiosamente os mais pomposos e sonoros nomes — Reburro ou Fabúnio, Pagónio ou Tarrásio — que possam imprimir nos ouvidos do vulgo admiração e respeito. Na vã ambição de perpetuar a sua memória, eles têm o hábito de multiplicar a sua própria imagem em estátuas de bronze e mármore; e só ficam contentes quando estas estátuas são cobertas de lâminas de ouro, uma honrosa distinção inicialmente concedida ao cônsul Acílio, depois de ter submetido pelas suas armas e ponderação o poder do rei Antíoco. A ostentação com que exibem, e talvez exagerem, o rol das rendas das propriedades que possuem em todas as províncias desde o levante ao poente suscita o justo ressentimento de todos os homens que se recordam de que os seus pobres e invencíveis antepassados não se distinguiam do último dos soldados pelo requinte da comida, nem pelo esplendor do vestuário. No entanto, os nobres modernos medem a sua posição e importância pela elevação dos seus carros^(*) e pela pesada magnificência da sua indumentária. As suas longas vestes de seda e púrpura flutuam ao vento; e, ao agitarem-se, de propósito ou por acaso, deixam entrever ocasionalmente as roupas de baixo, as ricas túnicas bordadas com figuras de vários animais^(*). Seguidos por um séquito de cinquenta servidores e abalando o pavimento, eles percorrem as ruas com tanta velocidade como se viajassem em cavalos de posta; e o exemplo dos senadores é ousadamente imitado pelas matronas e damas, cujas carruagens cobertas atravessam sem cessar o imenso espaço da cidade e dos subúrbios. Sempre que estas pessoas de alta distinção se dignam visitar os banhos públicos, adoptam logo à entrada um tom insolente e barulhento de comando, apropriando-se para uso pessoal das comodidades destinadas ao povo romano. E se porventura nestes locais, de frequência heterogénea e

aberta a toda a gente, encontram algum dos infames agentes dos seus prazeres, manifestam a sua afeição com um terno abraço, enquanto evitam orgulhosamente os cumprimentos dos concidadãos que não têm licença para aspirar a maior honra do que beijar-lhes a mão ou os joelhos. Depois de terem fruído da frescura do banho, eles voltam a pôr os anéis e demais insígnias da sua dignidade, escolhem no seu guarda-roupa privado, cheio dos mais finos tecidos, suficiente para uma dúzia de pessoas, as vestes mais agradáveis à sua fantasia e conservam até à partida o mesmo porte altivo que talvez pudesse desculpar-se ao grande Marcelo após a conquista de Siracusa. Por vezes, verdade se diga, estes heróis cometem proezas mais árduas: visitam as suas propriedades em Itália e entregam-se ao divertimento da caça, cujas canseiras delegam nos escravos. Se em dada altura, mas mais especialmente num dia quente, se enchem de coragem para viajar nas suas galeras pintadas, desde o lago Lucrino até às suas elegantes casas de campo na costa de Putéolos e de Caieta, comparam tais expedições às marchas de César e de Alexandre. No entanto, se uma mosca se atreve a pousar nas cortinas de seda dos seus pavilhões dourados, se um raio de sol penetra através de uma dobra mal fechada e imprevista, eles queixam-se das suas intoleráveis tribulações e lamentam numa linguagem afectada não terem nascido na terra dos Cimérios, o reino das trevas eternas. Nestas viagens ao campo, todo o pessoal doméstico acompanha o amo. E do mesmo modo que a cavalaria e a infantaria, as tropas pesadas e as ligeiras, a vanguarda e a retaguarda são dispostas no terreno pela perícia dos seus chefes militares, também os oficiais domésticos, usando um bastão como insígnia de autoridade, distribuem e ordenam o numeroso cortejo de escravos e criados. A bagagem e o guarda-roupa seguem à frente, e logo atrás caminha uma multidão de cozinheiros e de ajudantes empregados ao serviço da cozinha e da mesa. O corpo principal compõe-se de uma caótica turba de escravos, aos quais se junta ocasionalmente um grande número de plebeus ociosos ou de clientes. A retaguarda é fechada pelo magote dos eunucos favoritos, distribuídos por idades desde os mais velhos até aos mais novos. A quantidade deles e a sua disformidade provocam o horror dos espectadores indignados, que amaldiçoam a memória de Semírames por causa da arte cruel que ela inventou para frustrar os desígnios da Natureza e matar à nascença a esperança de futuras gerações. No exercício da jurisdição doméstica, os nobres de Roma mostram uma enorme susceptibilidade perante qualquer injúria pessoal e uma desdenhosa

indiferença pelo resto da espécie humana. Sempre que pedem água quente e o escravo tarda a obedecer, este é imediatamente punido com trezentas vergastadas; mas se o mesmo escravo comete um homicídio voluntário, o amo observará condescendentemente que ele é um indivíduo indigno, e avisa-o de que se reincidir não escapará ao castigo. A hospitalidade era, outrora, uma virtude dos Romanos; e todos os estrangeiros que alegassem razões de mérito ou de infortúnio obtinham ajuda ou recompensa da sua generosidade. Hoje em dia, se um estrangeiro, porventura de apreciável condição, entra em casa de um dos nossos orgulhosos e abastados senadores, é recebido sem sombra de dúvida na primeira audiência com tão calorosos protestos de amizade e perguntas amáveis, que se retira encantado com a afabilidade do seu ilustre amigo e arrependido de haver protelado tanto tempo a sua viagem a Roma, sede da urbanidade, tanto quanto do império. Seguro de um acolhimento favorável, ele repete a visita no dia seguinte e sente-se desgostoso ao verificar que a sua pessoa, o seu nome e o seu país já estão esquecidos. Se ainda se mostra disposto a perseverar, é gradualmente inserido no séquito dos clientes e obtém licença para fazer uma assídua e inútil corte a um patrono arrogante, incapaz de gratidão ou amizade e que mal se digna reparar na sua presença, na sua partida ou no seu regresso. Sempre que os ricos preparam uma festa solene e pública, sempre que eles celebram com profuso e pernicioso luxo os seus banquetes privados, a escolha dos convidados é objecto de uma ansiosa deliberação. Os cidadãos modestos, sóbrios e sábios raramente são preferidos; e os nomencladores, que em geral são movidos por motivos interesseiros, têm a habilidade de incluir na lista de convidados os obscuros nomes das mais desprezíveis criaturas. Os companheiros frequentes e habituais dos grandes são, contudo, os parasitas que praticam a mais útil de todas as artes, a da lisonja; que aplaudem vivamente cada palavra e cada acto do seu imortal patrono; que contemplam, extasiados, as colunas de mármore, o pavimento de tons variegados, e elogiam incansavelmente a pompa e a elegância que ele está acostumado a considerar parte do seu mérito pessoal. Nas mesas romanas, as aves, os leirões(*) ou os peixes, que nos surgem de tamanho invulgar, são mirados com atenta curiosidade; recorre-se cuidadosamente a uma balança para determinar o seu peso exacto; e enquanto os convidados mais sensatos se aborrecem com a vã e monótona repetição, são mandados vir notários para atestar numa acta formal a veracidade de tão maravilhoso acontecimento. Um outro método de admissão nas casas e na familiaridade

dos grandes consiste em exercer a profissão de jogador, ou como se diz mais cortesmente, de recreador. Os confederados estão unidos por um estreito e indissolúvel laço de amizade, ou melhor, de conjura; um grau superior de perícia na arte *Tesserariana* (que pode ser entendida como «o jogo dos dados e das mesas»)(*) constitui uma senda segura para a riqueza e a fama. Um mestre desta arte sublime, que numa ceia ou numa assembleia se acha colocado abaixo de um magistrado, demonstra no seu semblante a surpresa e indignação que Catão talvez haja sentido quando lhe foi recusada a pretura pelo sufrágio de um povo caprichoso. A aquisição de sabedoria raramente desperta a curiosidade dos nobres, que abominam a fadiga e desdenham as vantagens do estudo; e os únicos livros que eles lêem atentamente são as *Sátiras* de Juvenal e as verbosas e fabulosas histórias de Mário Máximo. As bibliotecas que herdaram dos pais estão apartadas, quais lúgubres sepulcros, da luz do dia. No entanto, dispendiosos instrumentos do teatro, flautas, liras enormes e órgãos hidráulicos são mandados fabricar para seu uso; e a harmonia da música vocal e instrumental ressoa sem cessar nos palácios de Roma. Nestes palácios prefere-se o som ao bom senso, e o cuidado do corpo ao do espírito. Adota-se lá a máxima salutar de que a mais pequena e leve suspeita de uma doença contagiosa é motivo bastante para dispensar as visitas dos amigos mais íntimos; e os próprios servidores que são enviados, por simples delicadeza, para saber notícias só são autorizados a regressar a casa depois de se submeterem à cerimónia de uma prévia ablução. No entanto, esta egoísta e pusilânime cortesia cede por vezes à mais imperiosa paixão da avareza. A perspectiva do ganho levará um senador rico e gotoso a deslocar-se a Espoleto; todos os sentimentos de arrogância e dignidade desaparecem ante a expectativa de uma herança ou mesmo de um legado; e um rico cidadão sem filhos é o mais poderoso dos Romanos. A arte de conseguir a assinatura de um testamento favorável, e até mesmo de apressar o momento da sua execução, é perfeitamente cultivada; e já aconteceu que, numa mesma casa, embora em aposentos diferentes, o marido e a mulher, no louvável intuito de sobreviver um ao outro, convocaram os seus respectivos notários para ditar, no mesmo instante, as suas mútuas mas contraditórias disposições. A aflição que é consequência e castigo do luxo extravagante reduz muitas vezes os grandes ao uso dos mais humilhantes expedientes. Quando desejam pedir emprestado, servem-se do estilo vil e suplicante do escravo na comédia; mas quando se trata de pagar ao credor, adoptam a imperiosa e trágica

declamação dos netos de Hércules. Se a exigência se torna insistente, eles apressam-se a procurar algum sicofanta de confiança, induzindo-o a apresentar uma queixa de envenenamento ou de magia contra o insolente credor, que raras vezes é solto da prisão sem ter assinado uma desobrigação de toda a dívida. Estes vícios, que degradam a índole moral dos Romanos, aliam-se a uma superstição pueril que desacredita o seu entendimento. Escutam, confiantes, as predições dos arúspices que afirmam ler nas entranhas das vítimas os sinais de futura grandeza e prosperidade; e muitos há que não ousariam tomar banho, nem jantar, nem aparecer em público, antes de haverem cuidadosamente consultado, segundo as regras da astrologia, a posição de Mercúrio e o aspecto da Lua. É bastante estranho que esta vã credulidade seja muitas vezes descoberta entre os próprios cépticos profanos, que impiamente põem em dúvida ou negam a existência de um poder celestial.

O povo de Roma

Nas cidades populosas que constituem centros de comércio e manufactura, os habitantes da classe média, cuja subsistência provém da habilidade ou do labor das suas mãos, são geralmente a parte mais prolífica, mais útil e, neste sentido, mais respeitável da comunidade. No entanto, os plebeus de Roma, que desprezavam estas artes sedentárias e servis, tinham ficado esmagados, desde os primórdios da República, sob o peso das dívidas e da usura, além de que, durante o período do serviço militar, o agricultor era obrigado a abandonar o cultivo da sua herdade. As terras de Itália, originariamente repartidas entre as famílias de proprietários livres e indigentes, foram aos poucos compradas ou usurpadas pela avareza dos nobres; e no século em que aconteceu a queda da República calculou-se que somente dois mil cidadãos possuíam meios de subsistência independentes. Mas enquanto o povo conferiu, através dos seus sufrágios, as honras do Estado, o comando das legiões e a administração das opulentas províncias, o seu sentimento de orgulho mitigou até certo ponto as agruras da pobreza; e as suas necessidades eram oportunamente supridas pela ambiciosa liberalidade dos candidatos que aspiravam a garantir uma maioria venal nas trinta e cinco tribos, ou nas cento e noventa e três centúrias de Roma. Mas

quando as pródigas comunas alienaram imprudentemente não só o *uso*, mas o *legado* do poder, logo descambaram, sob o reinado dos Césares, numa vil e miserável população que, no espaço de algumas gerações, se teria completamente extinguido, caso não fosse constantemente acrescida devido à alforria dos escravos e à afluência dos estrangeiros. Já na época de Adriano os autóctones de boa-fé se queixavam justamente de que a capital havia atraído todos os vícios do Universo e os costumes das mais opostas nações. A intemperança dos Gauleses, a manha e a inconstância dos Gregos, a feroz obstinação dos Egípcios e Judeus, a natureza servil dos Asiáticos e a dissoluta e efeminada prostituição dos Sírios misturaram-se numa variegada multidão que, sob a orgulhosa e falsa designação de Romanos, se atrevia a desprezar os seus concidadãos e até mesmo os seus soberanos que habitavam para lá do recinto da cidade eterna.

O nome desta cidade continuava, todavia, a ser pronunciado com respeito: os frequentes e caprichosos tumultos dos seus habitantes eram encarados com indulgência; e os sucessores de Constantino, em vez de esmagarem os últimos restos da democracia pela força do poder militar, adoptaram a política contemporizadora de Augusto e dedicaram-se a minorar a pobreza e a distrair o ócio de um povo numeroso. I. Para comodidade dos preguiçosos plebeus, as distribuições mensais de cereal foram substituídas por uma ração diária de pão; construiu-se um grande número de fornos que eram mantidos a expensas do público; e à hora marcada, cada cidadão, munido de uma senha, subia a escada destinada ao seu bairro ou à sua divisão e recebia, gratuitamente ou a um preço baixíssimo, um pão de três libras para o sustento da sua família. II. As florestas da Lucânia, cujas bolotas serviam para a engorda de varas enormes de porcos selvagens, forneciam, a título de tributo, um copioso abastecimento de carne barata e saudável. Durante cinco meses do ano, distribuía-se regularmente uma dose de toucinho salgado pelos cidadãos mais pobres; e o consumo anual da capital, numa época em que já estava muito decaída do seu antigo esplendor, foi fixado, por um edicto de Valentiniano III, em três milhões seiscentas e vinte e oito mil libras. III. De acordo com os costumes da Antiguidade, o uso do azeite era indispensável tanto para a iluminação quanto para o banho; e o tributo anual cobrado em África para benefício de Roma ascendia ao peso de três milhões de libras, equivalente aproximadamente a trezentos mil galões ingleses. IV. O cuidado de Augusto em prover a metrópole de uma quantidade suficiente de trigo

não ia além desde artigo de primeira necessidade; e quando o clamor popular censurou a carestia e a escassez de vinho, o severo reformador fez uma proclamação a recordar aos súbditos que nenhum homem podia razoavelmente queixar-se de sede, visto que os aquedutos de Agripa haviam introduzido na cidade um tão copioso caudal de água pura e salubre. Esta rígida sobriedade foi afrouxando aos poucos; e embora o generoso objectivo de Aureliano não tenha sido, ao que parece, executado em toda a sua extensão, o uso do vinho foi permitido em moldes acessíveis e profusos. A administração das adegas públicas estava confiada a um magistrado de alta categoria; e uma parte significativa das vindimas da Campânia era reservada aos afortunados habitantes de Roma.

Os admiráveis aquedutos, tão justamente celebrados pelos elogios do próprio Augusto, enchiam as termas, ou banhos, que tinham sido construídos em todos os bairros da cidade com magnificência imperial. Os banhos de Antonino Caracala, que estavam abertos, a horas fixas, para uso indistinto dos senadores e do povo, continham mais de mil e seiscentos assentos de mármore; e nos banhos de Diocleciano contavam-se mais de três mil. As altas paredes dos compartimentos apresentavam-se cobertas de curiosos mosaicos que imitavam as belas-artes pela elegância do desenho e pela variedade das cores. O granito egípcio surgia artisticamente incrustado do precioso mármore verde da Numídia; o fluxo constante de água quente derramava-se em vastas bacias através de outras tantas largas bocas de prata maciça e refulgente; e os mais obscuros romanos podiam fruir, a troco de uma pequena moeda de cobre, o prazer diário de um ambiente de pompa e luxo, capaz de suscitar a inveja dos reis da Ásia. Destes palácios imponentes via-se sair um magote de plebeus sujos e maltrapilhos, descalços e sem manto, os quais vagueavam dias inteiros nas ruas ou no Fórum para ouvir notícias e entrar em querelas; além de esbanjarem num jogo extravagante a magra pitança das mulheres e dos filhos, e passarem a noite em sombrias tabernas e bordéis, entregues a uma grosseira e reles devassidão.

No entanto, o divertimento mais animado e sumptuoso desta multidão indolente consistia na frequente realização dos jogos e espectáculos públicos. A piedade dos príncipes cristãos suprimira os desumanos combates de gladiadores; mas o povo romano ainda considerava o circo como a sua casa, o seu templo e a sede da República. A multidão impaciente acorria logo ao romper do dia para ocupar os lugares e muitos

eram os que passavam uma noite ansiosa e em claro sob os pórticos das redondezas. Desde manhã até à noite, indiferentes ao sol ou à chuva, os espectadores, que por vezes ascendiam a quatrocentos mil, mantinham-se sofregamente atentos; os seus olhos fixavam-se nos cavalos e nos condutores das quadrigas, e os seus espíritos vibravam de esperança e receio pelo êxito das cores que haviam escolhido; assim, a felicidade de Roma parecia depender do desfecho de uma corrida. O mesmo ardor desenfreado inspirava os clamores e os aplausos sempre que lhes era oferecido o deleite de uma caça às feras ou de algum dos vários géneros de peças teatrais. Nas modernas capitais, estas representações merecem ser consideradas como uma pura e elegante escola do gosto e talvez da virtude. No entanto, a musa trágica e cómica dos Romanos, que raramente aspirava a algo mais do que a imitação do génio ático, quase havia sido condenada ao silêncio desde a queda da República; e o seu lugar foi indignadamente ocupado pela farsa licenciosa, pela música efeminada e por um vão aparato. As pantomimas, que mantiveram a sua reputação desde o tempo de Augusto até ao século VI, exprimiam, sem o uso da palavra, as diversas fábulas dos deuses e heróis da Antiguidade; e a perfeição da sua arte, que por vezes desarmava a severidade do filósofo, desencadeava sempre os aplausos e a admiração do povo. Os amplos e magníficos teatros de Roma tinham ao seu serviço três mil bailarinas e outras tantas cantoras, com os mestres dos respectivos coros. O favor popular de que gozavam era de tal ordem, que, numa época de penúria, quando todos os estrangeiros se viram banidos da cidade, o mérito de contribuírem para os divertimentos públicos as isentou de uma lei que foi severamente aplicada contra os professores de artes liberais.

Consta que a desvairada curiosidade de Heliogábalo o levou a tentar descobrir, a partir da quantidade de teias de aranha, o número dos habitantes de Roma. Um método mais racional de inquirição poderia ter merecido a atenção dos príncipes mais sensatos, os quais resolveriam assim facilmente uma questão tão importante para o governo romano e tão interessante para os tempos vindouros. Os nascimentos e óbitos dos cidadãos eram devidamente registados; e se algum escritor da Antiguidade se tivesse dignado mencionar o censo anual, ou a média geral, estaríamos agora em condições de apresentar um cômputo satisfatório que destruiria as extravagantes asserções dos críticos e talvez confirmasse as modestas e prováveis conjecturas dos filósofos. As mais diligentes pesquisas só

coligiram os seguintes dados que, embora breves e imperfeitos, tendem de certa forma a elucidar a questão da população da antiga Roma. I. Quando a capital do império ficou cercada pelos Godos, o perímetro dos muros foi medido cuidadosamente por Amónio, o matemático, que chegou a um resultado de vinte e uma milhas. Não esqueçamos que o formato da cidade era quase o de um círculo, a figura geométrica que é sabido conter o maior espaço no interior de um determinado contorno. II. O architecto Vitrúvio, que viveu na época de Augusto e cujo testemunho nesta matéria possui especial peso e autoridade, observa que os inúmeros membros do povo romano tenderiam a espalhar-se muito para lá dos estreitos limites da cidade; e que a falta de terreno, provavelmente circundado a toda a volta por jardins e vilas, ditou a prática comum, embora desvantajosa, de erguer as casas a uma altura considerável. Contudo, a elevação destes edifícios, muitas vezes resultantes de um trabalho apressado e de materiais insuficientes, originou acidentes frequentes e fatais; e foi repetidamente decretado por Augusto, bem como por Nero, que a altura das casas particulares dentro das muralhas de Roma não deveria exceder os setenta pés a partir dos alicerces. III. Juvenal lamenta, segundo parece por experiência própria, os padecimentos dos cidadãos mais pobres, aos quais dirige o salutar conselho de emigrar sem demora para longe do fumo de Roma, visto que podiam comprar nas cidadezinhas de Itália uma bonita e cómoda morada pelo preço que pagavam anualmente por um escuro e miserável casebre. As rendas eram, por conseguinte, sobremaneira caras: os ricos adquiriam, por altíssimo preço, terrenos que cobriam de palácios e jardins; mas o grosso do povo romano achava-se apinhado num espaço restrito; e os vários andares e compartimentos de uma mesma casa eram repartidos, como continua a verificar-se em Paris e noutras cidades, por várias famílias de plebeus. IV. O número total de casas nos catorze bairros da cidade é exactamente indicado na descrição de Roma redigida no reinado de Teodósio e ascende a quarenta e oito mil trezentos e oitenta e duas. As duas classes de *domus* e *insulæ*, nas quais estavam divididas, incluíam todas as habitações da capital, de todas as categorias e condições, desde o palácio de mármore dos Anícios, com um numeroso rancho de libertos e escravos, até à estreita e elevada hospedaria onde o poeta Codro e a mulher conseguiram arrendar umas miseráveis águas-furtadas logo abaixo das telhas. Se adoptarmos a mesma bitola que, em circunstâncias similares, se entendeu poder aplicar a Paris, estimando em geral cerca de vinte e cinco

pessoas por casa de toda a espécie, podemos honestamente calcular os habitantes de Roma em um milhão e duzentos mil; um número que não pode considerar-se excessivo para a capital de um poderoso império, embora ultrapasse a população das maiores cidades da Europa moderna.

O primeiro cerco de Roma

Era esta a situação de Roma sob o reinado de Honório, na altura em que o exército godo pôs cerco, ou melhor, fez o bloqueio da cidade. Mediante uma hábil colocação das suas numerosas tropas, que aguardavam impacientes o momento do assalto, Alarico rodeou as muralhas, dominou as doze portas principais, cortou todas as comunicações com os campos circundantes e vigiou atentamente a navegação do Tibre, de onde os Romanos recebiam o mais seguro e abundante provimento de víveres. As primeiras reacções dos nobres e do povo foram de surpresa e indignação, ao verem um vil bárbaro atrever-se a ultrajar a capital do mundo; mas a arrogância deles não tardou a ceder ao infortúnio; e a sua raiva pusilânime, em vez de se dirigir contra o inimigo armado, exerceu-se torpemente sobre uma vítima indefesa e inocente. Talvez, na pessoa de Serena, os Romanos respeitassem a sobrinha de Teodósio, a tia e, mais que isso, a mãe adoptiva do imperador reinante; mas detestavam a viúva de Estilício e deram prestemente ouvidos à calúnia que a acusava de manter uma correspondência secreta e criminosa com o invasor godo. Movido ou intimidado pelo frenesim popular, o Senado pronunciou a sentença da sua morte sem exigir nenhuma prova de culpa. Serena foi ignominiosamente estrangulada e a multidão, desnorteada, surpreendeu-se ao ver que este acto cruel de injustiça não operava desde logo a retirada dos bárbaros e a libertação de Roma. Esta cidade desafortunada sofreu gradualmente as tribulações da penúria e, por fim, as horríveis calamidades da fome. A distribuição diária de três libras de pão ficou reduzida a meia libra, a um terço, e finalmente a nada; o preço do trigo continuou a aumentar numa rápida e exorbitante proporção. Os cidadãos mais pobres, incapazes de arranjar meios de subsistência, solicitavam a precária caridade dos ricos; e, durante algum tempo, a miséria pública foi atenuada pela generosidade de Leta, a viúva do imperador Graciano, que fixara residência em Roma e

consagrara ao uso dos indigentes o rendimento principesco que recebia anualmente dos gratos sucessores do marido. No entanto, estes donativos privados e temporários revelaram-se insuficientes para mitigar a fome de uma numerosa população; e a míngua invadiu os palácios de mármore dos próprios senadores. Indivíduos de ambos os sexos, criados no gozo do conforto e do luxo, descobriram quão pouco é preciso para satisfazer as necessidades da Natureza; e gastaram os seus inúteis tesouros de ouro e prata para obter o grosseiro e parco sustento que, dantes, teriam rejeitado com desdém. Os alimentos mais repugnantes aos sentidos ou à imaginação, a comida mais malsã e perniciosa ao organismo, eram avidamente devorados e encarniçadamente disputados no auge da fome. Pairou a negra suspeita de que alguns patifes desesperados se alimentavam dos corpos dos seus semelhantes, depois de secretamente os matarem; e até mesmo as mães (tal era o horrível conflito dos dois mais poderosos instintos implantados pela Natureza no coração humano), até mesmo as mães, ao que se diz, provaram a carne dos seus filhos chacinados! Muitos milhares de habitantes de Roma expiraram nas suas casas ou nas ruas por falta de alimento; e, dado os cemitérios públicos, situados fora das muralhas, se encontrarem na posse do inimigo, o fedor exalado por tantos pútridos cadáveres sem sepultura poluía a atmosfera; e as desgraças da fome foram seguidas e agravadas pelo contágio de uma doença pestilencial. As promessas de um rápido e eficaz socorro, repetidamente transmitidas pela corte de Ravena, animaram durante algum tempo a débil resistência dos Romanos, até que, por fim, a descrença na ajuda humana os tentou a aceitar a oferta de uma libertação sobrenatural. Pompeiano, prefeito da cidade, havia sido convencido, pelos artifícios ou pelo fanatismo de alguns adivinhos toscanos, de que, mediante a força misteriosa de esconjuros e sacrifícios, eles conseguiriam extrair os relâmpagos das nuvens e apontar estes fogos celestes contra o acampamento dos bárbaros. O importante segredo foi comunicado a Inocêncio, o bispo de Roma; e o sucessor de São Pedro é acusado, talvez sem fundamento, de ter preferido a salvação da República à rígida severidade do culto cristão. No entanto, quando o assunto foi debatido no Senado, quando se propôs, como condição essencial, que estes sacrifícios se efectuassem no Capitólio, sob a autoridade e na presença dos magistrados, a maioria da respeitável assembleia, temerosa do desagrado divino ou imperial, recusou participar num acto que parecia equivalente à restauração pública do paganismo.

O derradeiro recurso dos Romanos residia na clemência, ou pelo menos na moderação do rei dos Godos. O Senado, que em situações de emergência assumia os supremos poderes do governo, nomeou dois embaixadores para negociarem com o inimigo. Esta importante missão foi confiada a Basílio, um senador de origem espanhola que já se distinguira na administração das províncias; e a João, o primeiro tribuno dos notários, especialmente qualificado devido à sua habilidade nos negócios e à sua antiga intimidade com o príncipe godo. Quando foram levados à presença dele, declararam, talvez num tom mais altivo do que conviria à sua delicada situação, que os Romanos estavam decididos a manter a dignidade, quer em paz, quer em guerra; e que, no caso de Alarico lhes recusar uma justa e honrosa capitulação, poderia fazer soar as suas trombetas e preparar-se para combater uma imensa turba exercitada nas armas e incitada pelo desespero. «Quanto mais denso é o feno, mais facilmente o ceifamos», foi a lacónica resposta do bárbaro; e esta rústica metáfora fez-se acompanhar de uma sonora e insultuosa risada, reveladora do seu desprezo pelas ameaças de uma população pouco belicosa, amolecida pelo luxo antes de ter ficado emagrecida pela fome. Dignou-se então fixar o resgate que aceitaria a troca da sua retirada das portas de Roma: *todo* o ouro e prata da cidade, quer fossem propriedade do Estado ou dos particulares; *todos* os móveis ricos e preciosos; e *todos* os escravos que pudessem provar o seu direito ao nome de *bárbaros*. Os ministros do Senado atreveram-se a perguntar com ar modesto e suplicante: «Se são essas as tuas vontades, ó rei, o que tencionas deixar-nos?» «As vossas vidas», replicou o soberbo conquistador, após o que eles estremeceram e se retiraram. No entanto, antes de abalarem, assentou-se numas curtas tréguas que propiciavam tempo para negociações mais descansadas. A índole severa de Alarico abrandou a pouco e pouco, e ele reduziu em muito o rigor das suas condições; acedeu, por fim, a levantar o cerco mediante o pagamento imediato de cinco mil libras de ouro, trinta mil libras de prata, quatro mil vestes de seda, três mil peças de fino tecido escarlate e três mil libras de pimenta(*). O tesouro público estava, contudo, esgotado; as rendas anuais dos maiores domínios de Itália e das províncias eram interceptadas pelas calamidades da guerra; o ouro e as pedras preciosas haviam sido trocados, durante a fome, pelos alimentos mais ordinários; as riquezas secretas ainda se mantinham sonegadas por uma obstinada avareza; e alguns restos dos despojos consagrados constituíam o único recurso capaz de impedir a queda iminente da cidade. Assim que os

Romanos satisfizeram as ávidas exigências de Alarico, logo recuperaram de algum modo o desfrute da paz e da abundância. Abriram-se com precaução várias das portas da cidade; a importação de provisões através do rio e dos campos circunvizinhos deixou de ser obstruída pelos Godos; os cidadãos acorreram em massa ao mercado que se realizou durante três dias nos subúrbios; e enquanto os mercadores que empreendiam este lucrativo negócio obtinham um ganho considerável, a futura subsistência da cidade era garantida pelas abundantes reservas que se armazenavam nos celeiros públicos e privados. Uma disciplina mais rigorosa do que seria de esperar foi mantida no acampamento de Alarico; e o sensato bárbaro provou o seu respeito pelo cumprimento dos tratados graças à merecida severidade com que puniu um grupo de godos insubordinados que haviam maltratado alguns cidadãos romanos no caminho para Óstia. O seu exército, enriquecido pelas contribuições da capital, avançou lentamente até à bonita e fértil província da Toscana, onde decidira estabelecer os seus quartéis de Inverno; e o estandarte godo transformou-se no refúgio de quarenta mil escravos bárbaros, que haviam quebrado os grilhões e aspiravam, sob o comando do seu grande libertador, a vingar as injúrias e a vergonha da sua cruel servidão. Mais ou menos por essa altura, ele recebeu um mais honroso reforço de godos e hunos, que Adolfo(*), o irmão da sua mulher, trouxera, a seu instante pedido, das margens do Danúbio até às do Tibre, abrindo caminho com algumas baixas e dificuldades através das tropas imperiais superiores em número. Um chefe vitorioso, que aliava o espírito ousado de um bárbaro à arte e à disciplina de um general romano, encontrava-se à cabeça de cem mil soldados; e a Itália pronunciava com terror e respeito o temível nome de Alarico.

À distância de catorze séculos, podemos contentar-nos em relatar os feitos militares dos conquistadores de Roma, sem pretender investigar os motivos da sua conduta política. No meio da sua aparente prosperidade, Alarico tinha provavelmente consciência de alguma secreta fraqueza, de algum defeito interno; ou talvez a moderação de que deu mostras se destinasse somente a enganar e desarmar a complacente credulidade dos ministros de Honório. O rei dos Godos declarou repetidas vezes que desejava ser considerado como o amigo da paz e dos Romanos. Três senadores, a seu insistente rogo, foram enviados como embaixadores à corte de Ravena para solicitar a troca de reféns e a assinatura do tratado; e as propostas que ele expôs claramente durante o curso das negociações apenas

poderiam inspirar dúvidas sobre a sua sinceridade por parecerem inadequadas ao estado da sua fortuna. O bárbaro continuava a aspirar ao posto de supremo comandante dos exércitos do Ocidente; estipulava um subsídio anual em trigo e dinheiro; e escolhia as províncias da Dalmácia, do Nórico e da Venécia para sede do seu novo reino, que o teria tornado senhor da importante comunicação entre a Itália e o Danúbio. Caso estas modestas condições fossem rejeitadas, Alarico mostrava-se disposto a renunciar às suas exigências pecuniárias e até mesmo a contentar-se com a posse do Nórico, uma terra devastada e empobrecida, continuamente exposta às incursões dos bárbaros da Germânia. Mas as esperanças de paz foram frustradas pela cega obstinação ou pelos motivos interesseiros do ministro Olímpio. Sem dar ouvidos às salutares advertências do Senado, ele mandou embora os embaixadores sob a égide de uma escolta militar, demasiado numerosa para uma comitiva de honra e demasiado fraca para uma força de defesa. Seis mil dálmatas, o escol das legiões imperiais, receberam ordens para marchar de Ravena até Roma, através de um campo aberto que se encontrava ocupado por tremendas miríades de bárbaros. Estes bravos legionários, cercados e atraindo, tomaram vitimados pela imprudência ministerial; o seu general, Valente, escapou-se com uma centena de soldados do campo de batalha; e um dos embaixadores, que deixara de poder invocar o direito das gentes, viu-se obrigado a resgatar a sua liberdade pelo preço de trinta mil moedas de ouro. No entanto, Alarico, em vez de se melindrar com este acto de impotente hostilidade, renovou de imediato as suas propostas de paz; e a segunda embaixada do Senado romano, que tirava peso e dignidade da presença de Inocêncio, bispo da cidade, foi resguardada dos perigos do caminho por um destacamento de soldados godos.

Olímpio poderia ter continuado a suscitar o justo ressentimento de um povo que o acusava em voz alta de ser o autor das calamidades públicas, mas o seu poder era minado pelas intrigas secretas do palácio. Os eunucos favoritos transferiram o governo de Honório e do império para Jívio, prefeito do pretório — um servidor indigno que não compensou com o mérito do apego pessoal os erros e os infortúnios da sua administração. O exílio ou fuga do culpado Olímpio reservaram-no para novas vicissitudes da fortuna; experimentou as peripécias de uma vida obscura e errante; voltou a ascender ao poder; caiu uma segunda vez em desgraça; cortaram-lhe as orelhas — expirou sob os golpes da vergasta — e a sua morte ignominiosa

proporcionou um grato espectáculo aos amigos de Estilício. Após o afastamento de Olímpio, cujo carácter se apresentava profundamente eivado de fanatismo religioso, os pagãos e os heréticos viram-se libertos da proscrição impolítica que os excluía das dignidades do Estado. O bravo Generid, um soldado de origem bárbara que continuava a aderir ao culto dos seus antepassados, fora obrigado a pôr de lado o boldrié militar; e, embora o próprio imperador lhe garantisse repetidamente que as leis não se aplicavam a pessoas da sua categoria ou mérito, ele recusou aceitar qualquer dispensa parcial e perseverou num honroso desvalimento até arrancar um acto de justiça geral ao aflito governo romano. O comportamento de Generid no importante posto que lhe foi dado ou restituído, de comandante-chefe da Dalmácia, da Panónia, do Nórico e da Récia, pareceu reavivar a disciplina e o espírito da República. As suas tropas passaram de uma vida de ociosidade e carência ao hábito de severos exercícios e de uma abundante subsistência; e a sua generosidade pessoal supria muitas vezes as recompensas que eram negadas pela avareza ou a pobreza da corte de Ravena. O valor de Generid, temido pelos bárbaros vizinhos, tornou-se o mais firme baluarte da fronteira da Ilíria; e o seu vigilante empenho dotou o império de um reforço de dez mil hunos, que chegaram às fronteiras de Itália acompanhados de um tal carregamento de provisões e de uma tão numerosa caterva de carneiros e bois, que bastariam não só para a marcha de um exército, mas para o estabelecimento de uma colónia. No entanto, a corte e os conselhos de Honório continuavam a oferecer o espectáculo da fraqueza e da divisão, da corrupção e da anarquia. Instigados pelo prefeito Jóvio, os guardas desencadearam um violento motim e exigiram a cabeça de dois generais e dos dois principais eunucos. Os generais, iludidos por uma pérfida promessa de salvação, foram enviados a bordo de um navio e executados secretamente, enquanto o favor de que gozavam os eunucos lhes propiciou um calmo e seguro exílio em Milão e em Constantinopla. O eunuco Eusébio e o bárbaro Alobich sucederam-lhes na chefia do serviço de quarto e dos guardas; e a mútua inveja destes ministros subordinados constituiu a causa da sua recíproca destruição. Por ordem insolente do conde dos domésticos, o camareiro-mor foi infamemente morto à paulada perante o olhar do surpreendido imperador; e o subsequente assassinio de Alobich, no meio de uma procissão pública, representou a única circunstância da sua vida em que Honório mostrou alguns vislumbres de coragem ou ressentimento. Mas,

antes de sucumbirem, Eusébio e Alobich já tinham contribuído para a queda do império, opondo-se à conclusão de um tratado que Jóvio, por motivos particulares e talvez criminosos, negociara com Alarico num encontro pessoal sob as muralhas de Rimini. Durante a ausência de Jóvio, o imperador foi convencido a assumir um tom altivo de inflexível dignidade, que nem a situação nem o seu conteúdo o habilitavam a manter; e uma carta, assinada com o nome de Honório, seguiu imediatamente até ao prefeito do pretório, dando-lhe livre autorização para dispor do tesouro público, mas proibindo-o asperamente de prostituir as honras militares de Roma aos orgulhosos desejos de um bárbaro. Esta carta foi imprudentemente comunicada ao próprio Alarico; e o godo, que ao longo das negociações sempre se comportara com moderação e decência, expressou na mais afrontosa linguagem o seu juízo sobre um insulto tão gratuitamente dirigido à sua pessoa e à sua nação. A conferência de Rimini foi bruscamente interrompida; e o prefeito Jóvio, de volta a Ravena, viu-se forçado a aceitar, e inclusive a encorajar, as opiniões em voga na corte. Mercê do seu conselho e exemplo, os altos dignitários do Estado e do exército sentiram-se obrigados a jurar que, sem atender a nenhuma circunstância nem escutar quaisquer condições de paz, prosseguiriam uma guerra implacável e perpétua contra o inimigo da República. Este precipitado compromisso levantou um obstáculo intransponível a todas as futuras negociações. Ouviu-se declarar aos ministros de Honório que, se apenas tivessem invocado o nome da Divindade, poderiam tomar em conta a segurança pública e confiar as suas almas à misericórdia dos céus; mas eles tinham jurado pela sagrada cabeça do imperador; tinham tocado, em solene cerimónia, nesta augusta fonte da majestade e da sabedoria; e a violação do juramento expô-los-ia aos castigos temporais do sacrilégio e da rebelião.

O segundo cerco de Roma

Enquanto o imperador e a sua corte desfrutavam com orgulho da segurança dos pântanos e das fortificações de Ravena, todos eles entregavam Roma praticamente indefesa ao ressentimento de Alarico. No entanto, este continuava a manter ou a simular uma atitude tão moderada,

que, ao avançar com o seu exército ao longo da Via Flamínia, enviou sucessivamente os bispos das cidades de Itália para reiterarem as suas propostas de paz e exortarem o imperador a poupar a cidade e os habitantes ao ferro e fogo dos bárbaros. Estas iminentes calamidades não foram, contudo, evitadas pela sabedoria de Honório, mas pela prudência ou a humanidade do rei godo, que utilizou um meio mais suave, embora não menos eficaz, de conquista. Em vez de atacar a capital, ele dirigiu com êxito todos os esforços contra o porto de Óstia, uma das mais arrojadas e formidáveis obras da magnificência romana. Os acidentes a que a precária subsistência da cidade se encontrava permanentemente exposta em tempos de navegação invernosa e desprotegida das intempéries tinham sugerido ao génio do primeiro César o útil desígnio que se executou sob o reinado de Cláudio. Os molhes artificiais que formavam a estreita entrada avançavam até muito longe no mar e repeliam firmemente a fúria das ondas, enquanto os maiores navios ancoravam com segurança em três espaçosas e profundas bacias onde desaguava o braço setentrional do Tibre, a cerca de duas milhas da antiga colónia de Óstia(*). O porto romano adquiriu imperceptivelmente o tamanho de uma cidade episcopal, onde o trigo de África era depositado em vastos celeiros para uso da capital. Mal Alarico se viu na posse deste importante local, logo intimou a cidade a render-se sem condições; e as suas exigências foram reforçadas pela declaração categórica de que uma recusa, ou mesmo uma dilação, se traduziriam de imediato na destruição dos armazéns de que dependia a vida do povo romano. Os clamores do povo e o terror da fome subjugaram o orgulho do Senado; este escutou sem relutância a proposta de se instalar um novo imperador no trono do indigno Honório; e a escolha do conquistador godo atribuiu o manto imperial a Átalo, prefeito da cidade. Este monarca, reconhecido, nomeou sem demora o seu protector supremo comandante dos exércitos do Ocidente; Adolfo, com a categoria de conde dos domésticos, obteve a guarda da pessoa de Átalo; e as duas nações hostis pareceram unir-se pelos mais estreitos laços da amizade e da aliança.

As portas da cidade abriram-se e o novo imperador dos Romanos, rodeado de todos os lados pelas armas godas, foi conduzido em tumultuoso cortejo até ao palácio de Augusto e de Trajano. Depois de ter distribuído as honras militares e civis pelos seus favoritos e partidários, Átalo convocou uma assembleia do Senado diante do qual, num discurso formal e florido, anunciou a sua resolução de restaurar a majestade da República e reunir ao

império as províncias do Egipto e do Oriente, que durante tanto tempo haviam reconhecido a soberania de Roma. Estas extravagantes promessas suscitaram em todos os cidadãos sensatos um justo desprezo pelo carácter de um usurpador pouco aguerrido, cuja entronização constituía o mais profundo e vergonhoso golpe que a República jamais sofrera da insolência dos bárbaros. No entanto, a população, movida pela sua habitual volubilidade, aplaudiu a mudança de amo. O descontentamento público era favorável ao rival de Honório; e os sectários, oprimidos pelos edictos persecutórios, esperavam algum apoio, ou pelo menos uma certa tolerância, por parte de um príncipe que, no seu país natal da Jónia, fora educado segundo a superstição pagã e recebera mais tarde o baptismo das mãos de um bispo ariano. Os primeiros dias do reinado de Átalo mostraram-se auspiciosos e prósperos. Um oficial de confiança foi enviado, com um fraco corpo de tropas, para garantir a obediência de África; a maior parte da Itália submeteu-se ao terror do poder godo; e, embora a cidade de Bolonha oferecesse uma vigorosa e eficaz resistência, o povo de Milão, talvez desagradado com a ausência de Honório, aceitou por entre ruidosas aclamações a escolha do Senado romano. À frente de um imenso exército, Alarico conduziu o seu cativo coroadado quase até às portas de Ravena; e uma solene embaixada dos principais ministros — de Jóvio, o prefeito do pretório, de Valente, mestre da cavalaria e da infantaria, do questor Potâmio e de Juliano, o primeiro dos notários — deu entrada no acampamento godo com pompa marcial. Em nome do soberano, eles consentiram em reconhecer a legítima eleição do seu competidor e em dividir as províncias de Itália e do Ocidente entre os dois imperadores. As suas propostas foram rejeitadas com desdém; e a recusa agravou-se ainda mais com a insultuosa clemência de Átalo, que condescendeu em prometer que se Honório renunciasse sem delonga à púrpura imperial seria autorizado a passar o resto da vida no tranquilo exílio de qualquer ilha remota. A situação do filho de Teodósio parecia realmente tão desesperada aos que melhor conheciam as suas forças e os seus recursos, que Jóvio e Valente, o ministro e o general, traíram a confiança dele, abandonaram infamemente a causa declinante do seu benfeitor e colocaram a sua pérfida fidelidade ao serviço do afortunado rival. Surpreendido por estes exemplos de traição interna, Honório estremecia ao ver aproximar-se qualquer servidor ou chegar qualquer mensageiro. Receava os inimigos secretos que podiam ocultar-se na sua capital, no seu palácio ou nos seus aposentos; e no porto de Ravena

estavam prontos alguns navios para transportar o monarca abdicante até aos domínios do seu sobrinho infante, o imperador do Oriente.

Existe, contudo, uma Providência (era esta, pelo menos, a opinião do historiador Procópio) que vela pela inocência e a insensatez, e a pretensão de Honório aos seus particulares cuidados não pode ser posta em dúvida. No momento em que, desesperado, incapaz de uma resolução sábia ou viril, ponderava numa vergonhosa fuga, um oportuno reforço de quatro mil veteranos desembarcou inesperadamente no porto de Ravena. E depois de ter confiado os muros e as portas da cidade a estes valorosos estrangeiros, cuja fidelidade não tinha sido corrompida pelas facções da corte, o sono do imperador nunca mais foi perturbado pelo receio de um perigo iminente e interno. As notícias favoráveis recebidas de África mudaram subitamente as opiniões dos homens e o estado dos negócios públicos. As tropas e os oficiais que Átalo enviara para esta província haviam sido derrotados e chacinados, e o zelo activo de Heracliano mantinha a sua obediência e a do seu povo. O leal conde de África mandou uma elevada quantia em dinheiro que assegurou a fidelidade dos guardas imperiais; e a sua diligência em obviar à exportação de trigo e azeite provocou a fome, o tumulto e a sedição no interior das muralhas de Roma. O fracasso da expedição africana tornou-se uma fonte de mútuas queixas e recriminações no partido de Átalo, e o alvedrio do seu protector desleixou a pouco e pouco os interesses de um príncipe desprovido de talento para comandar e docilidade para obedecer. Adoptaram-se as medidas de Alarico, e a obstinada recusa do Senado em admitir quinhentos godos entre as tropas que embarcaram fez transparecer uma índole suspeitosa e desconfiada que, na circunstância, não era generosa nem prudente. O ressentimento do rei godo inflamou-se devido aos artifícios maliciosos de Jóvio, que fora elevado à categoria de patrício, e, mais tarde, quis desculpar a sua dupla traição declarando sem pejo que somente *dera a impressão* de abandonar o serviço de Honório no intuito de arruinar mais facilmente a causa do usurpador. Numa vasta planície próximo de Rimini, e na presença de uma numerosa multidão de romanos e bárbaros, o desprezível Átalo foi publicamente destituído do diadema e do manto imperial; e Alarico enviou estas insígnias da realeza ao filho de Teodósio, como penhor de paz e amizade. Os oficiais que retomaram a senda do dever viram-se novamente investidos dos seus cargos e até se lhes concedeu a recompensa por um arrependimento tardio; mas o destronado imperador dos Romanos, desejoso de conservar a vida e insensível à

desonra, implorou licença para seguir as tropas godas atrás de um altivo e caprichoso bárbaro.

Terceiro cerco e saque de Roma

A deposição de Átalo removeu o único obstáculo real à conclusão da paz, e Alarico avançou até três milhas de Ravena, a fim de espezinhar a irresolução dos ministros imperiais, cuja insolência não tardou a ressurgir com a reviravolta da sorte. A sua indignação desencadeou-se ao saber que um chefe rival, Saro, inimigo pessoal de Adolfo e animado de um ódio hereditário contra a casa dos Balti, fora recebido no palácio. À frente de trezentos guerreiros, este intrépido bárbaro saiu repentinamente das portas de Ravena, surpreendeu e desbaratou um numeroso corpo de godos, voltou a entrar triunfalmente na cidade e obteve autorização para insultar o seu adversário pela voz de um arauto, o qual declarou publicamente que o crime de Alarico o excluía para sempre da amizade e da aliança do imperador. Os erros e a insensatez da corte de Ravena foram expiados, uma terceira vez, pelas calamidades de Roma. O rei dos Godos, que já não disfarçava o seu desejo de saque e vingança, surgiu em armas sob as muralhas da capital; e o receoso Senado, sem qualquer esperança de socorro, preparou-se por meio de uma resistência desesperada para adiar a ruína da capital. Mostrou-se, contudo, incapaz de se defender contra a secreta conspiração dos escravos e dos criados que, em virtude do nascimento ou do interesse, aderiam à causa do inimigo. À meia-noite, a Porta Salária foi silenciosamente aberta e os habitantes acordaram ao tremendo som da trombeta dos Godos. Mil cento e sessenta e três anos após a fundação de Roma, a cidade imperial, que submetera e civilizara uma parte tão considerável da humanidade, viu-se entregue à fúria desenfreada das tribos da Germânia e da Cítia.

A proclamação de Alarico, no momento em que fez a sua entrada na cidade vencida, revelou apesar de tudo algum respeito pelas leis da humanidade e da religião. Ele instigou audaciosamente as suas tropas a tomar posse dos bens de valor e a enriquecer com os despojos de um povo rico e efeminado; mas exortou-as, ao mesmo tempo, a que poupassem a vida dos cidadãos submissos e respeitassem as igrejas dos apóstolos São Pedro e São Paulo, como santuários sagrados e invioláveis. No meio dos

horrores de um tumulto nocturno, vários dos cristãos godos alardearam o fervor de uma recente conversão; e alguns exemplos da invulgar piedade e brandura são relatados, e talvez alindados, pelo zelo dos escritores eclesiásticos(*). Enquanto os bárbaros percorriam a cidade em busca de pilhagem, a humilde casa de uma virgem idosa, que dedicara toda a sua vida ao serviço dos altares, foi forçada por um dos chefes godos. Este exigiu ali mesmo, embora numa linguagem polida, todo o ouro e prata que lhe pertencesse e ficou surpreendido ante a prontidão com que ela o conduziu a um tesouro escondido da mais rica baixela maciça requintadamente trabalhada. O bárbaro contemplava cheio de admiração e deleite a valiosa presa que acabava de adquirir, quando foi interrompido por uma séria admoestação que ela lhe dirigiu nos seguintes termos: «Estes», começou a guardiã, «são os vasos sagrados pertencentes a São Pedro; se ousares tocar-lhes, ficarás com um grande sacrilégio na consciência. Pela minha parte, não me atrevo a guardar o que sou incapaz de defender.» O capitão godo, invadido por um respeitoso temor, mandou um mensageiro informar o rei do tesouro que descobrira, e recebeu ordens peremptórias de Alarico para que todos os vasos e ornamentos consagrados fossem depositados, sem dano ou demora, na igreja do apóstolo. Desde o extremo, porventura, do monte Quirinal até ao distante bairro do Vaticano, um numeroso destacamento de godos, marchando em ordem de combate através das ruas principais, protegeu com as suas armas reluzentes o longo cortejo dos seus devotos companheiros que transportavam à cabeça os vasos sagrados de ouro e prata, e os gritos marciais dos bárbaros misturavam-se com os sons da salmodia religiosa. Saída das casas vizinhas, uma multidão de cristãos juntou-se apressadamente a esta edificante procissão, e uma chusma de fugitivos, sem distinção de idade, de posição social ou mesmo de seita, teve a sorte de se escapar para dentro do seguro e hospitaleiro santuário do Vaticano. A douta obra sobre a *Cidade de Deus* foi declaradamente escrita por Santo Agostinho para justificar os caminhos da Providência na destruição da grandeza romana. Ele celebra com peculiar satisfação este memorável triunfo de Cristo e increpa os seus adversários, desafiando-os a apresentar um exemplo semelhante de uma cidade tomada de assalto onde os fabulosos deuses da Antiguidade tenham sido capazes de se proteger ou aos seus crédulos adoradores.

No saque de Roma, alguns raros e extraordinários casos de virtude bárbara têm sido merecidamente aplaudidos. No entanto, o recinto sagrado

do Vaticano e as igrejas dos apóstolos só podiam acolher uma pequena porção do povo romano; muitos milhares de guerreiros, e mais especificamente os hunos que serviam sob a bandeira de Alarico, desconhecia o nome, ou pelo menos a fé de Cristo, e podemos suspeitar, sem qualquer falta de caridade ou candura, que nos momentos de cruel desmando, quando todas as paixões se inflamavam e todas as restrições desapareciam, o comportamento dos cristãos godos raramente foi influenciado pelos preceitos do Evangelho. Os escritores mais dispostos a exagerar a sua clemência confessaram sem rodeios que muitos romanos sucumbiram numa horrível carnificina, e que as ruas da cidade estavam juncadas de cadáveres que permaneciam sem sepultura devido à aflição geral. O desespero dos cidadãos converteu-se algumas vezes em fúria; e sempre que os bárbaros se irritavam com a resistência encontrada, estendiam a chacina indiscriminada aos fracos, aos inocentes e aos indefesos. A vingança pessoal de quarenta mil escravos exerceu-se sem piedade nem remorso; e as ignominiosas chibatadas que eles haviam anteriormente recebido foram expiadas pelo sangue das famílias mais culpadas ou odiosas. As matronas e as virgens de Roma ficaram expostas a injúrias mais terríveis para a castidade do que a própria morte; e o historiador eclesiástico escolheu um exemplo de virtude feminina para o oferecer à admiração de futuras idades(*). Uma dama romana, de singular beleza e fé ortodoxa, despertara o impaciente desejo de um jovem godo, que, segundo a perspicaz observação de Sozómenes, professava a heresia ariana. Exasperado pela sua teimosa resistência, desembainhou a espada e, com a ira de um amante, feriu-lhe ao de leve o pescoço. A heroína, a escorrer sangue, continuou a desafiar o ressentimento e a repelir o amor dele, até que o raptor desistiu dos seus inúteis esforços, conduziu-a respeitosamente ao santuário do Vaticano e ofereceu seis moedas de ouro aos guardas da igreja, com a condição de a devolverem inviolada aos braços do marido. Estes exemplos de coragem e generosidade não eram muito comuns. Os brutais soldados satisfaziam os seus apetites sexuais sem consultar a inclinação ou os deveres das suas cativas; e debateu-se seriamente uma delicada questão de casuística: a de saber se estas frágeis vítimas que se haviam inflexivelmente negado a consentir na violação sofrida tinham perdido, para sua desgraça, a gloriosa coroa da virgindade. Verificaram-se, em boa verdade, outras perdas de um género mais substancial e de um interesse mais geral. É impossível supor que todos os

bárbaros estivessem sempre dispostos a perpetrar tais ultrajes amorosos; e a falta de juventude, de beleza ou de castidade protegeu a maioria das mulheres romanas do perigo de um estupro. A avareza constitui, porém, uma paixão insaciável e universal, na medida em que a fruição de praticamente todos os objectos susceptíveis de proporcionar prazer aos diversos gostos e temperamentos humanos pode ser satisfeita pela posse da riqueza. Na pilhagem de Roma, atribuiu-se uma justa preferência ao ouro e às jóias, pois contêm o maior valor sob o mais pequeno volume e peso; mas, depois de estas riquezas portáteis terem sido levadas pelos mais diligentes salteadores, os palácios de Roma viram-se brutalmente despojados do seu magnífico e dispendioso mobiliário. Os aparadores cheios de prata maciça e as roupas variegadas de seda e púrpura eram amontoadas a esmo nas carroças que acompanhavam sempre a marcha do exército godo. As mais requintadas obras de arte eram danificadas por inépcia ou destruídas por simples prazer; fundiram-se muitas estátuas para aproveitar os materiais preciosos; e, na partilha do espólio, muitos vasos foram despedaçados à machadada. A aquisição destas riquezas apenas serviu para acicatar a avidez dos gananciosos bárbaros que, por meio de ameaças, pancada e torturas, forçavam os prisioneiros a indicar os tesouros escondidos. O luxo e os gastos visíveis eram alegados como prova de uma grande fortuna; a aparência da pobreza era imputada a uma predisposição avarenta; e a obstinação de alguns somíticos que suportavam os mais cruéis suplícios antes de revelarem o secreto objecto da sua afeição acabou por ser fatal a muitos infelizes que expiraram sob os golpes da vergasta sem poderem desvendar os seus tesouros imaginários. Os edifícios de Roma, embora os danos tenham sido muito exagerados, sofreram alguns estragos da violência dos Godos. Ao transporem a Porta Salária, eles incendiaram as casas ali perto para lhes iluminar a marcha e desviar a atenção dos cidadãos; as chamas, que ninguém tratava de combater na confusão da noite, devoraram muitos edifícios públicos e privados, e as ruínas do palácio de Salústio ainda ofereciam no tempo de Justiniano um formidável monumento do incêndio godo. Um historiador coevo observou, porém, que o fogo dificilmente poderia consumir as enormes vigas de cobre maciço e que a força dos homens era insuficiente para destruir os alicerces das antigas construções. Talvez exista alguma verdade na sua devota asserção de que a ira do céu supriu as imperfeições do furor hostil, e de que o

soberbo Fórum romano, decorado com as estátuas de tantos deuses e heróis, foi reduzido a pó por um raio.

Qualquer que tenha sido o número de membros da ordem equestre ou de plebeus que pereceram na chacina de Roma, afirma-se com toda a certeza que apenas um senador sucumbiu à espada do inimigo. Não foi fácil, todavia, calcular a multidão dos que, detentores de uma honrosa posição e de uma fortuna avultada, se viram subitamente reduzidos à miserável condição de cativos e exilados. Na medida em que os bárbaros estavam mais interessados no dinheiro do que em escravos, acharam preferível fixar num preço módico o resgate dos seus prisioneiros indigentes; e esta soma era muitas vezes paga pela benevolência dos amigos ou pela caridade dos estranhos. Os cativos, que eram regularmente vendidos em mercado aberto ou por convenção particular, poderiam ter recuperado legalmente a sua liberdade originária, que nenhum cidadão se arriscava a perder ou a alienar. Mas como desde cedo se percebera que a reivindicação de liberdade lhes faria perigar a vida, e que os Godos, a não ser que tentassem vendê-los, podiam ser levados a assassinar os seus inúteis prisioneiros, a jurisprudência civil já havia sido modificada por um judicioso regulamento, segundo o qual eles seriam escravos durante um prazo médio de cinco anos, até saldarem com o seu labor o preço do resgate. As nações que invadiram o Império Romano tinham empurrado à sua frente, em Itália, turbas de provinciais famintos e assustados, menos temerosos da servidão que da fome. As calamidades de Roma e de Itália dispersaram os habitantes pelos mais solitários, seguros e remotos locais de refúgio. Enquanto a cavalaria goda semeava o terror e a devastação ao longo das costas da Campânia e da Toscana, a pequena ilha de Igílio, separada por um estreito canal do promontório Argentário, repeliu, ou evitou, os seus hostis assaltos; e a uma tão curta distância de Roma, um elevado número de cidadãos refugiou-se em segurança nos densos bosques deste lugar isolado. Os vastos patrimônios que muitas famílias de senadores possuíam em África convidaram aqueles que tiveram tempo e prudência para escapar à ruína da pátria a aproveitar o asilo desta hospitaleira província. Distinguiu-se no meio destes fugitivos a nobre e piedosa Proba(*), viúva do prefeito Petrônio. Após a morte do marido, o mais poderoso súbdito de Roma, ela ficara à cabeça da família Anícia e custeara sucessivamente, com a sua fortuna pessoal, a despesa dos consulados dos seus três filhos. Quando a cidade foi cercada e conquistada pelos Godos, Proba suportou com uma

resignação cristã a perda das suas imensas riquezas; embarcou num pequeno navio de onde observou, já no mar, as chamas do seu palácio incendiado; e fugiu com a sua filha Leta e a neta, a famosa virgem Demétria, para a costa de África. A generosa prodigalidade com que a matrona distribuiu os rendimentos e o preço das suas propriedades contribuiu para minorar o infortúnio dos exilados e dos cativos. Mas nem sequer a família de Proba escapou à opressão cobiçosa do conde Heracliano, que vendia ignominiosamente, em prostituído enlace, as mais nobres donzelas de Roma à lascívia ou à cupidez dos mercadores sírios. Os fugitivos italianos dispersaram-se pelas províncias, ao longo das costas do Egipto e da Ásia, até Constantinopla e Jerusalém; e a aldeia de Belém, a solitária residência de São Jerónimo e das suas convertidas, encheu-se de pedintes ilustres, de ambos os sexos e de todas as idades, que despertavam a compaixão pública devido à lembrança da sua antiga riqueza. A medonha catástrofe de Roma espalhou o desgosto e o terror por todo o império estupefacto. Este impressionante contraste entre a grandeza e a ruína dispunha a ingénua credulidade do povo a lamentar, e até mesmo a exagerar, as tribulações da rainha das cidades. O clero, que aplicava aos recentes acontecimentos as grandiosas metáforas das profecias orientais, sentia-se algumas vezes tentado a confundir a destruição da capital com a dissolução do globo.

A natureza humana possui um forte pendor para depreciar as vantagens e ampliar os males dos tempos presentes. Mas após o desvanecimento das primeiras emoções, quando se procedeu a uma estimativa exacta dos verdadeiros danos, os contemporâneos mais sábios e sensatos viram-se forçados a confessar que Roma, na sua infância, sofrera mais fundos prejuízos às mãos dos Gauleses do que padecera agora, às dos Godos, na idade do declínio. A experiência de onze séculos permitiu que a posteridade apresentasse um paralelo muito mais singular; e ela pode declarar, segura de si, que as devastações dos bárbaros que Alarico conduziu das margens do Danúbio se revelaram menos destruidoras do que as hostilidades exercidas pelas tropas de Carlos V, um príncipe católico que se intitulou imperador dos Romanos. Os Godos evacuaram a cidade ao fim de seis dias, mas Roma continuou durante mais de nove meses em poder dos imperialistas; e cada hora era assinalada por algum acto atroz de crueldade, luxúria e rapina. A autoridade de Alarico mantinha alguma ordem e moderação entre a multidão feroz que o reconhecia como chefe e rei; mas o condestável de

Borbom caíra gloriosamente no assalto às muralhas; e a morte do general abalou todos os princípios de disciplina num exército formado por três nações independentes: os Italianos, os Espanhóis e os Alemães. No começo do século XVI, os costumes da Itália exibiam um rematado espectáculo de depravação humana. Eles aliavam os crimes sanguinários, prevalecentes num estado primitivo da sociedade, aos vícios civilizados que brotam do abuso da arte e do luxo; e os desregrados aventureiros que violaram todas as noções de patriotismo e os preconceitos da superstição, assaltando o palácio do pontífice romano, merecem ser considerados como os mais desalmados dos Italianos. Nessa mesma época, os Espanhóis constituíam o terror do Velho e do Novo Mundo, mas o seu denodado valor era embaciado por um sombrio orgulho, por uma voraz ganância e por uma implacável crueldade. Infatigáveis na busca da fama e das riquezas, eles tinham aperfeiçoado, mediante uma repetida prática, os métodos mais refinados e eficazes de torturar os prisioneiros; muitos dos castelhanos que saquearam Roma eram familiares da Santa Inquisição, e alguns voluntários tinham provavelmente regressado havia pouco da conquista do México. Os Alemães eram menos corrompidos que os Italianos e menos cruéis do que os Espanhóis; e o aspecto rústico ou mesmo selvagem destes guerreiros ultramontanos ocultava muitas vezes um carácter simples e compassivo. Tinham, no entanto, assimilado, no primeiro fervor da Reforma, não só o espírito como os princípios de Lutero. O seu divertimento favorito consistia em insultar ou destruir os objectos consagrados das cerimónias católicas; nutriam, sem piedade nem remorso, um devoto ódio ao clero de todas as classes e denominações que compõe uma parte tão significativa dos habitantes da Roma moderna; e o seu zelo fanático talvez aspirasse a derrubar o trono do Anticristo, a purificar pelo sangue e pelo fogo as abominações da Babilónia espiritual.

A retirada dos Godos e a morte de Alarico

A retirada dos Godos vitoriosos, que evacuaram Roma ao sexto dia, pode ter sido motivada pela prudência, mas não resultou seguramente do medo(*). À cabeça de um exército carregado de ricos e pesados despojos, o seu intrépido chefe avançou ao longo da Via Ápia em direcção às

províncias do Sul de Itália, destruindo tudo o que ousasse opor-se à sua passagem e contentando-se em pilhar as regiões que não resistiam. O destino de Cápuia, a orgulhosa e voluptuosa metrópole da Campânia, que até mesmo na sua decadência era ainda respeitada como a oitava cidade do império, ficou sepulto no esquecimento; enquanto a vizinha cidade de Nola se ilustrou nesta altura com a santidade de Paulino, que foi sucessivamente cônsul, monge e bispo. Aos quarenta anos, ele renunciou às riquezas e às honras da sociedade e da literatura para se dedicar a uma vida de solidão e penitência, e os vivos aplausos do clero encorajaram-no a ignorar as censuras dos seus amigos mundanos, que atribuíam este comportamento extremo a qualquer distúrbio do espírito ou do corpo. Uma antiga e apaixonada veneração levaram-no a fixar a sua humilde morada num dos subúrbios de Nola, próximo do túmulo milagroso de São Félix, que a devoção pública já rodeara de cinco grandes e frequentadas igrejas. Os restos da sua fortuna e da sua inteligência foram colocados ao serviço do glorioso mártir, cujo louvor, no dia da sua festa, Paulino nunca deixava de entoar com um hino solene, e em cujo nome erigiu uma sexta igreja de superior elegância e beleza, decorada com muitas cenas sugestivas cujo tema era tirado do Velho e do Novo Testamento. Um zelo tão assíduo garantiu-lhe o favor do santo(*), ou pelo menos o do povo; e após quinze anos de retiro, o cônsul romano foi compelido a aceitar o bispado de Nola, poucos meses antes de a cidade sofrer a investida dos Godos. Durante o cerco, algumas pessoas piedosas persuadiram-se de ter visto, em sonhos ou visões, a divina forma do seu santo padroeiro; mas o desenlace não tardou a provar que Félix não dispunha de poder ou de vontade para salvar o rebanho de que anteriormente havia sido pastor. A devastação geral também chegou a Nola; e o bispo cativo só foi protegido pela opinião geral sobre a sua inocência e pobreza. Mais de quatro anos passaram desde a bem-sucedida invasão de Itália pelos exércitos de Alarico até à retirada voluntária dos Godos, sob a chefia do seu sucessor Adolfo; e durante todo este tempo, eles reinaram sem restrição sobre um país que, no entender dos Antigos, reunia as várias excelências da Natureza e da arte. Na realidade, a prosperidade que a Itália alcançara no século auspicioso dos Antoninos declinara gradualmente com o crepúsculo do império. Os frutos de uma longa paz pereceram sob o rude jugo dos bárbaros; e eles próprios eram incapazes de saborear os mais elegantes refinamentos do luxo que fora preparado para o uso dos amenos e polidos Italianos. No entanto, todos os

soldados reclamaram uma larga porção de toda a farta abundância, desde os cereais ao gado e do azeite ao vinho, que era diariamente reunida e consumida no acampamento godo; e os guerreiros mais graduados iam pilhar as vilas e os jardins outrora habitados por Lúculo e Cícero, ao longo da bela costa da Campânia. Os seus aterrorizados cativos, filhos e filhas de senadores romanos, serviam, em taças de ouro e pedras preciosas, profusas doses de vinho de Falerno aos arrogantes vencedores que estendiam as suas compridas pernas à sombra dos plátanos industriosamente dispostos de forma a filtrar os raios abrasadores e a receber o suave calor do sol. Estas delícias eram redobradas pela memória de dificuldades passadas; a comparação com as suas terras natais, os ermos e estéreis montes da Cítia e as margens geladas do Elba e do Danúbio, conferia novos encantos à doçura do clima italiano.

Qualquer que tenha sido o fito de Alarico, a fama, a conquista ou a riqueza, ele prosseguiu-o com um ardor incansável que não podia ser travado pela adversidade nem saciado pelo êxito. Mal atingiu o extremo da Itália, sentiu-se atraído pela vista ali tão perto de uma ilha fértil e pacífica. No entanto, até mesmo a conquista da Sicília representava apenas para ele um passo intermédio a caminho da importante expedição que já meditava contra o continente africano. O estreito entre Régio e Messina mede doze milhas de comprimento, e, nas passagens mais apertadas, tem cerca de uma milha e meia de largura; os monstros fabulosos do mar, os rochedos de Cila e o remoinho de Caríbdis, somente podiam aterrorizar os mais tímidos e inexperientes marinheiros. No entanto, ainda mal a primeira divisão dos godos embarcara, rebentou uma súbita tempestade que afundou ou dispersou muitos dos navios de transporte; a coragem deles abateu-se face aos perigos deste novo elemento; e toda a empresa se desmoronou devido à morte prematura de Alarico, a qual, sobrevivendo após uma curta doença, pôs termo às suas conquistas. O carácter feroz dos bárbaros expandiu-se no funeral de um herói cujo valor e êxito celebraram com lúgubres aplausos. Lançando mão do labor dos seus inumeráveis prisioneiros, eles desviaram à força o curso do Busentino, um ribeiro que banha as muralhas de Consência. O sepulcro régio, adornado com os esplêndidos despojos e troféus de Roma, foi erguido no leito enxuto; as águas viram-se em seguida devolvidas ao seu álveo natural; e o local secreto onde os restos mortais de Alarico haviam sido depositados ficou para sempre ignoto, mercê do desumano massacre dos cativos utilizados na execução da obra.

Adolfo, que se tornou então rei dos Godos, assinou um tratado de paz com os Romanos e desposou Placídia, a meia-irmã de Honório. Ele marchou em direcção a Espanha para rechaçar uma invasão dos Suevos, Vândalos e Alanos, mas foi traiçoeiramente assassinado. O seu sucessor, Vália, reconquistou a Espanha para Honório, confinando os Vândalos à parte noroeste da península, e estabeleceu em seguida os Godos na Aquitânia.

Capítulo 32

O Reinado de Arcádio. São João Crisóstomo. Morte de Arcádio e sucessão de Teodósio II. Administração de Pulquéria. Aventuras de Eudóxia

A partilha do mundo romano entre os filhos de Teodósio assinala o estabelecimento definitivo do Império do Oriente que, desde o reinado de Arcádio à tomada de Constantinopla pelos Turcos, subsistiu ao longo de mil e cinquenta e oito anos num estado de prematuro e constante declínio. O soberano deste império adoptou e manteve obstinadamente o título vão, e por fim ilusório, de imperador dos ROMANOS; e as designações hereditárias de CÉSAR e AUGUSTO continuaram a proclamar que ele era o legítimo sucessor dos primeiros dos homens que haviam reinado sobre a primeira das nações. O palácio de Constantinopla igualava ou talvez superasse em magnificência os da Pérsia; e os eloquentes sermões de São Crisóstomo celebram, embora condenando-o, o luxo opulento do reinado de Arcádio. «O imperador», afirma ele, «traz na cabeça um diadema ou uma coroa de ouro cravejada de pedras preciosas de um valor inestimável. Estes ornamentos e as vestes tingidas de púrpura estão reservados à sua pessoa sagrada; e as suas túnicas de seda são bordadas a ouro com figuras de dragões. O seu trono é de ouro maciço. Sempre que aparece em público, vem rodeado de cortesãos, guardas e servidores. As lanças, os escudos, as armaduras, as rédeas e os arreios dos cavalos têm a substância ou, pelo menos, a aparência do ouro; e a grande saliência sumptuosa a meio dos escudos é circundada por outras mais pequenas que representam a forma do

olho humano. As duas mulas que puxam o carro do monarca são inteiramente brancas e reluzem do ouro que as cobre. O próprio carro de ouro puro e maciço suscita a admiração dos espectadores que contemplam as cortinas de púrpura, o alvo tapete, o tamanho das pedras preciosas e as resplendentes placas de ouro que cintilam quando são agitadas pelo andamento do carro. Os retratos imperiais são brancos, sobre fundo azul; o imperador é representado no trono, com as armas, os cavalos e os guardas a seu lado; e com os inimigos vencidos acorrentados a seus pés.» Os sucessores de Constantino fixaram residência na cidade real que ele erguera na fronteira da Europa com a Ásia. Inacessíveis às ameaças dos inimigos, e talvez às queixas do povo, eles recebiam, consoante os diferentes ventos, os tributos em espécie de todos os climas; enquanto a força inexpugnável da sua capital continuava, ao longo dos séculos, a desafiar as arremetidas hostis dos bárbaros. Os seus domínios eram delimitados pelo Adriático e pelo Tigre; e o intervalo de vinte e cinco dias de navegação, que separava o extremo frio da Cítia da tórrida zona da Etiópia, achava-se todo ele englobado nos limites do Império do Oriente. As populosas regiões deste império constituíam a sede das artes e das ciências, do luxo e da riqueza; e os habitantes, que tinham adoptado a língua e os costumes dos Gregos, consideravam-se, com um certo grau de justiça, a parte mais esclarecida e civilizada do género humano. A forma do governo era uma pura e simples monarquia; o nome de REPÚBLICA ROMANA, que durante tanto tempo preservou uma ténue tradição de liberdade, estava confinada às províncias latinas; e os príncipes de Constantinopla mediam a sua grandeza pela servil obediência do povo. Ignoravam até que ponto esta disposição passiva debilita e degrada todas as faculdades do espírito. Os súbditos que haviam submetido a sua vontade às ordens absolutas de um amo eram também incapazes de proteger as suas vidas e fortunas contra os ataques dos bárbaros, ou de resguardar a sua razão dos terrores da superstição.

Durante os primeiros cinco anos do reinado de Arcádio, a administração era superintendida pelo seu camareiro, o cruel e avarento eunuco Eutrópio. Este viu-se derrubado por uma revolta dos Ostrogodos, sob a chefia de Tribigildo e Gainas e por instigação da imperatriz Eudóxia. A revolta foi subsequentemente dominada.

São João Crisóstomo

Após a morte do indolente Nectário, sucessor de Gregório de Nazianzo, a Igreja de Constantinopla viu-se dilacerada pela ambição de candidatos rivais que não tiveram pejo de solicitar, com ouro ou lisonja, os sufrágios do povo e do favorito. Nesta ocasião, Eutrópio desviou-se aparentemente das suas habituais regras de conduta; e o seu juízo acertado só foi determinado pelo mérito superior de um estrangeiro. Numa recente viagem ao Oriente, ele tinha admirado os sermões de João, um presbítero natural de Antioquia, cujo nome se decidiu distinguir com o epíteto de Crisóstomo, ou «Boca de Ouro». Uma ordem particular não tardou a ser enviada ao governador da Síria; e como o povo podia não estar disposto a abdicar do seu pregador favorito, transportaram-no a toda a pressa e secretamente, num carro de posta, desde Antioquia a Constantinopla. O consentimento unânime e espontâneo da corte, do clero e do povo ratificou a escolha do ministro; e já como santo, já como orador, o novo arcebispo ultrapassou as mais optimistas expectativas do público. Nascido numa família nobre e rica da capital da Síria, Crisóstomo fora educado pelos cuidados de uma mãe terna, sob a tutela dos mais hábeis mestres. Estudou a arte da retórica na escola de Libânio; e este famoso sofista, que desde cedo descobriu os talentos do discípulo, confessou ingenuamente que João teria merecido suceder-lhe, caso os cristãos o não houvessem seduzido. A sua piedade dispô-lo rapidamente a receber o sacramento do baptismo; a renunciar à lucrativa e honrosa profissão da jurisprudência; e a embrenhar-se no deserto circunvizinho, onde venceu os desejos carnavais graças a uma austera penitência de seis anos. As suas enfermidades obrigaram-no a regressar ao convívio dos homens; e a autoridade de Melécio dedicou os seus talentos ao serviço da Igreja; mas no seio da sua família, e posteriormente no trono arcebispal, Crisóstomo continuou a perseverar na prática das virtudes monásticas. Os vultuosos rendimentos que os seus antecessores haviam gasto em pompa e ostentação, aplicou-os ele diligentemente na fundação de hospitais; e as multidões que subsistiam da sua caridade preferiam os eloquentes e edificantes discursos do arcebispo às diversões do teatro ou do circo. Os monumentos desta eloquência, admirada durante cerca de vinte anos em Antioquia e Constantinopla, foram cuidadosamente conservados; e a posse de perto de mil sermões ou homilias autorizou os críticos(*) dos

séculos seguintes a apreciar o genuíno mérito de Crisóstomo. Eles atribuem unanimemente ao orador cristão o fácil domínio de uma linguagem elegante e fluente; a capacidade de disfarçar as vantagens que retirava do conhecimento da retórica; um fundo inesgotável de metáforas e comparações, de ideias e imagens, para diversificar e ilustrar os temas mais familiares; o afortunado talento de pôr as paixões ao serviço da virtude e de demonstrar a insensatez e também a torpeza do vício, por assim dizer com a verdade e o fulgor de uma representação dramática. A actividade pastoral do arcebispo de Constantinopla irritou e uniu gradualmente contra ele dois tipos de inimigos; o clero ambicioso que lhe invejava o êxito, e os pecadores inveterados que se sentiam ofendidos com as suas censuras. Quando Crisóstomo clamava do alto do púlpito de Santa Sofia contra a degenerescência dos cristãos, as suas invectivas perdiam-se no meio da multidão sem ferir nem sequer apontar a índole de qualquer indivíduo. Sempre que pregava contra os vícios particulares dos ricos, a pobreza talvez retirasse um consolo passageiro das objurgatórias dele; mas os culpados abrigavam-se atrás do seu grande número; e a própria censura era dignificada por algumas ideias de superioridade e deleite. À medida, porém, que a pirâmide se elevava para o vértice, ela ia-se imperceptivelmente estreitando; e os magistrados, os ministros, os eunucos favoritos, as damas da corte(**), a própria imperatriz Eudóxia, tinham uma parte de culpa muito maior para repartir entre um grupo muito mais pequeno de prevaricadores. As imputações pessoais do auditório eram antecipadas ou conformadas pelo testemunho das suas próprias consciências; e o intrépido orador arrogava-se o perigoso direito de votar tanto a falta como o faltoso à execração pública. O ressentimento secreto da corte incentivou o descontentamento do clero e dos monges de Constantinopla, que estavam a ser reformados com excessiva pressa pelo fervoroso zelo do seu arcebispo. Ele condenara, do alto do púlpito, as criadas do clero de Constantinopla que, sob o nome de servas ou irmãs, propiciavam um constante ensejo ao pecado ou de escândalo. Os ascetas silenciosos e solitários que se tinham isolado do mundo recebiam a mais calorosa aprovação de Crisóstomo; mas ele desprezava e estigmatizava, como a vergonha da sua santa profissão, a multidão de monges degenerados que, movidos por indignos motivos de prazer ou lucro, infestavam tão frequentemente as ruas da capital. O arcebispo viu-se obrigado a juntar à voz da persuasão as ameaças da autoridade; e o seu fervor no exercício da jurisdição eclesiástica nem

sempre se mostrou isento de paixão ou guiado pela prudência. Crisóstomo tinha, por natureza, um temperamento colérico(*). Embora se esforçasse, segundo os preceitos do Evangelho, por amar os seus inimigos pessoais, arrogava-se o privilégio de odiar os inimigos de Deus e da Igreja; e os seus sentimentos eram, não raro, expressos com demasiada violência de palavras e gestos. Continuava a cultivar, por razões de saúde ou abstinência, o seu antigo hábito de tomar as refeições sozinho; e este costume inospitaleiro(**), que os seus inimigos atribuíam ao orgulho, contribuiu, pelo menos, para alimentar a mazela de um humor sombrio e insociável. Apartado da convivência familiar que facilita o conhecimento e despacho dos negócios, ele depositava uma confiança total no diácono Serapião; e raramente aplicava o seu conhecimento especulativo da natureza humana à personalidade individual dos seus subordinados ou iguais. Estribado na pureza das suas intenções, e talvez na superioridade do seu génio, o arcebispo de Constantinopla alargou a jurisdição da cidade imperial, de maneira a poder estender o alcance dos seus cuidados pastorais; este comportamento, que os profanos imputavam a móveis de cobiça, surgia aos olhos do próprio Crisóstomo sob o aspecto de um dever. Na sua visita às províncias asiáticas, ele depôs treze bispos da Lídia e da Frígia; e declarou indiscretamente que uma forte epidemia de simonia e licenciosidade contaminara toda a ordem episcopal(*). Se estes bispos estavam inocentes, uma tão precipitada e injusta condenação deve ter provocado um justificado descontentamento. Se eram culpados, os numerosos cúmplices da sua culpa não tardaram a descobrir que a própria segurança deles dependia da queda do arcebispo, a quem tentavam representar como o tirano da Igreja oriental.

Esta conspiração eclesiástica foi orientada por Teófilo, arcebispo de Alexandria, um activo e ambicioso prelado que dissipava os frutos da rapina em monumentos de ostentação. A sua aversão de ordem nacional à crescente grandeza de uma cidade que o degradava de segunda para terceira posição no mundo cristão intensificou-se devido a alguns conflitos pessoais com o próprio Crisóstomo. A convite particular da imperatriz, Teófilo desembarcou em Constantinopla com um resolute magote de marinheiros egípcios dispostos a enfrentar a população; e com um séquito de bispos sufragâneos que assegurassem a maioria dos votos no sínodo. Este sínodo reuniu-se num subúrbio de Calcedónia, denominado o Carvalho, onde Rufino erguera uma imponente igreja e um mosteiro; e os debates prolongaram-se por catorze dias ou sessões. Um bispo e um diácono

acusaram o arcebispo de Constantinopla; mas o frívolo ou improvável teor dos quarenta e sete artigos apresentados contra ele podem ser justamente considerados um claro e inatacável panegírico. Crisóstomo recebeu quatro intimações sucessivas para comparecer; continuou sempre, no entanto, a recusar confiar a sua pessoa ou a sua reputação às mãos dos seus implacáveis inimigos que, abandonando prudentemente o exame de quaisquer acusações específicas, condenaram a sua contumaz desobediência e apressaram a pronunciar uma sentença de deposição. O sínodo do Carvalho mandou pedir imediatamente ao imperador que ratificasse e executasse esta decisão e insinuou caridosamente que a pena por lesa-majestade podia ser infligida ao ousado pregador que injuriara, apelidando-a de Jezabel, a própria imperatriz Eudóxia. O arcebispo foi brutalmente preso e levado através da cidade por um dos mensageiros imperiais, que o fez desembarcar, após uma curta navegação, junto à entrada do Euxino, de onde, ao cabo de menos de dois dias, o chamaram gloriosamente.

A primeira reacção do seu fiel rebanho fora de silêncio e passividade; mas, subitamente, toda a população se insurgiu com irresistível fúria. Teófilo escapou, mas a variegada turba de monges e marinheiros egípcios foi chacinada sem piedade nas ruas de Constantinopla. Um oportuno tremor de terra pareceu anunciar a intervenção do céu; a torrente da sedição avançou até aos portões do palácio; e a imperatriz, levada pelo medo ou pelo remorso, lançou-se aos pés de Arcádio e confessou que a tranquilidade pública só poderia ser alcançada com a reintegração de Crisóstomo. O Bósforo cobriu-se de inúmeros navios; as costas da Europa e da Ásia ficaram profusamente iluminadas; e as aclamações de um povo vitorioso acompanharam, desde o porto à catedral, a entrada triunfal do arcebispo, que acedeu demasiado facilmente a retomar o exercício das suas funções, antes de a sentença haver sido legalmente anulada pela autoridade de um sínodo eclesiástico. Ignorante ou indiferente ao risco impendente, Crisóstomo entregou-se ao seu zelo ou talvez ao seu ressentimento; pregou com especial aspereza contra os vícios *femininos*; e condenou as honras profanas que eram concedidas, quase no interior do recinto de Santa Sofia, à estátua da imperatriz. A sua imprudência tentou os inimigos a acirrar a altiva índole de Eudóxia, relatando-lhe, ou talvez inventando, o famoso exórdio de um sermão, «Herodíade está novamente furiosa; Herodíade dança novamente e volta a exigir a cabeça de João», uma insolente alusão que, como mulher e soberana, ela não podia perdoar. O breve intervalo de

umas pérfidas tréguas serviu para se urdirem medidas mais eficazes que consumassem a desgraça e a ruína do arcebispo. Um numeroso concílio de prelados do Oriente, dirigidos à distância pelas instruções de Teófilo, confirmou a validade da primeira sentença sem lhe examinar a justiça e um destacamento de tropas bárbaras penetrou na cidade para reprimir os movimentos do povo. Na véspera da Páscoa, a solene administração do baptismo foi bruscamente interrompida por soldados que alvoroçaram o pudor dos catecúmenos nus e violaram, com a sua presença, os altos mistérios do culto cristão. Ársaces ocupou a Igreja de Santa Sofia e o trono arcebispal. Os católicos retiraram-se para os banhos de Constantino e em seguida para os campos, onde continuaram a ser perseguidos e insultados pelos guardas, os bispos e os magistrados. O dia fatal do segundo e definitivo exílio de Crisóstomo ficou assinalado pelo incêndio da catedral, do palácio onde se reunia o Senado e dos edifícios contíguos; e esta calamidade foi imputada, sem provas mas com alguma verosimilhança, ao desespero da facção perseguida.

Cícero podia reivindicar algum mérito pelo facto de o seu exílio voluntário ter preservado a paz da República; mas a submissão de Crisóstomo era o dever indispensável de um cristão e de um súbdito. Em vez de escutar a sua humilde súplica para lhe ser permitido residir em Cízico ou em Nicomédia, a inflexível imperatriz destinou-lhe como lugar de exílio a remota e desolada cidade de Cucuso, no meio dos espinhaços do monte Tauro, na Pequena Arménia. Acalentava-se a secreta esperança de que o arcebispo não resistisse a uma difícil e perigosa marcha de setenta dias, no pino do Verão, através das províncias da Ásia Menor, onde era continuamente ameaçado pelos ataques hostis dos Isáuricos e pela fúria ainda mais implacável dos monges. Apesar de tudo, Crisóstomo chegou são e salvo ao lugar de desterro; e os três anos que passou em Cucuso e na cidade vizinha de Arabisso foram os últimos e os mais gloriosos da sua vida. A sua ausência e a perseguição sofrida tornaram-no ainda mais venerado; os erros da sua administração caíram no esquecimento; mas todas as bocas repetiam elogios ao seu génio e virtude; e a respeitosa atenção do mundo cristão fixou-se num recanto deserto do monte Tauro. Do fundo deste isolamento, o arcebispo, cujo espírito activo se fortalecera no infortúnio, manteve uma correspondência regular e abundante com as mais distantes províncias; exortou a congregação dispersa dos seus fiéis adeptos a perseverar na dedicação; incitou à destruição dos templos da Fenícia e à

extirpação da heresia na ilha de Chipre; estendeu os seus cuidados pastorais a missões da Pérsia e da Cítia; negociou, por meio de embaixadores, com o pontífice romano e o imperador Honório; e apelou ousadamente, a partir de um sínodo parcial, ao supremo tribunal de um concílio livre e geral. O espírito do ilustre exilado continuava independente; mas o seu corpo cativo estava à mercê da vingança dos opressores que não cessavam de abusar do nome e da autoridade de Arcádio. Expediu-se uma ordem a mandar transferir imediatamente Crisóstomo para os confins do deserto de Pito; e os seus guardas obedeceram tão à letra a estas cruéis instruções, que, antes de alcançar a costa do Euxino, ele expirou em Comanos, no Ponto, aos sessenta anos de idade. A geração seguinte reconheceu a sua inocência e o seu mérito. Os arcebispos do Oriente, envergonhados por os seus antecessores terem sido inimigos de Crisóstomo, dispuseram-se gradualmente, induzidos pela firmeza do pontífice romano, a reabilitar a memória deste nome venerável. Satisfazendo a piedosa solicitação do clero e do povo de Constantinopla, as relíquias dele, trinta anos após a sua morte, foram trasladadas do obscuro sepulcro para a cidade real. O imperador Teodósio quis ir pessoalmente recebê-las em Calcedónia; e, prosternando-se sobre o caixão, implorou, em nome dos seus culpados pais, Arcádio e Eudóxia, o perdão do santo injuriado.

A morte de Arcádio e a sucessão de Teodósio II

Podemos legitimamente interrogar-nos, contudo, se uma mácula de culpa hereditária não terá passado de Arcádio para o seu sucessor. Eudóxia era uma jovem e bela mulher que se entregava às paixões e desprezava o marido; o conde João usufruía, pelo menos, da confiança íntima da imperatriz, e o público via nele o verdadeiro pai do jovem Teodósio. Mesmo assim, o nascimento de um filho foi aceite pelo piedoso marido como extremamente afortunado e honroso para si, sua família e o mundo oriental; e a régia criança viu-se investida, graças um favor sem precedente, dos títulos de César e de Augusto. Menos de quatro anos depois, Eudóxia, na flor da idade, não resistiu às sequelas de um aborto espontâneo; e esta morte prematura desmentiu a profecia de um santo bispo que, no meio da alegria geral, se arriscara a predizer que ela seria testemunha do longo e

auspicioso reinado do seu glorioso filho. Os católicos aplaudiram a justiça do céu, que vingava a perseguição movida a São Crisóstomo; e talvez o imperador fosse a única pessoa a lamentar sinceramente a perda da arrogante e gananciosa Eudóxia. Este infortúnio doméstico afligiu-o mais profundamente do que as calamidades públicas do Oriente — as atrevidas excursões, desde o Ponto à Palestina, dos salteadores isáuricos cuja impunidade provava a fraqueza do governo; e bem assim os tremores de terra, os incêndios, a fome e as pragas de gafanhotos, que o descontentamento popular tendia a atribuir sem excepção à incapacidade do monarca. Por fim, aos trinta e um anos de idade, depois de um reinado (se é que podemos abusar desta palavra) de treze anos, três meses e quinze dias, Arcádio expirou no palácio de Constantinopla. Torna-se impossível definir o seu carácter, pois num período extremamente abundante em materiais históricos, não se conseguiu apontar uma única acção da autoria do filho de Teodósio I, *o Grande*.

O historiador Procópio iluminou, em boa verdade, o espírito do imperador moribundo com um clarão de prudência humana ou sabedoria celeste. Arcádio considerou, com ansiosa preocupação, a desamparada situação do seu filho Teodósio, que só tinha sete anos, as perigosas facções que se formam durante uma menoridade, e o espírito ambicioso de Isdigerdes, o monarca persa. Em vez de apostar na fidelidade de um súbdito ambicioso fazendo-o participar do poder supremo, apelou ousadamente à magnanimidade de um rei e colocou, mediante um testamento solene, o ceptro do Oriente nas mãos do próprio Isdigerdes. O guardião real aceitou e fez jus a esta honrosa confiança com uma fidelidade exemplar; assim, a infância de Teodósio decorreu sob a protecção das armas e dos conselhos do rei da Pérsia. Tal é a singular narrativa de Procópio; e a sua veracidade não é contestada por Agátias, embora este tome a liberdade de discordar da sua apreciação e ponha em causa a sabedoria de um imperador cristão que, tão precipitadamente, embora com êxito, confiou o seu filho e os seus domínios à fé desconhecida de um estrangeiro, de um rival e de um pagão. À distância de cento e cinquenta anos, esta questão política podia ser debatida na corte de Justiniano; mas um historiador prudente recusar-se-á a examinar a justeza do testamento de Arcádio antes de se ter convencido da sua verdade. Como ele não tem paralelo na história do mundo, podemos razoavelmente exigir que seja atestado pelo testemunho positivo e unânime dos contemporâneos. A estranha novidade do acontecimento que suscita a

nossa desconfiança devia ter chamado a atenção deles; e o seu silêncio geral aniquila a vã tradição da época seguinte.

Os princípios da jurisprudência romana, no caso de poderem ser fundadamente transferidos do foro privado para o domínio público, teriam atribuído ao imperador Honório a tutela do sobrinho, até este atingir, pelo menos, os catorze anos de idade. No entanto, a fraqueza de Honório e as calamidades do seu reinado impediram-no de reclamar este direito natural; e era de tal ordem a separação absoluta das duas monarquias, tanto nos interesses como no afecto, que Constantinopla teria obedecido com menos relutância às ordens do rei persa que às da corte italiana. Sob um príncipe cuja fraqueza se disfarça sob os sinais exteriores da virilidade e da discrição, os mais indignos favoritos podem disputar secretamente o comando do palácio e ditar às províncias submissas as ordens de um senhor que eles dirigem e desprezam. Todavia, os ministros de uma criança incapaz de os prover com a sanção do nome régio só podem adquirir e exercer uma autoridade dependente. Os altos dignitários do Estado e do exército que haviam sido designados antes da morte de Arcádio formavam uma aristocracia, a qual poderia ter-lhes inspirado a ideia de um governo republicano; e a autoridade do Império do Oriente foi afortunadamente assumida pelo prefeito Antémio, que alcançou, mercê das suas superiores capacidades, um duradouro ascendente sobre o espírito dos seus iguais. A segurança desfrutada pelo jovem imperador provou o mérito e a integridade de Antémio; e a sua prudente firmeza sustentou a força e a reputação do reinado de uma criança. Uldin estava acampado no coração da Trácia com uma imensa hoste de bárbaros; ele rejeitava orgulhosamente todas as propostas de paz; e, apontando para o sol nascente, declarava aos embaixadores romanos que só o curso deste astro iria pôr fim às conquistas dos Hunos. No entanto, a deserção dos seus confederados, que foram separadamente convencidos da justiça e liberalidade dos ministros imperiais, obrigou Uldin a passar de novo o Danúbio: a tribo dos Cirros, que formava a sua retaguarda, ficou praticamente exterminada; e muitos milhares de cativos se viram levados dali, a fim de irem cultivar com trabalho servil os campos da Ásia. No meio do triunfo público, Constantinopla foi então protegida por uma sólida cintura de novas e mais extensas muralhas; o mesmo cuidado vigilante tratou de restaurar as fortificações das cidades ilírias; e concebeu-se um judicioso plano que, no

espaço de sete anos, deveria garantir o domínio do Danúbio estabelecendo neste rio uma frota permanente de duzentos e cinquenta navios armados.

A administração de Pulquéria

Os Romanos estavam, porém, desde havia tanto tempo habituados à autoridade de um monarca, que a primeira pessoa, mesmo entre as mulheres da família imperial, que mostrou coragem e capacidade conseguiu ascender ao trono de Teodósio. A sua irmã Pulquéria, que só tinha mais dois anos, recebeu aos dezasseis anos de idade o título de *Augusta*; e embora o seu favor fosse algumas vezes ensombrado pelo capricho ou pela intriga, ela continuou a governar o Império do Oriente ao longo de cerca de quarenta anos, durante a prolongada menoridade do irmão e, após a morte dele, em seu nome e no de Marciano, o seu marido nominal. Escolheu uma vida de celibato por motivos de prudência ou de religião; e, apesar de algumas calúnias sobre a castidade de Pulquéria, esta decisão, que ela fez também perfilhar pelas suas irmãs Arcádia e Marina, foi celebrada pelo mundo cristão como o sublime esforço de uma piedade heróica. As três filhas de Arcádio dedicaram a sua virgindade a Deus na presença do clero e do povo; e a obrigação do seu voto solene ficou inscrita numa tabuinha de ouro e pedras preciosas que elas ofertaram publicamente na magnífica igreja de Constantinopla. O palácio transformou-se em mosteiro, e todos os homens — exceptuando os directores espirituais, os santos que tinham esquecido a diferença dos sexos — ficaram escrupulosamente proibidos de transpor a soleira sagrada. Pulquéria, as duas irmãs e um séquito escolhido de donzelas favoritas formaram uma comunidade religiosa: renunciaram às vaidades do vestuário, interrompiam com frequentes jejuns a sua simples e frugal dieta, dedicavam uma parte do tempo a fazer bordados e passavam várias horas do dia e da noite a rezar e a recitar salmos. À piedade de uma virgem cristã aliava-se o zelo e a liberalidade de uma imperatriz. A história eclesiástica descreve as esplêndidas igrejas que foram construídas a expensas de Pulquéria em todas as províncias do Oriente, as suas fundações de caridade em benefício dos estrangeiros e dos pobres, os vultuosos donativos que ela fazia para a manutenção perpétua das ordens monásticas e a enérgica severidade com que se esforçou por debelar as heresias opostas

de Nestório e Êutiques. Estas virtudes pareciam merecer o favor especial da Divindade; e o lugar das relíquias dos mártires, bem como o conhecimento de acontecimentos futuros, foram comunicados em visões e revelações à santa imperial(*). A devoção de Pulquéria nunca desviou, porém, a sua incansável atenção aos assuntos temporais; e ela parece ter sido a única, entre todos os descendentes do grande Teodósio, a herdar uma parte do seu ânimo valoroso e dos seus dotes. O conhecimento fluente e gracioso que adquirira das línguas grega e latina era prontamente aplicado nas várias ocasiões em que devia discursar ou escrever sobre os negócios públicos; as suas deliberações eram maduramente ponderadas; os seus actos mostravam-se sempre prontos e decisivos; enquanto movia, sem ruído nem ostentação, as engrenagens do governo, atribuía discretamente ao génio do imperador a longa tranquilidade do seu reinado. Nos últimos anos da sua plácida existência, a Europa foi, verdade se diga, flagelada pelos exércitos de Átila; mas as vastas províncias da Ásia continuavam a usufruir de uma profunda e permanente calma. Teodósio II nunca se viu na triste necessidade de enfrentar e castigar um súbdito rebelde; e já que não podemos aplaudir o vigor da administração de Pulquéria, elogiemos pelo menos a sua brandura e prosperidade.

O mundo romano estava profundamente interessado na educação do seu senhor. Traçou-se judiciosamente um plano bem ordenado de estudos e exercícios; exercícios militares de equitação e tiro ao arco; estudos liberais de gramática, retórica e filosofia; os mais hábeis mestres do Oriente solicitavam pressurosamente a atenção do seu régio aluno, e vários jovens nobres foram admitidos no palácio para animar a diligência dele com a emulação da sua amizade. Só Pulquéria se encarregava da importante tarefa de iniciar o irmão nas artes do governo; mas os seus preceitos permitem-nos pôr em dúvida a extensão das suas capacidades ou a pureza das suas intenções. Ensinou-o a manter um porte grave e majestoso; a andar, a envergar o manto e a sentar-se no trono com modos dignos de um grande príncipe; a abster-se de rir, a escutar condescendentemente e a dar respostas adequadas; a adoptar sucessivamente um ar sério ou benevolente; a representar, em suma, com graça e dignidade, a aparência exterior de um imperador romano. Teodósio nunca foi, porém, incitado a arcar com o peso e a glória de um nome ilustre; e, em vez de aspirar a imitar os seus antepassados, degenerou (se é que podemos abalançar-nos a medir os graus de incapacidade) ainda abaixo da fraqueza do pai e do tio. Arcádio e

Honório haviam sido ajudados pelo desvelo tutelar de um pai, cujas lições eram reforçadas pela sua autoridade e exemplo. Mas o infeliz príncipe que nasce no trono é obrigado a permanecer surdo à voz da verdade; e o filho de Arcádio estava condenado a viver uma infância perpétua, rodeado tão-só por um séquito servil de mulheres e eunucos. Os prolongados ócios que lhe deixavam o seu afastamento dos deveres essenciais do cargo imperial eram preenchidos com diversões indolentes e estudos inúteis. A caça era a única actividade susceptível de o tentar para lá dos limites do palácio; mas dedicava-se mais assiduamente, por vezes a altas horas da noite, às lides artesanais da pintura e da gravura; e a elegância com que transcrevia os livros religiosos valeu ao imperador romano o singular cognome de *Calígrafo*, ou excelente escritor. Separado do mundo por um véu impenetrável, Teodósio confiava nas pessoas que amava; e amava os que estavam acostumados a divertir e lisonjear a sua indolência; assim, dado nunca ler com atenção os documentos que lhe apresentavam para apor a sua assinatura real, todos os actos de injustiça mais contrários ao seu carácter podiam ser executados em seu nome. O imperador era casto, sóbrio, liberal e compassivo; mas estas qualidades — que apenas merecem o nome de virtudes quando são sustentadas pela coragem e dirigidas pela discrição — raramente se mostraram benéficas e não poucas vezes se tornaram prejudiciais à espécie humana. O seu espírito, debilitado por uma educação régia, foi ainda por cima oprimido e degradado por uma abjecta superstição; ele jejuava, entoava salmos e aceitava cegamente os milagres e as doutrinas com que a sua fé era continuamente alimentada. Teodósio prestava um culto reverente aos santos vivos e mortos da Igreja Católica; e uma vez recusou-se a comer, até um monge insolente, que ousara excomungar o seu soberano, ter condescendido em sarar a ferida espiritual que havia infligido.

As aventuras de Eudóxia

A história de uma bela e virtuosa donzela, elevada de uma condição privada ao trono imperial, poderia passar por um romance inacreditável, caso um tal romance não se tivesse materializado no casamento de Teodósio. A famosa Atenais fora educada pelo seu pai Leônicio na religião e nas ciências dos Gregos; e a opinião do filósofo ateniense sobre os seus

contemporâneos era tão favorável que dividiu o seu património entre os dois filhos, legando à filha uma pequena herança de cem moedas de ouro, confiado em que a beleza e o mérito lhe bastariam. A inveja e a cobiça dos irmãos em breve levaram Atenais a buscar refúgio em Constantinopla, e, movida por alguma esperança de justiça ou favor, a prosternar-se aos pés de Pulquéria. Esta perspicaz princesa escutou as suas eloquentes queixas e destinou secretamente a filha do filósofo Leôncio a tornar-se mulher do imperador do Oriente, que atingira então vinte anos de idade. Despertou facilmente a curiosidade do irmão esboçando um atraente retrato dos encantos de Atenais: olhos grandes, nariz bem proporcionado, tez clara, cabelo louro, figura esbelta, porte gracioso, espírito cultivado pelo estudo e uma virtude enrijada pelo infortúnio. Teodósio, escondido atrás de uma cortina nos aposentos da irmã, obteve licença para observar a virgem ateniense; o modesto jovem declarou-lhe imediatamente o seu puro e honroso amor, e as núpcias reais celebraram-se no meio das aclamações da capital e das províncias. Atenais, que aceitou sem custo renunciar aos erros do paganismo, recebeu juntamente com o baptismo o nome cristão de Eudóxia; no entanto, a cautelosa Pulquéria só concedeu o título de *Augusta* à mulher de Teodósio depois de ela provar a sua fecundidade com o nascimento de uma filha que desposou, quinze anos mais tarde, o imperador do Ocidente. Os irmãos de Eudóxia obedeceram com certo receio ao seu chamamento imperial; mas como não lhe era difícil perdoar-lhes a bem-ditosa rudeza, ela deu largas à ternura ou talvez à vaidade de irmã, elevando-os ao cargo de cônsules e de prefeitos. Rodeada pelo luxo do palácio, continuou a cultivar os dons que tinham contribuído para a sua grandeza e dedicou sabiamente as suas artes ao enaltecimento da religião e do marido. Eudóxia compôs uma paráfrase poética dos primeiros oito livros do Velho Testamento e das profecias de Daniel e Zacarias; um centão dos versos de Homero, aplicado à vida e aos milagres de Cristo; a lenda de São Cipriano e um panegírico das vitórias de Teodósio sobre os Persas; e os seus escritos, que mereceram o aplauso de uma época servil e supersticiosa, não foram desdenhados pela franqueza de uma crítica imparcial. O afecto do imperador não se desvaneceu com o tempo e a posse; e Eudóxia, após o casamento da filha, recebeu autorização para cumprir o seu voto de agradecimento por meio de uma solene peregrinação a Jerusalém. A sua faustosa viagem através do Oriente pode parecer contraditória com o espírito de humildade cristã; ela pronunciou, do alto de um trono de ouro e

pedras preciosas, um eloquente discurso ao Senado de Antioquia, declarou a sua régia intenção de alargar o recinto da cidade, fez um donativo de duzentas libras em ouro para restauração dos banhos públicos e aceitou as estátuas que foram decretadas pela gratidão de Antioquia. Na Terra Santa, as suas esmolas e piedosas fundações superaram a munificência de Helena, *a Grande*, e embora o tesouro público possa ter ficado empobrecido por esta excessiva prodigalidade, ela sentiu a íntima satisfação de regressar a Constantinopla com as correntes de São Pedro, o braço direito de Santo Estêvão e o autêntico retrato da Virgem pintado por São Lucas. Esta peregrinação assinalou, porém, o termo fatal das glórias de Eudóxia. Farta de uma pompa vazia e talvez esquecida das suas obrigações para com Pulquéria, ela aspirou ambiciosamente ao governo do Império do Oriente; o palácio foi agitado por uma discórdia feminina, mas a vitória veio a ser decidida pelo ascendente da irmã de Teodósio. A execução de Paulino, mestre dos ofícios, e o desvalimento de Ciro, prefeito do pretório do Oriente, convenceu o público que o favor de Eudóxia não bastava para proteger os seus mais fiéis amigos; e a invulgar beleza de Paulino fez propalar o secreto rumor de que o seu crime era o de um amante bem-sucedido. Mal a imperatriz se deu conta de que perdera irremediavelmente a afeição de Teodósio, pediu logo que a deixassem retirar-se para a distante solidão de Jerusalém. Deram-lhe autorização, mas o ciúme de Teodósio ou o espírito vingativo de Pulquéria perseguiram-na no seu último refúgio; e Saturnino, conde dos domésticos, recebeu instruções para tirar a vida a dois eclesiásticos que eram os servidores predilectos de Eudóxia. Ela vingou-os logo a seguir, mandando assassinar o conde; a furiosa paixão de que deu provas nesta suspeita ocasião parece justificar a severidade de Teodósio; e a imperatriz, ignominiosamente despojada das honras da sua posição, ficou desacreditada, talvez injustamente, aos olhos do mundo. Eudóxia passou o resto da vida, cerca de dezasseis anos, no exílio, entregue à devoção; e a aproximação da velhice, a morte de Teodósio, os infortúnios da sua filha única, levada cativa de Roma para Cartago, bem como a convivência dos santos monges da Palestina, confirmaram o pendor religioso do seu espírito. Depois de uma experiência plena das vicissitudes da vida humana, a filha do filósofo Leôncio expirou em Jerusalém, aos sessenta e sete anos, jurando até ao último suspiro que nunca passara as marcas da inocência e da amizade.

Uma guerra inconsequente com a Pérsia levou a uma paz de oitenta anos. A Arménia foi dividida entre os Persas e os Romanos.

Capítulo 33

Invasão de África pelos Vândalos. Santo Agostinho e o cerco de Hipona. Saque de Cartago. Fábula dos Sete Adormecidos

Honório morreu de hidropisia em 423. Sucedeu-lhe na eventualidade Valentiniano III, o filho de seis anos de Gala Placídia e do general Constante (que ela desposara após a morte de Adolfo), e primo de Teodósio II. Placídia reinou durante vinte e cinco anos em nome do filho. Os seus exércitos foram comandados por Aécio e Bonifácio, que Gibbon descreve como «os últimos dos Romanos». Depois de Aedo ter conspirado para o desacreditar aos olhos de Placídia, Bonifácio apressou-se a propor uma aliança aos Vândalos, em Espanha, e convidou-os a estabelecerem-se em África. Este convite, que Bonifácio lamentou tarde de mais, foi aceite pelo feroz rei dos Vândalos, Genserico.

Invasão de África pelos Vândalos

A longa e estreita faixa da costa africana estava coberta de monumentos da arte e da magnificência romana; e o grau de evolução de cada zona podia ser exactamente calculado pela distância a que estava de Cartago e do Mediterrâneo. Uma simples reflexão é quanto bastará para nos imbuir da mais clara ideia da fertilidade e da cultura deste território: o campo era

extremamente populoso; os habitantes reservavam abundantes meios de subsistência para o seu uso pessoal; e a exportação anual, especialmente de trigo, era tão regular e avultada, que a África mereceu o nome de celeiro de Roma e do mundo. As sete férteis províncias que iam de Tânger a Trípolis foram subitamente inundadas pela invasão dos Vândalos, cuja raiva destruidora talvez tenha sido exagerada pela animosidade popular, pelo zelo religioso e pela extravagância das declamações. A guerra, mesmo nas suas formas mais leais, implica uma constante violação da humanidade e da justiça; e as hostilidades dos bárbaros são inflamadas pelo espírito desenfreado e feroz que incessantemente perturba, até em tempo de paz, o interior da sua sociedade. Os Vândalos quase nunca davam quartel quando encontravam resistência; e as mortes dos seus valentes compatriotas eram expiadas pela ruína das cidades sob cujas muralhas haviam caído. Indiferentes a distinções de idade, sexo ou categoria social, eles recorriam a todo o tipo de indignidades e torturas para arrancar aos cativos a confissão do sítio onde haviam escondido as suas riquezas. A rígida política de Genserico justificava as suas frequentes execuções militares dadas a título de exemplo; nem sempre dominava as suas próprias paixões ou as dos seus seguidores; e as calamidades da guerra eram agravadas pela selvajaria dos mouros e o fanatismo dos donatistas. Não me deixarei, porém, convencer facilmente de que era prática comum dos Vândalos arrancar as oliveiras e as outras árvores de fruto de um país onde tencionavam instalar-se; tão-pouco me é possível acreditar que eles costumavam utilizar o estratagema de chacinar um grande número de prisioneiros junto às muralhas de uma cidade sitiada, com o único objectivo de infectar o ar e provocar uma pestilência da qual teriam sido as primeiras vítimas(*).

Santo Agostinho e o cerco de Hipona

O espírito generoso do conde Bonifácio era torturado pela extrema aflição de observar a ruína que ele tinha provocado e cujo rápido avanço se sentia incapaz de travar. Depois da sua derrota, retirou-se para Hipo Régio, onde foi imediatamente cercado por um inimigo que o considerava o verdadeiro baluarte de África. A colónia marítima de Hipo ou Hipona, cerca de duzentas milhas a ocidente de Cartago, adquirira outrora o distinto

epíteto de Régio por ter sido a residência dos reis nômadas; e alguns restos do seu comércio e da sua população ainda subsistem na cidade moderna que é conhecida na Europa pela denominação adulterada de Bona. As canseiras militares e as meditações inquietas do conde Bonifácio foram atenuadas pela edificante conversação do seu amigo Santo Agostinho; até que este bispo, luz e sustentáculo da Igreja Católica, se libertou docemente pela morte, no terceiro mês do cerco e aos sessenta e seis anos de idade, das presentes e futuras calamidades do seu país. A juventude de Agostinho fora maculada por vícios e erros que ele tão candidamente confessou; no entanto, desde a conversão até à morte, o bispo de Hipona deu sempre provas de costumes puros e austeros, e a mais notável das suas virtudes consistia num fervoroso zelo contra os heréticos de todas as castas — os maniqueus, os donatistas e os pelagianos, contra os quais travou uma permanente controvérsia. Quando, alguns meses depois da sua morte, os Vândalos incendiaram a cidade, pôde salvar-se afortunadamente a biblioteca que continha os seus volumosos escritos — duzentos e trinta e dois livros avulsos ou tratados sobre questões teológicas, além de uma explicação completa dos salmos e dos Evangelhos e de um abundante acervo de epístolas e homilias. Segundo o juízo dos críticos mais imparciais, a erudição superficial de Agostinho limitava-se ao conhecimento da língua latina(*); e o seu estilo, apesar de algumas vezes animado pela eloquência da paixão, é, regra geral, ensombrado por uma falsa e afectada retórica. Possuía, no entanto, um espírito vigoroso, vasto e dotado de um grande poder de argumentação; ele sondou ousadamente os abismos obscuros da graça, da predestinação, do livre-arbítrio e do pecado original; e o rígido sistema de cristianismo que elaborou ou restaurou foi aceite com público aplauso e uma secreta relutância pela Igreja latina(*)

Por sagacidade de Bonifácio, ou talvez por ignorância dos Vândalos, o cerco de Hipona arrastou-se durante mais de catorze meses; o acesso ao mar continuava livre; e quando os arredores ficaram exauridos por uma rapina imoderada, os próprios sitiados viram-se forçados a abandonar a sua empresa devido à fome. A regente do Ocidente sentiu profundamente a importância e o perigo de África. Placídia implorou a ajuda do seu aliado oriental; e a armada e o exército italianos foram reforçados por Aspar, que zarpou de Constantinopla com um poderoso armamento. Assim que a força dos dois impérios se uniu sob o comando de Bonifácio, ele marchou audazmente contra os Vândalos; e a perda de uma segunda batalha decidiu

irremediavelmente o destino de África. Bonifácio embarcou com a precipitação do desespero; e o povo de Hipona, com as suas famílias e pertences, obteve licença para ocupar o lugar deixado vago pelos soldados, cuja maior parte havia sido assassinada ou aprisionada pelos Vândalos. O conde, cuja fatal credulidade abrira uma ferida incurável na República, entrou certamente no palácio de Ravena com alguma ansiedade que o sorriso de Placídia depressa dissipou. Bonifácio aceitou, cheio de gratidão, o estado de patrício e a dignidade de comandante supremo dos exércitos romanos; deve, contudo, ter corado ao ver as medalhas que o representavam com o nome e os atributos da vitória. A descoberta da sua traição, o descontentamento da imperatriz e o distinto favor outorgado ao rival exasperaram a índole altiva e pérfida de Aécio. Regressou a toda a pressa da Gália a Itália com um séquito, ou melhor, um exército de sequazes bárbaros; e tal era a fraqueza do governo que os dois generais decidiram a sua querela pessoal numa batalha sangrenta. Bonifácio saiu vitorioso; mas foi mortalmente atingido em plena peleja pela lança do seu adversário e veio a expirar poucos dias depois, imbuído de sentimentos tão cristãos e piedosos que exortou a própria mulher, uma rica herdeira de Espanha, a aceitar Aécio como segundo marido. Mas Aécio não pôde tirar proveito imediato da generosidade do seu inimigo agonizante; foi considerado rebelde pela justiça de Placídia e, embora tentasse defender-se nas sólidas fortalezas erguidas nos seus domínios, o poder imperial obrigou-o, ao fim de pouco tempo, a retirar-se para a Panónia, em busca das tendas dos seus fiéis hunos. A República viu-se privada dos serviços dos seus dois mais ilustres paladinos por causa da discórdia que os atirou um contra o outro.

O saque de Cartago

Poder-se-ia naturalmente esperar que, após a retirada de Bonifácio, os Vândalos concluíssem sem resistência nem demora a conquista de África. No entanto, oito anos passaram desde a evacuação de Hipona até à sujeição de Cartago. Neste intervalo, o ambicioso Genserico, no apogeu de uma aparente prosperidade, negociou um tratado de paz pelo qual entregou o seu filho Hunerico como refém e consentiu em deixar o imperador do Ocidente na tranquila posse das três Mauritânias. Esta moderação, impossível de

atribuir à justiça do conquistador, deve ser imputada à sua política. O seu trono estava rodeado de inimigos internos que acusavam a baixeza do seu nascimento e reconheciam os legítimos direitos dos seus sobrinhos, os filhos de Gonderico. Ele sacrificou então a vida destes sobrinhos à sua segurança; e a mãe deles, a viúva do falecido rei, foi atirada por sua ordem às águas do rio Ampsaga. O desagrado público eclodiu, porém, em perigosas e frequentes conspirações; e supõe-se que o belicoso tirano derramou mais sangue vândalo pela mão do carrasco que no campo de batalha. As conturbações da África, que haviam favorecido o seu ataque, obstavam agora ao sólido estabelecimento do seu poder; e as várias revoltas dos mouros e dos germanos, dos donatistas e dos católicos perturbavam ou ameaçavam incessantemente o reino instável do conquistador. No seu avanço em direcção a Cartago, ele viu-se forçado a retirar as suas tropas das províncias ocidentais; a costa marítima ficou exposta aos ataques dos romanos de Espanha e de Itália; e, no coração da Numídia, a poderosa cidade interior de Cirta persistia numa obstinada independência. Estas dificuldades foram sendo gradualmente vencidas pela valentia, a perseverança e a crueldade de Genserico, que usava alternadamente as artes da paz e as da guerra para o estabelecimento do seu reino africano. Ele assinou um tratado solene, na mira de beneficiar do tempo da sua duração e do instante em que poderia violá-lo. A vigilância dos inimigos adormeceu face aos protestos de amizade que dissimulavam a sua hostil aproximação; e Cartago foi finalmente surpreendida pelos Vândalos, quinhentos e oitenta e cinco anos depois da destruição da cidade e da República por Cipião Emiliano, cognominado o Segundo Africano.

Uma nova cidade renascera das cinzas, com o título de colónia; e embora Cartago não pudesse competir com as prerrogativas reais de Constantinopla, nem talvez com o comércio de Alexandria ou o esplendor de Antioquia, ainda era considerada a segunda cidade do Ocidente, sob o título (se é que podemos servir-nos do estilo dos coevos) de «Roma do mundo africano». Esta rica e opulenta metrópole apresentava, numa condição de dependência, a imagem de uma república florescente. Cartago continha as manufacturas, as armas e os tesouros de seis províncias. Uma subordinação regular de honras civis ascendia gradualmente dos comissários das ruas e dos bairros da cidade até ao tribunal do supremo magistrado que, com o título de procônsul, desfrutava da categoria e da dignidade de um cônsul da antiga Roma. Escolas e ginásios proviam à

educação da juventude africana; e as artes liberais, gramática, retórica e filosofia, eram publicamente ensinadas nas línguas grega e latina. Os edifícios de Cartago distinguiam-se pela sua uniformidade e esplendor: um bosque frondoso estava plantado no centro da capital; o novo porto, um seguro e amplo ancoradouro, facilitava a actividade comercial dos cidadãos e dos estrangeiros; e os aparatosos jogos de circo e representações teatrais eram exibidos quase na presença dos bárbaros. A reputação dos Cartagineses não igualava a do seu país, e a censura da fé púnica ainda se adequava ao seu carácter subtil e dúplice. Os hábitos do comércio e o abuso do luxo tinham-lhes corrompido os costumes; no entanto, o seu ímpio desprezo pelos monges e a vergonhosa prática de actos contranaturais são as duas abominações que suscitam a piedosa veemência de Salviano, o pregador da época(*). O rei dos Vândalos reprimiu severamente os vícios de um povo voluptuoso; e a antiga, nobre e franca liberdade de Cartago (estas expressões de Victor respiram energia) foi reduzida por Genserico ao estado de ignominiosa servidão. Depois de ter permitido que as suas desregradas tropas dessem largas à fúria e à cobiça, instituiu um sistema mais organizado de rapina e opressão. Foi promulgado um edicto que obrigava todas as pessoas a entregar, sem fraude ou demora, todo o seu ouro, prata, jóias e os móveis ou trajes valiosos aos funcionários régios; e a tentativa de esconder a mínima parte do património pessoal era inexoravelmente punida com a morte e a tortura, por crime de traição contra o Estado. As terras da província proconsular que formava o distrito contíguo de Cartago foram cuidadosamente medidas e repartidas entre os bárbaros; e o conquistador reservou para o seu domínio privado o fértil território de Bizácio e as partes vizinhas da Numídia e da Getúlia.

Era bastante natural que Genserico odiasse os que injuriara; a nobreza e os senadores de Cartago estavam expostos às suas suspeitas e ao seu ressentimento; e todos os que recusaram as condições aviltantes que a sua honra e religião os proibia de aceitar foram obrigados pelo tirano ariano a sofrer um exílio perpétuo. Roma, Itália e as províncias do Oriente encheram-se de uma multidão de exilados, fugitivos e inocentes cativos que solicitavam a compaixão pública; e as benevolentes epístolas de Teodoreto ainda preservam os nomes e infortúnios de Celestiano e Maria. O bispo sírio lamenta os infortúnios de Celestiano, dantes um nobre e opulento senador de Cartago, que se via agora reduzido, em companhia da mulher, dos filhos e dos servos, a mendigar o pão num país estrangeiro; ele aplaude,

contudo, a resignação deste exilado cristão e o seu temperamento filosófico que, sob a pressão de tais calamidades, lhe permitia gozar de uma felicidade mais verdadeira do que geralmente se alcança no seio da riqueza e da prosperidade. A história de Maria, filha do magnífico Eudémon, é curiosa e interessante. Durante o saque de Cartago, foi comprada aos Vândalos por uns mercadores da Síria, que depois a venderam como escrava na sua terra natal. Uma criada, transportada no mesmo navio e vendida à mesma família, continuava a respeitar uma ama cujo destino a condenara à sorte comum da servidão; e a filha de Eudémon recebeu do seu grato afecto os cuidados domésticos que antigamente pedia à sua obediência. Este comportamento notável deu a conhecer a verdadeira posição social de Maria, que, estando ausente o bispo de Cirro, foi libertada da escravidão pela generosidade de alguns soldados da guarnição. A liberalidade de Teodoreto acudiu à sua satisfatória manutenção; e ela passou dez meses entre as diaconisas da igreja, até receber a inesperada notícia de que o pai, escapado à destruição de Cartago, exercia um emprego honroso numa das províncias do Ocidente. O piedoso bispo apoiou a sua impaciência filial, e, numa carta ainda existente, Teodoreto recomenda Maria ao bispo de Egeias, uma cidade costeira da Cilícia frequentada durante a feira anual pelos navios do Ocidente, pedindo encarecidamente ao confrade que trate a donzela com as atenções devidas ao seu nascimento; e que a confie aos cuidados de mercadores cuja probidade os leve a achar sobejamente lucrativo devolver uma filha, perdida para lá de toda a esperança humana, aos braços do seu aflito pai.

A fábula dos Sete Adormecidos

Entre as insípidas lendas da história eclesiástica, sinto-me tentado a distinguir a memorável fábula dos sete adormecidos, cuja data imaginária corresponde ao reinado de Teodósio II e à conquista de África pelos Vândalos. Quando o imperador Décio perseguiu os cristãos, sete jovens nobres de Éfeso esconderam-se numa espaçosa caverna escavada na vertente de uma montanha vizinha; nela foram condenados a morrer pelo tirano, que deu ordens para que se tapasse solidamente a entrada com um monte de pedras enormes. Eles caíram sem demora num sono profundo que

se prolongou milagrosamente, sem lhes afectar os princípios da vida, por um período de cento e oitenta e sete anos. Ao fim deste tempo, os escravos de Adólio, a quem tinha calhado a montanha em herança, removeram as pedras a fim de arranjar material para a construção de algum edifício rústico; a luz do sol penetrou na caverna e os sete adormecidos tiveram ensejo de acordar. Após um sono que julgavam ter durado apenas umas horas, sentiram o apelo da fome e decidiram que Jâmblico, um dos sete, regressasse secretamente à cidade e comprasse pão para os companheiros. O jovem (se é que podemos chamar-lhe assim) não reconheceu o outrora familiar aspecto da sua terra natal; e a surpresa aumentou ao ver uma enorme cruz triunfantemente erguida sobre a porta principal de Éfeso. As suas estranhas vestes e a sua linguagem obsoleta desconcertaram o padeiro, a quem ele entregou uma antiga medalha de Décio como sendo a moeda corrente no império; e Jâmblico foi levado à presença do juiz, sob suspeita de ter encontrado um tesouro. As suas mútuas perguntas conduziram à espantosa descoberta de que já quase dois séculos tinham passado desde que Jâmblico e os amigos haviam escapado à raiva de um tirano pagão. O bispo de Éfeso, o clero, os magistrados, o povo e, segundo consta, o próprio imperador Teodósio apressaram-se a visitar a caverna dos sete adormecidos, que lhes deram a bênção, contaram a sua história e expiraram tranquilamente logo a seguir. Não se pode atribuir a origem desta maravilhosa fábula à fraude piedosa e à credulidade dos Gregos modernos, dado os traços desta tradição genuína ainda serem discerníveis meio século depois do suposto milagre. Jaime de Sarug, um bispo sírio que nasceu apenas dois anos após a morte de Teodósio II, dedicou uma das suas duzentas e trinta homilias ao elogio dos jovens de Éfeso. Antes do final do século VI, a sua lenda foi traduzida do siríaco para o latim pela mão de Gregório de Tours. As comunidades adversas do Oriente preservam a memória deles com a mesma veneração; e os seus nomes estão honrosamente inscritos nos calendários romano, abissínio e russo. A sua reputação, aliás, não se limitou ao mundo cristão. Este conto popular, que Maomé deve ter ouvido quando conduzia os seus camelos para as feiras da Síria, é apresentado como uma revelação divina no Alcorão(*). A história dos sete adormecidos foi adoptada e embelezada pelas nações, desde Bengala a África, que professam a religião maometana; e descobriram-se alguns vestígios de uma tradição idêntica nos mais remotos confins da Escandinávia(**). Esta crença simples e universal, tão expressiva do sentir

da humanidade, pode atribuir-se ao mérito intrínseco da própria fábula. Passamos imperceptivelmente da juventude à velhice sem observar a mudança gradual, mas contínua, das coisas humanas; e até mesmo na nossa mais vasta experiência da História, a imaginação está acostumada, mediante uma infinda sequência de causas e efeitos, a ligar as mais afastadas transformações. No entanto, se alguém pudesse eliminar num ápice o intervalo entre duas épocas memoráveis; se fosse possível, após um sono momentâneo de duzentos anos, expor o *novo* mundo aos olhos de um espectador que ainda conservasse uma viva e recente impressão do *antigo*, a sua surpresa e as suas reflexões forneceria um tema interessante para um romance filosófico. A cena não podia ter sido mais vantajosamente situada do que nos dois séculos decorridos entre os reinados de Décio e de Teodósio II. Durante este período, a sede do governo fora transferida de Roma para uma nova cidade nas margens do Bósforo da Trácia; e o abuso do espírito militar desaparecera perante um sistema artificial de obediência dócil e servil. O trono do perseguidor Décio vinha sendo ocupado por uma sucessão de príncipes cristãos e ortodoxos que haviam aniquilado os deuses fabulosos da Antiguidade; e a devoção pública desses tempos estava impaciente por elevar os santos e mártires da Igreja Católica aos altares de Diana e de Hércules. A união do Império Romano dissolvera-se e o seu génio rojava-se no pó; e exércitos de bárbaros desconhecidos, vindos das regiões geladas do Norte, tinham estabelecido o seu reinado vitorioso sobre as mais belas províncias da Europa e de África.

O FIM DO IMPÉRIO NO OCIDENTE

Capítulo 35

Invasão da Gália e de Itália por Átila. Fundação de Veneza. Morte de Átila e destruição do seu Império. Assassínio de Aécio e morte de Valentiniano III. Sintomas de decadência no Império Romano do Ocidente

O surto das invasões dos Godos e povos aparentados tinha sido acelerado pela pressão dos Hunos na sua retaguarda. No Capítulo 34, Gibbon descreve o primeiro surgimento de Átila e o estabelecimento dos Hunos na moderna Hungria. Entre 430 e 440, a Pérsia fora invadida, e, em 466, Átila, depois de ter devastado a Europa até Constantinopla, assinou um tratado com o Império do Oriente. Teodósio II morreu em 450 e sucedeu-lhe, no Império do Oriente, a sua irmã Pulquéria, que se tornou assim a primeira mulher a governar os Romanos. Não tardou, contudo, a desposar um senador, Marciano, que foi igualmente investido da púrpura imperial.

Entretanto, Átila, o rei dos Hunos, preparava-se para invadir a Gália. Aqui, Teodorico, filho de Alarico, tornara-se rei dos Visigodos por morte de

Vália. Aécio, que mantivera anteriormente uma aliança com os Hunos, aliava agora os Romanos aos Godos. Em 451, Átila invadiu a Gália e cercou Orleães. Aécio e Teodorico marcharam em seu auxílio.

A invasão da Gália por Átila

A facilidade com que Átila penetrara no coração da Gália tanto pode ser atribuída à sua insidiosa política como ao terror infundido pelas suas armas. As suas declarações públicas eram habilmente suavizadas por meio de promessas particulares; ele lisonjeava e ameaçava alternadamente os Romanos e os Godos; e as cortes de Ravena e Tolosa, que alimentavam mútuas suspeitas sobre as suas respectivas intenções, encaravam com mole indiferença a aproximação do inimigo comum. Aécio era o único guardião da segurança pública; mas as suas mais sábias medidas eram estorvadas por uma facção que, desde a morte de Placídia, infestava o palácio imperial: a juventude de Itália estremecia ao simples som da trombeta; e os bárbaros, que por medo ou simpatia pendiam para a causa de Átila, aguardavam com uma fidelidade duvidosa e venal o desfecho da guerra. O patrício atravessou os Alpes à cabeça de tropas cuja força e número só muito a custo mereciam o nome de exército. No entanto, ao chegar a Arles ou Lião, ficou desconcertado ao saber que os Visigodos, recusando aderir à defesa da Gália, tinham resolvido aguardar nos seus próprios territórios o temível invasor a quem diziam desprezar. O senador Avito, que após o honroso desempenho da prefeitura do pretório se retirara para as suas propriedades na Alvéria, foi convencido a aceitar a importante embaixada, a qual levou a cabo com aptidão e êxito. Alegou a Teodorico que um conquistador ambicioso, que aspirava ao domínio do mundo, somente poderia ser sustido pela firme e unânime aliança dos poderes que ele se esforçava por esmagar. A enérgica eloquência de Avito exaltou os guerreiros godos com a descrição dos males que os seus antepassados haviam sofrido às mãos dos Hunos, cuja fúria implacável ainda os perseguia do Danúbio ao sopé dos Pirenéus. Repetiu incansavelmente que todos os cristãos tinham o dever de salvar as igrejas de Deus e as relíquias dos santos de tão sacrílegas violações; que era do interesse de todos os bárbaros que se haviam instalado na Gália defender os campos e os vinhedos, cultivados para seu uso, contra a depredação dos

pastores citas. Teodorico rendeu-se à evidência da verdade, adoptou as medidas mais prudentes e honrosas e declarou que, como fiel aliado de Aécio e dos Romanos, estava disposto a arriscar a sua vida e o seu reino pela segurança geral da Gália. Os Visigodos, que nessa altura se encontravam no auge da fama e do poder, obedeceram alegremente ao sinal de guerra, prepararam as armas e os cavalos e reuniram-se sob o estandarte do seu idoso rei que decidira, acompanhado pelos dois filhos mais velhos, Torismundo e Teodorico, comandar em pessoa o seu numeroso e valente povo. O exemplo dos Godos determinou a atitude de várias tribos ou nações que pareciam hesitar entre os Hunos e os Romanos. A incansável diligência do patrício reuniu aos poucos as tropas da Gália e da Germânia que a princípio se reconheciam como súbditos ou soldados da República, mas reivindicavam agora as recompensas do serviço voluntário e a categoria de aliados independentes; os Letos, os Armoricanos, os Bréones, os Saxões, os Burgúndios, os Sármatas ou Alanos, os Ripuários e os Francos que obedeciam a Meroveu como seu legítimo príncipe. Tal era o variegado exército que, sob a chefia de Aécio e Teodorico, avançava em marchas forçadas para libertar Orleães e enfrentar as inumeráveis hostes de Átila.

Ao vê-los chegar, o rei dos Hunos levantou imediatamente o cerco e fez soar o toque de retirada para chamar a maior parte das suas tropas que estavam a pilhar uma cidade vizinha onde já tinham penetrado. O valor de Átila era sempre guiado pela prudência; e ao prever as consequências fatais de uma derrota no coração da Gália, atravessou de novo o Sena e esperou o inimigo nas planícies de Châlons, cujo chão raso e liso se adaptava às operações da sua cavalaria cita. Mas, nesta tumultuosa retirada, a vanguarda dos Romanos e dos aliados acossava continuamente e por vezes dava batalha às tropas que Átila colocara na retaguarda; na escuridão da noite e no emaranhamento dos caminhos, as colunas inimigas defrontavam-se não raro sem objectivo; e o sangrento conflito entre Francos e Gépidas, que resultou no morticínio de quinze mil bárbaros, constituiu o prelúdio de uma acção mais geral e decisiva. Os Campos Cataláunicos estendiam-se em redor de Châlons e, segundo o vago cálculo de Jornandes, mediam cento e cinquenta milhas de comprimento e cem milhas de largura, englobando a província que é hoje conhecida pelo nome de Champanha. Esta vasta planície apresentava, contudo, algumas irregularidades de terreno; e a importância de uma elevação que dominava o acampamento de Átila foi compreendida e disputada pelos dois generais. O jovem e valente

Torismundo, antes de mais ninguém, ocupou o topo; os Godos repeliram com ímpeto irresistível os Hunos, que se esforçavam por escalar o lado oposto; e a posse desta vantajosa posição insuflou uma fundada certeza de vitória nas tropas e nos seus chefes. A ansiedade de Átila levou-o a consultar os sacerdotes e arúspices. Consta que, depois de examinarem as entranhas e rasparem os ossos das vítimas, eles lhe anunciaram, numa linguagem misteriosa, a sua própria derrota acompanhada da morte do seu principal adversário; e que o bárbaro, ao aceitar a contrapartida, exprimiu a sua estima involuntária pelo mérito superior de Aécio. No entanto, o invulgar desalento que parecia prevalecer entre os Hunos levou Átila a servir-se do expediente, tão familiar aos generais da Antiguidade, que consistia em animar as tropas com uma arenga militar; e a sua linguagem foi a de um rei que lutara e vencera muitas vezes à frente deles. Incitou-as a que tomassem em consideração a glória passada, o perigo actual e as esperanças futuras. A mesma fortuna que abrira os desertos e os pântanos da Cítia ao seu valor quase desarmado, que prostrara tantas nações belicosas aos seus pés, reservava as alegrias desta memorável jornada à consumação das suas vitórias. Ele descreveu arditamente os passos cautelosos dos inimigos, a sua estreita aliança e as suas posições vantajosas, não como o efeito da prudência, mas do medo. Só os Visigodos constituíram a força e a fibra do exército adversário; e os Hunos poderiam esmagar sem custo os degenerados Romanos, cuja compacta e cerrada ordem denunciava as suas apreensões, e que eram ainda por cima incapazes de aguentar os perigos e as fadigas de um dia de batalha. A doutrina da predestinação, tão favorável à virtude marcial, foi cuidadosamente inculcada pelo rei dos Hunos, o qual garantiu aos súbditos que os guerreiros, protegidos pelo céu, ficavam seguros e invulneráveis no meio das setas do inimigo; mas que o destino infalível atingiria as suas vítimas no seio de uma paz vergonhosa. «Eu próprio», continua Átila, «lançarei o primeiro dardo, e o cobarde que se recusar a seguir o exemplo do soberano está condenado a uma morte inevitável.» O espírito dos bárbaros foi reanimado pela presença, a voz e a atitude do seu corajoso chefe; e Átila, cedendo à impaciência deles, logo os alinhou em ordem de combate. Ocupou pessoalmente o centro da formação, à cabeça dos seus bravos e fiéis hunos. As nações sujeitas ao seu império, os Rúgios, os Hérulos, os Turíngios, os Francos, os Burgúndios, foram, por seu lado, espalhados pela vastidão dos Campos Cataláunicos; a ala direita era comandada por

Ardarico, rei dos Gépidas; e os três valentes irmãos que reinavam sobre os Ostrogodos foram colocados na esquerda para se oporem às tribos, com eles aparentadas, dos Visigodos. A disposição dos aliados obedeceu a um princípio diferente. Sangiban, o infiel rei dos Alanos, foi postado no centro, onde os seus movimentos podiam ser observados de perto, e a sua traição punida sem demora. Aécio assumiu o comando da ala esquerda, e Teodorico o da ala direita, enquanto Torismundo continuava a ocupar as alturas que deviam estender-se sobre o flanco e talvez até à retaguarda do exército cita. Todas as nações, do Volga ao Atlântico, estavam reunidas na planície de Châlons, mas muitas destas nações tinham sido divididas pela facção, a conquista ou as migrações; e o aspecto das armas e das insígnias semelhantes, que se ameaçavam entre si, ofereciam a imagem de uma guerra civil.

A disciplina e a tática dos Gregos e dos Romanos constituem um aspecto interessante dos seus costumes nacionais. O estudo atento das operações militares de Xenofonte, de César ou de Frederico, sempre que descritas pelo mesmo génio que as concebeu e executou, pode tender a melhorar (se é que pode desejar-se tal melhoria) a arte de destruir a espécie humana. No entanto, a Batalha de Châlons(*) só pode despertar a nossa curiosidade pela grandeza do objecto, pois foi decidida pelo ímpeto cego dos bárbaros e relatada por escritores parciais, cuja profissão civil ou eclesiástica os arredava do conhecimento de temas militares. Todavia, Cassiodoro conversara familiarmente com muitos guerreiros godos que tinham participado nesta memorável batalha; «um conflito», segundo o informaram, «feroz, renhido, encarniçado e sangrento; sem paralelo na época presente ou nas pretéritas». O número de mortos ascendeu a cento e sessenta e dois mil ou, segundo um outro testemunho, a trezentos mil; e estes inacreditáveis exageros pressupõem uma grande e efectiva perda, apta a justificar a observação de um historiador segundo o qual gerações inteiras podem ser tragadas pela loucura dos soberanos no espaço de uma hora. Após os mútuos e repetidos disparos de armas de arremesso, em que os arqueiros da Cítia deram provas da sua superior destreza, a cavalaria e a infantaria dos dois exércitos engalfinharam-se furiosamente num combate corpo a corpo. Os Hunos, que lutavam sob o olhar do seu rei, infiltraram-se no frágil e vacilante centro dos aliados, separaram as duas alas e, rodando em rápida investida para a esquerda, dirigiram toda a sua força contra os Visigodos. Quando Teodorico galopava ao longo das fileiras para animar as

suas tropas, um dardo lançado por Andages, um nobre ostrogodo, feriu-o de morte e fê-lo cair imediatamente do cavalo. O rei agonizante foi atropelado pela desordem geral e espezinhado pela sua própria cavalaria; e esta morte notória veio dar fundamento à ambígua profecia dos arúspices. Átila já exultava, confiante na vitória, quando o valente Torismundo desceu do monte e concretizou o resto da predição. Os Visigodos, que tinham sido postos em desordem pela fuga ou deserção dos Alanos, retomaram aos poucos a sua ordem de batalha; e os Hunos foram claramente vencidos, na medida em que Átila se viu forçado a retirar-se. Ele expusera a sua pessoa com a temeridade de um soldado raso, mas as intrépidas tropas do centro tinham avançado muito para lá do resto da linha; este ataque, fracamente apoiado, pôs os flancos a descoberto; e só o cair da noite salvou os conquistadores da Cítia e da Germânia de uma derrota total. Retiraram-se para o interior do círculo de carroças que fortificavam o acampamento; e os esquadrões apeados prepararam-se para uma defesa à qual não se adaptavam as suas armas nem o seu temperamento. O desfecho mostrava-se incerto, mas Átila garantira um último e honroso discurso. Mandou amontoar numa pira fúnebre todas as selas e os ricos jaezes dos cavalos; e o intrépido bárbaro estava decidido, caso forçassem o seu entrincheiramento, a precipitar-se nas chamas e a privar os inimigos da glória que obteriam com a morte ou o cativo de Átila.

Mas os seus inimigos tinham passado a noite em idêntico alvoroço e ansiedade. A temerária coragem de Torismundo tentou-o a continuar a perseguição até se ver inesperadamente, com alguns acompanhantes, no meio das carroças dos Citas. Na confusão própria de um combate nocturno, foi deitado abaixo do cavalo, e o príncipe godo teria perecido como o pai, se a sua força juvenil e o zelo corajoso dos companheiros o não salvassem desta perigosa situação. Da mesma forma, mas do lado esquerdo da linha, Aécio, separado dos aliados, ignorante da vitória e inquieto sobre o destino deles, defrontou e escapou às tropas inimigas que se encontravam dispersas pela planície de Châlons e atingiu, por fim, o acampamento dos Godos, o qual somente pôde fortificar com uma pequena barreira de escudos até ao romper do dia. O general imperial não tardou a convencer-se da derrota de Átila, que permanecia inactivo no interior da sua trincheira; e, ao contemplar o sangrento cenário da batalha, verificou com uma secreta satisfação que as maiores perdas se tinham dado entre os bárbaros. O corpo de Teodorico, trespassado de honrosos ferimentos, foi descoberto sob um

monte de cadáveres; os súbditos choraram a morte do seu rei e pai, mas as lágrimas misturavam-se com cânticos e aclamações, e as cerimónias fúnebres realizaram-se diante do inimigo vencido. Os Godos entrechocaram as armas e ergueram sobre um escudo o filho mais velho do rei, Torismundo, ao qual justamente atribuíam a glória do triunfo; e o novo monarca aceitou o dever da vingança como uma parte sagrada da herança paterna. No entanto, os próprios Godos ficaram surpreendidos ante o aspecto feroz e indomável do seu bravo antagonista; e o historiador deles comparou Átila a um leão cercado na sua caverna e ameaçando os caçadores com fúria redobrada. Os reis e nações que poderiam ter desertado de sob o seu estandarte neste momento de aflição sentiam que a cólera do seu monarca constituía o perigo mais ameaçador e inevitável. Todos os seus instrumentos de música marcial ressoavam incessantemente num sonoro e animoso sinal de desafio; e as primeiras tropas que avançaram para o assalto foram repelidas ou destruídas por uma chuva de setas lançadas de todos os lados do entrincheiramento. Num conselho geral de guerra, resolveu-se cercar o rei dos Hunos no acampamento, interceptar o seu abastecimento e reduzi-lo à alternativa de um tratado vergonhoso ou de um combate desigual. Mas a impaciência dos bárbaros em breve desdenhou estas medidas cautelosas e dilatórias; e a sensata política de Aécio levou-o a recear que, após o aniquilamento dos Hunos, a República se visse oprimida pelo orgulho e o poder da nação goda. O patrício exerceu o ascendente da autoridade e da razão para acalmar o ressentimento que o filho de Teodorico considerava como um dever; chamou-lhe a atenção, com aparente afecto e real verdade, para os perigos da sua ausência e demora; e convenceu Torismundo a frustrar, por meio de um rápido regresso, os desígnios ambiciosos dos seus irmãos, que poderiam usurpar o trono e os tesouros de Tolosa. Depois da partida dos Godos e da separação do exército aliado, Átila ficou surpreendido com o enorme silêncio que pairava na planície de Châlons; a suspeita de algum estratagema do inimigo manteve-o durante vários dias no interior do círculo das carroças, e a sua retirada para lá do Reno assinalou a última vitória alcançada em nome do Império do Ocidente. Meroveu e os seus Francos, mantendo uma prudente distância e fazendo parecer maior o seu número por meio de numerosas fogueiras que ateavam todas as noites, continuaram a seguir a retaguarda dos Hunos até eles atingirem a fronteira da Turíngia. Os Turíngios serviam no exército de Átila; eles atravessaram na sua marcha e no seu regresso o território dos

Francos; e foi provavelmente nesta guerra que exerceram as crueldades que, cerca de oitenta anos depois, o filho de Clóvis vingou. Assassinaram os reféns, e bem assim os cativos: duzentas donzelas foram torturadas com requintada e implacável raiva; cavalos selvagens esquartejaram os corpos de umas; outras ficaram com os ossos esmagados sob as rodas das carroças; e os seus membros insepultos foram abandonados nas estradas para pasto de cães e abutres. Tais eram os selvagens antepassados cujas imaginárias virtudes suscitaram não raro o elogio e a inveja dos séculos civilizados!

A invasão de Itália

O desaire da expedição das Gálias não afectou a coragem, as forças ou a reputação de Átila. Na Primavera seguinte, ele fez um novo pedido da princesa Honória e dos seus tesouros patrimoniais. O pedido foi novamente rejeitado ou eludido; e o amante indignado pegou de imediato em armas, atravessou os Alpes, invadiu a Itália e cercou Aquileia com uma numerosa hoste de bárbaros. Estes bárbaros desconheciam os métodos de montar um cerco a preceito que, mesmo entre os Antigos, requeria algumas noções, ou pelo menos alguma prática das artes mecânicas. No entanto, o esforço de muitos milhares de provinciais e cativos, cujas vidas eram impiedosamente sacrificadas, podia executar o trabalho mais penoso e arriscado. A perícia dos artífices romanos talvez se vendesse em prol da destruição do seu país. As muralhas de Aquileia sofreram o assalto de uma formidável panóplia de aríetes, torres rolantes e engenhos que arremessavam pedras, dardos e fogo(*); e o monarca dos Hunos empregava os convincentes argumentos da esperança, do medo, da emulação e do interesse para subverter a única barreira que retardava a conquista de Itália. Aquileia era, nessa altura, uma das mais ricas, mais populosas e mais fortes cidades marítimas na costa do Adriático. Os auxiliares godos, que aparentemente serviam sob as ordens dos seus príncipes nacionais, Alarico e Antala, transmitiam um espírito ousado, e os cidadãos ainda se recordavam da gloriosa e bem-sucedida resistência que os antepassados tinham oferecido a um bárbaro feroz e inexorável, o qual desonrava a majestade da púrpura romana. Três meses se gastaram sem resultado no cerco de Aquileia, até que a falta de provisões e os clamores do exército compeliram Átila a renunciar à empresa e a

ordenar, a contragosto, que as tropas desarmassem as tendas na manhã seguinte e iniciassem a retirada. Mas, quando dava a volta às muralhas, pensativo, furioso e desanimado, observou uma cegonha a preparar-se para abandonar o ninho numa das torres e voar com a sua prole para os campos. E logo aproveitou com a rápida perspicácia de um político este trivial incidente que o acaso oferecia à superstição, exclamando em voz alta e alegre que esta ave doméstica, tão constantemente ligada à sociedade humana, jamais deixaria o seu antigo pouso, excepto se as torres estivessem votadas a uma iminente ruína e solidão. O presságio favorável inspirou a certeza da vitória; o cerco foi reatado e prosseguido com novo vigor; aberta uma larga brecha na parte da muralha de onde a cegonha tinha voado, os Hunos investiram através dela com fúria irresistível; e só com dificuldade a geração seguinte conseguia descobrir as ruínas de Aquileia. Após esta terrível vingança, Átila continuou a marcha; e, à sua passagem, as cidades de Altino, Concórdia e Pádua ficaram reduzidas a montões de pedras e cinzas. As cidades interiores de Vicência, Verona e Bérgamo viram-se expostas à rapace crueldade dos Hunos. Milão e Pavia submeteram-se sem resistência à perda das suas riquezas; e louvaram a invulgar clemência que preservou das chamas os edificios públicos e privados e poupou as vidas da multidão cativa. As tradições populares de Como, Turim ou Módena podem ser alvo de desconfiança; mas contribuem, com testemunhos mais autênticos, para provar que Átila estendeu as suas devastações às ricas planícies da moderna Lombardia que são separadas pelo Pó e limitadas pelos Alpes e os Apeninos. Quando se apoderou do palácio real de Milão, ele ficou surpreendido e indignado ao ver um quadro que representava os Césares sentados no trono e os príncipes da Cítia prosternados a seus pés. A vingança que Átila tirou deste monumento da vaidade romana foi inofensiva e engenhosa. Ordenou a um pintor que invertesse as figuras e as atitudes; e os imperadores ficaram pintados na mesma tela a aproximar-se com um ar implorativo, a fim de esvaziarem os sacos de ouro pago em tributo diante do trono do monarca cita. Os espectadores devem ter reconhecido a verdade e justeza da modificação; e talvez se sentissem tentados a evocar nesta singular ocasião a bem conhecida fábula da disputa entre o leão e o homem.

A fundação de Veneza

É um dito digno do feroz orgulho de Átila o de que a erva não voltava a crescer no sítio que o seu cavalo pisava. No entanto, este selvagem destruidor lançou involuntariamente os alicerces de uma república que reanimou, no período feudal da Europa, a arte e o espírito da indústria comercial. O famoso nome de Veneza, ou Venécia, pertencia outrora a uma vasta e fértil província de Itália, desde os confins da Panónia ao rio Ádua e desde o Pó aos Alpes Réticos e Júlios. Antes da irrupção dos bárbaros, cinquenta cidades venezianas floresciam num clima de paz e prosperidade; Aquileia era a mais notável de todas, mas a antiga dignidade de Pádua achava-se sustentada pela agricultura e a indústria; e os bens de quinhentos cidadãos guindados à ordem equestre devem ter ascendido, segundo os cálculos mais rigorosos, a um milhão e setecentas mil libras. Muitas famílias de Aquileia, de Pádua e das cidades vizinhas, fugidas ao gládio dos Hunos, encontraram um seguro, embora humilde refúgio, nas ilhas ali defronte(*). Na extremidade do golfo, onde o Adriático apresenta uma pálida imitação das marés do oceano, cerca de cem pequenas ilhas encontram-se separadas do continente por águas pouco profundas, e protegidas das ondas por compridas línguas de terra que permitem a entrada de navios através de secretos e estreitos canais. Até meados do século v, estes lugares remotos e recônditos ficaram por cultivar, com uma povoação de raros habitantes e quase sem nome. No entanto, os costumes dos venezianos fugitivos, as suas artes e o seu governo amoldaram-se gradualmente à nova situação; e uma das epístolas de Cassiodoro, que descreve a condição deles cerca de setenta anos depois, é considerada o primeiro monumento da república. O ministro de Teodorico compara-os, no seu rebuscado estilo declamatório, a aves aquáticas que construíram os ninhos no meio das ondas; e, embora admita que as províncias venezianas contavam antigamente muitas famílias nobres, insinua que o infortúnio as reduzira agora ao mesmo nível de humilde pobreza. O peixe era o alimento comum e quase único de todas as classes; o seu único tesouro consistia na abundância de sal que extraíam do mar; e a permuta deste produto, tão essencial à vida humana, substituía nos mercados vizinhos o curso do ouro e da prata. Um povo cujas habitações tanto pareciam pertencer à terra como à água não tardou a acostumar-se aos dois elementos; e as exigências da

cobiça seguiram-se às da necessidade. Os insulares, que de Grado a Chiozza estavam estreitamente unidos entre si, penetraram no coração de Itália através da segura, embora laboriosa navegação dos rios e canais interiores. Os seus navios, que cresciam incessantemente em tamanho e número, visitavam todos os portos do golfo; e o casamento que Veneza celebra anualmente com o Adriático foi assim contraído logo na sua infância. A epístola de Cassiodoro, prefeito do pretório, dirige-se aos tribunos marítimos; e exorta-os, num brando tom de autoridade, a estimular o zelo dos compatriotas pelo serviço público, que requeria o seu auxílio para transportar os fornecimentos de vinho e azeite da província de Ístria até à cidade real de Ravena. A tradição esclarece o cargo ambíguo destes magistrados ao ensinar-nos que, nas doze ilhas principais, doze tribunos ou juízes eram eleitos anualmente pelo povo. A existência da república veneziana sob o reinado godo da Itália é comprovada pelo mesmo documento autêntico que aniquila a sua soberba pretensão a uma independência originária e perpétua.

Os Italianos, que havia muito tinham renunciado ao exercício das armas, foram surpreendidos, após uma paz de quarenta anos, pela aproximação de um temível bárbaro que eles abominavam como inimigo da sua religião e da sua república. No meio da consternação geral, somente Aécio não se mostrava receoso; era, no entanto, impossível que realizasse, sozinho e sem apoio, quaisquer feitos militares dignos da sua antiga fama. Os bárbaros que tinham defendido a Gália recusavam marchar em socorro da Itália; e a ajuda prometida pelo imperador do Oriente estava longe e era incerta. Sendo sabido que Aécio, à frente das suas tropas domésticas, continuava a lutar flagelando ou retardando a marcha de Átila, ele nunca se mostrou mais verdadeiramente sublime do que no momento em que o seu comportamento era reprovado por um povo ignorante e ingrato. Se a alma de Valentiniano fosse capaz de nutrir sentimentos generosos, ele escolheria este general como seu exemplo e guia. No entanto, o neto timorato de Teodósio, em vez de partilhar dos riscos, fugia do fragor da guerra; e a sua apressada retirada de Ravena para Roma, de uma fortaleza inexpugnável para uma cidade aberta, denunciava o seu secreto desígnio de abandonar a Itália assim que o perigo ameaçasse a sua imperial pessoa. Esta vergonhosa abdicação foi contudo suspensa pelo espírito de dúvida e dilação que geralmente caracteriza as intenções pusilânimes, e por vezes lhes corrige a perniciosa influência. O imperador do Ocidente, juntamente com o Senado e o povo de

Roma, adoptou a resolução mais salutar de aplacar a ira de Átila por meio de uma solene e suplicante embaixada. Esta importante missão foi aceite por Avieno que, devido ao seu nascimento e riqueza, à sua dignidade consular, ao seu grande número de clientes e aos talentos pessoais, ocupava a primeira posição no Senado romano. O carácter especioso e hábil de Avieno qualificava-o admiravelmente para conduzir uma negociação de interesse público ou privado; o seu colega Trigécio exercera a prefeitura do pretório em Itália; e Leão, bispo de Roma, consentiu em arriscar a vida pela salvação do seu rebanho. Leão expandiu e revelou o seu génio nas calamidades públicas; e mereceu o epíteto de *o Grande* pelo zelo bem-sucedido com que se esforçou por estabelecer as suas opiniões e autoridade, sob os nomes veneráveis de fé ortodoxa e de disciplina eclesiástica. Os embaixadores romanos foram introduzidos na tenda de Átila, estando ele acampado no sítio onde o curso lento e sinuoso do Múncio se perde nas águas tumultuosas do lago Benaco, e pisando com a sua cavalaria cita as herdades de Catulo e Virgílio. O monarca bárbaro escutou com uma atenção benevolente ou até mesmo respeitosa; e a libertação de Itália foi comprada com o imenso resgate ou dote da princesa Honória. O estado do seu exército deve ter facilitado o tratado e apressado a sua retirada. O espírito marcial dos soldados relaxara-se devido ao luxo e à indolência de um clima tão quente. Os pastores do Norte, cuja alimentação vulgar consistia em leite e carne crua, tinham-se entregado com grande abuso ao consumo de pão, vinho e carne preparada e condimentada pelas artes culinárias; e o surto da doença vingou em certa medida as injúrias amargadas pelos Italianos. Quando Átila anunciou a decisão de conduzir o seu exército vitorioso até às portas de Roma, logo o avisaram, tanto os amigos como os inimigos, de que Alarico não sobrevivera muito tempo à conquista da cidade eterna. O seu ânimo, indiferente aos perigos reais, foi assaltado por terrores imaginários; tão-pouco pôde escapar à influência da superstição, que tantas vezes servira os seus objectivos. A insistente eloquência de Leão, o seu porte majestoso e as suas vestes sacerdotais suscitaram a veneração de Átila pelo pai espiritual dos cristãos. A aparição dos dois apóstolos, São Pedro e São Paulo, que ameaçaram o bárbaro de uma morte instantânea se rejeitasse a prece do seu sucessor, constitui uma das mais nobres lendas da tradição eclesiástica. A salvação de Roma podia merecer a intercessão de entes celestiais, e devemos uma certa indulgência a uma fábula que foi representada pelo pincel de Rafael e o cinzel de Algardi.

A morte de Átila e a destruição do seu império

Antes de deixar a Itália, o rei dos Hunos ameaçou voltar, ainda mais terrível e implacável, caso a sua noiva, a princesa Honória, não fosse entregue aos seus embaixadores dentro do prazo estipulado pelo tratado. Entretanto, Átila atenuou os seus ternos anseios acrescentando uma linda donzela, de nome Ildico, à lista das suas inúmeras esposas. O casamento foi celebrado, com toda a pompa e festejos dos bárbaros, no seu palácio de madeira situado para lá do Danúbio; e o monarca, aturdido pelo vinho e o sono, retirou-se já alta noite do banquete para o leito nupcial. Os servidores continuaram a respeitar os seus prazeres ou o seu repouso durante a maior parte do dia seguinte, mas o invulgar silêncio acabou por suscitar o medo e as suspeitas deles; e depois de tentarem acordar Átila com altos e repetidos gritos, irromperam finalmente nos aposentos reais. Encontraram a trêmula noiva sentada na beira da cama, com o rosto coberto pelo véu e lamentando o perigo em que se achava, bem como a morte do rei que expirara durante a noite. Uma artéria rebentara subitamente, e, como Átila estava deitado de costas, sufocou-o um jorro de sangue que, em vez de se escoar pelas narinas, lhe enchera os pulmões e o estômago. O corpo foi solenemente exposto no meio da planície, sob um pavilhão de seda; e a nata dos esquadrões hunos andou cadenciadamente em roda dele, entoando um canto fúnebre em memória de um herói glorioso em vida, invencível na morte, pai do seu povo, flagelo dos inimigos e terror do mundo. De acordo com os seus costumes nacionais, os bárbaros cortaram uma parte do cabelo, rasgaram as faces com feridas medonhas e choraram o seu valoroso chefe como ele merecia, não com as lágrimas das mulheres, mas com o sangue dos guerreiros. Os restos mortais de Átila foram metidos em três caixões, o primeiro de ouro, o segundo de prata e o último de ferro, e enterrados secretamente durante a noite; lançaram-se na sepultura os despojos das nações; os cativos que tinham aberto a cova viram-se impiedosamente chacinados, e os mesmos hunos que haviam demonstrado um tão excessivo desgosto entregaram-se a dissolutos e imoderados folguedos em volta do recente sepulcro do rei. Constatou em Constantinopla que, na noite afortunada em que ele expirou, Marciano vira em sonhos a seta de Átila quebrar-se; e esta tradição pode servir para comprovar quão raramente a imagem do temível bárbaro estava ausente do espírito de um imperador

romano. A revolução que subverteu o império dos Hunos assegurou o renome de Átila, cujo génio sustentara sozinho um edifício tão vasto e desarticulado. Depois da sua morte, os chefes de tribo mais ousados aspiraram à categoria de reis; os reis mais poderosos negaram-se a reconhecer qualquer superior; e os numerosos filhos que tantas mães diferentes haviam dado ao falecido monarca dividiram e disputaram como uma herança particular o comando supremo das nações da Germânia e da Cítia. O arrojado Ardarico sentiu e fez ver a vergonha desta partilha servil; e os seus súbditos, os belicosos Gépidas, com os Ostrogodos, sob a chefia de três valentes irmãos, encorajaram os aliados a sustentar os direitos da liberdade e da realeza. Num sangrento e decisivo conflito nas margens do rio Netad, na Panónia, a lança dos Gépidas, a espada dos Godos, as setas dos Hunos, a infantaria dos Suevos, as armas ligeiras dos Hérulos e o armamento pesado dos Alanos defrontaram-se ou apoiaram-se entre si; e a vitória de Ardarico fez-se acompanhar da chacina de trinta mil inimigos. Ellac, o filho mais velho de Átila, perdeu a vida e a coroa na memorável Batalha de Netad; o seu precoce valor já o elevara ao trono dos Acatziras, um povo da Cítia que ele subjugara; e o seu pai, sensível ao mérito superior, teria invejado a morte de Ellac. O seu irmão Dengisich, com um exército de hunos ainda pujante, apesar da fuga e do revés, aguentou-se durante mais de quinze anos nas margens do Danúbio. O palácio de Átila, com a antiga região da Dácia, desde os montes Cárpatos ao Ponto Euxino, tornou-se a sede de um novo poder fundado por Ardarico, rei dos Gépidas. As conquistas panónias, desde Viena a Esmirna, foram ocupadas pelos Ostrogodos; e os estabelecimentos das tribos que haviam defendido tão corajosamente a sua liberdade natal distribuíram-se irregularmente segundo a medida das suas respectivas forças. Rodeado e atenazado pela multidão de escravos do pai, o reino de Dengisich limitava-se ao recinto formado pelas suas carroças; o seu desesperado denodo levou-o a invadir o Império do Oriente; tombou no campo de batalha, e a sua cabeça, ignominiosamente exposta no Hipódromo, proporcionou um agradável espectáculo ao povo de Constantinopla. Átila acreditara, por ternura ou por superstição, que Irnac, o mais novo dos seus filhos, estava destinado a perpetuar as glórias da sua raça. O carácter deste príncipe, que tentou moderar a impetuosidade do seu irmão Dengisich, adequava-se melhor à situação declinante dos Hunos; e Irnac, juntamente com as hostes que lhe obedeciam, retirou-se para o interior da Pequena Cítia. Não tardaram a ser submersos por uma torrente

de novos bárbaros que seguiram o mesmo caminho que os seus próprios antepassados tinham descoberto outrora. Os *Geougen*, ou Ávares, cuja residência é situada pelos autores gregos nas costas do oceano, empurraram à sua frente as tribos vizinhas; até que, por fim, os Igures do Norte, saindo das frias regiões siberianas que produzem as peles mais valiosas, se espalharam pelo deserto até ao Borístenes e à entrada do mar Cáspio, e acabaram por extinguir o império dos Hunos.

O assassinio de Aécio e a morte de Valentiniano III

Este acontecimento poderia contribuir para a segurança do Oriente sob o reinado de um príncipe que granjeava a amizade dos bárbaros sem perder a estima deles. No entanto, o imperador do Ocidente, o fraco e dissoluto Valentiniano, que chegara aos trinta e cinco anos sem atingir a idade da razão ou da coragem, abusou desta aparente tranquilidade para minar os alicerces do seu próprio trono com o assassinio do patrício Aécio. Movido por um instinto de baixa inveja, ele odiava o homem que era universalmente celebrado como o terror dos bárbaros e o sustentáculo da República; e o seu novo favorito, o eunuco Heraclio, arrancou o imperador à indolente letargia que pudera disfarçar-se durante a vida de Placídia(*) sob a desculpa de piedade filial. A fama de Aécio, as suas riquezas e dignidades, a numerosa escolta de guerreiros bárbaros que o acompanhavam sempre, os seus poderosos protegidos que ocupavam os cargos civis do Estado, e as esperanças do seu filho Gaudêncio, que já estava noivo de Eudóxia, a filha do imperador, tinham-no elevado acima da categoria de súbdito. Os ambiciosos desígnios de que era secretamente acusado provocaram o receio, e bem assim o ressentimento de Valentiniano. O próprio Aécio, acicatado pela consciência do seu mérito, dos seus serviços e talvez da sua inocência, parece ter dado provas de um comportamento altivo e imprudente. O patrício ofendeu o soberano com uma declaração hostil; agravou a ofensa compelindo-o a ratificar, mediante juramento solene, um tratado de reconciliação e aliança; proclamou as suas suspeitas e negligenciou a sua segurança; e levado pela vã confiança de que o inimigo a quem desprezava não era sequer capaz de um crime viril, aventurou-se a ir pessoalmente ao palácio de Roma. Enquanto ele insistia, talvez com

excessiva veemência, em apressar o casamento do filho, Valentiniano desembainhou a espada — a primeira espada que alguma vez desembainhara — e enterrou-a no peito de um general que salvara o seu império; os cortesãos e eunucos disputaram a honra de imitar o seu senhor; e Aécio, traspassado por cem golpes, caiu morto na régia presença. Boccio, o prefeito do pretório, tem ali mesmo igual sorte; e antes que a notícia se propalasse, os principais amigos do patrício foram chamados ao palácio e assassinados separadamente. Este horrível acto, encoberto sob os nomes especiosos de justiça e necessidade, foi imediatamente comunicado pelo imperador aos seus soldados, súbditos e aliados. As nações que eram alheias ou adversas a Aécio deploraram generosamente o destino indigno de um herói; os bárbaros que haviam estado ligados ao seu serviço dissimularam a tristeza e o ressentimento; e o desprezo público, durante tanto tempo nutrido contra Valentiniano, logo se transformou numa profunda e universal aversão. Tais sentimentos raramente penetram através das paredes de um palácio; no entanto, o imperador ficou perturbado com a resposta firme de um romano cuja aprovação não desdenhara solicitar. «Ignoro, senhor, os vossos motivos ou razões de queixa; apenas sei que agistes como um homem que corta a mão direita com a esquerda.»

O luxo de Roma parece ter suscitado as prolongadas e frequentes visitas de Valentiniano, que era por isto mesmo mais desprezado em Roma do que em qualquer outra parte dos seus domínios. Um espírito republicano voltara a imperar aos poucos entre os senadores, na medida em que a sua autoridade, e até mesmo as suas verbas, se tornavam necessárias à sustentação de um governo debilitado. As maneiras arrogantes de um monarca hereditário feriam o orgulho deles, e os prazeres de Valentiniano transtornavam a paz e a honra das famílias mais nobres. A imperatriz Eudóxia era de nascimento igual ao do marido, e os seus encantos e afecto mereciam as provas de amor que o volúvel esposo dissipava em vagas e ilegítimas aventuras. Petrónio Máximo, um abastado senador da família Anícia, que fora duas vezes cônsul, possuía uma mulher casta e bela; a obstinada resistência dela apenas contribuiu para excitar os desejos de Valentiniano, que resolveu satisfazê-los por ardil ou à força. O jogo a todo o transe era um dos vícios da corte; o imperador, que por sorte ou batota ganhara uma avultada quantia a Máximo, exigiu-lhe indelicadamente o anel como penhor da dívida e mandou-o por um mensageiro de confiança à mulher dele, com uma ordem em nome do marido para que comparecesse

imediatamente junto da imperatriz Eudóxia. A confiante esposa de Máximo foi transportada na sua liteira até ao palácio imperial; os emissários do seu impaciente apaixonado conduziram-na a um quarto afastado e silencioso; e Valentiniano violou sem remorsos as leis da hospitalidade. As lágrimas dela ao regressar a casa, a sua profunda aflição e as amargas censuras contra um marido a quem considerava cúmplice da sua desdita incitaram Máximo a uma justa vingança; o desejo de vingança foi estimulado pelo da ambição; e ele podia razoavelmente aspirar, mercê do sufrágio livre do Senado romano, ao trono de um detestado e desprezível rival. Valentiniano, que supunha que todos os corações humanos eram tão desprovidos como o seu de amizade ou de gratidão, admitira imprudentemente entre os seus guardas vários criados e soldados de Aécio. Dois deles, de raça bárbara, foram persuadidos a executar um dever sagrado e honroso, punindo com a morte o assassino do seu amo; e a sua intrépida coragem não esperou muito tempo pelo momento oportuno. Enquanto Valentiniano se divertia no Campo de Marte com o espectáculo de alguns jogos militares, precipitaram-se subitamente sobre ele de armas em riste, mataram o culpado Heraclio e apunhalaram o imperador no coração, sem a mínima oposição do seu numeroso séquito, que parecia regozijar-se com a morte do tirano. Tal foi a sorte de Valentiniano III, o último imperador da família de Teodósio. Imitou fielmente a fraqueza hereditária do primo e dos dois tios, sem lhe juntar a afabilidade, a pureza e a inocência que atenuavam nos seus caracteres a falta de coragem e inteligência. Valentiniano era menos desculpável, pois tinha paixão sem virtudes; a sua própria religião era duvidosa; e embora nunca tivesse enveredado pelos caminhos da heresia, escandalizou os piedosos cristãos com o seu apego às artes profanas da magia e da adivinhação.

Sintomas de decadência no Império Romano do Ocidente

Desde a época de Cícero e de Varrão, os áugures romanos afirmavam que os *doze abutres* avistados por Rómulo representavam os *doze séculos* fixados para o termo fatal da sua cidade. Esta profecia, talvez menosprezada

nos tempos de riqueza e prosperidade, encheu o povo de negras apreensões quando o décimo segundo século, ensombrado pela desgraça e infortúnio, já se aproximava do fim; e até a posteridade teve de admitir com alguma surpresa que a interpretação arbitrária de uma circunstância accidental ou lendária se verificou realmente na queda do Império do Ocidente. No entanto, esta queda foi anunciada por um presságio mais claro que o voo dos abutres; o governo romano parecia, de dia para dia, menos temível aos olhos dos inimigos e mais odioso e opressivo aos dos seus súbditos. Os impostos multiplicavam-se ao ritmo das desgraças públicas; a economia ia sendo negligenciada à medida que se tornava mais necessária; e a injustiça dos ricos removía todo o peso de um fardo desigual dos seus ombros para os do povo, a quem defraudaram das desobrigas que por vezes lhes poderiam ter aliviado a miséria. A severa inquirição que lhes confiscava os bens e torturava os corpos levou os súbditos de Valentiniano a preferir a tirania mais simples dos bárbaros, a fugir para os bosques e as montanhas, ou a abraçar a vil e abjecta condição de servidores mercenários. Renegaram e abominaram o nome de cidadãos romanos que outrora atizara a ambição de todos os homens. As províncias armoricanas da Gália e a maior parte da Espanha viram-se lançadas num estado de independência anárquica pela confederação dos Bagaudas; e os ministros imperiais perseguiram com leis de proscricção e exércitos ineficazes os rebeldes que eles próprios tinham gerado. Ainda que todos os conquistadores bárbaros tivessem sido aniquilados num mesmo instante, a sua destruição total não bastaria para restaurar o Império do Ocidente; e se Roma lhe sobreviveu, a verdade é que perdeu a liberdade, a virtude e a honra.

Capítulo 36

O Imperador Majoriano. Odoacro, Rei de Itália

Embora os Hunos tivessem apenas permanecido de modo transitório em Itália, a organização do Ocidente estava agora abalada sem remédio. Três meses após a morte de Valentiniano (455), já Genserico (Gaiseric) conduzia a sua armada até à foz do Tibre e saqueava Roma.

Os vinte anos seguintes assistiram ao colapso final do Ocidente sob uma série de imperadores que não passam de nomes. Conseguiu-se alguma trégua no breve reinado (457-461) de Majoriano.

O Imperador Majoriano

O sucessor de Avito representa a feliz descoberta de um grande e heróico carácter, como por vezes se vêem surgir em tempos corruptos para restabelecer a honra da espécie humana. O imperador Majoriano mereceu os elogios dos seus contemporâneos e da posteridade; e estes elogios ficaram calorosamente expressos nas palavras de um historiador judicioso e desinteressado: «Ele era bondoso para os súbditos e terrível para os inimigos, tendo superado, em todas as virtudes, todos os seus antecessores que reinaram sobre os Romanos.» Este testemunho pode, pelo menos, justificar o panegírico de Sidónio; e devemos admitir que, embora o obsequioso orador fosse capaz de lisonjear com igual zelo o mais indigno

dos príncipes, o extraordinário mérito daquele a quem na circunstância se referia o obrigou a manter-se nos limites da verdade. Majoriano recebeu o seu nome do avô materno, que, durante o reinado de Teodósio, *o Grande*, comandara as tropas da fronteira da Ilíria. Ele concedeu a mão da filha ao pai de Majoriano, um respeitável oficial que administrava as receitas da Gália com aptidão e integridade, preferindo generosamente a amizade de Aécio às ofertas tentadoras de uma corte insidiosa. O seu filho, o futuro imperador, que foi educado na profissão das armas, evidenciou desde muito cedo uma intrépida coragem, uma sabedoria prematura e uma imensa liberalidade apesar da sua parca fortuna. Seguiu o estandarte de Aécio, contribuiu para o seu êxito, partilhou, não raro a eclipsando, da sua glória, e suscitou por fim a inveja do patrício, ou antes, a da mulher, que o obrigou a retirar-se do serviço. Depois da morte de Aécio, Majoriano foi de novo chamado e promovido; e a sua intimidade com o conde Ricimer constituiu o primeiro passo na ascensão ao trono do Império do Ocidente. Durante a vacatura que se seguiu à abdicação de Avito, o ambicioso bárbaro, cujo nascimento o excluía da dignidade imperial, governou a Itália com o título de patrício, cedeu ao amigo o brilhante cargo de comandante-chefe da cavalaria e da infantaria, e, decorridos alguns meses, acedeu ao desejo unânime dos Romanos, cujas boas graças Majoriano alcançara mercê de uma recente vitória sobre os Alamanos. Revestiram-no da púrpura imperial em Ravena; e a epístola que ele dirigiu ao Senado descreve na perfeição a sua situação e os seus sentimentos. «A vossa escolha, padres conscritos!, e a vontade do mais valoroso exército tornaramme vosso imperador. Que a propícia Divindade possa guiar e fazer prosperar os conselhos e os actos da minha administração em vosso benefício e no da coisa pública! Pela minha parte, não aspirei ao trono, mas concordei em reinar; na verdade, teria faltado aos deveres de um cidadão se recusasse, com vil e egoísta ingratidão, aguentar o peso dos trabalhos que me são impostos pela República. Ajudai, por conseguinte, o príncipe que elevastes; compartilhai dos encargos que me atribuístes, e que os nossos esforços comuns possam promover a felicidade de um império que aceitei das vossas mãos. Garanto-vos que, em nossa vida, a justiça retomarà o seu antigo vigor e a virtude se volverá não só inocente, mas meritória. Que ninguém, excepto os próprios autores, receie as *delações* que, enquanto súbdito, sempre condenei e, como príncipe, punirei severamente. A nossa própria vigilância e a do nosso pai, o patrício Ricimer, orientarão todos os assuntos militares e providenciarão

pela segurança do mundo romano que salvámos dos inimigos estrangeiros e internos. Compreendi agora as máximas do meu governo; podeis confiar na afeição leal e nas promessas sinceras de um príncipe que foi outrora o companheiro das vossas vidas e dos vossos perigos, que ainda se gloria do nome de senador e anseia por que nunca vos arrependais do juízo que formastes em seu favor.» O imperador que, no meio das ruínas do mundo romano, reanimava a antiga linguagem da lei e da liberdade que Trajano não teria desabonado por certo que tirou estes generosos sentimentos do seu coração, visto eles não lhe serem sugeridos pelos costumes do seu tempo, nem pelo exemplo dos seus predecessores.

Os actos públicos e privados de Majoriano são muito mal conhecidos; mas as suas leis, notáveis por um timbre original de pensamento e expressão, representam fielmente o carácter de um soberano que amava o seu povo e comungava dos infortúnios dele; que estudara as causas do declínio do império e era capaz de aplicar (na medida em que tal reforma fosse praticável) meios criteriosos e eficazes para remediar as desordens públicas. Os seus regulamentos referentes às finanças tendiam manifestamente a fazer cessar, ou pelo menos a mitigar, os mais intoleráveis gravames. I. Desde a primeira hora do seu reinado, ele mostrou-se disposto (traduzo as suas próprias palavras) a libertar as depauperadas fortunas dos provinciais, oprimidos pelo peso acumulado das indicções e sobreindicções. Neste intuito, concedeu uma amnistia universal, uma quitação total e definitiva de todas os tributos atrasados, de todas as dívidas que, sob qualquer pretexto, os funcionários fiscais pudessem exigir ao povo. Este sábio abandono de direitos obsoletos, vexatórios e inúteis remodelou e depurou as fontes do rendimento público; e o súbdito que podia agora olhar para trás sem desespero estava em condições de trabalhar cheio de esperança e gratidão para si e para o seu país. II. Na tributação e cobrança de impostos, Majoriano restaurou a jurisdição ordinária dos magistrados provincianos e suprimiu as comissões extraordinárias que tinham sido estabelecidas em nome do imperador ou no dos prefeitos do pretório. Os criados favoritos que obtinham estes poderes ilegais alardeavam uma conduta insolente e colectavam arbitrariamente; faziam gala em desprezar os tribunais subalternos e mostravam-se descontentes se os seus honorários e lucros não ascendiam ao dobro da soma que eles condescendiam em pagar ao tesouro. Um exemplo desta extorsão pareceria porventura inacreditável se não fosse atestado pelo próprio legislador. Exigiam todo o pagamento em

ouro, mas recusavam a moeda corrente do império e somente aceitavam as moedas antigas cunhadas com os nomes de Faustina ou dos Antoninos. O súbdito que não dispusesse destas curiosas medalhas podia recorrer ao expediente de chegar a acordo com os seus gananciosos perseguidores; ou, caso conseguisse arranjá-las, o seu imposto era duplicado em consequência do peso e do valor da moeda de outros tempos. III. «As comunidades municipais (declara o imperador), ou senados pequenos (assim as intitulava com razão a Antiguidade), merecem ser consideradas como o coração das cidades e o nervo da República. E, no entanto, elas estão agora de tal modo subjugadas pela injustiça dos magistrados e a venalidade dos cobradores de impostos, que muitos dos seus membros, renunciando à sua dignidade e ao seu país, se refugiaram num distante e obscuro exílio.» Ele incita-os e até os compele a regressar às respectivas cidades; mas faz cessar os agravos que os haviam forçado a abandonar o exercício das suas funções municipais. São incumbidos, sob a autoridade dos magistrados provinciais, de reassumir a função de cobrar os tributos; no entanto, em vez de lhes caber a responsabilidade por toda a soma imposta ao seu distrito, apenas lhes é exigido que apresentem uma lista exacta dos pagamentos que receberam e dos contribuintes que continuam em dívida para com o erário público. IV. Majoriano não ignorava, porém, que estas comunidades tencionavam antes de tudo desferrar-se da injustiça e da opressão que haviam sofrido, e restabeleceu assim o útil cargo de *defensor das cidades*. Ele exorta o povo a eleger, numa assembleia livre e geral, um homem prudente e íntegro com bastante firmeza para defender os seus privilégios, apresentar as suas queixas, proteger os pobres da tirania dos ricos e informar o imperador dos abusos que são cometidos sob a sanção do nome e da autoridade dele.

O espectador que contempla tristemente as ruínas da antiga Roma sente-se tentado a acusar a memória dos Godos e dos Vândalos pelos danos que eles não tiveram tempo, nem poder, nem talvez propensão para cometer. A sanha da guerra derrubou certamente algumas torres, mas a destruição que minou os alicerces destas sólidas construções operou-se lenta e silenciosamente ao longo de um período de dez séculos; e tanto o gosto como o escrúpulo do imperador Majoriano reprimiram com severidade os móveis de especulação que actuaram posteriormente sem vergonha nem freio. A decadência da cidade diminuía a pouco e pouco o valor das obras públicas. O circo e os anfiteatros continuavam a atrair gente, mas raramente satisfaziam os desejos do povo; os templos que tinham escapado ao zelo

dos cristãos já não eram habitados por deuses nem por homens; as reduzidas multidões dos romanos perdiam-se no imenso espaço dos seus banhos e pórticos; e as vastas bibliotecas e salas de audiência tornavam-se inúteis para uma geração indolente, cujo repouso só muito raramente se achava perturbado pelo estudo ou o negócio. Os monumentos da grandeza consular ou imperial iam deixando a pouco e pouco de ser venerados como a glória imortal da capital; passava-se a estimá-los unicamente como uma mina inesgotável de materiais mais baratos e cómodos que os das pedreiras distantes. Petições especiosas eram permanentemente dirigidas aos magistrados de Roma, alegando a falta de pedras ou tijolos para algum serviço necessário; os mais belos trechos de arquitectura eram grosseiramente desfigurados a pretexto de qualquer insignificante ou pretensa reparação; e os degenerados romanos que se aproveitavam deste espólio para seu ganho pessoal demoliam com mãos sacrílegas o labor dos antepassados. Majoriano, que mirara frequentemente a desolação da cidade, aplicou um severo remédio a este mal crescente. Reservou ao príncipe e ao Senado a competência exclusiva sobre os casos extremos que poderiam justificar a destruição de um edifício antigo; impôs uma multa de cinquenta libras em ouro (duas mil libras esterlinas) a todos os magistrados que se atrevessem a conceder esta licença ilegal e escandalosa; e ameaçou punir a cumplicidade dos funcionários inferiores com o suplício do chicote e a amputação das duas mãos. Neste último exemplo, o legislador parece ter-se esquecido da devida proporção entre culpa e castigo; no entanto, o seu zelo partia de um princípio generoso e Majoriano ansiava por proteger os monumentos dos séculos em que teria desejado e merecido viver. O imperador sentiu que lhe interessava aumentar o número de súbditos e que era seu dever preservar a pureza do leito conjugal; mas os meios que empregou para consumir estes salutareos propósitos eram de um género ambíguo e talvez criticável. As piedosas donzelas que dedicavam a sua virgindade a Cristo foram proibidas de tomar o véu antes dos quarenta anos. As viúvas abaixo desta idade viram-se obrigadas a contrair um segundo matrimónio no prazo de cinco anos, sob pena de metade da sua fortuna ficar a pertencer aos familiares mais chegados ou ao Estado. Os casamentos de idades desproporcionadas foram condenados ou anulados. Os castigos de confiscação e de exílio pareceram tão inadequados ao crime de adultério, que, se o faltoso regressasse a Itália, podia, por expressa declaração de

Majoriano, ser morto sem que o algoz ficasse sujeito a qualquer acção judicial.

Enquanto o imperador Majoriano se esforçava arduamente por restabelecer a felicidade e a virtude dos Romanos, coube-lhe defrontar as armas de Genserico, o mais temível dos inimigos pelo seu carácter e a sua situação. Uma armada de vândalos e mouros desembarcou na foz do Liris ou Garigliano; no entanto, as tropas imperiais surpreenderam e atacaram os turbulentos bárbaros na altura em que eles iam carregados com os despojos da Campânia; escorraçaram-nos com muitas baixas para os navios, e o seu chefe, o cunhado do rei Genserico, foi encontrado entre as vítimas. Esta vigilância podia anunciar o espírito do novo reinado, mas a mais rigorosa vigilância e as mais numerosas forças não bastavam para defender a extensa costa de Itália das devastações de uma guerra naval. A opinião pública impunha uma tarefa mais nobre e árdua ao génio de Majoriano. Roma não esperava senão dele a restituição de África; e o desígnio que ele concebeu de atacar os Vândalos nas suas novas possessões era o resultado de uma política ousada e judiciosa. Se o intrépido imperador houvesse podido incutir o seu próprio valor na juventude de Itália; se ele pudesse ter reavivado no Campo de Marte a prática dos viris exercícios em que sempre superara os seus iguais, então ter-lhe-ia sido possível marchar contra Genserico à cabeça de um exército *romano*. Uma tal reforma dos costumes nacionais poderia ser adoptada pela geração nascente; no entanto, os príncipes que se esforçam laboriosamente por amparar uma monarquia em declínio são quase sempre obrigados, para conseguir vantagens imediatas ou desviar um perigo iminente, a tolerar e até mesmo a multiplicar os mais perniciosos abusos. À semelhança do mais fraco dos seus antecessores, Majoriano viu-se reduzido ao vergonhoso expediente de substituir os seus súbditos timoratos por bárbaros auxiliares; e a sua superior capacidade apenas se evidenciou no vigor e na destreza com que soube manejar um perigoso instrumento, sempre pronto a ferir a mão que o usava. Além dos confederados que já estavam alistados no serviço do império, a fama da sua liberalidade e do seu valor atraiu as nações do Danúbio, do Borístenes e talvez do Tánaís. Muitos milhares dos mais corajosos súbditos de Átila, os Gépidas, os Ostrogodos, os Rúgios, os Burgúndios, os Suevos, os Alanos, reuniram-se nas planícies da Ligúria, e as suas imensas forças eram contrabalançadas pelas suas mútuas animosidades. Atravessaram os Alpes no pino do Inverno. O imperador abria a marcha a pé e de armadura,

sondando com a sua longa haste de lança a profundidade do gelo ou da neve e encorajando os Citas, que se queixavam do frio inclemente, com a jovial promessa de que os regalaria o calor de África. Os cidadãos de Lião tinham-se atrevido a fechar as portas; não tardaram, porém, a implorar e a sentir a clemência de Majoriano. Ele venceu Teodorico no campo de batalha e aceitou a amizade e a aliança de um rei a quem não considerava indigno das suas armas. A benéfica, embora precária reunião da maior parte da Gália e da Espanha deveu-se ao efeito conjunto da persuasão e da força; e os Bagaudas independentes, que tinham escapado ou resistido à opressão dos reinados anteriores, mostravam-se dispostos a confiar nas virtudes de Majoriano. O seu acampamento estava cheio de aliados bárbaros; o seu trono era sustentado pelo zelo de um povo afeiçoado; no entanto, o imperador dera-se conta de que se tornava impossível empreender a conquista de África sem uma força marítima. Na Primeira Guerra Púnica, a República dera provas de uma tão inacreditável diligência, que, sessenta dias depois de ter sido desferida a primeira machadada na floresta, uma armada de cento e sessenta galeras já se encontrava orgulhosamente ancorada no mar. Em circunstâncias muito menos favoráveis, Majoriano igualou a coragem e a perseverança dos antigos Romanos. Os bosques dos Apeninos foram abatidos; restabeleceram-se os arsenais e as manufacturas de Ravena e Miseno; a Itália e a Gália rivalizavam uma com a outra em generosos contributos para o serviço público; e a armada imperial, composta de trezentas grandes galeras e de um número adequado de navios de transporte e barcos mais pequenos, reuniu-se no porto seguro e amplo de Cartagena, em Espanha. O intrépido comportamento de Majoriano infundiu a confiança da vitória nas suas tropas; e a acreditar no historiador Procópio, a sua coragem impeliu-o algumas vezes para lá dos limites da prudência. Ansioso por examinar com os próprios olhos a situação dos Vândalos, arriscou-se, depois de mudar a cor do cabelo, a visitar Cartago sob o nome do seu embaixador; e Genserico, mais tarde, ficou arreliado ao descobrir que tinha recebido e deixado ir embora o imperador dos Romanos. Esta anedota pode ser rejeitada como uma ficção improvável, mas trata-se de uma ficção que apenas se imaginaria aplicada à vida de um herói.

Mesmo sem a ajuda de um encontro pessoal, Genserico estava suficientemente inteirado do génio e dos desígnios do adversário. Serviu-se dos seus costumados ardis da fraude e da dilação, mas praticou-os sem êxito. As suas propostas de paz tornavam-se a cada instante mais submissas

e talvez mais sinceras. No entanto, o inflexível Majoriano adoptara a antiga máxima de que Roma não estaria a salvo enquanto Cartago continuasse em pé de guerra. O rei dos Vândalos já não confiava no valor dos seus súbditos natais, agora amolecidos pelo luxo do Sul; suspeitava da infidelidade de um povo vencido, que o detestava como tirano ariano; e a medida desesperada que consistiu em reduzir a Mauritânia a um deserto não pôde deter as operações do imperador romano, que tinha a liberdade de desembarcar as suas tropas em qualquer lugar da costa africana. Todavia, Genserico foi salvo de um iminente e inevitável desaire pela traição de alguns súbditos poderosos, invejosos ou assustados com os êxitos do seu amo. Guiado por informações secretas, ele surpreendeu a armada desprotegida na baía de Cartagena; muitos dos navios foram afundados, tomados ou incendiados; e assim se destruíram os preparativos de três anos num único dia. Após este evento, o comportamento dos dois rivais mostrou que eles eram superiores à sua fortuna. Em vez de se deixar arrebatado por esta vitória accidental, o vândalo renovou imediatamente as suas propostas de paz. O imperador do Ocidente, capaz de conceber projectos grandiosos e de suportar pesados reveses, consentiu num tratado, ou melhor, numa suspensão das hostilidades, na plena certeza de que antes de reconstituir a sua frota não lhe faltariam motivos susceptíveis de justificar uma segunda guerra. Majoriano regressou a Itália, a fim de continuar os seus esforços em prol da felicidade pública; e, cónscio como estava da sua integridade pessoal, deve ter ignorado por muito tempo a sombria conspiração que ameaçava o seu trono e a sua vida. O recente infortúnio de Cartagena embaciou a glória que tinha deslumbrado a multidão; quase todas as camadas de dignitários civis e militares estavam exasperadas contra o reformador, pois todas tiravam proveito dos abusos que ele se esforçava por suprimir; e o patricio Ricimer instigava as inconstantes paixões dos bárbaros contra um príncipe que ele estimava e odiava ao mesmo tempo. As virtudes de Majoriano não bastaram para o defender da tumultuosa sedição que rebentou no acampamento próximo de Tortona, no sopé dos Alpes. Ele viu-se forçado a abdicar da púrpura imperial; cinco dias após a sua abdicação, anunciaram que Majoriano morrera de disenteria; e o humilde túmulo que cobriu os seus restos mortais foi consagrado pela reverência e gratidão das gerações seguintes. A personalidade de Majoriano inspirava amor e respeito. A calúnia maliciosa e a sátira provocavam-lhe indignação, ou então, se era ele próprio o objecto delas, apenas desprezo; encorajava, no entanto, a

liberdade de conversa, e, nas horas que o imperador dedicava ao convívio com os amigos, dava largas ao seu gosto pela jocosidade sem degradar a dignidade da sua posição.

Entre 461 e 471, Ricimer governou a Itália de facto, senão de nome. Em 471, após um desentendimento com o imperador Antêmio, saqueou Roma, mas morreu pouco depois. Em 476, Rómulo Augústulo tornou-se o último imperador. A data tradicional da extinção do Império do Ocidente está ligada ao seu nome acidentalmente importante. Entre 476 e 490, Odoacro fundou um reino godo em Itália, embora actuando nominalmente como representante do imperador de Constantinopla.

Odoacro, rei de Itália

Odoacro foi o primeiro bárbaro que reinou em Itália sobre um povo que reclamara outrora uma justa superioridade sobre o resto da humanidade. A queda dos Romanos continua a suscitar a nossa respeitosa compaixão, e compartilhamos amoravelmente da dor e da indignação que supomos na sua degenerada posteridade. No entanto, as calamidades de Itália tinham gradualmente apagado a orgulhosa consciência de liberdade e de glória. Nos tempos da virtude romana, as províncias estavam sujeitas às armas, e os cidadãos às leis da República, antes de estas leis terem sido subvertidas pela discórdia civil e tanto a cidade como as províncias se tornarem na submissa propriedade de um tirano. As formas da Constituição que amenizavam ou disfarçavam a sua abjecta escravidão foram abolidas pelo tempo e a violência; os Italianos lamentavam alternadamente a presença ou a ausência dos soberanos que detestavam ou desprezavam; e a sucessão de cinco séculos infligiu os vários males traduzidos no desmando militar, no despotismo caprichoso e numa estudada opressão. Durante este mesmo período, os bárbaros haviam saído da obscuridade e cessado de ser olhados com desprezo; os guerreiros da Germânia e da Cítia introduziram-se nas províncias, primeiro como servos, depois como aliados e, por fim, como senhores dos Romanos a quem insultavam ou protegiam sucessivamente. O ódio dos povos era sufocado pelo temor; eles respeitavam o valor e o brilho dos chefes militares que eram investidos das honras do império; e o destino

de Roma dependera durante muito tempo da espada destes temíveis estrangeiros. O austero Ricimer, espezinhando as ruínas de Itália, exercera o poder de um rei sem assumir o respectivo título; e os pacientes Romanos foram a pouco e pouco preparados para reconhecer a realeza de Odoacro e dos seus bárbaros sucessores.

O rei de Itália não era indigno da alta posição a que o elevaram o seu valor e a sua fortuna; as suas maneiras selvagens foram polidas pelos hábitos da conversação; e ele respeitava, apesar de ser um conquistador e um bárbaro, as instituições e até mesmo os preconceitos dos seus súbditos. Após um intervalo de sete anos, Odoacro restaurou o consulado do Ocidente. Recusou, por modéstia ou por orgulho, aceitar um título que ainda era usado pelos imperadores do Oriente, mas a cadeira curul foi sucessivamente ocupada por onze dos mais ilustres senadores; e a lista é adornada pelo nome ilustre de Basílio, cujas virtudes mereceram a amizade e o grato louvor de Sidónio, seu cliente. As leis dos imperadores foram rigorosamente seguidas, e a administração civil de Itália continuou a ser exercida pelo prefeito do pretório e pelos seus oficiais subordinados. Odoacro delegou nos magistrados romanos a odiosa e opressiva tarefa de colectar a receita pública, mas reservou para si o mérito de conceder oportunas e populares desobrigas. À semelhança de todos os bárbaros, ele fora educado segundo os dogmas da heresia ariana, mas respeitava os cânones monásticos e episcopais; e o silêncio dos católicos comprova a tolerância de que usufruíam. A tranquilidade da cidade exigiu a interposição do seu prefeito Basílio na escolha de um pontífice romano: o decreto que proibia o clero de alienar as suas terras destinou-se fundamentalmente a beneficiar o povo, cuja devoção se julgava obrigada a reparar as perdas da Igreja. A Itália estava protegida pelos exércitos do conquistador; e as suas fronteiras foram respeitadas pelos bárbaros da Gália e da Germânia, que durante tanto tempo tinham ultrajado os fracos descendentes de Teodósio. Odoacro atravessou o Adriático para castigar os assassinos do imperador Nepos e invadir a província marítima da Dalmácia. Passou os Alpes a fim de salvar os restos do Nórico das mãos de Fava, ou Feleteu, rei dos Rúgios, que habitava para lá do Danúbio. O rei foi vencido em combate e levado prisioneiro; uma numerosa colónia de cativos e homens livres veio parar a Itália; e Roma, após um longo período de derrota e desgraça, pôde apregoar o triunfo do seu amo bárbaro.

Apesar da prudência e dos êxitos de Odoacro, o seu reinado oferecia o triste espectáculo da miséria e da desolação. Desde a época de Tibério que a decadência da agricultura se fizera sentir em Itália; e era um justo motivo de queixa o facto de a vida do povo romano depender da feição dos ventos e marés. A divisão e o declínio do império acarretaram a perda do tributo das colheitas do Egipto e de África; o número de habitantes diminuía incessantemente com os meios de subsistência; e o país estava exausto devido aos danos irremediáveis da guerra, da fome e da peste. Santo Ambrósio lamentou a ruína de um distrito populoso, outrora abrilhantado pelas prósperas cidades de Bolonha, Módena, Régio e Placência. O Papa Gelásio, súbdito de Odoacro, afirma com muito exagero que na Emília, na Toscana e nas províncias vizinhas a espécie humana estava quase aniquilada. Os plebeus de Roma, que eram alimentados pela benevolência do seu senhor, morreram ou desapareceram assim que esta prodigalidade terminou; o declínio das artes reduziu os cidadãos industriais à ociosidade e à miséria; e os senadores, que talvez suportassem com indiferença a ruína do país, deploravam a perda das suas riquezas pessoais e do luxo. Um terço das vastas propriedades consideradas como a primeira causa da ruína da Itália foi confiscado para uso dos conquistadores. Às injustiças acrescentava-se a afronta; a percepção dos sofrimentos presentes era enegrecida pelo receio de males ainda mais horríveis; e conforme novas terras iam sendo cedidas a sucessivas vagas de bárbaros, todos os senadores temiam ver algum agrimensor prepotente aproximar-se da sua casa de campo favorita ou da sua herdade mais lucrativa. Os menos infelizes eram os que se submetiam sem um protesto ao poder a que ninguém conseguia resistir. Visto que desejavam viver, deviam alguma gratidão ao tirano que lhes poupava a vida; e visto que ele era o senhor absoluto das suas fortunas, a parte que lhes deixava devia ser aceite como um puro dom de generosidade. As tribulações da Itália foram mitigadas pela prudência e a humanidade de Odoacro, que se comprometera, como preço da sua elevação à realeza, a satisfazer os pedidos de uma multidão silenciosa e turbulenta. Os reis dos bárbaros eram frequentemente desobedecidos, depostos ou assassinados pelos seus súbditos naturais; e os vários bandos de mercenários italianos que se associavam sob a bandeira de um general da sua escolha reivindicavam mais prerrogativas de liberdade de acção e rapina. Uma monarquia destituída de união nacional e de direito hereditário corria rapidamente para a sua dissolução. Após um reinado de catorze anos,

Odoacro foi suplantado pelo génio superior de Teodorico, rei dos Ostrogodos; um herói tão exímio nas artes da guerra como nas do governo, que fez renascer os dias de paz e prosperidade e cujo nome ainda desperta e merece a atenção da humanidade.

Capítulo 37

Origem dos monges. Causas dos rápidos progressos do monaquismo. São Simeão, *o Estilita*. Conversão dos Bárbaros ao cristianismo

A indissolúvel ligação entre os assuntos civis e os eclesiásticos levou-me e encorajou-me a relatar os progressos, as perseguições, o estabelecimento, as divisões, o triunfo final e gradual corrupção do cristianismo. Adiei propositadamente a abordagem de dois eventos religiosos que interessam ao estudo da natureza humana e influíram no declínio e queda do Império Romano. I. A instituição da vida monástica; II. A conversão dos bárbaros do Norte.

I. A prosperidade e a paz introduziram a distinção entre os simples cristãos e os ascetas. A prática descuidada e imperfeita da religião satisfazia a consciência da turba. O príncipe ou o magistrado, o soldado ou o mercador, conciliavam o seu zelo fervoroso e a sua fé tácita com o exercício da profissão, a procura dos interesses e a entrega às paixões; mas os ascetas, que obedeciam de modo excessivo aos rígidos preceitos do Evangelho, eram inspirados pelo entusiasmo desenfreado que representava o homem como um criminoso e Deus como um tirano. Renunciavam deveras aos negócios e aos prazeres da época; rejeitavam o vinho, a carne e o casamento; castigavam o corpo, reprimiam as afeições e adoptavam uma vida de miséria como preço da felicidade eterna. No reinado de Constantino, os ascetas fugiram de um mundo profano e degenerado para buscar a solidão perpétua ou formar sociedades religiosas. À semelhança

dos primeiros cristãos de Jerusalém, eles abdicaram do uso ou da posse dos seus bens temporais; fundaram comunidades regulares para cada sexo segundo um mesmo modelo; e tomaram os nomes de *eremitas*, *monges* ou *anacoretas*, que expressavam o seu retiro isolado num deserto natural ou factício. Não tardaram a adquirir o respeito do mundo que desprezavam; e dispensaram-se os maiores elogios a uma FILOSOFIA DIVINA que superava, sem a ajuda da ciência ou da razão, as laboriosas virtudes das escolas gregas. Os monges podiam realmente rivalizar com os estóicos no desprezo da fortuna, da dor e da morte; o silêncio e a submissão pitagóricos reviveram na sua disciplina servil; e os monges desdenhavam com tanta firmeza como os próprios cínicos todos os preceitos e o decoro da sociedade civil. No entanto, os adeptos desta filosofia divina aspiravam a imitar um modelo mais puro e mais perfeito. Seguiram as pegadas dos profetas que se tinham retirado para o deserto; e restauraram a vida devota e contemplativa, instituída pelos essênios na Palestina e no Egipto. O olhar filosófico de Plínio observara cheio de assombro um povo solitário que habitava no meio das palmeiras, próximo do Mar Morto; que subsistia sem dinheiro; que se perpetuava sem mulheres; e que recebia da repugnância e do arrependimento da espécie humana um contínuo afluxo de associados voluntários.

O Egipto, fonte fecunda da superstição, forneceu o primeiro exemplo da vida monástica. Antão, um jovem iletrado oriundo da Baixa Tebaida, distribuiu o seu património e abandonou a família e a terra natal para levar a cabo a sua penitência *monástica* com um original e intrépido fanatismo. Após um longo e doloroso noviciado, no meio dos túmulos e dentro de uma torre em ruínas, avançou ousadamente durante três dias pelo deserto, a oriente do Nilo; descobriu um lugar solitário bafejado pela sombra das árvores e a água de um regato; e fixou a sua última residência no monte Colzim, próximo do mar Vermelho, onde um antigo mosteiro ainda conserva o nome e a memória do santo. A curiosidade e a devoção dos cristãos levaram-nos a procurá-lo no deserto; e quando se viu forçado a aparecer em Alexandria, à face dos homens, ele encarou a sua fama com modéstia e dignidade. Granjeou a amizade de Atanásio, cuja doutrina aprovava; e o camponês egípcio declinou respeitosamente um honroso convite do imperador Constantino. O venerável patriarca (pois Antão atingiu a idade de cento e cinco anos) viu crescer a numerosa estirpe que se formara por via do seu exemplo e das suas lições. As prolíficas colónias de

monges multiplicaram-se rapidamente nas areias da Líbia, sobre os rochedos da Tebaida e nas cidades do Nilo. A sul de Alexandria, a montanha e o deserto circunvizinho de Níttria povoaram-se de cinco mil anacoretas; e o viajante ainda pode avistar as ruínas de cinquenta mosteiros que foram erguidos neste solo estéril pelos discípulos de Antão. Na Alta Tebaida, a ilha deserta de Tabena estava ocupada por Pacómio e mil e quatrocentos dos seus irmãos. Este santo abade fundou sucessivamente nove mosteiros de homens e um de mulheres; e as festas da Páscoa reuniam por vezes cinquenta mil religiosos, que seguiam todos a sua regra *angélica* de disciplina. A imponente e populosa cidade de Oxirrínco, sede da ortodoxia cristã, dedicara os seus templos, edifícios públicos e até mesmo muralhas a fins piedosos e caritativos; e o bispo, que podia pregar em doze igrejas, contou dez mil mulheres e vinte mil homens ligados à profissão monástica. Os Egípcios, que se regozijavam com esta maravilhosa revolução, gostavam de imaginar e de acreditar que o número de monges ascendia a metade da população; e a posteridade pôde repetir o dito, outrora aplicado aos animais sagrados do país, segundo o qual era menos difícil encontrar um deus do que um homem no Egipto. Atanásio introduziu em Roma o conhecimento e a prática da vida monástica; e uma escola desta nova filosofia foi aberta pelos discípulos de Antão que tinham acompanhado o seu primaz até à soleira sagrada do Vaticano. O aspecto estranho e selvagem destes egípcios começou por suscitar horror e desprezo, mas, por fim, eles colheram aplausos e deram azo a uma zelosa imitação. Os senadores, e mais particularmente as matronas, transformaram os seus palácios e vilas em casas religiosas; e a reduzida instituição das seis vestais foi eclipsada pelos numerosos mosteiros que se ergueram sobre as ruínas dos templos antigos e no meio do Fórum romano. Arrebatado pelo exemplo de Antão, um jovem sírio chamado Hilarião(*) estabeleceu a sua lúgubre morada numa praia arenosa entre o mar e um pântano, a cerca de sete milhas de Gaza. A austera penitência em que persistiu durante quarenta e oito anos desencadeou um entusiasmo semelhante; e o santo homem era seguido por um cortejo de dois ou três mil anacoretas sempre que visitava os inúmeros mosteiros da Palestina. A fama de Basílio é imortal na história monástica do Oriente. Dotado de um espírito cultivado pela erudição e a eloquência de Atenas, e de uma ambição que mal pôde contentar-se com o arcebispado de Cesareia, Basílio retirou-se para um isolamento selvagem no Ponto; e dignou-se, durante algum tempo, ditar leis às colónias espirituais

que espalhara profusamente ao longo da costa do mar Negro. No Ocidente, Martinho de Tours(**), soldado, eremita, bispo e santo, fundou os mosteiros da Gália; dois mil discípulos acompanharam o enterro dele; e o seu eloquente historiador desafia os desertos da Tebaida a produzir, num clima mais favorável, um rival com as mesmas virtudes. O avanço do monaquismo foi tão rápido e universal quanto o do próprio cristianismo. Todas as províncias e, por fim, todas as cidades do império se encheram de crescentes multidões de monges; e as ermas e estéreis ilhas, desde as Lérins às Líparas, que se erguem no mar da Toscana foram escolhidas pelos anacoretas para lugar do seu exílio voluntário. Uma acessível e contínua comunicação por mar e por terra ligava as províncias do mundo romano; e a vida de Hilarião revela a facilidade com que um pobre eremita da Palestina conseguiu atravessar o Egipto, embarcar para a Sicília, fugir para o Epiro e, por fim, fixar-se na ilha de Chipre(***). Os cristãos latinos adoptaram as instituições religiosas de Roma. Os peregrinos que visitaram Jerusalém imitaram com zelo, nos mais remotos climas da Terra, o modelo exacto da vida monástica. Os discípulos de Antão espalharam-se para lá do trópicos, por todo o império cristão da Etiópia. O mosteiro de Banchor, no Flintshire, que acolhia mais de dois mil frades, expandiu uma numerosa colónia entre os bárbaros da Irlanda; a Iona, uma das Hébridas, desbravada por monges irlandeses, difundiu nas regiões do Norte umas dúbias luzes de ciência e superstição.

Causas dos rápidos progressos do monaquismo

Estes infelizes exilados da vida social eram impelidos pelo génio sombrio e implacável da superstição. A sua comum decisão apoiava-se no exemplo de multidões de ambos os sexos, de todas as idades e de todas as categorias; e cada prosélito que transpunha os portões de um mosteiro estava convencido de que trilhava o íngreme e espinhoso caminho da felicidade eterna(*). No entanto, a actuação destes motivos religiosos era diversamente determinada de acordo com o temperamento e a situação de cada um. A razão podia vencer a sua influência, ou as paixões suspendê-la; mas eles agiam mais intensamente sobre os espíritos frágeis das crianças e das mulheres; eram fortalecidos por um remorso secreto ou um infortúnio

acidental; e recebiam uma certa ajuda das considerações temporais de vaidade ou de interesse. Partia-se, naturalmente, do princípio de que os monges piedosos e humildes, que tinham renunciado ao mundo para consumir o trabalho da sua salvação, eram os mais bem qualificados para o governo espiritual dos cristãos. O relutante eremita via-se arrancado à cela e sentado, por entre as aclamações do povo, no trono episcopal; os mosteiros do Egito, da Gália e do Oriente forneciam uma sucessão regular de santos e bispos; e a ambição não tardou a descobrir o caminho secreto que levava à posse de riquezas e honras. Os monges mais conhecidos, cuja reputação dependia da fama e do êxito da sua ordem, esforçavam-se constantemente por multiplicar o número dos seus companheiros de servidão. Insinuavam-se nas famílias opulentas e nobres; e as especiosas artes da lisonja e da sedução eram utilizadas para conquistar os prosélitos capazes de conferir riqueza ou dignidade à profissão monástica. O pai indignado lamentava a perda do seu filho único; a jovem crédula era levada pela vaidade a violar as leis da Natureza; e a matrona aspirava à perfeição imaginária, renunciando às virtudes da vida doméstica. Paula cedeu à eloquência convincente de Jerónimo(*), e o profano título de sogra de Deus tentou esta ilustre viúva a consagrar a virgindade da sua filha Eustóquia. Seguindo o conselho do seu guia espiritual e em companhia dele, Paula abandonou Roma e um filho ainda criança; retirou-se para a aldeia santa de Belém; fundou um hospital e quatro mosteiros; e adquiriu, graças às esmolas e à penitência, uma eminente e notável posição na Igreja Católica. Estes raros e ilustres penitentes eram celebrados como a glória e o exemplo da sua época; mas os mosteiros estavam cheios de uma multidão de plebeus obscuros e abjectos que ganhavam no claustro muito mais do que tinham sacrificado ao separar-se do mundo. Camponeses, escravos e artífices podiam escapar à pobreza e ao desprezo refugiando-se numa honrosa profissão cuja dureza aparente era mitigada pelo hábito, pelo aplauso público e pelo secreto afrouxamento da disciplina(**). Os súbditos de Roma, cujas pessoas e fortunas estavam sujeitas a tributos exorbitantes e desigualmente repartidos, escapavam no claustro à opressão do governo imperial; e a juventude pusilânime preferia a penitência do monaquismo aos perigos da vida militar. Os aterrorizados provinciais de todas as classes que fugiam à frente dos bárbaros encontravam aí abrigo e subsistência; legiões inteiras enterravam-se nestes santuários religiosos; e a mesma causa que aliviava as aflições individuais diminuía a força e o poder do império. A profissão monástica

dos antigos cristãos constituía um acto de devoção voluntária. O fanático inconstante era ameaçado com a vingança eterna do Deus que ele abandonava, mas as portas do mosteiro continuavam abertas ao arrependimento. Os monges cujos escrúpulos de consciência eram temperados pela razão ou a paixão estavam autorizados a retomar uma existência de homens e cidadãos; e as próprias esposas de Cristo podiam aceitar os abraços legítimos de um amante terreno. Os exemplos de escândalo e os progressos da superstição sugeriram a conveniência de restrições mais enérgicas. Após uma prova suficiente, a fidelidade do noviço ficava garantida por um voto solene e perpétuo; e o seu compromisso irrevogável era ratificado pelas leis da Igreja e do Estado. Um fugitivo era declarado criminoso, perseguido, preso e devolvido à sua prisão perpétua; e a intervenção dos magistrados veio anular a liberdade e o mérito que suavizavam até certo ponto a abjecta escravidão da disciplina monástica. As acções de um monge, as suas palavras e até os seus pensamentos eram determinados por uma regra inflexível ou por um superior caprichoso; as mínimas faltas eram punidas por meio de humilhações ou da prisão, de jejuns extraordinários ou de flagelações sangrentas, e a desobediência, um leve murmúrio ou uma demora constavam do catálogo dos mais abomináveis pecados (*). Uma cega obediência às ordens do abade, por mais absurdas ou mesmo criminosas que pudessem parecer, constituía o princípio dominante, a primeira virtude dos monges egípcios; e a sua paciência era frequentemente exercitada pelas mais extravagantes provas. Ordenavam-lhes que deslocassem um rochedo enorme; que regassem assiduamente um estéril bordão plantado no solo e que, decorridos três anos, deveria deitar raízes e crescer como uma árvore; que andassem dentro de um forno aceso; ou que lançassem os filhos num tanque profundo; e vários santos, ou loucos, imortalizaram-se na história monástica graças à sua irreflectida e temerária obediência. A liberdade da alma, fonte de todos os sentimentos generosos e racionais, foi destruída pelos hábitos de credulidade e submissão; e o monge, ao contrair os vícios de um escravo, moldava-se devotamente à crença e às paixões do seu tirano eclesiástico. A paz da Igreja do Oriente foi perturbada por uma chusma de fanáticos desprovidos de medo, de razão ou de humanidade; e as tropas imperiais admitiam sem vergonha que temiam muito menos um combate com os mais ferozes dos bárbaros.

A superstição ideou e consagrou frequentemente as excêntricas vestes dos monges; mas a sua aparente singularidade resulta por vezes do apego geral a um modelo simples e primitivo, que as revoluções da moda tornaram ridículo aos olhos da humanidade. O fundador dos Beneditinos rejeita expressamente qualquer ideia de preferência ou mérito, e exorta ponderadamente os discípulos a adoptar os trajes grosseiros e simples dos países onde habitam. As vestes monásticas dos antigos variavam de acordo com o clima e o modo de vida; e eles usavam indiferentemente a pele de carneiro dos camponeses egípcios ou o manto dos filósofos gregos. Os monges permitiam-se o uso do linho no Egipto, onde ele era barato e feito no país; mas, no Ocidente, rejeitavam este artigo de luxo dispendioso e estrangeiro. Eles costumavam cortar ou rapar o cabelo; tapavam a cabeça com um capuz, a fim de se furtarem à visão de objectos profanos; andavam descalços e com as pernas desnudas, excepto durante o pino do Inverno; e os seus lentos e inseguros passos eram ajudados por um enorme bastão. O anacoreta genuíno tinha um aspecto terrível e repugnante; todas as sensações desagradáveis ao homem eram consideradas aprazíveis a Deus, e a regra angélica de Tabena condenava o hábito saudável de lavar o corpo e untá-lo com óleo. Os monges austeros dormiam no chão, sobre uma esteira desconfortável ou um cobertor áspero; e o mesmo monte de folhas de palmeira servia-lhes de assento durante o dia e de almofada à noite. As primeiras celas eram cabanas baixas e estreitas, feitas de materiais pouco sólidos, cuja distribuição regular em ruas formava uma grande e populosa aldeia, encerrando no interior da muralha comum uma igreja, um hospital, talvez uma biblioteca, algumas dependências, um jardim e uma fonte ou reservatório de água potável. Trinta ou quarenta frades compunham uma família com disciplina e administração independentes; e os grandes mosteiros do Egipto englobavam trinta ou quarenta famílias.

Prazer e crime eram sinónimos na linguagem dos monges, e a experiência tinha-lhes ensinado que os jejuns rigorosos e uma dieta frugal são as defesas mais eficazes contra os desejos impuros da carne. As regras de abstinência que eles impunham ou praticavam não eram uniformes nem perpétuas; as alegres festas do Pentecostes eram contrabalançadas pela extraordinária mortificação da Quaresma; o fervor dos novos mosteiros abrandou imperceptivelmente, e o apetite voraz dos Gauleses era incapaz de imitar a paciente e temperada virtude dos Egípcios. Os discípulos de Antão e Pacómio satisfaziam-se com a pitança diária(*) de doze onças de pão, ou

melhor, de biscoito, que eles repartiam por duas frugais refeições, a da tarde e a da noite. Considerava-se um mérito, e quase um dever, a abstinência dos legumes cozidos que eram fornecidos ao refeitório, mas a extraordinária indulgência do abade proporcionava-lhes, algumas vezes, o luxo do queijo, da fruta, da salada e dos pequenos peixes secos do Nilo. Uma maior quantidade de peixe de rio e de mar foi sendo gradualmente permitida ou arrogada, mas o consumo de carne limitou-se durante muito tempo aos doentes ou aos viajantes; e quando, a pouco e pouco, ela prevaleceu nos mosteiros menos rígidos da Europa, introduziu-se uma curiosa distinção, como se as aves, quer selvagens, quer domésticas, fossem menos profanas do que os animais mais bravios do campo. A água era a pura e inocente bebida dos primeiros monges; e o fundador dos Beneditinos lamenta a porção diária de meio quartilho de vinho a cada religioso que lhe fora exigida pela intemperança do século. Esta provisão podia ser facilmente fornecida pelos vinhedos de Itália; e os seus discípulos vitoriosos, quando transpuseram os Alpes, o Reno e o Báltico, pediram, em lugar do vinho, uma adequada compensação de cerveja forte ou de sidra.

O candidato que aspirava à virtude da pobreza evangélica abjurava, ao entrar numa comunidade regular, a ideia e até mesmo o nome de qualquer posse separada ou exclusiva(*). Os irmãos viviam do fruto do trabalho manual; e o dever de trabalhar era energeticamente recomendado como penitência, como exercício e como o meio mais louvável de garantir a subsistência diária. O jardim e os campos que o labor dos montes arroteava amiúde nas florestas ou nos pântanos eram cultivados diligentemente pelas suas próprias mãos. Eles executavam sem relutância as tarefas servis dos escravos e dos criados; e os vários ofícios necessários para fornecer os hábitos, os utensílios e construir os alojamentos dos monges eram exercidos dentro do recinto dos grandes mosteiros. Os estudos monásticos tenderam, em geral, mais a adensar do que a dissipar as trevas da superstição. No entanto, a curiosidade ou o zelo de alguns eruditos solitários cultivaram as ciências eclesiásticas e inclusive as profanas; e a posteridade deve admitir reconhecidamente que os monumentos das literaturas grega e latina foram preservados e multiplicados pela sua pena infatigável. Mas a mais humilde indústria dos monges, sobretudo no Egito, contentava-se com a silenciosa e sedentária ocupação de fabricar sandálias de madeira ou de entrançar as folhas de palmeira em esteiras e cestos. O excedente não aproveitado pelo consumo doméstico era vendido para prover às necessidades da

comunidade; os barcos de Tabena e dos outros mosteiros da Tebaida desciam o Nilo até Alexandria; e, num mercado cristão, a santidade dos obreiros podia aumentar o valor intrínseco do produto.

A necessidade do trabalho manual acabou, todavia, por se tornar gradualmente inútil. O noviço era persuadido a doar a sua fortuna aos santos em cuja companhia estava decidido a passar o resto da vida; e a nefasta indulgência das leis permitia-lhe receber, para uso do mosteiro, todos os futuros legados ou heranças que lhe calhassem. Melânia contribuiu com a sua baixela de prata que pesava trezentas libras, e Paula contraiu uma enorme dívida para socorrer os seus monges favoritos, que partilhavam generosamente o mérito das orações e da penitência com uma pecadora rica e liberal(*). O tempo aumentou incessantemente os bens dos mosteiros mais populares, e as circunstâncias acidentais só raramente os diminuíram; as suas propriedades espalhavam-se pelos campos e cidades vizinhos; e, no primeiro século da instituição, o pagão Zósimo observou maliciosamente que, para beneficiar dos pobres, os monges cristãos tinham reduzido uma grande parte da humanidade ao estado de mendicância. Enquanto conservaram o fervor inicial, eles mostraram-se, porém, fiéis e benevolentes dispensadores da caridade que estava confiada ao seu cuidado. Mas a sua disciplina acabou por afrouxar devido à prosperidade; imbuíram-se a pouco e pouco do orgulho da riqueza, entregando-se por fim ao luxo da dissipação. O seu fausto público podia ser desculpado pela magnificência do culto religioso e pela aceitável razão de construir edifícios duradouros para uma sociedade imortal. No entanto, desde os primeiros séculos da Igreja, sempre se criticou a licenciosidade dos monges degenerados que se esqueciam da finalidade da sua instituição, adoptavam os vãos e sensuais prazeres do mundo a que haviam renunciado e abusavam escandalosamente das riquezas que tinham sido adquiridas pelas austeras virtudes dos seus fundadores(**). O seu decaimento natural, desde uma tão dolorosa e perigosa virtude até os vícios comuns da humanidade, talvez não suscite muita pena ou indignação no espírito de um filósofo.

A vida dos primeiros monges passava-se em penitência e solidão, sem nunca ser interrompida pelas várias ocupações que preenchem o tempo e exercitam as faculdades dos seres sensatos, activos e sociáveis. Sempre que lhes era permitido sair do recinto do mosteiro, dois ciosos companheiros serviam reciprocamente de guarda e espião das acções um do outro; e, após o regresso, eram coagidos a esquecer, ou pelo menos a calar, o que tinham

visto e ouvido lá fora. Os estrangeiros que professavam a fé ortodoxa eram acolhidos hospitaleiramente em aposentos separados; mas a sua perigosa conversação só não estava vedada a alguns religiosos mais velhos e de reconhecida discrição e fidelidade. Só na presença deles é que o escravo monástico podia receber as visitas dos amigos ou parentes; e era considerado altamente meritório recusar obstinadamente a uma meiga irmã ou a um pai idoso o consolo de uma palavra ou de um olhar. Os monges viviam inclusivamente sem laços pessoais entre si, no meio de uma multidão reunida por acaso e que se achava retida numa mesma prisão pela força ou pelo preconceito. Os reclusos fanáticos tinham poucas ideias ou sentimentos para comunicar; uma licença especial do abade regulamentava o momento e a duração das suas mútuas visitas; e, durante as suas refeições silenciosas, eles mantinham-se envoltos nos capuzes, inacessíveis e quase invisíveis uns aos outros. O estudo constitui o recurso da solidão, mas a educação não preparara nem qualificara para quaisquer estudos liberais os artífices e camponeses que compunham as comunidades monásticas. Podiam trabalhar, só que a vaidade da perfeição espiritual se sentia tentada a desdenhar o exercício do labor manual; e a indústria torna-se apática e mole sempre que não é estimulada pelo interesse pessoal.

Segundo a sua fé e o seu zelo, eles podiam empregar o tempo que passavam nas celas em orações vocais ou mentais; reuniam-se ao entardecer e eram acordados durante a noite para celebrar o culto público do mosteiro. Sabiam-se as horas pela posição das estrelas, que raramente ficam encobertas no céu sereno do Egipto; e uma espécie de corneta ou trombeta rústica, sinal de devoção, interrompia duas vezes por dia o imenso silêncio do deserto. O próprio sono, derradeiro refúgio dos infelizes, era rigorosamente medido; as horas livres do monge decorriam lentamente, sem ocupação nem prazer; e antes do fim de cada dia, ele acusava repetidamente o vagaroso curso do Sol. Nesta situação desconfortável, a superstição continuava a perseguir e a atormentar os seus infelizes sectários. O repouso que tinham procurado no claustro era perturbado por tardios arrependimentos, dúvidas profanas e desejos culposos; e, dado que consideravam todos os impulsos naturais como pecados imperdoáveis, tremiam sem cessar à beira de um abismo chamejante e sem fundo. Estas infelizes vítimas eram por vezes libertas dos dolorosos combates contra a doença e o desespero graças à loucura ou à morte; e no século VI, fundou-se um hospital em Jerusalém para receber uma pequena parte dos austeros

penitentes que tinham perdido a razão. As suas visões, antes de atingirem este extremo e reconhecido estado de delírio, forneceram um vasto material à história dos prodígios. Eles estavam firmemente convencidos de que o ar que respiravam se encontrava povoado de inimigos invisíveis; de inúmeros demónios que espreitavam todas as ocasiões e assumiam todas as formas para aterrorizar e, sobretudo, tentar a sua desprotegida virtude. A imaginação e os próprios sentidos eram enganados pelas ilusões de um desenfreado fanatismo; e o eremita surpreendido pelo sono enquanto recitava as suas orações nocturnas podia confundir facilmente os fantasmas de horror ou deleite que tinham assediado o seu sono com algum sonho acordado.

São Simeão, o Estilita

Os monges dividiam-se em dois grupos: os *cenobitas*, que viviam em comunidade sob uma mesma regra; e os *anacoretas*, que se entregavam ao seu insociável e independente fanatismo. Os mais devotos ou os mais ambiciosos dos irmãos espirituais renunciavam ao convento, tal como tinham renunciado ao mundo. Os fervorosos mosteiros do Egipto, da Palestina e da Síria estavam rodeados de uma *laura*, um círculo de celas solitárias a alguma distância; e a extravagante penitência dos eremitas era incitada pelo aplauso e a emulação. Sucumbiam sob o peso doloroso de cruzes e cadeias; e os seus corpos emagrecidos eram apertados por colares, pulseiras, guantes e grevas de ferro maciço e rígido. Rejeitavam com desprezo as roupas supérfluas; e suscitaram admiração alguns santos frenéticos de ambos os sexos cujos corpos nus eram somente cobertos pelo seu comprido cabelo. Ambicionavam reduzir-se ao estado rude e miserável em que o ser humano já mal se distingue dos outros animais; e uma numerosa seita de anacoretas tirou o seu nome do humilde hábito de pastar nos campos da Mesopotâmia juntamente com o gado. Usurpavam com frequência o antro de algum animal selvagem com o qual se esforçavam por parecer; sepultavam-se em qualquer gruta sombria que o engenho ou a Natureza escavara na rocha; e as pedreiras de mármore da Tebaida ainda têm inscrições que são autênticos monumentos da sua penitência. Os eremitas mais perfeitos passavam, ao que se presume, muitos dias sem

comer, muitas noites sem dormir e muitos anos sem falar; e glorioso se tornava o *homem* (estou a abusar deste nome) que inventava uma cela ou habitação construída de tal modo que pudesse expô-lo, na mais incômoda posição, à inclemência dos elementos.

Entre os heróis da vida monástica, o nome e o génio de Simeão, o *Estilita*, foram imortalizados pela singular invenção de uma penitência aérea. Aos treze anos, o jovem sírio abandonou o ofício de pastor e ingressou num mosteiro austero. Após um longo e penoso noviciado em que foi repetidamente salvo de um piedoso suicídio, Simeão estabeleceu a sua residência numa montanha, a cerca de trinta ou quarenta milhas a leste de Antioquia. Dentro do espaço de uma *mandra*, ou círculo de pedras, ao qual se prendera com uma pesada corrente, ele subiu a uma coluna que foi sucessivamente erguida de nove pés à altura de sessenta pés. Neste último e elevado pouso, o anacoreta sírio resistiu ao calor de trinta Verões e ao frio de outros tantos Invernos. O hábito e a prática ensinaram-no a manter-se nesta perigosa posição sem medo nem vertigens, e a assumir sucessivamente as diversas atitudes da devoção. Rezava por vezes de pé, com os braços estendidos em forma de cruz; mas o exercício mais vulgar consistia em dobrar o corpo descarnado baixando a cabeça até aos pés; e um espectador curioso, depois de contar mil duzentas e quarenta e quatro repetições, desistiu finalmente da infindável contagem. As sequelas de uma úlcera na coxa(*) abreviaram, mas não perturbaram, esta vida *celestial*; e o paciente eremita expirou sem descer da sua coluna. Um príncipe que infligisse estas torturas por simples capricho seria considerado um tirano; mas ultrapassaria o poder de um tirano impor uma longa e miserável existência às vítimas recalcitrantes da sua crueldade. Este martírio voluntário destruíra sem dúvida a pouco e pouco a sensibilidade do espírito e do corpo; tão-pouco pode supor-se que os fanáticos que se atormentam a si mesmos sejam susceptíveis de afeição pelo resto da humanidade. Uma índole cruel e insensível caracterizou os monges em todas as épocas e em todos países; a sua fria indiferença, raras vezes amenizada pela amizade pessoal, é inflamada por um ódio religioso; e o seu zelo impiedoso administrou incansavelmente o Santo Ofício da Inquisição.

Os santos monásticos, que apenas provocam o desdém e a piedade dos filósofos, eram respeitados e quase adorados pelos príncipes e os povos. Multidões sucessivas de peregrinos da Gália e da Índia saudavam o divino pilar de Simeão; as tribos de sarracenos disputavam de armas em punho a

honra da sua bênção; as rainhas da Arábia e da Pérsia reconheciam de bom grado as suas virtudes sobrenaturais; e o angélico eremita foi consultado por Teodósio II sobre os assuntos mais importantes da Igreja e do Estado. Os seus restos mortais vieram da montanha de Telenissa transportados por uma solene procissão de que faziam parte o patriarca, o comandante supremo do Oriente, seis bispos, vinte e um condes ou tribunos e seis mil soldados; e Antioquia venerou os seus ossos como o mais glorioso ornamento e a mais segura defesa. A fama dos apóstolos e dos mártires eclipsou-se gradualmente por causa destes recentes e populares anacoretas; o mundo cristão prosternou-se diante dos seus relicários; e os milagres atribuídos às suas ossadas superaram, pelo menos em número e duração, os feitos espirituais das suas vidas. No entanto, as lendas douradas das suas vidas foram embelezadas pela hábil credulidade dos seus interesseiros confrades; e um século crente persuadiu-se com facilidade de que o mínimo capricho de um monge egípcio ou sírio bastara para interromper as leis eternas do Universo. Estes favoritos do céu estavam habituados a curar doenças desesperadas com uma imposição de mãos, uma palavra ou uma mensagem distante; e a exorcizar os mais obstinados demónios das almas ou dos corpos possessos. Aproximavam-se familiarmente dos leões e serpentes do deserto ou davam-lhes ordens imperiosas; faziam renascer a vegetação num tronco sem seiva; punham ferro a flutuar à superfície da água; atravessavam o Nilo às costas de um crocodilo; e refrescavam-se em fornos acesos. Estas extravagantes narrativas, que alardeavam a ficção da poesia, mas não o génio dela, marcaram seriamente a razão, a fé e a moral dos cristãos. A sua credulidade rebaixava e viciava as faculdades do espírito; eles falseavam a evidência histórica; e a superstição acabou por extinguir a pouco e pouco as luzes hostis da filosofia e da ciência. Todos os modos de culto religioso praticados pelos santos, todas as misteriosas doutrinas em que eles acreditavam, receberam o apoio dado pela sanção da revelação divina, e todas as virtudes nobres foram aviltadas pelo reinado servil e pusilânime dos monges. Se pudéssemos medir o intervalo entre os escritos filosóficos de Cícero e a lenda sagrada de Teodoreto, entre o carácter de Catão e o de Simeão, talvez apreciássemos a memorável revolução que se consumou no Império Romano ao longo de um período de quinhentos anos.

II. O avanço do cristianismo foi assinalado por duas gloriosas e decisivas vitórias: uma sobre os cidadãos ilustrados e voluptuosos do Império Romano; a outra sobre os bárbaros belicosos da Cítia e da Germânia, que

subverteram o império e adoptaram a religião de Roma. Os Godos foram os primeiros destes selvagens prosélitos; e a nação ficou a dever a sua conversão a um compatriota, ou pelo menos a um súbdito, digno de figurar entre os criadores de inventos úteis que merecem a recordação e a gratidão da posteridade. Um grande número de provinciais romanos tinham sido levados em cativeiro pelos bandos de godos que devastaram a Ásia na época de Galieno; entre os cativos havia muitos cristãos, e vários deles pertenciam à ordem eclesiástica. Estes missionários involuntários, dispersos como escravos pelas aldeias da Dácia, empenharam-se com êxito na conversão dos seus amos. As sementes da doutrina evangélica, por eles plantadas, propagaram-se a pouco e pouco e, em menos de um século, a piedosa obra foi concluída pelo labor de Úlfilas, cujos antepassados haviam sido transportados para lá do Danúbio vindos de uma cidadezinha da Capadócia.

Úlfilas, bispo e apóstolo dos Godos, granjeou a afeição e o respeito deles mercê de uma vida sem mácula e de um zelo incansável; e fê-los receber com absoluta confiança a doutrina da verdade e da virtude que ele pregava e praticava. Realizou a árdua tarefa de traduzir a Sagrada Escritura para a sua língua nativa, um dialecto da língua germânica ou teutónica; mas eliminou prudentemente os quatro livros dos Reis, que poderiam tender a excitar o zelo feroz e sanguinário dos bárbaros. O idioma rude e imperfeito de soldados e pastores, tão pouco próprio para comunicar ideias metafísicas, foi aperfeiçoado e modificado pelo seu génio; porém, antes de poder elaborar a sua versão, Úlfilas viu-se forçado a compor um novo alfabeto de vinte e quatro letras; entre elas, inventou quatro para exprimir sons peculiares que a pronúncia grega e latina desconhecia. No entanto, a próspera situação da Igreja goda não tardou a ser afligida pela guerra e os distúrbios internos, e os chefes de tribo dividiram-se por motivos tanto de religião como de interesse. Fritigerno, aliado dos Romanos, tornou-se prosélito de Úlfilas, ao passo que o altivo Atanarico rejeitou o jugo do império e do Evangelho. A fé dos recém-convertidos passou pela prova da perseguição que ele desencadeou. Uma carroça, transportando a imagem informe de Tor ou talvez de Ódin, foi conduzida em solene procissão através das ruas do acampamento, e os rebeldes que se recusavam a venerar o deus dos antepassados eram imediatamente queimados com as suas tendas e famílias. O valor de Úlfilas valeu-lhe a estima da corte do Oriente, onde apareceu duas vezes como ministro da paz; defendeu a causa dos

atribulados godos que imploravam a protecção de Valente; e este guia espiritual, que conduziu o seu povo através das águas profundas do Danúbio até à terra da Promissão, foi apelidado de *Moisés*. Os devotos pastores, afeiçoados à sua pessoa e dóceis à sua voz, concordaram em instalar-se no sopé das montanhas da Mésia, numa região de bosques e prados que alimentava as suas manadas e rebanhos e lhes permitia comprar o trigo e o vinho às províncias mais abastadas. Estes bárbaros inofensivos multiplicaram-se numa paz obscura e na fé do cristianismo.

Os seus compatriotas mais aguerridos, os temíveis Visigodos, adoptaram universalmente a religião dos Romanos, com os quais mantinham relações contínuas de guerra, de aliança ou de conquista. Na sua longa e vitoriosa marcha do Danúbio até ao oceano Atlântico, eles converteram os aliados e educaram a geração nascente: a devoção que reinava no acampamento de Alarico ou na corte de Tolosa poderia morigerar ou envergonhar os palácios de Roma e Constantinopla. Durante este mesmo período, o cristianismo foi abraçado por quase todos os bárbaros que estabeleceram os seus reinos sobre as ruínas do Império do Ocidente; os Burgúndios na Gália, os Suevos em Espanha, os Vândalos em África, os Ostrogodos na Panónia, e os vários grupos de mercenários que fizeram ascender Odoacro ao trono de Itália. Os Francos e os Saxões perseveravam nos erros do paganismo; os Francos, porém, obtiveram a monarquia da Gália pela sua submissão ao exemplo de Clóvis; e os missionários de Roma arrancaram os conquistadores saxões da Bretanha às suas superstições primitivas. Estes prosélitos bárbaros deram provas de um ardente e bem-sucedido zelo na propagação da fé. Os reis merovíngios e os seus sucessores, Carlos Magno e os Otões, estenderam o senhorio da cruz por meio das suas leis e vitórias. A Inglaterra viu nascer o apóstolo da Germânia; e a luz evangélica propagou-se gradualmente das vizinhanças do Reno às nações do Elba, do Vístula e do Báltico.

Os diversos motivos que influenciaram a razão ou as paixões dos bárbaros convertidos não podem ser facilmente apurados. Agiam muitas vezes caprichosa e acidentalmente: um sonho, um presságio, o relato de um milagre, o exemplo de algum padre ou herói, os sortilégios de uma esposa crédula, e, sobretudo, o desfecho ditoso de uma prece ou de um voto dirigido num momento de perigo ao Deus dos cristãos. Os anteriores preconceitos da educação foram imperceptivelmente apagados pelos hábitos de um convívio frequente e familiar; os preceitos morais do Evangelho eram sustentados pelas extravagantes virtudes dos monges; e a teologia

espiritual amparou-se no poder visível das relíquias e na pompa do culto religioso. No entanto, os missionários que tratavam de converter os infiéis talvez hajam por vezes utilizado um meio de persuasão sensato e engenhoso que um bispo saxão sugeriu a um santo popular. «Aceitai», declara o perspicaz controversista, «seja o que for que lhes apraza contar sobre a genealogia fabulosa e carnal dos seus deuses e deusas engendrados uns pelos outros. Com base neste princípio, deduzi a sua natureza imperfeita e as suas enfermidades humanas, a certeza de que *nasceram* e a probabilidade de que *morrerão*. Em que tempo, por que meio e por que causa foi produzido o mais velho dos deuses ou deusas? Ainda continuam ou deixaram de se engendrar? Se deixaram de o fazer, convidai os vossos antagonistas a citar o motivo desta estranha modificação. Se continuam, o número de deuses tornar-se-á infinito; e não nos arriscaremos, devido à imprudente adoração de qualquer divindade impotente, a provocar o ressentimento do seu cioso superior? Os céus visíveis e a terra, todo o sistema do Universo susceptível de ser concebido pelo espírito, são criados ou eternos? Se são criados, como e onde poderiam existir os deuses antes da criação? Se são eternos, como podem estes assumir o império de um mundo independente e preexistente? Servi-vos destes argumentos com serenidade e moderação; insinuai, nos momentos oportunos, a verdade e a beleza da revelação cristã; e esforçai-vos por suscitar a vergonha dos incréus sem lhes despertar a ira.» Este raciocínio metafísico, talvez excessivamente refinado para os bárbaros da Germânia, era fortalecido pelo peso mais sensível da autoridade e do consentimento popular. O trunfo da prosperidade temporal abandonara a causa pagã e passara para o lado do cristianismo. Os próprios Romanos, a mais poderosa e esclarecida nação do globo, tinham renunciado à sua antiga superstição; e se a ruína do império parecia acusar a impotência da nova fé, tal desgraça já estava a ser reparada pela conversão dos Godos vitoriosos. Os valentes e afortunados bárbaros que invadiram as províncias do Ocidente receberam e ofereceram sucessivamente o mesmo exemplo edificante. Antes da época de Carlos Magno, as nações cristãs da Europa puderam gabar-se da posse exclusiva dos climas temperados, das terras férteis que produziam trigo, vinho e azeite; ao passo que os idólatras selvagens e os seus ídolos improficuos estavam confinados às extremidades da Terra, nas sombrias e geladas regiões do Norte.

O cristianismo, que abriu as portas do Céu aos bárbaros, introduziu ao mesmo tempo uma significativa mudança na sua condição moral e política.

Eles receberam o uso das letras, tão essencial a uma religião cuja doutrina está contida num livro sagrado; e, enquanto estudavam a verdade divina, o seu espírito alargava-se insensivelmente com as perspectivas abertas no campo da História, da Natureza, das artes e da sociedade. A tradução das Escrituras para a sua língua nacional, que facilitara a conversão deles, certamente despertou entre o seu clero algum desejo de ler o texto original, de compreender a liturgia sagrada da Igreja e de examinar, nos escritos dos Padres, a cadeia da tradição eclesiástica. Estas dádivas espirituais estavam conservadas nas línguas grega e latina, que albergavam os inestimáveis monumentos das antigas luzes. As obras imortais de Virgílio, Cícero e Tito Lívio, que eram acessíveis aos bárbaros cristãos, estabeleceram uma silenciosa comunicação entre o reinado de Augusto e os tempos de Clóvis e de Carlos Magno. A emulação dos homens foi incentivada pela memória de um estado mais perfeito; e a chama da ciência manteve-se secretamente acesa para vivificar e iluminar a idade madura do mundo ocidental. Até mesmo na mais adulterada fase do cristianismo, os bárbaros podiam aprender a justiça na *Lei* e a piedade no *Evangelho*; e se o conhecimento do dever nem sempre bastava para guiar as suas acções ou regular as suas paixões, eles eram algumas vezes retidos pela consciência, e frequentemente punidos pelo remorso. A autoridade directa da religião revelava-se, contudo, menos eficaz do que a sagrada comunhão que os unia aos seus irmãos cristãos numa confraternidade espiritual. A influência deste sentimento contribuía para garantir a sua fidelidade ao serviço ou à aliança dos Romanos, para amenizar os horrores da guerra, para moderar a arrogância da conquista e preservar, no declínio do império, um constante respeito pelo nome e as instituições de Roma. Nos dias do paganismo, os sacerdotes da Gália e da Germânia reinavam sobre o povo e regiam a jurisdição dos magistrados; e os prosélitos zelosos prestaram uma mesma ou ainda maior obediência devota aos pontífices da fé cristã. O carácter sagrado dos bispos era reforçado pelos seus bens temporais; eles ocupavam um lugar honroso nas assembleias legislativas de soldados e homens livres; e não só lhes interessava como tinham o dever de adoçar, mediante pacíficos conselhos, o espírito feroz dos bárbaros. A contínua correspondência do clero latino, as frequentes peregrinações a Roma e a Jerusalém, e a crescente autoridade dos papas cimentaram a união da república cristã e produziram gradualmente os costumes semelhantes e a

jurisprudência comum que distinguem do resto da humanidade as nações independentes, e não raro hostis, da Europa moderna.

* * * * *

Capítulo 38

Queda do Império Romano do Ocidente. Observações gerais

Entre 476 e 496, Clóvis, rei dos Francos, estabeleceu o seu poder na Gália e converteu-se ao cristianismo. Depois das conquistas da Aquitânia e da Burgúndia, instaurou-se uma monarquia francesa na Gália em 536. Os Visigodos, expulsos da Gália, consumaram a conquista de Espanha. Os Saxões estabeleceram-se na Bretanha em 455-582.

Queda do Império Romano do Ocidente

Cheguei assim ao fim da laboriosa narrativa do declínio e queda do Império Romano, desde a afortunada época de Trajano e dos Antoninos até à sua total extinção no Ocidente, cerca de cinco séculos após o começo da era cristã. Neste período funesto, os Saxões lutavam ferozmente com os habitantes da Bretanha pela posse deste território; a Gália e a Espanha estavam repartidas entre as duas poderosas monarquias dos Francos e dos Visigodos, e os reinos dependentes dos Suevos e dos Burgúndios; a África sofria a cruel perseguição dos Vândalos e as selvagens incursões dos Mouros; Roma, a Itália e as regiões até às margens do Danúbio eram assoladas por um exército de mercenários bárbaros, cuja tirania sem freio cedeu o lugar ao reinado de Teodorico, *o Ostrogodo*. Todos os súbditos do

império que, pelo uso da língua latina, mereciam preferencialmente o nome e os privilégios de cidadãos romanos amargavam as humilhações e as calamidades da conquista estrangeira; e as nações vitoriosas da Germânia estabeleciam um novo sistema de costumes e de governo nas regiões ocidentais da Europa. A majestade de Roma era tibiamente representada pelos príncipes de Constantinopla, fracos e vagos sucessores de Augusto. Eles continuavam, no entanto, a reinar sobre o Oriente, desde o Danúbio ao Nilo e ao Tigre; os reinos godo e vândalo da Itália e de África foram subjugados pelas armas de Justiniano; e a história dos imperadores *gregos* ainda pode fornecer uma longa série de lições instrutivas e de revoluções interessantes.

Observações gerais sobre a Queda do Império Romano do Ocidente

Os Gregos, depois de a sua pátria ter ficado reduzida à situação de província, atribuíram os triunfos de Roma não tanto ao mérito, mas à fortuna da República. A deusa inconstante, que distribui e retoma tão cegamente os seus favores, consentira *agora* (era esta a linguagem da inveja adúladora) em abandonar as suas asas, descer do seu globo e instalar o seu sólido e imutável trono nas margens do Tibre. Um grego mais judicioso, que redigiu com espírito filosófico a memorável história do seu tempo, privou os compatriotas deste vão e ilusório conforto ao tornar-lhes patentes os profundos e sólidos alicerces da grandeza de Roma. A fidelidade dos cidadãos entre si e ao Estado era confirmada pelos hábitos da educação e pelos preconceitos da religião. A honra, tanto quanto a virtude, constituía o princípio da República; os cidadãos ambiciosos esforçavam-se por merecer as solenes glórias de um triunfo; e o ardor da juventude romana era induzido a uma emulação activa sempre que contemplava os retratos domésticos dos antepassados. Os confrontos moderados entre patrícios e plebeus tinham finalmente estabelecido o firme equilíbrio da Constituição, reunindo a liberdade das assembleias do povo, a autoridade e sabedoria de um Senado e os poderes executivos de um magistrado supremo. Quando o cônsul desfraldava o estandarte da República, todos os cidadãos se

obrigavam por juramento a empunhar a espada em prol do seu país, até cumprirem este dever sagrado mediante um serviço militar de dez anos. Uma tão sábia instituição lançava sem cessar no campo de batalha as gerações nascentes de homens livres e soldados; e o seu número era reforçado pelos aguerridos e populosos Estados de Itália que, após uma corajosa resistência, tinham reconhecido o valor e aceite a aliança dos Romanos. O sábio historiador que inflamou a virtude do último dos Cipiões, e observou a ruína de Cartago, descreveu cuidadosamente o seu sistema militar; os recrutamentos, as armas, os exercícios, a subordinação, as marchas, os acampamentos; e a invencível legião, superior em força activa à falange macedónia de Filipe e de Alexandre. Políbio atribuía a estas instituições de paz e de guerra o carácter e os êxitos de um povo incapaz de medo e adverso ao repouso. O ambicioso desígnio de conquista, que podia ter sido derrotado por uma oportuna concertação das nações, foi empreendido e consumado; e a perpétua violação da justiça estribou-se nas virtudes políticas da prudência e da coragem. Os exércitos da República, algumas vezes vencidos em batalha, sempre vitoriosos no fim da guerra, avançaram em passo rápido até ao Eufrates, ao Danúbio, ao Reno e ao Oceano; e as imagens de ouro, prata ou bronze que serviam para representar as nações e os seus reis foram sucessivamente quebradas pelo jugo de ferro da dominação romana. A ascensão de uma cidade que se transformou em seguida num império merece, enquanto prodígio singular, a reflexão de um espírito filosófico. No entanto, o declínio de Roma constituiu o efeito natural e inevitável do excesso de grandeza. A prosperidade amadureceu os princípios de decadência; as causas da destruição multiplicaram-se com o avanço da conquista; e mal o tempo ou os acontecimentos removeram os suportes artificiais, o imponente edifício cedeu à pressão do próprio peso. A história da sua ruína é simples e óbvia, e em vez de indagar porque é que o Império Romano foi destruído, deveríamos antes surpreender-nos por ele ter durado tanto tempo. As legiões vitoriosas, que em guerras distantes adquiriram os vícios dos estrangeiros e dos mercenários, oprimiram primeiro a liberdade da República, e, em seguida, violaram a majestade da púrpura. Os imperadores, preocupados com a sua segurança pessoal e com a tranquilidade pública, viram-se reduzidos ao vil expediente de corromper a disciplina que tornava os exércitos tão temíveis ao seu soberano quanto ao inimigo; o vigor do governo militar afrouxou e foi finalmente aniquilado

pelas instituições parciais de Constantino; e o mundo romano ficou submerso sob um dilúvio de bárbaros.

A decadência de Roma tem sido atribuída muitas vezes à deslocação da sede do império; mas esta história já mostrou que os poderes do governo foram divididos e não tanto transferidos. O trono de Constantinopla implantou-se no Oriente, enquanto o Ocidente continuava sob o mando de uma série de imperadores que fixavam residência em Itália e exigiam uma partilha equitativa das legiões e das províncias. Esta perigosa inovação diminuiu as forças e fomentou os vícios de um duplo reinado; os instrumentos de um sistema opressivo e arbitrário multiplicaram-se, e uma vã emulação de luxo e não de mérito introduziu-se e arreigou-se entre os sucessores degenerados de Teodósio. O extremo perigo que congrega a virtude de um povo livre envenena as facções de uma monarquia em declínio. Os favoritos antagônicos de Arcádio e de Honório entregaram a República aos seus inimigos comuns; e a corte bizantina viu com indiferença, ou talvez com prazer, a humilhação de Roma, os infortúnios de Itália e a perda do Ocidente. A aliança dos dois impérios restaurou-se sob os reinados seguintes, mas a ajuda dos romanos do Oriente revelou-se tardia, ambígua e ineficaz; e o cisma nacional dos Gregos e dos Latinos agravou-se devido à perpétua diferença de língua e costumes, de interesses e até mesmo de religião. No entanto, o desfecho salutar justificou em certa medida a escolha de Constantino. Durante um longo período de decadência, a sua cidade inexpugnável repeliu os exércitos vitoriosos dos bárbaros, protegeu as riquezas da Ásia e defendeu, tanto na paz como na guerra, o importante estreito que liga o mar Negro ao Mediterrâneo. A fundação de Constantinopla contribuiu muito mais para a preservação do Oriente que para a ruína do Ocidente.

Na medida em que o grande objectivo da religião consiste na felicidade de uma vida *futura*, podemos ouvir sem surpresa nem escândalo que a introdução, ou pelo menos o abuso do cristianismo, teve alguma influência no declínio e queda do Império Romano. O clero pregava com êxito a doutrina da paciência e da pusilanimidade; as virtudes activas da sociedade eram desencorajadas; e os últimos resquícios do espírito militar ficavam sepultados nos claustros; uma grande parte das riquezas públicas e privadas eram consagradas aos fins enganosos da caridade e da devoção; o estipêndio dos soldados ia esbanjar-se em favor de inúteis multidões de ambos os sexos que somente possuíam o mérito da abstinência e da

castidade. A fé, o zelo, a curiosidade e as paixões mais mundanas da malícia e da ambição ateavam a chama da discórdia teológica; a Igreja e o próprio Estado foram dilacerados por facções religiosas, cujas querelas se revelavam por vezes sangrentas e sempre implacáveis; a atenção dos imperadores desviou-se dos acampamentos para se ocupar dos sínodos; o mundo romano foi oprimido por uma nova espécie de tirania; e as seitas perseguidas tornaram-se os inimigos secretos do seu país. No entanto, o espírito de partido, por mais pernicioso ou absurdo que seja, constitui uma causa tanto de união como de dissensão. Os bispos inculcaram, do alto de mil e oitocentos púlpitos, o dever de obediência passiva a um soberano legítimo e ortodoxo; as suas frequentes assembleias e a sua incessante correspondência mantinham a comunhão das Igrejas distantes; e o cunho benfazejo do Evangelho era fortalecido, apesar de circunscrito a estreitos limites, pela aliança espiritual dos católicos. A santa indolência dos monges foi devotamente adoptada por um século servil e efeminado; no entanto, se a superstição não tivesse aberto este decente asilo, os mesmos vícios tentariam os indignos Romanos a desertar, por motivos mais baixos, o estandarte da República. Os preceitos religiosos que satisfazem e santificam as tendências naturais dos neófitos são facilmente cumpridos; mas a pura e genuína influência do cristianismo pode ser assinalada nos efeitos benéficos, ainda que imperfeitos, produzidos nos prosélitos bárbaros do Norte. Se o declínio do Império Romano foi apressado pela conversão de Constantino, o certo é que a sua religião vitoriosa atenuou a violência da queda e amansou a natureza feroz dos conquistadores. Esta tremenda revolução pode servir de útil ensinamento à época actual. Um patriota tem o dever de preferir e procurar exclusivamente o interesse e a glória do seu país natal, mas um filósofo está autorizado a alargar a sua perspectiva e a considerar a Europa como uma grande república, cujos vários habitantes atingiram um nível quase idêntico de educação e cultura. O equilíbrio entre as potências continuará oscilante e a prosperidade do nosso ou dos reinos vizinhos pode alternadamente aumentar ou diminuir; mas estes eventos particulares não influirão até certo ponto sobre o nosso estado geral de felicidade, sobre o sistema das artes, das leis e dos costumes que distinguem tão relevantemente os Europeus e as suas colónias do resto da humanidade. As nações selvagens do globo são os inimigos comuns da sociedade civilizada; e podemos indagar com inquieta curiosidade se a Europa está ameaçada de assistir a uma repetição das calamidades que, outrora,

destróçaram as armas e as instituições de Roma. Talvez as mesmas reflexões sirvam para elucidar a queda deste poderoso império e explicar simultaneamente as causas prováveis da nossa actual segurança. I. Os Romanos desconheciam a dimensão do perigo em que estavam e o número dos seus inimigos. Para lá do Reno e do Danúbio, as regiões setentrionais da Europa e da Ásia pululavam de inumeráveis tribos de caçadores e pastores, pobres, vorazes e turbulentos; ousados nas armas e impacientes por arrebataram os frutos da indústria. O mundo bárbaro foi revolvido pelo rápido surto da guerra; e a paz da Gália e a da Itália conturbaram-se em consequência das longínquas revoluções da China. Os Hunos, fugindo diante de um inimigo vitorioso, dirigiram a sua marcha para o Ocidente; e a torrente aumentou com a turba crescente dos cativos e dos aliados. As tribos fugitivas, que cediam aos Hunos, imbuíam-se por sua vez do espírito de conquista; a infundável coluna de bárbaros assediava o Império Romano com uma pressão cada vez maior; e se os primeiros eram destruídos, o lugar vago ficava logo preenchido por novos atacantes. Estas imensas emigrações já não brotam do Norte; e o longo repouso que tem sido atribuído ao decréscimo da população constitui a feliz consequência do progresso das artes e da agricultura. Em vez de algumas rústicas aldeias afastadas umas das outras no meio dos bosques e dos pântanos, a Alemanha conta hoje em dia um total de duas mil e trezentas cidades muradas; os reinos cristãos da Dinamarca, da Suécia e da Polónia surgiram à luz sucessivamente; e os mercadores hanseáticos, juntamente com os cavaleiros teutónicos, expandiram as suas colónias ao longo da costa do Báltico, até ao golfo da Finlândia. Desde o golfo da Finlândia ao oceano Oriental, a Rússia toma agora a forma de um império poderoso e civilizado. O arado, o tear e a forja são introduzidos nas margens do Volga, do Obi e do Lena; e as mais ferozes das hordas tártaras aprenderam a tremer e a obedecer. O reinado da barbárie independente está hoje reduzido a um pequeno espaço; e o resto dos Calmucos ou dos Usbeques, cujas forças quase podem ser contadas, não inquietam seriamente a grande república da Europa. Esta aparente segurança não deve, contudo, levar-nos a esquecer que novos inimigos e perigos desconhecidos podem *hipoteticamente* surgir de algum povo obscuro, só a custo visível no mapa-múndi. Os Árabes ou Sarracenos, que estenderam as suas conquistas desde a Índia à Espanha, vegetavam na pobreza e no desprezo geral antes de Maomé insuflar o sopro do entusiasmo nos seus corpos selvagens.

II. O Império de Roma estava solidamente assente na singular e perfeita harmonia das suas partes. Os povos das nações sujeitadas, renunciando à esperança e até mesmo ao desejo de independência, assumiram a qualidade de cidadãos romanos; e as províncias do Ocidente só contra vontade se deixaram arrancar pelos bárbaros ao seio da mãe-pátria. Esta união havia sido, porém, comprada com a perda da liberdade nacional e do espírito militar; e as províncias servis, desprovidas de vida e movimento, esperavam que as tropas mercenárias e os governadores às ordens de uma corte distante cuidassem da sua salvação. A felicidade de cem milhões de pessoas dependia do mérito pessoal de um ou dois homens, talvez de duas crianças cujo carácter se encontrava corrompido pela educação, o luxo e o despotismo. As mais profundas feridas foram infligidas ao império durante as menoridades dos filhos e netos de Teodósio; e quando estes príncipes incapazes pareciam ter atingido a idade viril, abandonaram a Igreja aos bispos, o Estado aos eunucos e as províncias aos bárbaros. A Europa está actualmente dividida em doze reinos poderosos, embora desiguais, três repúblicas respeitáveis e um grande número de Estados mais pequenos, mas independentes: as probabilidades de talentos régios e ministeriais são pelo menos multiplicados na razão do número de governantes; e um Juliano ou uma Semíramis podem reinar no Norte, enquanto Arcádio e Honório dormem de novo nos tronos do Sul. Os abusos da tirania são limitados pela mútua influência do receio e da vergonha; as repúblicas adquiriram ordem e estabilidade; as monarquias impregnaram-se dos princípios da liberdade ou, pelo menos, da moderação; e os costumes gerais do século introduziram algum sentido da honra e da justiça nas mais imperfeitas constituições. Em tempo de paz, os progressos do conhecimento e da indústria são acelerados pela emulação de muitos rivais activos; em tempo de guerra, as forças europeias são exercitadas por contendidas passageiras e pouco decisivas. Se um conquistador selvagem saísse dos desertos da Tartária, ver-se-ia obrigado a vencer, uns atrás dos outros, os robustos camponeses da Rússia, os numerosos exércitos da Alemanha, os valentes nobres de França e os intrépidos cidadãos da Grã-Bretanha que talvez se unissem para uma defesa comum. Se porventura os bárbaros vitoriosos levassem a escravatura e a desolação até ao oceano Atlântico, dez mil navios poriam os restos da sociedade civilizada ao abrigo da sua perseguição; e a Europa reviveria e floresceria no mundo americano, que já está cheio das suas colónias e instituições(*).

III. O frio, a pobreza e uma vida de perigo e fadiga avigoram a coragem e as forças dos bárbaros. Em todas as épocas, eles oprimiram as nações civilizadas e pacíficas da China, da Índia e da Pérsia, que negligenciavam e ainda hoje negligenciam suprir aquelas vantagens naturais por meio do recurso à arte militar. Os Estados guerreiros da Antiguidade, a Grécia, a Macedónia e Roma, educavam uma raça de soldados; exercitavam-lhes os corpos, disciplinavam-lhes a coragem, multiplicavam-lhes as forças mediante manobras regulares, e convertiam o ferro, que possuíam, em armas sólidas e úteis. Esta superioridade, porém, desapareceu aos poucos com a corrupção das suas leis e dos seus costumes; e a débil política de Constantino e dos seus sucessores armou e instruiu, para a ruína do império, o valor rude dos mercenários bárbaros. A arte militar sofreu uma mudança em resultado da invenção da pólvora, a qual submete ao poder do homem os dois mais poderosos agentes da Natureza: o ar e o fogo. A matemática, a química, a mecânica e a arquitectura têm sido postas ao serviço da guerra; e os campos adversos aplicam uns contra os outros os mais elaborados processos de ataque e defesa. Os historiadores podem observar cheios de indignação que os preparativos de um cerco estabeleceriam e manteriam uma colónia próspera; mas não nos deve desagradar que a destruição de uma cidade seja uma empresa dispendiosa e difícil; ou que um povo industrioso seja protegido pelas artes que sobrevivem à decadência da virtude militar e a substituem. O canhão e as fortificações formam agora uma barreira inexpugnável contra a cavalaria tártara; e a Europa está a salvo de qualquer futura incursão de bárbaros, pois que antes de poderem conquistar seria preciso que eles deixassem de ser bárbaros. Os seus avanços graduais na ciência da guerra seriam sempre acompanhados, como nos é dado verificar pelo exemplo da Rússia, de uma evolução proporcional nas artes pacíficas e na política civil; e eles próprios têm de merecer um lugar entre as nações civilizadas que pretendam submeter. Mesmo que se achem estas especulações duvidosas ou falaciosas, resta ainda uma fonte mais humilde de conforto e esperança. As descobertas dos antigos e modernos navegadores, bem como a história nacional ou a tradição das nações mais esclarecidas, representam o *selvagem humano* nu de corpo e espírito e destituído de leis, de artes, de ideias e quase de linguagem(*). Partindo desta condição abjecta, talvez o estado primitivo e universal do homem, ele veio a domar os animais, a fertilizar a terra, a atravessar o oceano e a medir os céus. Os seus progressos no desenvolvimento e no

exercício das faculdades mentais e corporais têm sido irregulares e diversos; infinitamente lentos no começo e aumentando por etapas com redobrada velocidade; séculos de laboriosa ascensão soçobraram por vezes num instante de rápida queda; e todos os climas do globo conheceram as vicissitudes da luz e das trevas. A experiência de quatro mil anos deve, contudo, aumentar as nossas esperanças e reduzir as nossas apreensões; somos incapazes de determinar a altura a que a espécie humana pode aspirar no seu caminho para a perfeição; mas podemos seguramente supor que nenhum povo, a não ser que a face do globo mude, recairá no seu primitivo estado de barbárie. Os progressos da sociedade podem ser encarados sob três aspectos. 1) O poeta e o filósofo iluminam o seu tempo e o seu país através dos esforços de um *único* génio; no entanto, estes prodígios de razão ou de imaginação constituem produções raras e espontâneas; e o génio de Homero, de Cícero ou de Newton suscitariam menos admiração se pudessem ser criados pela vontade de um príncipe ou pelas lições de um preceptor. 2) Os benefícios das leis, da política, do comércio, das manufacturas, das artes e das ciências são mais sólidas e duráveis; e *muitos* indivíduos podem ficar habilitados, pela educação e a disciplina, a promover nas suas respectivas posições o interesse da comunidade. Mas esta ordem é o efeito da inteligência e do trabalho, e a complexa maquinaria pode ser deteriorada pelo tempo ou alterada pela violência. 3) Felizmente para a espécie humana, as artes mais úteis, ou pelo menos mais necessárias, podem exercer-se sem talentos superiores nem subordinação nacional; sem os poderes de *um* só ou a união de *muitos*. Cada aldeia, cada família, cada indivíduo deve possuir sempre empenho e aptidão bastantes para perpetuar o uso do fogo e dos metais; a reprodução e o serviço dos animais domésticos; os métodos de caça e de pesca; os rudimentos da navegação; o cultivo imperfeito do trigo ou de outros cereais nutritivos, e a simples prática das artes mecânicas. O génio privado e a indústria pública poderão extinguir-se, mas estas plantas resistentes sobreviverão à tempestade e deitarão raízes profundas no solo mais desfavorável. Os dias brilhantes de Augusto e de Trajano eclipsaram-se sob uma nuvem de ignorância; e os bárbaros desmantelaram as leis e os palácios de Roma. No entanto, a foice, invento ou emblema de Saturno, continuou todos os anos a segar as colheitas de Itália; e os festins canibalescos dos Lestrígonos nunca mais se repetiram na costa da Campânia.

Desde a primeira descoberta das artes, a guerra, o comércio e o zelo religioso propagaram entre os selvagens do Velho e do Novo Mundo estes dons inestimáveis; eles jamais se perderão! Chegamos assim à agradável conclusão de que todas as épocas do mundo aumentaram e continuam a aumentar as riquezas reais, a felicidade, o conhecimento e talvez as virtudes da raça humana(*).

O ESTADO DE ITÁLIA

Capítulo 39

Reinado de Teodorico, *o Ostrogodo*. Prosperidade de Roma e de Itália. Arianismo de Teodorico. Execução de Boécio. Morte de Teodorico

Com a aprovação de Zenão, imperador do Oriente, Teodorico invadiu a Itália e derrotou Odoacro. Odoacro foi assassinado em 493. Nesse mesmo ano, Anastácio sucedeu a Zenão em Constantinopla. Teodorico reinou sobre um reino godo em Itália de 494 a 526.

O reinado de Teodorico

A vitória de Teodorico suscitara um alarme geral entre os bárbaros do Ocidente. Mal se percebeu, porém, que ele estava satisfeito com a sua conquista e desejoso de paz, o terror transformou-se em respeito e todos se submeteram à poderosa mediação de um príncipe que a utilizou sempre no melhor intuito de conciliar as querelas e civilizar as maneiras. Os

embaixadores que acorriam a Ravena, vindos dos mais distantes países da Europa, admiravam a sua sabedoria, a sua magnificência e a sua cortesia; e ainda que por vezes aceitasse escravos ou armas, cavalos brancos ou animais exóticos, ao retribuir com um relógio de sol, uma clepsidra ou um músico, ele lembrava aos príncipes da Gália a superioridade de talentos e indústria dos seus súbditos italianos. As suas alianças domésticas, uma mulher, duas filhas, uma irmã e uma sobrinha, uniam a família de Teodorico aos reis dos Francos, dos Burgúndios, dos Visigodos, dos Vândalos e dos Turíngios, e contribuía para manter a harmonia, ou pelo menos o equilíbrio, da grande república do Ocidente. É-nos difícil, nas sombrias florestas da Germânia e da Polónia, seguir as migrações dos Hérulos, um povo feroz que desdenhava o uso da armadura e condenava as viúvas e os idosos a não sobreviver à perda dos maridos ou ao declínio das forças. O rei destes selvagens guerreiros solicitou a amizade de Teodorico e foi elevado à categoria de seu filho, segundo os rituais bárbaros da adopção militar. Vindos das margens do Báltico, os Estónios ou os Livónios depuseram as suas oferendas de âmbar natal aos pés de um príncipe cuja fama os levava a empreender uma viagem de mil e quinhentas milhas por terras desconhecidas e perigosas. Ele mantinha uma assídua e amistosa correspondência com a região do Norte, donde a nação goda era originária; os Italianos utilizavam no seu vestuário as ricas zibelinas da Suécia; e um dos soberanos deste país, após uma abdicação voluntária ou forçada, encontrou um asilo hospitaleiro no palácio de Ravena. Reinara sobre uma das treze populosas tribos que cultivavam uma pequena parte da grande ilha ou península da Escandinávia, a que por vezes se deu a vaga denominação de Tule. Esta região setentrional era povoada, ou pelo menos tinha sido explorada até sessenta e oito graus de latitude, onde os nativos do círculo polar desfrutavam ou perdiam ininterruptamente a presença do sol, em cada solstício de Verão ou de Inverno, durante um mesmo período de quarenta dias. A longa noite da sua ausência ou morte constituía uma lúgubre estação de tristeza e ansiedade, até os mensageiros que tinham sido enviados para o alto das montanhas avistarem os primeiros raios da luz que regressava e anunciarem à planície, lá em baixo, a festa da ressurreição do dia.

A vida de Teodorico oferece o raro e meritório exemplo de um bárbaro que embainhou a espada no meio do orgulho da vitória e na força da idade. Um reinado de trinta e três anos foi consagrado aos deveres do governo civil, e as hostilidades em que ele por vezes se envolveu não tardaram a

terminar devido à habilidade dos seus lugar-tenentes, à disciplina das suas tropas, às armas dos seus aliados e ao próprio terror do seu nome. Submeteu a um governo forte e regular as pouco úteis regiões da Récia, do Nórico, da Dalmácia e da Panónia, desde a nascente do Danúbio e dos territórios dos Bávaros até ao pequeno reino fundado pelos Gépidas sobre as ruínas de Sirmio. A sua prudência não lhe permitia confiar o baluarte de Itália a uns tão fracos e turbulentos vizinhos; e a sua justiça tinha direito a reclamar, como uma parte do seu reino ou como a herança de seu pai, as terras que eles oprimiam. A grandeza de um servidor a quem apodaram de pérfido por causa do seu êxito despertou a inveja do imperador Anastácio; e ateou-se uma guerra nas fronteiras da Dácia devido à protecção que o rei godo, nas vicissitudes das coisas humanas, garantira a um dos descendentes de Átila. Sabiniano, um general ilustre pelo seu próprio mérito e pelos serviços do pai, avançou à cabeça de dez mil romanos; e as provisões e armas que enchiam um grande número de carroças foram em seguida distribuídas pelas mais ferozes tribos búlgaras. Mas nos campos de Margo, os poderes do Oriente sofreram um revés ante as forças menos numerosas dos Godos e dos Hunos; a flor e até mesmo a esperança dos exércitos romanos perderam-se aí irremediavelmente; e Teodorico incutira uma tal moderação nas suas tropas vitoriosas, que, dado o chefe não ter dado o sinal de pilhagem, os ricos despojos do inimigo permaneceram intactos aos pés delas. Exasperada por esta derrota, a corte bizantina enviou duzentos navios e oito mil homens para irem pôr a saque a costa da Calábria e da Apúlia; eles assaltaram a velha cidade de Tarento, perturbaram o comércio e a agricultura de uma terra feliz e regressaram ao Helesponto, orgulhosos da sua vitória de piratas sobre um povo que ainda ousavam considerar como os seus irmãos *romanos*. A sua retirada talvez haja sido apressada pela actividade de Teodorico; a Itália ficou protegida por uma armada de mil barcos ligeiros que ele construiu com incrível celeridade; e a sua firme moderação não tardou a ser compensada por uma paz sólida e honrosa. Manteve com autoridade o equilíbrio do Ocidente, até este ser finalmente subvertido pela ambição de Clóvis; e, embora incapaz de socorrer o seu temerário e infeliz parente, o rei dos Visigodos, salvou pelo menos os restos da família e dos súbditos dele e deteve os Francos no meio de uma vitoriosa carreira. Não desejo prolongar nem repetir esta narrativa dos acontecimentos militares, os menos interessantes do reinado de Teodorico; e contentar-me-ei em acrescentar que ele protegeu os Alamanos, que uma

incursão dos Burgúndios foi severamente punida e que a conquista de Arles e Marselha abriu uma comunicação com os Visigodos, os quais o veneravam como protector nacional e como tutor do seu neto, o jovem filho de Alarico. Nesta respeitável qualidade é que o rei de Itália restaurou a prefeitura do pretório das Gálias, reformou alguns abusos no governo civil de Espanha e aceitou o tributo anual e a aparente submissão do governador militar da província, que recusou prudentemente ir em pessoa ao palácio de Ravena. A soberania goda ficou estabelecida da Sicília ao Danúbio, de Sirmio ou Belgrado ao oceano Atlântico; e os próprios Gregos reconheceram que Teodorico reinava sobre a melhor parte do Império do Ocidente.

A união dos Godos e dos Romanos podia firmar por muitos séculos a felicidade transitória da Itália; e a primeira dentre as nações, um povo novo de cidadãos livres e soldados esclarecidos, podia a pouco e pouco surgir da mútua emulação das suas respectivas virtudes. No entanto, o mérito sublime de guiar ou secundar esta revolução não estava reservado ao reinado de Teodorico; faltavam-lhe o génio ou as oportunidades de um legislador; e enquanto deixava aos Godos o gozo de uma rude liberdade, copiava servilmente as instituições e os próprios abusos do sistema político que fora delineado por Constantino e seus sucessores. Por delicada deferência para com os preconceitos derradeiros de Roma, o bárbaro recusou o nome, a púrpura e o diadema dos imperadores; mas assumiu, sob o título de rei hereditário, toda a substância e plenitude da prerrogativa imperial. As suas missivas ao trono do Oriente eram respeitosas e ambíguas; celebrava num estilo pomposo a harmonia das duas repúblicas; congratulava-se com o seu próprio governo por se assemelhar ao do Oriente e tender para um único e indiviso império; e reclamava sobre os reis da Terra a mesma preeminência que modestamente concedia à pessoa ou à dignidade de Anastácio. A aliança do Oriente e do Ocidente era todos os anos atestada pela escolha concordante dos dois cônsules; parece, contudo, que o candidato italiano, nomeado por Teodorico, precisava de uma confirmação formal do soberano de Constantinopla. O palácio godo de Ravena reflectia a imagem da corte de Teodósio ou de Valentiniano. O prefeito do pretório, o prefeito de Roma, o questor, o mestre dos officios, juntamente com os tesoureiros público e privado, cujas funções são descritas num tom empolado pela retórica de Cassiodoro, continuavam a actuar como ministros de Estado. E os departamentos subalternos da justiça e das finanças eram delegados em sete

consulares, três correctores e cinco presidentes, que governavam as quinze regiões de Itália segundo os princípios, e até mesmo as formas, da jurisprudência romana. A violência dos conquistadores era refreada ou desviada pelos lentos artifícios dos procedimentos judiciais; a administração civil, com as suas honras e emolumentos, era reservada aos Italianos; e o povo conservava o seu traje e a sua língua, as suas leis e os seus costumes, a sua liberdade pessoal e dois terços das terras do país. Augusto tivera em mira esconder a introdução da monarquia; e a política de Teodorico consistiu em fazer esquecer que um bárbaro ocupava o trono. Se os seus súbditos despertavam por vezes da agradável ilusão de viver ainda sob um governo romano, o certo é que retiravam um conforto mais substancial do carácter de um príncipe godo que tinha suficiente penetração para discernir e firmeza bastante para buscar os seus interesses e os do povo. Teodorico amava as virtudes que possuía e os talentos de que estava desprovido. Libério foi promovido ao cargo de prefeito do pretório pela sua inabalável fidelidade à infeliz causa de Odoacro. Os ministros de Teodorico, Cassiodoro e Boécio, lançaram sobre o reinado dele o brilho do seu génio e erudição. Mais prudente ou afortunado do que o seu colega, Cassiodoro manteve o amor-próprio sem perder o favor régio; e depois de passar trinta anos rodeado de honras mundanas, gozou a bem-aventurança de um igual período de repouso na devota e estudiosa solidão de Cilaceu.

A prosperidade de Roma e de Itália

Como protector da República, o rei godo, por interesse e dever, precisava de cultivar a afeição do Senado e do povo. Os nobres de Roma sentiam-se lisonjeados com esses enfáticos epítetos e essas demonstrações de respeito que tinham sido mais justamente dirigidas ao mérito e à autoridade dos seus antepassados. O povo usufruía, sem receio nem perigo, das três bênçãos de uma capital: ordem, abundância e divertimentos públicos. Pode depreender-se um visível decréscimo da população tendo em conta o menor peso da liberalidade do rei; no entanto, a Apúlia, a Calábria e a Sicília despejavam os seus tributos de trigo nos celeiros de Roma; uma ração de pão e carne era distribuída pelos cidadãos indigentes; e consideravam-se honrosos todos os empregos que se consagravam ao serviço da sua saúde e felicidade. Os

jogos públicos, suficientemente brilhantes para um embaixador grego poder delicadamente aplaudi-los, davam uma fraca e imperfeita ideia da magnificência dos Césares; todavia, as artes da música, da ginástica e da pantomima não haviam caído totalmente no esquecimento; as feras africanas continuavam a exercitar a coragem e a destreza dos caçadores nos anfiteatros; e o indulgente godo tolerava com paciência ou reprimia brandamente as facções dos Azuis e dos Verdes, cujas querelas tantas vezes enchiam o circo de clamores e até mesmo de sangue. No sétimo ano do seu pacífico reinado, Teodorico visitou a velha capital do mundo; o Senado e o povo avançaram em procissão solene para saudar um segundo Trajano, um novo Valentiniano; e ele fez nobremente jus a este carácter prometendo um governo justo e conforme à lei num discurso que não receou pronunciar em público e inscrever numa tábuia de bronze. Nesta augusta cerimónia, Roma emitiu um último raio de glória declinante; e um santo, espectador desta pomposa cena, não pôde senão esperar, na sua piedosa fantasia, que ela seria ainda superada pelo celestial esplendor da Nova Jerusalém. Durante uma estada de seis meses, a fama, a pessoa e o comportamento cortês do rei godo suscitaram a admiração dos Romanos, e ele contemplou, com tanta curiosidade como surpresa, os monumentos que restavam da antiga grandeza. Imprimiu as pegadas de um conquistador na colina do Capitólio e confessou francamente que todos os dias encarava com renovado espanto o Fórum de Trajano e a sua alta coluna. Até mesmo em ruínas, o teatro de Pompeu surgia como uma imensa montanha artificialmente escavada, polida e ornada pela indústria dos homens; e ele calculava vagamente que um rio de ouro devia ter sido exaurido para se erigir o colossal anfiteatro de Tito. A partir das bocas de catorze aquedutos, uma torrente pura e copiosa espalhava-se a todas as partes da cidade; eram célebres as águas chamadas Claudianas, que nasciam a trinta e oito milhas de distância, nas montanhas dos Sabinos; trazidas ao longo de um suave mas constante declive de sólidos arcos, vinham parar ao alto do monte Aventino. As longas e espaçosas abóbadas que tinham sido construídas para servir de esgotos públicos ainda subsistiam em toda a sua antiga inteireza ao cabo de doze séculos; e estes canais subterrâneos eram preferidos a todas as maravilhas visíveis de Roma. Os reis godos, tão injustamente acusados da ruína da Antiguidade, ansiavam por preservar os monumentos da nação que tinham subjugado. Os edictos reais eram publicados para prevenir os abusos, a negligência ou as depredações dos próprios cidadãos; e desde um arquitecto

particular até à soma anual de duzentas libras em ouro, mais vinte e cinco mil ladrilhos e a receita das alfândegas do porto de Lucrino, tudo isto se destinou às reparações correntes das muralhas e dos edifícios públicos. Um mesmo cuidado abrangia as estátuas de metal ou mármore de homens e animais. A viveza dos cavalos que deram o seu actual nome ao monte Quirinal era admirada pelos bárbaros; os elefantes de bronze da Via Sacra foram diligentemente restaurados; a famosa vaca esculpida por Míron continuou a enganar o gado que era conduzido através do Fórum da Paz; e nomeou-se um funcionário encarregado de proteger estas obras de arte que Teodorico considerava o mais nobre ornamento do seu reino.

Seguindo o exemplo dos últimos imperadores, Teodorico preferiu a residência de Ravena, onde cultivava um pomar com as suas próprias mãos. Sempre que a paz do reino era ameaçada pelos bárbaros (pois nunca houve invasão), ele transferia a corte para Verona, na fronteira setentrional; e a imagem do seu palácio, que ainda subsiste numa moeda, oferece o mais antigo e genuíno modelo da arquitectura dos Godos. Estas duas capitais, bem como Pavia, Espoleto, Nápoles e as restantes cidades italianas, viram erguer-se durante o seu reinado os úteis ou esplêndidos melhoramentos de igrejas, aquedutos, banhos, pórticos e palácios. Mas a felicidade dos súbditos era ainda mais visível no activo cenário de faina e de luxo, no rápido aumento e na arrojada fruição da riqueza nacional. Vindos dos retiros umbríferos de Tíbur e de Preneste, os senadores romanos continuavam a ir procurar no Inverno o sol quente e as águas salubres de Baías; e as suas vilas, assentes em sólidos molhes que avançavam pela baía de Nápoles, dominavam o variado panorama do céu, da terra e da água. Na costa oriental do Adriático formara-se uma nova Campânia, na bonita e fértil província da Ístria que comunicava com o palácio de Ravena por uma fácil navegação de cem milhas. As ricas produções da Lucânia e das províncias vizinhas eram negociadas na fonte Marciliana, numa movimentada feira anual dedicada ao comércio, à intemperança e à superstição. Na solidão de Como, outrora animada pelo amável génio de Plínio, uma bacia de águas transparentes com mais de sessenta milhas de comprimento continuava a reflectir as casas campestres situadas em volta do lago Lário; e a suave inclinação das colinas era atapetada por um triplo plantio de oliveiras, vinhas e castanheiros. A agricultura renascia à sombra da paz, e o número de agricultores multiplicava-se com o resgate dos cativos(*). As minas de ferro da Dalmácia e uma mina de ouro do Brútio

eram cuidadosamente exploradas; e os pântanos Pontinos, bem como os de Espoletto, foram drenados e cultivados por empreiteiros particulares, cujos distantes ganhos dependiam da continuação da prosperidade pública. Sempre que os elementos se mostravam menos propícios, as incertas precauções de formar depósitos de trigo, fixar-lhe o preço e proibir a exportação demonstravam, pelo menos, a benevolência do Estado; mas tal era a extraordinária abundância que um povo laborioso colhia de um solo fértil, que um galão de vinho se vendia algumas vezes em Itália por menos de três quartos de um dinheiro, e uma quarta de trigo por cerca de cinco xelins e seis *pence*. Um país possuidor de tão valiosos artigos de comércio não tardou a atrair os mercadores do mundo inteiro, cujas lucrativas operações eram encorajadas e protegidas pelo espírito liberal de Teodorico. A comunicação das províncias, por terra e por água, foi restabelecida e alargada; as portas da cidade nunca se fechavam, nem mesmo de noite; e o provérbio segundo o qual se podia deixar sem receio uma bolsa de ouro no meio dos campos exprimia bem a segurança sentida pelos habitantes.

O arianismo de Teodorico

Uma diferença de religião é sempre perniciosa, e muitas vezes fatal, à harmonia que deve reinar entre o príncipe e o povo; o conquistador godo fora educado nos princípios do arianismo, e a Itália nutria uma fiel devoção pela fé de Niceia. Mas a crença de Teodorico não estava eivada de zelo; e ele seguia piedosamente a heresia dos seus antepassados sem se dignar ponderar os subtis argumentos dos metafísicos e dos teólogos. Satisfeito com a tolerância privada de que gozavam os seus sectários arianos, considerava-se justamente o guardião do culto público, e o seu respeito exterior por uma superstição que ele desprezava deve ter-lhe imbuído o espírito da salutar indiferença de um estadista ou de um filósofo. Os católicos dos seus domínios subscreveram, talvez relutantemente, a paz da Igreja; o seu clero, consoante o grau hierárquico ou o mérito, era honrosamente recebido no palácio de Teodorico; ele estimava a santidade viva de Cesário e de Epifânio, bispos ortodoxos de Arles e de Pavia; e depôs uma oferenda conveniente no túmulo de São Pedro, sem a mínima indagação escrupulosa sobre o credo do apóstolo. Os seus godos favoritos e

a sua própria mãe foram autorizados a conservar ou a abraçar a fé de Atanásio; e o seu longo reinado não ofereceu o exemplo de um só católico italiano que, de livre vontade ou à força, tenha adoptado a religião do conquistador. O povo e os próprios bárbaros eram edificados pela pompa e boa ordem das cerimónias religiosas; os magistrados recebiam instruções para defender as justas imunidades das pessoas e dos bens eclesiásticos; os bispos realizavam os seus sínodos, os metropolitas exerciam a sua jurisdição, e os privilégios de santuário eram mantidos ou moderados segundo o espírito da jurisprudência romana. Em paga da sua protecção, Teodorico assumiu um direito de supremacia sobre a Igreja; e a sua firme administração restabeleceu ou alargou algumas úteis prerrogativas que haviam sido descuradas pelos fracos imperadores do Ocidente. Ele não ignorava a dignidade e a importância do pontífice romano, a quem já se dava o venerável nome de papa. A paz ou a revolta de Itália dependiam em certos aspectos do carácter deste bispo rico e popular que se apresentava investido de tão grande autoridade no céu e na terra, e que um numeroso sínodo declarara isento de todo o pecado e acima de qualquer juízo. Quando a cadeira de São Pedro foi disputada por Símaco e Lourenço, ambos compareceram a seu mandado diante do tribunal do monarca ariano, que confirmou a eleição do candidato mais meritório ou submisso. No final da sua vida, num momento de desconfiança e ressentimento, ele obviou à escolha dos Romanos, nomeando e proclamando um papa no palácio de Ravena. O perigo e as violentas querelas de um cisma foram aplacados com brandura, e o último decreto do Senado teve em vista extirpar, na medida do possível, a escandalosa venalidade das eleições papais.

Discorri com prazer sobre a afortunada situação da Itália, mas a nossa fantasia não deve apressar-se a imaginar que a idade de ouro dos poetas, uma raça de homens sem vícios nem miséria, se consumou sob a administração goda. Este belo quadro toldou-se não raramente de nuvens; a sabedoria de Teodorico pode ter sido enganada; talvez se haja também resistido ao seu poder; e a velhice do monarca ficou manchada pelo ódio popular e pelo sangue patrício. No primeiro inebriamento da vitória, ele caíra na tentação de privar todo o partido de Odoacro dos direitos civis e até dos direitos naturais da sociedade; um imposto, inoportunamente planeado após as calamidades da guerra, iria sufocar a nascente agricultura da Ligúria; uma rigorosa preempção de trigo, concebida para aliviar o povo, ameaçava agravar as desgraças da Campânia. Estes arriscados projectos

foram cancelados graças à virtude e à eloquência de Epifânio e de Boécio, que, na presença do próprio Teodorico, defenderam com êxito a causa do povo; mas se os régios ouvidos se abriram à voz da verdade, o certo é que nem sempre aparecem um santo e um filósofo junto aos ouvidos dos reis. Os privilégios de hierarquia, de cargo ou de favor eram frequentemente alvo da fraude italiana e da violência goda; e a cupidez do sobrinho do rei patenteou-se à luz do dia, primeiro pela usurpação e depois pela devolução das propriedades que ele extorquiria injustamente aos seus vizinhos toscanos. Duzentos mil bárbaros, temíveis até para o seu senhor, estavam presentes no coração da Itália; eles sofriam com indignação os entraves da paz e da disciplina; as desordens da sua marcha eram sentidas em toda a parte, e, por vezes, pagavam-lhes para mudar de direcção; e onde se tornava arriscado punir, podia ser prudente dissimular os ímpetos da sua ferocidade natural. Quando a indulgência de Teodorico renunciou a dois terços do tributo dos habitantes da Ligúria, ele condescendeu em explicar as dificuldades da sua situação e em lamentar os pesados mas inevitáveis encargos que impunha aos súbditos para a própria defesa deles. Estes súbditos ingratos jamais poderiam perdoar a origem, a religião ou mesmo as virtudes do conquistador godo; as calamidades passadas caíram no esquecimento e a felicidade de que então gozavam ainda os tornou mais sensíveis às injustiças e dispostos às suspeitas.

A tolerância religiosa que Teodorico teve a glória de introduzir no mundo cristão revelou-se ela própria dolorosa e ofensiva para o zelo ortodoxo dos Italianos. Estes respeitavam a heresia armada dos Godos, mas a sua santa cólera dirigiu-se de modo mais seguro contra os ricos e indefesos judeus que se tinham estabelecido em Nápoles, Roma, Ravena, Milão e Génova, para benefício do comércio e sob a sanção das leis. As suas pessoas, depois de insultadas, viram os seus bens saqueados e as sinagogas incendiadas pela população enlouquecida de Ravena e de Roma, excitada, ao que parece, pelos mais frívolos e extravagantes pretextos. Um governo capaz de negligenciar semelhante ultraje mereceria sofrê-lo. Ordenou-se logo um inquérito judicial; e, visto que os autores do tumulto haviam escapado por entre a multidão, toda a comunidade se viu condenada a reparar o prejuízo, e os fanáticos obstinados que se recusavam a pagar a sua contribuição eram vergastados nas ruas pela mão do carrasco. Este simples acto de justiça suscitou o descontentamento dos católicos, os quais aplaudiram o mérito e a paciência daqueles santos confessores. Trezentos pregadores deploraram a

perseguição da Igreja; e se a Capela de Santo Estêvão, em Verona, foi demolida por ordem de Teodorico, também é provável que algum milagre atentatório ao seu nome e à sua dignidade tenha ocorrido neste local sagrado. No fim de uma vida gloriosa, o rei de Itália descobriu que era odiado por um povo cuja felicidade tanto se esforçara por conseguir; e o seu espírito azedou-se devido à indignação, à desconfiança e à amargura de um amor não correspondido. O conquistador godo desceu ao ponto de desarmar os plácidos habitantes de Itália, proibindo todas as armas ofensivas e não consentindo senão uma pequena faca para uso doméstico. O libertador de Roma foi acusado de conspirar com os mais vis delatores contra a vida dos senadores que ele suspeitava de manterem uma correspondência secreta e traiçoeira com a corte bizantina. Depois da morte de Anastácio, o diadema fora colocado na cabeça de um débil velho, mas o poder governamental havia sido assumido pelo seu sobrinho Justiniano, que já meditava a extirpação da heresia e a conquista da Itália e de África. Uma lei rigorosa publicada em Constantinopla a fim de reconduzir os arianos ao seio da Igreja pelo receio do castigo despertou o justo ressentimento de Teodorico, que reclamou para os seus afligidos irmãos do Oriente a mesma indulgência que ele concedera durante tanto tempo aos católicos dos seus domínios. Uma severa ordem sua fez o pontífice romano, juntamente com quatro ilustres senadores, pôr-se a caminho para uma embaixada cujo êxito ou malogro devia igualmente temer. A singular veneração testemunhada ao primeiro papa que visitava Constantinopla foi punida como um crime pelo seu ciumento monarca; a recusa artificiosa ou peremptória da corte bizantina deveria justificar uma retaliação e dar depois ensejo a maiores represálias; e, assim, preparou-se em Itália um decreto que proibia, a partir de um determinado dia, o exercício do culto católico. O mais tolerante dos príncipes estava prestes a começar uma perseguição por causa do fanatismo dos seus súbditos e dos seus inimigos; e a vida de Teodorico foi demasiado longa, pois ele viveu o suficiente para condenar a virtude de Boécio e de Símaco.

A execução de Boécio

O senador Boécio é o último dos romanos que Catão ou Túlio(*) teriam reconhecido como seu compatriota. Sendo órfão desde o berço, ele herdou o património e as honras da família Anícia, um nome orgulhosamente assumido pelos reis e imperadores da época; e o apelido de Mânlio atestava a sua genuína ou fabulosa descendência de um cônsul e de um ditador que tinham, o primeiro expulso os gauleses do Capitólio, e o segundo sacrificado os seus filhos à disciplina da República. Na juventude de Boécio, os estudos, em Roma, não estavam totalmente abandonados; ainda existe um Virgílio corrigido pela mão de um cônsul; e a liberdade dos Godos mantivera os privilégios e as pensões dos professores de gramática, de retórica e de jurisprudência. O estudo da língua latina não bastava, contudo, para satisfazer a sua ardente curiosidade; e consta que Boécio passou dezoito afanosos anos nas escolas de Atenas, que eram sustentadas pelo zelo, o saber e a diligência de Proclo e dos seus discípulos. A razão e piedade do seu pupilo romano escaparam felizmente ao contágio do mistério e da magia que conspurcavam os bosquedos da Academia; mas ele assimilou e imitou o método dos filósofos vivos e mortos que tentavam conciliar a razão forte e subtil de Aristóteles com a contemplação espiritual e a sublime fantasia de Platão. De regresso a Roma, e depois de desposar a filha de um amigo, o patrício Símaco, Boécio prosseguiu os mesmos estudos num palácio recoberto de marfim e mármore. A Igreja foi doutrinada pela sua profunda defesa do credo ortodoxo contra as heresias ariana, eutiquiana e nestoriana; e a unidade de Deus admitida pelos católicos ficou explicada ou exposta, num tratado formal, pela não-diferença de três pessoas distintas, embora consubstanciais. O seu génio acedeu a ensinar os primeiros elementos das artes e das ciências gregas, para instrução dos leitores latinos. A geometria de Euclides, a música de Pitágoras, a aritmética de Nicómaco, a mecânica de Arquimedes, a astronomia de Ptolemeu, a teologia de Platão e a lógica de Aristóteles, com o comentário de Porfírio foram traduzidas e ilustradas pela incansável pena do senador romano. E ele era o único julgado à altura de descrever as maravilhas da arte, um relógio de sol, uma clepsidra ou uma esfera que representava o movimento dos planetas. A partir destas especulações abstractas, Boécio descia — ou, melhor dizendo, ascendia — aos deveres sociais da vida pública e privada; os pobres eram socorridos pela sua generosidade, e a sua eloquência, que a lisonja pôde comparar às vozes de Demóstenes ou Cícero, sempre se empenhou na causa da inocência e da

humanidade. Este mérito notável foi sentido e compensado por um príncipe perspicaz; a dignidade de Boécio valeu-lhe os títulos de cônsul e de patrício, e os seus talentos desdobraram-se utilmente no importante cargo de mestre dos ofícios. Apesar de a escolha pertencer equitativamente ao Oriente e ao Ocidente, os seus dois filhos foram nomeados, ainda muito jovens, cônsules do mesmo ano. No dia memorável do empossamento, eles dirigiram-se com solene pompa do seu palácio até ao Fórum, no meio dos aplausos do Senado e do povo; e cheio de alegria, o pai, então verdadeiro cônsul de Roma, depois de pronunciar um discurso em louvor do seu régio benfeitor, deu provas de uma triunfal largueza nos jogos do circo. Provido de fama e fortuna, de honras públicas e alianças privadas, cultivando a ciência e consciente das suas virtudes, Boécio deveria considerar-se feliz, se porventura um tão precário epíteto pudesse aplicar-se antes dos derradeiros instantes da vida de um homem.

Um filósofo pródigo das suas riquezas e poupador do seu tempo devia ser insensível aos vulgares móveis da ambição, da sede de ouro e poder. E somos levados a crer na afirmação de Boécio de que obedecera relutantemente ao divino Platão, o qual ordena a todos os cidadãos virtuosos que salvem o Estado da usurpação do vício e da ignorância. Ele invoca a memória dos contemporâneos em testemunho da integridade do seu comportamento. A sua autoridade reprimira o orgulho e a crueldade dos funcionários reais, e a sua eloquência salvara Pauliano dos cães do palácio. Sempre lastimara e não raro atenuara o infortúnio dos provinciais cujas fortunas eram extorquidas pela rapina pública e privada; e só Boécio se atrevera a enfrentar a tirania dos bárbaros, arrebatados pela conquista, excitados pela cobiça e, como ele se queixa, encorajados pela impunidade. Nestas honrosas contendidas, o seu espírito pairava acima do perigo e talvez mesmo da prudência; e o exemplo de Catão ensina-nos que um carácter de pura e inflexível virtude é o mais disposto a deixar-se desviar pelo preconceito, arrastar pelo entusiasmo e confundir os inimigos privados com a justiça pública. O discípulo de Platão talvez exagerasse as enfermidades da Natureza e as imperfeições da sociedade; além de que até a mais branda forma de autoridade goda, e o próprio fardo da fidelidade e da gratidão, deviam ser insuportáveis ao espírito livre de um patriota romano. No entanto, o favor e a obediência de Boécio declinaram na mesma proporção que a felicidade pública; e impuseram-lhe um indigno colega incumbido de dividir e fiscalizar o poder que competia ao mestre dos ofícios. Na última e

escura fase da vida de Teodorico, Boécio sentiu com indignação que já não passava de um escravo; mas como o seu amo só tinha poder sobre os seus dias, ele apresentou-se, sem armas nem temor, perante um bárbaro irritado que fora levado a julgar que a segurança do Senado deixara de ser compatível com a sua. O senador Albino era acusado e até declarado culpado de ter a presunção de *esperar*, como se dizia, a liberdade de Roma. «Se Albino é criminoso», exclamou o orador, «o Senado e eu próprio somos todos culpados do mesmo crime. Se estamos inocentes, Albino tem igual direito à protecção das leis.» Estas leis talvez não pudessem punir o simples e estéril desejo de uma bênção inatingível, mas devem ter-se mostrado menos indulgentes para com a temerária confissão de Boécio, segundo a qual, se ele soubesse de uma conspiração, jamais a revelaria ao tirano. O defensor de Albino viu-se rapidamente envolvido no perigo do seu cliente, e talvez culpado do mesmo crime; a assinatura de ambos (que eles denegaram como uma falsificação) fora aposta numa petição que convidava o imperador do Oriente a libertar a Itália dos Godos; e três testemunhas de elevada categoria, e talvez de infame reputação, confirmaram os desígnios traiçoeiros do patrício romano. Devemos, contudo, presumir a sua inocência, na medida em que Teodorico lhe tirou todos os meios de se justificar e o enclausurou na torre de Pavia, enquanto o Senado, a uma distância de quinhentas milhas, pronunciava uma sentença de confiscação e morte contra o mais ilustre dos seus membros. Por ordem de um bárbaro, os conhecimentos secretos de um filósofo foram estigmatizados com os nomes de sacrilégio e magia(*). Um devotado e respeitoso apego ao Senado foi condenado como criminoso pelas vozes trémulas dos próprios senadores; e a sua ingratidão mereceu o voto ou a predição de Boécio quando lhes disse que, depois dele, ninguém mais se tornaria culpado da mesma falta.

Enquanto Boécio, posto a ferros, esperava a todo o momento a sentença ou o golpe de morte, ali mesmo, na torre de Pavia, ele compôs a *Consolação Filosófica*; uma obra preciosa, digna dos lares de Platão ou de Cícero, mas que se reveste de um mérito incomparável devido à barbárie da época e à situação do autor. A guia celestial, que durante tanto tempo ele invocara em Roma e em Atenas, dignava-se agora iluminar-lhe a masmorra, reanimar-lhe a coragem e espalhar um bálsamo salutar sobre as suas feridas. Ela ensinou-o a comparar a longa prosperidade com os males actuais, e a fundar novas esperanças na inconstância da sorte. A razão dera-lhe a conhecer a precária condição das dádivas da fortuna; a experiência

ensinara-lhe o real valor delas; usufruíra-as sem crime e renunciava a elas sem um suspiro, desdenhando calmamente a impotente malícia dos seus inimigos que lhe deixavam a felicidade, porquanto lhe deixavam a virtude. Boécio eleva-se da terra ao céu em busca do bem supremo; esquadrinha o labirinto metafísico do acaso e do destino, da presciência e do livre-arbítrio, do tempo e da eternidade; e tenta nobremente conciliar os atributos perfeitos da Divindade com as desordens aparentes dos mundos físico e moral. Estes motivos de consolação, tão óbvios, tão vagos ou tão abstractos, não conseguem triunfar dos sentimentos da natureza humana. No entanto, a sensação de infortúnio pode ser afastada pelo trabalho do pensamento; e o sábio que foi capaz de combinar habilmente, na mesma obra, os vários recursos da filosofia, da poesia e da eloquência já possuía certamente a intrépida calma que fingia procurar. A incerteza, o pior dos males, foi finalmente dissipada pelos ministros da morte, que executaram e provavelmente urgiram o desumano mandado de Teodorico. Uma corda grossa, atada em volta do pescoço de Boécio e apertada com toda a força, fez que os olhos quase lhe saltassem das órbitas; e descortina-se alguma piedade na mais suave tortura de o espancarem com maçãs até ele expirar. No entanto, o seu génio sobreviveu-lhe e lançou um raio de sabedoria sobre os séculos mais sombrios do mundo latino; os escritos do filósofo foram traduzidos pelo mais glorioso dos reis ingleses, e o terceiro imperador de nome Otão trasladou para um túmulo mais honroso os ossos de um santo católico a quem os seus perseguidores arianos haviam proporcionado as honras do martírio e a fama de fazer milagres (*). Nos últimos momentos de vida, Boécio retirou algum conforto da ideia de que os dois filhos, a mulher e o sogro, o venerável Símaco, nada tinham a temer. No entanto, o desgosto de Símaco foi indiscreto e talvez desrespeitoso; ele atrevera-se a chorar a morte de um amigo supliciado; podia ousar vingá-la. Prenderam-no com grilhões, levaram-no de Roma até ao palácio de Ravena, e as suspeitas de Teodorico somente se aplacaram quando correu o sangue de um senador inocente e velho.

A morte de Teodorico

O sentimento de humanidade predispõe-nos a abonar qualquer narrativa que ateste a universalidade da consciência e o remorso dos reis; e a filosofia não ignora que os mais horrendos espectros são por vezes criados pela força de uma fantasia perturbada e pela fraqueza de um corpo doente. Após uma vida recheada de virtudes e glória, Teodorico abeirava-se agora do túmulo acompanhado pela vergonha e o crime; o seu espírito sentia-se humilhado ao recordar o passado, e justamente alarmado ao antecipar os invisíveis terrores do futuro. Consta que, uma noite, quando a cabeça de um enorme peixe era servida na mesa real, ele exclamou subitamente que entrevia o rosto irado de Símaco, os seus olhos coruscantes de fúria e vingança, a sua boca armada de compridos dentes afiados que ameaçavam devorá-lo. O monarca retirou-se imediatamente para os seus aposentos, e, enquanto jazia a tremer com arrepios de febre sob o peso dos cobertores, confessou em murmúrios entrecortados ao seu médico Elpídio o profundo arrependimento que sentia pelos assassinios de Boécio e de Símaco. A doença agravou-se, e após uma disenteria que se prolongou por três dias, ele expirou no palácio de Ravena, no trigésimo terceiro ou, se contarmos a partir da invasão de Itália, no trigésimo sétimo ano do seu reinado. Ao dar-se conta de que o fim estava próximo, dividiu os seus tesouros e as suas províncias pelos dois netos e fixou o Ródano como fronteira comum. Amalarico viu-se restabelecido no trono de Espanha. A Itália, com todas as conquistas dos Ostrogodos, foi legada a Atalarico, que não tinha mais de dez anos, mas era acarinhado como o último rebento varão da linha dos Amales, devido ao casamento de curta duração da sua mãe Amalasunta com um príncipe deste sangue que fugira da pátria. Na presença do monarca moribundo, os chefes godos e os magistrados italianos juraram unanimemente fidelidade e lealdade ao jovem príncipe e à sua mãe e tutora; e receberam, neste mesmo momento solene, o derradeiro e salutar conselho de Teodorico para que mantivessem as leis, amassem o Senado e o povo de Roma, e cultivassem com o devido respeito a amizade do imperador. O monumento de Teodorico foi erigido pela sua filha Amalasunta numa proeminência que dominava a cidade de Ravena, o porto e a costa vizinha. Uma capela de forma circular, com trinta pés de diâmetro, é encimada por uma cúpula de um único bloco de granito; do centro da cúpula elevavam-se quatro colunas que sustentavam, num vaso de pórfiro, os restos mortais do rei godo, cercados pelas estátuas de bronze dos doze apóstolos. Depois de uma prévia expiação, poder-se-ia julgar que o seu espírito se iria juntar ao dos

benfeitores do género humano, caso um eremita italiano não tivesse sido testemunha, numa visão, da condenação às penas eternas de Teodorico, cuja alma era mergulhada pelos ministros da vingança divina no vulcão de Lípara, uma das bocas chamejantes do mundo infernal.

A ÉPOCA DE JUSTINIANO

Capítulo 40

O reinado de Justiniano. A Imperatriz Teodora. Os tumultos de Nika. Importação de seda da China. A Igreja de Santa Sofia. Abolição das escolas de Atenas e do consulado romano

O imperador Justiniano nasceu próximo das ruínas de Sárdica (a moderna Sófia), numa obscura família desses bárbaros que habitavam a região selvagem e erma a que se se deu sucessivamente os nomes de Dardânia, Dácia e Bulgária. A sua elevação foi preparada pelo espírito aventureiro do seu tio Justino, que, juntamente com dois outros camponeses da mesma aldeia, trocou o ofício mais útil de agricultor ou pastor pela profissão das armas. A pé e com uma escassa provisão de biscoitos nas mochilas, os três jovens seguiram pela estrada de Constantinopla e, dada a sua robustez e estatura, não tardaram a ingressar na guarda do imperador Leão. Sob os dois reinados seguintes, o afortunado camponês alcançou riquezas e honrarias; e o seu escapamento a alguns perigos que lhe ameaçavam a vida foi mais tarde atribuído ao anjo-da-guarda que vela pelo destino dos reis. Os seus longos e louváveis serviços nas guerras da Isáuria e da Pérsia não

teriam salvo o nome de Justino do esquecimento; mas justificam as promoções militares que, ao longo de cinquenta anos, o distinguiram sucessivamente — os postos de tribuno, de conde e de general, a dignidade de senador e o comando dos guardas, os quais lhe obedeceram como chefe na importante crise em que o imperador Anastácio perdeu a vida. Os poderosos parentes que este tinha apadrinhado e enriquecido viram-se excluídos do trono; e o eunuco Amâncio, que reinava no palácio, resolvera secretamente colocar o diadema na cabeça do mais submisso dos seus protegidos. Um vultuoso donativo destinado a comprar os guardas foi então depositado, para tal fim, nas mãos do seu comandante. Justino, porém, utilizou traiçoeiramente em seu benefício estes argumentos de peso; e dado nenhum competidor ousar apresentar-se, o camponês dácio achou-se revestido do manto imperial com o consentimento unânime dos soldados, que o sabiam corajoso e brando; do clero e do povo, que acreditavam na sua ortodoxia; e dos provinciais, que cediam de uma maneira cega e absoluta à vontade da capital. Justino I, cognominado o Antigo para o distinguir de outro imperador da mesma família e do mesmo nome, subiu ao trono bizantino aos sessenta e oito anos de idade; e caso tivesse sido abandonado a si próprio, cada momento de um reinado de nove anos teria mostrado aos seus súbditos a má escolha feita. A sua ignorância igualava a de Teodorico; e é surpreendente que, numa época que não era destituída de luzes, dois monarcas coevos nunca tenham aprendido a ler. No entanto, o génio de Justino era muito inferior ao do rei godo: a experiência de soldado não o qualificara para o governo de um império; e, embora possuísse valor pessoal, a consciência da sua fraqueza fazia-se naturalmente acompanhar de dúvida, desconfiança e apreensão política. Os negócios oficiais do Estado eram, porém, diligente e lealmente conduzidos pelo questor Proclo; e o idoso imperador recorreu aos talentos e à ambição do seu sobrinho Justiniano, um jovem cheio de aspirações, que o tio arrancara à rústica solidão da Dácia e educara em Constantinopla como o herdeiro da sua fortuna particular e, por fim, do Império do Oriente.

Visto que o eunuco Amâncio havia sido defraudado do seu dinheiro, tornava-se agora necessário tirar-lhe a vida. O objectivo foi facilmente alcançado acusando-o de uma conspiração real ou fictícia; e, para agravar o seu crime, os juízes foram informados de que ele aderira secretamente à heresia dos maniqueus. Amâncio ficou sem cabeça; três dos seus companheiros, os criados principais do palácio, sofreram a pena de morte

ou a de exílio; e o seu infeliz candidato à púrpura imperial foi metido numa funda masmorra, lapidado e ignominiosamente atirado ao mar sem funeral. A perdição de Vitaliano revelou-se uma tarefa mais difícil e perigosa. Este chefe godo granjeara popularidade por meio da guerra civil que empreendera sem temor contra Anastácio em defesa da fé ortodoxa; e após a conclusão de um vantajoso tratado, mantinha-se nas vizinhanças de Constantinopla à cabeça de um imenso e vitorioso exército de bárbaros. Seduzido pela garantia de alguns frágeis jura-mentos, ele deixou-se persuadir a abandonar esta situação vantajosa e a confiar a sua pessoa à guarda das muralhas de uma cidade, cujos habitantes, sobretudo a facção dos Azuis, foram ardilosamente instigados contra ele, inclusive por causa da lembrança do seu zelo religioso. O imperador e o sobrinho acolheram-no como o fiel e digno campeão da Igreja e do Estado e concederam com aparente gratidão ao seu favorito os títulos de cônsul e general; porém, no sétimo mês do seu consulado, Vitaliano foi apunhalado com dezassete golpes à mesa do príncipe, e Justiniano, que herdou o seu espólio, viu-se acusado do assassinio de um irmão espiritual a quem ainda recentemente dera a sua palavra participando com ele nos mistérios cristãos. Após a queda do rival, Justiniano foi promovido, sem qualquer exigência de serviço militar, ao posto de supremo comandante dos exércitos do Oriente, cabendo-lhe o dever de os chefiar contra o inimigo público. No entanto, ao buscar a fama, Justiniano arriscava-se a perder o seu presente ascendente sobre a idade e a fraqueza do tio; e em vez de merecer o aplauso dos compatriotas trazendo-lhes troféus citas ou persas, o prudente guerreiro solicitou o favor deles nas igrejas, no circo e no Senado de Constantinopla. Os católicos estimavam o sobrinho de Justino, que, entre as heresias nestoriana e eutiquiana, trilhava o estreito caminho da crença inflexível e intolerante dos ortodoxos. Nos primeiros dias do novo reinado, ele excitou e incensou o furor popular contra a memória do falecido imperador. Após um cisma de trinta e quatro anos, conseguiu aplacar o espírito orgulhoso e irado do pontífice romano e inspirou nos Latinos uma impressão favorável do seu piedoso respeito pela sede apostólica. As sés do Oriente encheram-se de bispos católicos devotados aos interesses dele; o clero e os monges deixaram-se conquistar pelas suas larguezas, e o povo foi ensinado a rezar pelo futuro soberano, esperança e apoio da verdadeira religião. A magnificência de Justiniano ostentava-se na grã pompa dos seus espectáculos públicos, algo de tão importante e sagrado aos olhos da

multidão como o Credo de Niceia ou de Calcedónia; as despesas no seu consulado foram avaliadas em duzentas e oitenta e oito mil moedas em ouro; vinte leões e trinta leopardos apareceram de uma única vez no anfiteatro; e um grande número de cavalos, ricamente ajaezados, eis o que receberam como dádiva extraordinária os condutores vitoriosos dos carros de circo. Enquanto satisfazia os desejos do povo de Constantinopla e ouvia os requerimentos dos reis estrangeiros, o sobrinho de Justino cultivava assiduamente a afeição do Senado. Este venerável nome parecia qualificar os seus membros para declarar a vontade da nação e regular a sucessão ao trono imperial. O fraco Anastácio deixara que o vigor do governo degenerasse na forma ou na substância de uma aristocracia, e os oficiais militares que obtinham a dignidade de senadores eram escoltados pelos seus guardas particulares, um bando de veteranos cujas armas ou aclamações podiam dispor, num momento tumultuoso, do diadema do Oriente. Os tesouros do Estado foram esbanjados para conseguir os votos dos senadores, e a sua asseveração unânime de que lhes seria grato vê-lo adoptar Justiniano como colega não tardou a ser comunicada ao imperador. No entanto, este pedido, que avisava demasiado claramente Justino do seu próximo fim, foi mal recebido pelo carácter desconfiado de um monarca idoso e desejoso de conservar um poder que era incapaz de exercer; e retendo a púrpura com ambas as mãos, ele aconselhou-os a preferir, já que a escolha de um candidato era tão proveitosa, um homem mais velho. Apesar de tal censura, o Senado não deixou de distinguir Justiniano com o título real de *nobilissimus*, e este decreto foi ratificado pelo afecto, ou então pelo temor do tio. Algum tempo depois, a fraqueza de corpo e de espírito a que ele se viu reduzido por uma ferida incurável na coxa tornou indispensável a ajuda de um adjunto. Mandou chamar o patriarca e os senadores e, na presença deles, colocou solenemente o diadema na cabeça do sobrinho, o qual foi conduzido do palácio até ao circo e saudado pelos ruidosos e alegres aplausos do povo. A vida de Justino prolongou-se por cerca de mais quatro meses; mas, a partir desta cerimónia, consideraram-no como morto para o império, que reconheceu Justiniano, aos quarenta e nove anos de idade, como legítimo soberano do Oriente.

Desde a sua entronização até à hora da morte, Justiniano governou o Império Romano durante trinta e oito anos, sete meses e treze dias. Os acontecimentos deste reinado, que merecem toda a nossa atenção pelo seu número, variedade e importância, são cuidadosamente relatados pelo

secretário de Belisário, um retor cuja eloquência o promovera à dignidade de senador e prefeito de Constantinopla. Procópio compôs sucessivamente a *história*, o *panegírico* e a *sátira* do seu tempo, consoante as vicissitudes da coragem ou da servidão, do favor ou do desvalimento. Os oito livros das guerras dos Persas, dos Vândalos e dos Godos, aos quais dão continuação os cinco livros de Agátias, são dignos de estima enquanto esforçada e bem-sucedida imitação dos escritores áticos, ou pelo menos dos escritores asiáticos da antiga Grécia. Os factos estão coligidos a partir da sua experiência pessoal e relatados no tom livre de um soldado, de um estadista e de um viajante; o seu estilo procura sempre e atinge frequentemente a força e a elegância; as suas reflexões, em especial nos discursos que ele insere em demasia, contêm uma rica base de conhecimentos políticos; e o historiador, excitado pela nobre ambição de encantar e instruir a posteridade, parece desdenhar os preconceitos do povo e a lisonja das cortes. Os escritos de Procópio foram lidos e elogiados pelos seus contemporâneos; mas, embora os tivesse respeitosamente deposto aos pés do trono, o orgulho de Justiniano deve ter-se sentido ferido pelo louvor de um herói que eclipsa incessantemente a glória do seu ocioso soberano. A consciência dignidade de um homem independente foi subjugada pelas esperanças e temores de um escravo; e o secretário de Belisário buscou o perdão e a recompensa nos seis livros dos *Edifícios* imperiais. Ele tinha habilmente escolhido um tema de manifesto brilho, onde lhe era possível celebrar de modo flagrante o génio, a magnificência e a piedade de um príncipe que, na qualidade de conquistador e legislador, superara as virtudes pueris de Temístocles e de Ciro. A desilusão talvez haja impellido o adulator a uma secreta vingança; e o primeiro vislumbre de favor pôde, ao invés, decidi-lo a suspender ou a suprimir um libelo em que o Ciro romano é degradado num odioso e desprezível tirano, em que tanto o imperador como a sua consorte Teodora são seriamente representados como dois demónios que assumiram uma forma humana para destruir a humanidade(*). Esta vil inconsistência embacia sem dúvida a reputação de Procópio e fá-lo perder crédito; no entanto, depois de o veneno da sua maldade se ter evaporado, o resíduo das *anedotas*, até mesmo os factos mais vergonhosos, alguns dos quais tinham sido deixados entrever na sua história pública, são comprovados pela lógica interna ou por autênticos testemunhos da época. Estribado nestes diferentes materiais, vou descrever o reinado de Justiniano, que merece ocupar um largo espaço. O presente

capítulo explanará a ascensão e o carácter de Teodora, as facções do circo e a pacífica administração do soberano do Oriente. Nos três capítulos seguintes, relatarei as guerras de Justiniano, que culminaram na conquista de África e de Itália; e prosseguirei com as vitórias de Belisário e Narses, sem dissimular a vacuidade dos seus triunfos ou as virtudes guerreiras dos heróis persas e godos. A sequência deste volume abordará a jurisprudência e a teologia do imperador; as controvérsias e as seitas que ainda dividem a Igreja do Oriente; a reforma das leis romanas que são observadas ou respeitadas pelas nações da Europa moderna.

A Imperatriz Teodora

O primeiro acto de Justiniano, no exercício do poder supremo, consistiu em dividi-lo com a mulher que ele amava, a famosa Teodora, cuja estranha ascensão não pode ser aplaudida como o triunfo da virtude feminina. Sob o reinado de Anastácio, o tratamento das feras sustentadas pela facção dos Verdes em Constantinopla foi confiado a Acácio, um natural da ilha de Chipre que, devido à sua incumbência, recebeu o título de mestre dos ursos. Após a sua morte, este honroso emprego veio a caber a outro candidato, apesar da diligência da viúva, que já arranjava um marido e sucessor. Acácio deixara três filhas, Comito, Teodora e Anastácia, a mais velha das quais não tinha por essa altura mais de sete anos. Num dia de festa solene, estas órfãs indefesas foram mandadas pela sua aflita e indignada mãe, em traje de suplicantes, para o meio do anfiteatro: a facção dos Verdes acolheu-as com desprezo, a dos Azuis com dó; e esta diferença, que marcou profundamente o espírito de Teodora, fez-se sentir muito mais tarde na administração do império. Quando a idade lhes desabrochou a beleza, as três irmãs foram sucessivamente votadas aos prazeres públicos e privados do povo bizantino; e Teodora, depois de aparecer atrás de Comito no palco, vestida de escrava e com um banquinho à cabeça, obteve finalmente licença para exercer os seus dotes de modo independente. Não dançava, não cantava, nem tocava flauta; a sua habilidade limitava-se à pantomima; era excelente nos papéis burlescos; e sempre que a comediante insuflava as bochechas e se queixava em tom e gestos cómicos das pancadas que apanhara, o teatro de Constantinopla ressoava todo ele de gargalhadas e

aplausos. A beleza de Teodora era motivo de elogios mais lisonjeiros e fonte de mais requintado prazer. Tinha umas feições delicadas e regulares; a tez, embora um pouco pálida, coloria-se de um rubor natural; todas as sensações se exprimiam instantaneamente na vivacidade dos olhos; os seus movimentos espontâneos frisavam a graciosidade de uma figura não muito alta, mas elegante; e o amor ou a adulação podiam proclamar que tanto a pintura como a poesia eram incapazes de reproduzir a incomparável perfeição das suas formas. Estes encantos, porém, eram aviltados pela facilidade com que ela os expunha ao olhar público e os prostituía ao desejo licencioso. A sua beleza venal era desfrutada por uma promíscua multidão de cidadãos e estrangeiros de todas as categorias e profissões: o feliz amante a quem fora prometida uma noite de delícias era frequentemente expulso da cama dela por um favorito mais robusto ou mais abastado; e quando ela passeava nas ruas, todos os que pretendiam fugir ao escândalo ou à tentação evitavam a sua presença. O historiador satírico não corou ao descrever as cenas de nudez que Teodora não se envergonhava de exhibir no teatro. Depois de esgotar todas as artes do prazer sensual, ela ainda murmurava ingratamente contra a parcimónia da Natureza; no entanto, os seus murmúrios, prazeres e requintes devem ser encobertos pela ambiguidade de uma linguagem reservada aos eruditos. Depois de ter triunfado durante algum tempo no meio da volúpia e do desprezo da capital, ela acedeu em acompanhar Ecébolo, um cidadão de Tiro que obtivera o governo da Pentápole de África. Esta união, contudo, mostrou-se frágil e passageira: Ecébolo não tardou a rejeitar uma concubina dispendiosa ou infiel; ela viu-se reduzida, já em Alexandria, a uma condição de extrema miséria; e no seu laborioso regresso a Constantinopla, todas as cidades do Oriente admiraram e desfrutaram da bela cipriota, cujos atractivos pareciam justificar a sua vinda ao mundo na ilha preferida de Vénus. A libertinagem de Teodora, e as mais detestáveis precauções, resguardaram-na do perigo que ela poderia recluir; no entanto, foi mãe uma vez, mas só uma. O moço, salvo pelo pai e educado na Arábia, veio a saber que era filho de uma imperatriz quando o velava no leito de morte. Cheio de ambiciosas esperanças, o confiante jovem apressou-se a ir ao palácio de Constantinopla, onde o levaram à presença da mãe. Como nunca mais ninguém o viu, mesmo depois da morte de Teodora, ela mereceu a hedionda acusação de ter abafado, ao matá-lo, um segredo tão contrário à sua virtude imperial.

No estado mais abjecto da sua fortuna e reputação, um sonho ou uma visão surgida da sua fantasia incutiram em Teodora a agradável certeza de que estava destinada a tornar-se esposa de um poderoso monarca. Imbuída da sua próxima grandeza, regressou da Paflagónia a Constantinopla; e, como exímia actriz, assumiu um porte mais decente; remediou a sua pobreza graças ao louvável trabalho de fiar a lã; e simulou uma vida de castidade e solidão numa casinha que, mais tarde, transformou num magnífico templo. A sua beleza, ajudada pelo artifício ou o acaso, depressa atraiu, cativou e prendeu o patrício Justiniano, que já reinava com total preponderância sob o nome do tio. Talvez ela tenha conseguido encarecer o preço de um favor que tantas vezes prodigara aos últimos dos homens; talvez tenha inflamado, primeiro com modestas recusas, e por fim com engodos sensuais, os desejos de um amante que, por natureza ou devoção, era dado a longas vigílias e a uma severa abstinência. Quando os primeiros entusiasmos dele se acalmaram, Teodora continuou a manter o mesmo ascendente sobre o seu espírito por meio dos argumentos mais sólidos do carácter e da inteligência. Justiniano deleitou-se a nobilitar e enriquecer o objecto do seu amor: os tesouros do Oriente foram espalhados aos pés dela, e o sobrinho de Justino estava decidido, talvez por escrúpulos religiosos, a conceder à sua concubina a condição sagrada e legítima de esposa. Mas as leis de Roma proibiam expressamente o casamento de um senador com qualquer mulher que estivesse desonrada por uma origem servil ou pela profissão teatral: a imperatriz Lupicina ou Eufémia, uma bárbara de maneiras grosseiras, mas de irrepreensível virtude, recusava aceitar uma prostituta como sobrinha; e até mesmo Vigilância, a supersticiosa mãe de Justiniano, embora reconhecendo o espírito e a beleza de Teodora, temia seriamente que a leviandade e a arrogância desta ardilosa amante pudessem corromper a piedade e perturbar a felicidade do filho. Estes obstáculos foram removidos pela inflexível constância de Justiniano. Ele aguardou pacientemente a morte da imperatriz; ignorou as lágrimas da mãe, que não tardou a sucumbir ao peso do desgosto; e promulgou-se uma lei, em nome do imperador Justino, que abolia a rígida jurisprudência da Antiguidade. Um glorioso arrependimento (segundo as palavras do edicto) era agora possibilitado às infelizes mulheres que haviam prostituído as suas pessoas no teatro, além de se lhes permitir contrair uma união legítima com os mais ilustres dos Romanos. Ao edicto de indulgência não tardaram a seguir-se as solenes núpcias de Justiniano e Teodora, cuja dignidade se elevou na

proporção da do amante; e mal Justino revestiu o sobrinho da púrpura imperial, o patriarca de Constantinopla colocou o diadema nas cabeças do imperador e da imperatriz do Oriente. Mas as honras usuais, que a severidade dos costumes romanos conferira às mulheres dos príncipes, não satisfaziam a ambição de Teodora nem a paixão de Justiniano. Ele sentou-se no trono com a categoria de colega igual e independente na soberania do império, e impôs-se um juramento de fidelidade aos governadores das províncias no qual apareciam juntos os nomes de Justiniano e Teodora. O mundo oriental prosternou-se diante do génio e da fortuna da filha de Acácio. A prostituta que, na presença de inumeráveis espectadores, maculara o teatro de Constantinopla, foi adorada como uma rainha, nesta mesma cidade, por graves magistrados, bispos ortodoxos, generais vitoriosos e monarcas cativos(*).

Os que acreditam que a índole feminina cai na depravação total depois da perda da castidade darão atentamente ouvidos a todas as invectivas da inveja privada ou do ressentimento público que esconderam as virtudes de Teodora, exageraram os seus vícios e condenaram sem piedade os pecados venais ou voluntários da jovem meretriz. Por uma questão de vergonha ou desprezo, ela recusou frequentemente a homenagem servil da multidão; afastava-se da claridade odiosa da capital e passava a maior parte do ano em palácios e jardins agradavelmente situados no litoral da Propôntida e do Bósforo. As suas horas de lazer eram dedicadas aos cuidados tão prudentes quão agradáveis com a sua beleza, aos luxos do banho e da mesa, e ao longo sono da tarde e da manhã. Os seus aposentos secretos albergavam as suas favoritas e os seus eunucos, cujos interesses e paixões satisfazia à custa da justiça: as mais ilustres personagens do Estado apinhavam-se numa escura e abafada antecâmara; e quando, por fim, após uma enfadonha espera, eram autorizados a beijar os pés de Teodora, experimentavam, consoante a disposição dela, a silenciosa arrogância de uma imperatriz ou a ligeireza caprichosa de uma actriz. A cúpida avareza que a levou a acumular um imenso tesouro pode desculpar-se pelo receio que lhe causava a eventual morte do marido, a qual não lhe deixaria alternativa entre a ruína e o trono; e o medo, bem como a ambição, talvez tenham suscitado a ira de Teodora contra dois generais que, durante uma doença do imperador, tinham declarado temerariamente não estarem dispostos a submeter-se à escolha da capital. No entanto, a acusação de crueldade, aliás tão contraditória com os seus vícios mais amenos, imprimiu uma mancha

indelével na memória de Teodora. Os seus numerosos espiões observavam e denunciavam zelosamente todas as acções, palavras ou olhares prejudiciais à dignidade dela. Quem quer que eles acusassem era lançado nas suas prisões particulares, inacessíveis aos oficiais de justiça; e constava que a tortura do cavalete ou a do chicote haviam sido infligidas na presença de uma mulher déspota, insensível à voz das súplicas ou à compaixão. Algumas destas infelizes vítimas pereceram em masmorras fundas e insalubres, enquanto outras, depois de perderem o uso dos membros, a razão ou a fortuna, foram autorizadas a aparecer aos olhos do mundo como monumentos vivos da sua vingança, que habitualmente se estendia aos filhos dos que haviam sido alvo da sua suspeita ou opressão. O senador ou bispo cuja morte ou exílio Teodora ditara era entregue a um esbirro de confiança, sendo a diligência deste incentivada por uma ameaça saída da sua própria boca. «Se falhares na execução das minhas ordens, juro-te por aquele que vive para sempre que a pele te será arrancada do corpo.»

Se o credo de Teodora não estivesse manchado pela heresia, a sua devoção exemplar expiaria, no espírito dos contemporâneos, o seu orgulho, a sua avareza e a sua crueldade; mas se ela utilizou a sua influência para acalmar a fúria intolerante do imperador, a época actual concederá algum mérito à sua religião e terá muita indulgência pelos seus erros teológicos. O nome de Teodora surge, com honras iguais às dele, em todas as instituições de piedade e caridade fundadas por Justiniano; e a obra mais benfazeja do seu reinado pode ser atribuída à compaixão da imperatriz pelas suas companheiras menos afortunadas que tinham sido seduzidas ou compelidas pela miséria a lançar-se na prostituição. Um palácio, no lado asiático do Bósforo, foi transformado num imponente e espaçoso mosteiro; e ela proveu ali de uma forma liberal à subsistência de quinhentas mulheres que haviam sido recolhidas nas ruas e nos bordéis de Constantinopla. Votaram-nas, neste retiro tão sagrado como seguro, a uma perpétua reclusão; e o desespero de algumas, que se atiraram ao mar, diluiu-se na gratidão da maioria das penitentes a quem a generosa benfeitora arrancara ao pecado e à miséria. A prudência de Teodora é celebrada pelo próprio Justiniano; e as suas leis são atribuídas aos sábios conselhos da venerada esposa que ele tinha recebido como um presente da Divindade. Ela deu provas de coragem no meio do tumulto do povo e dos terrores da corte. A sua castidade, desde o momento em que desposou Justiniano, é comprovada pelo silêncio dos seus implacáveis inimigos; e embora a filha de Acácio pudesse estar saciada

de amor, devemos-lhe mesmo assim alguns elogios pela firmeza de carácter que a levou a sacrificar o prazer e o hábito ao sentimento mais forte do dever ou do interesse. Os desejos e as preces de Teodora nunca obtiveram a bênção de um filho legítimo, e ela viu morrer uma filha de tenra idade, único fruto do seu casamento. Apesar desta desilusão, manteve um domínio constante e absoluto sobre o espírito do imperador; conservou, por habilidade ou mérito, a afeição de Justiniano; e as suas aparentes zangas eram sempre fatais para os cortesãos que as julgavam sinceras. Talvez a saúde dela tivesse sido prejudicada pela devassidão da juventude; mas foi sempre frágil, e os médicos receitaram-lhe os banhos quentes de Pítio. Nesta viagem, a imperatriz fez-se acompanhar do prefeito do pretório, do tesoureiro-mor, de vários condes e patrícios e de um brilhante séquito de quatro mil servidores; as estradas eram reparadas quando ela se aproximava; erigiu-se um palácio para a receber; e ao atravessar a Bitínia, distribuiu vultuosas esmolas pelas igrejas, mosteiros e hospitais para que eles implorassem aos céus o restabelecimento da sua saúde. Por fim, no vigésimo quarto ano de casamento e vigésimo segundo do seu reinado, sucumbiu a um cancro; e a perda irreparável encheu de mágoa o marido, que, em lugar de uma actriz prostituída, poderia ter escolhido a mais pura e nobre virgem do Oriente.

Os tumultos de Nika

Podemos notar uma diferença crucial nos jogos da Antiguidade: os gregos mais ilustres eram actores, e os romanos, simples espectadores. O estádio olímpico estava aberto à riqueza, ao mérito e à ambição; e se os candidatos confiassem na sua habilidade pessoal e energia, podiam seguir as pisadas de Diomedes e Menelau, e conduzir os seus próprios cavalos na veloz carreira. Dez, vinte, quarenta carros partiam todos no mesmo instante; o vencedor obtinha uma coroa de louros como recompensa, e a sua fama, juntamente com a da sua família e do seu país, era celebrada em versos líricos mais duradouros que monumentos de bronze e mármore. No entanto, um senador, ou mesmo um cidadão, cónscio da sua dignidade, teria corado se expusesse a sua pessoa ou os seus cavalos no circo de Roma. Os jogos eram realizados a expensas da República, dos magistrados ou dos

imperadores; mas as rédeas eram abandonadas a mãos servis; e se os ganhos de um condutor de carros predilecto do povo excediam por vezes os de um advogado, a verdade é que devemos considerá-los o resultado da extravagância popular e o rico salário de uma profissão desonrosa. A corrida, nos primeiros tempos, consistia numa simples competição entre dois carros, cujos condutores se distinguiam por meio de equipamentos *brancos* e *vermelhos*; duas cores adicionais, um *verde-claro* e um *azul-celeste*, foram posteriormente introduzidas; e dado as corridas se repetirem vinte e cinco vezes, cem carros contribuíam no mesmo dia para a pompa do circo. As quatro facções não tardaram a adquirir uma base legal e a ser consideradas de origem misteriosa; as quatro cores, adoptadas ao acaso, viriam ao que se dizia dos vários aspectos da Natureza durante as quatro estações do ano; o rubro da canícula estival, as neves do Inverno, os tons escuros do Outono, e a alegre verdura da Primavera. Uma outra interpretação preferia os elementos às estações, e a luta entre o verde e o azul representaria então o conflito da terra e do mar. As suas respectivas vitórias anunciavam uma colheita abundante ou uma navegação feliz; e a hostilidade entre agricultores e marinheiros era assim um pouco menos absurda que o cego fervor do povo romano, que dedicava a sua vida e a sua riqueza à cor que havia escolhido. Esta loucura foi desdenhada ou favorecida pelos mais sábios príncipes; mas os nomes de Calígula, Nero, Vitélio, Vero, Cómodo, Caracala e Heliogábalo constaram da lista das facções do circo, quer dos Azuis, quer dos Verdes; visitavam os estábulos, aplaudiam os seus favoritos, puniam os antagonistas e mereciam a estima da população devido à imitação natural ou estudada dos seus modos. As querelas sangrentas e tumultuosas continuaram a perturbar as festas públicas até ao último período dos espectáculos de Roma; e Teodorico, por motivos de justiça ou apego, interpôs a sua autoridade em benefício dos Verdes contra a violência de um cônsul e de um patrício que eram adeptos apaixonados da facção azul do circo.

Constantinopla adoptou as loucuras, se bem que não as virtudes, da antiga Roma; e as mesmas facções que tinham agitado o circo embraveciam com fúria redobrada o hipódromo. Sob o reinado do Anastácio, este frenesim popular foi inflamado pelo zelo religioso; e os Verdes, que haviam traiçoeiramente escondido pedras e punhais em cestos de fruta, assassinaram três mil dos seus adversários Azuis numa festa solene. Da capital, o contágio estendeu-se às províncias e cidades do Oriente, e duas

cores adoptadas para divertimento do público deram origem a duas poderosas e irreconciliáveis facções que abalaram os alicerces de um governo frágil. As discussões populares, baseadas nos mais sérios interesses ou nos pretextos mais sagrados, raramente igualaram a obstinação desta injustificada discórdia que transtornou a paz das famílias, separou irmãos e irmãs e tentou o sexo feminino, embora pouco visível no circo, a perfilhar as inclinações dos amantes ou a contrariar os desejos dos maridos. Todas as leis, humanas ou divinas, eram calcadas; e enquanto um dos partidos saía vitorioso, os seus cegos adeptos pareciam indiferentes à miséria pessoal ou às calamidades públicas. O abuso da democracia, sem a liberdade desta forma de governo, renasceu em Antioquia e Constantinopla e o apoio de uma facção tornava-se necessário a todos os candidatos a honras civis ou eclesiásticas. Uma ligação secreta à família ou à seita de Anastácio era imputada aos Verdes; os Azuis sustentavam zelosamente a causa da ortodoxia e de Justiniano; e este agradecido patrono protegeu durante mais de cinco anos as desordens de uma facção cujos tumultos regulares intimidavam o palácio, o Senado e as cidades do Oriente. Os Azuis, tornados insolentes devido ao favor régio, lembraram-se de espalhar o terror usando o traje e o aspecto característico dos bárbaros — os compridos cabelos dos Hunos, as suas mangas apertadas e roupas largas, um passo altaneiro e um tom de voz ruidoso. Durante o dia escondiam os punhais de dois gumes, mas, à noite, reuniam-se atrevidamente em bandos numerosos e armados, prontos a todos os actos de violência e rapina. Os seus adversários da facção dos Verdes, ou mesmo inofensivos cidadãos, eram despojados e não raramente assassinados por estes salteadores nocturnos, e tornou-se perigoso usar botões e cintos de ouro, ou andar a altas horas pelas ruas da pacífica capital. A sua audácia, acrescida pela impunidade, instigou-os a violar a tranquilidade das casas particulares; e lançavam mão do fogo, estes desordeiros facciosos, para facilitar o ataque ou ocultar os seus crimes. Nenhum lugar era seguro ou sagrado perante as suas depredações; para satisfazer a cobiça ou a vingança, derramavam profusamente o sangue dos inocentes; igrejas e altares eram maculados por crimes atrozes, e os assassinos vangloriavam-se de que tinham tão grande destreza que infligiam sempre um golpe mortal com uma única punhalada. A juventude dissoluta de Constantinopla adoptou o fardamento azul da desordem; as leis calavam-se e os laços da sociedade afrouxavam; os credores eram obrigados a restituir os seus títulos; os juizes a revogar as sentenças; os amos a dar carta

de alforria aos escravos; os pais a prover às extravagâncias dos filhos; nobres matronas prostituíam-se à luxúria dos criados; rapazes formados eram arrancados aos braços dos pais; e muitas mulheres, a não ser que preferissem uma morte voluntária, eram violentadas na presença dos maridos. Desesperados, os Verdes, perseguidos pelos seus inimigos e abandonados pelos magistrados, arrogaram-se o direito de defesa, e talvez de retaliação; mas os que sobreviveram ao combate foram arrastados para o cadafalso; e os infelizes fugitivos, escondidos nos bosques e nas cavernas, vinham saquear sem reboço a sociedade de onde haviam sido expulsos. Os ministros da justiça que tiveram coragem para punir os crimes e desafiar o ressentimento dos Azuis tornaram-se vítimas do seu zelo imprudente: um prefeito de Constantinopla procurou refúgio no Santo Sepulcro(*); um conde do Oriente foi ignominiosamente vergastado; e um governador da Cilícia acabou enforcado, por ordem de Teodora, sobre o túmulo de dois criminosos que ele condenara pelo assassinio de um dos seus lacaios e por um atrevido atentado contra a sua própria vida. Um candidato ambicioso pode ser tentado a erigir a sua grandeza sobre a confusão pública; mas o dever e o interesse de um soberano consistem em manter a autoridade das leis. O primeiro edicto de Justiniano, amiúde renovado e por vezes executado, anunciou a sua firme resolução de apoiar os inocentes e castigar os culpados sem distinção de títulos ou cores. No entanto, a balança da justiça continuava a pender a favor da facção dos Azuis, devido à secreta afeição, aos hábitos e aos receios do imperador; a sua equidade, depois de um aparente combate, submeteu-se sem relutância às paixões implacáveis de Teodora, e a imperatriz nunca esqueceu nem perdoou as ofensas dos seus tempos de actriz. Na altura da subida ao trono de Justino II, uma proclamação de justiça igual e rigorosa condenou indirectamente a parcialidade do anterior reinado. «Azuis, Justiniano morreu! Verdes, ele ainda vive!» Uma sedição que reduziu quase toda a cidade de Constantinopla a cinzas não teve outra causa senão o ódio mútuo e a reconciliação temporária das duas facções(*). No quinto ano do seu reinado, Justiniano celebrou a festa dos idos de Janeiro: os jogos eram incessantemente perturbados pelo clamoroso descontentamento dos Verdes; até à vigésima segunda corrida, o imperador conservou a sua silenciosa gravidade; mas, por fim, cedendo à impaciência, condescendeu em travar, em frases bruscas e pela voz de um arauto, o diálogo mais singular que alguma vez sucedeu entre um príncipe e os seus súbditos. As primeiras

queixas eram respeitadas e modestas; os chefes acusavam os ministros subalternos de opressão e exprimiam os desejos de uma longa vida e de vitórias para o imperador. «Sede pacientes e ponderados, insolentes carpidores!», exclamou Justiniano; «calai-vos, judeus, samaritanos e maniqueus!» Os Verdes ainda tentaram despertar a sua compaixão. «Somos pobres, somos inocentes, somos oprimidos, não nos atrevemos a andar nas ruas; uma perseguição geral apoquentou o nosso nome e a nossa cor. Deixai-nos morrer, imperador! Mas deixai-nos morrer por vossa ordem e ao vosso serviço!» No entanto, a repetição de invectivas fogosas e parciais degradou, aos olhos deles, a majestade da púrpura; recusaram fidelidade ao príncipe que negava justiça ao seu povo, lamentaram que o pai de Justiniano tivesse nascido e verberaram o filho com os nomes afrontosos de homicida, burro e tirano perjuro. «Desprezais a vida?», gritou o monarca, indignado. Ouvindo isto, os Azuis levantaram-se cheios de furor; o seu clamor hostil retumbou no hipódromo; e os seus rivais, abandonando uma luta desigual, espalharam o terror e o desespero pelas ruas de Constantinopla. Neste perigoso momento, sete notórios assassinos das duas facções, condenados pelo prefeito, eram passeados pela cidade, a fim de serem em seguida levados até ao local de execução nos subúrbios de Pêra. Quatro foram imediatamente decapitados; um quinto morreu na forca; porém, quando se infligiu igual castigo aos outros dois, a corda partiu-se, eles tombaram vivos no chão, a população aplaudiu a sua fuga e os monges de São Cónon, saindo do convento vizinho, transportaram-nos de barco até ao santuário da igreja. Dado um dos criminosos pertencer aos Azuis e o outro aos Verdes, as duas facções sentiram-se igualmente irritadas com a crueldade do opressor ou com a ingratidão do protector, e concluíram umas breves tréguas para porem os dois prisioneiros em segurança e satisfazerem a sua vingança. O palácio do prefeito, que pretendia travar esta torrente sediciosa, foi imediatamente incendiado; assassinaram-se os oficiais e os guardas, forçaram-se as prisões e devolveu-se a liberdade aos que só podiam usá-la para a ruína da sociedade. Uma força militar que havia sido enviada em socorro do magistrado civil viu-se ferozmente arrostada por uma multidão armada, cujo número e arrojo aumentava sem cessar; e os hérulos, os bárbaros mais bravios ao serviço do império, derrubaram os padres e as relíquias que, por motivos piedosos, haviam sido imprudentemente interpostas para atalhar o sangrento conflito. O tumulto redobrou devido a este sacrilégio; o povo lutou cheio de fervor pela causa de Deus; as

mulheres, postadas nos telhados e nas janelas, atiravam pedras à cabeça dos soldados, que lançavam tições inflamados contra as casas; e os vários fogos, ateados pelas mãos dos cidadãos e pelas dos estrangeiros, alastraram sem obstáculo a toda a cidade. O incêndio devorou a Catedral de Santa Sofia, os banhos de Zeuxipo, uma parte do palácio, desde a entrada principal até ao altar de Marte, e o comprido pórtico, desde o palácio até ao Fórum de Constantino; um grande hospital, juntamente com os doentes, ficou reduzido a cinzas; muitas igrejas e edifícios imponentes sucumbiram às chamas; e um imenso tesouro de ouro e prata derreteu-se ou sofreu a pilhagem dos ladrões. Os cidadãos assisados e ricos escaparam a estas cenas de horror e aflição atravessando o Bósforo para o lado asiático, e, durante cinco dias, Constantinopla ficou entregue às facções cuja palavra de ordem, *Nika, sê vencedor!*, deu o nome a esta memorável sedição.

Enquanto a discórdia reinara entre as facções, os Azuis vitoriosos e os Verdes esmorecidos haviam parecido encarar as desordens estatais com a mesma indiferença. Agora, eles convinham em censurar a má administração da justiça e das finanças; e os dois ministros responsáveis, o ardiloso Triboniano e o ganancioso João de Capadócia, foram veementemente denunciados como autores da miséria pública. Os murmúrios pacíficos do povo teriam sido desdenhados; mas mereceram toda a atenção no momento em que as chamas devoraram a cidade; o questor e o prefeito foram afastados sem delonga e os seus cargos preenchidos por dois senadores de irrepreensível integridade. Após esta concessão popular, Justiniano dirigiu-se ao hipódromo para confessar os seus erros e aceitar o arrependimento dos seus súbditos reconhecidos; mas eles desconfiaram das suas promessas, apesar de as ter solenemente pronunciado sobre os santos Evangelhos; e o imperador, alarmado por uma tal desconfiança, retirou-se precipitadamente para a forte cidadela do palácio. Atribuiu-se então a pertinácia do motim a uma secreta e ambiciosa conspiração, e alimentou-se a suspeita de que os insurrectos, sobretudo a facção dos Verdes, tinham recebido armas e dinheiro de Hipácio e de Pompeu, dois patrícios incapazes de se esquecerem com honra ou de se lembrarem sem receio de que eram sobrinhos do imperador Anastácio. Caprichosamente tidos em confiança, desvalidos e finalmente perdoados ao sabor da inquieta inconstância do monarca, eles tinham-se apresentado como servidores fiéis aos pés do trono, e, durante os cinco dias do tumulto, ficaram detidos como valiosos reféns. Por fim, os temores de Justiniano prevaleceram sobre a sua

prudência; e, não vendo nos dois irmãos senão espiões, ou talvez mesmo assassinos, ordenou-lhes severamente que abandonassem o palácio. Depois de terem alegado em vão que a obediência podia levá-los a uma traição involuntária, eles retiraram-se para as suas casas. Na manhã do sexto dia, Hipácio viu-se rodeado e agarrado pelo povo, que, sem atender à virtuosa resistência dele, nem às lágrimas da esposa, transportou o seu favorito até ao Fórum de Constantino, e, em vez do diadema, lhe colocou um rico colar na cabeça. Se o usurpador, que mais tarde invocou o mérito das suas dilações, tivesse seguido o conselho do Senado e acicatado a fúria da multidão, o esforço irresistível dos seus partidários teria abatido ou expulso o seu receoso adversário. O palácio bizantino dispunha de uma livre comunicação com o mar; havia navios à espera junto à escada dos jardins e já se resolvera em segredo conduzir o imperador, juntamente com a família e os seus tesouros, para um refúgio seguro a alguma distância da capital.

Justiniano estaria perdido, se a prostituta que ele elevara do teatro ao trono não houvesse renunciado à timidez do seu sexo, tal como enjeitara as virtudes dele. No meio de um conselho em que Belisário estava presente, ninguém senão Teodora mostrou um espírito heróico, e só ela, sem recear expor-se ao futuro ódio dele, estava em condições de salvar o imperador do perigo iminente e dos seus indignos temores. «Mesmo que a fuga», declarou a consorte de Justiniano, «fosse o único meio seguro, recusar-me-ia a fugir. A morte é a condição do nosso nascimento, mas os que reinaram jamais deverão sobreviver à perda da sua dignidade e do seu mando. Imploro aos céus para que nunca me vejam, nem um só dia, sem o meu diadema e a púrpura imperial; que eu cesse de ver a luz do dia quando deixarem de me saudar com o nome de rainha. Se resolverdes fugir, ó César!, tendes os vossos tesouros; eis o mar, tendes navios; mas receai que o desejo da vida vos exponha a um exílio miserável e a uma morte vergonhosa. Por mim, adopto a máxima da Antiguidade de que o trono é um sepulcro glorioso.» A firmeza de uma mulher restabeleceu a coragem de deliberar e agir, e a coragem não tarda a descobrir os recursos para a mais desesperada situação. Constituiu uma medida fácil e decisiva fazer renascer a animosidade das facções; os Azuis admiraram-se da criminosa loucura que, por causa de uma leve injúria, os levava a conspirar com os seus implacáveis inimigos contra um benfeitor indulgente e generoso; voltaram a proclamar a majestade de Justiniano, e os Verdes, juntamente com o seu novo imperador, viram-se sozinhos no hipódromo. A fidelidade dos guardas

era incerta; mas a força militar de Justiniano compunha-se sobretudo de três mil veteranos, adestrados segundo as regras da bravura e da disciplina nas guerras da Pérsia e da Ilíria. Sob o comando de Belisário e de Mundo, eles formaram silenciosamente em duas divisões, saíram do palácio e abriram caminho através de escuras e estreitas passagens, no meio de chamas morrediças e de edifícios em derrocada, até arrombarem ao mesmo tempo os dois portões opostos do hipódromo. Neste espaço apertado, uma multidão caótica e atemorizada era incapaz de resistir a um ataque firme e organizado dos dois lados; os Azuis quiseram assinalar o ardor do seu arrependimento, e calcula-se que mais de trinta mil pessoas perderam a vida na implacável e indiscriminada carnificina desse dia. Hipácio foi arrancado ao seu trono e conduzido com o irmão, Pompeu, aos pés do imperador; imploraram clemência, mas o seu crime era manifesto, a sua inocência duvidosa, e Justiniano assustara-se demasiado para poder perdoar. Na manhã seguinte, os dois sobrinhos de Anastácio, juntamente com dezoito cúmplices *ilustres*, patrícios ou consulares, foram executados secretamente por soldados; atiraram-se os seus corpos ao mar, arrasaram-se os seus palácios e confiscaram-se as suas fortunas. O próprio hipódromo ficou condenado durante vários anos a um triste silêncio; após o restabelecimento dos jogos voltaram a surgir as mesmas desordens; e as facções dos Azuis e dos Verdes continuaram a afligir o reinado de Justiniano e a perturbar a tranquilidade do Império do Oriente.

Importação de seda da China

Este império, mesmo depois de Roma se ter tornado bárbara, ainda englobava as nações que ela conquistara para lá do Adriático, até às fronteiras da Etiópia e da Pérsia. Justiniano reinava sobre sessenta e quatro províncias e novecentas e trinta e cinco cidades; os seus domínios eram abençoados pela Natureza com todas as vantagens do solo, da situação e do clima, e o surto da inventiva humana não cessara de alastrar ao longo da costa do Mediterrâneo e das margens do Nilo, desde a antiga Tróia a Tebas do Egito. Abraão fora socorrido pela bem conhecida abundância do Egito; este mesmo país, uma pequena e populosa extensão de terreno, continuava a poder exportar anualmente duzentas e sessenta mil arrobas de

trigo para consumo de Constantinopla; a capital de Justiniano era abastecida pelas manufacturas de Sídón, quinze séculos depois de elas terem sido celebradas nos poemas de Homero. A força cíclica da vegetação, em vez de ficar esgotada por duas mil colheitas, fora renovada e revigorada por uma sábia agricultura, um adubo fértil e um oportuno pousio. A criação de animais domésticos intensificou-se grandemente. As plantações, os edifícios e todos os instrumentos de trabalho e de luxo, cuja duração excede o termo da vida humana, haviam sido acumulados por gerações sucessivas. A tradição preservou e a experiência simplificou a humilde prática das artes mecânicas; a sociedade ficou enriquecida com a divisão do trabalho e a facilidade das trocas; e cada romano era alojado, vestido e sustentado pelo labor de mil mãos. A invenção do tear e da roca foi piedosamente atribuída aos deuses. Em todas as épocas, uma variedade de produções animais e vegetais, pêlos, peles, lã, linho, algodão e, por fim, *seda*, têm sido habilmente manufacturadas para tapar ou adornar o corpo humano; depois de tingidas com uma impregnação de cores duráveis, utilizava-se destramente o pincel para enriquecer o trabalho de tecelagem. O gosto pessoal e a moda determinavam a escolha das cores que imitam as belezas da Natureza; mas a púrpura escura, que os Fenícios extraíam de um molusco, era reservada à pessoa sagrada e ao palácio do imperador, e o castigo por lesa-majestade era pronunciado contra os súbditos ambiciosos que se atreviam a usurpar a prerrogativa do trono.

Não preciso de explicar que a *seda*(*) sai em fio das vísceras de uma lagarta e compõe o túmulo dourado donde a larva emerge sob a forma de uma borboleta. Até ao reinado de Justiniano, os bichos-da-seda que se alimentam de folhas de amoreira-branca não eram conhecidos fora da China; as lagartas do pinheiros, do carvalho e do freixo abundavam nas florestas tanto da Ásia como da Europa; na medida, porém, em que a sua criação se revelava mais difícil, e a sua produção mais incerta, eram geralmente negligenciadas, excepto na pequena ilha de Ceos, próximo da costa da Ática. Formava-se com o seu fio uma fina gaze, e esta manufactura de Ceos, inventada por uma mulher para uso feminino, foi durante muito tempo admirada no Oriente e em Roma. Apesar de o vestuário dos Medos e dos Assírios dar origem a conjecturas, Virgílio é o mais antigo escritor a mencionar expressamente a *lã macia* que era tirada das árvores dos Seres ou Chineses; e este erro natural, menos espantoso do que a verdade, foi aos poucos corrigido pelo conhecimento de um insecto precioso, o primeiro

artífice do luxo das nações. Este raro e elegante luxo era censurado, no reinado de Tibério, pelos mais graves dos Romanos; e Plínio, numa linguagem rebuscada mas enérgica, condenou a sede de lucro que demandava os mais distantes confins da Terra, no intuito pernicioso de expor ao olhar público roupas transparentes e matronas seminuas. Um vestido que mostrava o contorno das formas e a cor da pele satisfazia a vaidade ou suscitava o desejo; as sedas que haviam sido apertadamente tecidas na China eram por vezes desfiadas pelas mulheres fenícias, e os preciosos materiais multiplicavam-se graças a uma textura mais frouxa e à mistura de fios de linho. Duzentos anos após a época de Plínio, o uso de sedas puras ou mesmo mescladas ainda estava limitado ao sexo feminino, até que os cidadãos ricos de Roma começaram a imitar a pouco e pouco o exemplo de Heliogábalo, o primeiro que, devido a estes hábitos efeminados, manchou a dignidade de imperador e de homem. Aureliano queixava-se que uma libra de seda era vendida em Roma por doze onças de ouro; no entanto, o fabrico aumentou com a procura, e o preço diminuiu com a oferta. Se o acaso ou o monopólio elevaram algumas vezes o valor da seda acima do preço citado por Aureliano, também é verdade que os manufactores de Tiro e Berito eram, outras vezes, forçados pelos mesmos motivos a contentar-se com um nono desta quantia extravagante. Julgou-se necessário promulgar uma lei que estabelecesse a diferença entre o traje dos comediantes e o dos senadores; e a maior parte da seda exportada do seu país de origem era consumida pelos súbditos de Justiniano. Eles ainda conheciam melhor um molusco do Mediterrâneo, denominado «pinha marinha»: a fina lã ou filamento, pelo qual a concha se fixa na rocha, é agora trabalhada mais por curiosidade do que para serventia; e uma túnica composta desta singular matéria constituiu o presente de um imperador romano aos sátrapas da Arménia.

Uma mercadoria valiosa e de pequeno volume pode suportar a despesa do transporte por terra, e as caravanas atravessavam toda a largura da Ásia em duzentos e quarenta e três dias, desde o mar da China até ao litoral da Síria. A seda era imediatamente entregue aos romanos pelos mercadores persas, que frequentavam as feiras da Arménia e de Nísibis; mas este comércio, que em tempo de trégua sofria por mor da avareza e da cobiça, ficava totalmente interrompido durante as longas guerras das monarquias rivais. O Grande Rei podia enumerar orgulhosamente a Sogdiana e até mesmo a Sérica entre as províncias do seu império; mas este domínio régio

era demarcado pelo Oxo, e o lucrativo intercâmbio com os Sogdianos, para lá do rio, dependia da vontade dos seus conquistadores, os Hunos brancos e os Turcos, que reinaram sucessivamente sobre este povo industrioso. No entanto, nem a dominação mais selvagem aniquilou as bases da agricultura e do comércio numa região que é celebrada como um dos quatro jardins da Ásia; as cidades de Samarcanda e de Bucara estão bem situadas para a mercancia destas diversas produções, e os seus negociantes compravam aos Chineses(*) a seda crua ou manufacturada, que depois transportavam até à Pérsia para uso do Império Romano. Na soberba capital da China, as caravanas sogdianas viam-se recebidas como embaixadas suplicantes de reinos tributários, e, sempre que elas voltavam sãs e salvas, a arrojada aventura era recompensada com um ganho exorbitante. No entanto, a difícil e perigosa rota desde Samarcanda à primeira cidade de Chensi não podia perfazer-se em menos de sessenta, oitenta ou cem dias; mal atravessavam o Jaxartes, entravam logo no deserto; e as hordas nómadas, a menos que fossem contidas por exércitos ou guarnições, sempre consideraram o cidadão e o viajante como objectos de rapina legítima. Para escapar aos salteadores tártaros e aos tiranos da Pérsia, as caravanas de seda buscaram um caminho mais a sul: transpunham as montanhas do Tibete, desciam o curso do Ganges ou do Indo e aguardavam pacientemente, nos portos do Guzarate e da costa do Malabar, as armadas anuais do Ocidente(*). Os perigos do deserto eram, não obstante, considerados menos temíveis do que a fadiga, a fome e a perda de tempo; só raramente se optava por tal alternativa: o único europeu que seguiu este percurso pouco frequentado elogia o seu próprio esforço para chegar à foz do Indo nove meses após a abalada de Pequim. O oceano abria-se, todavia, à livre comunicação com o resto da humanidade. As províncias da China haviam sido subjugadas e civilizadas pelos imperadores do Norte desde o grande rio até ao trópico de Câncer; no início da era cristã, todas elas abundavam em cidades e homens, amoreiras e seus preciosos bichos-da-seda; e se os Chineses, com o seu conhecimento da bússola, possuísem o génio dos Gregos ou dos Fenícios, teriam sem dúvida estendido as suas descobertas a todo o hemisfério sul. Não me sinto qualificado para me deter, nem disposto a acreditar, nas suas distantes viagens ao golfo Pérsico e ao cabo da Boa Esperança; mas os seus antepassados talvez hajam igualado os trabalhos e os êxitos da geração actual, e o alcance da sua navegação pôde estender-se das ilhas do Japão ao estreito de Malaca, as Colunas, se nos é permitido usar tal denominação, do

Hércules oriental. Sem perderem a terra de vista eles deviam singrar ao longo da costa até ao extremo do promontório de Achem, que é anualmente visitado por dez ou doze navios carregados com as produções, as manufacturas e até mesmo os artífices da China; a ilha de Samatra e a península oposta são levemente indicadas como as regiões do ouro e da prata; e as cidades comerciais, citadas na geografia de Ptolemeu, deixam entrever que a riqueza destes povos não provinha apenas das minas. A distância directa entre Samatra e Ceilão é de cerca de trezentas léguas; os navegadores chineses e indianos orientavam-se pelo voo das aves e pelos ventos periódicos; e o oceano podia ser atravessado sem perigo em navios quadrados, cujo costado, em vez do ferro, era unido por sólida fibra de coco. Ceilão, conhecido por Serendib ou Taprobana, estava dividido entre dois príncipes inimigos, um dos quais possuía as montanhas, os elefantes e os brilhantes carbúnculos; o outro usufruía das riquezas mais sólidas da indústria doméstica, do comércio externo e do amplo porto de Trinquemala, onde chegavam e donde partiam as armadas do Oriente e do Ocidente. Nesta ilha hospitaleira, a igual distância (segundo os cálculos feitos) dos seus respectivos países, os mercadores de seda da China, que tinham recolhido durante a viagem o cravo-da-índia, a noz-moscada, o aloés e madeira de sândalo, mantinham um comércio livre e rentável com os habitantes do golfo Pérsico. Os súbditos do Grande Rei exaltavam, sem contradita, o poder e a magnificência dele; e o romano que embaraçou esta vaidade, ao comparar a miserável moeda deles com uma medalha em ouro do imperador Anastácio, navegara até Ceilão num navio etíope como simples passageiro.

Quando a seda se tornou um artigo de primeira necessidade, o imperador Justiniano deu-se conta, com preocupação, de que os Persas se tinham apoderado, por terra e por mar, do monopólio desta importante mercadoria e de que a riqueza dos seus súbditos era permanentemente sugada por uma nação de inimigos e idólatras. Um governo activo teria restaurado o comércio do Egipto e a navegação do mar Vermelho, decaídos com a prosperidade do império; e os navios romanos poderiam ter ido comprar seda aos portos de Ceilão, de Malaca, ou mesmo da China. Justiniano recorreu a um expediente mais modesto e solicitou a ajuda dos seus aliados cristãos, os Etíopes da Abissínia, que haviam recentemente adquirido a arte da navegação, o espírito de comércio e o porto de Adúlis, ainda decorado com os troféus de um conquistador grego. Seguindo ao longo da costa

africana, eles avançaram até ao equador em busca de ouro, esmeraldas e arómatas; recusaram, contudo, de modo sensato, uma competição desigual em que seriam sempre batidos pela vizinhança dos Persas relativamente aos mercados da Índia; e o imperador já se entregava ao desânimo, quando os seus desejos foram cumulados por um acontecimento inesperado. O Evangelho tinha sido pregado aos Indianos; um bispo governava por essa altura os cristãos de São Tomé, na costa do Malabar rica em especiarias; uma igreja fora construída em Ceilão e os missionários seguiam os passos do comércio até ao extremo da Ásia. Dois monges persas haviam feito uma longa estada na China, talvez na cidade real de Nanquim, residência de um monarca dado a superstições estrangeiras e que recebia então uma embaixada da ilha de Ceilão. No meio das suas piedosas ocupações, eles estudaram com curiosidade o vestuário usual dos Chineses, as manufacturas de seda e as miríades de bichos-da-seda, cuja criação (nas árvores ou dentro de casa) fora outrora considerada uma tarefa de rainhas. Não tardaram a verificar que era impraticável transportar um insecto de tão breve vida, mas que os seus ovos poderiam preservar e multiplicar uma numerosa progenitura num clima distante. A religião ou o interesse prevaleceram no espírito dos monges persas sobre o amor à pátria; após uma longa viagem, chegaram a Constantinopla, expuseram o seu projecto ao imperador e foram liberalmente encorajados pelas dádivas e as promessas de Justiniano. Os historiadores deste príncipe acharam mais meritório o relato minucioso de uma campanha no sopé do Cáucaso do que o esforço destes missionários do comércio, que voltaram à China, enganaram um povo cioso escondendo ovos do bicho-da-seda numa bengala oca e regressaram, triunfantes, com estes despojos do Oriente. Sob a sua direcção, os ovos foram chocados, na devida altura, pelo calor artificial do estrume; alimentaram-se as larvas com folhas de amoreira; e elas viveram e trabalharam sob um clima estrangeiro; conservou-se um número de crisálidas suficientemente grande para propagar a raça, e plantaram-se árvores que deviam fornecer alimento às gerações nascentes. A experiência e a reflexão corrigiram os erros da primeira tentativa; e os embaixadores sogdianos reconheceram, no reinado seguinte, que os Romanos não eram inferiores aos naturais da China na arte de criar os insectos e no fabrico de seda; dois pontos em que a China e Constantinopla foram ultrapassadas pela indústria da Europa moderna. Não sou insensível aos benefícios de um luxo elegante; penso, todavia, com uma certa pena, que se os importadores da seda tivessem introduzido a arte da

imprensa, já praticada pelos Chineses, as comédias de Menandro e as décadas inteiras de Tito Lívio teriam sido perpetuadas nas edições do século VI. Noções mais amplas sobre o globo teriam, pelo menos, contribuído para o aperfeiçoamento das ciências teóricas; mas a geografia cristã era imperativamente extraída dos textos das Escrituras, e o estudo da Natureza parecia o sintoma mais evidente de um espírito incrédulo. A fé ortodoxa confinava o mundo habitável a *uma* zona temperada e representava a Terra como uma superfície oblonga, cujo comprimento equivalia a quatrocentos dias de viagem, e a largura a duzentos, rodeada pelo oceano e coberta pelo cristal sólido do firmamento.



A Igreja de Santa Sofia

Os *edifícios* de Justiniano foram cimentados com o sangue e os tesouros do seu povo; mas estas imponentes construções pareciam anunciar a prosperidade do império e evidenciavam realmente a perícia dos seus architectos. Tanto a teoria como a prática das artes que dependem da ciência matemática e da força mecânica eram cultivadas sob o patrocínio dos imperadores; a fama de Arquimedes não superava a de Proclo e Antémio; e, caso os *milagres* deles tivessem sido narrados por espectadores inteligentes, poderiam dilatar agora as especulações dos filósofos, em vez de suscitar a sua desconfiança. Impôs-se a tradição de que a armada romana foi reduzida a cinzas no porto de Siracusa pelos espelhos ustórios de Arquimedes; e afirma-se que Proclo se serviu de um expediente semelhante para destruir os navios godos no porto de Constantinopla, e proteger o seu benfeitor Anastácio contra a empresa audaciosa de Vitaliano. Uma máquina composta de um espelho hexagonal de bronze polido, com muitos polígonos mais pequenos e móveis que recebiam e reflectiam os raios de sol na sua passagem pelo meridiano, teria sido fixada sobre as muralhas da cidade; e uma chama devoradora lançava-se então a uma distância de talvez duzentos pés. A verdade destes dois factos extraordinários é invalidada pelo

silêncio dos historiadores mais autênticos; e o uso de espelhos ustórios nunca foi adoptado no ataque ou defesa de praças-fortes. As admiráveis experiências de um filósofo francês demonstraram, contudo, a possibilidade de um tal espelho; e, dado ele ser possível, sinto-me mais inclinado a atribuir a descoberta aos maiores matemáticos da Antiguidade do que a conceder o mérito desta ficção à vã fantasia de um monge ou de um sofista. Segundo uma outra versão, Proclo serviu-se de enxofre para incendiar a armada goda; numa imaginação moderna, o nome de enxofre liga-se, acto contínuo, à ideia de pólvora, e esta suspeita é reforçada pelos talentos misteriosos do seu discípulo Antémio. Um cidadão de Trales, na Ásia, teve cinco filhos e todos eles se distinguiram nas respectivas profissões pelo mérito e êxito alcançados. Olímpio sobressaiu no conhecimento e na prática da jurisprudência romana. Dióscoro e Alexandre tornaram-se médicos sabedores; mas a habilidade do primeiro exercia-se em benefício dos seus concidadãos, enquanto o irmão, mais ambicioso, veio procurar riqueza e reputação em Roma. A fama do Metrodoro, o gramático, e de Antémio, o matemático e arquitecto, chegou aos ouvidos do imperador Justiniano, que os chamou a Constantinopla; e enquanto um instruía os jovens nas escolas da eloquência, o outro encheu a capital e as províncias com os monumentos mais duradouros de uma arte. Numa disputa banal, relativa às paredes ou janelas das suas casas contíguas, este último havia sido vencido pela eloquência do seu vizinho Zenão; mas o orador foi derrotado em seguida pelo mestre de mecânica, cujos maliciosos, embora inofensivos, estratagemas são obscuramente descritos pela ignorância de Agátias. Antémio colocou, num compartimento baixo, vários baldes ou caldeirões de água, cada um deles coberto pela larga base de um tubo de couro que se ia estreitando até à ponta e estava engenhosamente metido entre as vigas e barrotes da casa do vizinho. Acendeu então uma fogueira por baixo dos caldeirões; o vapor da água a ferver subiu pelos tubos; a casa de Zenão foi abalada pelos esforços do ar aprisionado, e os assustados moradores admiraram-se de a cidade não ter sentido o tremor de terra que os havia afligido. Noutra ocasião, os amigos de Zenão, sentados à mesa em casa dele, ficaram ofuscados por uma luz insuportável que lhes incidia nos olhos e era emitida pelos espelhos reflectores de Antémio; também se aterrorizaram com o ruído que ele produzia por meio da colisão de certas minúsculas e sonoras partículas; e o orador declarou num estilo trágico ao Senado que um simples mortal se via obrigado a ceder ao poder de um

adversário que abalava a terra com o tridente de Neptuno e imitava o raio e o trovão do próprio Júpiter. O génio de Antémio e do seu colega Isidoro, de Mileto, foram estimulados e utilizados por um príncipe cujo gosto pela arquitectura tinha degenerado numa paixão funesta e dispendiosa. Estes dois architectos favoritos submetiam os seus projectos e as suas dificuldades a Justiniano e confessavam modestamente que as suas laboriosas reflexões eram ultrapassadas pelo conhecimento intuitivo ou pela inspiração celestial de um imperador, cujas preocupações se dirigiam sempre para a felicidade do povo, a glória do reinado e a salvação da própria alma.

A igreja principal, dedicada pelo fundador de Constantinopla à Santa Sofia ou à eterna sabedoria, tinha sido destruída duas vezes pelo fogo: após o exílio de João Crisóstomo e durante a *Nika*, ou motim dos Azuis e dos Verdes. Assim que a revolta amainou, a população cristã deplorou o seu arrebatamento sacrílego; ter-se-ia, no entanto, regozijado com a calamidade se pudesse prever a glória do novo templo que, ao cabo de quarenta dias, foi empenhadamente mandado erigir pela piedade de Justiniano. Removeram-se as ruínas, delineou-se um plano mais amplo, e, como ele exigia o consentimento de alguns proprietários de terras, estes receberam o preço exorbitante que lhes valeram os desejos impacientes e a consciência temerosa do monarca. Antémio traçou a planta e o seu génio dirigiu o labor de dez mil obreiros, cujo pagamento em moedas de bela prata era sempre saldado antes de a noite cair. O próprio imperador, vestido com uma túnica de linho, vigiava diariamente o avanço das obras e incentivava a actividade deles com a sua familiaridade, o seu zelo e as suas recompensas. O patriarca consagrou a nova Catedral de Santa Sofia cinco anos, onze meses e dez dias após o lançamento da primeira pedra; e, no meio da festa solene, Justiniano exclamou com devota vaidade: «Glória a Deus que me julgou digno de realizar uma obra tão grandiosa; venci-te, ó Salomão!» Mas ainda não tinham passado vinte anos, quando o orgulho do Salomão romano foi humilhado por um terramoto que derrubou a parte oriental da cúpula. O esplendor da obra voltou a ser restaurado pela perseverança do mesmo príncipe; e no trigésimo sexto ano do seu reinado, Justiniano celebrou a segunda consagração de um templo que permanece, decorridos doze séculos, um imponente monumento do seu renome. A arquitectura de Santa Sofia, agora transformada na mesquita principal, foi imitada pelos sultões turcos, e este venerável edifício continua a suscitar a profunda admiração

dos Gregos e a curiosidade mais racional dos viajantes e europeus. O olhar do espectador é ferido pelo aspecto irregular das semicúpulas e pelos telhados inclinados; a fachada ocidental, do lado da avenida principal, apresenta-se destituída de pompa e magnificência; e várias catedrais latinas ultrapassaram em muito as suas dimensões. No entanto, o arquitecto que antes de mais ninguém erigiu um zimbório *aéreo* tem direito a elogios pelo seu ousado projecto e hábil execução. A cúpula de Santa Sofia, iluminada por vinte e quatro janelas, forma uma curva tão pequena, que a sua profundidade tem apenas um sexto do seu diâmetro; este diâmetro mede cento e quinze pés, e o ponto mais elevado do centro, onde um crescente suplantou a cruz, ergue-se a uma altura perpendicular de cento e oitenta pés acima do pavimento. O círculo que rodeia o zimbório assenta levemente em quatro sólidos arcos, e o peso destes é firmemente sustentado por quatro maciças pilastras cuja força é coadjuvada, nos lados norte e sul, por quatro colunas de granito egípcio. Uma cruz grega, inserida num quadrângulo, representa a forma do edifício; a largura exacta é de duzentos e quarenta e três pés; e o comprimento máximo pode ser avaliado em duzentos e sessenta e nove, desde o santuário, a oriente, até às nove portas ocidentais que dão para o vestibulo, e daí para o nártex ou pórtico exterior. O pórtico era o humilde lugar dos penitentes. A nave ou corpo da igreja enchia-se com a congregação dos fiéis; mas separavam-se prudentemente os dois sexos, e as galerias superiores e inferiores destinavam-se à devoção mais privada das mulheres. Para lá das pilastras do norte e do sul, uma balaustrada, terminada de um e outro lado pelo trono do imperador e pelo do patriarca, separava a nave do coro; e o espaço até aos degraus do altar era ocupado pelo clero e pelos chantres. O altar, um nome com que os ouvidos cristãos se familiarizaram aos poucos, estava colocado num nicho oriental, engenhosamente construído sob a forma de um semicilindro; e este santuário comunicava por várias portas com a sacristia, o vestiário, o baptistério e a dependência contígua, destinada à pompa do culto ou ao uso privado dos ministros eclesiásticos. A lembrança de calamidades passadas inspirou a Justiniano uma sábia decisão: a de que nenhuma madeira, excepto a das portas, seria empregada no novo edifício; e a escolha dos materiais subordinou-se à força, à leveza ou ao esplendor das respectivas partes. As sólidas pilastras que sustentavam o zimbório compunham-se de enormes blocos de pedra de cantaria, talhados em quadrados e triângulos, munidos de aros de ferro e solidamente cimentados com uma mistura de

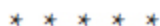
chumbo e cal; mas o peso da cúpula pôde ser reduzido pela leveza da sua substância, a qual consiste em pedra-pomes que flutua na água, ou em tijolos da ilha de Rodes, cinco vezes menos pesados do que a espécie vulgar. Toda a estrutura do edifício foi construída em tijolo; mas estes materiais grosseiros estão escondidos por uma cobertura de mármore; e no interior de Santa Sofia, o zimbório, as duas grandes semicúpulas e as seis pequenas, as paredes, as cem colunas e o pavimento encantaram os olhos dos próprios bárbaros, mercê da riqueza e da variedade do cenário.

Um poeta que contemplara o fulgor original de Santa Sofia enumera as cores, os cambiantes e os veios de dez ou doze mármore, jaspes e pórfiros que a Natureza tinha profusamente diversificado e se misturavam e contrastavam ali, como sob o pincel de um hábil pintor. Este triunfo de Cristo foi adornado com os últimos despojos do paganismo, mas a maioria de tão preciosos materiais provinha das pedreiras da Ásia Menor, das ilhas e do continente da Grécia, do Egipto, de África e da Gália. Uma devota matrona romana ofereceu oito colunas de pórfiro que Aureliano colocara no templo do Sol; e outras oito, de mármore verde, foram fornecidas pelo zelo ambicioso dos magistrados de Éfeso; todas elas são admiráveis pelo seu tamanho e beleza, mas os seus capitéis fantásticos não pertencem a nenhuma ordem arquitectónica. Um grande número de ornamentos e figuras apareceram curiosamente representados em mosaicos; e as imagens de Cristo, da Virgem, dos santos e dos anjos, mais tarde deformadas pelo fanatismo turco, surgiam perigosamente expostas à superstição dos Gregos. Os metais preciosos estavam distribuídos em folhas finas ou em massas sólidas, de acordo com a santidade de cada objecto. A balaustrada do coro, os capitéis das colunas, os ornamentos das portas e das galerias eram de bronze dourado. O espectador sentia-se deslumbrado pelo aspecto resplandecente do zimbório. O santuário continha quarenta mil libras de prata, e os vasos sagrados e as decorações do altar eram do mais puro ouro, enriquecido com pedrarias de valor incalculável. Ainda antes de a construção da igreja se erguer dois côvados acima do solo, já se tinham gasto quarenta e cinco mil e duzentas libras, e a despesa total ascendeu a trezentas e vinte mil. O leitor pode calcular este valor em ouro ou prata, consoante o grau da sua convicção; mas um milhão de esterlinos será o resultado da estimativa mais baixa. Um templo magnífico constitui um louvável monumento do gosto e da religião nacional; e o entusiasta que se punha sob a cúpula de Santa Sofia poderia ser tentado a supor que estava

perante a residência ou até mesmo a obra da Divindade. Mas quão inepto é o artefacto, e insignificante o esforço, quando comparados com a formação do mais vil dos insectos que rasteja sobre a superfície do templo!

Uma descrição tão minuciosa de um edifício que o tempo respeitou pode atestar a realidade e desculpar o rol das inumeráveis obras, tanto na capital como nas províncias, que Justiniano construiu em menor escala e com alicerces menos duráveis. Só em Constantinopla e nos seus subúrbios, ele dedicou vinte e cinco igrejas em honra de Cristo, da Virgem e dos santos. A maior parte destas igrejas foram decoradas com mármore e ouro; e a escolha dos respectivos sítios fez-se judiciosamente desde uma praça frequentada ou um bosque ameno, até à beira do mar ou a uma das elevações de onde se avistavam as costas da Europa e da Ásia. A Igreja dos Santos Apóstolos, em Constantinopla, e a de São João, em Éfeso, parecem ter sido construídas segundo o mesmo modelo: as suas cúpulas pretendiam imitar os zimbórios de Santa Sofia, mas o altar encontrava-se mais criteriosamente colocado sob o centro da cúpula, na junção de quatro pórticos imponentes que desenhavam com mais exactidão a figura da cruz grega. A Virgem de Jerusalém pôde gloriar-se do templo erguido pelo seu devoto imperial, num lugar ingrato que não oferecia terreno nem materiais ao arquitecto. Tornou-se necessário fazer um aterro erguendo parte de um fundo vale à altura de uma montanha. As pedras de uma pedreira vizinha foram talhadas em formas regulares; cada um dos blocos enchia um carro especial puxado por quarenta bois dos mais fortes, e as estradas tiveram de ser alargadas para a passagem de tão enormes massas. O Líbano forneceu os mais altos cedros para os vigamentos da igreja; e a oportuna descoberta de um filão de mármore vermelho proporcionou belas colunas, duas das quais, os esteios do pórtico exterior, eram consideradas as mais grossas do mundo. A piedosa munificência do imperador espalhou-se pela Terra Santa; e se a razão condena os mosteiros de ambos os sexos construídos ou restaurados por Justiniano, já a caridade deve aplaudir os poços que ele abriu e os hospitais que fundou para alívio dos peregrinos cansados. A índole cismática do Egipto era pouco merecedora do favor régio; mas na Síria e em África, procurou-se remediar os danos das guerras e dos terramotos, e tanto Cartago como Antioquia, renascidas das ruínas, devem ter venerado o nome do seu generoso benfeitor. Quase todos os santos do calendário obtiveram as honras de um templo — quase todas as cidades do império arrecadaram as úteis vantagens de pontes, hospitais e aquedutos;

mas a severa liberalidade do monarca desdenhou favorecer os seus súbditos com o luxo tão popular dos banhos e dos teatros. Ao mesmo tempo que pugnava pelo serviço público, Justiniano não esquecia a sua dignidade nem o seu conforto. O palácio de Bizâncio, destruído pelo incêndio, foi restaurado com nova magnificência; e pode ficar-se com uma ideia de todo o edifício através do vestíbulo ou salão que, talvez devido às portas ou ao tecto, recebeu o nome de *Chalce* ou «de bronze». A cúpula de um espaçoso quadrângulo era sustentada por maciças colunas; o pavimento e as paredes apresentavam-se incrustados de mármore multicores — o verde-esmeralda da Lacónia, o vermelho ígneo e a pedra branca da Frígia, cortados por veios de tom verde-mar. As pinturas sobre mosaico da cúpula e das paredes representavam as glórias dos triunfos africanos e italianos. Na costa asiática da Propôntida, um pouco a leste de Calcedónia, o rico palácio e os jardins de Hereu foram preparados para residência de Verão de Justiniano e, sobretudo, de Teodora. Os poetas da época celebraram a rara aliança da Natureza e da arte, a harmonia das ninfas dos bosques, das fontes e das ondas; mas a multidão de servidores que acompanhavam a corte queixavam-se dos alojamentos desconfortáveis; e as ninfas eram com demasiada frequência assustadas pelo famoso *Porfírio*, uma baleia de dez côvados de largura e trinta de comprimento, que encalhou na foz do rio Sangário depois de ter infestado os mares de Constantinopla durante mais de meio século.



Abolição das escolas de Atenas

Justiniano suprimiu as escolas de Atenas e o consulado de Roma que tinham dado tantos sábios e heróis à humanidade. Havia muito que estas duas instituições haviam degenerado da sua antiga glória, mas pode reprovar-se com justa razão a avareza e a desconfiança de um príncipe que destruiu por suas próprias mãos umas ruínas tão veneráveis.

Após os seus triunfos sobre os Persas, Atenas adoptou a filosofia da Jónia e a retórica da Sicília; e estes estudos tornaram-se património de uma cidade cujos habitantes, não mais que uns escassos trinta mil varões, condensaram, no espaço de uma geração, o génio de séculos e de milhões de homens. O nosso sentido da dignidade da natureza humana é exaltado pela simples recordação de que Isócrates conviveu com Platão e Xenofonte; de que ele talvez tenha assistido com o historiador Tucídides às primeiras representações do *Édipo* de Sófocles e da *Efigénia* de Eurípides; e de que os seus alunos Ésquines e Demóstenes disputaram a coroa do patriotismo na presença de Aristóteles, o mestre de Teofrasto, que ensinava em Atenas ao mesmo tempo que os fundadores das seitas estóica e epicúria. A juventude lhana da Ática usufruía dos benefícios da sua educação doméstica, que era transmitida sem egoísmo às cidades rivais. Dois mil discípulos ouviam as lições de Teofrasto; as escolas de retórica deviam ser ainda mais frequentadas que as de filosofia; e a rápida sucessão de estudantes divulgava a fama dos seus professores por toda a parte onde se conheciam a língua e o nome gregos. Esta reputação alargou-se com as vitórias de Alexandre; as artes de Atenas sobreviveram à sua liberdade e à sua dominação; e as colónias gregas que os Macedónios estabeleceram no Egipto e espalharam pela Ásia empreendiam longas e frequentes peregrinações para virem adorar as musas no seu templo favorito à beira do Ilisso. Os conquistadores latinos escutavam respeitosamente os ensinamentos dos seus súbditos e cativos; os nomes de Cícero e de Horácio constavam da lista das escolas de Atenas; e após a definitiva implantação do Império Romano, os naturais de Itália, de África e da Bretanha conversavam nos bosquedos da Academia com os seus condiscípulos do Oriente. Os estudos de filosofia e de eloquência convêm a um Estado popular, que encoraja a liberdade de indagação e apenas se submete à força da persuasão. Nas repúblicas da Grécia e de Roma, a arte da palavra era o mais poderoso meio do patriotismo ou da ambição; e as escolas de retórica constituíam um alfobre de estadistas e legisladores. Quando se aboliu a liberdade do debate público, o orador, na honrosa profissão de advogado, podia defender a causa da inocência e da justiça; podia abusar dos seus talentos no comércio mais lucrativo dos panegíricos; e os mesmos preceitos continuaram a ditar as fantasiosas declarações do sofista e as belezas mais puras das composições históricas. Os sistemas que pretendiam elucidar a natureza de Deus, do homem e do Universo suscitavam a curiosidade do

estudante de filosofia; e de acordo com a disposição do seu espírito, ele podia duvidar com os cépticos, dirimir com os estóicos, especular de forma sublime com Platão, ou argumentar rigorosamente com Aristóteles. O orgulho das seitas rivais fixara um ponto inatingível de felicidade e perfeição moral; mas o trajecto para lá chegar era glorioso e salutar; os discípulos de Zenão, e até mesmo os de Epicuro, eram ensinados a agir e a suportar a dor; e a morte de Petrônio foi tão eficaz como a de Séneca para humilhar um tirano revelando-lhe a sua impotência. A luz da ciência não podia confinar-se às muralhas de Atenas. Os seus inimitáveis escritores dirigiam-se a todos os homens; os mestres coevos emigravam para a Itália e a Ásia; Berilo dedicou-se mais tarde ao estudo das leis; a astronomia e a medicina eram cultivadas no museu de Alexandria; mas as escolas de retórica e filosofia da Ática conservaram a sua superior reputação desde a guerra do Peloponeso ao reinado de Justiniano. Atenas, apesar de situada num solo estéril, possuía um ar puro, uma navegação livre e os monumentos da arte antiga. Este retiro sagrado só raramente era perturbado pelas actividades do comércio ou do governo; e os últimos atenienses distinguiram-se pela sua vivacidade de espírito, pela pureza do seu gosto e da sua língua, pelos costumes sociais e alguns vestígios, pelo menos no discurso, da magnanimidade dos seus antepassados. Nos subúrbios da cidade, a *Academia* dos platónicos, o *Liceu* dos peripatéticos, o *Pórtico* dos estóicos e o *Jardim* dos epicúrios estavam plantados de árvores e decorados com estátuas; e os filósofos, em vez de ficarem fechados num claustro, davam as suas lições durante longos e agradáveis passeios que, consoante as horas do dia, eram consagrados aos exercícios do corpo ou aos da mente. O génio dos fundadores mantinha-se vivo nestes veneráveis lugares; a ambição de suceder aos mestres da razão humana provocava uma generosa emulação; e o mérito dos candidatos era determinado, sempre que havia uma vaga, pelo sufrágio livre de um povo esclarecido. Os professores atenienses eram pagos pelos discípulos; o preço variava, segundo parece, entre uma mina e um talento, conforme as posses do aluno e a competência do mestre; e o próprio Isócrates, que troçava da avareza dos sofistas, exigia, na sua escola de retórica, cerca de trinta libras a cada um dos seus discípulos. A paga do esforço é justa e honrosa, mas o mesmo Isócrates verteu lágrimas ao receber o primeiro estipêndio; o estóico podia corar quando era pago para pregar o desprezo pelo dinheiro; e eu sentiria muita pena se descobrisse que Aristóteles ou Platão postergaram o exemplo de

Sócrates, a ponto de trocarem conhecimentos por ouro. Contudo, os titulares das cátedras de filosofia, em Atenas, possuíam terras e casas, graças à autorização das leis e aos legados dos amigos falecidos. Epicuro deixou aos seus discípulos os jardins que comprara por oitenta minas, ou duzentas e cinquenta libras, juntamente com um fundo suficiente para a sua frugal subsistência e para as festas mensais; e o património de Platão formou o fundo de um rendimento anual que, ao longo de oito séculos, aumentou gradualmente de três para mil moedas de ouro. As escolas de Atenas eram protegidas pelos mais sábios e virtuosos dos príncipes romanos. A biblioteca fundada por Adriano foi colocada num pórtico adornado de quadros, de estátuas, de um tecto de alabastro, e sustentado por cem colunas de mármore da Frígia. O espírito generoso dos Antoninos outorgou salários públicos; e cada professor de política, de retórica, de filosofia platónica, peripatética, estóica e epicúria recebia um estipêndio anual de dez mil dracmas, ou mais de trezentas libras esterlinas. Depois da morte de Marco Aurélio, estas doações liberais e os privilégios inerentes aos *tronos* da ciência foram abolidos e restaurados, reduzidos e aumentados; mas encontramos alguns vestígios de magnificência real sob os sucessores de Constantino; e a sua escolha arbitrária de candidatos indignos podia levar os filósofos de Atenas a lamentar os dias de independência e pobreza. Importa notar que o favor imparcial dos Antoninos beneficiou equitativamente as quatro seitas rivais de filosofia, que eles consideravam de idêntica utilidade ou, pelo menos, de idêntica inocência. Sócrates fora inicialmente um motivo de glória, e depois de censura, para o seu país; e as primeiras lições de Epicuro scandalizaram de tal modo os piedosos ouvidos dos Atenienses, que, por meio do seu auxílio e o dos seus adversários, eles silenciaram todas as vãs disputas relativas à natureza dos deuses. No ano seguinte, porém, revogaram o precipitado decreto, devolveram a liberdade às escolas e aprenderam então com a experiência que o carácter moral dos filósofos não é afectado pela diversidade das suas especulações teológicas.

Os poderes dos Godos revelaram-se menos fatais às escolas de Atenas do que o estabelecimento de uma nova religião cujos ministros punham de lado o exercício da razão, resolviam todas as questões com um artigo de fé e condenavam os infiéis ou os cépticos às chamas eternas. Em inúmeros volumes de laboriosa controvérsia, eles expuseram a franqueza do intelecto e a corrupção do coração, insultaram a natureza humana na pessoa dos

sábios da Antiguidade e proscreveram o espírito de indagação filosófica, tão inadequado à doutrina ou, pelo menos, à têmpera de um humilde crente. A única seita sobrevivente, a dos platônicos, que Platão teria corado de reconhecer, misturou extravagantemente uma teoria sublime com a prática da superstição e da magia; e ao ficarem sozinhos no meio de um mundo cristão, os platônicos nutriam um secreto rancor contra o governo da Igreja e do Estado cuja severidade se mantinha suspensa sobre as suas cabeças. Cerca de um século após o reinado de Juliano, Proclo obteve licença para ensinar na cátedra de filosofia da Academia; e empenhou-se a tal ponto que, num mesmo dia, dava frequentemente cinco aulas e compunha setecentos versos. O seu espírito sagaz analisou as mais profundas questões da moral e da metafísica, e ele ousou apresentar dezoito argumentos contra a doutrina cristã sobre a criação do mundo. Nos intervalos dos seus estudos, todavia, conversava *pessoalmente* com Pã, Esculápio e Minerva, em cujos mistérios se iniciara em segredo e cujas estátuas derrubadas adorava, movido pela devota convicção de que um filósofo, cidadão do Universo, deve ser o sacerdote das suas várias divindades. Um eclipse do Sol anunciou a hora da sua morte; e a sua vida, juntamente com a do seu aluno Isidoro, compilada por dois dos mais sábios discípulos de ambos, patenteia um quadro deplorável da segunda infância da razão humana. No entanto, a cadeia de ouro, como a designavam candidamente, da sucessão platônica prosseguiu por mais quarenta e quatro anos, desde a morte de Proclo até ao edicto de Justiniano que impôs um silêncio perpétuo às escolas de Atenas e encheu de dor e indignação os poucos adeptos que restavam da ciência e da superstição gregas. Sete amigos e filósofos, Diógenes e Hérmiás, Eulálio e Prisciano, Damáscio, Isidoro e Simplicio, que discordavam da religião do seu soberano, tomaram a resolução de procurar numa terra estrangeira a liberdade que lhes era negada na sua pátria. Tinham ouvido, e acreditado piamente, que a república de Platão estava consumada sob o despótico governo da Pérsia, e que um rei patriota reinava sobre a mais feliz e virtuosa das nações. Não tardaram a admirar-se com a lógica descoberta de que a Pérsia se assemelhava aos restantes países do globo; de que Cósroes, que se dizia filósofo, era frívolo, cruel e ambicioso; de que o fanatismo e a intolerância dominavam entre os magos; de que os nobres eram orgulhosos, os cortesãos servis, e os magistrados injustos; de que os culpados escapavam por vezes, e os inocentes eram frequentemente oprimidos. A desilusão dos filósofos levou-os a ignorar as virtudes autênticas dos Persas;

e sentiram-se escandalizados, talvez mais profundamente do que convinha à sua profissão, com a pluralidade das mulheres e das concubinas, com os casamentos incestuosos e com o hábito de se exporem os cadáveres aos cães e aos abutres, em vez de os sepultar na terra ou consumir pelo fogo. O seu arrependimento traduziu-se num precipitado regresso, e eles declararam bem alto que preferiam morrer nas fronteiras do império a usufruir da riqueza e do favor de um bárbaro. No entanto, retiraram desta viagem um benefício que reflecte a nobreza do carácter de Cósroes. Ele exigiu que os sete sábios que tinham vindo visitar a corte da Pérsia fossem eximidos das leis penais que Justiniano publicara contra os seus súbditos pagãos; e este privilégio, expressamente estipulado num tratado de paz, ficou sob a vigilância de um tão poderoso mediador. Simplicio e os companheiros acabaram os seus dias em paz e obscuridade; e como não deixaram discípulos, rematam assim a longa lista dos filósofos gregos que podem justamente ser louvados, apesar dos seus defeitos, como os mais sábios e virtuosos dos seus contemporâneos. Os escritos de Simplicio chegaram até nós. Os seus comentários físicos e metafísicos sobre Aristóteles perderam actualidade com o decorrer dos tempos; mas a sua interpretação moral de Epicteto mantém-se na biblioteca das nações como uma obra clássica, excelentemente apropriada para orientar a vontade, purificar o coração e fortalecer o entendimento, graças a uma justa confiança na natureza de Deus e do Homem.

Extinção do consulado romano

Mais ou menos na mesma altura em que Pitágoras concebeu, antes de mais ninguém, a denominação de «filósofo», a liberdade e o consulado eram fundados em Roma pelo primeiro Bruto. As diferentes metamorfoses do cargo consular, que nos aparecem sucessivamente com a substância, a sombra e o simples nome da autoridade, foram ocasionalmente mencionadas na presente história. Os primeiros magistrados da República tinham sido eleitos pelo povo a fim de exercerem, no Senado e no acampamento, os poderes da paz e da guerra que seriam mais tarde transferidos para os imperadores. No entanto, a tradição desta antiga dignidade foi durante muito tempo venerada pelos Romanos e pelos

bárbaros. Um historiador godo incensa o consulado de Teodorico como o apogeu de toda a glória e grandeza temporais; o próprio rei de Itália felicita estes favoritos anuais da fortuna que gozam do esplendor do trono sem as correspondentes preocupações; e ao cabo de mil anos, ainda eram nomeados dois cônsules pelos soberanos de Roma e Constantinopla, na única mira de se dar uma data ao ano e uma festa ao povo. Contudo, as despesas desta festa, em que os titulares ricos e vaidosos aspiravam a ultrapassar os seus antecessores, ascenderam gradualmente à enorme quantia de oitenta mil libras; os senadores mais sensatos recusavam uma honra inútil que implicava a ruína certa das suas famílias, e eu atribuiria a esta relutância os frequentes hiatos que se notam no último período dos fastos consulares. Os antecessores de Justiniano haviam ajudado, à custa do tesouro público, a elevação dos candidatos menos ricos; a avareza deste príncipe levou-o a preferir o método mais barato e conveniente de aconselhar poupança e regulamentar as despesas. Procissões ou espectáculos, eis o número a que o seu edicto limitou as corridas de cavalos e de carros, os combates de atletas, a música e as pantomimas do teatro e a caça às feras; e pequenas moedas de prata vieram substituir discretamente as medalhas de ouro que sempre haviam provocado o tumulto e a embriaguez, quando lançadas profusamente para o meio da população. Apesar destas precauções e do exemplo do imperador, a sucessão dos cônsules terminou definitivamente no décimo terceiro ano do reinado de Justiniano, cujo temperamento despótico deve ter visto com prazer a extinção pacífica de um título que recordava aos Romanos a sua antiga liberdade. No entanto, o consulado anual continuava a viver no espírito do povo; este aguardava cheio de esperança a sua rápida restauração; aplaudiu a graciosa condescendência de vários príncipes que tomaram o nome de cônsul no primeiro ano do seu reinado; e só passados três séculos sobre a morte de Justiniano esta obsoleta dignidade, que já fora suprimida pelo uso, pôde ser abolida pela lei. O método imperfeito de distinguir cada ano através do nome de um magistrado foi utilmente substituído pela data de uma era permanente: a criação do mundo, segundo a versão dos Setenta^(*), veio a ser adoptada pelos Gregos; e desde a época de Carlos Magno, os Latinos têm calculado o tempo a partir do nascimento de Cristo.

Sob as glórias do reinado de Justiniano escondem-se dois factores de consequências funestas. Um deles consistiu na sua extravagância

económica. O outro foi o facto de ele se mostrar incapaz de conciliar teológica e politicamente as províncias do Oriente e do Ocidente. A sua talentosa mulher, Teodora, havia sido monofisita. Após a morte dela em 548, Justiniano tentou congregar os elementos monofisitas. Caso tivesse sido bem-sucedido, conseguiria a fidelidade das províncias do Oriente. No entanto, as doutrinas monofisitas assemelhavam-se tanto às do Islão, que, na altura em que este poder surgiu, as províncias orientais se diluíram fácil e inevitavelmente.

No Capítulo 41, Gibbon descreve as conquistas de Justiniano (533-540). Por intermédio dos seus generais Belisário e Narses, Justiniano manteve a fronteira oriental, reconquistou a África e uma parte da Espanha aos Vândalos e fez uma vez mais do Mediterrâneo um mar romano. Belisário derrubou o poder dos Ostrogodos em Itália, recuperando Roma e resistindo com êxito a um cerco desta cidade pelos Godos, tendo em seguida sitiado e tomado Ravena.

No Capítulo 42, Gibbon relata a ascensão dos Lombardos e o aparecimento dos povos eslavo e turco.

Capítulo 43

Última vitória e morte de Belisário. Carácter e morte de Justiniano. Cometas, terremotos e peste durante o reinado de Justiniano

Os Godos revoltaram-se sob Tótila e conquistaram Roma em 546. A cidade foi recuperada por Belisário, mas tomada novamente após a sua chamada à corte. Em 552, o eunuco Narses derrotou Tótila e libertou Roma. Venceu posteriormente o sucessor de Tótila, Teias, o último rei dos Godos, e esmagou uma invasão dos Francos e dos Alamanos. O trono dos reis godos estava agora ocupado pelos exarcos de Ravena, representantes do imperador de Constantinopla. O próprio Narses tornou-se o primeiro exarco e administrou todo o reino de Itália durante mais de quinze anos.

Última vitória e morte de Belisário

Quero acreditar, mas não o ousa afirmar, que Belisário se regozijou sinceramente com o triunfo de Narses. De resto, a consciência dos seus próprios feitos devia tê-lo ensinado a apreciar sem inveja o mérito de um rival; e o repouso do velho guerreiro foi coroado com a última vitória, que salvou o imperador e a capital. Os bárbaros, que surgiam anualmente nas províncias da Europa, sentiam-se mais incitados pela dupla esperança do despojo e dos tributos do que desencorajados por algumas derrotas

acidentais. No trigésimo segundo Inverno do reinado de Justiniano, o Danúbio gelou a grande profundidade; Zabergão pôs-se à cabeça da cavalaria dos Búlgaros, e todas as tribos dos Esclavónios vieram juntar-se sob a sua bandeira. O chefe indómito atravessou sem oposição o rio e as montanhas, espalhou as suas tropas pela Macedónia e a Trácia, e avançou com apenas sete mil cavaleiros até à comprida muralha que deveria defender o território de Constantinopla. Mas as obras do homem são impotentes contra os assaltos da Natureza; um recente terramoto abalara os alicerces da muralha; e as forças do império estavam ocupadas nas remotas fronteiras de Itália, de África e da Pérsia. As sete *escolas*, ou companhias de guardas, também conhecidas por tropas internas, tinham aumentado os seus efectivos para cinco mil e quinhentos homens, cujo acampamento habitual era nas pacíficas cidades da Ásia. No entanto, os postos dos bravos arménios haviam sido insensivelmente ocupados por indolentes cidadãos, que compravam assim uma isenção dos deveres da vida civil, sem se exporem aos perigos do serviço militar. Destes soldados, poucos se atreviam a sair fora de portas; e nenhum se deixava convencer a ficar no campo de batalha, salvo quando lhes faltava força e rapidez para escapar aos Búlgaros. O relato dos fugitivos ainda exagerava o número e a ferocidade de um inimigo que, dizia-se, violava as virgens sagradas e abandonava crianças recém-nascidas aos cães e aos abutres; uma multidão de camponeses, implorando comida e protecção, aumentou a consternação da cidade; e as tendas de Zabergão ergueram-se à distância de vinte milhas, nas margens de um pequeno rio que circunda Melântia para ir depois desaguar na Propôntida. Justiniano tremeu; e os que só tinham visto o imperador já idoso comprouveram-se em julgar que ele *perdera* a viveza e o vigor da juventude. Os vasos de ouro e prata foram retirados por sua ordem das igrejas das vizinhanças, e até mesmo dos subúrbios de Constantinopla; os baluartes estavam cobertos de trémulos espectadores; na Porta de Ouro aglomeravam-se generais e tribunos inúteis; e o Senado partilhava das fadigas e apreensões da população.

No entanto, os olhares do príncipe e do povo volveram-se para um veterano enfraquecido que era forçado pelo perigo público a retomar a armadura sob a qual invadira Cartago e defendera Roma. Os cavalos das estrebarias reais, os dos particulares e até mesmo os do circo foram reunidos a toda a pressa; a emulação de velhos e jovens despertou com o nome de Belisário; já se erguia o seu primeiro acampamento na presença de

um inimigo vitorioso. A sua prudência e o labor de camponeses amigos asseguraram, mercê de um fosso e de um entrincheiramento, o repouso da noite; inumeráveis fogueiras e nuvens de poeira surgiam aqui e além para enganar o inimigo sobre a escassez das tropas; os seus soldados passaram num ápice do desânimo à arrogância; e enquanto dez mil vozes pediam o combate, Belisário evitava deixar perceber que, no momento da acção, só poderia contar com a firmeza de trezentos veteranos. Na manhã seguinte, a cavalaria dos Búlgaros carregou. Estes ouviam, no entanto, os clamores das hostes e observavam a fulguração das armas e a disciplina da frente inimiga; deram consigo apanhados de flanco por duas emboscadas que saíram dos bosques; os guerreiros mais adiantados caíram às mãos do velho herói e dos seus guardas; e a rapidez das movimentações de nada lhes valeu perante o ataque cerrado e a veloz perseguição dos Romanos. Neste recontro (tão rápida foi a sua fuga), os Búlgaros perderam apenas quatrocentos cavalos; mas Constantinopla estava salva; e Zabergão, que sentia a mão de um mestre, retirou-se para uma respeitável distância. Contudo, os seus amigos eram numerosos no conselho do imperador, e Belisário obedeceu contrariado às ordens da inveja e de Justiniano, que o impediam de concluir a libertação de um país. Ao regressar à cidade, o povo, ainda compenetrado do perigo, acompanhou o seu triunfo com aclamações de alegria e gratidão, que foram imputadas como crime ao general vitorioso. Mas quando ele entrou no palácio, os cortesãos calaram-se e o imperador, após um frio e mal-agradecido abraço, mandou-o juntar-se à turba dos escravos. No entanto, a sua glória impressionara tão profundamente o espírito dos homens, que Justiniano, aos setenta e sete anos de idade, foi aconselhado a deslocar-se a perto de quarenta milhas da capital, a fim de inspeccionar pessoalmente a restauração da comprida muralha. Os Búlgaros perderam o Verão nas planícies da Trácia; mas estavam dispostos a negociar a paz, devido ao fracasso dos seus temerários ataques à Grécia e ao Quersoneso. A ameaça de que matariam os seus prisioneiros apressou o pagamento dos elevados resgates que exigiam; e a partida de Zabergão foi antecipada pela notícia de que navios de duas proas estavam a ser construídos no Danúbio para interceptar a passagem dele. O perigo em breve caiu no esquecimento; e a vã questão de saber se o seu soberano demonstrara mais sabedoria ou pusilanimidade serviu de entretenimento aos ociosos da cidade.

Aproximadamente dois anos após a última vitória de Belisário, o imperador regressou de uma viagem à Trácia por motivos de saúde, negócios ou devoção. Justiniano queixou-se de uma dor de cabeça, e a proibição de visitas fez propalar o rumor da sua morte. Antes da terceira hora do dia, já as padarias haviam sido pilhadas, as casas estavam fechadas e todos os cidadãos se preparavam, com esperança ou terror, para os tumultos iminentes. Os próprios senadores, receosos e desconfiados, reuniram-se à nona hora; e o prefeito recebeu ordens para visitar todos os bairros da cidade e proclamar uma iluminação geral destinada a pedir ao céu o restabelecimento da saúde do imperador. A efervescência acalmou, mas qualquer acidente revelava a impotência do governo e as disposições facciosas do povo: os guardas estavam prontos para o motim sempre que mudavam de quartel ou o pagamento do soldo se atrasava; as frequentes calamidades dos incêndios e dos terremotos davam ensejo a desordens; as disputas entre Azuis e Verdes, ortodoxos e heréticos, degeneravam em batalhas sangrentas; e, na presença do embaixador persa, Justiniano chegou a corar por si e pelos súbditos. Perdões ao sabor do capricho e castigos arbitrários azedaram o tédio e o descontentamento de um longo reinado; urdiu-se uma conspiração no palácio; e a menos que sejamos iludidos pelos nomes de Marcelo e de Sérgio, o mais virtuoso e o mais desregrado cortesão uniram-se no mesmo desígnio. Tinham fixado a data da execução; a sua categoria dava-lhes acesso ao banquete real; e os seus escravos negros estavam postados no vestíbulo e nos pórticos para anunciar a morte do tirano e provocar uma sedição na capital. No entanto, a indiscrição de um cúmplice salvou os tristes restos da vida de Justiniano. Os conspiradores foram descobertos e presos; encontraram-se punhais escondidos debaixo das suas roupas; Marcelo suicidou-se e Sérgio viu-se arrancado ao santuário do altar. Movido pelo remorso ou tentado pela esperança de salvar a vida, acusou dois oficiais da casa de Belisário, e a tortura obrigou-os a declarar que haviam agido segundo as instruções secretas do seu amo. A posteridade não acreditará facilmente que um herói que, no vigor da idade, desdenhara as mais tentadoras ofertas de ambição e vingança se dispusesse agora a assassinar um príncipe a quem não podia esperar sobreviver muito tempo. Os seus partidários estavam impacientes por fugir, mas a fuga teria de ser sustentada pela rebelião, e ele já vivera o suficiente para a natureza e a glória. Belisário compareceu diante do conselho com mais indignação do que receio; após quarenta anos de serviço, o imperador presumira de

antemão a sua culpabilidade; e a injustiça foi santificada pela presença e autoridade do patriarca. A vida de Belisário mereceu a graça de um perdão, mas confiscaram-lhe os bens; e, de Dezembro até Julho, ficou retido como prisioneiro no seu palácio. A sua inocência acabou por ser reconhecida; devolveram-lhe a liberdade e as honras; e a morte, provavelmente apressada pelo ressentimento e a dor, levou-o do mundo cerca de oito meses após a sua libertação. O nome de Belisário nunca perecerá; mas, em vez de funerais, monumentos, estátuas tão justamente devidos à sua memória, apenas leio nas crónicas que os seus tesouros, os despojos dos Godos e dos Vândalos, foram logo chamados a si pelo imperador. Uma parte apreciável ficou, não obstante, à disposição da viúva, e dado que Antonina tinha muito de que se arrepender, ela dedicou o resto da vida e da fortuna à fundação de um convento. Tal é a simples e genuína narrativa da queda de Belisário e da ingratidão de Justiniano. As versões que o apresentam privado da vista e reduzido pela inveja a mendigar o pão — «Dai uma esmola ao general Belisário!» — não passam de ficções de tempos posteriores, as quais obtiveram crédito, ou melhor, bastante aceitação, como um estranho exemplo das vicissitudes da fortuna.

Carácter e morte de Justiniano

Se o imperador teve bojo para se regozijar com a morte de Belisário, tratou-se então de uma vil satisfação que só durou oito meses, o último período de um reinado de trinta e oito anos de uma vida de oitenta e três. Seria difícil esboçar o carácter de um príncipe que não constitui o objecto mais notável da sua época; mas as confissões de um inimigo como Procópio podem representar a prova mais segura das suas virtudes. Ele insiste maliciosamente na semelhança de Justiniano com o busto de Domiciano, embora lhe conceda uma figura bem proporcionada, uma tez rosada e um porte agradável. O imperador era de fácil acesso, escutava com paciência, mostrava-se cortês e afável nos discursos e sabia conter as tumultuosas paixões que se agitam com violência irreprimível no peito de um déspota. Procópio elogia-lhe a moderação, para em seguida poder acusá-lo de uma calma e deliberada crueldade; mas no meio das conspirações que atacaram a sua autoridade e a sua pessoa, um juiz mais desapaixonado aprovará a

justiça ou admirará a clemência de Justiniano. Cultivava em alto grau as virtudes privadas da castidade e da temperança; no entanto, um amor volúvel à beleza teria sido menos nocivo ao império do que a sua ternura conjugal por Teodora; e o seu regime abstinente não era regulado pela prudência de um filósofo mas pela superstição de um monge. As suas refeições eram curtas e frugais; nos dias de jejum solene, contentava-se com água e vegetais; e possuía tamanha força e fervor, que passava frequentemente dois dias e outras tantas noites sem provar qualquer comida. As horas de sono eram igualmente medidas com severidade; após o repouso de uma simples hora, o corpo era desperto pela alma, e, para surpresa dos seus camareiros, Justiniano caminhava ou estudava até ao amanhecer. Este afínco incansável duplicava-lhe o tempo para a aquisição de conhecimentos e o despacho dos negócios; e é muito possível que mereça a censura de ter perturbado, devido a uma diligência minuciosa e absurda, a ordem geral da sua administração. O imperador considerava-se músico e arquitecto, poeta e filósofo, jurisconsulto e teólogo; e se falhou na empresa de reconciliar as seitas cristãs, já a sua análise da jurisprudência romana constitui um nobre monumento do seu brio e talento pessoal. No governo do império revelou-se menos sagaz, ou menos feliz; os tempos eram de infortúnio; o povo sentia-se oprimido e descontente; Teodora abusava do poder; uma sucessão de maus ministros prejudicou o discernimento de Justiniano, o qual não foi amado em vida, nem lamentado após a morte. O amor à fama estava profundamente arreigado no seu peito, mas ele caiu na miserável ambição dos títulos, das honras e dos elogios dos contemporâneos; e ao esforçar-se por granjear a admiração dos Romanos, perdeu a estima e a afeição deles. O plano das guerras de África e de Itália foi ousadamente concebido e executado; e a sua sagacidade descortinou os talentos de Belisário no acampamento, e os de Narses no palácio. Mas o nome do imperador é eclipsado pelos seus generais vitoriosos; e Belisário continua vivo para censurar a inveja e a ingratidão do soberano. A admiração cega dos homens aplaude o génio de um conquistador que chefia e conduz os súbditos no exercício das armas. Os caracteres de Filipe II e de Justiniano distinguem-se pela fria ambição que se compraz com a guerra e evita os perigos do campo de batalha. Todavia, uma colossal estátua de bronze representava o imperador montado a cavalo e preparando-se para marchar contra os Persas, revestido do traje e da armadura de Aquiles. Na grande praça defronte da Igreja de Santa Sofia, este monumento erguia-se sobre uma coluna de

bronze assente num pedestal de pedra com sete degraus; e a coluna de Teodósio, que pesava sete mil e quatrocentas libras de prata, foi mandada retirar deste mesmo local pela avareza e a vaidade de Justiniano. Os seus sucessores mostraram-se mais justos ou indulgentes para com a sua memória; no começo do século XIV, Andronico, *o Velho*, reparou e embelezou a sua estátua equestre; após a queda do império, os Turcos vitoriosos derreteram-na para fazer canhões.

Cometas

Concluirei este capítulo referindo-me aos cometas, aos terremotos e à peste que surpreenderam ou afligiram a época de Justiniano. No quinto ano do seu reinado, no mês de Setembro, avistou-se durante vinte dias um cometa no lado ocidental do céu e que lançava os seus raios para norte. Oito anos depois, quando o Sol se encontrava em Capricórnio, um outro cometa mostrou-se em Sagitário; o seu tamanho aumentava gradualmente; a cabeça aparecia a oriente, a cauda a ocidente, e ele manteve-se visível durante mais de quarenta dias. As nações, que o contemplavam com assombro, esperavam guerras e calamidades da sua maligna influência; e estas expectativas foram plenamente confirmadas. Os astrónomos dissimulavam a sua ignorância sobre a natureza destas estrelas ardentes, as quais representavam como meteoros flutuantes no ar; e poucos deles adoptaram a simples noção de Séneca e dos Caldeus de que se trata apenas de planetas com um maior período de revolução e um movimento menos regular. O tempo e a ciência justificaram as conjecturas e as predições do sábio romano; o telescópio abriu novos mundos ao olhar dos astrónomos; e, no pouco tempo que nos oferecem a História e a fábula, já se provou que o mesmo cometa visitou sete vezes a Terra em revoluções iguais de quinhentos e setenta e cinco anos cada uma. A primeira aparição, que remonta a 1767 antes da era cristã, é contemporânea de Ógiges, a mais remota personagem da Antiguidade grega. E ela explica uma tradição conservada por Varrão, segundo a qual, sob o reinado de Ógiges, o planeta Vénus mudou de cor, tamanho, figura e curso; um prodígio sem exemplo, não só em tempos pretéritos como nos posteriores. A segunda visita, em 1193, está obscuramente indicada na fábula de Electra, a sétima das

Plêiades, que ficaram reduzidas a seis desde a guerra de Tróia. Esta ninfa, mulher de Dárdano, não conseguiu suportar a ruína do seu país; abandonou as danças das estrelas suas irmãs, fugiu do Zodíaco para o pólo norte, e recebeu, devido à sua cabeleira desgrenhada, o nome de *cometa*. O terceiro período acaba no ano 618, data que coincide exactamente com o medonho cometa da Sibila, e talvez de Plínio, que apareceu no Ocidente duas gerações antes do reinado de Ciro. A quarta aparição, quarenta e quatro anos antes do nascimento de Cristo, é a mais fulgurante e importante de todas. Após a morte de César, uma estrela de longa cabeleira foi avistada em Roma e nas nações durante os jogos que o jovem Octávio dava em honra de Vénus e do seu tio. A opinião do vulgo de que ele transportava a alma divina do imperador para o céu foi alimentada e consagrada pela piedade do futuro estadista Octávio, enquanto a sua superstição secreta não via no cometa senão um presságio da própria glória vindoura. A quinta visita, de que já falámos, ocorreu no quinto ano do reinado de Justiniano, que corresponde ao ano 531 da era cristã. E convém notar que, tanto neste como no caso anterior, à passagem do cometa se seguiu, embora com um intervalo prolongado, um visível enfraquecimento dos raios do sol. O sexto regresso, em 1106, vem mencionado nas crónicas da Europa e da China; e, no primeiro fervor das Cruzadas, os cristãos e os maometanos supuseram, estribados em motivos idênticos, que ele anunciava a destruição dos infiéis. O sétimo fenómeno, de 1680, desenvolveu-se à face de uma idade esclarecida. A filosofia de Bayle dissipou o preconceito, tão recentemente embelezado pela musa de Milton, de que o cometa «sacode a peste e a guerra com a sua horrível cabeleira». O seu curso nos céus foi observado com raro engenho por Flamsteed e Cassini; e a ciência matemática de Bernoulli, Newton e Halley investiga as leis das suas revoluções. No oitavo período, no ano 2355, talvez os cálculos deles possam ser verificados pelos astrónomos de alguma futura capital erguida nos desertos siberianos ou americanos.

Terramotos

Um cometa que se aproximou muito poderia lesar ou destruir o globo que habitamos; mas as modificações da superfície terrestre resultaram até agora

da acção de vulcões e terremotos. A natureza do solo indica os países mais expostos a estes formidáveis abalos, pois eles provêm de fogos subterrâneos, e tais fogos são ateados pela união e a efervescência do ferro e do enxofre. Mas o conhecimento do momento em que eles sobrevêm e dos seus efeitos está, segundo parece, para lá do alcance da curiosidade humana; e o filósofo abster-se-á prudentemente de prever os terremotos, antes de ter contado as gotas de água que se infiltram silenciosamente no mineral inflamável, e medido as cavernas que, pela sua resistência, aumentam a explosão do ar nelas contido. Sem apontar uma causa, a História assinala os períodos em que estes acontecimentos calamitosos foram raros ou frequentes, e observa que esta febre da terra se desencadeou com invulgar violência durante o reinado de Justiniano. Todos os anos deste reinado registam terremotos de uma tal duração, que Constantinopla tremeu durante mais de quarenta dias; e de uma tal extensão, que o abalo se propagou a toda a superfície do globo, ou pelo menos do Império Romano. Sentiram-se movimentos de oscilação e vibração; abriram-se fendas enormes; corpos de grande volume e peso foram atirados ao ar; o mar avançou e recuou alternadamente para lá dos seus limites vulgares; e uma montanha, arrancada do Líbano, despenhou-se nas ondas, onde ficou a proteger como um quebra-mar o novo porto de Bótris, na Fenícia. O golpe que abala um formigueiro pode esmagar miríades de insectos no meio do pó, mas devemos admitir que o homem trabalhou arduamente para a sua própria destruição. O estabelecimento de grandes cidades que fecham uma nação dentro dos limites de uma muralha quase realiza o desejo de Calígula de que o povo romano apenas tivesse um só pescoço. Consta que morreram duzentas e cinquenta mil pessoas no terremoto de Antioquia, cuja população havia sido engrossada pelo afluxo de estrangeiros à festa da Ascensão. A perda de Berito incluiu menos gente, mas de mais valor. Esta cidade da costa da Fenícia era famosa pelo estudo das leis civis, que abria o caminho mais seguro à riqueza e às dignidades; as escolas de Berito estavam cheias de génios em embrião da época, e nesse terremoto morreram muitos jovens que poderiam ter vindo a ser os flagelos ou os guardiões do seu país. Nestes desastres, o architecto torna-se o inimigo da espécie humana. A cabana de um selvagem ou a tenda de um árabe podem ser derrubadas sem dano para os habitantes; e os peruanos tinham razão em troçar da insensatez dos seus conquistadores espanhóis, que com tanta despesa e fadiga erguiam os seus próprios sepulcros. Os ricos mármore de

um patrício caem-lhe sobre a cabeça; um povo inteiro fica enterrado sob as ruínas e propagam-se a partir do lume inumerável que é necessário à subsistência e à indústria de uma grande cidade. Em vez da comiseração mútua que deveria socorrer e confortar na aflição, amargam-se terrivelmente os vícios e as paixões que já receiam o castigo: as casas aluídas são saqueadas pela intrépida cobiça; a vingança aproveita o momento e escolhe a vítima; e a Terra engole frequentemente o assassino ou o rapinante no próprio instante em que comete o crime. A superstição acrescenta ao perigo presente os terrores invisíveis; e se a imagem da morte chama por vezes os indivíduos à virtude ou ao arrependimento, um povo apavorado é mais propenso a esperar o fim do mundo, ou a aplacar com servis homenagens a raiva de uma Divindade vingadora.

A peste

A Etiópia e o Egipto têm sido apodados em todas as épocas de fonte e ponto de irradiação da peste. Numa atmosfera húmida, quente e estagnada, esta febre africana gera-se a partir da putrefacção de substâncias animais, e sobretudo das nuvens de gafanhotos, tão destruidores para os homens após a morte como em vida. A doença fatal que despovoou a Terra no reinado de Justiniano, e no dos seus sucessores, apareceu pela primeira vez nos arredores de Pelúsio, entre o pântano Serboniano e o braço oriental do Nilo. A partir daí, como que abrindo um duplo caminho, ela propagou-se para o Oriente, através da Síria, da Pérsia e da Índia, e penetrou no Ocidente ao longo da costa de África e por todo o continente europeu. Na Primavera do segundo ano, Constantinopla foi acometida pela peste durante três ou quatro meses; e Procópio, que observou a sua marcha e os seus sintomas com os olhos de um médico, quase igualou a habilidade e diligência de Tucídides na descrição da peste de Atenas. A infecção era algumas vezes anunciada pelas visões de uma fantasia desenfreada, e a vítima desesperava da vida assim que ouvia a ameaça e sentia o assalto de um espectro invisível. Mas a maior parte das pessoas era surpreendida na cama, na rua, ou mesmo nas suas ocupações habituais, por uma ligeira febre; tão ligeira, de facto, que nem a pulsação nem a tez do doente davam qualquer sinal de perigo iminente. Nesse mesmo dia, no outro ou dois dias depois, ele declarava-se

por um inchaço dos gânglios, sobretudo os das virilhas, dos sovacos e das orelhas; e, quando estes bubões ou tumores eram abertos, descobria-se que continham um *carvão*, ou substância negra, do tamanho de uma lentilha. Quando os bubões cresciam devidamente e começavam a supurar, o doente salvava-se graças a esta espécie de evacuação natural do humor morbífico; mas se continuavam secos e duros, seguia-se logo a gangrena e o quinto dia assinalava geralmente o termo da vida. A febre fazia-se acompanhar com frequência de letargia ou delírio; o corpo do doente cobria-se de pústulas negras ou carbúnculos, sintomas de morte imediata; e nas constituições demasiado frágeis para produzirem uma erupção, a um vômito de sangue seguia-se a gangrena dos intestinos. A peste era, em regra, fatal às mulheres grávidas; no entanto, uma criança foi tirada viva do seio da mãe já morta, e três mães sobreviveram à perda do seu feto infectado. A juventude era a fase mais perigosa, e o sexo feminino estava menos exposto ao contágio do que o masculino; mas todas as classes e profissões eram atacadas com sanha indiscriminada, e muitos dos que conservaram a vida ficaram privados do uso da fala, sem a mínima certeza de que não haveria uma recidiva. Os médicos de Constantinopla eram solícitos e hábeis; mas o seu saber desconcertava-se com os vários sintomas e a invencível pertinácia da doença; os mesmos remédios produziam efeitos contrários, e o desenlace desmentia caprichosamente os seus diagnósticos de morte ou de cura. A ordem dos funerais e o direito das sepulturas eram alterados; os que haviam ficado sem amigos nem servidores jaziam sem enterro no meio das ruas ou nas suas casas desertas; e um magistrado era autorizado a reunir os montões de cadáveres, a transportá-los por terra ou por água e a enterrá-los em fundas valas para lá do recinto da cidade. O seu próprio perigo e o aspecto da desolação pública despertava algum remorso no espírito dos homens mais dados ao vício; ao julgarem-se salvos, retomavam as suas paixões e os seus hábitos; mas a filosofia deve desdenhar a observação de Procópio de que as vidas de tais homens foram preservadas por um especial favor da sorte ou da Providência. Ele esquecia, ou talvez recordasse intimamente, que a peste atingira a própria pessoa de Justiniano; mas o regime frugal do imperador pode sugerir, como no caso de Sócrates, uma causa mais racional e honrosa para a sua cura^(*). Durante a sua doença, a consternação pública traduziu-se nos hábitos dos cidadãos; e a ociosidade e o desânimo deles provocaram uma penúria geral na capital do Oriente.

O contágio é uma característica inseparável da peste, a qual, através da respiração de um mesmo ar, se transfunde das pessoas infectadas para os pulmões e o estômago de quem delas se aproxima. Enquanto os filósofos aceitam e temem este facto, é curioso que a existência de um perigo tão real tenha sido negada pelo povo mais dado a vãos e imaginários terrores(*). Os concidadãos de Procópio estavam realmente convencidos, a partir de uma experiência limitada e parcellar, de que a infecção não podia transmitir-se em resultado de uma conversa muito chegada com um pestífero; e esta convicção pode justificar a assiduidade de amigos ou médicos junto dos doentes, que uma prudência desumana teria condenado à solidão e ao desespero. Mas esta confiança fatal, à semelhança da predestinação dos Turcos, deve ter contribuído para o aumento do contágio; e as precauções salutareas a que a Europa deve a sua segurança eram desconhecidas na época de Justiniano. Não se impuseram restrições à livre e frequente comunicação entre as províncias romanas; desde a Pérsia a França, as nações amalgamaram-se e infectaram-se devido às guerras e às migrações; e o germe pernicioso que se oculta anos a fio num fardo de algodão era levado, pelo abuso do comércio, até às mais remotas regiões. O modo de propagação é explicado por uma observação do próprio Procópio, segunda a qual a doença alastrava sempre da costa para o interior; as ilhas e montanhas mais afastadas iam sendo sucessivamente atingidas; os lugares que tinham escapado à sanha da sua primeira passagem eram os únicos a ficar expostos ao contágio do ano seguinte. Os ventos podem espalhar este veneno subtil; no entanto, se a atmosfera não está previamente predisposta a recebê-lo, a peste em breve se extinguirá nos climas temperados ou frios da Terra. A contaminação universal do ar era de tal ordem, que a peste que eclodiu no décimo quinto ano do reinado de Justiniano não foi sustida nem atenuada pela mudança das estações. Ao fim de algum tempo, a sua primeira malignidade acalmou e dispersou-se; a doença abrandava e reavivava-se alternadamente; mas foi apenas ao cabo de um período calamitoso de cinquenta e dois anos que a espécie humana recuperou a saúde e a atmosfera se tornou novamente pura e salubre. Não nos restam factos que permitam fazer um cálculo, ou mesmo uma conjectura, do número de pessoas vitimadas por esta imensa mortalidade. Só posso inteirar-me de que, durante três meses, cinco e em seguida dez mil pessoas morriam diariamente em Constantinopla; que muitas cidades do Oriente ficaram despovoadas; e que, em vários distritos de Itália, as searas e as

vinhas secaram no solo. O triplo flagelo da guerra, da peste e da fome atormentou os súbditos de Justiniano; e o seu reinado surge tragicamente marcado por uma visível diminuição da espécie humana, que nunca chegou a ser reparada nalgumas das mais belas regiões do globo.

A obra suprema do reinado de Justiniano foi a codificação das leis romanas. Ela é descrita por Gibbon no Capítulo 44, aqui omitido.

Capítulo 45

Miséria de Roma no final do século VI. Pontificado de Gregório Magno

Entre 568 e 570, depois da morte de Narses, os Lombardos, sob o comando de Alboim, conquistaram a maior parte de Itália. Ao longo de duzentos anos, a Itália manteve-se dividida entre o reino lombardo e o exarcado de Ravena.

Miséria de Roma no final do século VI

No meio das armas dos Lombardos, e sob o despotismo dos Gregos, voltamos a indagar o destino de Roma que, cerca do final do século VI, havia atingido o ponto mais baixo do seu declínio. A transferência da sede do império e a perda sucessiva das províncias tinham exaurido as fontes da riqueza pública e privada; a árvore frondosa à sombra da qual haviam repousado as nações da Terra estava privada das folhas e dos ramos, e o tronco sem seiva ressequia-se no solo. Os portadores de ordens e os mensageiros da vitória já não se cruzavam na Via Ápia ou na Via Flamínia, e o avanço hostil dos Lombardos era amiúde sentido e continuamente temido. Os habitantes de uma grande e tranquila capital, que visitam despreocupadamente os jardins que a rodeiam, só com dificuldade farão uma ideia da angústia dos Romanos; eles fechavam ou abriam as portas

com mãos trémulas, observavam do alto das muralhas as chamas que devoravam as suas casas de campo, e escutavam os gemidos dos compatriotas que eram acorrentados aos pares como cães e arrastados para uma distante servidão, do outro lado do mar e das montanhas. Estes incessantes alarmes deviam desvanecer os prazeres e interromper o labor da vida campestre; e a Campina Romana não tardou a ficar reduzida ao estado de um terrível deserto onde só havia solo estéril, águas insalubres e atmosfera empestada. A curiosidade e a ambição já não atraíam as nações à capital do mundo; mas se porventura o acaso ou a necessidade dirigiam até lá os passos de um estrangeiro errante, ele contemplava horrorizado o vazio e a solidão da cidade e podia sentir-se tentado a perguntar: onde está o Senado, onde está o povo? Num ano sobremaneira chuvoso, o Tibre galgou as margens e lançou-se com irresistível violência nos vales das sete colinas. Uma doença pestilencial brotou da estagnação do dilúvio; e o contágio foi tão rápido, que oitenta pessoas expiraram no espaço de uma hora durante uma procissão solene que implorava a misericórdia divina. Uma sociedade onde o casamento é encorajado e se preza a indústria não tarda a reparar os danos acidentais da peste e da guerra; mas como a maioria dos Romanos estava condenada a uma indigência sem esperança e ao celibato, o despovoamento era constante e visível, e os lôbregos entusiastas podiam aguardar a extinção já próxima da raça humana. No entanto, o número de cidadãos ainda excedia a medida das subsistências; a sua precária alimentação provinha das colheitas da Sicília e do Egipto, e a frequente repetição da fome mostra o desinteresse do imperador por estas províncias distantes. Os edifícios de Roma encontravam-se expostos a igual ruína e decadência; os prédios em descabro eram facilmente derrubados por inundações, tempestades e terremotos; e os monges, que tinham ocupado as posições mais vantajosas, exultavam do seu vil triunfo sobre as ruínas da Antiguidade. É tido por certo que o Papa Gregório I atacou os templos e mutilou as estátuas da cidade; que, por ordem deste bárbaro, a Biblioteca Palatina foi reduzida a cinzas, e que a história de Tito Lívio era especial objecto do seu absurdo e funesto fanatismo. Os escritos do próprio Gregório revelam a sua implacável aversão às obras do génio clássico; e ele dirige a mais severa censura ao saber profano de um bispo que ensinava a arte da gramática, estudava os poetas latinos e entoava sem distinção louvores a Júpiter e a Cristo. No entanto, a prova da sua fúria destruidora é incerta e recente: o Templo da Paz ou o Teatro de Marcelo foram demolidos pela

lenta sucessão dos séculos, e uma prescrição formal teria multiplicado as cópias das obras de Virgílio e Tito Lívio nos países que estavam sujeitos a este ditador eclesiástico.

O pontificado de Gregório Magno

À semelhança de Tebas, Babilónia ou Cartago, o nome de Roma teria sido apagado da face da Terra, se esta cidade não fosse animada por um princípio vital que tornou a restaurar-lhe a honra e o poder. Adoptou-se uma vaga tradição de que dois apóstolos judeus, um fabricante de tendas e um pescador, haviam sido outrora supliciados no circo de Nero; e quinhentos anos mais tarde, as suas relíquias genuínas ou fictícias eram adoradas como o Paládio da Roma cristã. Os peregrinos do Oriente e do Ocidente acorriam à soleira sagrada; mas os relicários dos apóstolos eram defendidos por milagres e terrores invisíveis, e só a medo o católico piedoso se aproximava do objecto do seu culto. Não se tocava impunemente nos corpos dos santos e era perigoso contemplá-los; e aqueles que, impelidos pelos mais puros motivos, ousavam perturbar o repouso do santuário, eram amedrontados por visões ou acometidos de morte súbita. O despropositado pedido de uma imperatriz que desejava privar os Romanos do seu tesouro sagrado, a cabeça de São Paulo, foi rejeitado com o mais profundo horror; e o papa afirmou, provavelmente com justeza, que um pano de linho santificado pela proximidade do corpo do santo ou a limalha das suas correntes, que por vezes se tornava fácil e outras vezes impossível obter, possuíam um grau idêntico de dons milagrosos. Contudo, tanto o poder como a virtude dos apóstolos perduravam com grande energia no peito dos seus sucessores; e a cadeira de São Pedro foi ocupada, sob o reinado de Maurício, pelo primeiro e mais importante dos que usaram o nome de Gregório. O seu avô Félix também havia sido papa, e, dado os bispos já estarem submetidos à lei do celibato, a sua consagração deve ter sido posterior à morte da mulher. Os pais de Gregório, Sílvia e Gordiano, pertenciam às mais nobres famílias do Senado e contavam-se entre os mais piedosos membros da Igreja de Roma; dos seus parentes do sexo feminino faziam parte santas e virgens, e a sua própria imagem, juntamente com as do pai e da mãe, subsistiu cerca de trezentos anos num retrato de família que ofereceu ao Mosteiro de Santo

André. O desenho e o colorido deste quadro constituem um honroso testemunho de que a arte da pintura era bem cultivada pelos Italianos do século VI; mas já o gosto e o saber deles não podem colher senão o nosso desagrado, visto que as epístolas de Gregório, os seus sermões e os seus diálogos são obra assaz tosca de um homem que ultrapassava em erudição todos os seus contemporâneos; o seu nascimento e os seus dotes haviam-no elevado ao cargo de prefeito da cidade, e ele teve o mérito de renunciar à pompa e às vaidades deste mundo. O seu vasto património foi dedicado à fundação de sete mosteiros, um em Roma e seis na Sicília; e Gregório tinha o desejo de passar ignorado por esta vida, tão-somente glorioso na seguinte. A sua devoção, por mais sincera que fosse, seguiu não obstante o caminho que teria sido escolhido por um astuto e ambicioso estadista. Os talentos de Gregório e o brilho que acompanhou o seu retiro tornaram-no querido e útil à Igreja; e a obediência absoluta foi sempre recomendada como o primeiro dever de um monge. Mal recebeu a dignidade de diácono, Gregório passou a residir na corte bizantina como núncio ou ministro da Santa Sé; e assumiu ousadamente, em nome de São Pedro, um tom de alteza independente que teria sido considerado criminoso e arriscado no mais ilustre leigo do império. Regressou a Roma com uma reputação justamente acrescida, e, após um breve exercício das virtudes monásticas, viu-se arrancado ao claustro e colocado no trono papal pelo sufrágio unânime do clero, do Senado e do povo. Só ele resistia, ou aparentava resistir, à sua elevação; e o seu humilde pedido a Maurício para se dignar rejeitar a escolha dos Romanos somente contribuiu para guindar ainda mais a sua pessoa aos olhos do imperador e do público. Quando o mandato fatal foi proclamado, Gregório solicitou a uns mercadores amigos que o transportassem, dentro de um cesto, para lá das portas de Roma; e escondeu-se humildemente durante alguns dias no meio dos bosques e das montanhas, até o seu refúgio ser descoberto, ao que se diz, por uma luz celestial.

O pontificado de Gregório Magno, que durou treze anos, seis meses e dez dias, é um dos períodos mais edificantes da história da Igreja. As suas virtudes e até mesmo os seus defeitos, uma singular mistura de simplicidade e astúcia, de orgulho e humildade, de bom senso e superstição, adequaram-se perfeitamente à sua posição e ao espírito da época. Verberou no seu rival, o patriarca de Constantinopla, o título anticristão de bispo universal, que o sucessor de São Pedro era demasiado soberbo para conceder e demasiado fraco para assumir; e a jurisdição eclesiástica de Gregório limitou-se à tripla

qualidade de bispo de Roma, primaz de Itália e apóstolo do Ocidente. Subia frequentemente ao púlpito e inflamava, com a sua rude mas patética eloquência, as paixões profundas do auditório; interpretava e aplicava a linguagem dos profetas judeus, e o espírito do povo, abatido pelas presentes calamidades, volvia-se para a esperança e o medo suscitados pelo mundo invisível. Os seus preceitos e o seu exemplo definiram o modelo da liturgia romana, a divisão das paróquias, o calendário das festas, a ordem das procissões, o serviço dos padres e diáconos, a variedade e a mudança das vestes sacerdotais. Até ao último dia de vida, oficiou no cânone da missa, que se prolongava por mais de três horas; o canto gregoriano preservou a música vocal e instrumental do teatro, e as rudes vozes dos bárbaros tentavam imitar a melodia da escola romana. A experiência mostrara-lhe a eficácia dos rituais solenes e pomposos para aliviar as mágoas, consolidar a fé, mitigar a crueldade e dissipar o sombrio entusiasmo do vulgo; e ele perdoou de bom grado a tendência para se promover o ascendente dos padres e da superstição. Os bispos de Itália e das ilhas adjacentes reconheciam o pontífice romano como o seu metropolitano particular. A existência, a união ou a trasladação das sedes episcopais eram decididas pelo seu único alvedrio; e as suas bem-sucedidas incursões nas províncias da Grécia, de Espanha e da Gália ajudaram a estimular as pretensões mais grandiosas dos papas seguintes. Interpôs a sua autoridade para impedir os abusos de eleições populares; o seu zelo cioso manteve a pureza da fé e da disciplina; e o pastor apostólico velou assiduamente por que elas se conservassem nos pastores submetidos à sua supremacia. Sob o seu pontificado, os arianos de Itália e de Espanha reintegraram-se na Igreja Católica, e a conquista da Bretanha lança maior glória sobre o nome de Gregório I que sobre o de César. Quarenta monges, em vez de seis legiões, embarcaram rumo a esta ilha distante, e o pontífice lamentou que os seus austeros deveres o impedissem de partilhar dos perigos da guerra espiritual que eles iam travar. Em menos de dois anos, pôde anunciar ao arcebispo de Alexandria que já se tinha baptizado o rei de Kent juntamente com dez mil anglo-saxões; e que os missionários romanos, tal como os da Igreja primitiva, apenas estavam munidos de poderes espirituais e sobrenaturais. A credulidade ou a prudência de Gregório mostrava-se sempre disposta a confirmar as verdades da religião através de aparições, milagres e ressurreições; e a posteridade pagou à sua memória o mesmo tributo que ele concedia facilmente à virtude da sua própria geração ou das precedentes. As

honras celestiais foram liberalmente distribuídas pela autoridade dos papas, mas Gregório é o último pontífice de Roma que eles ousaram inscrever no calendário dos santos.

O poder temporal dos papas cresceu insensivelmente com as calamidades dos tempos; e os bispos romanos, que mais tarde inundaram a Europa e a Ásia de sangue, estavam então reduzidos a reinar como ministros da caridade e da paz. I. A Igreja de Roma, como atrás se mencionou, possuía vastas propriedades em Itália, na Sicília e nas mais remotas províncias; e os seus agentes, que eram geralmente subdiáconos, tinham adquirido uma jurisdição civil, e até mesmo criminal, sobre os seus rendeiros e colonos. O sucessor de São Pedro administrava o seu património com os cuidados de um proprietário vigilante e moderado; e as epístolas de Gregório abundam em recomendações salutaras, tais como as de evitar os processos legais duvidosos ou vexatórios, manter a integridade dos pesos e medidas, conceder todas as protelações razoáveis e reduzir a capitação dos servos da gleba, que compravam o direito de se casarem mediante o pagamento de uma soma arbitrária. O rendimento ou as produções destes domínios eram transportados até à foz do Tibre por conta e risco do papa; no uso das riquezas, ele actuava como fiel intendente da Igreja e dos pobres, e consagrava liberalmente às necessidades deles os inesgotáveis recursos nascidos da abstinência e da ordem. O volumoso rol das suas receitas e despesas esteve guardado durante mais de trezentos anos no Palácio de Latrão, como modelo da economia cristã. Nas quatro grandes festas do ano, ele distribuía os réditos trimestrais pelo clero, os criados, os mosteiros, as igrejas, os cemitérios, as esmolarias, os hospitais de Roma e o resto da diocese. No primeiro dia de cada mês, mandava distribuir pelos pobres, consoante a estação, porções fixas de trigo, vinho, queijo, hortalças, azeite, peixe, provisões frescas, roupas e dinheiro; e os seus tesoureiros recebiam constantemente ordens para prover, em seu nome, às necessidades especiais da indigência e do mérito. As tribulações mais instantes dos doentes e dos desamparados, dos estrangeiros e dos peregrinos eram socorridas pela munificência de todos os dias e todas as horas; tão-pouco o pontífice se permitia uma refeição frugal sem ter enviado primeiro alguns pratos da sua mesa a vários infelizes merecedores da sua compaixão. A miséria dos tempos reduzira nobres e matronas de Roma a aceitar, sem corar, a benevolência da Igreja; três mil virgens recebiam alimentos e roupas das mãos do seu benfeitor; e muitos bispos de Itália, escapados aos bárbaros,

vieram pedir hospitalidade ao Vaticano. Gregório pôde ser justamente apelidado de pai do seu país; e tal era a sensibilidade da sua consciência, que, devido à morte de um pedinte no meio da rua, ele se coibiu de exercer durante vários dias as funções sacerdotais. II. Os infortúnios de Roma envolviam o pastor apostólico nos assuntos da paz e da guerra; e talvez nem ele próprio soubesse bem se era movido pela piedade ou pela ambição a ocupar o lugar do seu soberano ausente. Gregório arrancou o imperador a uma longa letargia; expôs os crimes ou a incapacidade do exarco e dos ministros subalternos; queixou-se de que os veteranos tinham sido afastados de Roma para irem defender Espoleto; exortou os Italianos a guardar as suas cidades e altares; e, num momento de perigo, consentiu em nomear tribunos e dirigir as operações das tropas provinciais. No entanto, o espírito marcial do papa era temperado pelos escrúpulos humanitários e religiosos; condenou toda a imposição de tributos, inclusive os que se empregavam na guerra de Itália, como odiosa e opressiva; e protegeu ao mesmo tempo, contra os edictos imperiais, a piedosa cobardia dos soldados que trocavam a vida militar pela monástica. A acreditar nas suas declarações, Gregório não teria dificuldade em exterminar os Lombardos por meio das facções intestinas deles próprios, sem deixar um rei, um duque ou um conde que salvasse esta infeliz nação da vingança dos inimigos. Na qualidade de bispo cristão, preferiu o salutar serviço da paz; a sua mediação apaziguou o tumulto das armas, mas conhecia suficientemente os artifícios dos Gregos e as paixões dos Lombardos para cumprir a sua promessa sagrada de executar a trégua. Desiludido na esperança que acalentara de um tratado geral e duradouro, ele atreveu-se a salvar o país sem o consentimento do imperador ou do exarco. O gládio do inimigo estava suspenso sobre Roma, mas acabou por ser desviado pela eloquência conciliadora e as oportunas liberalidades de um pontífice que gozava do respeito dos heréticos e dos bárbaros. Os méritos de Gregório foram retribuídos com censuras e insultos pela corte bizantina; mas ele encontrou na afeição de um povo agradecido a mais pura recompensa de um cidadão e o melhor título de autoridade de um soberano.

No capítulo seguinte, o 46, Gibbon descreve o fim da dinastia de Justiniano e o começo da nova dinastia de Heraclio.

O fim da dinastia de Justiniano, primeiro sob Maurício (582-602) e depois sob Focas (602-610), assistiu à passagem de uma extrema fraqueza

para uma quase completa anarquia, no meio de invasões estrangeiras e da desagregação interna.

Durante o reinado de Heraclio (610-642), os Persas, empreendendo uma prolongada guerra, saquearam Jerusalém, invadiram o Egito e, juntamente com os Árabes, quase tomaram Constantinopla. O poder persa foi, no entanto, definitivamente esmagado em 628 por Heraclio, que travou igualmente os Eslavos nos Balcãs.

A chave para as infundáveis teorias da Encarnação, que Gibbon discute no Capítulo 47, consiste no diferendo entre a doutrina de Niceia e a dos monofisitas. Esta última atraía bastante os povos das províncias orientais, que reconheciam em Jesus um simples Deus incarnado. O corpo era de forma humana, mas a natureza era única e divina.

INFLUÊNCIAS TEOLÓGICAS

Capítulo 47

História da doutrina da Encarnação. Os ebionitas e os gnósticos. Teorias opostas de Cerinto e Apolinário. Cirilo, Nestório e o Primeiro Concílio de Éfeso. A heresia de Êutiques e o Segundo Concílio de Éfeso. Concílio de Calcedónia. O *Henoticon* de Zenão. Teologia de Justiniano

Após a extinção do paganismo, os cristãos podiam ter fruído piedosa e pacificamente de um triunfo que os deixava sem adversários. No entanto, o princípio da discórdia revolvía-se no seu seio, e eles estavam mais preocupados em explorar a natureza do fundador da sua religião do que em seguir-lhe os ensinamentos. Já mencionei que às disputas da TRINDADE sucederam as da ENCARNAÇÃO; igualmente escandalosas para a Igreja e perniciosas para o Estado, mas ainda mais minuciosas na sua origem e mais duráveis nos seus efeitos. É meu propósito inserir neste capítulo uma guerra religiosa de duzentos e cinquenta anos, expor o cisma eclesiástico e político

das seitas orientais e apresentar as suas querelas clamorosas e sanguinárias, por meio de uma breve indagação sobre as doutrinas da Igreja primitiva.

Os ebionitas

I. Uma louvável deferência pela honra dos primeiros prosélitos induziu a crença, a esperança e o desejo de que os ebionitas, ou pelo menos os nazarenos, apenas se distinguissem pela sua obstinada perseverança na prática dos rituais mosaicos. As suas igrejas desapareceram; os seus livros estão esquecidos; a sua obscura liberdade deixou um vasto campo à fé; e a maleabilidade do seu credo nascente pôde ser diversamente moldada pelo zelo ou a prudência de trezentos anos. No entanto, a crítica mais caridosa deve recusar a estes sectários qualquer conhecimento da pura e verdadeira divindade de Cristo. Educados na escola da profecia e dos preconceitos judaicos, eles nunca tinham aprendido a elevar as suas esperanças acima de um Messias temporal e humano. Se tinham coragem para saudar o seu rei quando ele se mostrava em vestes de plebeu, já por outro lado a sua grosseira compreensão era incapaz de discernir o seu Deus, que escondera cuidadosamente a sua própria natureza celeste sob o nome e a pessoa de um mortal(*). Os companheiros mais íntimos de Jesus da Nazaré conversavam com o seu amigo e compatriota que, em todos os actos da vida racional ou animal, parecia da mesma espécie que eles. A sua passagem da infância à juventude e à idade viril foi assinalada por um aumento gradual de estatura e sabedoria; e após uma dolorosa agonia do corpo e do espírito, ele expirou na cruz. Viveu e morreu ao serviço dos homens; no entanto, a vida e a morte de Sócrates também fora dedicada à causa da religião e da justiça; e embora o estóico ou o herói possam desdenhar as humildes virtudes de Jesus, as lágrimas que ele verteu pelo seu discípulo querido e pelo seu país devem ser vistas como a prova mais pura da sua humanidade. Os milagres do Evangelho não podiam surpreender um povo que apregoava com uma fé intrépida os prodígios ainda mais retumbantes da lei de Moisés. Os profetas de outros tempos tinham curado doenças, ressuscitado os mortos, apartado as águas do mar, detido o Sol e ascendido ao céu num carro de fogo. E o estilo metafórico dos Hebreus podia atribuir a um santo e a um mártir o título adoptivo de Filho de Deus.

No credo incipiente dos nazarenos e dos ebionitas observa-se, todavia, uma leve distinção entre os heréticos que confundiam a engendração de Cristo com a ordem comum da Natureza, e os cismáticos menos culposos que respeitavam a virgindade da sua mãe e excluía a intervenção de um pai terreno. A incredulidade dos primeiros podia basear-se nas circunstâncias visíveis do seu nascimento, no casamento legítimo dos seus pais putativos, José e Maria, e nos seus direitos de descendência directa sobre o reino de David e a herança de Judá. No entanto, a história secreta e autêntica conservou-se em várias cópias do Evangelho segundo São Mateus, que estes sectários mantiveram durante muito no hebraico original, como único testemunho da sua fé. As suspeitas naturais do marido, seguro da sua castidade, foram dissipadas pela asseveração (num sonho) de que a esposa estava grávida do Espírito Santo; e dado este prodígio distante e doméstico não ter podido deparar-se à observação pessoal do historiador, concluímos que ele escutou a mesma voz que ditou a Isaías a profecia da futura concepção de uma virgem. O filho de uma virgem gerado pela inefável operação do Espírito Santo era uma criatura até então nunca vista, superior em todos os atributos do corpo e do espírito aos filhos de Adão. Desde a introdução da filosofia grega ou caldaica, os Judeus acreditavam na preexistência, na transmigração e na imortalidade da alma; e a Providência era justificada pela suposição de que a alma estava condenada a expiar, na sua prisão corporal, as faltas cometidas num estado anterior. Mas os graus da pureza e da corrupção são quase incomensuráveis. Pôde julgar-se que o mais sublime e virtuoso dos espíritos humanos havia sido infundido no filho de Maria e do Espírito Santo; que a sua humilhação era o resultado da sua escolha voluntária; e que o objecto da sua missão era purificar não os seus próprios pecados, mas os do mundo. Ao regressar ao céu donde saíra, Cristo recebeu a infinita recompensa da sua obediência: o reino eterno do Messias, que fora obscuramente predito pelos profetas sob as imagens carnis da paz, da conquista e da dominação. A onipotência divina podia proporcionar as faculdades humanas de Cristo à extensão das suas funções celestes. Na linguagem da Antiguidade, o título de Deus não estava exclusivamente reservado ao criador de todas as coisas; e o seu incomparável ministro, o seu Filho único, podia, sem presunção, pedir ao mundo, seu império, um culto religioso, se bem que secundário.

Os gnósticos

II. As sementes da fé, que tinham germinado lentamente no solo rochoso e ingrato da Judeia, foram transplantadas em plena maturidade para os climas mais afortunados dos gentios; e os estrangeiros de Roma ou da Ásia, que nunca tinham visto as formas humanas de Cristo, mostraram-se ainda mais prontos a aceitar a divindade dele. O politeísta e o filósofo, o grego e o bárbaro, estavam igualmente habituados a conceber uma longa sucessão, uma infinita cadeia de anjos ou de demónios, de divindades ou de éones ou emanções provenientes do trono de luz. Tão-pouco lhes parecia estranho ou inconcebível que o primeiro destes éones, o *Logos*, ou o Verbo de Deus, da mesma substância que o Pai, descesse à Terra para libertar o género humano do vício e do terror e guiá-lo pelos caminhos da vida e da imortalidade. No entanto, a doutrina prevalecente da eternidade e as ideias sobre a corrupção inerente à matéria contaminaram as primeiras Igrejas do Oriente. Muitos dos prosélitos gentios recusavam acreditar que um espírito celestial, uma porção indivisa da primeira essência, estivesse unido pessoalmente a uma massa de carne impura e contaminada; e no seu zelo pela divindade de Cristo, renegaram piedosamente a humanidade dele. Quando o seu sangue ainda estava fresco no monte Calvário, os *docetas*, uma seita de asiáticos numerosa e douda, inventaram o sistema *fantástico* que foi mais tarde divulgado pelos marcionitas, os maniqueus e as outras denominações da heresia gnóstica. Não admitiram a verdade e a autenticidade do Evangelho no que se refere à concepção de Maria, ao nascimento de Cristo e aos trinta anos que antecederam o exercício do seu ministério. Ele surgira primeiramente nas margens do Jordão, em toda a perfeição da forma humana; mas tratava-se apenas de uma forma, não de uma substância; uma simples figura humana criada pela mão da Onnipotência para imitar as faculdades e as acções de um homem, e impor uma ilusão perpétua aos sentidos dos seus amigos e inimigos. Sons articulados vibravam nos ouvidos dos discípulos; mas a imagem que se imprimia nos seus nervos ópticos furtava-se à prova mais positiva do tacto; e eles usufruíam da presença espiritual, e não da presença corpórea do Filho de Deus. A raiva dos Judeus desenfreadou-se inutilmente contra um fantasma impassível; e as cenas místicas da paixão e morte, da ressurreição e ascensão de Cristo foram representadas no teatro de Jerusalém para

benefício da humanidade. E se alguém adiantasse que esta farsa, esta permanente ilusão, era indigna do Deus de verdade, os docetas justificavam-se, como faziam, aliás, muitos dos seus irmãos ortodoxos, aludindo à doutrina das mentiras piedosas. No sistema dos gnósticos, o Jeová de Israel, criador deste mundo sublunar, foi um espírito rebelde ou, pelo menos, ignorante. O Filho de Deus desceu à Terra para abolir o templo e a lei de Jeová; e, a fim de cumprir este salutar objectivo, transferiu habilmente para a sua própria pessoa as esperanças e as predições de um Messias temporal.

Um dos mais subtis disputadores da escola maniqueia pôs em realce o perigo e a indecência de supor que o Deus dos cristãos, após a forma inicial de feto humano, teria saído ao fim de nove meses de um ventre de mulher. O piedoso horror dos seus antagonistas levou-os a rejeitar todas as circunstâncias carnis da concepção e do parto; a sustentar que a divindade penetrara no seio de Maria como um raio de sol através de um vidro; e a garantir que a sua virgindade se manteve intacta, inclusive no momento em que se tornou mãe de Cristo. No entanto, a temeridade destas concessões incentivou um sentimento mais moderado nalguns docetas que ensinaram, não que Cristo era um fantasma, mas que estava revestido de um corpo impassível e incorruptível. Tal é, de facto, no sistema mais ortodoxo, o corpo que ele possui desde a ressurreição, e tal é o que ele deve ter sempre possuído, já que era capaz de atravessar sem resistência e sem ferimento a densidade da matéria intermédia. Desprovido das propriedades mais essenciais da carne, este corpo devia estar isento dos atributos e das enfermidades dela. Um feto que pudesse desenvolver-se desde um ponto invisível até à sua plena maturidade; uma criança que pudesse atingir a estatura de um homem feito, sem tirar qualquer alimento das fontes habituais, conseguiria continuar a existir sem compensar as suas perdas diárias por meio de um fornecimento diário de matéria exterior. Jesus podia então partilhar das refeições dos seus discípulos sem estar sujeito aos apelos da sede e da fome; e a sua pureza virginal nunca foi maculada pelas faltas involuntárias da concupiscência. Se alguém perguntasse por que meios e de que matéria um corpo tão singularmente constituído pudera ser originariamente formado, a nossa teologia mais razoável ficaria surpreendida com uma resposta, que não era específica dos gnósticos, segundo a qual tanto a forma como a substância provinham da essência divina. A ideia de um espírito puro e absoluto é um refinamento da filosofia

moderna: a essência incorpórea, atribuída pelos Antigos às almas humanas, aos seres celestiais e até mesmo à própria Divindade, não exclui a noção de um espaço extenso; e a sua imaginação apegava-se à ideia de uma natureza subtil como o ar ou o fogo ou o éter, substâncias incomparavelmente mais perfeitas que os materiais grosseiros do nosso universo. Se determinarmos o lugar da Divindade, devemos descrever a figura dela. A nossa experiência, e talvez a nossa vaidade, representa os poderes da razão e da virtude sob forma humana. Os antropomorfistas, que abundavam entre os monges do Egipto e os católicos de África, poderiam citar a declaração formal das Escrituras de que o homem era feito à imagem do seu Criador. O venerável Serapião, um dos santos do deserto de Nítria, abandonou a chorar uma crença que lhe era cara; e lastimou-se como uma criança, devido à sua desditosa conversão que lhe roubava o seu Deus e lhe deixava o espírito sem qualquer objecto visível de fé ou devoção.

Teorias opostas de Cerinto e Apolinário

III. Tais eram as sombras fugidias dos docetas. Uma hipótese mais substancial, embora mais complicada, foi concebida por Cerinto da Ásia^(*), que se atreveu a opor-se ao último dos apóstolos. Vivendo na fronteira dos mundos judaico e gentio, ele esforçou-se por reconciliar os gnósticos e os ebionitas, reconhecendo no Messias a união sobrenatural do homem e de Deus; e esta doutrina mística foi adoptada, com muitos acrescentos da sua invenção, por Carpócrates, Basilides e Valentim, os heréticos da escola egípcia. A seus olhos, JESUS DE NAZARÉ era um simples mortal, filho legítimo de José e de Maria; era, no entanto, o melhor e o mais sábio dos humanos, escolhido como um digno instrumento para restaurar na terra o culto da verdadeira e suprema Divindade. Quando ele foi baptizado no Jordão, cristo, o primeiro dos éones, Filho do próprio Deus, desceu sobre Jesus sob a forma de uma pomba para habitar o seu espírito e orientar as suas acções durante o período correspondente ao seu ministério. Quando o Messias se viu entregue aos Judeus, Cristo, ser imortal e impassível, abandonou a sua morada terrena, regressou ao *pleroma*, ou mundo dos espíritos, e deixou Jesus sofrer, queixar-se e expirar sozinho. A justiça e a generosidade desta deserção parecem, contudo, altamente contestáveis; e a

sorte de um mártir inocente, primeiro impelido e em seguida abandonado pelo seu divino companheiro, devem ter suscitado a piedade e a indignação dos profanos. Os seus murmúrios foram silenciados de várias formas pelos sectários que adoptaram e modificaram o duplo sistema de Cerinto. Alegou-se que, na altura em que Jesus se viu pregado na cruz, todo ele ficara dotado de uma milagrosa apatia de corpo e espírito que o tornou insensível ao seu aparente sofrimento. Outros afirmaram que estas momentâneas, embora reais angústias, teriam sido abundantemente compensadas pelo reinado temporal de mil anos reservado ao Messias no seu reino da nova Jerusalém. Por fim, insinuou-se que, se ele sofreu, merecera o sofrimento; que a natureza nunca é totalmente perfeita; e que a cruz e a paixão puderam servir para expiar as transgressões veniais do filho de José antes da sua misteriosa união com o Filho de Deus.

IV. Todos os que acreditam na imortalidade da alma, uma ideia sedutora e nobre, devem confessar, a partir da sua presente experiência, quão incompreensível é a união da matéria e do espírito. Uma tal união, embora corpórea, não é incompatível com um grau muito mais elevado, ou mesmo o mais elevado, de faculdades intelectuais; e a encarnação de um éon ou de um arcanjo, o mais perfeito dos espíritos criados, não implica qualquer contradição ou absurdo assinaláveis. Na época de liberdade religiosa a que pôs limites o Concílio de Niceia, a divindade de Cristo media-se segundo o juízo privado de cada indivíduo, de acordo com a regra indefinida do Evangelho, da razão ou da tradição. Quando, porém, se estabeleceu a sua pura e peculiar divindade sobre as ruínas do arianismo, a fé dos católicos ficou suspensa à beira de um precipício, onde era impossível recuar, perigoso permanecer e horrível cair; e os vários inconvenientes do seu credo eram agravados pelo carácter sublime da sua teologia. Eles hesitavam em pronunciar que o próprio Deus, a segunda pessoa de uma Trindade igual e consubstancial, se manifestava na carne(*), que um ser que enche o Universo havia sido confinado ao ventre de Maria; que a sua duração eterna fora marcada pelos dias, meses e anos da existência humana; que o Todo-Poderoso fora vergastado e crucificado; que a sua essência impassível sentira dor e angústias; que a sua onisciência não estava isenta de ignorância; e que a fonte da vida e da imortalidade expirou no monte Calvário. Estas consequências alarmantes não assustavam a inalterável simplicidade de Apolinário, bispo de Laodiceia e um dos luminares da Igreja. Filho de um douto gramático, ele era versado em todas as ciências da

Grécia; a eloquência, a erudição e a filosofia, bem patentes nas obras de Apolinário, foram humildemente dedicadas ao serviço da religião. O digno amigo de Atanásio, e digno adversário de Juliano, lutou corajosamente contra os arianos e os politeístas; e embora cultivasse o rigor das demonstrações geométricas, os seus *Comentários* expuseram os sentidos literal e alegórico das Escrituras. Um mistério que durante muito tempo flutuara ao sabor da crença popular foi definido pela sua funesta solicitude de uma forma técnica; e, antes de mais ninguém, ele proclamou as memoráveis palavras: «Uma só natureza incarnada em Cristo», que ainda ressoam como um grito de guerra nas Igrejas da Ásia, do Egipto e da Etiópia. Ensinou que a Divindade se unira ou misturara com o corpo de um homem; e que o *Logos*, a eterna sabedoria, preencheria na carne o lugar e as funções de uma alma humana. No entanto, como se o profundo doutor se aterrorizasse com a sua própria audácia, ouviu-se Apolinário murmurar algumas palavras de desculpa e explicação. Ele admitiu a antiga distinção dos filósofos gregos entre a alma pensante e a alma sensitiva do homem; reservava assim o *Logos* para as funções intelectuais, e empregava o princípio humano subordinado a este para as funções menos relevantes da vida animal. Juntamente com os docetas moderados, venerou Maria como mãe espiritual e não tanto carnal de Cristo, cujo corpo viera do céu impassível e incorruptível, ou então fora absorvido e transformado na essência da Divindade. O sistema de Apolinário deparou com uma forte oposição por parte dos teólogos asiáticos e sírios, cujas escolas se honram dos nomes de Basílio, Gregório e Crisóstomo e se envergonham dos de Diodoro, Teodoro e Nestório. No entanto, a pessoa do velho bispo de Laodiceia, o seu carácter e dignidade, mantiveram-se inviolados; os seus rivais, já que os não podemos suspeitar de terem caído na fraqueza da tolerância, ficaram porventura surpreendidos com a novidade da argumentação e receosos da decisão final da Igreja Católica. Por fim, ela pronunciou-se a favor deles; a heresia de Apolinário foi condenada e as leis imperiais proscreveram as várias congregações dos seus discípulos. Mas os seus princípios continuaram a ser seguidos em segredo nos mosteiros do Egipto, e os seus inimigos experimentaram o ódio de Teófilo e de Cirilo, os patriarcas seguintes de Alexandria.

V. O materialismo dos ebionitas e a fantasia dos docetas estavam rejeitados e esquecidos; o recente zelo contra os erros de Apolinário forçou os católicos a aproximarem-se aparentemente da dupla natureza de Cerinto.

No entanto, em vez de uma aliança temporária e ocasional, eles estabeleceram, e nós ainda adotamos, a união substancial, indissolúvel e sempiterna de um Deus perfeito com um homem perfeito, da segunda pessoa da Trindade com uma alma pensante e um corpo humano. No começo do século v, a *unidade das duas naturezas* era a doutrina prevalecente na Igreja. Admitiu-se, de forma consensual, que o modo da sua coexistência não podia ser representado pelo nosso pensamento nem expresso pela nossa linguagem. Existia, contudo, uma secreta e invencível animosidade entre os que recebiam mais confundir e os que temiam mais separar a divindade e a humanidade de Cristo. Movidos pelo frenesim religioso, ambos os lados repeliam com aversão o erro da parte contrária, considerando-o mutuamente como o mais destrutivo da verdade e da salvação. Ambos os partidos se mostravam ansiosos por preservar e desejosos de defender a união e a distinção das duas naturezas, bem como de inventar as fórmulas verbais e os símbolos de doutrina menos susceptíveis de dúvida ou ambiguidade. A pobreza de ideias e de linguagem levou-os a recorrer à arte e à Natureza para aí buscarem todas as comparações possíveis, e cada nova comparação vinha extraviar-lhes o espírito na explicação deste mistério incomparável. Sob o microscópio polêmico, um átomo assume a dimensão de um monstro, ambas as facções se mostravam hábeis a exagerar as conclusões absurdas ou ímpias que podiam extrair-se dos princípios dos seus adversários. Para escapar uns aos outros, eles deambulavam por sendas obscuras e escusas, até serem surpreendidos pelos horríveis fantasmas de Cerinto e Apolinário que defendiam as saídas opostas do labirinto teológico. Assim que avistavam a débil luz de um sentido conducente à heresia, paravam logo, recuavam e viam-se novamente envoltos no negrume de uma impenetrável ortodoxia. A fim de se expurgarem da culpa ou da censura de um erro condenável, repudiavam todas as consequências, explicavam os seus princípios, desculpavam-se das suas imprudências e pronunciavam em uníssono palavras de concórdia e fé. No entanto, uma centelha latente e quase invisível ainda ardia sob as cinzas da controvérsia; o sopro do preconceito e da paixão não tardou a ateá-la numa poderosa chama, e as disputas verbais das seitas orientais abalaram os fundamentos da Igreja e do Estado.

Cirilo, Nestório e o Primeiro Concílio de Éfeso

O nome de CIRILO de Alexandria é famoso na história da controvérsia, e o seu título de *santo* constitui um sinal de que as suas opiniões e o seu partido acabaram por triunfar. Em casa do seu tio, o arcebispo Teófilo, ele imbuíu-se dos ensinamentos ortodoxos sobre o zelo e a dominação, e também aproveitou bem os cinco anos de juventude passados nos mosteiros da Níttria, perto da sua residência. Sob a tutela do abade Serapião, dedicou-se aos estudos eclesiásticos com um ardor tão infatigável, que, durante uma noite em claro, lera os quatro Evangelhos, as epístolas católicas e a epístola aos Romanos. Detestava Orígenes, mas percorria constantemente os escritos de Clemente e Dionísio, de Atanásio e Basílio; a teoria e a prática da disputa consolidavam a sua fé e aguçavam-lhe o espírito; estendia em volta da sua cela os fios da teologia escolástica e meditava essas obras de alegoria e metafísica, cujos restos, em sete in-fólios verbosos, dormem agora tranquilamente ao lado dos seus rivais. Cirilo rezava e jejuava no deserto, mas os seus pensamentos (tal é a censura de um amigo) continuavam absortos no mundo; e o chamamento de Teófilo, que o convocava para o bulício das cidades e dos sínodos, foi de imediato obedecido pelo eremita cheio de ambição. Com a aprovação do tio, entregou-se aos trabalhos da pregação e ganhou fama junto do público. A sua figura agradável abrilhantava o púlpito; a sua voz harmoniosa ressoava na catedral; os amigos estavam colocados por forma a dirigir ou a secundar os aplausos da congregação; e as notas apressadas dos escribas recolhiam os seus discursos que, nos efeitos, se bem que não na composição, podem comparar-se aos dos oradores atenienses. A morte de Teófilo dilatou e consumou as esperanças do sobrinho. O clero de Alexandria estava dividido; os soldados e o seu general apoiavam as pretensões do arcediogo; mas uma multidão irresistível desdobrou-se em clamores e acções para defender a causa do seu favorito; e após um período de trinta e nove anos, Cirilo sentou-se no trono de Atanásio.

O prémio não era indigno da sua ambição. Longe da corte e à cabeça de uma imensa capital, o patriarca de Alexandria, como ele era agora designado, usurpara gradualmente a posição e a autoridade de um magistrado civil. As caridades públicas e privadas da cidade eram ministradas pela sua discrição; a sua voz inflamava ou apaziguava as

paixões da multidão; as suas ordens eram cegamente obedecidas por um grande número de fanáticos parabolanos, familiarizados nas suas funções diárias com cenas de morte; e os prefeitos do Egipto sentiam-se intimidados ou irritados com o poder temporal destes pontífices cristãos. Perseguindo cheio de ardor a heresia, Cirilo inaugurou auspiciosamente o seu pontificado ao oprimir os novacianos, os mais inocentes e inofensivos dos sectários. A proibição do seu culto religioso pareceu-lhe um acto justo e louvável; e confiscou-lhes os vasos sagrados sem temer incorrer no crime de sacrilégio. A liberdade de culto, e inclusive os privilégios dos judeus, que se haviam multiplicado até ao número de quarenta mil, eram garantidos pelas leis dos Césares e dos Ptolemeus e por uma longa prescrição de setecentos anos decorridos desde a fundação de Alexandria. Sem qualquer sentença legal nem mandato régio, o patriarca, ao romper do dia, chefiou uma multidão sediciosa no ataque às sinagogas. Desarmados e desprevenidos, os judeus mostraram-se incapazes de resistir; as casas onde eles se reuniam para orar foram arrasadas, e o guerreiro episcopal, depois de recompensar as suas tropas com o saque dos bens deles, expulsou da cidade o resto da nação descrente. Talvez tenha alegado a insolência da sua prosperidade e o seu ódio mortal aos cristãos, cujo sangue tinham recentemente derramado num tumulto nascido do acaso ou de uma provocação. Estes crimes mereciam a animadversão do magistrado; só que, no meio das atrocidades indiscriminadas, os inocentes foram confundidos com os culpados, e Alexandria ficou empobrecida devido à perda de uma colónia rica e industriosa. O zelo de Cirilo sujeitava-se às penas da lei Júlia; mas num governo fraco e numa época supersticiosa, ele estava seguro da impunidade e até podia contar com elogios. Orestes queixou-se; porém, as suas justas reclamações foram esquecidas demasiado prontamente pelos ministros de Teodósio, enquanto ficavam profundamente gravadas na memória de um padre que, fingindo perdoar, continuava a odiar o prefeito do Egipto. Numa ocasião em que passava na rua, o seu carro foi assaltado por um bando de quinhentos monges da Níttria; os seus guardas puseram-se em fuga perante estas feras do deserto; às suas declarações de que era cristão e católico, responderam-lhe com uma chuva de pedras que lhe cobriram o rosto de sangue. Os cidadãos leais de Alexandria apressaram-se a acorrer em auxílio de Orestes; ele sacrificou imediatamente à justiça e à vingança o monge cuja mão o ferira, e Amónio expirou sob o açoite do lictor. Por ordem de Cirilo, o seu corpo foi erguido do chão e transportado

em procissão solene até à catedral; o nome de Amónio volveu-se no de Taumásio, *o Maravilhoso*; ornaram-lhe o túmulo com os troféus do martírio; e o patriarca subiu ao púlpito para celebrar a magnanimidade de um assassino e de um rebelde. Estas honras devem ter incitado os fiéis a combater e a morrer sob os estandartes do santo; e Cirilo não tardou a instigar ou a aceitar o sacrifício de uma virgem que professava a religião dos Gregos e tinha laços de amizade com Orestes. Hipácia, filha do matemático Téon, era versada nos estudos do pai; os seus doutos comentários elucidaram a geometria de Apolónio e Diofanto; e ela ensinava publicamente, tanto em Atenas como em Alexandria, a filosofia de Platão e de Aristóteles. Juntando ao esplendor da beleza toda a maturidade da sabedoria, esta donzela modesta recusava os amantes e instruía os discípulos; as pessoas mais ilustres pela sua posição ou pelo seu mérito ardiam de impaciência por visitar a jovem filósofa; e Cirilo observava cheio de inveja o pomposo cortejo de cavalos e escravos que se aglomerava junto à porta da sua academia. Propalou-se o rumor entre os cristãos de que a filha de Téon constituía o único obstáculo à reconciliação entre o prefeito e o arcebispo; e este obstáculo não tardou a ser removido. Certo dia fatal, na quadra sagrada da Quaresma, Hipácia foi arrancada ao seu carro, despojada das roupas, arrastada para a igreja e desumanamente chacinada pelas mãos de Pedro, *o Leitor*, e de um bando de fanáticos selvagens e implacáveis; esburgaram-lhe a carne dos ossos com conchas de ostra cortantes e atiraram os seus membros ainda palpitantes às chamas. O legítimo inquérito judicial e o castigo foram obviados por dádivas oportunas, mas o assassinio de Hipácia pôs uma mancha indelével no carácter e na religião de Cirilo de Alexandria. Talvez a superstição se mostre mais disposta a perdoar o sangue de uma virgem do que o banimento de um santo; e Cirilo acompanhara o tio ao sínodo iníquo do Carvalho. Depois de a memória de Crisóstomo ter sido reabilitada e consagrada, o sobrinho de Teófilo, à cabeça de uma facção exânime, continuou a defender a justiça da sentença que o condenara; e somente após grandes delongas e uma resistência obstinada é que ele se submeteu ao decreto do mundo católico. A sua inimizade para com os pontífices bizantinos era mais uma questão de interesse que de agastamento; invejava-lhes a posição de realce no meio do luzimento da corte imperial; e temia a sua ambição surgente, que oprimia os metropolitas da Europa e da Ásia, invadia as províncias de Antioquia e Alexandria, e tentava dar à sua diocese os limites do império. A longa moderação de

Ático, o brando usurpador do trono de Crisóstomo, suspendeu a animosidade dos patriarcas do Oriente; no entanto, Cirilo foi finalmente desperto pela elevação de um rival mais digno da sua admiração e do seu ódio. Após o breve e conturbado pontificado de Sisínio, bispo de Constantinopla, as facções do clero e do povo foram apaziguadas pela escolha do imperador, que, nesta ocasião, consultou a opinião pública e premiou o mérito de um estrangeiro. Nestório, nascido na Germanícia e monge de Antioquia, era recomendado pela austeridade da sua vida e a eloquência dos seus sermões; no entanto, a primeira homilia que ele pronunciou diante do devoto Teodósio deixou transparecer a acrimónia e a impaciência do seu zelo. «Dá-me, ó César!», exclamou, «dá-me a Terra expurgada dos hereges, e dar-te-ei em troca o reino do céu. Extermina comigo os hereges, e exterminarei contigo os Persas.» No quinto dia do seu pontificado, como se este acordo já tivesse sido assinado, o patriarca de Constantinopla descobriu, surpreendeu e atacou um conventículo secreto de arianos, os quais preferiram a morte à submissão; as chamas por eles ateadas no seu desespero em breve alastraram às casas vizinhas, e o triunfo de Nestório ficou ensombrado pelo cognome de Incendiário. O seu vigor episcopal impôs, de ambos os lados do Helesponto, um rígido formulário de fé e disciplina — um erro cronológico sobre a festa da Páscoa era punido como uma ofensa contra a Igreja e o Estado. A Lídia e a Caria, Sárdis e Mileto foram purificadas pelo sangue dos obstinados quartodecimanos; e o edicto do imperador, ou melhor, do patriarca, enumera vinte e três graus e denominações diferentes de crime por heresia, todos eles merecedores de castigo. No entanto, o gládio da perseguição, que Nestório tão furiosamente empunhava, não tardou a virar-se contra si mesmo. A religião serviu de pretexto, mas, no dizer de um santo contemporâneo, a ambição constituiu o verdadeiro móbil das guerras episcopais.

A escola síria ensinara Nestório a abominar a união das duas naturezas, e a separar habilmente a humanidade de Cristo, seu *mestre*, da divindade de Jesus, seu *senhor*. Venerava a Virgem Maria como a mãe de Cristo, mas os seus ouvidos sentiam-se feridos com o título irreflectido e recente de mãe de Deus, que fora imperceptivelmente adoptado desde o início da controvérsia ariana. Do alto do púlpito de Constantinopla, um amigo do patriarca, e mais tarde o próprio patriarca, pregaram repetidamente contra o uso e o abuso de uma palavra desconhecida dos apóstolos, não autorizada pela Igreja, e que somente servia para alarmar os timoratos, transviar os

simples, divertir os profanos e justificar, por uma aparente semelhança, a antiga genealogia do Olimpo. Nos seus momentos mais calmos, Nestório admitia que se podia tolerá-la e desculpá-la pela união das duas naturezas e a comunicação dos seus *idiomas*; mas, exasperado pela contradição, ele acabou por rejeitar o culto de um recém-nascido, de um Deus na infância, por tirar das associações conjugais e civis da vida humana as similitudes imperfeitas a que recorria, e por descrever a humanidade de Cristo como a roupagem, o instrumento e o tabernáculo da sua divindade. Perante tais blasfêmias, as colunas do santuário estremeceram. Os competidores malsucedidos de Nestório entregaram-se ao seu ressentimento religioso ou pessoal, e o clero bizantino estava intimamente descontente com a intrusão de um estrangeiro; tudo o que tem o cunho da superstição ou do absurdo granjeia a protecção dos monges; e o povo estava interessado na glória da sua Virgem padroeira. Os sermões do arcebispo e o serviço do altar eram perturbados por clamores sediciosos; algumas congregações particulares abjuraram a sua autoridade e a sua doutrina; todos os ventos espalharam o contágio da controvérsia pelo império; e a voz dos combatentes, postados num teatro sonoro, ressoou nas celas da Palestina e do Egipto. Cirilo tinha o dever de iluminar o zelo e a ignorância dos seus numerosos monges; na escola de Alexandria, ele aprendera e professara a encarnação de uma natureza; e o sucessor de Atanásio consultou o seu orgulho e a sua ambição quando entrou na liça contra um outro Ário, mais assustador e mais culpado que o primeiro e instalado no segundo trono da hierarquia eclesiástica. Após uma breve correspondência, na qual os prelados rivais dissimulavam o seu ódio sob a linguagem cavilosa do respeito e da caridade, o patriarca de Alexandria denunciou ao príncipe e ao povo, ao Oriente e ao Ocidente, os condenáveis erros do pontífice bizantino. Do Oriente, mais especialmente de Antioquia, chegaram-lhe conselhos ambíguos de tolerância e silêncio, que se dirigiam, aliás, aos dois partidos, embora favorecessem a causa de Nestório. O Vaticano, porém, recebeu de braços abertos os mensageiros do Egipto. A vaidade de Celestino sentiu-se lisonjeada com o apelo; e a versão parcial de um monge decidiu a fé do papa que, tal como o seu clero latino, ignorava a língua, as artes e a teologia dos Gregos. À frente de um sínodo italiano, Celestino ponderou os méritos da causa, aprovou o credo de Cirilo, condenou as opiniões e a pessoa de Nestório, destituiu este herético da sua dignidade episcopal, deu-lhe um prazo de dez dias para se retractar e arrepender, e delegou no inimigo dele a

execução desta sentença precipitada e ilegal. No entanto, o patriarca de Alexandria, ao mesmo tempo que lançava as fulminações celestes, deixava ver os erros e as paixões de um mortal; e os seus doze anátemas ainda hoje dilaceram a submissão dos ortodoxos, que veneram a memória de um santo sem faltarem à fidelidade devida ao Sínodo de Calcedónia. Estas propostas ousadas estão indelevelmente marcadas com as cores da heresia apolinarista; mas as sérias e talvez sinceras declarações de Nestório satisfizeram os mais sábios e menos parciais teólogos do nosso tempo.

Contudo, nem o imperador nem o primaz do Oriente estavam dispostos a obedecer ao mandato de um padre italiano; e um sínodo da Igreja Católica, ou melhor, da Igreja grega, era então unanimemente solicitado como o único meio capaz de apaziguar ou dirimir esta disputa eclesiástica. Éfeso, acessível de todos os lados por terra e por mar, foi escolhida como lugar da assembleia, e a festa do Pentecostes seria o dia da reunião; enviaram-se a todos os metropolitas cartas de convocação, e designou-se uma guarda para proteger e reter os padres até eles terem deliberado sobre os mistérios do céu e a fé da terra. Nestório apareceu, não como criminoso, mas como juiz; contava com a influência e não tanto com o número dos seus prelados; e os seus robustos escravos dos banhos de Zeuxipo estavam armados e prontos para o defender ou atacar os seus inimigos. O seu adversário Cirilo dispunha, todavia, de armas temporais e espirituais mais poderosas. Desobedecendo à letra, ou pelo menos ao sentido da ordem régia, ele fizera-se acompanhar de cinquenta bispos egípcios, que esperavam de um aceno de cabeça do seu patriarca a inspiração do Espírito Santo. Contraíra uma estreita aliança com Mémnon, bispo de Éfeso. Este despótico primaz da Ásia tinha à sua disposição trinta ou quarenta votos episcopais; uma multidão de camponeses, escravos da Igreja, havia sido dispersa pela cidade a fim de apoiar, por meio de violências e clamores, os argumentos metafísicos; e o povo defendia zelosamente a honra da Virgem, cujo corpo repousava no interior das muralhas de Éfeso(*). A armada que transportara Cirilo de Alexandria vinha carregada com as riquezas do Egipto; e dela desembarcou um numeroso bando de marinheiros, escravos e fanáticos, alistados em cega obediência sob o estandarte de São Marcos e o da mãe de Deus. Os padres e os próprios guardas do concílio sentiram-se intimidados por esta tropa aguerrida; os adversários de Cirilo e de Maria eram insultados nas ruas ou ameaçados nas suas casas; a eloquência e a liberalidade do prelado egípcio faziam crescer diariamente o número dos

seus aderentes; e ele depressa concluiu que podia contar com o apoio e os votos de duzentos bispos. Todavia, o autor dos doze anátemas previa e receava a oposição de João de Antioquia, que, acompanhado de um pequeno mas respeitável séquito de metropolitas e teólogos, avançava em etapas curtas da longínqua capital do Oriente. Impaciente com uma demora que ele apodava voluntária e culposa, Cirilo anunciou a abertura do sínodo dezasseis dias após a festa do Pentecostes. Nestório, contando com a próxima chegada dos seus amigos do Oriente, persistiu, à semelhança do seu antecessor Crisóstomo, em negar a jurisdição dos seus inimigos e em desobedecer às intimações deles; estes apressaram o julgamento, e o seu acusador presidiu ao tribunal. Sessenta e oito bispos, entre os quais vinte e dois metropolitas, defenderam-no através de um protesto decoroso e moderado; foram então excluídos das deliberações dos seus irmãos. Candidiano pediu uma prorrogação de quatro dias em nome do imperador; este magistrado profano viu-se afastado, por entre afrontas e insultos, da assembleia dos santos. Toda esta questão se desenrolou no decurso de um dia de Verão; os bispos emitiram as suas opiniões separadamente, mas a uniformidade do estilo revela a influência ou a mão de um chefe que tem sido acusado de falsificar o testemunho público dos actos e das assinaturas. Sem uma única voz divergente, eles reconheceram que as epístolas de Cirilo continham o Credo de Niceia e a doutrina dos padres; porém, a leitura dos excertos pouco fiéis das cartas e homilias de Nestório foi interrompida por imprecações e anátemas; e o herético achou-se destituído da sua dignidade episcopal e eclesiástica. A sentença, onde o trataram maliciosamente de novo Judas, foi afixada e proclamada nas ruas de Éfeso; conforme saíam da Igreja da Mãe de Deus, os prelados, exaustos, eram saudados como defensores dela; e a vitória da Virgem celebrou-se no meio das iluminações, dos cânticos e do tumulto da noite.

No quinto dia, este triunfo foi ensombrado pela chegada e pela indignação dos bispos do Oriente. Num quarto de estalagem, antes sequer de sacudir o pó dos sapatos, João de Antioquia deu audiência a Candidiano, ministro imperial, que lhe contou os seus infrutuosos esforços para impedir ou anular as violências precipitadas do egípcio. Com a mesma precipitação e a mesma violência, um sínodo oriental de cinquenta bispos despojou Cirilo e Mémnon das suas honras episcopais; declarou que os doze anátemas encerravam o mais puro veneno da heresia apolinarista; e descreveu o primaz alexandrino como um monstro, nascido e criado para a

destruição da Igreja. O seu trono era distante e inacessível, mas decidiu-se, pelo menos, conceder imediatamente a bênção de um pastor fiel ao rebanho de Éfeso. Contudo, por ordem de Mémnon, as igrejas foram fechadas e colocou-se uma numerosa guarnição dentro da catedral. As tropas, comandadas por Candidiano, deram assalto; as guardas avançadas foram desbaratadas a fio de espada, mas a posição era inexpugnável; os assaltantes retiraram-se, e, perseguidos por uma feroz surtida, perderam os cavalos e muitos dos soldados ficaram gravemente feridos por pedradas e golpes de maças. Éfeso, a cidade da Virgem, foi conspurcada por actos enraivecidos e clamores, no meio da sedição e do sangue derramado; os sínodos rivais lançavam anátemas e excomunhões numa autêntica guerra espiritual, e a corte de Teodósio estava perplexa com narrativas adversas e contraditórias das facções síria e egípcia. Durante um agitado período de três meses, o imperador experimentou todos os meios, excepto o mais eficaz de todos, o da indiferença e do desprezo, para resolver esta disputa teológica. Tentou afastar ou intimidar os chefes através de uma sentença que absolvesse ou condenasse igualmente uns e outros; revestiu os seus representantes em Éfeso de plenos poderes e deu-lhes forças militares; convocou oito delegados dos dois partidos para conferenciar livre e lealmente nos arredores da capital, longe do contágio do frenesim popular. No entanto, os orientais recusaram-se a ceder, e os católicos, orgulhosos do seu número e do apoio dos seus aliados latinos, rejeitaram toda a espécie de união ou tolerância. A paciência do condescendente Teodósio esgotou-se, e ele dissolveu cheio de fúria este tumulto episcopal que, à distância de treze séculos, assume o venerável cunho de terceiro concílio ecuménico. «Deus é testemunha», afirmou o piedoso príncipe, «de que não sou responsável por esta confusão. A sua providência discernirá e punirá os culpados. Regressai às vossas províncias e queira Deus que as vossas virtudes privadas reparem os erros e os escândalos gerados pela vossa reunião.» Eles voltaram às suas províncias, mas as mesmas paixões que haviam perturbado o Sínodo de Éfeso alastraram ao mundo oriental. Após três campanhas em que se combateram com afínco e êxitos repartidos, João de Antioquia e Cirilo de Alexandria dignaram-se dar explicações um ao outro e abraçar-se; a sua aparente reconciliação deve, todavia, ser atribuída mais à prudência do que à razão, mais a um cansaço mútuo do que à caridade cristã dos patriarcas. O pontífice bizantino instilava funestas suspeitas no ânimo do imperador sobre o carácter e o comportamento do seu rival egípcio. Uma epístola de

ameaças e invectivas, na qual lhe ordenavam que voltasse a Éfeso, acusava-o de ser um padre metedido, insolente e invejoso, que perturbava a simplicidade da fé, violava a paz da Igreja e do Estado, e cujas falas artificiosas dirigidas a sós à mulher e à irmã de Teodósio pressupunham a esperança de fazer nascer ou encontrar sementes de discórdia na família imperial. Obedecendo à severa ordem do seu soberano, Cirilo dirigira-se a Éfeso, onde foi arrostado, ameaçado e preso pelos magistrados favoráveis a Nestório e aos bispos orientais; eles reuniram em seguida as tropas da Lídia e da Jónia para conter o séquito fanático e desordenado do patriarca. Sem esperar pela autorização régia, ele escapou aos seus guardas, embarcou a toda a pressa, abandonou o sínodo ainda inconcluso e retirou-se para a sua fortaleza episcopal, que lhe garantia segurança e independência. No entanto, os seus hábeis emissários, actuando tanto na corte como na cidade, empenharam-se com êxito em apaziguar o ressentimento e reconquistar o favor do imperador. O débil filho de Arcádio era governado alternadamente pela esposa e a irmã, os eunucos e as mulheres do palácio; a superstição e a cobiça constituíam as paixões dominantes de todos eles, e os chefes ortodoxos não se poupavam a esforços para alarmar a primeira e satisfazer a segunda. Constantinopla e os subúrbios eram santificados por numerosos mosteiros, e os santos abades Dalmácio e Êutiques tinham dedicado o seu zelo e a sua fidelidade à causa de Cirilo, ao culto da Virgem e à unidade de Cristo. Desde os primeiros instantes de vida monástica, nunca mais tinham contactado com o mundo ou pisado o chão profano da cidade. Todavia, neste terrível momento de perigo para a Igreja, o seu voto foi suplantado por um dever mais sublime e indispensável. À frente de uma longa fila de monges e eremitas, que empunhavam círios acesos e entoavam litanias em honra da mãe de Deus, eles saíram do mosteiro em direcção ao palácio. O povo sentiu-se edificado e arrebatado por um tão extraordinário espectáculo, e o assustado monarca escutou as preces e súplicas destes santos, que declaravam ousadamente que só havia esperança de salvação para os que aderissem à pessoa e ao credo do sucessor ortodoxo de Atanásio. Ao mesmo tempo distribuiu-se ouro em todas as avenidas do trono. Sob os nomes decentes de *eulógias* e de *bênçãos*, os cortesãos de ambos os sexos eram subornados, cada qual segundo a medida do seu poder e ganância. Mas as suas constantes exigências despojaram os santuários de Constantinopla e Alexandria; e a autoridade do patriarca não conseguiu silenciar os justos murmúrios do seu clero, indignado por já se ter contraído

uma dívida de sessenta mil libras para suportar a despesa desta escandalosa corrupção. Pulquéria, que aliviava o irmão do pesado governo do império, era o sustentáculo mais firme da ortodoxia; e a aliança entre as fulminações do sínodo e as intrigas da corte parecia tão estreita, que Cirilo estava certo do êxito se porventura fosse capaz de afastar um eunuco e substituí-lo por outro no favor de Teodósio. O egípcio não pôde, todavia, vangloriar-se de uma vitória gloriosa ou decisiva. Dando provas de uma invulgar firmeza, o imperador cumpriu a sua promessa de proteger a inocência dos bispos orientais; Cirilo atenuou então os seus anátemas e professou, com ambiguidade e a contragosto, a dupla natureza de Cristo, antes de lhe ser permitido satisfazer a sua vingança contra o infeliz Nestório.

Antes do final do sínodo, o imprudente e obstinado Nestório foi atormentado por Cirilo, atraído pela corte e fracamente apoiado pelos seus amigos orientais. Um sentimento de medo ou indignação levou-o, enquanto ainda era tempo, a arrogar-se a glória de uma abdicação voluntária; o seu desejo, ou pelo menos o seu pedido, foi prontamente satisfeito; conduziram-no, de uma forma digna, de Éfeso ao seu antigo mosteiro de Antioquia; e, após um breve intervalo, Maximiano e Proclo, seus sucessores, foram reconhecidos como legítimos bispos de Constantinopla. Todavia, no silêncio da sua cela, o patriarca deposto não conseguiu reencontrar a inocência e a segurança de um simples monge. Lamentava o passado, estava descontente com o presente e tinha motivos para recear o futuro; os bispos orientais abandonavam uns atrás dos outros a causa de um homem tão impopular, e o número de cismáticos que veneravam Nestório como o confessor da fé ia diminuindo dia após dia. Ao fim de uma permanência de quatro anos em Antioquia, Teodósio assinou um edicto que o colocava ao nível de Simão Mago, proscovia as suas opiniões e os seus seguidores, condenava os seus escritos ao fogo e bania a sua pessoa, primeiramente para Petra, na Arábia, e em seguida para Oásis, uma das *ilhas* do deserto da Líbia. Separado da Igreja e do mundo, o exilado foi ainda perseguido pela sanha do fanatismo e da guerra. Uma tribo nómada de blémies ou de núbios invadiu o seu degredo solitário; ao retirarem-se, eles mandaram embora uma multidão de cativos inúteis; no entanto, ao chegar às margens do Nilo, Nestório de bom grado teria trocado qualquer cidade romana e ortodoxa pela servidão mais doce dos selvagens. A sua fuga foi punida como um novo crime: o espírito do patriarca Cirilo inspirava os poderes civis e eclesiásticos do Egito; os magistrados, os

soldados e os monges torturaram devotadamente o inimigo de Cristo e de São Cirilo; e o herético viu-se alternadamente arrastado para os confins da Etiópia e de lá mandado vir, até o seu corpo idoso já não aguentar canseiras e os acidentes destas repetidas viagens. Não obstante, o seu espírito mantinha-se independente e firme; o presidente da Tebaida sentiu-se atemorizado pelas suas cartas pastorais; Nestório sobreviveu ao tirano católico de Alexandria, e, após dezasseis anos de exílio, o Sínodo de Calcedónia iria provavelmente devolver-lhe as honras, ou pelo menos a comunhão da Igreja. A morte de Nestório impediu-o de obedecer ao chamamento que o declarava bem-vindo; e a natureza da sua doença deu origem ao rumor infame de que a sua língua, órgão da blasfêmia, fora comida pelos vermes. Enterraram-no numa cidade do Alto Egipto, conhecida pelos nomes de Quémnis, Panópolis ou Akmim; no entanto, a sempiterna malícia dos jacobitas persistiu ao longo dos tempos em injuriar o seu sepulcro, e em divulgar a ridícula tradição de que ele jamais era regado pela chuva do céu, que tanto cai sobre os fiéis como sobre os ímpios. A humanidade pode verter uma lágrima pelo destino de Nestório, mas a justiça deve acrescentar que ele sofreu a perseguição que já tinha aprovado e infligido por seu turno.

A heresia de Êutiques e o Segundo Concílio de Éfeso

A morte do primaz de Alexandria, após um pontificado de trinta e dois anos, abandonou os católicos à intemperança do zelo e ao abuso da vitória. A doutrina *monofisita* (uma única natureza encarnada) foi rigorosamente pregada nas igrejas do Egipto e nos mosteiros do Oriente; o credo primitivo de Apolinário estava protegido pela santidade de Cirilo; e o nome de êutiques, seu venerável amigo, tem sido ligado à seita mais adversa à heresia síria de Nestório. Êutiques era abade ou arquimandrita, ou seja, superior de trezentos monges; no entanto, as opiniões de um simples recluso iletrado poderiam ter-se evolado na cela onde ele vegetara mais de setenta anos, caso o ressentimento ou a indiscrição de Flaviano, o pontífice bizantino, não houvessem exposto o escândalo aos olhos do mundo cristão. Flaviano reuniu sem demora o seu sínodo doméstico, cujos procedimentos foram maculados com clamores e artifícios, e o idoso heresiarca viu-se

surpreendido numa aparente confissão de que o corpo de Cristo não derivava da substância da Virgem Maria. Êutiques recorreu do decreto que o condenou para um concílio geral; e a sua causa foi vigorosamente defendida pelo seu afilhado Crisáfio, o eunuco reinante do palácio, e pelo cúmplice dele, Dióscoro, que se tornara herdeiro do trono, do credo, dos talentos e dos vícios do sobrinho de Teófilo. Por ordem especial de Teodósio, o segundo sínodo de Éfeso compôs-se criteriosamente de dez metropolitas e dez bispos de cada uma das seis dioceses do Império do Oriente: algumas excepções concedidas ao favor ou ao mérito elevaram o número dos membros para cento e trinta e cinco; e o sírio Barsumas, na qualidade de chefe e representante dos monges, foi convidado a sentar-se e a votar com os sucessores dos apóstolos. O despotismo do patriarca alexandrino tornou, contudo, a violar a liberdade do debate; as mesmas armas espirituais e materiais voltaram a ser retiradas dos arsenais do Egipto; os veteranos asiáticos, uma tropa de arqueiros, serviam sob as ordens de Dióscoro; e monges ainda mais temíveis, cujos espíritos não atendiam à razão nem à piedade, cercavam as portas da catedral. O general e, segundo se deveria julgar, a voz não coagida dos padres subscreveram a fé e os próprios anátemas de Cirilo; e a heresia das duas naturezas recebeu uma condenação formal na pessoa e nos escritos dos homens mais esclarecidos do Oriente. «Que aqueles que dividem Cristo sejam divididos pela espada; devem ser feitos em pedaços e queimados vivos!», tais foram os votos caridosos de um sínodo cristão. A inocência e a santidade de Êutiques acabaram reconhecidas sem hesitação; mas os prelados, em particular os da Trácia e da Ásia, não estavam dispostos a depor o seu patriarca pelo uso, ou mesmo abuso, de uma jurisdição legítima. Abraçaram-se aos joelhos de Dióscoro no momento em que ele se postava com ar ameaçador nos degraus do trono e suplicaram-lhe que perdoasse as ofensas e respeitasse a dignidade do seu irmão. «Tencionais provocar uma rebelião?», exclamou o impiedoso tirano. «Onde estão os oficiais?» Mal soaram estas palavras, uma furiosa multidão de monges e soldados, munidos de bordões, espadas e correntes, irromperam na igreja; os trémulos bispos esconderam-se atrás do altar ou debaixo dos bancos; e, dado não estarem imbuídos do zelo do martírio, assinaram uns após outros um papel em branco no qual, mais tarde, se lavrou a condenação do pontífice bizantino. Flaviano foi imediatamente lançado às feras deste anfiteatro espiritual; os monges viram-se incitados, pela voz e o exemplo de Barsumas, a vingar as injúrias

de Cristo; consta que o patriarca de Alexandria ultrajou, esbofeteou, pontapeou e pisou o seu irmão de Constantinopla; e não há dúvida de que a vítima, ainda antes de alcançar o seu lugar de exílio, expirou ao terceiro dia por causa das feridas e pancadas que recebera em Éfeso. O segundo sínodo foi justamente estigmatizado como o de um bando de ladrões e assassinos; contudo, os acusadores de Dióscoro devem ter exagerado a violência dele para atenuar a cobardia e a inconstância do seu próprio comportamento.

O Concílio de Calcedónia

A fé do Egipto prevalecera: mas o partido vencido era apoiado pelo mesmo papa que defrontara sem medo a raiva hostil de Átila e Genserico. A teologia de Leão, o seu famoso *tome* ou epístola sobre o mistério da encarnação, fora menosprezado pelo Sínodo de Éfeso; a sua autoridade e a da Igreja latina haviam sido insultadas na pessoa dos seus legados, que escaparam à escravidão e à morte e vieram contar a triste narrativa da tirania de Dióscoro e do martírio de Flaviano. O sínodo provincial do papa anulou os procedimentos irregulares de Éfeso; no entanto, dado esta iniciativa ser igualmente irregular, ele solicitou a convocação de um concílio geral nas províncias livres e ortodoxas de Itália. Do alto do seu trono independente, o bispo romano falava e agia sem perigo, na qualidade de chefe dos cristãos, e os ditames dele eram obsequiosamente transcritos por Placídia e pelo seu filho Valentiniano, os quais se dirigiram ao seu colega do Oriente para que restaurasse a paz e a unidade da Igreja. No entanto, o curso da realza oriental era conduzido com igual destreza pela mão do eunuco; e Teodósio pôde responder, sem hesitação, que a Igreja já estava apaziguada e triunfante, que a recente conflagração fora extinta por meio do justo castigo dos nestorianos. Talvez os gregos ainda estivessem entregues à heresia dos monofisitas, caso o cavalo do imperador não tivesse oportunamente tropeçado; Teodósio expirou; a sua irmã ortodoxa, Pulquéria, com um marido só de nome, sucedeu-lhe no trono; Crisáfio foi queimado vivo; Dióscoro caiu em desgraça, os exilados puderam regressar e o *tome* de Leão foi subscrito pelos bispos do Oriente. O papa ficou contudo desiludido com o malogro do seu projecto favorito de um concílio latino; desdenhou presidir ao sínodo grego que se reuniu precipitadamente

em Niceia, na Bitínia; os seus legados exigiram, em tom peremptório, a presença do imperador; e os já fatigados padres foram levados a Calcedónia, sob a vigilância de Marciano e do Senado de Constantinopla. A Igreja de Santa Eufémia erguia-se a um quarto de milha do Bósforo da Trácia, no alto de uma encosta suave mas elevada; a tripla estrutura era celebrada como um prodígio artístico e a imensidade da vista tanto do lado da terra como do mar podia elevar o espírito de um sectário à contemplação do Deus do Universo. Seiscentos e trinta bispos dispuseram-se ao longo da nave da igreja; mas os patriarcas do Oriente eram precedidos pelos legados, o terceiro dos quais não passava de um simples padre; e o lugar de honra ficou reservado a vinte leigos de categoria consular ou senatorial. O Evangelho foi colocado com aparato no centro, mas a regra da fé era definida pelos ministros papais e imperiais, que orientaram as treze sessões do Concílio de Calcedónia. A sua intervenção a favor de um dos partidos silenciou os gritos e imprecações imoderados que degradavam a gravidade episcopal; no entanto, por acusação formal dos legados, Dióscoro viu-se obrigado a descer do seu trono e a desempenhar o papel de um criminoso já condenado na opinião dos juízes. Os orientais, menos adversos a Nestório do que a Cirilo, aceitaram os romanos como seus libertadores; a Trácia, o Ponto e a Ásia estavam exasperados contra o assassino de Flaviano, e os novos patriarcas de Constantinopla e de Antioquia garantiram os seus lugares mercê do sacrifício do seu benfeitor. Os bispos da Palestina, da Macedónia e da Grécia eram adeptos da fé de Cirilo; mas em face do sínodo e no ardor do combate, os chefes, juntamente com o seu obediente séquito, passaram da ala direita para a esquerda e decidiram a vitória com esta oportuna deserção. Dos dezassete sufragâneos que se deslocaram de Alexandria, quatro transigiram na quebra de lealdade, e os outros treze, prosternados por terra, imploraram a clemência do concílio com suspiros e lágrimas, e declararam de um modo patético que, no caso de cederem, seriam chacinados, no regresso ao Egipto, pelo povo indignado. Um tardio arrependimento acabou por ser aceite como expiação da culpa ou do erro dos cúmplices de Dióscoro; mas os pecados deles acumularam-se sobre a cabeça deste último; ele não pediu nem esperou perdão, e a complacência dos que defendiam uma amnistia geral foi abafada pelo grito dominante de vitória e vingança. Para salvar a reputação dos seus mais recentes adeptos, apontaram-se habilmente algumas ofensas *pessoais* dele próprio: a sua temerária e ilegal excomunhão do papa, e a recusa contumaz (enquanto

estivera prisioneiro) de atender às intimações do sínodo. Apresentaram-se testemunhas como prova de traços particulares do seu orgulho, cobiça e crueldade; e os padres ouviram dizer, cheios de horror, que as esmolas da Igreja eram esbanjadas com bailarinas; que o seu palácio, e até mesmo os banhos, se encontravam abertos às prostitutas de Alexandria; e que a infame Pansofia, ou Irene, era publicamente mantida como concubina do patriarca.

Devido a estes escandalosos delitos, Dióscoro achou-se deposto pelo sínodo e banido pelo imperador; mas a pureza da sua fé foi declarada na presença dos padres e com a tácita aprovação deles. A sua prudência levou-os a supor, e não tanto a pronunciar, a heresia de Êutiques, que nunca chamaram a comparecer diante do seu tribunal; e conservaram-se silenciosos e enleados quando um ousado monofisita, atirando-lhes aos pés um volume de Cirilo, os desafiou a anatematizar na sua pessoa a doutrina do santo. Se lermos de boa-fé os *Actos de Calcedónia* tal como os relata a facção ortodoxa, concluiremos que uma grande maioria dos bispos aderiu à simples unidade de Cristo; e a ambígua concessão de que ele era *formado* ou *procedia* de duas naturezas podia implicar a sua existência anterior, ou a sua subsequente confusão, ou algum perigoso intervalo entre a concepção do homem e a assunção de Deus. A teologia romana, mais positiva e precisa, adoptou o termo mais ofensivo aos ouvidos dos egípcios, declarando que Cristo existia em duas naturezas; e esta importante partícula (mais fácil de reter na memória do que no intelecto) quase ocasionara um cisma entre os bispos católicos. O *tome* de Leão havia sido respeitosa e talvez sinceramente subscrito; mas eles afirmaram, em duas deliberações sucessivas, que não era conveniente nem legítimo transpor os marcos sagrados que tinham sido fixados em Niceia, Constantinopla e Éfeso, segundo a regra da Escritura e a tradição. Por fim, cederam à insistência dos seus dirigentes, mas o seu decreto infalível, depois de ter sido ratificado através de votos solenes e veementes aclamações, foi destruído na sessão seguinte pela oposição dos legados e dos seus amigos orientais. Uma multidão de vozes episcopais repetiu inutilmente em coro: «A decisão dos padres é ortodoxa e imutável! Os heréticos estão agora desmascarados! Anátema para os nestorianos! Eles que saiam do sínodo! Que se dirijam a Roma!» Os legados proferiram ameaças, o imperador mostrou-se inamovível e uma comissão de dezoito bispos elaborou um novo decreto que foi imposto à relutante assembleia. Em nome do quarto concílio geral, anunciou-se ao mundo católico o Cristo numa pessoa, mas *em* duas

naturezas: traçou-se uma linha invisível entre a heresia de Apolinário e a fé de São Cirilo; e a estrada para o Paraíso, uma ponte tão acerada como uma lâmina, ficou suspensa sobre o abismo pela mão de mestre de subtis teólogos. Ao longo de dez séculos de cegueira e servidão, a Europa recebeu as suas opiniões religiosas do oráculo do Vaticano; e a mesma doutrina, já coberta da ferrugem da Antiguidade, foi admitida sem contestação no credo dos reformadores, que abjuraram a supremacia do pontífice romano. O Sínodo de Calcedónia ainda triunfa nas Igrejas protestantes, mas o fermento da controvérsia decresceu, e os mais devotos cristãos dos nossos dias ignoram ou descuram a sua própria crença acerca do mistério da encarnação.

A índole dos Gregos e dos Egípcios, sob os reinados ortodoxos de Leão e Marciano, mostrou-se bastante diferente. Estes piedosos imperadores reforçaram através das armas e de edictos o símbolo da sua fé; e a consciência e a honra de quinhentos bispos fizeram saber que os decretos do Sínodo de Calcedónia podiam ser legitimamente apoiados mesmo à custa de sangue. Os católicos verificaram com satisfação que o mesmo sínodo parecia odioso tanto aos nestorianos como aos monofisitas; os nestorianos eram, porém, menos coléricos ou menos poderosos, e o Oriente foi dilacerado pelo obstinado e sanguinário zelo dos monofisitas. Um exército de monges ocupou Jerusalém; em nome de uma natureza encarnada, eles saquearam, incendiaram e assassinaram; o sepulcro de Cristo ficou manchado de sangue; e as portas da cidade fecharam-se, em tumultuosa revolta, às tropas do imperador. Após a desgraça e o exílio de Dióscoro, os Egípcios sentiam a falta do seu pai espiritual e viram com horror a usurpação do sucessor dele, nomeado pelos padres de Calcedónia. O trono de Protério encontrava-se defendido por uma guarda de dois mil soldados; ele moveu uma guerra de cinco anos contra o povo de Alexandria; e ao primeiro rumor da morte de Marciano, tornou-se vítima do seu próprio zelo. Três dias antes da festa da Páscoa, o patriarca acabou cercado na catedral e assassinado no baptistério. Os restos do seu corpo mutilado foram lançados às chamas, e as cinzas ao vento; o homicídio havia sido inspirado pela visão de um suposto anjo; era invenção de um monge ambicioso que, com o nome de Timóteo, *o Gato*, herdou o lugar e as opiniões de Dióscoro. Esta fatal superstição aticou-se de ambos os lados devido ao princípio e à prática da retaliação; no decurso de uma querela metafísica, muitos milhares pereceram e os cristãos de todas as classes

viram-se privados dos gozos substanciais da vida social e dos dons invisíveis do baptismo e da sagrada comunhão. Uma bizarra fábula desta época contém provavelmente uma imagem alegórica dos fanáticos que se torturavam uns aos outros e a si próprios. «Sob o consulado de Venâncio e de Célere», afirma um solene bispo, «o povo de Alexandria e de todo o Egipto viu-se acometido de um estranho e diabólico frenesim; grandes e pequenos, escravos e homens livres, monges e o clero, todos os naturais da terra que se opunham ao Sínodo de Calcedónia perderam o uso da fala e da razão: ladravam como cães e rasgavam com os seus próprios dentes a carne das mãos e dos braços.»

O Henoticon de Zenão

As desordens de trinta anos acabaram por originar o célebre HENOTICON do imperador Zenão, que, no reinado deste e no de Anastácio, foi assinado por todos os bispos do Oriente, ameaçados de degradação e exílio se porventura rejeitassem ou infringissem esta lei salutar e essencial. O clero pode sorrir ou queixar-se da presunção de um leigo que determina os artigos de fé; mas, caso ele se dobre à humilhante tarefa, o seu espírito é menos contaminado pelo preconceito ou interesse, e a autoridade do magistrado somente se apoia pelo assentimento do povo. É na história eclesiástica que Zenão parece menos desprezível, e eu sou incapaz de vislumbrar qualquer falta maniqueia ou eutiquiana na generosa afirmação de Anastácio, segundo a qual era indigno de um imperador perseguir os adoradores de Cristo e os cidadãos de Roma. O *Henoticon* agradou sobretudo aos Egípcios; todavia, o olhar inquieto e até mesmo tendencioso dos nossos teólogos ortodoxos não enxergou aí a mínima mácula, e expõe-se nele correctamente a doutrina católica da Encarnação, sem adoptar ou negar os termos particulares ou os dogmas das seitas hostis. Um solene anátema é pronunciado contra Nestório e Eutiques; contra todos os hereges por quem Cristo é dividido, confundido ou reduzido a um fantasma. Sem indicar se deve ser usada no singular ou no plural a palavra «natureza», o puro sistema de São Cirilo, a fé de Niceia, de Constantinopla e de Éfeso aparecem aí respeitosamente confirmados; no entanto, em vez de se prestar submissão ao quarto concílio, a questão é escamoteada pela censura de todas as doutrinas contrárias, *se é que* alguma

foi ensinada em Calcedónia ou alhures. Os amigos e inimigos do último sínodo podiam unir-se, por acordo tácito, sob esta ambígua expressão. Os cristãos mais sensatos aceitaram semelhante medida de tolerância; mas a sua razão era fraca e inconstante, e a sua obediência foi desprezada, como tímida e servil, pelo espírito veemente dos seus irmãos. Numa questão que absorvia os pensamentos e os discursos dos homens, tornava-se difícil manter uma rigorosa neutralidade; um livro, um sermão, uma prece reacendiam o fogo da controvérsia; e os laços da comunhão eram alternadamente quebrados e restabelecidos pela animosidade pessoal dos bispos. O intervalo situado entre Nestório e Êutiques era preenchido por mil cambiantes de linguagem e de opinião; os *acéfalos* do Egipto e os pontífices romanos, dotados de igual valor, embora de poder diverso, achavam-se nos dois extremos da escala teológica. Os acéfalos, sem rei nem bispo, estiveram separados durante mais de trezentos anos dos patriarcas de Alexandria, que haviam aceite a comunhão de Constantinopla, sem exigir uma condenação formal do Sínodo de Calcedónia. Os papas anatematizaram os patriarcas de Constantinopla por terem aceitado a comunhão de Alexandria sem uma aprovação formal do mesmo sínodo. O seu despotismo inflexível envolveu as mais ortodoxas das Igrejas gregas neste contágio espiritual; negou ou contestou a validade dos sacramentos delas e fomentou, durante trinta e cinco anos, o cisma do Oriente e do Ocidente, até à época em que eles condenaram a memória de quatro pontífices bizantinos que tinham ousado opor-se à supremacia de São Pedro. Antes deste período, as precárias tréguas entre Constantinopla e o Egipto haviam sido violadas pelo zelo dos prelados rivais. Macedónio, sobre o qual recaía a suspeita de heresia nestoriana, defendeu, na desgraça e no exílio, o Sínodo de Calcedónia, enquanto o sucessor de Cirilo teria desejado comprar a rejeição do mesmo com um suborno de duas mil libras em ouro.

No meio da efervescência desta época, o sentido, ou melhor, o som de uma sílaba bastava para perturbar a paz de um império. O trisagion (três vezes santo) — «Santo, santo, santo, Deus Senhor dos exércitos!» — é considerado pelos Gregos como idêntico ao hino que os anjos e os querubins repetem desde toda a eternidade diante do trono de Deus e que, em meados do século v, apareceu milagrosamente revelado à Igreja de Constantinopla. A devoção de Antioquia não tardou a acrescentar: «que foi crucificado para nós!», e esta agradecida saudação, quer somente a Cristo,

quer a toda a Trindade, pode ser justificada pelas regras da teologia, tendo sido gradualmente adoptada pelos católicos do Oriente e do Ocidente. No entanto, ela fora imaginada por um bispo monofisita; esta dádiva de um inimigo começou por ser rejeitada como uma terrível e perigosa blasfémia, e a precipitada inovação quase custou o trono e a vida ao imperador Anastácio. O povo de Constantinopla era desprovido de quaisquer princípios racionais de liberdade; considerava, porém, como motivo legítimo de rebelião a cor de uma libré nas corridas ou o matiz de um mistério nas escolas. O Triságio, com e sem este censurável acréscimo, foi entoado na catedral por dois coros rivais, e, quando lhes faltou o fôlego, eles recorreram aos argumentos mais pesados dos paus e das pedras; os agressores eram punidos pelo imperador e defendidos pelo patriarca; e a coroa e a mitra ficaram à mercê do desfecho desta grave querela. As ruas encheram-se imediatamente de inumeráveis multidões de homens, mulheres e crianças; as legiões de monges, alinhadas em ordem de batalha, avançavam, gritavam e lutavam nas primeiras filas. «Cristãos! Este é o dia do martírio! Não abandonemos o nosso pai espiritual; anátema ao tirano maniqueu! Ele é indigno de reinar!» Era este o grito católico; e as galeras de Anastácio estavam prontadas sobre os remos diante do palácio, até que o patriarca perdoou ao penitente e acalmou as vagas da multidão enfurecida. O triunfo de Macedónio foi interrompido por um rápido exílio; mas o zelo do seu rebanho voltou a ser inflamado pela mesma pergunta: «Acaso uma pessoa da Trindade fora crucificada?» Neste decisivo momento, as facções dos Azuis e dos Verdes de Constantinopla suspenderam a discórdia, e os poderes civis e militares ficaram paralisados na sua presença. As chaves da cidade e os estandartes dos guardas foram depostos no Fórum de Constantino, o principal posto e acampamento dos fiéis. Estes mantinham-se incessantemente ocupados, dia e noite, a entoar hinos em honra do seu Deus ou a saquear e matar os servidores do seu príncipe. A cabeça do monge favorito de Anastácio, o amigo, segundo o intitularam, do inimigo da Santíssima Trindade, foi passeada na ponta de uma lança; e as tochas ardentes atiradas contra os edifícios dos hereges propagaram indistintamente as chamas aos edifícios mais ortodoxos. As estátuas do imperador foram destruídas; Anastácio teve de ir esconder-se nos arredores, até que, ao fim de três dias, se atreveu a implorar a clemência dos súbditos. Apareceu então no trono do circo, sem o diadema e na postura de um suplicante. Os católicos recitaram diante dele o seu genuíno triságio;

exultaram com a proposta que ele fez, pela voz de um mensageiro, de abdicar da púrpura; escutaram no entanto o conselho de que, na impossibilidade de *todos* reinarem, deveriam acordar previamente na escolha de um soberano; e aceitaram o sangue de dois ministros impopulares, que o seu amo condenou sem hesitar aos leões. Estas furiosas mas passageiras sedições eram incentivadas pelos êxitos de Vitaliano, que, com um exército de hunos e búlgaros, na sua maioria idólatras, se declarou o campeão da fé católica. Nesta piedosa rebelião, ele despovoou a Trácia, cercou Constantinopla, exterminou sessenta e cinco mil dos seus irmãos cristãos, até conseguir a chamada dos bispos, a satisfação do papa e o estabelecimento do Concílio de Calcedónia, em suma, um tratado ortodoxo assinado com relutância pelo já moribundo Anastácio, e cumprido mais fielmente pelo tio de Justiniano. E tal foi o desenlace da *primeira* das guerras religiosas travadas em nome e pelos discípulos do Deus de Paz.

A Teologia de Justiniano

Justiniano já foi encarado nas várias facetas de príncipe, conquistador e legislador; resta estudar o teólogo, e o facto de a sua teologia constituir um traço muito saliente do seu retrato dá azo a um preconceito desfavorável. O soberano compartilhava com os súbditos da sua supersticiosa veneração pelos santos ainda em vida e após a morte: o seu *Código* e sobretudo as suas *Novelas* confirmam e estendem os privilégios do clero; e em todas as disputas entre um monge e um leigo, o parcial juiz tendia a proferir que a verdade, a inocência e a justiça estavam sempre do lado da Igreja. O imperador cumpria assiduamente e de forma exemplar as suas devoções públicas e privadas; as suas orações, vigílias e jejuns igualavam a austera penitência de um monge; a sua imaginação comprazia-se na esperança ou na crença de uma inspiração pessoal; ele garantira a protecção da Virgem e do arcanjo São Miguel à sua pessoa; e a sua cura de uma perigosa doença foi atribuída ao socorro milagroso dos santos mártires Cosme e Damião. A capital e as províncias do Oriente estavam decoradas com os monumentos da sua religião; e embora a maioria destes dispendiosos edifícios possa ser imputada ao seu gosto pelas artes ou à ostentação, o zelo do régio arquitecto era provavelmente animado por um genuíno sentimento de amor e gratidão

para com os seus invisíveis benfeitores. Entre os títulos de grandeza imperial, o cognome de Piedoso era o que mais lhe agradava ao ouvido; a ocupação mais séria da sua vida consistiu em promover os interesses temporais e espirituais da Igreja; e os deveres de pai do seu país eram muitas vezes sacrificados aos de defensor da fé. As controvérsias da época eram congêneres ao seu carácter e ao seu intelecto; e os professores de teologia deviam trocar em segredo da diligência de um intruso que cultivava a arte deles e descurava a sua. «O que podeis temer», perguntava um ousado conspirador aos seus associados, «de um tirano beato? Ele passa as noites em claro e desarmado no seu gabinete a discutir com veneráveis anciãos e a virar as páginas de obras eclesiásticas.» Os frutos destas elucubrações eram apresentados em muitas conferências, nas quais Justiniano podia brilhar com o mais ruidoso e o mais subtil dos contendores; e em muitos sermões que, sob o nome de edictos e de epístolas, proclamavam ao império a teologia do seu senhor. Enquanto os bárbaros invadiam as províncias, e as legiões vitoriosas marchavam sob os estandartes de Belisário e Narses, o sucessor de Trajano, ignorado pelas tropas, contentava-se em vencer à cabeça de um sínodo. Se tivesse convidado um espectador desinteressado e sensato para assistir a estes sínodos, Justiniano decerto aprenderia «que as controvérsias religiosas são o fruto da arrogância e da tolice; que a verdadeira piedade se exprime mais louvavelmente pelo silêncio e a submissão; que o homem, ignorante da sua própria natureza, não deve atrever-se a escrutar a natureza do seu Deus; e que nos basta saber que o poder e a benevolência constituem os atributos perfeitos da Divindade».

A tolerância não era a virtude da época, e a indulgência para com os rebeldes raramente tem sido a virtude dos príncipes. Quando, todavia, o príncipe desce ao desempenho estreito e casmurro de um querelador, facilmente ele é levado a suprir a falha da argumentação com a plenitude do poder, e a castigar sem piedade a perversa cegueira dos que fecham teimosamente os olhos à luz das suas demonstrações. O reinado de Justiniano foi um palco constante, se bem que variado, de perseguição; e ele parece ter ultrapassado os seus indolentes antecessores, tanto no concebimento das leis como no rigor da sua execução. Fixou o prazo insuficiente de três meses para a conversão ou o exílio de todos os heréticos; e mesmo quando fechava os olhos à sua precária permanência, eles ficavam privados, sob um férreo jugo, não só dos benefícios da

sociedade, como ainda dos direitos de nascimento que lhes cabiam enquanto homens e cristãos. Ao fim de quatrocentos anos, os montanistas da Frígia ainda respiravam o arrebatado entusiasmo de perfeição e ardor profético que lhes tinham incutido os seus apóstolos, quer masculinos, quer femininos, órgãos particulares do Paraclete. Ante a aproximação dos padres e dos soldados católicos, eles pegavam com fervor na coroa do martírio; o conventículo e a congregação pereciam nas chamas, mas o espírito destes primeiros fanáticos ainda subsistia trezentos anos depois da morte do seu tirano. Sob a protecção dos confederados godos, a Igreja dos arianos em Constantinopla desafiara o rigor das leis; o seu clero igualava em riqueza e magnificência o Senado; e o ouro e prata que foram confiscados pela mão rapace de Justiniano poderiam ter sido reivindicados como os despojos das províncias e os troféus dos bárbaros. Um pequeno número de pagãos, que ainda se escondiam tanto nas mais requintadas como nas mais rudes camadas sociais, suscitaram a indignação dos cristãos, que talvez não estivessem dispostos a que algum estranho testemunhasse as suas querelas intestinas. Um bispo foi nomeado inquisidor da fé, e a sua diligência descobriu rapidamente, na corte e na cidade, os magistrados, jurisconsultos, médicos e sofistas que ainda estavam apegados à superstição dos Gregos. Declaram-lhes peremptoriamente que teriam de optar, sem demora, entre o desagrado de Júpiter e o de Justiniano, e que a sua aversão ao Evangelho não podia continuar a ser dissimulada sob a escandalosa máscara da indiferença ou da irreligião. O patrício Fócio foi talvez o único que decidiu viver e morrer como os seus antepassados: libertou-se por meio de um golpe de punhal e deixou ao tirano o escasso consolo de expor ignominiosamente o corpo sem vida do trânsfuga. Os seus irmãos menos corajosos submeteram-se ao monarca temporal, receberam o baptismo e esforçaram-se, com um zelo extraordinário, por afastar a suspeita ou expiar o crime de idolatria. A pátria de Homero e o teatro da Guerra de Tróia ainda conservavam as últimas centelhas da mitologia grega; mediante o empenho do mesmo bispo, setenta mil pagãos foram descobertos e convertidos na Ásia, na Frígia, na Lídia e na Caria; construíram-se noventa e seis igrejas para os novos prosélitos; e a piedosa munificência de Justiniano forneceu vestes de linho, bíblias e liturgias, e vasos de ouro e prata. Os judeus, que tinham sido gradualmente despojados das suas imunidades, sofreram a opressão de uma lei humilhante que os forçava a celebrar a festa da Páscoa no mesmo dia em que o faziam os cristãos. E eles deviam queixar-se com

tanto mais razão, quanto os próprios católicos não concordavam com os cálculos astronómicos do seu soberano: o povo de Constantinopla só começava a Quaresma uma semana inteira depois de ela ter sido anunciada pela autoridade; e tinha em seguida o prazer de jejuar sete dias, durante os quais a carne estava posta à venda por ordem do imperador. Os samaritanos da Palestina constituíam uma raça heterogénea, uma seita ambígua, rejeitada como judaica pelos pagãos, como cismática pelos judeus e como idólatra pelos cristãos. O que eles consideravam a abominação da cruz já estava implantado na sua montanha sagrada de Garizim, mas a perseguição de Justiniano somente oferecia a alternativa do baptismo ou da revolta. Optaram pela última: sob o estandarte de um chefe desesperado, pegaram em armas e desforraram-se dos seus agravos sobre as vidas, os bens e os templos de um povo indefeso. Os samaritanos acabaram por ser subjugados pelas tropas regulares do Oriente: vinte mil foram mortos, outros vinte mil, vendidos pelos árabes aos infiéis da Pérsia e da Índia, e os restos desta infeliz nação expiaram o crime de rebelião através do pecado de hipocrisia. Calculou-se que cem mil súbditos do império pereceram na guerra dos Samaritanos, que transformou a outrora fértil província num deserto fumegante e desolado. No credo de Justiniano, contudo, o crime de assassinio não podia abranger a matança dos incrédulos; e ele esforçou-se piedosamente por estabelecer, a ferro e fogo, a unidade da fé cristã.

Com tais sentimentos, competia-lhe, pelo menos, estar sempre na razão. Nos primeiros anos da sua administração, ele venceu o seu zelo enquanto discípulo e patrono da ortodoxia; a reconciliação de gregos e latinos estabeleceu o *tome* de São Leão como o credo do imperador e do império; os nestorianos e os eutiquianos ficaram expostos, de ambos os lados, ao duplo gládio da perseguição: e os quatro sínodos de Niceia, Constantinopla, Éfeso e Calcedónia foram ratificados pelo código de um legislador católico. Mas enquanto Justiniano não se poupava a esforços para manter a uniformidade da fé e do culto, a sua mulher Teodora, cujos vícios não eram incompatíveis com a devoção, escutara os pregadores monofisitas; e os inimigos declarados ou secretos da Igreja reanimaram-se e multiplicaram-se sob a égide da sua graciosa patrona. A capital, o palácio e o leito nupcial eram agitados pela discórdia espiritual; mas a sinceridade dos consortes régios mostrava-se tão dúbia, que o seu aparente desacordo foi imputado por muitos a uma secreta e malfazeja aliança contra a religião e a felicidade do povo. A famosa disputa dos três capítulos, que encheu mais volumes do

que em linhas mereceria, surge profundamente marcada por este subtil e pouco franco espírito. Tinham passado trezentos anos desde que o corpo de Orígenes fora pasto dos vermes; a sua alma, cuja preexistência ele defendera, encontrava-se nas mãos do Criador; mas os seus escritos eram avidamente lidos pelos monges da Palestina. O olhar penetrante de Justiniano distinguiu mais de dez erros metafísicos nestes escritos; e o antigo doutor da Igreja, juntamente com Pitágoras e Platão, foi votado pelo clero à *eternidade* do fogo do Inferno, que ele se atrevera a negar. A coberto deste precedente, desferiu-se um golpe traiçoeiro no Concílio de Calcedónia. Os padres tinham escutado sem impaciência o elogio de Teodoro de Mopsuéstia; e a sua justiça ou a sua indulgência reintegrava Teodoreto de Cirro e Ibas de Edessa na comunhão da Igreja. No entanto, o nome destes bispos orientais estava manchado pela acusação de heresia; o primeiro havia sido mestre de Nestório, e os outros dois eram amigos deste herético: os passos mais suspeitos dos seus escritos foram denunciados sob o título de os *três capítulos*; e a condenação da sua memória comprometia a honra de um sínodo cujo nome era pronunciado com sincera ou fingida veneração pelo mundo católico. Se estes bispos, quer inocentes quer culpados, se achavam aniquilados no sono da morte, seria pouco provável que despertassem com o clamor que, cem anos depois, se elevou sobre a sua sepultura. Se já estavam nas garras do demónio, os seus tormentos não podiam ser agravados nem apaziguados pela intervenção humana. Se estavam em companhia dos santos e dos anjos, usufruindo das recompensas devidas à sua piedade, devem ter sorrido da inútil fúria dos insectos teológicos que ainda restavam à superfície da Terra. O principal destes insectos, o imperador dos Romanos, dardejava o seu ferrão e instilava o veneno, provavelmente sem discernir as verdadeiras motivações de Teodora e da respectiva facção eclesiástica. As vítimas já não estavam submetidas ao seu poder, e o estilo veemente dos seus edictos somente podia proclamar a danação deles e convidar o clero do Oriente a juntar-se a um coro de imprecações e anátemas. O Oriente obedeceu, com alguma hesitação, à voz do seu soberano: o quinto concílio geral, a que assistiram três patriarcas e cento e sessenta e cinco bispos, realizou-se em Constantinopla; e os autores, bem como os defensores dos três capítulos, foram separados da comunhão dos santos e solenemente entregues ao príncipe das trevas. As Igrejas latinas eram, todavia, mais ciosas da honra de Leão e do Sínodo de Calcedónia; e caso houvessem combatido, como habitualmente o faziam,

sob o estandarte de Roma, poderiam ter feito triunfar a causa da razão e da humanidade. O seu chefe, porém, estava cativo nas mãos do inimigo; o trono de São Pedro, desonrado pela simonia, foi atraído pela cobardia de Vigílio, que, após uma longa e inconsistente luta, cedeu ao despotismo de Justiniano e à sofística dos Gregos. A sua apostasia provocou a indignação dos Latinos, e só apareceram dois bispos dispostos a ordenar o seu diácono e sucessor, Pelágio. No entanto, a perseverança dos papas transferiu aos poucos para os adversários a denominação de cismáticos; as Igrejas ilíria, africana e italiana eram oprimidas pelos poderes civil e eclesiástico, não sem alguma ajuda da força militar; os distantes bárbaros seguiam o credo do Vaticano e, no espaço de um século, o cisma dos três capítulos expirou num obscuro recanto da província da Venécia. O descontentamento religioso dos italianos já facilitara, porém, as conquistas dos Lombardos, e os próprios Romanos estavam acostumados a desconfiar da fé e a detestar o governo do seu tirano bizantino.

Justiniano não se mostrou firme nem consequente no delicado processo de fixar as suas instáveis opiniões e as dos próprios súbditos. Durante a juventude, ele sentia-se ofendido pelo mais leve desvio da linha ortodoxa; na velhice, pisou o risco de uma heresia moderada, e os jacobitas, bem como os católicos, ficaram escandalizados ao ouvi-lo afirmar que o corpo de Cristo era incorruptível, que a sua humanidade nunca experimentara necessidades nem doenças inerentes à nossa carne mortal. Esta opinião *fantástica* está registada nos últimos edictos de Justiniano; e na altura da sua bem oportuna morte, o clero recusara-se a aceitar estas ideias, o príncipe dispunha-se a perseguir, e o povo estava decidido a sofrer ou a resistir. Um bispo de Tréveros, protegido para lá do alcance do seu poder, dirigiu-se ao monarca do Oriente na linguagem da autoridade e da afeição. «Lembra-vos do vosso baptismo e do vosso credo, mui gracioso Justiniano. Não deixeis que os vossos cabelos grisalhos se manchem com a heresia. Chamai os vossos padres do exílio e retirai os vossos seguidores da perdição. Não podeis ignorar que a Itália e a Gália, a Espanha e a África já deploram a vossa queda e anatematizam o vosso nome. A menos que destruais, sem demora, o que ensinastes; a menos que exclameis em voz alta: errei, pequei, anátema a Nestório! anátema a Êutiques! entregais a vossa alma às mesmas chamas em que eles arderão eternamente.» Ele morreu sem dar nenhum sinal de se arrepender. A sua morte devolveu de algum modo a tranquilidade à Igreja, e os reinados dos seus quatro

sucessores, Justino, Tibério, Maurício e Focas, distinguem-se por um raro, embora afortunado hiato na história eclesiástica do Oriente.

Heracio tentou conciliar os monofisitas por meio da doutrina monotelita, segundo a qual Cristo tinha uma só vontade. A sua vitória e a sua diplomática teologia chegaram tarde de mais. As invasões árabes estavam iminentes.

No Capítulo 48, aqui omitido, Gibbon delineia o plano dos seus dois últimos volumes in-quarto e fornece uma sinopse da sucessão imperial nas quatro principais dinastias desde Heracio (610-641) à conquista latina de Constantinopla, em 1204.

Oferece-se em seu lugar o quadro que se segue.

DINASTIA HERACLIANA (610-717 d. C.)

Heracio derrotou os Persas e opôs uma primeira resistência ao Islão. A sua derrota em 636, nas margens do Yarmak, resultou na perda da Síria para o império. Jerusalém foi tomada em 638 e Alexandria em 647 (cf. Capítulo 51).

Em 679, os Búlgaros atravessaram o Danúbio, e o final da dinastia heracliana torna-se um período de declínio.

DINASTIA ISÁURIA (717-867 d. C.), OS ICONOCLASTAS

Leão III, o Isáurio (717-740), repeliu um ataque em larga escala dos Árabes a Constantinopla.

Em 754, o sétimo Concílio Ecuménico, realizado em Constantinopla, condenou o culto das imagens.

A imperatriz Irene (797-802) restaurou temporariamente o uso das imagens, que foi finalmente restabelecido por Teodora em 843 (ver a seguir Capítulo 49).

As disputas acerca das imagens tendem a obscurecer o facto de que os iconoclastas deram uma nova organização civil e militar ao império, e tentaram adaptar a lei romana às necessidades presentes e libertar o poder civil da influência dos monges.

A dinastia isáuria findou com o assassinio de Leão V (813-820) e foi seguida pela breve dinastia Frígia (820-867).

DINASTIA MACEDÓNIA (867-1057 d. C.)

Basílio I (867-886) estabeleceu esta dinastia. Entre os seus sucessores, destacam-se Constantino VII Porfirogénito (912-959), o seu padraсто Romano I Lecapeno (919-944) e João I Tzimices (969-970), que deixou três filhas: Eudóxia, freira, Teodora e Zoe. As complicações pessoais e políticas das duas últimas damas dominaram a cena imperial até à morte de Teodora, em 1056. A dinastia sobreviveu mais um ano com Miguel Estratiótico, por ela nomeado.

Durante este período surgiu um novo antagonismo político na Europa entre o imperador e o patriarca, no Oriente, e o imperador e o papa, no Ocidente. Gerou-se um cisma entre as Igrejas, que se tornou definitivo em 1054. Do ponto de vista político, as nações eslavas passaram a ser mais importantes para o Império Romano do que as nações do Ocidente.

Os séculos IX e X trouxeram uma certa recuperação de poder e território. Constantino VII empreendeu reformas de leis e um renascimento intelectual (ver Capítulo 53). Nicéforo Focas em 963-969, e João Tzimices (969-976), retomaram a Síria e a Mesopotâmia ao Islão. Basílio II Bulgaroctono, ou seja, o matador dos Búlgaros (963-1025), derrubou o poder dos Eslavos. Após a sua morte, o poder e prosperidade do império voltaram a entrar em declínio.

DINASTIA COMNENA (1057-1204 d. C.)

Isaac I Comneno (1057-1059) abdicou e seguiu-se-lhe um período desastroso assinalado pela vitória dos turcos seljúcidas em Manzikert, em

1071, prelúdio da perda total da Ásia Menor (ver Capítulo 57). O sobrinho de Isaac fundou uma dinastia em 1081 e inaugurou um período de reforma. Fizeram-se então apelos ao Ocidente, e este reconheceu, em vários aspectos, as vantagens que podia retirar do Oriente. Em 1095, começou a primeira Cruzada. Em 1204, desferiu-se um golpe mortal no império, quando a quarta Cruzada capturou e saqueou Constantinopla e pôs termo à dinastia Comnena (ver Capítulo 60).

Capítulo 49

O culto das imagens. Leão, *o Iconoclasta*. Revolta da Itália. Relações de Pepino e Carlos Magno com os Papas. Restauração das imagens no Oriente. Separação final entre os Papas e o Império do Oriente. Reinado e carácter de Carlos Magno. Reinado de Carlos IV e comparação com Augusto

Nas relações entre a Igreja e o Estado, só considerei a primeira como subordinada e dependente do segundo; uma óptica acertada, no caso de a seguirmos sem desvio tanto nos factos como na narrativa. Abandonei propositadamente à curiosidade dos teólogos especulativos a filosofia oriental dos gnósticos, o escuro abismo da predestinação e da graça, bem como a estranha transformação que se opera na Eucaristia quando a representação de Cristo se converte na sua verdadeira substância. Analisei, porém, com desvelo e prazer, os eventos da história eclesiástica que influíram materialmente no declínio e na queda do Império Romano: a propagação do cristianismo, a constituição da Igreja Católica, a ruína do paganismo e as seitas que surgiram das misteriosas controvérsias relativas à Trindade e à Encarnação. À frente deste tipo de realidades podemos justamente colocar o culto das imagens, causador de tão ferozes disputas nos séculos VIII e IX, pois foi esta matéria de superstição popular que

originou a revolta da Itália, o poder temporal dos papas e o restabelecimento do Império Romano no Ocidente.

Os primeiros cristãos davam mostras de uma invencível repugnância pelo uso e abuso de imagens; e esta aversão pode ser atribuída à sua origem judaica e à hostilidade que votavam aos Gregos. A lei de Moisés proibira severamente todas as representações da Divindade; e este preceito arreigara-se profundamente nos princípios e na prática do povo eleito. A vivacidade de espírito dos apologistas cristãos fustigava os néscios idólatras que se prosternavam diante de uma obra saída das suas próprias mãos: as imagens de bronze e mármore que, se fossem dotadas de consciência e de movimento, deveriam antes descer do pedestal para adorar o poder criador do artista. Talvez alguns recentes e imperfeitos convertidos da tribo gnóstica pudessem coroar as estátuas de Cristo e de São Paulo com as honras profanas que haviam prestado às de Aristóteles e de Pitágoras; no entanto, a religião pública dos católicos era uniformemente simples e espiritual; e a primeira alusão ao uso de imagens encontra-se na censura do Concílio de Ilíberis, trezentos anos após a era cristã. Sob os sucessores de Constantino, no clima de tranquilidade e luxo da Igreja triunfante, os bispos mais prudentes condescenderam em autorizar uma superstição visível para benefício da multidão; e após a queda do paganismo, eles deixaram de se sentir coibidos pelo receio de um odioso paralelo. A primeira manifestação de um culto simbólico consistiu na veneração da cruz e das relíquias. Os santos e os mártires, cuja intercessão se implorava, eram sentados à direita de Deus; e os benfazejos e não raro sobrenaturais favores que, segundo a crença popular, se derramavam em redor dos seus túmulos obtinham um inegável reconhecimento por parte dos devotos peregrinos, os quais visitavam, tocavam e beijavam estes restos inanimados que lembravam anteriores méritos e sofrimentos. Mas uma recordação mais interessante do que o crânio ou as sandálias de um digno finado é a cópia fiel da sua pessoa e feições, delineada pela arte da pintura ou da escultura. Em todas as épocas, estas cópias tão peculiares dos sentimentos humanos têm sido cultivadas pela solicitude da amizade privada ou da estima pública; as imagens dos imperadores romanos eram adoradas com honras civis e quase religiosas; as estátuas dos sábios e dos patriotas eram alvo de uma reverência menos faustosa, mas mais sincera; e estas virtudes profanas, estes brilhantes pecados, apagavam-se na presença dos santos homens que tinham morrido pela sua pátria celestial e eterna. De início, a experiência

efectuou-se com prudência e escrúpulo; e permitiu-se discretamente que as veneráveis imagens instruissem os ignorantes, despertassem os fiéis pouco fervorosos e satisfizessem os preconceitos dos prosélitos idólatras. As honras do original, numa progressão lenta mas inevitável, transferiram-se para a cópia; o devoto cristão orava diante da imagem de um santo; e os ritos pagãos da genuflexão, as velas e o incenso introduziram-se na Igreja Católica. Os escrúpulos da razão ou da piedade eram silenciados pela poderosa evidência das visões e dos milagres; e as imagens que falavam, se moviam e sangravam, pensou-se então, deviam possuir força divina e podiam ser consideradas como um objecto digno de adoração religiosa. O pincel mais audacioso devia tremer ante a arrojada tentativa de exprimir, mediante formas e cores, o Espírito infinito, o Padre Eterno que impregna e sustém o Universo. Mas o espírito supersticioso prestava-se mais facilmente a pintar e adorar os anjos, e sobretudo o Filho de Deus sob a forma humana que ele condescendera em assumir na sua passagem pela terra. A segunda pessoa da Trindade revestira-se de um corpo real e mortal; mas este corpo ascendera ao céu, e se não se houvesse oferecido algum simulacro dele aos olhos dos discípulos, o culto espiritual de Cristo teria sido desbancado pelas relíquias e as imagens visíveis dos santos. Uma indulgência semelhante era necessária e propícia à Virgem Maria; desconhecia-se o lugar da sua sepultura, e a assunção da sua alma e do seu corpo aos céus fora assim adoptada pela credulidade dos Gregos e dos Latinos. O uso, e até mesmo o culto das imagens, estava firmemente estabelecido antes do final do século VI; ele agradava bastante à imaginação ardente dos Gregos e dos Asiáticos; o Panteão e o Vaticano foram adornados com os emblemas de uma nova superstição; no entanto, esta aparência de idolatria era mais friamente recebida pelos rudes bárbaros e pelo clero ariano do Ocidente. As formas mais ousadas das estátuas de bronze ou de mármore que enchiam os templos da Antiguidade feriam a imaginação ou a consciência dos cristãos gregos; e uma superfície lisa e colorida foi sempre considerada um modo mais decente e inofensivo de imitação.

O mérito e o efeito de uma cópia dependem da sua semelhança com o original; mas os primeiros cristãos ignoravam os verdadeiros traços do Filho de Deus, da sua mãe e dos apóstolos; a estátua de Cristo, em Páneas, na Palestina, era mais provavelmente a de algum salvador temporal; os gnósticos e os seus monumentos profanos eram condenados, e a imaginação dos artistas cristãos não podia basear-se senão numa secreta imitação de

qualquer modelo pagão. Perante tal embaraço, uma ousada e hábil invenção garantia, a um tempo, a semelhança da imagem e a inocência do culto. Elaborou-se um novo fundamento de fábula a partir de uma popular lenda síria sobre a troca de correspondência entre Cristo e Abgar, tão famosa na época de Eusébio e tão a contragosto abandonada pelos nossos modernos escritores. O bispo de Cesareia refere a epístola, mas esquece, assaz curiosamente, o retrato de Cristo — a perfeita impressão do seu rosto num pano de linho, com o qual ele recompensou a fé do régio estrangeiro que invocara o seu poder de curar e lhe oferecera a cidade fortificada de Edessa para o proteger da malícia dos Judeus. A ignorância da Igreja primitiva é explicada pela longa permanência da imagem num nicho da parede, donde, após um esquecimento de quinhentos anos, ela foi retirada por um bispo prudente e oportunamente apresentada à devoção dos contemporâneos. O seu primeiro e mais glorioso feito consistiu na libertação da cidade atacada por Cósroes Nushirvan; e depressa passou a ser venerado como um penhor da promessa divina de que Edessa jamais seria conquistada por um inimigo estrangeiro. É bem verdade que o texto de Procópio atribui a libertação de Edessa à riqueza e ao valor dos cidadãos, que compraram a ausência do monarca persa e rechaçaram os seus assaltos. O historiador profano ignorava o testemunho que o forçam a emitir na obra eclesiástica de Evágrio, segundo o qual o paládio foi exposto nas muralhas, e a água lançada no rosto sagrado, em vez de as extinguir, intensificava as chamas deitadas pelos sitiados. Após este importante serviço, a imagem de Edessa ficou preservada com respeito e gratidão; e embora os arménios rejeitassem a lenda, os gregos mais crédulos adoravam esta representação que não era obra do pincel de um mortal, mas criação imediata do divino original. O estilo e as ideias de um hino dos bizantinos comprovarão até que ponto o culto deles se afastava da mais grosseira idolatria. «Como é que nós, com olhos mortais, poderemos contemplar essa imagem cujo esplendor celestial os anjos não ousam encarar? ele, que habita os céus, condescende neste dia em visitar-nos através da sua venerável imagem; ele, que está sentado acima dos querubins, visita-nos neste dia através de um retrato que o nosso Pai delineou com as suas próprias mãos imaculadas, que ele formou de uma maneira inefável, e que nós santificamos ao adorá-lo com receio e amor.» Antes do final do século VI, estas imagens *feitas sem mãos* (os Gregos diziam-no numa só palavra) propagaram-se pelos acampamentos militares e cidades do Império do Oriente; eram objecto de culto e instrumento de

milagres; e, nas horas de perigo ou de tumulto, a sua presença venerável restituía a esperança, reanimava a coragem ou reprimia a fúria das legiões romanas. A maioria destas imagens, sendo apenas imitações saídas de um pincel humano, não podiam aspirar senão a uma semelhança imperfeita e era indevidamente que se lhes applicava o mesmo título que à primeira imagem; mas havia outras de mais alta natureza, e cuja semelhança provinha de um contacto immediato com o original, dotado para tal efeito de uma virtude milagrosa e prolífica. As mais ambiciosas pretendiam não só descender da imagem de Edessa, mas estar com ela numa relação de fraternidade; tal é o caso da *verónica* de Roma, de Espanha, ou de Jerusalém, pano onde Cristo, por ocasião da sua agonia e do seu suor de sangue applicou no rosto, entregando-o depois a uma santa matrona. O frutífero precedente foi rapidamente alargado à Virgem Maria, aos Santos e aos mártires. Na igreja de Dióspolis, na Palestina, as feições da Mãe de Deus estavam profundamente inscritas numa coluna de mármore; o Oriente e o Ocidente, ao que se dizia, tinham sido adornados pelo pincel de São Lucas; e o Evangelista, que era provavelmente médico, passou assim a exercer o ofício de pintor, tão profano e odioso aos olhos dos primeiros cristãos. O Júpiter Olímpico, criado pela musa de Homero e o cinzel de Fídias, podia inspirar a um espírito filosófico uma devoção momentânea; mas estas imagens católicas eram desenhadas sem força nem relevo por artistas monásticos, no último grau de degenerescência do gosto e do génio(*).

Leão, o iconoclasta

O culto das imagens introduzira-se aos poucos na Igreja, e cada pequeno passo agradava ao espírito supersticioso, como fonte de consolação que se podia fruir sem pecado. No começo do século VIII, no auge do abuso, os gregos mais timoratos sentiram contudo o receio de que, sob a máscara do cristianismo, tivessem acabado por restaurar a religião dos seus antepassados: cheios de dor e impaciência, ouviam chamar-lhes idólatras — permanente acusação dos Judeus e dos Maometanos, que tiravam da Lei e do Alcorão um ódio imortal às imagens sacras e a toda a espécie de culto inerente. A servidão dos Judeus esbatia o seu zelo e diminuía-lhes a

autoridade; mas as censuras dos muçulmanos triunfantes, que reinavam em Damasco e ameaçavam Constantinopla, pesavam no prato da balança com toda a força da verdade e da vitória. As cidades da Síria, da Palestina e do Egipto estavam munidas de imagens de Cristo, da sua mãe e dos santos; e cada uma de tais cidades contava com a esperança ou a promessa de uma defesa milagrosa. Numa rápida conquista de dez anos, os Árabes subjugaram estas cidades e as suas imagens; e, na opinião deles, o Deus dos exércitos pronunciou um juízo decisivo sobre o desprezo que merecia o culto destes ídolos mudos e inanimados. Edessa resistira durante bastante tempo aos ataques dos Persas; mas esta cidade predilecta, esposa de Cristo, achou-se envolvida na ruína comum, e o seu divino retrato tornou-se presa e troféu dos infiéis. Após uma servidão de trezentos anos, o paládio foi entregue à devoção de Constantinopla, em troca do pagamento de doze mil libras de prata, da libertação de duzentos muçulmanos e de uma trégua perpétua para o território de Edessa. Nesta época de aflição e temor, a eloquência dos monges empenhou-se na defesa das imagens; e eles tentaram provar que o pecado e o cisma da maioria dos orientais alienaram o favor e aniquilara a virtude destes preciosos símbolos. No entanto, tinham agora contra si os murmúrios de muitos cristãos, simples ou ilustrados, que invocavam a prova dos textos, dos factos e dos tempos primitivos, e desejavam, no íntimo, a reforma da Igreja. Dado o culto das imagens nunca ter sido estabelecido por qualquer lei geral ou positiva, a sua evolução no Império do Oriente foi retardada ou acelerada consoante os homens e os costumes, o grau de refinamento das diversas regiões e o carácter pessoal dos bispos. A devoção magnificente aprazia à ligeireza da capital e ao génio inventivo do clero bizantino; ao passo que as zonas rudes e distantes da Ásia eram alheias a esta inovação do luxo sagrado. Muitas congregações de gnósticos e de arianos mantiveram, após a conversão, o culto simples que antecederia a sua abjuração; e os Arménios, os súbditos mais belicosos de Roma, ainda não estavam reconciliados, no século XII, com a visão das imagens. Todos estes nomes diversos trouxeram consigo um fundo de preconceitos e ódios, de pouca monta nas aldeias da Anatólia ou da Trácia, mas que, através da fortuna de um soldado, de um prelado ou de um eunuco, podia frequentemente influir na esfera da Igreja e do Estado.

Destes aventureiros, o mais afortunado foi o imperador Leão III, que, das montanhas da Isáuria, ascendeu ao trono do Oriente. Desconhecia as letras sagradas e profanas; no entanto, a sua educação, a sua razão e talvez a sua

convivência com os judeus e os árabes tinham inspirado no marcial camponês um ódio às imagens; e considerava-se que um príncipe devia impor aos súbditos os ditames da sua própria consciência. Todavia, no início de um reinado conturbado, durante dez anos de trabalhos e perigos, Leão submeteu-se à baixeza da hipocrisia, prosternou-se diante dos ídolos que desprezava e tranquilizou o pontífice romano com as solenes declarações anuais da sua ortodoxia e do seu zelo. Na reforma da religião, os seus primeiros passos caracterizaram-se pela moderação e pela prudência: reuniu um grande conselho de senadores e bispos e ordenou, com o consentimento deles, que todas as imagens fossem retiradas do santuário e do altar, e colocadas nas naves a uma altura donde pudessem ser visíveis aos olhos do povo, mas inacessíveis à sua superstição. Contudo, era impossível, de um e outro lado, reprimir o rápido, embora oposto, impulso de veneração e de horror; na sua elevada posição, as imagens sagradas continuavam a edificar os devotos e a reprovar o tirano. Ele próprio se sentia irritado com a resistência e as invectivas; e o seu partido acusou-o de desempenhar mal os seus deveres, incitando-o a seguir o exemplo do rei judeu que destruíra sem hesitação a serpente de bronze do templo. Mediante um segundo edicto, ele proibiu não só o uso, mas a própria existência dos quadros religiosos; as igrejas de Constantinopla e das províncias foram purificadas da idolatria; destruíram-se as imagens de Cristo, da Virgem e dos santos, ou revestiu-se uma leve camada de gesso nas paredes dos edifícios. A seita dos iconoclastas foi apoiada pelo zelo e o despotismo de seis imperadores, e o Oriente e o Ocidente viram-se implicados num aceso conflito de cento e vinte anos. Leão, *o Isáurio*, tencionava fazer da condenação das imagens um artigo de fé sancionado pela autoridade de um concílio geral; mas a convocação desta assembleia estava reservada ao seu filho Constantino; e embora o fanatismo triunfante a tenha estigmatizado como um encontro de imbecis e de ateus, o que nos resta dos seus actos em alguns fragmentos evidencia muitos sinais de razão e piedade. Os debates e os decretos de vários sínodos provinciais conduziram à convocação do concílio geral que se reuniu nos arredores de Constantinopla e contou com a numerosa participação de trezentos e trinta e oito bispos da Europa e da Anatólia, pois os patriarcas de Antioquia e de Alexandria estavam então cativos do califa, e o pontífice romano apartara as igrejas de Itália e do Ocidente da comunhão dos Gregos. Este sínodo bizantino arrogou-se o título e os poderes de sétimo concílio geral; no entanto, isto equivalia a um

reconhecimento das seis assembleias anteriores, que haviam estabelecido laboriosamente a estrutura da fé católica. Após uma séria deliberação de seis meses, os trezentos e trinta e oito bispos pronunciaram e subscreveram um decreto unânime, segundo o qual todos os símbolos visíveis de Cristo, excepto na Eucaristia, eram blasfematórios ou heréticos; que o culto das imagens constituía uma corrupção do cristianismo e um reatamento do paganismo; que estes monumentos de idolatria deviam ser destruídos ou eliminados; e que todos os que recusassem entregar os objectos da sua superstição privada se tornavam culpados de desobediência à autoridade da Igreja e do imperador. Com as suas sonoras e leais aclamações, eles celebravam os méritos do seu redentor temporal; e confiavam a execução das suas censuras espirituais ao zelo e à justiça dele. Em Constantinopla, tal como nos concílios anteriores, a vontade do príncipe ditou a regra da fé episcopal; sinto-me, contudo, inclinado a suspeitar de que nesta ocasião uma larga maioria de prelados sacrificou a sua íntima consciência secreta às tentações da esperança e do receio. Durante essa longa noite de superstição, os cristãos haviam-se afastado bastante da simplicidade do Evangelho; e não lhes era fácil distinguir o fio e retroceder nos meandros do labirinto. O culto das imagens encontrava-se inseparavelmente ligado, pelo menos numa imaginação devota, à Cruz, à Virgem, aos santos e suas relíquias; a base deste edifício sagrado estava envolta numa nuvem de milagres e visões; e as molas reais do espírito, a curiosidade e o cepticismo, eram entorpecidas pelos hábitos da obediência e da fé. O próprio Constantino é acusado de se autorizar a si mesmo a duvidar, ou até a negar e escarnecer dos mistérios dos católicos; mas estes achavam-se profundamente inscritos no credo público dos bispos dele; e o mais ousado iconoclasta não devia atacar sem um secreto terror os monumentos da devoção popular consagrados à glória dos seus patronos celestiais. Por altura da reforma do século XVI, a liberdade e as luzes haviam expandido todas as faculdades humanas; a sede de inovação superou a reverência pela Antiguidade; e o vigor da Europa pôde desdenhar todos os fantasmas que aterrorizavam a fraqueza doentia e servil dos Gregos.

O escândalo de uma heresia sobre temas abstractos somente pode ser proclamado ao povo pelo som da trombeta eclesiástica; no entanto, os mais ignorantes podem dar-se conta, e os mais apáticos devem sentir, a profanação e a queda das suas divindades visíveis. As primeiras hostilidades de Leão dirigiram-se contra um majestoso Cristo colocado no

vestíbulo e por cima da porta do palácio. Aprontara-se uma escada para o assalto, mas uma multidão de fanáticos e mulheres sacudiu-a com furor: eles viram, com piedoso êxtase, os ministros do sacrilégio cair lá do alto e esmagar-se contra o chão; e as honras dos antigos mártires foram então prostituídas por estes criminosos, que tinham sofrido um justo castigo por assassinio e rebelião. A entrada em vigor dos edictos imperiais provocou frequentes tumultos em Constantinopla e nas províncias: a pessoa de Leão correu perigo, os seus oficiais foram assassinados e o entusiasmo popular só pôde ser debelado pelos mais denodados esforços do poder civil e militar. As inúmeras ilhas do Arquipélago, ou mar Santo, estavam repletas de imagens e monges; os adeptos deles abjuraram sem escrúpulo a fidelidade a um inimigo de Cristo, da sua mãe e dos santos; armaram uma frota de barcos e galés, desfraldaram os seus estandartes sagrados e rumaram ousadamente ao porto de Constantinopla para colocar no trono um novo favorito de Deus e do povo. Contavam com o socorro de milagres; porém, estes milagres eram insuficientes contra *o fogo-greguês*; e após a derrota e o incêndio da sua armada, as ilhas sem defesa ficaram abandonadas à clemência ou à justiça do vencedor. O filho de Leão, no primeiro ano do seu reinado, empreendera uma expedição contra os sarracenos; durante a sua ausência, a capital, o palácio e a púrpura passaram para as mãos do seu parente Artavasdes, ambicioso defensor da fé ortodoxa. O culto das imagens restabeleceu-se com grande pompa: o patriarca renunciou à sua dissimulação, ou disfarçou os seus sentimentos; e os direitos do usurpador foram reconhecidos tanto na nova como na antiga Roma. Constantino procurou refúgio nas montanhas onde o seu pai havia nascido; voltou, no entanto, a descê-las à cabeça dos ousados e leais isáuricos; e a sua vitória final deitou por terra as armas e as profecias dos fanáticos. O seu longo reinado foi perturbado por clamores, sedições, conspirações, um ódio mútuo e vinganças sanguinárias: a perseguição das imagens constituía o motivo ou o pretexto dos seus adversários, e embora não hajam alcançado um diadema temporal, eles foram recompensados pelos Gregos com a coroa do martírio. Em cada acto de declarada ou secreta traição, o imperador sentiu a inimizade implacável dos monges, fiéis escravos da superstição à qual deviam toda a sua riqueza e influência. Rezavam, pregavam, absolviam, acicatavam e conspiravam; dos ermos da Palestina brotava uma torrente de invectivas; e a pena de São João Damasceno(*), o último dos padres gregos, proscreveu a cabeça do tirano, tanto neste mundo como no

outro. Não tenho agora vagar para indagar até que ponto os monges provocaram ou de algum modo exageraram os seus reais ou pretensos sofrimentos, nem quantos deles perderam a vida ou os membros, os olhos ou as barbas, devido à crueldade do imperador. Depois de ter castigado os indivíduos, ele passou à abolição das ordens; e, dado estas serem ricas e inúteis, o ressentimento dele talvez fosse aguilhoado pela cobiça e justificado pelo patriotismo. O temível nome e a missão do *Dragão*, o seu visitador-geral, suscitava o terror e a execração da nação *negra*; as comunidades religiosas foram dissolvidas; os edifícios, transformados em armazéns ou barracas; as terras, os bens móveis e o gado, confiscados; e alguns exemplos modernos permitem-nos julgar que se praticaram muitas devastações arbitrárias ou maldosas contra as relíquias e até mesmo os livros dos mosteiros. De par com o hábito e o estado de monge, o culto público e privado das imagens foi rigorosamente proscrito; e uma solene abjuração da idolatria deve ter sido então exigida aos súbditos, ou pelo menos ao clero do Império do Oriente.

Revolta da Itália

O paciente Oriente abjurou com relutância as suas imagens sagradas; mas elas eram muito estimadas e firmemente defendidas pelo zelo independente dos Italianos. Na hierarquia e na jurisdição eclesiásticas, o patriarca de Constantinopla e o papa de Roma eram praticamente iguais. No entanto, o prelado grego não passava de um escravo doméstico aos olhos do seu senhor, de quem bastava um simples sinal de cabeça para ele transitar sucessivamente do convento ao trono e do trono ao convento. Uma longínqua e perigosa posição, no meio dos bárbaros do Ocidente, estimulava a coragem e a liberdade do bispo de Roma. A sua eleição popular tornava-o querido dos habitantes da cidade: a indigência pública e privada era minorada pelos seus largos rendimentos; e a fraqueza ou o descuido dos imperadores levava-o a considerar, tanto na paz como na guerra, a segurança temporal da cidade. Na escola da adversidade, o padre adquiriu aos poucos as virtudes e a ambição de um príncipe; o italiano, o grego ou o sírio que ascendia à cadeira de São Pedro assumia o mesmo papel e adoptava a mesma política; e depois da perda das legiões e das

províncias, o génio e fortuna dos papas restauraram de novo a supremacia de Roma. É ponto assente que, no século VIII, o seu domínio se fundou na rebelião, a qual teve como causa e justificação a heresia dos iconoclastas; mas o comportamento de Gregório II e de Gregório III, nesta memorável disputa, é interpretada diversamente consoante os anseios dos seus amigos e inimigos. Os escritores bizantinos são unânimes em declarar que, após um infrutífero aviso, os papas pronunciaram a separação do Oriente e do Ocidente, e privaram o sacrílego tirano dos rendimentos e da soberania de Itália. Esta excomunhão é ainda mais claramente referida pelos Gregos, que assistiram à consumação do triunfo papal; e dado estarem mais fortemente apegados à sua religião do que ao seu país, elogiam, em vez de censurar, o zelo e a ortodoxia destes homens apostólicos. Os modernos defensores de Roma mostraram-se pressurosos em aceitar o elogio e fazer valer o precedente; este grande e glorioso exemplo da deposição dos heréticos régios é celebrado pelos cardeais Barónio e Belarmino; e se lhes perguntamos por que motivo não se lançaram as mesmas fulminações contra os Neros e os Julianos da Antiguidade, eles respondem que a fraqueza da Igreja primitiva foi a única causa da sua paciente lealdade. Nesta ocasião, os efeitos do amor e do ódio são os mesmos; e os zelosos protestantes, que procuram excitar a indignação e desencadear os receios dos príncipes e magistrados, alongam-se sobre a insolência e a traição dos dois Gregórios contra o seu legítimo soberano. Estes papas não são defendidos senão pelos católicos moderados, na sua maioria da Igreja Galicana, que respeitam o santo sem aprovar o seu pecado. Estes advogados da coroa e da tiara subordinam a verdade dos factos ao princípio da equidade, às Escrituras e à tradição, e apelam para o testemunho dos Latinos e para as vidas e epístolas dos próprios papas.

Ainda existem duas epístolas originais de Gregório II ao imperador Leão; e, embora não possam ser apontadas como modelos acabados de eloquência e lógica, oferecem mesmo assim o retrato, ou pelo menos a máscara de um fundador da monarquia papal. «Durante dez puros e afortunados anos», escreve Gregório ao imperador, «usufruímos da consolação anual das vossas cartas régias, assinadas com tinta purpúrea pela vossa própria mão, sagrado penhor da vossa afeição ao credo ortodoxo dos nossos avós. Que lamentável mudança! Que tremendo escândalo! Acusais agora os católicos de idolatria; e através de tal acusação, denunciais a vossa própria impiedade e ignorância. Somos obrigados a amoldar a esta ignorância a rudeza do

nosso estilo e dos nossos argumentos; os primeiros elementos das letras sagradas bastam para vos confundir; e se, ao entrar numa escola de gramática, vos declarásseis inimigo do nosso culto, as simples e piedosas crianças irritar-se-iam a ponto de atirarem os seus abecedários à vossa cabeça.» Após esta decente introdução, o papa tenta estabelecer a habitual distinção entre os ídolos da Antiguidade e as imagens cristãs. Os primeiros constituíam as representações fantasiosas de fantasmas ou demónios, numa época em que o verdadeiro Deus ainda não manifestara a sua pessoa sob uma forma visível. As últimas são as representações genuínas de Cristo, de sua mãe e dos santos, que provaram, por meio de uma série de milagres, a inocência e o mérito deste culto relativo. Ele deve ter confiado realmente na ignorância de Leão, para lhe asseverar o uso continuado das imagens desde o tempo dos apóstolos, e sua venerável presença nos seis sínodos da Igreja Católica. Um argumento mais especioso é retirado da posse do monumento e da prática recente: a harmonia do mundo cristão torna inútil o pedido de um concílio geral; e Gregório confessa que estas assembleias somente podem ser proveitosas sob o reinado de um príncipe ortodoxo. Ao impudente e desumano Leão, mais culpado do que um herege, ele recomenda paz, silêncio e uma implícita obediência aos seus guias espirituais de Constantinopla e de Roma. O pontífice traça os limites dos poderes civil e eclesiástico. Sujeita o corpo ao primeiro, e ao segundo a alma; o gládio da justiça encontra-se nas mãos do magistrado; a arma ainda mais poderosa da excomunhão é confiada ao clero; e no exercício desta divina comissão, um filho zeloso não poupará o seu pai ofendedor; o sucessor de São Pedro pode castigar legitimamente os reis do mundo. «Atacais-nos, ó tirano!, com uma mão carnal e armada; desarmados e indefesos como estamos, apenas podemos suplicar a Cristo, príncipe do exército celestial, que vos envie um demónio para a destruição do vosso corpo e a salvação da vossa alma. Declarais com louca arrogância: expedirei as minhas ordens a Roma, farei em pedaços a imagem de São Pedro; e Gregório, à semelhança do seu antecessor Martinho, será conduzido agrilhado aos pés do trono para aí ouvir a sua sentença de exílio. Prouvesse a Deus que me fosse dado seguir as pisadas de São Martinho! Mas que a sorte de Constante sirva de aviso aos perseguidores da Igreja! Após a sua justa condenação pelos bispos da Sicília, o tirano pereceu cheio de pecados pela mão de um dos seus criados; o santo continua a ser adorado pelas nações da Cítia, no meio das quais terminaram o seu exílio e

a sua vida. Contudo, o nosso dever é viver para a edificação e o apoio dos fiéis; não estamos reduzidos a arriscar a nossa segurança num combate. Embora sejais incapaz de defender os súbditos romanos, a situação marítima da cidade pode expô-la às vossas depredações; mas podemos retirar-nos para a distância de vinte e quatro estádios, para a primeira fortaleza dos Lombardos, e então podeis perseguir os ventos. Ignorais que os papas são os laços da união, os mediadores da paz entre o Oriente e o Ocidente? Os olhos das nações estão postos na nossa humildade; e elas veneram, como um Deus neste mundo, o apóstolo São Pedro cuja imagem ameaçais destruir. Os reinos mais longínquos e recuados do Ocidente prestam homenagem a Cristo e ao seu vigário; e preparamo-nos agora para visitar um dos mais poderosos monarcas desta parte do mundo, que deseja receber o sacramento do baptismo das nossas mãos. Os bárbaros submeteram-se ao jugo do Evangelho, enquanto, sozinho, vos mantendes surdo à voz do pastor. Estes bárbaros piedosos estão cheios de furor: anseiam por vingar a perseguição da Igreja no Oriente. Abandonai a vossa temerária e fatal empresa; reflecti, tremei e arrependei-vos. Se persistirdes, não seremos culpados do sangue que se derramar na disputa; que ele caia sobre a vossa cabeça!»

O primeiro assalto de Leão contra as imagens de Constantinopla havia sido testemunhado por uma multidão de estrangeiros vindos de Itália e do Ocidente, que relataram com dor e indignação o sacrilégio do imperador. Mas, ao receberem o edicto de proscricção deste culto, eles temeram pelas suas divindades domésticas; as imagens de Cristo e da Virgem, dos anjos, dos mártires e dos santos foram retiradas de todas as igrejas de Itália; e propôs-se uma drástica alternativa ao pontífice de Roma: o favor imperial como preço da sua submissão, ou a deposição e o exílio como castigo da sua desobediência. Nem o zelo nem a política lhe permitiam hesitar, e o tom altivo em que Gregório se dirigiu ao imperador mostrava uma grande confiança na verdade da sua doutrina ou nos seus meios de resistência. Sem depender de preces ou milagres, ele armou-se audazmente contra o inimigo público, e as suas cartas pastorais avisaram os Italianos do perigo e do que era dever deles fazer. Reagindo a este sinal, Ravena, Veneza e as cidades do exarcado e da Pentápole aderiram à causa da religião; as suas forças militares de mar e terra compunham-se essencialmente de naturais do país; e o espírito de patriotismo e de zelo transmitiu-se aos mercenários estrangeiros. Os Italianos juraram viver e morrer pela defesa do papa e das

imagens sagradas; o povo romano era dedicado ao seu pai espiritual, e os próprios Lombardos desejavam partilhar do mérito e das vantagens desta guerra santa. O acto mais aleivosos, mas o de mais óbvia vingança, consistiu na destruição das estátuas do próprio Leão; o meio de rebelião mais eficaz e agradável foi o de reter o tributo da Itália, e privá-lo assim de um poder de que ele abusara recentemente através da imposição de uma nova capitação. Uma certa forma de administração pôde ser preservada graças à eleição de magistrados e governadores; e a indignação popular era de tal ordem que os Italianos estavam dispostos a nomear um imperador ortodoxo e a conduzi-lo com uma armada e um exército até ao palácio de Constantinopla. Neste mesmo palácio, os bispos romanos, Gregório II e Gregório III, eram condenados como autores da revolta, e envidaram-se todos os esforços para os prender ou os matar, quer por fraude, quer por violência. A cidade era repetidamente visitada ou assaltada por capitães da guarda, duques e exarcos de alta dignidade ou íntima confiança; eles desembarcavam com tropas estrangeiras, obtinham algum auxílio interno, e a supersticiosa cidade de Nápoles deve corar ao ouvir que os seus antepassados defendiam a causa da heresia. No entanto, estes ataques clandestinos ou abertos foram repelidos pela coragem e a vigilância dos Romanos; os Gregos acabaram vencidos e chacinados, os seus chefes sofreram uma morte ignominiosa, e os papas, embora propensos à misericórdia, recusaram interceder a favor destas vítimas culpadas. Em Ravena, havia muito que os vários bairros da cidade estavam divididos por rixas sangrentas e hereditárias; estas facções encontraram um novo alimento na controvérsia religiosa; mas os adeptos das imagens eram superiores em número ou valor, e o exarco, que tentou deter a torrente, perdeu a vida numa revolta popular. O imperador enviou uma armada e um exército para o golfo Adriático, a fim de punir este acto atroz e restaurar o seu domínio em Itália. Depois de sofrerem muitos prejuízos e atrasos, devido aos ventos e às vagas, os Gregos desembarcaram finalmente nos arredores de Ravena; ameaçaram despovoar esta cidade culposa, e imitar, ou talvez mesmo superar o exemplo de Justiniano II, que punira uma rebelião anterior escolhendo e mandando executar cinquenta dos principais habitantes. As mulheres e o clero, vestidos de burel e cobertos de cinzas, prosternavam-se em oração; os homens pegavam em armas pela defesa do seu país; o perigo comum unira as facções, e todas preferiram o risco de uma batalha a expor-se às longas misérias de um cerco. Num dia de luta encarniçada, enquanto os dois exércitos recuavam e

avançavam alternadamente, avistou-se um fantasma, ouviu-se uma voz, e a certeza da vitória tornou Ravena vitoriosa. Os estrangeiros retiraram para os navios, mas a populosa costa marítima lançou inumeráveis barcos contra o inimigo; as águas do Pó ficaram tão profundamente maculadas de sangue, que durante seis anos o comum dos homens se absteve de comer peixe do rio; e a instituição de uma festa anual perpetuou o culto das imagens e o ódio ao tirano grego. No meio do triunfo das armas católicas, o pontífice romano convocou um sínodo de noventa e três bispos contra a heresia dos iconoclastas. Com o seu consentimento, ele pronunciou uma excomunhão geral contra todos os que, por palavras ou actos, atacassem a tradição dos antepassados e as imagens dos santos; o imperador achava-se tacitamente envolvido nesta sentença, mas a votação de uma última e desesperançada admoestação parece sugerir que o anátema ainda estava suspenso sobre a sua cabeça culpada. Assim que garantiram a sua segurança, o culto das imagens e a liberdade de Roma e de Itália, os papas devem ter abrandado a sua severidade e poupado os restos do domínio bizantino. Os seus conselhos moderados protelaram e impediram a eleição de um novo imperador, tendo eles exortado os Italianos a não se separarem do corpo da monarquia romana. O exarco obteve autorização para residir no interior das muralhas de Ravena, mais como cativo do que como comandante; e até à coroação imperial de Carlos Magno, o governo de Roma e de Itália exerceu-se em nome dos sucessores de Constantino.

A liberdade de Roma, oprimida pelas armas e a astúcia de Augusto, foi resgatada, após setecentos e cinquenta anos de servidão, da tirania de Leão, *o Isáurio*. Os triunfos dos cônsules tinham sido aniquilados pelos Césares; no declínio e queda do império, o deus Termo, esse limite sagrado, havia recuado aos poucos do Oceano, do Reno, do Danúbio e do Eufrates; e Roma vira-se reduzida ao seu antigo território, desde Viterbo a Terracina, e de Narni à foz do Tibre. Quando os reis foram banidos, a República assentou nos firmes alicerces que haviam sido erguidos pela sabedoria e virtude deles. A sua jurisdição perpétua repartiu-se por dois magistrados anuais: o Senado continuou a exercer os poderes administrativo e deliberativo; e a autoridade legislativa ficou distribuída pelas assembleias do povo, segundo uma proporção bem calculada a partir dos bens e dos serviços de cada um. Desconhecedores das artes de luxo, os primeiros romanos tinham aperfeiçoado a ciência do governo e da guerra; a vontade da comunidade era absoluta; os direitos dos indivíduos eram sagrados;

cento e trinta mil cidadãos estavam armados para a defesa ou a conquista; e um bando de proscritos e salteadores moldara-se numa nação digna da liberdade e ávida de glória. Quando a soberania dos imperadores gregos se extinguiu, as ruínas de Roma exibiam um triste aspecto de despovoamento e decadência: a sua escravidão tornara-se para ela um hábito; a sua liberdade foi um acidente produzido pela superstição, e em breve se tornou objecto da sua própria surpresa e terror. Os mais pequenos vestígios da substância, ou sequer das formas da Constituição, estavam esquecidos na prática e na memória dos Romanos; e eles não possuíam luzes nem virtudes para reconstruir o edifício de uma república. O pobre resto dos seus habitantes, filhos de escravos e de estrangeiros, era desprezível aos olhos dos bárbaros vitoriosos. Sempre que os Francos ou os Lombardos exprimiam o seu mais azedo desprezo por um inimigo, chamavam-lhe romano; «e neste nome», declara o bispo Liutprando, «incluímos tudo o que é vil, tudo o que é cobarde, tudo o que é pérfido; os dois extremos da avareza e do luxo, e todos os vícios capazes de prostituir a dignidade da natureza humana». Por força das circunstâncias, os Romanos organizaram-se segundo um modelo grosseiro de governo republicano: viram-se obrigados a eleger juízes em tempo de paz e chefes durante a guerra; os nobres reuniam-se para deliberar, e as suas resoluções não podiam entrar em vigor sem a adesão e o consentimento da multidão. As formas de estilo do Senado e do povo romano ressurgiram, mas o seu espírito desvanecera-se; e esta nova independência foi desonrada pela luta tumultuosa da licença e da opressão. A falta de leis só podia ser suprida pela influência da religião, e a política interna e estrangeira era orientada pela autoridade do bispo. As suas esmolas, os seus sermões, a sua correspondência com os reis e prelados do Ocidente, os seus recentes serviços, o reconhecimento e as obrigações que lhe eram devidos, tudo isto habituou os Romanos a considerá-lo o primeiro magistrado ou príncipe da cidade. A humildade cristã dos papas não se sobressaltou com o nome de *Dominus*, ou Senhor; e o seu rosto e a sua inscrição ainda são visíveis nas mais antigas moedas. O seu domínio temporal é hoje confirmado pela reverência de mil anos; e o seu título mais nobre é a livre escolha de um povo que eles tinham libertado da escravidão.

Os Lombardos conquistaram Ravena, pondo fim ao exarcado, e atacaram Roma. Roma foi liberta por Pepino, rei dos Francos, e os

Lombardos renderam-se finalmente ao seu filho Carlos Magno em 774.

Relações de Pepino e Carlos Magno com os Papas

As obrigações mútuas entre os papas e a família carlovíngia constituem o importante elo que une a história antiga e moderna, a história civil e eclesiástica. Na conquista da Itália, os defensores da Igreja romana sentiram-se encorajados por um momento favorável, por um título especioso, pelos desejos do povo e pelos rogos e intrigas do clero. As dádivas mais importantes dos papas à dinastia Carlovíngia foram, contudo, a dignidade de rei de França e a de patrício de Roma. I. Sob a monarquia sacerdotal de São Pedro, as nações começavam a retomar o hábito de procurar à beira do Tibre os seus reis, as suas leis e os oráculos do seu destino. Os Francos estavam embaraçados entre dois soberanos, um de nome e outro de facto. Todos os poderes régios eram exercidos por Pepino, mordomo do palácio; e nada, excepto o título real, faltava à sua ambição. Os seus inimigos achavam-se esmagados pelo seu valor; e os amigos multiplicavam-se em virtude da sua liberalidade; o seu pai havia sido o salvador da Cristandade; e os direitos do seu mérito pessoal eram reiterados e enobrecidos por uma linhagem de quatro gerações. O nome e a imagem de realeza ainda subsistiam no último descendente de Clóvis, o fraco Childerico; no entanto, o seu direito, já sem vigência, apenas podia ser usado como um instrumento de sedição; a nação mostrava-se desejosa de restaurar a simplicidade da Constituição; e Pepino, súbdito e príncipe, ambicionava firmar a sua posição e a fortuna da sua família. O mordomo e os nobres encontravam-se ligados por um juramento de fidelidade ao fantasma real; a seus olhos, o sangue de Clóvis era puro e sagrado; e os embaixadores deles pediram ao pontífice romano que dissipasse os seus escrúpulos ou os absolvesse da promessa feita. O interesse do Papa Zacarias, sucessor dos dois Gregórios, levou-o a decidir a favor deles; declarou que a nação tinha o legítimo direito de reunir na mesma pessoa o título e a autoridade de rei; e que o infeliz Childerico, vítima da segurança pública, deveria ser deposto, rapado e confinado num mosteiro até ao fim da vida. Uma resposta tão conforme aos seus desejos foi aceite pelos Francos como a opinião de um casuísta, a sentença de um juiz ou o oráculo

de um profeta; a raça Merovíngia desapareceu da Terra; e Pepino viu-se guindado sobre o escudo pelo sufrágio de um povo livre, habituado a obedecer às suas leis e a marchar sob a sua bandeira. A sua coroação efectuou-se duas vezes com a sanção dos papas; a primeira por obra do seu mais fiel servidor, São Bonifácio, apóstolo da Germânia, a segunda pelas mãos conhecidas de Estêvão III, que, no Mosteiro de São Dinis, colocou o diadema na cabeça do seu benfeitor. De modo bastante acertado, acrescentou-se a unção dos reis de Israel: o sucessor de São Pedro assumiu as funções de um embaixador divino; um chefe germano transformou-se no ungido do Senhor; e este rito judaico difundiu-se e perpetuou-se por via da superstição e da vaidade em toda a Europa moderna. Os Francos foram dispensados do seu antigo juramento; mas um terrível anátema ameaçava-os e à sua posteridade, caso se atrevessem a fazer um novo uso da liberdade de eleição ou a designar um rei que não pertencesse à santa e digna raça dos príncipes carlovíngios. Sem se inquietarem com os futuros perigos, estes príncipes desfrutaram da sua glória na presente segurança; o secretário de Carlos Magno afirma que o ceptro francês fora transferido pela autoridade dos papas; e nas suas mais arrojadas empresas, eles insistem, confiantes, neste acto notável e bem-sucedido de jurisdição temporal.

II. Devido a uma grande mudança de costumes e de linguagem, os patrícios de Roma estavam muito distantes do Senado de Rómulo ou do palácio de Constantino — dos independentes nobres da República ou dos pais fictícios do imperador. Após a reconquista de Itália e de África pelos exércitos de Justiniano, a importância destas remotas províncias e os perigos a que elas estavam sujeitas exigiam a presença de um magistrado supremo; ele era indiferentemente designado como o exarco ou patrício; e estes governadores de Ravena, que tinham o seu lugar na cronologia dos príncipes, estendiam a sua jurisdição à cidade de Roma. Desde a revolta de Itália e a perda do exarcado, as tribulações dos Romanos haviam obrigado a alguns sacrifícios da sua independência. No entanto, mesmo neste acto, eles ainda exerciam o direito de disporem de si próprios; e os decretos do Senado e do povo investiram sucessivamente Carlos Martel e a sua posteridade das honras de patrício de Roma. Os chefes de uma nação poderosa desdenhariam títulos servis e funções subordinadas; mas o reinado dos imperadores gregos estava suspenso; e, durante a vacatura do império, eles receberam uma missão mais gloriosa do papa e da República. Os embaixadores romanos presentearam estes patrícios com as chaves do

santuário de São Pedro, como penhor e símbolo de soberania; juntamente com um estandarte sagrado, que tinham por direito e dever desfraldar em prol da protecção da Igreja e da cidade. Na época de Carlos Martel e de Pepino, a interposição do reino lombardo punha a coberto a liberdade de Roma, mas ameaçava a sua segurança; e o *patriciado* representava somente o título, os serviços e a aliança destes longínquos protectores. O poder e a sagacidade de Carlos Magno aniquilaram um inimigo, os Lombardos, e impuseram-no como o senhor de Roma. Na sua primeira visita a esta cidade, foi recebido com todas as honras que eram outrora prestadas ao exarco, o representante do imperador; e a alegria e a gratidão do Papa Adriano I acrescentaram algumas novas distinções a estas honras. Mal o informaram da inesperada aproximação do monarca, enviou ao seu encontro os magistrados e os nobres de Roma com o estandarte, até cerca de trinta milhas da cidade. Ao longo de uma milha da Via Flâmínia, estavam alinhadas as *escolas* ou comunidades nacionais dos Gregos, Lombardos, Saxões, etc.; a juventude romana apresentava armas, e as crianças de mais tenra idade, empunhando palmas e ramos de oliveira, entoavam louvores ao seu ilustre libertador. Ao avistar as cruzes sagradas e as insígnias dos santos, Carlos Magno desmontou do cavalo, conduziu a procissão dos seus nobres até ao Vaticano e, ao subir as escadas, beijou devotamente cada degrau da soleira dos apóstolos. Adriano esperava-o sob o pórtico, à frente do clero; abraçaram-se como amigos e iguais; mas, ao dirigirem-se para o altar, o rei ou patrício tomou a direita do papa. O franco não se satisfez com estas vãs e inanes demonstrações de respeito. Durante os vinte e seis anos que decorreram entre a conquista da Lombardia e a coroação imperial, Roma, que fora liberta pela espada de Carlos Magno, ficou sujeita ao ceptro dele. O povo jurou fidelidade à sua pessoa e à sua família; cunharam-se moedas e administrou-se justiça em seu nome; e a eleição dos papas era examinada e confirmada pela autoridade dele. Com excepção do direito de reclamar soberania de moto próprio, não havia qualquer outra prerrogativa que o título de imperador pudesse acrescentar ao de patrício de Roma.

A gratidão dos Carlovíngios mostrou-se proporcional a tais benefícios, e os seus nomes ficaram consagrados pelo título de salvadores e benfeitores da Igreja romana. O antigo património desta, consistente em herdades e casas, foi transformado pela sua liberalidade num domínio temporal sobre cidades e províncias; e a doação do exarcado constituiu o primeiro fruto das

vitórias de Pepino. Astolfo abandonou a sua presa com um suspiro; as chaves e os reféns das principais cidades foram entregues ao embaixador francês; e este apresentou-as, em nome do seu amo, diante do túmulo de São Pedro. Na acepção mais lata, o exarcado englobava todas as províncias de Itália que tinham obedecido ao imperador e ao seu delegado; no entanto, num sentido mais rigoroso, os seus limites incluíam os territórios de Ravena, Bolonha e Ferrara; devemos acrescentar-lhe as possessões da Pentápole, que se estendiam ao longo do Adriático, de Rimini a Ancona, e avançavam no interior do país até à cordilheira dos Apeninos. A ambição e avariza dos papas nesta transacção tem sido severamente condenada. Talvez a humildade de um padre cristão devesse ter rejeitado um reino terreno que não lhe era fácil governar sem renunciar às virtudes do seu estado. Talvez um súbdito fiel, ou mesmo um inimigo generoso, devesse ter-se mostrado menos impaciente por repartir os despojos do príncipe bárbaro; e se o imperador tivesse incumbido Estêvão de solicitar em seu nome a restituição do exarcado, eu não absolveria o papa da censura de perfídia e falsidade. Mas, segundo a rígida interpretação das leis, todos podem aceitar sem ofensa o que um benfeitor pode dar-lhes sem injustiça. O imperador grego abandonara ou perdera os seus direitos sobre o exarcado; e a espada de Astolfo estava quebrada pela espada mais forte do carlovíngio. Não fora para defender a causa do iconoclasta que Pepino havia exposto a sua pessoa e o seu exército numa dupla expedição para lá dos Alpes; ele possuía legalmente as suas conquistas, e podia aliená-las com legitimidade; às importunidades dos Gregos, respondeu piedosamente que nenhuma consideração humana o levaria a retomar a dádiva que fizera ao pontífice romano para remissão dos seus pecados e salvação da sua alma. A magnífica doação fora outorgada em plena e absoluta soberania, e, aos olhos do mundo, surgiu pela primeira vez um bispo cristão investido das prerrogativas de um príncipe temporal — a nomeação dos magistrados, o exercício da justiça, a cobrança de impostos e a riqueza do palácio de Ravena. Quando o reino lombardo foi dissolvido, os habitantes do ducado de Espoleto procuraram um refúgio contra a tormenta, cortaram o cabelo à maneira romana, declararam-se servidores e súbditos de São Pedro e completaram, mediante esta rendição voluntária, a actual área dos Estados da Igreja. Esta misteriosa área adquiriu uma extensão indefinida por meio da doação verbal ou escrita de Carlos Magno, que, no primeiro entusiasmo da vitória, se despojou ele próprio e ao imperador grego das cidades e ilhas

que estavam outrora dependentes do exarcado. Mas, já longe de Itália, reflectiu mais friamente e avaliou com inquietação e inveja a recente grandeza do seu aliado eclesiástico. Ele fugiu respeitosamente ao cumprimento das promessas feitas por si e pelo seu pai; o rei dos Francos e dos Lombardos fez valer os direitos inalienáveis do império; e, durante a sua vida, Ravena e Roma foram sempre incluídas na lista das suas cidades metropolitanas. A soberania do exarcado desvaneceu-se nas mãos dos papas; eles encontraram um perigoso rival interno no arcebispo de Ravena; os nobres e o povo desdenharam o jugo de um padre; e, nas desordens da época, os pontífices de Roma só puderam conservar a memória de uma antiga pretensão que, num tempo mais favorável, renovaram e concretizaram.

A fraude constitui o recurso da fraqueza e da astúcia; e os fortes, embora ignorantes bárbaros, acharam-se frequentemente enredados nas malhas da política sacerdotal. O Vaticano e o Palácio de Latrão eram um arsenal e uma manufactura que, segundo as ocasiões, produziam ou escondiam uma numerosa colecção de actos falsos ou genuínos, corrompidos ou suspeitos, tendentes a promover o interesse da Igreja romana. Antes do final do século VIII, algum escriba apostólico, provavelmente o famoso Isidoro, compôs as decretais e a doação de Constantino, esses dois pilares mágicos da monarquia espiritual e temporal dos papas. Esta memorável doação foi mencionada pela primeira vez numa epístola de Adriano I, que exorta Carlos Magno a imitar a liberalidade e a fazer reviver o nome do grande Constantino. Segundo a lenda, o primeiro dos imperadores cristãos fora curado da lepra e purificado nas águas do baptismo por São Silvestre, bispo de Roma; e nunca um médico recebeu recompensa mais gloriosa. O neófito régio afastara-se da residência e do património de São Pedro; declarou a sua resolução de fundar uma nova capital no Oriente; e entregara aos papas a livre e perpétua soberania de Roma, de Itália e das províncias do Ocidente. Esta ficção produziu os mais benéficos resultados. Os príncipes gregos acabaram assim inculcados de usurpação; e a revolta de Gregório passou a ser encarada como a reclamação da sua legítima herança. Os papas acharam-se libertos da sua dívida de gratidão; e a dádiva nominal dos Carlovíngios já não era senão a justa e irrevogável devolução de uma escassa porção dos Estados da Igreja. A soberania de Roma deixou de depender da escolha de um povo volúvel; e os sucessores de São Pedro e de Constantino viram-se revestidos da púrpura e das prerrogativas dos Césares.

A ignorância e a credulidade da época eram tão grandes, que a mais absurda das fábulas foi acolhida com igual respeito na Grécia e em França, e ainda hoje faz parte dos decretos da lei canónica. Os imperadores e os Romanos mostraram-se incapazes de pôr a nu uma falsificação que subvertia os direitos de uns e a liberdade dos outros; e a única oposição veio de um mosteiro sabino que, no começo do século XII, contestou a autenticidade e a validade da doação de Constantino. No renascimento das letras e da liberdade, este acto fictício foi desmontado pela pena de Lourenço Valla, crítico eloquente e patriota romano. Os seus contemporâneos do século XV ficaram surpreendidos com a sua sacrílega ousadia; mas tais são os progressos silenciosos e irresistíveis da razão, que, antes do final da geração seguinte, esta fábula era rejeitada com desprezo pelos historiadores e poetas, e pela tácita ou moderada censura dos defensores da Igreja romana. Os próprios papas permitiram-se sorrir da credulidade pública; mas este título falso e caído em desuso continua a santificar a sua dominação; e a mesma fortuna que acompanhou as decretais e os oráculos da Sibila quis que o edifício subsistisse depois de os alicerces terem sido minados.

Restauração das imagens no Oriente

Enquanto os papas estabeleciam a sua independência e o seu domínio em Itália, as imagens que haviam sido a primeira causa da sua revolta eram restauradas no Império do Oriente. Sob o reinado de Constantino V, a união dos poderes civil e eclesiástico derrubara a árvore da superstição sem lhe arrancar as raízes. Os ídolos, como então se consideravam as imagens, eram secretamente venerados pela classe de homens e pelo sexo mais dados à devoção; e a simples aliança dos monges e das mulheres alcançou uma vitória decisiva sobre a razão e a autoridade varonis. Leão IV manteve, embora com menos rigor, a religião do seu pai e do seu avô; no entanto, sua mulher, a bela e ambiciosa Irene, estava imbuída do zelo dos Atenienses, herdeiros da idolatria e não tanto da filosofia dos antepassados. Durante a vida do marido, estes sentimentos foram exacerbados pelo perigo a que expunham e pela dissimulação a que obrigavam; e ela só pôde tratar de proteger e promover alguns monges favoritos, os quais arrancou às cavernas e sentou nos tronos metropolitanos do Oriente. No entanto, quando

começou a reinar em seu nome e no do filho, Irene ocupou-se mais empenhadamente da ruína dos iconoclastas; e o primeiro passo da sua futura perseguição consistiu num edicto geral em favor da liberdade de consciência. De par com a restauração dos monges, milhares de imagens foram expostas à veneração pública; inventaram-se então inumeráveis lendas sobre os sofrimentos e os milagres deles. Os cargos episcopais eram oportunamente preenchidos sempre que a tal davam azo as circunstâncias da morte ou da deposição; os mais fervorosos pretendentes aos favores terrenos ou celestiais iam ao encontro do juízo da sua soberana e lisonjeavam-no; e a promoção do seu secretário Tarásio veio dar a Irene o ascendente sobre o patriarca de Constantinopla e toda a Igreja do Oriente. Os decretos de um concílio geral não podiam, contudo, ser revogados senão por uma assembleia da mesma natureza; os iconoclastas que ela convocou estribavam-se no seu actual poder e não se dispunham ao debate; e a débil voz dos bispos era sustentada pelos clamores mais fortes dos soldados e do povo de Constantinopla. A demora e as intrigas de um ano, a separação das tropas desafectas e a escolha de Niceia para um segundo sínodo ortodoxo acabaram por remover obstáculos; e a consciência episcopal ficou de novo, segundo os usos gregos, nas mãos do príncipe. Destinaram-se apenas dezoito dias à consumação desta importante obra: os iconoclastas não surgiram como juízes, mas como criminosos ou penitentes; a cena era abrilhantada pela presença dos legados do Papa Adriano e pela dos patriarcas do Oriente; os decretos foram redigidos pelo presidente Tarásio e ratificados pelas aclamações e a assinatura de trezentos e cinquenta bispos. Estes declararam em unísono que o culto das imagens é conforme à Escritura e à razão, aos padres e aos concílios da Igreja; mas hesitaram quanto a saber se este culto é relativo ou directo, se a divindade e a figura de Cristo são susceptíveis do mesmo modo de adoração. Ainda existem as actas deste segundo concílio de Niceia; um curioso monumento de superstição e ignorância, de falsidade e insensatez. Apenas referirei o juízo dos bispos sobre o mérito comparativo do culto das imagens e da moralidade na vida corrente. Um monge concluíra uma trégua com o demónio da fornicção, sob a condição de cessar as suas orações diárias diante de uma imagem que tinha pendurada na parede da cela. Os seus escrúpulos levaram-no a pedir conselho ao abade. «Será preferível que, em vez de te absteres de adorar Cristo e a sua Mãe nas imagens sagradas», replicou o casuísta, «entres em todos os bordéis e visites todas as prostitutas

da cidade.» Para a honra da ortodoxia, pelo menos a ortodoxia da Igreja romana, é algo lamentável que os dois príncipes que convocaram os dois concílios de Niceia tenham ambos manchado as mãos com o sangue dos filhos. Os decretos da segunda destas assembleias foram aprovados e rigorosamente executados pelo despotismo de Irene, a qual recusou aos adversários a tolerância que pouco antes havia garantido aos amigos. Ao longo de cinco reinados consecutivos, um período de trinta e oito anos, a querela entre os adoradores e os destruidores de imagens prosseguiu com o mesmo furor, embora com desenlaces diferentes; não tenciono, contudo, voltar em pormenor a factos iguais aos que já descrevi. Nicéforo consentiu uma liberdade geral de discurso e de conduta; e os monges indicaram a única virtude do seu reinado como a causa da sua perdição temporal e eterna. Miguel I era dotado de carácter supersticioso e fraco, mas os santos e as imagens revelaram-se incapazes de manter o seu adepto no trono. Ao revestir-se da púrpura imperial, Leão V adoptou o nome de Arménio e a correspondente religião; e os ídolos, juntamente com os seus sediciosos aderentes, foram condenados a um segundo exílio. Os partidários das imagens teriam santificado o homicídio de um tirano ímpio com os seus elogios; mas o assassino e sucessor dele, Miguel II, estava ligado desde a nascença às heresias frígias; tentou servir de moderador entre as duas partes em conflito; e o espírito intratável dos católicos fê-lo pender a pouco e pouco para o outro prato da balança. A sua moderação era acentuada pela timidez; mas o seu filho Teófilo, igualmente alheio ao medo e à piedade, foi o último e o mais cruel dos iconoclastas. O espírito da época era-lhes bastante desfavorável; e os imperadores que navegaram contra a corrente só receberam o castigo do ódio público. Após a morte de Teófilo, a vitória definitiva das imagens foi conseguida por uma segunda mulher, a sua viúva Teodora, a quem ele deixou a tutela do império. Ela tomou medidas ousadas e decisivas. A ficção de um arrependimento tardio redourou a reputação e salvou a alma do seu falecido marido; a sentença do patriarca iconoclasta, que consistia na perda da vista, foi comutada em duzentas vergastadas; os bispos tremeram, os monges soltaram gritos de alegria, uma festa anual da ortodoxia preserva a memória do triunfo das imagens. Uma única questão se mantinha, a de saber se elas possuíam uma santidade que lhes fosse própria e inerente; o tema foi abordado pelos Gregos do século XI; e na medida em que este conceito apresenta tamanhos laivos de absurdo, surpreende-me que ele não haja sido mais explicitamente dirimido pela

afirmativa. No Ocidente, o Papa Adriano I aceitou e proclamou os decretos do Concílio de Niceia, que é hoje reverenciado pelos católicos como o sétimo dos concílios ecuménicos. Roma e a Itália mostraram-se submissas à voz do seu pai espiritual; no entanto, a maioria dos cristãos latinos ficaram bastante atrás na corrida da superstição. As Igrejas de França, da Alemanha, de Inglaterra e de Espanha seguiram um meio-termo entre a adoração e a destruição das imagens, as quais admitiram nos seus templos não como objectos de culto, mas como memoriais vivos e úteis de fé e de história. Um livro de controvérsia em tom colérico apareceu redigido e publicado em nome de Carlos Magno; sob a sua autoridade, reuniu-se em Francoforte um sínodo de trezentos bispos que reprovaram a fúria dos iconoclastas, mas pronunciaram uma censura ainda mais severa contra a superstição dos Gregos e os decretos do seu pretenso concílio, que foi durante muito tempo desprezado pelos bárbaros do Ocidente. Entre eles, o culto das imagens só avançou a um ritmo lento e discreto; mas a sua hesitação e as suas demoras foram bem expiadas pela grosseira idolatria dos séculos que precederam a Reforma e pela dos países, tanto na Europa como na América, que continuam mergulhados nas trevas da superstição.

A separação final entre os Papas e o Império do Oriente

Foi após o Sínodo de Niceia e sob o reinado da piedosa Irene que os papas consumaram a separação de Roma e de Itália do Império do Oriente, mediante a transmissão do poder imperial ao menos ortodoxo Carlos Magno. Era preciso optar entre duas nações rivais, e a religião não constituiu o único motivo da sua escolha; enquanto dissimulavam as faltas dos seus amigos, eles só viam com relutância e desconfiança as virtudes católicas dos seus inimigos. A diferença da língua e costumes perpetuara a inimizade entre as duas capitais; e elas tinham-se afastado uma da outra devido à hostil oposição de setenta anos de cisma. Ao longo deste tempo, os Romanos haviam saboreado a liberdade, e os papas o gosto da soberania; a sua submissão tê-los-ia exposto à vingança de um déspota cioso, e a revolução de Itália pusera a nu a impotência, e bem assim a tirania da corte

bizantina. Os imperadores gregos tinham restabelecido as imagens, mas não haviam restituído os domínios da Calábria nem a diocese da Ilíria, arrebatados pelos iconoclastas aos sucessores de São Pedro; e o Papa Adriano ameaçou-os com uma sentença de excomunhão, se porventura não abjurassem imediatamente esta heresia prática. Os Gregos eram então ortodoxos, mas a sua religião podia ser contaminada pelo sopro do monarca reinante; os Francos mostravam-se rebeldes, mas um olhar perspicaz podia discernir a sua iminente passagem do uso ao culto das imagens. O nome de Carlos Magno trazia a mácula do azedume polémico espalhado pelos seus escritores, mas o próprio conquistador se conformava, com a têmpera de um estadista, às diversas ideias da França e da Itália. Nas suas quatro peregrinações ou visitas ao Vaticano, ele fraternizara com os papas numa comunhão de amizade e piedade; ajoelhara-se diante do túmulo, e por consequência diante da imagem do apóstolo; participara sem escrúpulo em todas as rezas e procissões da liturgia romana. A prudência ou a gratidão podiam acaso permitir que os pontífices repudiassem o seu benfeitor? Tinham porventura o direito de alienar a doação do exarcado? E teriam poder para abolir o governo dele em Roma? O título de patrício estava abaixo do mérito e da grandeza de Carlos Magno; e só restaurando o Império do Ocidente eles poderiam cumprir as suas obrigações e garantir a sua posição. Esta medida decisiva iria aniquilar finalmente as pretensões dos Gregos; e ao libertar-se da situação humilhante de cidade de província, Roma recuperaria a majestade; os cristãos latinos reunir-se-iam, sob um chefe supremo, na sua antiga metrópole; e os vencedores do Ocidente receberiam a coroa das mãos dos sucessores de São Pedro. A Igreja romana ganharia um zeloso e imponente defensor; e, à sombra do poder carlovíngio, o bispo de Roma podia doravante exercer, com honra e segurança, o governo da cidade. Ainda antes da ruína do paganismo, a competição pelo rico bispado de Roma originara frequentes distúrbios e derramamento de sangue. O povo era menos numeroso, mas os tempos eram mais selvagens e o prémio mais valioso, sendo a cadeira de São Pedro ferozmente disputada pelos principais eclesiásticos que aspiravam à categoria de soberano. O reinado de Adriano I ultrapassa em extensão o dos seus predecessores e o dos papas que vieram a seguir; as muralhas de Roma, o património da Igreja, a derrota dos Lombardos e a amizade de Carlos Magno, tais foram os troféus da sua glória; edificou secretamente o trono dos seus sucessores e evidenciou, num estreito palco, as virtudes de

um grande príncipe. A sua memória mereceu o respeito geral; mas, na eleição seguinte, um padre da igreja de Latrão, Leão III, foi preferido ao sobrinho e ao favorito de Adriano, aos quais ele revestira das primeiras dignidades eclesiásticas. Estes, sob a máscara da aquiescência e da penitência, dissimularam durante mais de quatro anos os seus negros projectos de vingança, até ao dia de uma procissão em que um bando enraivecido de conspiradores dispersou a multidão desarmada e encheu de pancada e feridas a pessoa sagrada do papa. No entanto, o atentado contra a vida ou a liberdade dele malogrou-se, talvez devido à confusão e ao remorso dos agressores. Leão ficou prostrado como morto no chão, mas, ao acordar do desmaio provocado pela perda de sangue, recuperou a fala e a vista; e a partir deste acontecimento natural inventou-se a história da milagrosa reconstituição dos olhos e da língua, de que haveria sido privado duas vezes pelo punhal dos assassinos. Escapou-se da prisão para o Vaticano; o duque de Espoleto apressou-se a ir em seu auxílio; Carlos Magno indignou-se com esta injúria e aceitou, ou solicitou, no seu acampamento de Paderborn, na Vestefália, uma visita do pontífice romano. Leão voltou a atravessar os Alpes com uma escolta de condes e bispos, guardas da sua segurança e juizes da sua inocência; e só a contragosto é que o vencedor dos Saxões protelou até ao ano seguinte ir ele próprio a Roma cumprir o seu piedoso dever. Na sua quarta e última peregrinação, receberam-no em Roma com as devidas honras de rei e patrício; Leão obteve licença para se ilibar, mediante juramento, dos crimes que lhe eram imputados; os seus inimigos viram-se silenciados, e o sacrílego atentado contra a sua vida foi punido por meio de uma amena e insuficiente pena de exílio. No dia de Natal do último ano do século VIII, Carlos Magno apareceu na Basílica de São Pedro; e a fim de satisfazer a vaidade de Roma, trocara o traje simples do seu país pelo fato de patrício. Após a celebração dos santos mistérios, Leão colocou repentinamente uma preciosa coroa na cabeça dele, e a catedral ressoou com as aclamações do povo, «Longa vida e vitória a Carlos, o mais piedoso Augusto, coroado por Deus como o grande e pacífico imperador dos Romanos!» A cabeça e o corpo de Carlos Magno ficaram consagrados pelo óleo real; segundo o exemplo dos Césares, ele foi saudado ou adorado pelo pontífice; o seu juramento de coroação encerrava a promessa de manter a fé e os privilégios da Igreja; e o primeiro fruto de tal promessa consistiu nas suas ricas oferendas ao sacrário do apóstolo. Em conversas privadas, o imperador declarou ignorar as intenções de Leão; e

que se as conhecesse, o teria desiludido com a sua ausência em dia tão memorável. No entanto, os preparativos da cerimónia deviam ter divulgado o segredo; e a viagem de Carlos Magno revela o seu conhecimento e as suas expectativas; ele confessara que o título imperial constituía o objecto da sua ambição, e um sínodo romano pronunciara que se tratava da única recompensa adequada ao seu mérito e aos seus serviços.

O reinado e o carácter de Carlos Magno

O cognome de Magno tem sido frequentemente concedido, e algumas vezes merecido, mas CARLOS MAGNO é o único príncipe em cujo favor este epíteto se associou insolúvelmente ao nome. Este nome, com o acrescento de *santo*, encontra-se inserido no calendário romano; e o santo, por uma rara felicidade, obteve os elogios dos historiadores e dos filósofos de um século esclarecido. O seu *real* mérito é sem dúvida reforçado pela barbárie da nação e da época de que ele emergiu; no entanto, a *aparente* magnitude de um objecto é igualmente acrescida pela pequenez dos que os rodeiam; e as ruínas de Palmira retiram um esplendor fortuito da nudez do deserto circundante. Sem qualquer injustiça à sua fama, posso assinalar algumas manchas na santidade e na grandeza do restaurador do Império do Ocidente. Entre as suas virtudes morais, a castidade não é a mais brilhante(*); mas a felicidade pública pode não ter sido realmente afectada pelas suas nove mulheres ou concubinas, por vários outros amores menos relevantes ou mais passageiros, pela multidão de bastardos que destinou à ordem eclesiástica e pelo longo celibato e comportamento licencioso das suas filhas(**), que o pai era suspeito de amar com uma paixão demasiado profunda. Dificilmente me será permitido acusar a ambição de um conquistador; mas, num dia de ajuste de contas, os filhos do seu irmão Carlomano, os príncipes merovíngios de Aquitânia e os quatro mil e quinhentos saxões que foram decapitados no mesmo lugar, teriam algo a alegar contra a justiça e a humanidade de Carlos Magno. O tratamento que ele aplicou aos Saxões vencidos constituiu um abuso do direito de vitória; as suas leis não foram menos sanguinárias do que as suas armas, e, no exame dos seus motivos, tudo o que se subtrai à superstição deve ser imputado ao carácter. O leitor sedentário fica admirado com a sua

incessante actividade de espírito e corpo; e os seus súbditos e inimigos não se surpreendiam menos com a sua repentina presença num momento em que o julgavam no extremo oposto do império; nem a paz nem a guerra, nem o Verão nem o Inverno eram tempo de repouso; e a nossa imaginação não é capaz de conciliar facilmente os anais do seu reinado com a geografia das suas expedições. No entanto, esta actividade era uma virtude nacional, e não tanto pessoal: a vida errante de um franco passava-se na caça, em peregrinações e em aventuras militares; e as viagens de Carlos Magno apenas se distinguiam por um séquito mais numeroso e um objectivo mais importante. O seu renome militar deve ser cotejado com o valor das suas tropas, dos seus inimigos e das suas acções. Alexandre fez as conquistas com os soldados de Filipe; mas os dois heróis que antecederam Carlos Magno tinham-lhe legado o seu nome, os seus exemplos e os companheiros das suas vitórias. À cabeça destas velhas tropas superiores em número, ele oprimiu nações selvagens ou degeneradas, que eram incapazes de se unir pela sua segurança comum; e nunca defrontou um exército igual em número, em disciplina ou em armas. A ciência da guerra perdeu-se e ressurgiu com as artes da paz; mas as campanhas dele não são ilustradas por qualquer cerco ou batalha de singular dificuldade e êxito; é possível que contemplasse cheio de inveja os troféus sarracenos do seu avô. Após a expedição espanhola, a sua retaguarda sofreu uma derrota nos Pirenéus; e os soldados, cuja situação era irremediável, e o valor inútil, poderiam acusar, nas vascas da morte, a falta de perícia ou de cautela do seu general. Abordo com reverência as leis de Carlos Magno, tão altamente louvadas por um respeitável juiz. Elas formam não um sistema, mas uma série de edictos ocasionais e minuciosos, destinados à correcção dos abusos, à reforma dos costumes, à economia das suas herdades, ao cuidado das suas aves de capoeira e até mesmo à venda dos seus ovos. Era seu desejo melhorar as leis e o carácter dos Francos, e as suas tentativas, ainda que fracas e imperfeitas, merecem elogios; ele suspendeu ou suavizou por meio do seu governo os males inveterados da época; no entanto, é-me difícil enxergar nas suas instituições a visão geral e o espírito imortal de um legislador que sobrevive a si mesmo para benefício da posteridade. A união e a estabilidade do seu império dependiam da vida de um único homem: ele seguiu o perigoso uso de repartir o reino pelos filhos; e, após as suas inúmeras dietas, deixou toda a Constituição flutuar entre as desordens da anarquia e as do despotismo. A sua estima pela piedade e pelas luzes do

clero levou-o a confiar a esta ordem ambiciosa algum domínio temporal e uma jurisdição civil; e, ao ser despojado e deposto pelos bispos, o seu filho Luís poderia acusar de certa maneira a imprudência do pai. As suas leis fizeram cumprir o pagamento do dízimo, porque os demónios haviam proclamado nos ares que a falta desta contribuição fora a causa da última penúria. Os méritos literários de Carlos Magno são atestados pela fundação de escolas, pela introdução das artes, pelas obras publicadas sob o seu nome e pelas suas relações familiares com os súbditos e estrangeiros que convidava para a sua corte a fim de educarem o príncipe e o povo. Os seus próprios estudos foram tardios, laboriosos e imperfeitos; embora falasse latim e compreendesse grego, aprendera mais na conversa do que nos livros os rudimentos destas duas línguas; e só numa idade já madura é que o imperador se esforçou por adquirir a prática da escrita, que todos os camponeses aprendem actualmente na infância. A gramática e a lógica, a música e a astronomia da época somente eram cultivadas para servir a superstição; no entanto, a curiosidade do espírito humano deve tender ao fim e ao cabo para a aperfeiçoar, e os encorajamentos concedidos ao saber reflectem a glória mais pura e suave que envolve o carácter de Carlos Magno. A dignidade da sua pessoa, o comprimento do seu reinado, a prosperidade das suas armas, o vigor do seu governo e o respeito de nações distantes distinguem-no da multidão dos reis; e a Europa iniciou uma nova era a partir da sua restauração do Império do Ocidente.

Em 962, Otão, rei da Germânia, submeteu a Itália e apoderou-se do Império do Ocidente. A coroa imperial era agora envergada em nome da nação germana.

O Imperador Carlos IV

É no século XIV que podemos observar com maior nitidez o contraste entre o nome e a situação do Império Romano-Germânico, que já não possuía, a não ser nas margens do Reno e do Danúbio, uma única província de Trajano ou de Constantino. Os indignos sucessores destes príncipes eram os condes de Habsburgo, de Nassau, de Luxemburgo e de Schwartzburgo; o imperador Henrique VII obteve a coroa da Boémia

para o seu filho, e o seu neto Carlos IV nasceu no meio de um povo que os próprios Alemães consideravam estrangeiro e bárbaro. Após a excomunhão de Luís da Baviera, ele recebeu a posse ou a promessa do império então vago, oferta dos pontífices romanos que, no exílio e cativo de Avinhão, fingiam dispor dos reinos da Terra. A morte dos seus competidores uniu o colégio eleitoral, e Carlos foi unanimemente saudado como rei dos Romanos e futuro imperador; um título que, nessa época, era prostituído aos Césares da Germânia e aos da Grécia. O imperador da Alemanha passara a ser apenas o magistrado electivo e sem poder de uma aristocracia de príncipes que não lhe haviam deixado uma aldeia de que ele pudesse dizer-se dono. A sua melhor prerrogativa consistia no direito de presidir e apresentar propostas ao Senado da nação, que se reunia por convocação dele; e o seu reino natal da Boémia, menos opulento do que a cidade circunvizinha de Nuremberga, constituía a base mais firme do seu poder e a mais rica fonte dos seus rendimentos. O exército com que ele atravessou os Alpes compunha-se apenas de trezentos cavaleiros. Carlos foi coroado na Catedral de Santo Ambrósio com a coroa de *ferro* que a tradição atribuía à monarquia lombarda, mas só o deixaram entrar com um séquito pouco numeroso; as portas da cidade fecharam-se atrás dele, e o rei de Itália ficou prisioneiro das armas dos Visconti, aos quais confirmou na posse de Milão. No Vaticano, voltou a ser coroado com a coroa de *ouro* do império; no entanto, em obediência a um tratado secreto, o imperador romano retirou-se imediatamente, sem passar uma só noite no interior dos muros de Roma. O eloquente Petrarca, cuja imaginação já revivia as glórias fantásticas do Capitólio, lamenta e censura a fuga ignominiosa do príncipe boêmio; e os próprios contemporâneos observam que o único exercício da sua autoridade se traduziu na lucrativa venda de privilégios e títulos. O ouro de Itália garantiu a eleição do seu filho; no entanto, tal era a vergonhosa pobreza deste imperador romano, que ele se viu interpelado por um carnicheiro nas ruas de Vórmia e retido numa estalagem como penhor ou refém pelo pagamento das suas despesas.

Desta cena humilhante, voltemos o nosso olhar para a aparente majestade do mesmo Carlos nas dietas do império. A bula de ouro, que fixou a Constituição germânica, está redigida no estilo de um soberano e de um legislador. Cem príncipes inclinavam-se diante do trono dele e alteavam a sua própria dignidade por meio das honras voluntárias que concediam ao seu chefe ou ministro. No banquete imperial, os grandes oficiais

hereditários, os sete eleitores, que em categoria e título igualavam os reis, encarregavam-se de todo o serviço solene e doméstico em vigor no palácio. Os selos do triplo reino eram usados com aparato pelos arcebispos de Mogúncia, Colónia e Tréveros, arquichanceleres perpétuos da Alemanha, Itália e Arles. O grão-marechal, montado a cavalo, exercia as suas funções com uma medida de prata cheia de aveia que despejava no chão, e logo a seguir apeava-se para regular a ordem dos convivas. O grande intendente, o conde palatino do Reno, colocava os pratos na mesa. O camareiro-mor, o margrave de Brandenburgo, apresentava depois o repasto, o jarro e a bacia de ouro para as abluções. O rei da Boémia, na qualidade de escanção-mor, era representado pelo irmão do imperador, o duque de Luxemburgo e de Brabante; e a cerimónia era terminada pelos grandes oficiais da caça, que introduziam um javali e um veado com um sonoro coro de trompas e cães. A supremacia do imperador não se limitava à Alemanha: os monarcas hereditários da Europa reconheciam a preeminência do seu cargo e da sua dignidade; ele era o primeiro dos príncipes cristãos, o chefe temporal da grande república do Ocidente; havia muito que o título de majestade correspondia à sua pessoa; e ele disputava ao papa a sublime prerrogativa de nomear reis e reunir concílios. O oráculo da lei civil, o erudito Bártolo, recebia uma pensão de Carlos IV; e a sua escola defendia a doutrina de que o imperador romano era o legítimo soberano da Terra, desde os lugares do nascente aos do poente. A opinião contrária era condenada não como erro, mas como uma heresia, pois o próprio Evangelho ensinava: «E César Augusto publicou um decreto segundo o qual *o mundo inteiro* devia pagar imposto.»

Comparação entre Carlos IV e Augusto

Se, através do tempo e do espaço, aproximarmos Augusto de Carlos, descortinaremos um forte e impressionante contraste entre os dois Césares: o boémio, que dissimulava a sua fraqueza sob a máscara da ostentação, e o romano, que ocultava a sua força sob a aparência da modéstia. À cabeça das legiões vitoriosas, no seu reino por sobre a terra e o mar, desde o Nilo e o Eufrates ao oceano Atlântico, Augusto dizia-se servidor do Estado e igual aos seus concidadãos. O vencedor de Roma e das províncias assumiu as

formas populares e legais de censor, cônsul e tribuno. A sua vontade fazia a lei do mundo; mas para promulgar esta lei, ele servia-se da voz do Senado e do povo; e era da deliberação deles que o seu senhor recebia a renovação da incumbência temporária de administrar a República. No traje, na vida doméstica, nos títulos, em todas as funções da vida social, Augusto conservou as maneiras de um simples cidadão romano; e os seus mais ardilosos lisonjeadores respeitaram o segredo da sua monarquia absoluta e perpétua.

O ADVENTO DO ISLÃO

Capítulo 50

Descrição da Arábia. Carácter e religião dos Árabes. A ascensão de Maomé. Os seus preceitos. A sua fuga de Meca para Medina. A sua declaração de guerra contra os infiéis. Morte de Maomé. A sua personalidade e a sua vida privada. Apreciação da sua influência

Depois de ter seguido durante mais de seiscentos anos os vacilantes Césares de Constantinopla e da Germânia, vou agora remontar ao reinado de Heraclio e deter-me na fronteira oriental da monarquia grega. Enquanto o Estado se esgotava na guerra da Pérsia, e a Igreja era dilacerada pelas seitas nestoriana e monofisita, Maomé, com a espada numa das mãos e o Alcorão na outra, erguia o seu trono sobre as ruínas do cristianismo e as de Roma. O génio do profeta árabe, os costumes da sua nação e o espírito da sua religião contam-se no número das causas do declínio e queda do Império do Oriente; e o nosso olhar prende-se cheio de curiosidade numa

das mais memoráveis revoluções que imprimiram nas nações do globo um novo e duradouro cunho(*).

Situada no espaço desabitado entre a Pérsia, a Síria, o Egipto e a Etiópia, a península da Arábia pode ser definida como um triângulo de dimensões vastas mas irregulares. Vinda da ponta setentrional de Beles, no Eufrates, uma linha de mil e quinhentas milhas termina no estreito de Babelmândebe e na terra do incenso. Cerca de metade deste comprimento é quanto mede a linha do meio, de oriente a ocidente, de Bassorá ao Suez, do golfo Pérsico ao mar Vermelho. Os lados do triângulo alargam-se gradualmente, e a sua base, no sul, apresenta uma frente de mil milhas ao oceano Índico. A superfície inteira da península é quatro vezes superior à da Alemanha ou da França; no entanto, a parte mais extensa foi justamente estigmatizada com os epítetos de *petreia* e *arenosa*. Até as regiões desérticas da Tartária estão ornadas, por obra da Natureza, com árvores imponentes e erva luxuriante; e o viajante solitário encontra uma espécie de conforto e companhia na presença da vida vegetal. Mas nos medonhos ermos da Arábia, uma infinda planície de areia é intersectada por montanhas angulosas e escavadas; e a face do deserto, sem sombra nem abrigo, e abrasada pelos raios directos e intensos de um sol tropical. Em vez de brisas refrescantes, os ventos, em particular os do sudoeste, espalham um vapor nocivo e mesmo letal; os montículos de areia que eles alternadamente formam e dispersam são comparáveis às vagas do oceano, e caravanas inteiras, exércitos inteiros, já se têm perdido e ficado sepultos no turbilhão. Os benefícios tão comuns da água constituem um objecto de cobiça e disputa; e é tal a escassez de madeira, que se torna necessária uma certa arte para preservar e propagar o fogo. A Arábia não possui rios navegáveis que fertilizem o solo e transportem os seus produtos para as regiões vizinhas; as torrentes que escorrem das colinas são absorvidas pela terra sedenta; as plantas raras e robustas, o tamarindo ou a acácia, que enterram as raízes nas fendas das rochas, são alimentadas pelo orvalho da noite; um reduzido provimento de chuva é guardado em cisternas e aquedutos; os poços e nascentes constituem o tesouro secreto do deserto; e, após várias áridas e sufocantes marchas, o peregrino de Meca sente-se desgostado com o sabor das águas que rolaram sobre um leito de enxofre ou de sal. Tal é o aspecto geral e genuíno do clima da Arábia. A experiência da calamidade realça o valor de alguns deleites locais ou parciais. Um bosque frondoso, um prado verde, uma corrente de água fresca bastam para atrair uma colónia de árabes

sedentários aos afortunados lugares susceptíveis de proporcionar alimento e frescura a eles próprios e ao gado, e que os encorajem a cultivar a palmeira e a vinha. As terras altas que ladeiam o oceano Índico distinguem-se por uma maior abundância de madeira e água; o ar é mais temperado, os frutos são mais saborosos, e os animais e os homens vivem aí em maior número; a fertilidade do solo incita e recompensa as fainas do agricultor; e o incenso e o café, bênçãos destes lugares, têm atraído em todas as épocas os mercadores do mundo inteiro. Se a compararmos com o resto da península, esta região afastada merece verdadeiramente a designação de *Arábia Feliz*, e o maravilhoso colorido da fantasia e da ficção tem sido sugerido pelo contraste com as cercanias e sancionado pela distância. Supôs-se que a Natureza reservara a este paraíso terrestre os seus favores mais distintos e as suas obras mais curiosas; as prendas incompatíveis do luxo e da inocência eram atribuídas aos nativos; o solo apresentar-se-ia repleto de ouro e pedras preciosas, e tanto a terra como o mar teriam sido ensinados a escalar o odor de suaves arómatas. Esta divisão da *Arábia Deserta*, da *Arábia Petreia* e da *Arábia Feliz*, tão familiar a Gregos e Latinos, é desconhecida dos próprios Árabes; e é bastante singular que um país cuja língua e habitantes não mudaram poucos vestígios conserve da sua antiga geografia. Os distritos marítimos de *Barém* e *Omã* situam-se em frente da Pérsia. O reino do Iémen corresponde aos limites, ou pelo menos à situação da *Arábia Feliz*; o nome de *Négede* estende-se por todo o interior; e o nascimento de Maomé ilustrou a província de *Hejaz*, junto à costa do mar Vermelho.

A medida da população é regulada pela dos meios de subsistência; e o número de habitantes desta vasta península talvez seja inferior ao dos súbditos de uma fértil e industriosa província. Os *Ictiófagos*, ou comedores de peixe, continuavam a errar ao longo das margens do golfo Pérsico, do oceano e mesmo do mar Vermelho em busca do seu precário alimento. Neste estado primitivo e abjecto, que dificilmente merece a designação de sociedade, o bruto a que se chama homem, sem artes nem leis e quase desprovido de ideias e linguagem, mal se distingue do resto dos animais. Gerações e séculos decorriam num silencioso esquecimento, e o desamparado selvagem era impedido de multiplicar a sua raça por causa das necessidades e perseguições que limitavam a sua existência à estreita margem costeira. Mas numa fase recuada da Antiguidade, o numeroso corpo dos Árabes já emergira deste cenário de miséria; e na medida em que

o deserto não podia alimentar um povo de caçadores, eles passaram subitamente à condição mais segura e desafogada da vida pastoril. Os mesmos hábitos são uniformemente cultivados pelas tribos nômadas do deserto; e no quadro dos modernos *Beduínos* encontramos os traços dos seus antepassados que, na época de Moisés ou na de Maomé, viviam sob tendas semelhantes e conduziam os seus cavalos, camelos e carneiros às mesmas nascentes e aos mesmos pastos. O nosso labor diminui, e a nossa riqueza aumenta, graças ao domínio que exercemos sobre os animais úteis; e o pastor árabe tornou-se senhor absoluto de um amigo fiel e de um escravo laborioso. Na opinião dos naturalistas, a Arábia é o genuíno país de origem do *cavalo*, o clima é o mais propício, não ao tamanho, mas ao ardor e à rapidez deste generoso animal. O mérito dos cavalos berberes, espanhóis e ingleses vem-lhes de uma mistura de sangue árabe; os Beduínos preservam, com cuidados supersticiosos, a recordação das glórias da raça mais pura; os machos são vendidos por alto preço, mas raramente se alienam as fêmeas; e o nascimento de um nobre poldro é visto entre as tribos como motivo de alegria e mútuas felicitações. Estes cavalos são criados em tendas, entre os filhos dos Árabes, numa terna familiaridade que lhes incute hábitos de mansidão e apego. São unicamente adestrados no passo e no galope; as suas sensações não ficam embotadas pelo abuso permanente das esporas e do chicote; a sua força é reservada para os momentos de fuga e de perseguição; mal sentem, contudo, o toque da mão ou do estribo, disparam logo com a ligeireza do vento; e se porventura o seu amigo cai durante a veloz carreira, param imediatamente até ele montar de novo. Nas areias de África e da Arábia, o *camelo* é uma dádiva sagrada e preciosa. Este forte e paciente animal de carga pode fazer um percurso de vários dias sem comer nem beber; e um reservatório de água fresca está sempre preservado numa grande bolsa, tal qual um quinto estômago deste animal cujo corpo apresenta as marcas da servidão: os maiores espécimes são capazes de transportar um peso de trinta arrobas; e o dromedário, de estrutura mais leve e activa, deixa ficar para trás o mais veloz corcel. Em vida e após a morte, quase todas as partes do camelo são úteis ao homem; o leite da fêmea é abundante e nutritivo; nas crias, a carne tenra tem o sabor da vitela; da urina extrai-se um valioso sal; os seus excrementos suprem a falta de combustíveis; e os longos pêlos, que caem e se renovam todos os anos, são grosseiramente trabalhados e aplicados no vestuário, no mobiliário e nas tendas dos Beduínos. Na estação chuvosa, ele alimenta-se

das raras e insuficientes ervas do deserto; durante o calor do Verão e a penúria do Inverno, as tribos mudam os acampamentos para a costa marítima, as montanhas do Iémen ou as vizinhanças do Eufrates, e têm arrostado frequentemente o perigo de visitar as margens do Nilo e as aldeias da Síria e da Palestina. A vida de um árabe errante é uma vida de perigo e miséria; e embora, por vezes, as rapinas ou as trocas lhe proporcionem os frutos da indústria, um simples cidadão europeu goza de um luxo mais sólido e aprazível que o do mais orgulhoso dos emires que avança no deserto à frente de dez mil cavaleiros.

Pode, no entanto, observar-se uma diferença essencial entre as hordas da Cítia e as tribos árabes; de facto, muitas destas últimas aglomeraram-se em burgos e dedicaram-se ao comércio e à agricultura. Uma parte do seu tempo e da sua indústria continuava a ser empregada na criação do gado; eles misturavam-se, quer na guerra quer na paz, com os seus irmãos do deserto; e os Beduínos obtinham nestas últimas relações um certo provimento das suas necessidades e alguns rudimentos de artes e ciências. Entre as quarenta e duas cidades da Arábia enumeradas por Abu al-Fida, as mais antigas e populosas situavam-se na Arábia Feliz: as torres de Saana e o maravilhoso reservatório de Merab eram obra dos reis dos Homéritas; mas o seu brilho profano foi eclipsado pelas glórias proféticas de MEDINA e MECA, situadas perto do mar Vermelho, à distância de duzentas e cinquenta milhas uma da outra. O último destes lugares santos era conhecido pelos Gregos sob o nome de Macoraba; e a terminação da palavra expressa a sua grandeza que, porém, nem sequer no período mais áureo ultrapassou o tamanho e população de Marselha. Algum motivo escondido, talvez resultante da superstição, deve ter levado os fundadores à escolha de uma tão desfavorável posição. Eles ergueram as suas habitações de lama ou de pedra numa planície com cerca de duas milhas de comprimento e uma milha de largura, no sopé de três montanhas estéreis; o solo é uma rocha; a água, mesmo a do poço sagrado de Zemzem, é amarga ou salobra; os pastos ficam afastados da cidade; e as uvas que lá se comem são transportadas, ao longo de mais de setenta milhas, dos jardins de Tayef. A reputação e o valor dos Coraixitas, que reinavam em Meca, eram notáveis entre as tribos árabes; mas o seu solo ingrato recusava-se às fainas da agricultura, e a sua posição era propícia ao comércio. Através do porto de Gidá, a escassa distância de quarenta milhas, eles mantinham uma fácil comunicação com a Abissínia; e este reino cristão proporcionou o primeiro refúgio aos discípulos de

Maomé. Os tesouros de África eram transportados ao longo da península até Gerrha ou Katif, na província de Barém, uma cidade construída, segundo consta, pelos exilados caldeus com sal-gema; e daí, juntamente com as pérolas pescadas no golfo Pérsico, seguiam em jangadas até à foz do Eufrates. Meca situa-se praticamente a igual distância, ou seja, um mês de viagem, do Iémen, à sua direita, e da Síria, à sua esquerda. O Iémen era ponto de paragem das caravanas no Inverno, e a Síria, no Verão; e a sua oportuna chegada dispensava os navios da Índia da monótona e incómoda navegação do mar Vermelho. Nos mercados de Saana e de Merab, nos portos de Omã e de Adém, os camelos dos Coraixitas eram carregados com um precioso abastecimento de aromatas; fornecimentos de trigo e artigos manufacturados podiam ser comprados nas feiras de Bostra e Damasco; estas lucrativas permutas espalhavam abundância e riqueza pelas ruas de Meca; e os mais nobres dos seus filhos conjugavam o amor às armas com a profissão de mercadores.

O carácter dos Árabes

A perpétua independência dos Árabes tem constituído tema de elogio entre estrangeiros e naturais do país; e as artes da controvérsia transformam este singular evento numa profecia e num milagre em favor da posteridade de Ismael. Algumas excepções, que não podemos escamotear nem ignorar, tornam este modo de raciocínio tão precipitado quanto supérfluo; o reino do Iémen foi sucessivamente dominado pelos Abissínios, os Persas, os sultões do Egipto e os Turcos; as cidades santas de Meca e de Medina curvaram-se repetidamente sob o jugo de um tirano cita; e a província romana da Arábia englobava o peculiar deserto, onde Ismael e os seus filhos devem ter erguido as tendas em frente dos irmãos. Estas excepções, contudo, são temporárias ou locais; o corpo da nação escapou à dominação das mais poderosas monarquias; os exércitos de Sesóstris e de Ciro, de Pompeu e de Trajano jamais concluíram a conquista da Arábia; o actual soberano dos Turcos pode exercer um simulacro de jurisdição, mas o seu orgulho está reduzido a solicitar a amizade de um povo que se torna perigoso provocar e infrutífero atacar. É evidente que as causas da liberdade dos Árabes entroncam no seu carácter e na natureza do país. Muitas gerações antes de

Maomé, o seu intrépido valor tinha sido cruelmente sentido pelos vizinhos na guerra ofensiva e defensiva. As virtudes pacientes e activas de um soldado formam-se imperceptivelmente por meio dos hábitos e da disciplina da vida pastoril. O cuidado das ovelhas e dos camelos é deixado às mulheres da tribo; no entanto, a juventude belicosa, sob a bandeira do emir, anda permanentemente a cavalo, de armas em punho, a exercitar-se no arco, no dardo e na cimitarra. A recordação da sua longa independência constitui o mais firme penhor da sua perpetuidade, e gerações sucessivas são incitadas a mostrar-se dignas dos antepassados e a manter o legado deles. As suas querelas internas são interrompidas ante a aproximação de um inimigo comum; e nas últimas hostilidades contra os Turcos, a caravana de Meca foi atacada e pilhada por oitenta mil confederados. Sempre que avançam para o combate, condu-los a esperança da vitória; na retaguarda, afrontam a segurança de uma retirada. Os seus cavalos e camelos, que em oito ou dez dias podem efectuar uma marcha de quatrocentas ou quinhentas milhas, desaparecem aos olhos do conquistador; as águas secretas do deserto escapam a todas as buscas dele; e as tropas vitoriosas são consumidas pela sede, a fome e a fadiga, na perseguição de um inimigo invisível que troça dos seus esforços e repousa em segurança no seio da solidão ardente. As armas e os desertos dos Beduínos não constituem apenas a salvaguarda da sua própria independência, mas também as barreiras da Arábia Feliz, cujos habitantes, longe da guerra, são amolecidos pela exuberância do solo e do clima. As legiões de Augusto soçobraram frente à doença e à fadiga; e só por mar é que se logrou subjugar o Iémen. Quando Maomé arvorou o seu estandarte sagrado, este reino era uma província do Império Persa; no entanto, sete príncipes dos Homéritas continuavam a reinar nas montanhas; e o lugar-tenente de Cósroes deixou-se persuadir a esquecer a sua pátria distante e o seu infeliz senhor. Os historiadores do século de Justiniano dão-nos a conhecer a situação dos árabes independentes, que se tinham dividido, por motivos de interesse ou afinidade, na longa querela do Oriente: a tribo de *Gassan* obteve licença para acampar no território sírio; os príncipes de *Hira* receberam autorização para formar uma cidade cerca de quarenta milhas a sul das ruínas de Babilónia. A sua acção na liça era rápida e vigorosa; mas eles caracterizavam-se por uma amizade venal, uma fé inconstante e uma inimizade caprichosa; tornava-se mais fácil instigar do que desarmar estes bárbaros nómadas; e na familiaridade acarretada pela guerra, eles

aprenderam a conhecer e a desprezar a ostentosa fraqueza tanto de Roma como da Pérsia. Desde Meca ao Eufrates, as tribos árabes eram confundidas pelos Gregos e Latinos sob a designação geral de SARRACENOS, um nome que todos os cristãos foram ensinados a pronunciar com terror e abominação.

Os homens submetidos a uma tirania interna podem exultar inutilmente com a sua independência nacional; mas o árabe é pessoalmente livre; e usufrui, em certa medida, dos benefícios da sociedade sem abdicar dos direitos da Natureza. Em todas as tribos, a superstição, a gratidão ou a fortuna elevaram uma determinada família acima das outras. As dignidades de xeque e emir são invariavelmente transmitidas nesta raça eleita; no entanto, a ordem de sucessão é vaga e precária; e os mais dignos ou idosos dentre os nobres parentes são escolhidos para a função simples, mas importante, de resolver as disputas por meio dos seus conselhos e guiar o valor da nação com o seu exemplo. Até mesmo uma mulher inteligente e corajosa obteve o consentimento para comandar os compatriotas de Zenóbia. A reunião momentânea de várias tribos produz um exército; a sua união mais duradoura constitui uma nação; e o chefe supremo, o emir dos emires, cuja bandeira é desfraldada na dianteira, merece, aos olhos dos estrangeiros, ser tratado pelo nome de rei. Sempre que abusam do poder, os príncipes árabes são rapidamente punidos pela deserção dos súbditos, acostumados a uma jurisdição branda e paterna. Todos possuem um espírito livre, andam por onde querem, o deserto é um espaço aberto à sua frente, e as tribos e as famílias somente se mantêm juntas devido a um contrato recíproco e voluntário. Os naturais do Iémen, mais dóceis, suportaram a pompa e majestade de um monarca; mas se é verdade que ele não podia sair do palácio sem pôr a sua vida em perigo, os poderes activos do governo deveriam estar nas mãos dos nobres e dos magistrados. As cidades de Meca e Medina apresentam, no seio da Ásia, a forma, ou melhor, a substância, de uma república. O avô de Maomé e os seus antepassados em linha directa surgem, nos assuntos externos e internos, como príncipes do seu país; reinaram, contudo, como Péricles em Atenas ou os Médicis em Florença, graças à opinião que se tinha da sua sabedoria e integridade; a sua influência dividiu-se com o seu património; e o ceptro passou dos tios do profeta para um ramo mais novo da tribo dos Coraixitas. Nas ocasiões solenes, eles reuniam a assembleia do povo; e dado que o género humano só pode ser conduzido pela força ou pela persuasão, o uso e a reputação da

arte oratória entre os antigos Árabes é a prova mais evidente da sua liberdade pública. No entanto, a sua simples liberdade era de um teor muito diferente da estrutura delicada e artificial das repúblicas grega e romana, onde cada membro possuía uma parte indivisa dos direitos civis e políticos da comunidade. No estado de sociedade mais simples dos Árabes, a nação é livre porque cada um dos seus filhos desdenha submeter-se vilmente à vontade de um senhor. O seu coração está animado das austeras virtudes da coragem, da paciência e da sobriedade; o amor à independência impele-o a cultivar hábitos de domínio sobre si mesmo; e o medo da desonra afasta-o do temor pusilânime da dor, do perigo e da morte. A gravidade e firmeza do seu espírito é patente no seu comportamento exterior; ele fala com lentidão, o seu discurso tem peso e concisão; raramente se digna rir; o seu único gesto consiste em cofiar a barba, respeitável símbolo da virilidade; e o sentimento da sua própria importância ensina-o a tratar os iguais sem ligeireza, e os superiores sem enleio. A liberdade dos Sarracenos sobreviveu às suas conquistas; os primeiros califas toleraram a linguagem ousada e familiar dos súbditos: eles subiam ao púlpito para convencer e edificar a congregação; e foi apenas quando a sede do império se transferiu para as margens do Tigre que os Abássidas adoptaram o imponente e pomposo cerimonial das cortes persa e bizantina.

No estudo das nações e dos homens, é-nos dado observar as causas que os tornam hostis ou amistosos entre si, e que tendem a estreitar ou alargar, a afrouxar ou a intensificar o carácter social. O isolamento dos árabes do resto da humanidade acostumou-se a confundir as noções de estrangeiro e inimigo; e a pobreza do solo introduziu entre eles uma máxima de jurisprudência em que ainda hoje acreditam e que continuam a praticar. Afirmam que, na divisão da Terra, os climas ricos e férteis foram atribuídos aos outros ramos da família humana; e que a posteridade do proscrito Ismael deve recuperar, pelo artifício ou a força, o quinhão de herança do qual se viu injustamente privado. Segundo uma observação de Plínio, as tribos árabes são igualmente dadas ao roubo e ao comércio: as caravanas que atravessam o deserto são tomadas como reféns ou saqueadas; e desde os tempos remotos de Job e de Sesóstris, os vizinhos têm sido vítimas da sua rapacidade. Sempre que um beduíno avista ao longe um viajante solitário, cavalga furiosamente contra ele, gritando em voz alta: «Despe-te, a tua tia (*a minha mulher*) não tem roupas.» Uma pronta submissão confere o direito à clemência; a resistência irritará o agressor, e o sangue da vítima

deverá expiar o sangue que ela tiver ousado derramar em legítima defesa. Um salteador que actue sozinho ou com poucos cúmplices é apodado de ladrão; mas os feitos de um bando numeroso assumem o carácter de uma guerra legítima e honrosa. A índole de um povo armado desta forma contra a espécie humana agravou-se sem dúvida por causa do consentimento doméstico da rapina, do assassinio e da vingança. Na constituição da Europa, o direito de fazer a paz e a guerra é actualmente apanágio de um pequeno número de dirigentes, e os que o exercem de facto são ainda menos; mas todos os árabes podiam, com impunidade e glória, apontar o seu dardo contra a vida de um compatriota. A união da nação consistia apenas numa vaga semelhança de língua e costumes; e em cada comunidade, a jurisdição do magistrado era muda e impotente. Das épocas de ignorância que precederam Maomé, a tradição conserva a lembrança de mil e setecentas batalhas; as hostilidades acirravam-se devido ao rancor das facções civis; e a narrativa, em prosa ou em verso, de uma velha querela bastava para reacender as mesmas paixões entre os descendentes das tribos hostis. Na vida privada, todos os homens, ou pelo menos todas as famílias, eram juizes e vingadores da sua própria causa. A susceptibilidade da honra, que dá mais realce ao insulto do que ao dano, instila o seu veneno mortal nas disputas dos árabes: a honra das suas mulheres e das suas barbas são facilmente feridas; um gesto indecente, uma palavra desdenhosa, só podem ser expiados pelo sangue do ofensor; e é tão grande a paciência do seu ódio, que são capazes de esperar durante meses e anos pela oportunidade de vingança. Uma multa ou compensação pelo assassinio é algo de familiar aos bárbaros de todas as épocas; mas na Arábia, os parentes do morto são livres de aceitar a indemnização ou de exercer por suas próprias mãos o direito de retaliação. O refinado rancor dos árabes vai ao ponto de recusar a cabeça do assassino, substituindo o culpado por um inocente e transferindo a pena para o melhor e mais considerado da raça donde partiu o insulto. Se ele tombar às mãos dos ofendidos, estes ficam por seu turno expostos ao perigo de represálias; o juro e o capital da dívida de sangue acumulam-se; os indivíduos de ambas as famílias levam uma vida de ciladas e suspeita; e algumas vezes podem decorrer cinquenta anos antes de o saldo da vingança estar finalmente pago. Este espírito sanguinário, que desconhece a piedade e o perdão, tem sido apesar de tudo mitigado pelas máximas da honra, que em todos os recontros privados exige uma certa igualdade curial de idade e de força, de número e de armas. Uma festa anual de dois, ou talvez de

quatro meses, era celebrada pelos Árabes antes da época de Maomé; durante ela, as armas ficavam solenemente embainhadas e todos esqueciam as hostilidades estrangeiras e internas; e esta trégua temporária ainda sublinha melhor os seus hábitos de anarquia e belicosidade.

O espírito de rapina e vingança era, contudo, suavizado pela influência mais amena do comércio e da literatura. A solitária península da Arábia estava rodeada pelas nações mais civilizadas do mundo antigo; o mercador é amigo de todas as nações; e as caravanas anuais traziam as primeiras sementes de conhecimento e de polidez para as cidades, e até mesmo para os acampamentos do deserto. Qualquer que seja a genealogia dos Árabes, a sua língua deriva da mesma fonte que o hebreu, o siríaco e o caldeu; a independência das tribos é assinalada pelos seus dialectos particulares; mas todas elas preferem, depois do seu, o claro e puro idioma de Meca. Na Arábia, tal como na Grécia, a perfeição da língua adiantou-se ao requinte das maneiras; havia oitenta palavras para designar o mel, duzentas para a serpente, quinhentas para o leão, mil para a espada, numa época em que este copioso vocabulário estava confiado à memória de um povo iletrado. Os monumentos dos Homéritas têm inscritos uns caracteres misteriosos e fora de uso; mas as letras cúficas, base do alfabeto actual, foram inventadas nas margens do Eufrates, e pouco depois ensinadas em Meca por um estrangeiro que se instalou nesta cidade após o nascimento de Maomé. As artes da gramática, da métrica e da retórica eram alheias à eloquência natural dos Árabes; eles possuíam, no entanto, uma enorme agudeza de espírito, uma fantasia exuberante, um estro enérgico e sentencioso; e as suas elaboradas composições, pronunciadas com força e efeito, impressionavam o auditório. O génio e o mérito de um poeta nascente eram celebrados pelos aplausos da sua própria tribo e das aliadas. Preparava-se um banquete solene, e um coro de mulheres, tocando timbales e ostentando os enfeites do dia das suas núpcias, cantavam na presença dos filhos e dos maridos a felicidade da sua tribo natal — a alegria de ter surgido um campeão que iria defender os seus direitos, um arauto que ergueria a voz para imortalizar o seu renome. As tribos mais distantes ou hostis afluíam a uma feira anual, que foi abolida pelo fanatismo dos primeiros muçulmanos; era uma assembleia da nação que decerto contribuiu para civilizar e conciliar os bárbaros. Passavam-se trinta dias num intercâmbio não só de trigo e vinho, mas também de eloquência e poesia. O prémio era disputado pela generosa emulação dos bardos; a obra vitoriosa ficava guardada nos arquivos dos

príncipes e dos emires; e podemos ler em inglês os sete poemas originais que foram gravados em letras douradas e pendurados no templo de Meca. Os poetas árabes eram os historiadores e os moralistas da sua época; e quando partilhavam dos preconceitos dos seus compatriotas, inspiravam e coroavam as virtudes deles. A indissolúvel aliança da generosidade e do valor era o tema predilecto do seu canto; e quando dirigiam as suas sátiras mordazes contra uma tribo desprezível, afirmavam, com amarga reprovação, que nem os homens sabiam dar nem as mulheres recusar. A mesma hospitalidade que era praticada por Abraão e celebrada por Homero, encontramos-la nos acampamentos dos Árabes. Os ferozes Beduínos, o terror do deserto, acolhem sem perguntas nem hesitação o estrangeiro que se atreve a confiar na sua honra e a penetrar nas suas tendas. Reservam-lhe um tratamento amável e respeitoso; ele partilha da riqueza ou da pobreza do seu anfitrião; e, após um repouso reparador, indicam-lhe o caminho com acções de graças, bênçãos, e talvez presentes. O coração e a mão dos Árabes ainda se abrem mais ante as necessidades dos seus irmãos e amigos; mas, entre eles, os actos heróicos merecedores de louvor público devem ter ultrapassado os limites estreitos da prudência e do uso comum. Surgira uma disputa sobre qual dos cidadãos de Meca tinha direito a intitular-se o mais generoso e pôs-se sucessivamente à prova três deles, que eram julgados os mais dignos de escolha. Abdalá, filho de Abbas, partiu para uma viagem a terras distantes, e já tinha o pé no estribo, quando escutou a voz de um suplicante: «Filho do tio do apóstolo de Deus, sou um viajante e estou em apuros!» Ele desmontou de imediato e ofereceu ao peregrino o seu camelo com os ricos jaezes e uma bolsa de quatro mil moedas de ouro, conservando apenas a espada, talvez pelo seu valor intrínseco, ou por ter sido prenda de um honrado parente. O servidor de Kais informou o segundo suplicante de que o seu amo estava a dormir; mas acrescentou logo a seguir: «Aqui tendes uma bolsa com sete mil moedas de ouro (é tudo o que temos em casa) e aqui tendes também uma ordem que vos dá direito a um camelo e a um escravo»; e o amo, ao acordar, elogiou e deu a carta de alforria ao seu fiel intendente, com a leve censura de que, ao respeitar o seu sono, limitara a sua liberalidade. O terceiro dos heróis, o cego Arabá, à hora da oração, caminhava apoiado nos ombros de dois escravos. «Infelizmente, os meus cofres estão vazios!», exclamou ele. «Mas podeis vender estes dois escravos; e mesmo que os recuseis, já não os quero.» E, com estas palavras, afastou de si os dois jovens, tacteando ao longo do muro com o seu bordão.

O carácter de Hatem é o modelo perfeito das virtudes árabes; era bravo e liberal, poeta eloquente e salteador afortunado; quarenta camelos eram assados nos seus festins hospitaleiros; e à simples súplica de um inimigo, ele devolvia os cativos e o despojo. A independência dos seus compatriotas desprezava as leis da justiça; eles entregavam-se orgulhosamente ao impulso espontâneo da piedade e da benevolência.

A religião dos Árabes

A religião dos Árabes, bem como a dos Indianos, consistia na adoração do Sol, da Lua e das estrelas; um modo primitivo e enganoso de superstição. Estes astros brilhantes parecem manifestar a imagem visível da Divindade: o seu número e a sua distância comunicam a um olhar filosófico, ou mesmo vulgar, a ideia de espaço ilimitado; um cunho de eternidade está inscrito nestes globos sólidos, que se afiguram insusceptíveis de corrupção ou perecimento; a regularidade do seu curso pode ser atribuída a um princípio de razão ou instinto; e a sua influência real ou imaginária encoraja a crença vã de que a Terra e os respectivos habitantes são objecto do seu especial cuidado. A ciência da astronomia era cultivada na Babilónia; mas a escola dos Árabes não passava de um firmamento claro e de uma planície aberta. Nas suas marchas nocturnas, eles guiavam-se pelas estrelas; os nomes, a ordem e a posição diária delas eram familiares à curiosidade e à devoção dos Beduínos; e a experiência ensinara-os a dividir em vinte e oito partes o zodíaco da Lua, e a abençoar as constelações que refrescavam a sede do deserto com chuvas benfazejas. O império destes orbes celestes não podia estender-se para lá da esfera visível; e, assim, tornavam-se necessários alguns poderes metafísicos para presidir à transmigração das almas e à ressurreição dos corpos: deixava-se morrer um camelo sobre o túmulo de um árabe, a fim de que ele pudesse servir o dono na outra vida; e a invocação das almas após a morte implica que ainda se lhes atribuíra consciência e poder. Ignoro, e tal não me preocupa, a cega mitologia destes bárbaros; as divindades locais, que eles situavam nas estrelas, no ar e na terra, os seus sexos ou os seus títulos, e os seus atributos hierárquicos. Cada tribo, cada família, cada guerreiro independente criava e mudava os ritos e o objecto do seu culto fantástico;

mas a nação adoptou, em todas as épocas, a religião e a língua de Meca. A genuína antiguidade da CAABA remonta além da era cristã; ao descrever a costa do mar Vermelho, o historiador grego Diodoro assinala, entre os Tamuditas e os Sabeus, um templo famoso, cuja suprema santidade era venerada por todos os Árabes; o véu de linho ou de seda que lhe é anualmente enviado pelo imperador turco foi inicialmente oferecido por um piedoso rei dos Homéritas, que reinou setecentos anos antes de Maomé. Uma tenda ou uma caverna puderam bastar ao culto dos selvagens; mas ergueu-se em seguida um edifício de argila e pedra; e a arte e o poder dos monarcas do Oriente cingiram-se sempre à simplicidade do modelo original. Um espaçoso pórtico encerra o cubo da Caaba — uma capela quadrada com vinte e quatro côvados de comprimento, vinte e três de largura e vinte e sete de altura; a luz penetra através de uma porta e de uma janela; o telhado duplo é sustentado por três pilares de madeira; uma goteira (presentemente de ouro) faz escoar a água das chuvas, e uma cúpula protege o poço de Zemzem de ocasionais conspurcações. A tribo dos Coraixitas adquirira, por ardil ou pela força, a custódia da Caaba; as funções sacerdotais couberam, ao cabo de quatro gerações, ao avô de Maomé; e a família dos Haxemitas, de que ele descendia, era a mais respeitável e sagrada aos olhos do país. O recinto de Meca desfrutava do direito de santuário; e no último mês de cada ano, a cidade e o templo enchiam-se de uma longa procissão de peregrinos, que traziam os seus votos e oferendas à casa de Deus. Os mesmos rituais que hoje cumpre o fiel muçulmano foram inventados e praticados pela superstição dos idólatras. Eles despojavam-se das suas vestes a uma distância respeitosa; davam sete voltas em passo rápido à Caaba, e sete vezes beijavam a pedra negra; visitavam e adoravam sete vezes as montanhas vizinhas, e sete vezes atiravam pedras para o vale de Mina; e a peregrinação terminava, tal como agora, com um sacrifício de camelos e ovelhas, cuja lã e unhas se enterravam no chão sagrado. Cada tribo encontrava ou introduzia na Caaba os objectos do seu culto particular; o templo estava adornado, ou profanado, com trezentos e sessenta ídolos que representavam homens, águias, leões e gazelas; e a mais notável era a estátua de Hebal, de ágata vermelha, empunhando sete setas sem ponta nem penas, instrumentos e símbolos de uma adivinhação profana. Esta estátua era, contudo, um monumento da arte síria: a devoção dos tempos mais rudes contentara-se com uma coluna ou uma tabuinha; e as rochas do deserto foram talhadas em forma de deuses ou de altares, à imitação da

pedra negra de Meca, sobre a qual pesa a forte suspeita de ter sido inicialmente alvo de um culto idólatra. Desde o Japão ao Peru, o uso do sacrifício prevaleceu universalmente; e o devoto expressava a sua gratidão ou o seu temor destruindo ou consumindo, em honra dos deuses, os mais estimados e preciosos dons do céu. A vida de um homem constitui a oferta mais valiosa para esconjurar uma calamidade pública: os altares da Fenícia e do Egito, de Roma e de Cartago eram maculados por sangue humano; esta cruel prática manteve-se durante muito tempo entre os Árabes; no século III, um rapaz devia ser sacrificado anualmente pela tribo dos Dumacianos; e um rei cativo foi piedosamente degolado pelo príncipe dos Sarracenos, aliado e soldado ao serviço do imperador Justiniano. Um pai que arrasta o filho para o altar dá provas do mais doloroso e sublime gesto de fanatismo: o acto ou a intenção deste devotamento eram santificados pelo exemplo de santos e heróis; o próprio pai de Maomé foi consagrado à morte por um voto precipitado, e a muito custo resgatado pelo preço de cem camelos. Nesta época de ignorância, os Árabes, tal como os Judeus e os Egípcios, abstinham-se da carne de porco; circuncidavam(*) os filhos quando estes atingiam a puberdade; estes mesmos costumes foram silenciosamente transmitidos à posteridade e aos prosélitos, sem terem sido censurados ou preceituados pelo Alcorão. Conjecturou-se, perspicazmente, que o hábil legislador se conformara aos obstinados preconceitos dos seus compatriotas. É mais simples acreditar que ele seguiu os hábitos e as opiniões da sua juventude, sem prever que uma prática adequada ao clima de Meca poderia tornar-se inútil ou inconveniente nas margens do Danúbio ou do Volga.

A Arábia era livre: os reinos vizinhos estavam abalados pelas turbulências da conquista e da tirania, e as seitas perseguidas refugiaram-se nesta terra afortunada onde podiam professar as suas opiniões e praticar o que professavam. As religiões dos sabeus e dos magos, dos judeus e dos cristãos, propagaram-se do golfo Pérsico ao mar Vermelho. Num período remoto da Antiguidade, o sabeísmo fora divulgado na Ásia pela ciência dos Caldeus e as armas dos Assírios. Os sacerdotes e os astrónomos da Babilónia deduziram as leis eternas da Natureza e da providência a partir de observações de dois mil anos. Adoravam os sete deuses ou anjos que dirigiam o curso dos sete planetas e difundiam a sua irresistível influência sobre a Terra. Os atributos dos sete planetas, os doze signos do zodíaco e as vinte e quatro constelações dos hemisférios norte e sul achavam-se

representados por imagens e talismãs; os sete dias da semana eram dedicados às suas respectivas divindades; os sabeus oravam três vezes por dia; e o templo da Lua, em Haran, constituía o termo da sua peregrinação. Contudo, a natureza flexível da sua fé estava sempre disponível a ensinar ou a aprender novas ideias; concordavam com os seus cativos judeus acerca da criação do mundo, do dilúvio e dos patriarcas; invocavam os livros secretos de Adão, de Seth e de Enoch; e um leve tempero do Evangelho transformou este remanescente de politeístas nos cristãos de São João que encontramos no território de Bassorá. Os altares da Babilónia foram derrubados pelos magos; mas a espada de Alexandre vingou as ofensas dos Sabeus; a Pérsia gemeu durante mais de quinhentos anos sob um jugo estrangeiro; e os mais puros discípulos de Zoroastro escaparam ao contágio da idolatria, e respiraram o ar livre do deserto com os seus adversários. Setecentos anos antes da morte de Maomé, os Judeus já estavam instalados na Arábia; e um número muito maior foi expulso da Terra Santa pelas guerras de Tito e de Adriano. Estes industriais exilados aspiravam à liberdade e ao poder; ergueram sinagogas nas cidades e castelos no deserto, e os gentios por eles convertidos confundiram-se com os filhos de Israel, aos quais se assemelhavam devido ao sinal exterior da circuncisão. Os missionários cristãos foram ainda mais activos e bem-sucedidos; os católicos defenderam as suas pretensões ao reino universal; as seitas que eles oprimiam retiraram-se umas após outras para lá dos limites do Império Romano; os marcionitas e os maniqueus espalharam as suas opiniões *fantásticas* e os seus evangelhos apócrifos; as igrejas do Iémen e os príncipes de Hira e de Gassan foram instruídos num credo mais puro pelos bispos jacobitas e nestorianos. Deixava-se a liberdade de escolha às tribos: cada árabe era livre de escolher ou de compor a sua própria religião; e a rude superstição da sua casa misturava-se com a sublime teologia dos santos e dos filósofos. Eles deviam ao acordo geral dos povos esclarecidos um artigo fundamental da fé: a existência de um Deus supremo, que está acima de todas as potências da terra e do céu, mas que se revelou frequentemente aos homens através do ministério dos seus anjos e profetas, e cuja graça ou justiça interrompeu por meio de oportunos milagres a ordem da Natureza. Os mais racionais dos árabes admitiam o seu poder, embora negligenciassem adorá-lo; e era mais por hábito do que por convicção que continuavam apegados aos restos da idolatria. Os Judeus e os cristãos eram o povo do *Livro*: a Bíblia já estava traduzida para a língua árabe, e o volume do Velho

Testamento era aceite por anuência destes implacáveis inimigos. Na história dos patriarcas hebreus, os árabes descobriam com agrado os pais da sua nação. Aplaudiam o nascimento de Ismael e as promessas por ele recebidas; reverenciavam a fé e a virtude de Abraão; faziam remontar a genealogia dele e a sua própria à criação do primeiro homem, e perfilharam com igual credulidade os prodígios do texto sagrado e os sonhos e as tradições dos rabis judeus.

A ascensão de Maomé

A origem baixa e plebeia de Maomé é uma desajeitada calúnia dos cristãos, que elevam assim, em vez de diminuir, o mérito do adversário. A sua descendência de Ismael era um privilégio ou uma fábula nacional; mas se os primeiros elos da sua genealogia são obscuros e duvidosos, ele podia ainda assim apresentar muitas gerações de uma pura e genuína nobreza; provinha da tribo dos Coraixitas e da família dos Haxemitas, os mais ilustres dentre os Árabes, príncipes de Meca e guardiões hereditários da Caaba. O avô de Maomé era Abdal Muttalib, filho de Hóxime, um abastado e generoso cidadão que, num tempo de fome, acudira aos seus compatriotas com os produtos do seu comércio. Meca, que havia sido alimentada pela liberalidade do pai, foi salva pela coragem do filho. O reino do Iémen estava sujeito aos príncipes cristãos da Abissínia; um vassalo deles, Abrahah, recebeu um insulto e quis vingar a honra da cruz; e a cidade santa viu-se investida por uma tropa de elefantes e um exército de africanos. Propôs-se um acordo, e, na primeira audiência, o avô de Maomé exigiu a restituição do seu gado. «E por que razão», perguntou Abrahah, «não implorais antes a minha clemência em favor do vosso templo, que eu ameacei destruir?» «Porque», respondeu o intrépido chefe, «o gado é meu; mas a Caaba pertence aos deuses, e eles defenderão a sua casa da injúria e do sacrilégio.» A falta de provisões ou a coragem dos Coraixitas forçou os Abissínios a uma vergonhosa retirada: a sua debandada foi embelezada com a narrativa de um milagroso voo de aves que fizeram chover pedras sobre a cabeça dos infiéis; e esta libertação comemorou-se durante muito tempo sob o nome de era do elefante. A glória de Abdal Muttalib acabou coroada pela felicidade doméstica; viveu até aos cento e dez anos e engendrou seis filhas

e treze filhos. O preferido, Abdalá, era o mais belo e modesto dos jovens árabes; e consta que, na primeira noite do seu casamento com Amina, da nobre raça dos Zaritas, duzentas virgens morreram de ciúme e desespero. Maomé, ou mais propriamente Mohammed, o único filho de Abdalá e Amina, nasceu em Meca, quatro anos depois da morte de Justiniano, e dois meses após a derrota dos Abissínios, cuja vitória teria introduzido na Caaba a religião dos cristãos. Ainda criança, perdeu o pai, a mãe e o avô; os tios eram considerados e numerosos; e, na divisão da herança, o quinhão do órfão ficou reduzido a cinco camelos e a uma serva etíope. Em casa e no exterior, na paz e na guerra, Abu Talib, o mais respeitável dos seus tios, foi o guia e guardião da sua juventude; aos vinte e cinco anos, Maomé entrou ao serviço de Cadija, uma rica e nobre viúva de Meca, que em breve recompensou a sua fidelidade dando-lhe a mão e a fortuna. O contrato de casamento, no estilo simples da Antiguidade, descreve o amor recíproco de Maomé e de Cadija; aponta-o como o homem mais perfeito da tribo dos Coraixitas; e estipula arras de doze onças de ouro e vinte camelos, que foram fornecidos pela liberalidade do tio. Graças a esta aliança, o filho de Abdalá recobrou a posição dos antepassados; e a judiciosa matrona contentou-se com as suas virtudes domésticas, até que, aos quarenta anos de idade, ele assumiu o título de profeta e proclamou a religião do Alcorão.

Segundo o testemunho dos companheiros, Maomé distinguia-se pela sua beleza pessoal, uma vantagem exterior que raras vezes é desprezada, a não ser por aqueles a quem foi recusada. Antes mesmo de falar, o orador captava a simpatia de uma audiência pública ou privada. Todos lhe aplaudiam a presença imponente, o porte majestoso, o olhar penetrante, o sorriso gracioso, a barba solta, o semblante que reflectia todas as emoções da alma, e os gestos que davam força a cada uma das suas palavras. Na familiaridade da vida privada, seguiu escrupulosamente a polidez grave e cerimoniosa do país; a sua respeitosa consideração pelos ricos e poderosos era dignificada pela condescendência e afabilidade com que tratava os cidadãos mais pobres de Meca; as suas maneiras francas escondiam o artifício dos seus pontos de vista; e os hábitos de cortesia tomavam a aparência da amizade pessoal ou de uma benevolência geral. Tinha uma memória vasta e segura; um espírito fácil e convivente; uma imaginação prodigiosa; um juízo claro, rápido e decisivo. Era dotado de coragem de pensamento e de acção; e, embora os seus desígnios tenham crescido gradualmente com o êxito, a primeira ideia que ele concebeu sobre a sua

missão divina traz a marca de um génio original e superior. O filho de Abdalá, educado no seio da mais nobre família do país, aprendeu aí o uso do mais puro dialecto da Arábia; e a fluência do seu discurso era contida e valorizada pelo recurso a um discreto e oportuno silêncio. Apesar de possuir estes dons de eloquência, Maomé era um bárbaro iletrado; na juventude, ninguém lhe ensinara as artes da leitura e da escrita; a ignorância geral punha-o ao abrigo da vergonha ou da censura, mas estava reduzido a um círculo estreito de existência e privado desses fiéis espelhos que reflectem na nossa mente os pensamentos dos sábios e dos heróis. O livro da Natureza e do homem achava-se, contudo, aberto perante o seu olhar; apesar de tudo, é à imaginação dos seus biógrafos que se devem atribuir as observações políticas e filosóficas que eles lhe põem na boca durante as suas viagens. Compara as nações e as religiões da Terra; descobre a fraqueza das monarquias persa e romana; observa, desgostoso e indignado, a degenerescência dos tempos; e decide unir sob um só Deus e um só rei o valor invencível e as antigas virtudes dos Árabes. As nossas mais apuradas investigações sugerem que, longe de visitar as cortes, os exércitos e os templos do Oriente, Maomé apenas viu as feiras de Bostra e Damasco nas duas viagens que realizou à Síria; que ele tinha somente treze anos quando acompanhou a caravana do tio; e que o seu dever o obrigou a regressar assim que vendeu as mercadorias de Cadija. Nestas excursões apressadas e superficiais, o olhar do génio pôde discernir alguns objectos invisíveis aos seus mais rudes companheiros; algumas sementes de conhecimento foram assim lançadas num solo fértil; no entanto, a sua ignorância da língua siríaca deve ter-lhe reprimido a curiosidade; e não me é dado notar na vida ou nos escritos de Maomé que as suas concepções se tenham estendido além dos limites do mundo árabe. Vindos de todas as regiões desta parte do globo tão isolada, os peregrinos de Meca obedeciam anualmente aos apelos da devoção e do comércio; no livre contacto das multidões, qualquer cidadão vulgar podia estudar, na sua própria língua, o estado político e o carácter das tribos, a teoria e prática dos Judeus e dos cristãos. Alguns estrangeiros úteis podem ter sido tentados ou forçados a implorar o direito de hospitalidade; e os inimigos de Maomé citaram um judeu, um persa e um monge sírio a quem acusam de ter prestado uma ajuda secreta à composição do Alcorão. O diálogo enriquece o intellecto, mas a solidão é a escola do génio; e a uniformidade de uma obra manifesta a mão de um só artista. Desde a sua primeira juventude, Maomé entregara-se à contemplação

religiosa; todos os anos, durante o mês do Ramadão, ele retirava-se do mundo e dos braços de Cadija: na gruta da Hera, a três milhas de Meca, consultava o espírito de fraude ou o de fanatismo, cuja morada não se situa no céu, mas na mente do profeta. A fé que, sob o nome de *Islão*, ele pregava à sua família e à sua nação compõe-se de uma verdade eterna e de uma evidente ficção: SÓ HÁ UM DEUS; E MAOMÉ É O APÓSTOLO DE DEUS.

Os apologistas judeus orgulham-se de que, enquanto as nações ilustradas da Antiguidade se iludiam com as fábulas do politeísmo, os seus simples antepassados da Palestina preservavam o conhecimento e o culto do verdadeiro Deus. Os atributos morais de Jeová não podem conciliar-se facilmente com a regra das virtudes *humanas*; as suas qualidades metafísicas são enunciadas de uma forma obscura; no entanto, cada página do Pentateuco e dos Profetas é uma prova do seu poder; a unidade do seu nome encontra-se inscrita na primeira tábuca da Lei; e o seu santuário jamais se achou maculado por qualquer imagem visível da invisível essência. Após a destruição do templo de Jerusalém, a fé dos hebreus exilados foi purificada, fixada e esclarecida pela devoção espiritual da sinagoga; e a autoridade de Maomé não basta para justificar a sua constante censura aos judeus de Meca ou Medina por adorarem Ezra como filho de Deus. As gentes de Israel, contudo, já não formavam um povo; e todas as religiões do mundo pecavam, pelo menos aos olhos deste profeta, por darem filhos, filhas ou colegas ao Deus supremo. Na rude idolatria dos Árabes, semelhante culpa é patente e ousada: os sabeus têm a frágil justificação da preeminência do primeiro planeta, ou inteligência, na sua hierarquia celeste; e no sistema dos magos, o conflito dos dois princípios denuncia a imperfeição do vencedor. Os cristãos do século VII haviam caído gradualmente numa espécie de paganismo; os seus votos públicos e privados dirigiam-se às relíquias e às imagens que desonravam os templos do Oriente; o trono do Todo-Poderoso era obscurecido por uma multidão de mártires, santos e anjos, objectos de veneração popular; e os hereges coliridianos, que floresciam no solo fértil da Arábia, concediam à Virgem Maria o nome e as honras de uma deusa. Os mistérios da Trindade e da Encarnação *parecem* contradizer o princípio da unidade divina. Eles apresentam, no seu sentido mais óbvio, três divindades iguais, e transformam o homem Jesus na substância do Filho de Deus; o comentário do ortodoxo não satisfará senão um espírito crente; uma curiosidade e um zelo imoderados haviam rasgado o véu do santuário; e cada uma das seitas

orientais se apressava a admitir que todas as outras mereciam a censura de idolatria e politeísmo. O credo de Maomé está isento de suspeita ou ambiguidade nesta matéria; e o Alcorão constitui um testemunho glorioso da unidade de Deus. O profeta de Meca rejeitou o culto dos ídolos e dos homens, das estrelas e dos planetas, com base no princípio racional de que tudo o que se ergue tem de se pôr, tudo o que nasce tem de morrer, e tudo o que é corruptível tem de apodrecer e perecer. O seu entusiasmo racional reconhecia e adorava no Criador do Universo um ser infinito e eterno, sem forma nem lugar, sem origem nem semelhança, que assiste aos nossos mais íntimos pensamentos, existindo pela necessidade da sua própria natureza e tirando de si próprio toda a perfeição moral e intelectual. Estas verdades sublimes, assim anunciadas na linguagem do profeta, são firmemente seguidas pelos seus discípulos, e explicadas com precisão metafísica pelos intérpretes do Alcorão. Um filósofo teísta poderia subscrever o credo popular dos maometanos; um credo talvez demasiado sublime para as nossas presentes faculdades. Que objecto resta à imaginação, ou mesmo à inteligência, depois de separarmos de uma substância desconhecida todas as noções de tempo e espaço, de movimento e matéria, de sensação e reflexão? Este primeiro princípio da unidade de Deus ensinado pela razão e a revelação foi confirmado pela voz de Maomé: os seus prosélitos, da Índia a Marrocos, distinguem-se pelo nome de *unitários*, e o perigo de idolatria ficou arredado graças à proibição das imagens. A doutrina dos decretos eternos e da predestinação absoluta é rigorosamente abraçada pelos maometanos; e eles debatem-se com a dificuldade comum de conciliar a presciência de Deus com a liberdade e a responsabilidade do homem; ou a de explicar a existência do mal num mundo governado por uma potência e uma bondade infinitas.

O Deus da Natureza pôs a prova da sua existência em todas as suas obras, e gravou a sua lei no coração do homem. O verdadeiro ou pretenso objectivo dos profetas de todos os tempos consistiu em restabelecer o conhecimento do Ente Supremo e a prática da moral: a liberalidade de Maomé concedia aos seus antecessores o mesmo crédito que reivindicava para si próprio; e esta cadeia de inspiração prolongava-se desde a queda de Adão à promulgação do Alcorão. Durante este período, alguns raios de luz profética haviam sido transmitidos a cento e vinte e quatro mil eleitos, distinguidos pelos seus respectivos graus de virtude e graça; trezentos e treze apóstolos foram incumbidos da especial missão de arrancar os seus

países à idolatria e ao vício; cento e quatro volumes haviam sido ditados pelo Espírito Santo; e seis legisladores de um brilho transcendente anunciaram à humanidade as seis sucessivas revelações de diversos ritos, mas de uma imutável religião. A autoridade e a posição de Adão, Noé, Abraão, Moisés, Cristo e Maomé elevam-se numa justa gradação, sendo cada um deles superior ao precedente; mas quem quer que odeie ou rejeite algum dos profetas é considerado infiel. Os escritos dos patriarcas só existiam nas cópias apócrifas dos Gregos e dos Sírios; o comportamento de Adão não lhe dera direito à gratidão dos seus filhos; os sete preceitos de Noé eram seguidos por uma classe inferior e imperfeita dos prosélitos da sinagoga; e a memória de Abraão era obscuramente venerada pelos sabeus na Caldeia, terra natal deste patriarca; Moisés e Cristo eram os únicos que ainda viviam e reinavam, dentre todas as miríades de profetas; e o que restava dos escritos inspirados estava englobado nos livros do Velho e do Novo Testamento. A história milagrosa de Moisés é consagrada e embelezada pelo Alcorão; e os Judeus podem vingar-se secretamente do seu cativo pelo prazer de verem imposta a sua própria crença às nações cujos actuais credos eles metem a ridículo. O profeta ensina os maometanos a testemunhar um elevado e misterioso respeito pelo autor do cristianismo. «Na verdade, Jesus Cristo, filho de Maria, é o apóstolo de Deus; é a sua palavra enviada no seio de Maria; é um Espírito dele procedente; é digno de honras neste mundo e no outro; é um dos que se aproximam mais da face de Deus.» As maravilhas dos Evangelhos verdadeiros e apócrifos acumulam-se sobre a sua cabeça; e a Igreja latina não desdenhou ir buscar ao Alcorão a Imaculada Conceição(*) da Virgem Maria. No entanto, Jesus era um simples mortal; e no dia do Juízo, o seu testemunho servirá para condenar tanto os Judeus, que o rejeitam como profeta, como os cristãos, que o adoram como o Filho de Deus. A malícia dos seus inimigos manchou a sua reputação e conspirou contra a sua vida; mas só a intenção deles se tornou culpada; um fantasma ou um criminoso substituiu-o na cruz, e o santo inocente subiu ao sétimo céu. Durante seiscentos anos, o Evangelho constituiu o caminho da verdade e da salvação; no entanto, os cristãos esqueceram-se a pouco e pouco tanto das leis como do exemplo do seu fundador; e Maomé aprendeu com os gnósticos a acusar a Igreja, e também a Sinagoga, de corromperem a integridade do texto sagrado. A piedade de Moisés e de Cristo regozijam-se com a certeza da vinda de um futuro profeta, mais ilustre do que eles: a promessa evangélica do *Paracleto* ou

Espírito Santo prefigurou-se no nome e consumou-se na pessoa de Maomé, o maior e o último dos apóstolos de Deus. A comunicação das ideias exige uma semelhança de pensamento e linguagem: o discurso de um filósofo não produziria qualquer efeito no ouvido de um camponês; no entanto, como é pequena a distância que separa o entendimento de ambos, se comparada com o contacto entre uma inteligência infinita e uma outra finita, a palavra de Deus expressa pela língua ou a pena de um mortal! A inspiração dos profetas hebreus, dos apóstolos e dos evangelistas de Cristo pode não ser incompatível com o exercício da sua razão e da sua memória; e a diversidade do seu génio ficou bem assinalada no estilo e na composição dos livros do Velho e do Novo Testamento. Maomé satisfez-se, todavia, com o papel mais humilde, e no entanto mais sublime, de um simples editor; a substância do Alcorão, segundo ele próprio e os seus discípulos, é incriada e eterna; ela subsiste na essência da Divindade, e ficou inscrita com uma pena de luz na tábua dos seus eternos decretos. Uma cópia em papel, num volume ornado de seda e pedrarias, foi-lhe trazida ao céu inferior pelo anjo Gabriel, que, na religião judaica, havia sido realmente encarregado das mais importantes missões; e este mensageiro de confiança revelou sucessivamente os capítulos e os versículos ao profeta árabe. Em lugar de apresentar de uma só vez o modelo perpétuo e perfeito da vontade divina, Maomé publicou os fragmentos do Alcorão a seu bel-prazer; cada uma das revelações se adequa às necessidades da sua política ou das suas paixões; e todas as contradições são afastadas pela máxima salvadora de que cada um dos textos da Escritura é ab-rogado ou modificado por qualquer trecho subsequente. As palavras de Deus e as do apóstolo foram diligentemente inscritas pelos discípulos em folhas de palmeira e em omoplatas de carneiro; e estas páginas, sem qualquer ordem ou ligação, eram metidas numa arca confiada à guarda de uma das mulheres dele. Dois anos após a morte de Maomé, o volume sagrado foi coligido e publicado pelo seu amigo e sucessor Abu Becre; e em seguida revisto pelo califa Otomão no ano 30 da Hégira; as diversas edições do Alcorão partilham do mesmo milagroso privilégio de um texto uniforme e incorruptível. Movido pelo fanatismo ou pela vaidade, o profeta assenta a verdade da sua missão no mérito do seu livro; ele desafia ousadamente os homens e os anjos a imitar as belezas de uma só página; e atreve-se a afirmar que apenas Deus pôde ditar esta obra incomparável. Semelhante argumento impressiona acima de tudo o árabe devoto, cujo espírito é propenso à fé e ao êxtase; cujo ouvido se delicia com

a música dos sons; e cuja ignorância é incapaz de comparar as diversas produções do génio humano. A harmonia e a riqueza do estilo não poderão chegar, através das traduções, ao infiel europeu; este percorrerá cheio de impaciência a infindável rapsódia incoerente de fábulas, preceitos e declamações, que raramente inspira um sentimento ou uma ideia, que por vezes rasteja no pó, e outras vezes se perde nas nuvens. Os atributos divinos exaltam a imaginação do missionário árabe; mas as suas inflexões mais elevadas ficam muito abaixo da sublime simplicidade do livro de Job, escrito numa época remota, no mesmo país e na mesma língua. Se a composição do Alcorão ultrapassa as faculdades humanas, a que inteligência superior deveremos atribuir a *Iliada* de Homero ou as *Filípicas* de Demóstenes? Em todas as religiões, a vida do fundador supre o silêncio das suas revelações escritas: as palavras de Maomé eram outras tantas lições de verdade; as suas acções, outros tantos exemplos de virtude; e a memória da sua vida pública e privada foi preservada pelas suas mulheres e pelos seus companheiros. Ao fim de duzentos anos, a Suna, ou lei oral, ficou fixada e consagrada pelo labor de Al-Bochari, que separou sete mil duzentas e setenta e cinco tradições genuínas de uma massa de trezentos mil relatos de natureza mais duvidosa ou espúria. Este piedoso autor rezava diariamente no templo de Meca e fazia as suas abluções com a água do Zemzem; as páginas eram sucessivamente depostas sobre o púlpito e o sepulcro do apóstolo, e a obra recebeu a aprovação das quatro seitas ortodoxas dos sunitas.

A missão dos antigos profetas, de Moisés e de Jesus, tinha sido confirmada por muitos prodígios deslumbrantes; e Maomé foi repetidamente instado pelos habitantes de Meca e de Medina a dar uma prova semelhante do seu mandato divino; a fazer descer do céu o anjo ou o volume que lhe servira de revelação, a criar um jardim no deserto, ou a atear um incêndio na cidade incrédula. Todas as vezes que se viu assim instado pelas solicitações dos Coraixitas, ele furtou-se gabando de um modo obscuro o dom de visão e profecias; recorreu às provas internas da sua doutrina e escudou-se atrás da providência de Deus, que recusa esses sinais e maravilhas que diminuem o mérito da fé e agravam o crime de infidelidade. No entanto, o tom modesto ou irritado das suas apologias mostra a sua fraqueza e o seu embaraço; e estes passos desagradáveis não deixam qualquer dúvida sobre a integridade do Alcorão. Os adeptos de Maomé falam com mais certeza do que ele dos seus dons milagrosos; e a

confiança e a credulidade deles aumentam conforme se vão afastando do tempo e lugar das suas proezas espirituais. Eles acreditam ou afirmam que as árvores avançaram ao seu encontro; que foi saudado pelas pedras; que a água lhe brotava dos dedos; que alimentava os esfomeados, curava os doentes e ressuscitava os mortos; que uma viga soltou gemidos à sua frente; que um camelo se lhe queixou; que uma mão de carneiro o informou de que estava envenenada; e que tanto a natureza animada como a inanimada se encontravam submetidas ao apóstolo de Deus. O seu sonho de uma viagem nocturna é seriamente descrito como um facto real e material. Um animal misterioso, o Borak, transportou-o do templo de Meca ao de Jerusalém; com o seu companheiro, o anjo Gabriel, ele ascendeu sucessivamente aos sete céus; e recebeu e retribuiu as saudações dos patriarcas, dos profetas e dos anjos nas suas respectivas moradas. Só Maomé foi autorizado a passar para lá do sétimo céu; transpôs o véu da unidade situado a dois alcances de seta do trono, e sentiu um frio que o penetrou até ao coração quando a mão de Deus lhe tocou no ombro. Após esta familiar, embora importante conversa, desceu novamente a Jerusalém, montou outra vez no Borak, regressou a Meca, e só gastou a décima parte de uma noite a fazer uma viagem de muitos milhares de anos. Segundo uma outra lenda, o apóstolo baralhou, no meio de uma assembleia da nação, o malicioso desafio dos Coraixitas. As suas palavras irresistíveis cortaram ao meio o orbe da Lua; o obediente planeta baixou da sua posição no céu, executou as sete revoluções em torno da Caaba, saudou Maomé em língua árabe, e, reduzindo subitamente as suas dimensões, entrou-lhe pelo colarinho e saiu-lhe pela manga da camisa. O vulgo diverte-se com estes contos maravilhosos; mas os mais graves dos doutores muçulmanos imitam a modéstia do seu mestre e deixam uma certa liberdade de fé ou de interpretação. Poderiam alegar especiosamente que, para pregar a religião, não era necessário violar a harmonia da Natureza; que um credo sem a sombra de mistérios não precisa de milagres; e que a espada de Maomé não era menos poderosa que o bastão de Moisés.

Os preceitos de Maomé

O politeísta sente-se oprimido e confuso pela variedade das superstições; milhares de ritos de origem egípcia entremeavam-se na essência da lei mosaica; e o espírito do Evangelho evaporara-se na vã pompa da Igreja. O profeta de Meca foi levado pelo preconceito, a política ou o patriotismo a santificar os ritos dos Árabes e o uso de visitar a pedra sagrada da Caaba. No entanto, os preceitos do próprio Maomé inculcam uma piedade mais simples e racional: a oração, o jejum e a esmola são os deveres religiosos de um muçulmano; este é induzido a esperar que a oração o fará chegar a meio do caminho conducente a Deus, que o jejum o levará até à porta do palácio do Altíssimo, e que as esmolas lhe permitirão lá entrar. I. Segundo a tradição da viagem nocturna, o apóstolo, durante a sua conferência com a Divindade, recebeu ordem para impor aos discípulos a obrigação de rezar cinquenta orações por dia. Aconselhado por Moisés, ele pediu alijamento deste fardo intolerável; o número foi gradualmente reduzido para cinco, sem qualquer dispensa por motivo de negócio, prazer, tempo ou lugar; a devoção do fiel é repetida ao alvorecer, ao meio-dia, à tarde, ao crepúsculo e à primeira vigília da noite; e na presente decadência do fervor religioso, os nossos viajantes são edificados pela profunda humildade e atenção dos Turcos e dos Persas durante as suas orações. O asseio é o prelúdio da reza; a frequente lavagem das mãos, do rosto e do corpo, praticada desde os tempos mais recuados pelos Árabes, é solenemente prescrita pelo Alcorão; e ele concede uma autorização formal para suprir a escassez de água com a areia. As palavras e as atitudes de culto, sejam elas as de estar sentado, de pé ou prosternado no chão, são ditadas pelo costume ou a autoridade; porém, a oração é pronunciada em breves e ardentes exclamações; o zelo não é fatigado por uma monótona liturgia; e cada muçulmano é investido, no tocante à sua própria pessoa, do carácter sacerdotal. Entre os teístas, que recusam o uso de imagens, achou-se necessário sustentar os devaneios da imaginação dirigindo o olhar e o pensamento para uma quibla ou ponto visível do horizonte. O profeta sentiu-se inicialmente tentado a agradecer aos Judeus mediante a escolha de Jerusalém; mas não tardou a voltar a um pendor mais natural; e cinco vezes por dia, os olhares das nações, em Astracã, Fez ou Deli, viram-se devotamente para o templo sagrado de Meca. No entanto, todos os lugares são igualmente puros para o serviço de Deus: os maometanos rezam indiferentemente no seu quarto ou na rua. Para os distinguir dos Judeus e dos cristãos, a sexta-feira de cada semana é reservada à útil instituição do culto público: o povo reúne-se na mesquita, e

o imã, algum ancião respeitável, sobe ao púlpito para começar a oração e pronunciar o sermão. A religião maometana é, contudo, destituída de clero e de sacrifícios; e o espírito independente do fanatismo contempla com desprezo os ministros e os escravos da superstição. II. A penitência voluntária dos ascetas, tormento e glória das suas vidas, era odiosa a um profeta que censurava os companheiros por fazerem um voto precipitado de abstinência de carne, de mulheres e de sono; e declarava com firmeza que não admitiria monges na sua religião. Instituiu, no entanto, um jejum de trinta dias por ano; e recomendou insistentemente a sua observância como uma disciplina que purifica a alma e submete o corpo, como um exercício salutar de obediência à vontade de Deus e do seu apóstolo. Durante o mês do Ramadão, desde o nascer ao pôr do Sol, o muçulmano abstém-se de comer e de beber; priva-se de mulheres, banhos e perfumes; recusa qualquer alimento que possa restaurar-lhe forças e qualquer prazer capaz de lhe satisfazer os sentidos. Segundo as revoluções do ano lunar, o Ramadão coincide sucessivamente com o frio invernos e o calor estival; e o paciente mártir tem de aguardar o fim de um dia longo e abafado para apaziguar a sede com uma gota de água. A proibição de vinho, reservada a algumas ordens de padres ou eremitas nas outras religiões, é convertida por Maomé numa lei positiva e geral; e uma parte considerável do globo abdicou, por ditame seu, desta bebida salutar, embora perigosa. É claro que estas penosas restrições são infringidas pelos libertinos e contornadas pelos hipócritas; mas o legislador que as decretou não pode ser acusado de atrair os prosélitos com o engodo dos prazeres sensuais. III. A caridade dos maometanos desce aos próprios animais; e, além disso, o Alcorão recomenda repetidamente, não só como um mérito, mas como um dever rigoroso e indispensável, a ajuda aos indigentes e aos infelizes. Maomé é provavelmente o único legislador que fixou a medida exacta da caridade; ela pode variar com o grau e a natureza da propriedade, consoante os bens consistem em dinheiro, trigo ou gado, em frutos ou mercadorias; mas o muçulmano só cumpre a lei se oferecer um *décimo* do seu rendimento; e caso a sua consciência o acuse de fraude ou extorsão, o *décimo*, a título de restituição, é elevado para um *quinto*(^{*}). A benevolência constitui o alicerce da justiça, pois estamos proibidos de fazer mal aos que temos por obrigação ajudar. Um profeta pode revelar os segredos do céu e os do futuro; mas, nos seus preceitos morais, ele só pode repetir as lições que recebemos do nosso coração.

Os dois dogmas e os quatro deveres práticos do islamismo são acautelados por recompensas e castigos; e a fé do muçulmano está devotamente presa do Juízo Final. O profeta não se atreveu a determinar o momento desta terrível catástrofe, embora anuncie obscuramente os sinais, tanto no céu como na terra, que antecederão a dissolução universal, quando a vida for aniquilada e a ordem da criação retornar ao caos primitivo. Ao som da trombeta, novos mundos surgirão do nada; anjos, génios e homens erguer-se-ão dos túmulos, e as almas humanas unir-se-ão de novo aos seus corpos. A doutrina da ressurreição foi inicialmente defendida pelos Egípcios; as suas múmias eram embalsamadas, e as pirâmides erigiram-se para preservar a antiga morada da alma durante um período de três mil anos; uma tentativa, aliás, parcial e infrutífera. Mas é dentro de um espírito mais filosófico que Maomé conta com a onnipotência do Criador, cuja simples palavra pode reanimar a argila privada de vida, e reunir inúmeros átomos que já não conservam a sua forma ou a sua substância. O estado da alma neste intervalo é difícil de definir; e mesmo os que acreditam firmemente na sua natureza imaterial têm dificuldade em compreender como é que ela pode pensar ou agir sem a intervenção dos órgãos dos sentidos.

À reunião da alma e do corpo seguir-se-á o Juízo Final da humanidade; e, na cópia que fez das concepções dos magos, o profeta representou com demasiada fidelidade as formas de actuação e até mesmo as lentas e sucessivas operações de um tribunal terreno. É acusado pelos seus intolerantes adversários de estender a eles próprios a esperança da salvação; de sustentar a mais negra heresia, ao dizer que todos os homens que acreditam em Deus e praticam boas acções podem esperar uma sentença favorável no último dia. Esta indiferença tão racional não se adapta bem ao carácter de um fanático; e tão-pouco é provável que um mensageiro do céu tenha assim depreciado o valor e a necessidade da sua própria revelação. Nas palavras do Alcorão, a crença em Deus é inseparável da fé em Maomé: as boas obras são as que ele ordenou; e estas duas condições implicam a profissão do islamismo à qual todas as nações e seitas são igualmente convidadas. A cegueira espiritual delas, ainda que desculpada pela ignorância e coroada pela virtude, será castigada por meio de tormentos eternos; e as lágrimas que Maomé derramou sobre o túmulo da mãe pela qual lhe era proibido rezar oferecem um contraste flagrante de humanidade e fanatismo. A sentença é comum a todos os infiéis: a medida da sua culpa

e do seu castigo é determinada pelo grau de evidência que tiverem rejeitado e pela magnitude dos erros que tiverem cometido; as moradas eternas dos cristãos, judeus, sabeus, magos e idólatras afundam-se umas debaixo das outras no abismo; e o último inferno é destinado aos incrédulos hipócritas que puseram a máscara da religião. Após a maior parte de os homens terem sido condenados pelas suas opiniões, os verdadeiros crentes serão os únicos julgados pelas suas acções. O bem e o mal de cada muçulmano será cuidadosamente pesado numa balança real ou alegórica; e uma forma singular de compensação será aplicada para o pagamento das injúrias; o ofensor devolverá o equivalente das suas boas acções em benefício da pessoa a quem prejudicou; e se for destituído de qualquer pecúlio moral, a massa dos seus pecados será acrescida com uma parte proporcional dos deméritos do ofendido. A sentença será pronunciada segundo o peso das culpas ou o das virtudes, e todos, sem distinção, atravessarão então a aguda e perigosa ponte sobre o abismo; mas os inocentes, seguindo as pisadas de Maomé, transporão gloriosamente as portas do paraíso, enquanto os culpados cairão no primeiro e mais brando dos sete infernos. O prazo da expiação variará de novecentos a sete mil anos; no entanto, o profeta prometeu judiciosamente que *todos* os seus discípulos, independentemente dos pecados cometidos, seriam salvos pela fé de cada um, e pela intercessão dele, da condenação eterna. Não é de admirar que a superstição actue tão poderosamente sobre os temores dos adeptos, na medida em que a imaginação humana consegue pintar com mais vigor a miséria do que a bem-aventurança de uma vida futura. Com os dois simples meios das trevas e do fogo, criamos uma imagem de dor que pode ser agravada até ao infinito pela ideia de eternidade. Esta mesma ideia, contudo, surte um efeito contrário quando se trata da duração do prazer; e uma grande parte das nossas fruições presentes não vêm senão da cessação da dor ou da comparação com um mal pior. É bastante natural que um profeta árabe descreva com deslumbramento os bosques, as fontes e os rios do paraíso; mas em vez de inspirar nos bem-aventurados um nobre gosto pela harmonia e a ciência, o diálogo e a amizade, ele celebra futilmente as pérolas e os diamantes, os trajes de seda, os palácios de mármore, as baixelas de ouro, os vinhos apaladados, as iguarias requintadas, e toda a gama de um luxo caro e voluptuoso que se torna insípido ao seu possuidor, até mesmo no breve período desta vida mortal. Setenta e duas *Huris*, ou raparigas de olhos pretos, de uma beleza resplandecente, em toda a frescura da juventude, de

uma pureza virginal e de uma delicada sensibilidade, serão criadas para uso do último dos crentes; o instante de prazer prolongar-se-á por mil anos, e as faculdades dos bem-aventurados centuplicadas para os tornar dignos da sua felicidade. Não obstante um vulgar preconceito, as portas do paraíso estarão abertas aos dois sexos; mas Maomé não especificou quais seriam os companheiros masculinos das eleitas femininas, com receio de suscitar o ciúme dos primeiros maridos, ou de perturbar a sua felicidade ao fazê-los pensar que o seu casamento seria eterno. Esta imagem de um paraíso carnal provocou a indignação e talvez a inveja dos monges; eles bradam contra a religião impura de Maomé; e alguns pudicos apologistas do Alcorão vêem-se reduzidos à pobre desculpa das figuras e das alegorias. No entanto, os doutores mais idóneos e consistentes aderem sem vergonha à interpretação literal do Alcorão: a ressurreição do corpo seria inútil se não lhe fossem devolvidos a posse e o exercício das suas mais preciosas faculdades; e a união dos prazeres sensuais e intelectuais é necessária para completar a felicidade da dupla criatura, o homem perfeito. As alegrias do paraíso maometano não se limitarão, contudo, ao gozo do luxo e dos apetites carnis; e o profeta declarou expressamente que toda a espécie de felicidade inferior será esquecida e desprezada pelos santos e mártires que tiverem acesso à beatitude da visão divina.

A fuga de Maomé de Meca para Medina

As primeiras e mais árduas conquistas de Maomé foram as da sua mulher, do seu servidor, do seu pupilo e do seu amigo, pois ele apresentava-se como profeta aos que se encontravam mais familiarizados com as suas fraquezas de homem. Cadija acreditou, porém, nas palavras do marido e pregou a sua glória; o obsequioso e afectuoso Zeid deixou-se seduzir pela perspectiva da liberdade; o ilustre Ali, filho de Abu Talib, adoptou as opiniões do primo com a energia de um jovem herói; e a fortuna, a moderação e a veracidade de Abu Becre consolidaram a religião do profeta ao qual estava destinado a suceder. Graças à sua persuasão, dez dos mais respeitáveis cidadãos de Meca foram iniciados em privado na doutrina do islamismo; cederam à voz da razão e do entusiasmo; repetiram o credo fundamental «Só há um Deus, e Maomé é o apóstolo de Deus»; e a fé deles,

mesmo nesta vida, achou-se recompensada com riquezas e honrarias, com o comando de exércitos e o governo de reinos. Três anos se gastaram silenciosamente na conversão de catorze prosélitos, os primeiros frutos da sua missão; mas, no quarto ano, ele assumiu o mister de um profeta, e, decidindo comunicar à sua família a luz das verdades divinas, preparou um banquete, um cordeiro, segundo consta, e um vaso cheio de leite, a fim de convidar quarenta pessoas da raça dos Haxemitas. «Amigos e parentes», disse Maomé à assembleia, «ofereço-vos, e apenas eu posso oferecer-vos, a mais preciosa das dádivas, os tesouros deste mundo e os da outra vida. Deus ordenou-me que vos chamasse ao Seu serviço. Qual dentre vós quer ajudar-me a aguentar o meu fardo? Qual dentre vós será o meu companheiro e o meu vizir?» Não se ouviu nenhuma resposta, até que o silêncio da surpresa, da dúvida ou do desprezo foi finalmente quebrado pela coragem impaciente de Ali, um jovem de catorze anos. «Oh, profeta, sou eu esse homem; partirei os dentes, vazarei os olhos, quebrarei as pernas e abrirei o ventre a quem quer que se erga contra ti. Oh, profeta, serei o teu vizir.» Maomé aceitou a oferta com ardor, e Abu Talib viu-se ironicamente exortado a respeitar a dignidade superior do seu filho. Num tom mais sério, o pai de Ali aconselhou o sobrinho a abandonar o seu desígnio impraticável. «Poupa as tuas advertências», replicou o intrépido fanático a seu tio e benfeitor; «mesmo que colocassem o Sol na minha mão direita e a Lua na esquerda, não me desviariam da minha rota.» Perseverou dez anos no exercício da sua missão; e esta religião, que se espalhou pelo Oriente e o Ocidente, não se implantou senão de uma maneira lenta e difícil no interior dos muros de Meca. Maomé tinha, contudo, a satisfação de assistir ao crescimento da sua congregação de unitários que o respeitava como profeta, e à qual ele dispensava oportunamente o alimento espiritual do Alcorão. O número de prosélitos pode avaliar-se pela partida de oitenta e três homens e dezoito mulheres, que se retiraram para a Etiópia no sétimo ano da sua missão; e o seu partido consolidou-se com as bem-vindas conversões do seu tio Hamza e do feroz e inflexível Omar, que empregou em prol do Islão o mesmo zelo que mostrara na sua destruição. Mas a caridade de Maomé não se limitou à tribo dos Coraixitas ou ao recinto de Meca: por ocasião das festas solenes ou dos dias de peregrinação, ele frequentava a Caaba, abordava os estrangeiros de todas as tribos, e tanto em conversas privadas como nos discursos públicos, pregava a crença e o culto de uma só Divindade. Côncio da sua razão, mas também das suas fraquezas, ele defendia a

liberdade de consciência e rejeitava o uso da violência religiosa; apelava, contudo, ao arrependimento dos Árabes, e exortava-os a não esquecer os antigos idólatras de Ad e Tamud, que a justiça divina varrera da superfície da Terra.

O povo de Meca estava enquistado na sua descrença devido à superstição e à inveja. Os anciãos da cidade, os tios do profeta, alardeavam desdém pela presunção de um órfão que pretendia ser o reformador do seu país: as piedosas orações de Maomé na Caaba eram rebatidas pelos clamores de Abu Talib. «Cidadãos e peregrinos, não deis ouvidos ao tentador, não escuteis as suas ímpias novidades. Mantende-vos firmes na adoração de Al-Lâta e Al-Uzzah.» O filho de Abdalá ainda merecia, contudo, o afecto do idoso chefe, o qual protegeu a reputação e a pessoa do sobrinho contra os ataques dos Coraixitas, que havia muito invejavam a preeminência da família de Haxime. A malícia deles encobria-se sob o pretexto religioso: no tempo de Job, o crime de impiedade era punido pelo magistrado árabe; e Maomé incorria na culpa de abandonar e renegar as divindades nacionais. Mas a política de Meca era tão defeituosa que os chefes dos Coraixitas, em vez de acusar um criminoso, viram-se forçados a utilizar medidas de persuasão ou de violência. Dirigiram-se repetidamente a Abu Talib, no tom da censura e da ameaça. «O teu sobrinho insulta a nossa religião; acusa os nossos sábios antepassados de ignorância e loucura; manda-o calar rapidamente antes que desencadeie o tumulto e a discórdia na cidade. Se insistir, desembainharemos a espada contra ele e os seus adeptos, e tu serás responsável pelo sangue dos teus concidadãos.» O prestígio e a moderação de Abu Talib fizeram gorar a violência desta facção religiosa; os mais indefesos ou mais tímidos dos discípulos de Maomé retiraram-se para a Etiópia, e o profeta refugiou-se em vários sítios seguros da cidade ou do campo. Dado que ele continuava a ser apoiado pela família, o resto da tribo dos Coraixitas jurou renunciar a todos os contactos com os descendentes de Haxime — não comprar nem vender, não casar nem dar em casamento, mas persegui-los com implacável inimizade até eles entregarem a pessoa de Maomé à justiça dos deuses. Este decreto foi suspenso na Caaba diante dos olhos da nação: os emissários dos Coraixitas perseguiram os exilados muçulmanos até ao coração de África; cercaram o profeta e os seus mais fiéis seguidores, privaram-nos de água, e assim se inflamou a animosidade mútua devido à retaliação de ofensas e insultos. Uma trégua incerta pareceu restabelecer a concórdia, até que a morte de Abu Talib abandonou Maomé

ao poder dos seus inimigos, no próprio momento em que ficava privado dos confortos domésticos devido à perda da sua fiel e generosa Cadija. Abu Sofian, chefe do ramo dos Omíadas, subiu à dignidade principal da república de Meca. Zeloso sectário dos ídolos e inimigo mortal da linhagem de Hákime, ele convocou uma assembleia dos Coraixitas e dos seus aliados para se decidir da sorte do apóstolo. A prisão poderia levar o seu ardor a actos de desespero; e o exílio de um fanático eloquente e popular espalharia o erro por todas as províncias da Arábia. Optou-se pela morte e combinou-se que uma espada de cada tribo seria enterrada no seu peito, a fim de dividir a culpa do seu sangue e impedir a vingança dos Haxemitas. Um anjo ou um espião revelaram a conjura, e a fuga constituiu o único recurso de Maomé. No escuro da noite, acompanhado pelo seu amigo Abu Becre, ele escapou-se silenciosamente de casa; os assassinos vigiavam a porta, mas foram enganados pela figura de Ali, que repousava na cama do apóstolo e se cobrira com o seu manto verde. Os Coraixitas respeitaram a piedade do heróico jovem; de resto, alguns versos de Ali, que ainda subsistem, oferecem-nos um interessante retrato da sua ternura, das suas inquietações e da sua confiança religiosa. Durante três dias, Maomé e o companheiro ficaram escondidos na gruta de Thor, a uma légua de Meca; e, ao cair de cada noite, recebiam sempre a visita do filho e da filha de Abu Becre, que lhes levavam secretamente notícias e alimentos. A diligência dos Coraixitas fê-los explorar todos os esconderijos nas vizinhanças da cidade; chegaram então à entrada da caverna; mas o providencial anteparo de uma teia de aranha e de um ninho de pombo convenceu-os, segundo se diz, de que o lugar estava vazio e não fora devassado. «Somos apenas dois», declarou a tremer Abu Becre. «Há um terceiro, que é Deus em pessoa», retorquiu o profeta. Mas as perseguições amainaram, os dois fugitivos saíram do rochedo e montaram nos camelos; no caminho para Medina, foram surpreendidos pelos emissários dos Coraixitas; soltaram-se das mãos deles com orações e promessas. Neste momento crucial, a lança de um árabe podia ter mudado a História do mundo. A fuga do profeta de Meca para Medina dá início à era memorável da *Hégira*, que, ao fim de doze séculos, continua a distinguir os anos lunares das nações maometanas.

A religião do Alcorão poderia ter morrido à nascença, se acaso Medina não houvesse acolhido com fé e reverência os santos proscritos de Meca. Medina, ou a *cidade*, conhecida pelo nome de Iatrebe antes de ser santificada pelo trono do profeta, estava dividida entre as tribos dos

Carijitas e dos Awsitas, cuja rixa hereditária era reacendida pelas mais pequenas provocações; duas colónias de judeus, que se gabavam de uma origem sacerdotal, eram seus humildes aliados e, embora sem converter os árabes, elas introduziram o gosto pela ciência e as ideias religiosas que distinguiu Medina como a cidade do Livro. Alguns dos seus mais nobres cidadãos tinham sido convertidos pela pregação de Maomé durante uma peregrinação à Caaba; no regresso, propagaram a crença do verdadeiro Deus e do seu profeta, e a nova aliança entre os Medinenses e o apóstolo foi ratificada pelos delegados deles em duas entrevistas secretas e nocturnas, num monte dos arredores de Meca. Na primeira, dez carijitas e dois awsitas, unidos pela fé e o amor, afirmaram, em nome das suas mulheres, dos seus filhos e dos seus irmãos ausentes, que professariam para sempre o credo do Alcorão e seguiriam os preceitos dele. A segunda produziu uma associação política, que se tornou o embrião do império dos Sarracenos. Setenta e três homens e duas mulheres de Medina tiveram uma conferência solene com Maomé, os seus adeptos e os seus discípulos, e todos pronunciaram um juramento mútuo de fidelidade. Os medinenses prometeram, em nome da cidade, que se Maomé fosse banido, o receberiam como confederado, lhe obedeceriam como chefe e o defenderiam até ao fim, tal como fariam às suas mulheres e aos seus filhos. «Mas se fordes chamado pelo vosso país», perguntaram eles com uma ansiedade lisonjeira, «não abandonareis os vossos novos aliados?» «Agora, temos tudo em comum», redarguiu Maomé com um sorriso. «O vosso sangue é o meu sangue, e a vossa ruína, a minha ruína. Estamos ligados pelos laços da honra e do interesse. Sou vosso amigo e inimigo dos vossos inimigos.» «Mas se nos matarem ao vosso serviço», exclamaram os delegados de Medina, «qual será a nossa recompensa?» «O PARAÍSO, respondeu o profeta. «Estendei a mão.» Maomé estendeu-a, e eles reiteraram o juramento de submissão e fidelidade. Este tratado foi ratificado pelo povo, que adoptou unanimemente o islamismo; os habitantes de Medina rejubilaram com o exílio do apóstolo, mas receavam pela segurança dele e aguardavam impacientemente a sua chegada. Após uma perigosa e rápida viagem ao longo da costa, ele parou em Koba, a duas milhas da cidade, e fez a sua entrada pública em Medina dezasseis dias após a fuga de Meca. Quinhentos cidadãos avançaram ao seu encontro, saudando-o com aclamações de lealdade e devoção; Maomé ia montado numa camela, um guarda-sol protegia-lhe a cabeça, e um turbante ia desfraldado à sua frente, na falta de uma bandeira. Os seus mais bravos discípulos, que haviam sido

dispersos pela tempestade, reuniram-se à sua volta; e os muçulmanos, apesar de iguais em mérito, distinguiram-se pelos nomes de *Moagerianos* e *Ansares*(^{*}), os fugitivos de Meca e os auxiliares de Medina. A fim de arrancar as sementes da inveja, Maomé reuniu criteriosamente dois a dois os seus principais seguidores, com os direitos e as obrigações de irmãos; e quando Ali se viu sem par, o profeta declarou ternamente que seria ele o companheiro e o irmão do nobre jovem. Este expediente obteve pleno êxito; a santa fraternidade era respeitada tanto na paz como na guerra, e os dois partidos competiam entre si numa generosa emulação de coragem e fidelidade. Só uma vez é que uma querela accidental perturbou levemente a concórdia: um patriota de Medina acusou de insolência os estrangeiros; mas a sugestão de os expulsar foi escutada com horror; e o próprio filho ofereceu-se fervorosamente para depor a cabeça do pai aos pés do apóstolo.

A partir do momento em que se estabeleceu em Medina, Maomé assumiu as funções régias e sacerdotais; e seria ímpio apelar de um juiz cujos decretos eram inspirados pela divina sabedoria. Uma pequena porção de terra, património de dois órfãos, coube-lhe em sorte por dádiva ou compra; neste lugar eleito, ele construiu uma casa e uma mesquita, mais veneráveis na sua rude simplicidade do que os palácios e templos dos califas assírios. O seu selo de ouro ou prata foi gravado com o título apostólico; quando pregava ou orava na assembleia reunida todas as semanas, ele encostava-se ao tronco de uma palmeira; e passou muito tempo antes que consentisse em usar uma cadeira ou um púlpito de madeira tosca. Após um reinado de seis anos, mil e quinhentos muçulmanos, pegando em armas, renovaram o juramento de fidelidade; e Maomé, o seu chefe, deu novamente a garantia de protecção até à morte do último dos membros, ou à dissolução final da liga. Foi nesse mesmo acampamento que o delegado de Meca se surpreendeu com a atenção que os fiéis prestavam às palavras e aos olhares do profeta, com a sofreguidão que os levava a recolher os seus escarros, um cabelo dele que caía ao chão, a água que servira às suas lustrações, como se todos estes objectos participassem de algum modo da virtude profética. «Vi», declarou ele, «o Cósroes da Pérsia e o César de Roma, mas jamais me foi dado observar um rei entre os súbditos como Maomé entre os seus companheiros.» O devoto fervor do fanatismo actua com mais energia e verdade do que o frio e cerimonioso servilismo das cortes.

Maomé declara guerra aos infiéis

No estado da natureza, todos os homens têm o direito de defender, pela força das armas, a sua pessoa e os seus bens; de repelir, ou mesmo de evitar, a violência dos seus inimigos, e de prolongar as suas hostilidades até obterem uma justa satisfação ou um razoável grau de retaliação. Na sociedade livre dos Árabes, os deveres de súbdito e cidadão só impunham uma leve coerção; e, ao exercer uma missão de paz e benevolência, Maomé fora despojado e banido pela injustiça dos seus compatriotas. A escolha de um povo independente elevava o fugitivo de Meca à dignidade de um soberano; e ele estava investido da justa prerrogativa de formar alianças e de fazer a guerra ofensiva e defensiva. A imperfeição dos direitos humanos era suprida e acautelada pela plenitude da potência divina; o profeta de Medina adoptou, nas suas novas revelações, um tom mais feroz e sanguinário, comprovativo de que a sua anterior moderação resultava da fraqueza; já havia experimentado os meios de persuasão, a época da paciência decorrera, e Deus ordenava-lhe agora que difundisse a sua religião pela espada, destruísse os monumentos da idolatria e perseguisse as nações incrédulas da Terra, sem atender à santidade dos dias ou dos meses. Os mesmos preceitos sangrentos, tão repetidamente inscritos no Alcorão, são atribuídos pelo autor ao Pentateuco e ao Evangelho. A feição suave do estilo evangélico permite, contudo, explicar de outra maneira o trecho ambíguo em que se diz que Jesus não trouxe ao mundo a paz, mas a espada; as suas virtudes pacientes e humildes não devem ser confundidas com o zelo intolerante dos príncipes e dos bispos que desonraram o nome dos seus discípulos. Para justificar a guerra religiosa, Maomé podia alegar com mais propriedade o exemplo de Moisés, dos juízes e dos reis de Israel. As leis militares dos Hebreus são ainda mais rígidas que as do legislador árabe(*). O Deus dos exércitos avançava em pessoa à frente dos Judeus; sempre que uma cidade resistia às suas intimações, todos os varões, sem distinção, eram passados a fio de espada: as sete nações de Canaã foram votadas à destruição; e nem o arrependimento nem a conversão podiam subtraí-las a esse decreto inevitável, segundo o qual não se devia poupar a vida de qualquer criatura dentro do seu recinto. A razoável opção entre a amizade, a submissão ou a batalha era deixada aos inimigos de Maomé. Desde que professassem o credo do Islão, ele outorgava-lhes todos os benefícios

temporais e espirituais dos seus primeiros discípulos, fazia-os combater sob o mesmo estandarte a fim de propagarem a religião que haviam abraçado. A clemência do profeta estava sujeita ao seu interesse; no entanto, raramente ele espezinhava um inimigo prostrado; e prometia, segundo parece, que, mediante o pagamento de um tributo, os menos culpados dos seus súbditos incrédulos poderiam conservar o seu próprio culto, ou pelo menos a sua fé imperfeita. Nos primeiros meses de reinado, ele pôs em prática as lições da guerra santa e desfraldou a sua bandeira branca diante das portas de Medina; o apóstolo guerreiro lutou pessoalmente em nove batalhas ou cercos; e cinquenta empresas bélicas foram levadas a cabo em dez anos por ele ou pelos seus lugar-tenentes. Como árabe que era, continuava a juntar as profissões de mercador e salteador; e as suas pequenas excursões para a defesa ou o ataque de uma caravana prepararam aos poucos as tropas para a conquista da Arábia. A divisão dos despojos era regulada por uma lei divina: reunia-se tudo num único acervo; um quinto do ouro e da prata, dos prisioneiros e do gado, dos bens móveis e imóveis, era reservado pelo profeta para as obras piedosas e de caridade; o resto era repartido em quinhões bem proporcionados pelos soldados que tinham alcançado a vitória ou guardado o acampamento; as recompensas dos que haviam perdido a vida passavam para as viúvas e os órfãos; e o aumento da cavalaria era incentivado pela distribuição de uma dupla parte ao cavalo e ao homem. Os árabes nómadas eram atraídos de todos os lados para se alistarem sob a bandeira da religião e do saque; o apóstolo santificou a licença de tomar as cativas como mulheres ou concubinas; e o gozo da riqueza e da beleza constituía uma fraca amostra das alegrias do paraíso destinadas aos valentes mártires da fé. «A espada», afirma Maomé, «é a chave do céu e do inferno; uma gota de sangue derramada pela causa de Deus, uma noite passada em armas, são mais proveitosas do que dois meses de jejuns ou orações; os pecados de quem tombar em combate serão perdoados; no dia do Juízo, as suas feridas resplandecerão como o cinábrio e terão um perfume a almíscar; e os membros perdidos serão substituídos por asas de anjos e querubins.» As almas intrépidas dos Árabes vibravam de entusiasmo; o quadro de um mundo invisível desenhava-se a traço forte na imaginação deles; e a morte que sempre haviam desprezado tornou-se um objecto de esperança e desejo. O Alcorão ensina, no sentido mais absoluto, os dogmas da fatalidade e da predestinação, que extinguiriam a indústria e a virtude se as acções do homem fossem governadas pela sua crença

especulativa. Todavia, a influência deles exaltou em todas as épocas a coragem dos Sarracenos e dos Turcos. Os primeiros companheiros de Maomé avançavam para o combate com arrojada confiança; não existe perigo onde não há acaso: se estavam destinados a morrer na cama, deviam sentir-se seguros e invulneráveis no meio das setas do inimigo. Talvez os Coraixitas se alegrassem com a fuga de Maomé, caso não os exasperasse e alarmasse a vingança de um inimigo capaz de interceptar o seu comércio da Síria, o qual passava na ida e na volta pelo território de Medina. O próprio Abu Sofian, escoltado por escassos trinta ou quarenta companheiros, conduzia uma rica caravana de mil camelos; a sua marcha foi tão hábil ou afortunada que escapou à vigilância de Maomé; o chefe dos Coraixitas soube, contudo, que os santos salteadores aguardavam emboscados o seu regresso. Enviou um mensageiro aos seus irmãos de Meca, e estes, aguilhoados pelo receio de perderem as mercadorias e provisões, apressaram-se a ir em seu socorro com a força militar da cidade. O bando santo de Maomé compunha-se de trezentos e treze muçulmanos, dos quais setenta e sete eram fugitivos de Meca e os restantes auxiliares; montavam, à vez, uma cáfila de setenta camelos (os camelos de Iatrebe eram formidáveis na guerra); mas era tal a pobreza dos seus primeiros discípulos, que somente dois puderam aparecer a cavalo no campo de batalha. No fértil e célebre vale de Beder, a três marchas de Medina, os seus batedores informaram-no de que a caravana se aproximava de um lado; e que os Coraixitas, com cem cavalos e oitocentos e cinquenta infantes, avançavam do outro. Após uma curta deliberação, ele sacrificou a perspectiva da riqueza à procura da glória e da vingança; e fez um ligeiro entrincheiramento para cobrir as suas tropas e um regato de água fresca que corria pelo vale. «Oh, Deus!», exclamou ele, à medida que os Coraixitas desciam dos montes. «Oh, Deus, se estes guerreiros forem destruídos, por quem serás adorado na Terra? — Coragem, meus filhos; cerrai as fileiras; disparai as vossas setas, e a vitória pertencer-vos-á.» Ao dizer isto, colocou-se, tal como Abu Becre, num trono ou num púlpito, e pediu de imediato o auxílio de Gabriel e de três mil anjos. Tinha os olhos postos no campo de batalha: os muçulmanos fraquejavam e eram apossados; neste momento decisivo, o profeta desceu do trono, montou a cavalo e atirou um punhado de areia ao ar: «Que os rostos deles se cubram de confusão.» Os dois exércitos escutaram a sua voz trovejante, e a imaginação de todos dividiu as legiões de anjos; os Coraixitas estremeceram e fugiram; setenta dos mais

bravos pereceram; e setenta cativos adornaram a primeira vitória dos fiéis. Os cadáveres dos coraixitas foram despojados e insultados; dois dos presos julgados odiosos sofreram o suplicio; e o resgate dos outros, quatro mil dracmas de prata, compensou até certo ponto a evasão da caravana. Foi contudo em vão que os camelos de Abu Sofian procuraram um novo caminho através do deserto e ao longo do Eufrates; acabaram por ser alcançados pelo esforço dos muçulmanos; e a presa deve ter sido considerável, se é verdade que vinte mil dracmas constituíram o quinto do apóstolo. Irritado com as perdas públicas e privadas, Abu Sofian reuniu um corpo de três mil homens, entre os quais se contavam setecentos armados de couraça e duzentos montados a cavalo; três mil camelos acompanharam a marcha dele; e a sua mulher Henda, com quinze matronas de Meca, percutia constantemente os tambores para animar as tropas e enaltecer a grandeza de Hobal, a divindade mais popular da Caaba. O estandarte de Deus e de Maomé era defendido por novecentos e cinquenta crentes; a desproporção numérica não parecia mais assustadora do que na jornada de Beder; e a confiança deles na vitória prevaleceu sobre o bom senso divino e humano do apóstolo que quis dissuadi-los da luta. A segunda batalha teve lugar no monte Ohud, seis milhas a norte de Medina; os Coraixitas avançaram em forma de crescente; e a ala direita da cavalaria era conduzida por Caled, o mais feroz e afortunado dos guerreiros árabes. As tropas de Maomé estavam habilmente dispostas no declive do monte; e a retaguarda era guardada por um destacamento de cinquenta arqueiros. O vigor da sua carga empurrou e rompeu o centro dos idólatras; mas, ao persegui-los, perdeu-se a vantagem do terreno; os arqueiros abandonaram as posições; os muçulmanos deixaram-se tentar pela febre do espólio, desobedeceram ao seu general e saíram das fileiras. O intrépido Caled, fazendo rodar a cavalaria contra o flanco e a retaguarda deles, exclamou em altos gritos que Maomé estava morto. Este fora realmente ferido no rosto por um dardo, e uma pedra partira-lhe dois dentes; mas, no meio do tumulto e do pavor, censurava os infiéis pelo assassinio de um profeta; e abençoava a mão amiga que lhe estancava o sangue e o conduzia a um lugar seguro. Setenta mártires morreram pelos pecados do povo: caíram, afirmou o apóstolo, aos pares, e cada irmão abraçava o companheiro morto consigo; os seus corpos foram mutilados pelas implacáveis mulheres de Meca; e a mulher de Abu Sofian provou as entranhas de Hamza, tio de Maomé. Os Coraixitas puderam alegrar-se com o triunfo da sua superstição e saciar a sua fúria,

mas os muçulmanos depressa se reagruparam no campo de batalha, e eles não tiveram coragem nem força para cercar Medina. Esta viu-se atacada no ano seguinte por um exército de dez mil inimigos; e a terceira expedição tomou o seu nome ora das *nações* que marchavam sob a bandeira de Abu Sofian, ora *do fosso* que se escavou diante da cidade e do acampamento de três mil muçulmanos. A prudência de Maomé evitou um confronto geral; o valor de Ali distinguiu-se num combate singular; a guerra prolongou-se por vinte dias, até à retirada final dos confederados. Uma tempestade de vento, chuva e granizo derrubou-lhes as tendas; as suas querelas privadas eram fomentadas por um adversário insidioso; e os Coraixitas, abandonados pelos aliados, perderam a esperança de abater o trono ou deter as conquistas do homem invencível que haviam proscrito.

A escolha de Jerusalém para primeira quibla da oração dá a conhecer a propensão inicial de Maomé em favor dos Judeus; e, para os interesses temporais destes, teria sido benéfico que reconhecessem no profeta árabe a esperança de Israel e o prometido Messias. A obstinação deles converteu a amizade de Maomé no ódio implacável com que perseguiu este infeliz povo até ao último momento da sua vida; e, na dupla qualidade de apóstolo e conquistador, a sua perseguição estendeu-se a este mundo e ao outro. Os Kainoka habitavam em Medina sob a protecção da cidade; Maomé aproveitou a ocasião de um tumulto accidental para os intimar a adoptar a sua religião ou a defrontá-lo em combate. «Desconhecemos, infelizmente, o manejo das armas», replicaram os trémulos judeus, «mas perseveramos na fé e no culto dos nossos antepassados; porque pretendes reduzir-nos à necessidade de uma justa defesa?» Esta luta desigual findou ao cabo de quinze dias; e só com extrema renitência Maomé cedeu às instâncias dos seus aliados e consentiu em poupar a vida dos cativos. Contudo, as riquezas deles foram confiscadas e as suas armas tornaram-se mais eficazes nas mãos dos muçulmanos; e uma desditosa colónia de setecentos exilados viu-se obrigada, com as respectivas mulheres e filhos, a implorar um refúgio nos confins da Síria. Os Nadiritas eram mais culpados, pois tinham conspirado para assassinar o profeta numa entrevista amistosa. Maomé cercou o seu castelo, situado a três milhas de Medina; mas eles defenderam-se com tanta valentia que obtiveram uma capitulação honrosa; e a guarnição, ao toque de trombetas e tambores, foi autorizada a partir com todas as honras da guerra. Os judeus haviam fomentado a guerra dos Coraixitas e participado nela; assim que as *nações* se retiraram do fosso,

Maomé, sem pôr de lado a sua armadura, avançou nesse mesmo dia para exterminar a raça hostil dos filhos de Koraidha. Após uma resistência de vinte e cinco dias, acabaram por se render sem condições. Confiavam na intercessão dos seus velhos aliados de Medina; mas deveriam saber que o fanatismo suprime os sentimentos humanitários. Um respeitável ancião, a cujo juízo se submeteram, pronunciou a sentença da sua morte; setecentos judeus foram conduzidos acorrentados à praça do mercado; fizeram-nos descer, vivos, à vala preparada para a sua execução e o seu túmulo; e o apóstolo assistiu, com ar impassível, à chacina dos inimigos indefesos. Os muçulmanos herdaram-lhes os carneiros e camelos; trezentas couraças, quinhentos piques e mil lanças constituíam a parte mais útil do espólio. A seis dias de viagem a nordeste de Medina, situava-se a antiga e rica cidade de Khaibar, que era a sede do poder judaico na Arábia; o seu território, um lugar fértil no meio do deserto, estava coberto de plantações e de gado, e protegido por oito castelos, entre os quais se contavam alguns que eram considerados inexpugnáveis. As forças de Maomé compunham-se de duzentos cavaleiros e mil e quatrocentos infantes; ao longo de oito árduos cercos feitos segundo todas as regras, estas tropas expuseram-se à fadiga e à fome; e até os chefes mais destemidos desesperavam do desfecho. O apóstolo reavivou-lhes a fé e a coragem citando-lhes o exemplo de Ali, ao qual deu o cognome de Leão de Deus; talvez nos seja possível acreditar que um guerreiro hebreu de estatura gigantesca acabou fendido ao meio pela sua irresistível cimitarra, mas não podemos elogiar o comedimento da narrativa que o representa a arrancar dos gonzos a porta de uma fortaleza e a brandir este pesado escudo com a mão esquerda(*). Após a capitulação dos castelos, a cidade de Khaibar viu-se forçada a aceitar o jugo. O chefe da tribo sofreu a tortura na presença de Maomé, que pretendia arrancar-lhe a confissão do sítio onde escondera os seus tesouros; a indústria dos pastores e dos agricultores valeu-lhes uma precária tolerância; enquanto aprouvesse ao conquistador, era-lhes permitido melhorar o seu património, sob condição de lhe darem metade do produto. Sob o reinado de Omar, os judeus de Khaibar foram transplantados para a Síria; e o califa alegou uma ordem do seu senhor dada no leito de morte, segundo a qual uma única e verdadeira religião devia ser professada na sua terra da Arábia.

Cinco vezes por dia, os olhos de Maomé volviam-se na direcção de Meca, e os mais sagrados e fortes motivos excitavam nele o desejo de reentrar como conquistador na cidade e no templo donde outrora havia sido

expulso para o exílio. A Caaba estava sempre presente nos seus devaneios e nos seus sonhos: um destes sonhos foi interpretado como visão e profecia; Maomé desfraldou logo a bandeira santa; e uma impetuosa promessa de êxito escapou-se dos lábios do apóstolo. A sua marcha de Medina para Meca ostentava a pompa calma e solene de uma peregrinação; setenta camelos, escolhidos e adornados para o sacrifício, precediam a vanguarda; ele respeitou território sagrado; e os cativos, mandados embora sem resgate, puderam proclamar a sua clemência e devoção. No entanto, assim que Maomé desceu à planície, estando a um dia de viagem da cidade, exclamou: «Eles vestiram a pele de tigres!»; o número e a resolução dos Coraixitas opuseram-se ao seu avanço; e os árabes errantes do deserto podiam abandonar ou atraiçoar o seu chefe, a quem haviam seguido na mira de espólio. O intrépido fanático mudou-se de repente num político frio e prudente; prescindiu, num tratado, do seu título de apóstolo de Deus; assinou com os Coraixitas e os aliados deles uma trégua de dez anos; comprometeu-se a recambiar os fugitivos de Meca que abraçassem a sua religião; e só estipulou, para o ano seguinte, o humilde privilégio de entrar na cidade como amigo, e aí permanecer três dias a fim de cumprir os rituais da peregrinação. Uma nuvem de vergonha e tristeza pairou sobre a retirada dos muçulmanos, cuja desilusão pôde acusar justamente o desaire de um profeta que tantas vezes invocara os seus êxitos como prova da sua missão. A fé e a esperança dos peregrinos reanimaram-se no ano seguinte à vista de Meca; as espadas estavam embainhadas; eles deram sete voltas à Caaba seguindo as pisadas do apóstolo; os Coraixitas tinham-se retirado para as colinas, e, após o sacrifício costumeiro, Maomé saiu da cidade ao quarto dia. O povo sentiu-se edificado pela sua devoção; os chefes inimigos ficaram atemorizados, divididos ou seduzidos e tanto Caled como Amru, futuros conquistadores da Síria e do Egito, abandonaram na altura propícia a causa declinante da idolatria. O poder de Maomé aumentou com a submissão das tribos árabes; reuniram-se dez mil soldados para a conquista de Meca; e os idólatras, que eram o partido mais fraco, foram facilmente declarados culpados de violar a trégua. O entusiasmo e a disciplina apressavam a marcha e garantiam o segredo, até que a luz de dez mil archotes anunciou aos surpreendidos Coraixitas o desígnio, a aproximação e a irresistível força do inimigo. O altivo Abu Sofian entregou as chaves da cidade e admirou a variedade de armas e insígnias que desfilavam à sua frente; comentou que o filho de Abdalá adquirira um poderoso reino; e

admitiu, sob a cimitarra de Omar, que Maomé era o apóstolo do verdadeiro Deus. O regresso de Mário e Sila ficou maculado pelo sangue dos Romanos: a vingança de Maomé era instigada pelo zelo religioso, e os seus seguidores, recordados das injúrias, estavam ansiosos por executar ou mesmo antecipar a ordem de uma chacina. Em vez de satisfazer as paixões deles e a sua(*), o exilado vitorioso perdoou aos culpados e uniu as facções de Meca. As suas tropas entraram na cidade em três divisões; vinte e oito habitantes caíram sob a espada de Caled; onze homens e seis mulheres foram proscritos por ordem de Maomé; ele censurou, no entanto, a crueldade do seu lugar-tenente; e algumas das vítimas mais odiosas ficaram a dever a vida à sua clemência ou ao seu desprezo. Os chefes dos Coraixitas prosternaram-se a seus pés. «Que misericórdia podeis esperar do homem que ultrajastes?» «Confiamos na generosidade do nosso concidadão.» «E não confiareis de balde; desaparecei! Estais salvos e livres.» O povo de Meca mereceu o seu perdão ao aceder a professar o islamismo; e, após um exílio de sete anos, o missionário fugitivo viu-se reconhecido como príncipe e profeta do seu país natal. No entanto, os trezentos e sessenta ídolos da Caaba foram ignominiosamente destruídos; a casa de Deus foi purificada e adornada; para exemplo das gerações futuras, o apóstolo cumpriu de novo os deveres do peregrino; e decretou-se uma lei perpétua segundo a qual nenhum incrêu deveria atrever-se a pisar o território da cidade santa.

A conquista de Meca acarretou a fé e a obediência das tribos árabes, que, segundo as vicissitudes da fortuna, tinham respeitado ou desdenhado a eloquência e as armas do profeta. O carácter dos beduínos ainda hoje acusa indiferença pelos ritos e as opiniões religiosas; e é provável que tenham aceitado a doutrina do Alcorão tão frouxamente como a cultivam agora. Alguns indivíduos obstinados continuaram a aderir à religião e à liberdade dos seus antepassados, e a guerra de Honain foi denominada com justa razão a guerra dos *ídolos*, pois Maomé jurara destruí-los, e os confederados de Tayef haviam prometido defendê-los. Quatro mil pagãos avançaram à pressa e em segredo, a fim de surpreender o conquistador; lamentavam e desprezavam a indolente negligência dos Coraixitas, mas dependiam da vontade, e talvez da ajuda, de um povo que ainda tão recentemente renunciara aos seus deuses e se dobrara ao jugo do inimigo. Os estandartes de Medina e Meca desfraldaram-se por ordem do profeta; uma multidão de beduínos aumentou a força e os efectivos do exército; e doze mil muçulmanos alimentaram a precipitada e culposa presunção de que eram

invencíveis. Desceram sem precaução ao vale de Honain; as elevações tinham sido ocupadas pelos arqueiros e fundibulários dos confederados; as tropas de Maomé foram flageladas, perderam a disciplina, a sua coragem enfraqueceu, e os Coraixitas encheram-se de alegria ante a iminente derrota delas. O profeta, montado na sua mula branca, ficou cercado pelos inimigos; tentou arremeter contra as lanças deles, em busca de uma morte gloriosa; mas dez dos seus fiéis companheiros interpuseram as armas e o peito; e logo três tombaram mortos a seus pés: «Oh, meus irmãos!», exclamou ele repetidas vezes com dor e indignação. «Sou o filho de Abdalá, sou o apóstolo da verdade! Oh, homens! mantende-vos firmes na fé! Oh, Deus, envia-nos o teu socorro!» O seu tio Abbas, que à semelhança dos heróis de Homero se notabilizava por uma voz sonora, fez ressoar o vale com a enumeração das dádivas e promessas de Deus; os muçulmanos fugitivos regressaram de todos os lados ao estandarte santo; e Maomé viu com satisfação que o ardor se reacendia nos corações; o seu comportamento e o seu exemplo decidiram a batalha a seu favor, e ele incitou as tropas vitoriosas a vingar sem piedade a ignomínia sofrida. Marchou em seguida sem demora do campo de batalha de Honain para o cerco de Tayef, sessenta milhas a sudeste de Meca, uma praça-forte cujas terras férteis produzem os frutos da Síria no meio do deserto árabe. Uma tribo amiga, conhecedora (ignoro como) da arte dos cercos, forneceu-lhe alguns aríetes e outras máquinas militares, juntamente com um corpo de quinhentos obreiros. No entanto, foi em vão que ele ofereceu a liberdade aos escravos de Tayef; que violou as suas próprias leis arrancando as árvores de fruto; que os sapadores rasgaram o solo; e que as suas tropas atacaram a brecha. Após um cerco de vinte dias, o profeta deu o sinal de retirada; mas afastou-se cantando devotamente o seu triunfo, e insistiu em rezar pelo arrependimento e a segurança da cidade incrédula. O espólio desta afortunada expedição cifrou-se em seis mil cativos, vinte e quatro mil camelos, quarenta mil ovelhas e quatro mil onças de prata; uma tribo, que lutara em Honain, resgatou os seus prisioneiros mediante o sacrifício dos seus ídolos; no entanto, Maomé compensou esta perda entregando aos soldados a sua quinta parte do saque, acrescentando que, por causa deles, gostaria de possuir tantas cabeças de gado quantas as árvores existentes na província de Tehama. Em vez de punir a hostilidade dos Coraixitas, ele intentou cortar-lhes a língua (segundo a sua expressão) granjeando a simpatia deles por meio de grandes liberalidades: Abu Sofian, só por si, recebeu como prenda trezentos

camelos e vinte onças de prata; e Meca converteu-se sinceramente à proveitosa religião do Alcorão.

Os fugitivos e os *auxiliares* queixaram-se de que, depois de terem carregado o fardo, haviam sido esquecidos no momento da vitória. «Ai de mim!», redarguiu o ardiloso chefe. «Consenti que eu capte estes homens que eram nossos inimigos, estes inseguros prosélitos, com a dádiva de alguns bens perecíveis. À vossa guarda confio a minha vida e a minha fortuna. Sois os companheiros do meu exílio, do meu reino, do meu paraíso.» Foi seguido pelos delegados de Tayef, que temiam um segundo cerco. «Concedei-nos, apóstolo de Deus, uma trégua de três anos, e tolerai o nosso antigo culto.» «Nem um mês, nem sequer uma hora.» «Dispensai-nos, ao menos, do dever da oração.» «Sem a oração, a religião de nada vale.» Submeteram-se em silêncio: os seus templos foram demolidos, e a mesma sentença de destruição estendeu-se a todos os ídolos da Arábia. Os lugar-tenentes de Maomé viram-se saudados nas costas do mar Vermelho, do oceano e do golfo Pérsico pelas aclamações de um povo fiel; e os embaixadores que se ajoelharam diante do trono de Medina eram tão numerosos (afirma um provérbio árabe) como as tâmaras maduras que caem de uma palmeira. A nação submeteu-se ao Deus e ao ceptro de Maomé; aboliu-se a infamante denominação de tributo: as esmolos e as dízimas voluntárias ou forçadas eram aplicadas no serviço da religião; e cento e catorze mil muçulmanos acompanharam a última peregrinação do apóstolo.

Quando regressou vitorioso da guerra da Pérsia, Heraclio recebeu mesmo um dos embaixadores de Maomé, que convidava os príncipes e as nações da Terra a professar o islamismo. O zelo dos Árabes viu neste acontecimento a prova da conversão secreta do imperador cristão; a vaidade dos Gregos forjou por seu turno uma visita pessoal do príncipe de Medina, que teria aceitado da régia magnanimidade um rico domínio e um retiro seguro na província da Síria. No entanto, a amizade de Heraclio e Maomé teve curta duração; a nova religião inflamara mais do que abrandara o espírito de rapina dos Sarracenos; e o assassinio de um enviado forneceu um pretexto decente para a invasão, com três mil soldados, do território da Palestina que se estende a leste do Jordão. A bandeira santa foi confiada a Zeid; e a disciplina ou o fanatismo da seita nascente eram de tal ordem, que os mais nobres chefes serviram de bom grado sob o escravo do profeta. Se ele porventura morresse, deveria ser sucessivamente substituído no comando

por Jaafar e Abdalá; e, caso perecessem os três na guerra, as tropas estavam autorizadas a eleger o seu general. Os três chefes sucumbiram realmente na Batalha de Muta, a primeira acção militar que pôs à prova o valor dos muçulmanos contra um inimigo estrangeiro. Zeid tombou como um soldado na primeira fila; a morte de Jaafar surge-nos heróica e memorável; tendo perdido a mão direita, mudou o estandarte para a esquerda; a esquerda foi-lhe também cortada; cingiu então o estandarte com os seus dois cotos sangrentos, até baquear trespassado por cinquenta honrosas feridas. «Avançai», gritou Abdalá, que logo ocupou o lugar vago, «avançai confiantes; a vitória ou o paraíso serão nossos.» A lança de um romano decidiu a alternativa; mas a bandeira caída foi recuperada por Caled, o prosélito de Meca; nove espadas se quebraram na sua mão, e o seu valor conteve e repeliu os cristãos superiores em número. No conselho nocturno do acampamento, ele viu-se escolhido para assumir o comando: as suas hábeis evoluções do dia seguinte garantiram a vitória ou pelo menos a retirada dos Sarracenos; e Caled recebeu dos seus irmãos e dos inimigos o glorioso cognome de a *Espada de Deus*. No púlpito, Maomé descreveu, com profético arroubo, as glórias dos mártires bem-aventurados; mas, em privado, deixou transparecer os sentimentos da natureza humana; surpreenderam-no a chorar junto da filha de Zeid. «O que vejo eu?», disse-lhe um discípulo, admirado. «Vês», replicou o apóstolo, «um amigo que lamenta a morte do seu mais fiel amigo.» Após a conquista de Meca, o soberano da Arábia quis dar a impressão de prevenir os preparativos hostis de Heraclio; e proclamou solenemente a guerra contra os Romanos, sem tentar disfarçar as dificuldades e os perigos da empresa. Os muçulmanos estavam desanimados; eles objectaram a falta de dinheiro, cavalos e provisões, as fainas da colheita e o calor insuportável do Verão: «O Inferno é muito mais quente», declarou, indignado, o profeta. Achou melhor não os compelir ao serviço, mas, no regresso, lançou contra os mais culpados uma excomunhão de cinquenta dias. A deserção deles fez sobressair o mérito de Abu Becre, de Otomão e dos fiéis companheiros que ofereceram as suas vidas e fortunas; e Maomé desfraldou a bandeira, à cabeça de dez mil cavaleiros e vinte mil infantes. Na verdade, a marcha revelou-se penosa; o cansaço e a sede foram agravados pelos abrasadores e pestilenciais ventos do deserto; dez homens montavam alternadamente o mesmo camelo, vendo-se reduzidos à humilhante necessidade de beber as águas deste útil animal. A meio do caminho, ou seja, a dez jornadas de Medina e de

Damasco, repousaram junto ao bosque e à fonte de Tabuc. Maomé suspendeu a campanha ali mesmo; declarou-se satisfeito com as intenções pacíficas do imperador do Oriente, cujo aparato bélico o tinha provavelmente assustado. No entanto, o enérgico e intrépido Caled espalhou o terror do seu nome; e o profeta recebeu a submissão das tribos e das cidades, desde o Eufrates a Ailah, situada na ponta do mar Vermelho. Maomé concedeu prontamente aos súbditos cristãos a segurança das suas pessoas, a liberdade do seu comércio, a propriedade dos seus bens e a tolerância do seu culto. A fraqueza dos árabes cristãos impedira-os de se oporem à ambição do profeta; os discípulos de Jesus eram estimados pelo inimigo dos Judeus; e um conquistador tinha interesse em propor uma justa capitulação à mais poderosa religião da Terra.

A morte de Maomé

Até à idade de sessenta e três anos, as forças de Maomé deram conta dos trabalhos temporais e espirituais da sua missão. Os seus ataques epilépticos, uma absurda calúnia dos Gregos, deveriam suscitar mais piedade do que aversão; ele julgava, contudo, ter sido envenenado em Khaibar, por vingança de uma judia. Durante quatro anos, a saúde do profeta diminuiu de dia para dia e as enfermidades agravaram-se; a sua doença mortal consistiu, porém, numa febre de catorze dias que o privava, a espaços, do uso da razão. Quando teve consciência do seu estado, edificou os irmãos por meio da humildade da sua virtude e da sua penitência. «Se houver alguém», declarou o apóstolo do alto do púlpito, «que eu tenha açoitado injustamente, submeto as minhas próprias costas à vergasta da retaliação. Manchei alguma vez a reputação de um muçulmano? Que ele proclame os *meus* erros diante da congregação. Alguém foi despojado dos seus bens? O pouco que possuo saldará o capital e o juro da dívida.» «Sim», respondeu uma voz no meio da multidão, «tenho direito a reclamar três dracmas de prata.» Maomé escutou a queixa, satisfez o pedido e agradeceu ao credor por tê-lo acusado neste mundo em vez de o fazer no dia do Juízo. Viu com tranquila firmeza aproximar-se o derradeiro momento; deu carta de alforria aos seus escravos (dezassete homens, segundo consta, e onze mulheres); regulou em pormenor a ordem do seu funeral; e moderou os lamentos dos seus chorosos

amigos, a quem abençoou com palavras de paz. Até três dias antes da morte, desempenhou-se pontualmente da oração pública; a escolha de Abu Becre para o substituir nesta função pareceu indigitar o seu antigo e fiel amigo para lhe suceder na dignidade sacerdotal e régia; mas, prudentemente, ele não quis correr o risco de inveja provocada por uma nomeação mais explícita. Numa altura em que as suas faculdades começavam visivelmente a enfraquecer, pediu uma caneta e tinta para escrever, ou, melhor dizendo, para ditar um livro divino, resumo e epílogo de todas as suas revelações; gerou-se uma disputa no próprio quarto para saber se deviam permitir-lhe suplantar a autoridade do Alcorão; e o profeta viu-se forçado a censurar a indecente veemência dos seus discípulos. Se quisermos dar algum crédito ao testemunho das suas mulheres e dos seus companheiros, ele manteve no seio da família, e até aos últimos momentos de vida, a dignidade de um apóstolo e a fé de um entusiasta; descreveu as visitas do anjo Gabriel, que viera dizer um derradeiro adeus à terra; e exprimiu a sua viva confiança, não só na misericórdia, mas também na graça do Ente Supremo. Numa conversa familiar, ele anunciara um dia que, por especial prerrogativa, o anjo da morte só poderia tomar a sua alma depois de lhe pedir respeitosamente licença. O pedido foi atendido; e Maomé caiu imediatamente em agonia; a sua cabeça estava pousada no regaço de Aixa, a mais querida das suas mulheres; a dor fê-lo desmaiar; mas, ao recuperar os sentidos, ergueu os olhos na direcção do tecto e, com um olhar firme, embora a voz já lhe fraquejasse, pronunciou as últimas palavras, entrecortadas mas claras: «Oh, Deus!... perdoa os meus pecados... Sim... Eu vou... para o meio dos meus concidadãos que estão no céu», e expirou assim calmamente em cima de um tapete estendido no chão. Uma expedição destinada a conquistar a Síria foi anulada por este triste acontecimento; o exército parara às portas de Medina; os chefes estavam reunidos em volta do seu senhor moribundo. A cidade, e em particular a casa do profeta, tornaram-se palco de um clamoroso pesar ou de um silencioso desespero: só o fanatismo podia incutir um vislumbre de esperança e consolação. «Não é possível que tenha morrido a nossa testemunha, o nosso intercessor, o nosso mediador junto de Deus. Ele não está morto, Deus não o permitiria; tal como Moisés e Jesus, encontra-se mergulhado num santo êxtase e em breve voltará para o pé do seu povo fiel.» Não se quis admitir o que os sentidos atestavam; e Omar, desembainhando a cimitarra, ameaçou cortar a cabeça dos infiéis que se

atrevessem a afirmar que o profeta já não existia. O tumulto apaziguou-se graças ao prestígio e à moderação de Abu Becre. «É Maomé», perguntou ele a Omar e à multidão, «ou o Deus de Maomé que adorais? O Deus de Maomé vive eternamente; mas o apóstolo era um mortal como nós, e, segundo a sua própria predição, sofreu o destino comum dos mortais.» Foi enterrado piedosamente pelas mãos dos seus parentes mais chegados no mesmo lugar onde expirara. Medina ficou santificada pela morte e pela sepultura de Maomé, e os inúmeros peregrinos de Meca desviavam-se frequentemente do seu caminho para reverenciar, numa devoção voluntária, o modesto túmulo do profeta.

A personalidade e a vida privada de Maomé

No termo da vida de Maomé, talvez se espere que eu faça um balanço dos seus defeitos e virtudes, e decida se é o título de entusiasta ou o de impostor que mais se adequa a este homem extraordinário. Mesmo que eu tivesse convivido intimamente com o filho de Abdalá, a tarefa seria difícil e o êxito incerto; à distância de doze séculos, contemplo confusamente a sua sombra através de uma nuvem de incenso religioso; e se pudesse delinear fielmente um retrato momentâneo, a fugaz semelhança não se poderia aplicar da mesma maneira ao solitário do monte Hera, ao pregador de Meca e ao conquistador da Arábia. Este autor de uma tão grande revolução parece ter nascido com um pendor piedoso e contemplativo; mal o casamento o colocou acima dos apertos da necessidade, ele evitou a senda da ambição e da avariza; e até aos quarenta anos viveu em plena inocência, pelo que não deixaria renome se a morte o houvesse ceifado em tal idade. A unidade de Deus é uma ideia assaz conforme à natureza e à razão; e uma simples conversa com os judeus e os cristãos tê-lo-á ensinado a desprezar e abominar a idolatria de Meca. Era dever de um homem e de um cidadão divulgar a doutrina da salvação, arrancar o seu país ao domínio do pecado e do erro. A energia de um espírito incessantemente absorto num mesmo assunto pôde converter uma obrigação geral numa missão particular; as ardentes sugestões do intelecto ou da imaginação seriam então sentidas como inspirações do céu; o trabalho do pensamento desembocava num deslumbramento e numa visão; e as sensações interiores, o guia invisível,

eram descritos sob a forma e os atributos de um anjo de Deus. O passo que leva do entusiasmo à impostura é perigoso e escorregadio; o demónio de Sócrates dá-nos uma lição memorável de como um homem sábio pode enganar-se, de como um homem virtuoso pode enganar os outros, e de como a consciência pode adormecer num estado misto e intermédio entre a ilusão pessoal e a fraude voluntária. A caridade pode conduzir-nos a acreditar que os motivos primevos de Maomé eram os de uma pura e genuína benevolência; mas um missionário humano é incapaz de estimar os incrêus obstinados que rejeitam as suas pretensões, desprezam os seus argumentos e perseguem a sua vida; ele podia perdoar aos seus adversários pessoais e odiar legitimamente os inimigos de Deus. As implacáveis paixões do orgulho e da vingança atearam-se no peito de Maomé, e ele ansiava, como o profeta de Nínive, pela destruição dos rebeldes que havia condenado. A injustiça de Meca e a escolha de Medina transformaram o simples cidadão em príncipe, e o humilde pregador num chefe militar; mas a sua espada estava consagrada pelo exemplo dos santos; e o mesmo Deus que castiga um mundo pecador com a peste e os terramotos podia inspirar o valor dos seus servidores a fim de converterem ou punirem os homens. No exercício do governo político, ele viu-se forçado a suavizar o severo rigor do fanatismo, a contemporizar de algum modo com os preceitos e as paixões dos seus seguidores, e a servir-se dos próprios vícios da espécie humana como instrumentos da salvação dela. A utilização da mentira e da perfídia, da crueldade e da injustiça, contribuiu frequentemente para a propagação da fé; e Maomé ordenou ou aprovou o assassinio dos judeus e dos idólatras que tinham escapado do campo de batalha. O carácter de Maomé deve ter-se adulterado a pouco e pouco devido à repetição de tais actos; e a influência destes hábitos perniciosos só em pequena medida poderia ser compensada pela prática das virtudes pessoais e sociais que são necessárias para manter a reputação de um profeta entre os seus sectários e amigos. A ambição constituiu a paixão dominante dos seus últimos anos; e um político poderá suspeitar de que ele sorria intimamente (o impostor vitorioso!) do entusiasmo da sua juventude e da credulidade dos seus prosélitos(*). Um filósofo observará, por seu lado, que a credulidade deles e o êxito do profeta tenderiam a fortificar nele a certeza da sua missão divina; que existia uma ligação indissociável entre o seu interesse e a sua religião; e que a sua consciência poderia sossegar ao persuadir-se de que só ele estava dispensado pela Divindade do cumprimento das leis positivas e morais.

Desde que lhe suponhamos alguns restos de inocência natural, os pecados de Maomé podem ser encarados como uma prova da sua boa-fé. Os artifícios da fraude e da ficção podem parecer menos criminosos quando se põem ao serviço da verdade: e ele teria estremecido ante a vileza dos meios, caso não estivesse convencido da importância e da justiça dos fins. Até mesmo num conquistador ou num padre, eu consigo discernir uma palavra ou um gesto de lídima humanidade; e o decreto de Maomé segundo o qual, na venda dos cativos, jamais se deveriam separar as mães dos filhos pode suspender ou moderar a censura do historiador.

O bom senso de Maomé desprezava a pompa da realeza; o apóstolo de Deus tratava dos afazeres mais anódinos da família: acendia o lume, varria o chão, mungia as ovelhas e remendava por suas próprias mãos os sapatos e as roupas de lã. Se bem que desdenhasse a penitência e o mérito de um eremita, seguia sem esforço ou vaidade o regime frugal de um árabe e de um soldado. Nas ocasiões solenes, recebia os companheiros à sua mesa com rústica e hospitaleira abundância; mas, na vida doméstica, passavam muitas semanas sem que se acendesse o lume na lareira do profeta. A proibição de vinho era confirmada pelo seu exemplo; ele matava a fome com uma escassa porção de pão de centeio; deliciava-se com o sabor do leite e do mel, mas a sua alimentação vulgar consistia em tâmaras e água. Os perfumes e as mulheres eram as duas fruições sensuais exigidas pela sua natureza, e a religião dele não os proibia; Maomé afirmava que o fervor da sua devoção aumentava por mor destes prazeres inocentes. O calor do clima inflama o sangue dos árabes, e a sua compleição libidinosa foi notada pelos escritores da Antiguidade. As leis civis e religiosas do Alcorão regularam a incontinência deles; as suas uniões incestuosas eram reprovadas; a licença sem limites da poligamia ficou reduzida a quatro mulheres legítimas ou concubinas; os seus direitos, tanto conjugais como de dote, estavam fixados de maneira equitativa; a liberdade de divórcio era desencorajada, e o adultério condenado como um crime capital; a fornicção de um ou outro sexo era punida com cem chicotadas. Assim se apresentavam os preceitos calmos e racionais do legislador; mas, na vida privada, Maomé entregava-se aos apetites de um homem e abusava das exigências de um profeta. Uma revelação especial dispensou-o das leis que havia imposto à nação; todas as mulheres, sem reserva, foram abandonadas aos seus desejos; e esta prerrogativa singular suscitou mais inveja do que escândalo, e mais veneração do que inveja, por parte dos devotos muçulmanos. Se nos

lembrarmos das setecentas mulheres e das trezentas concubinas do sábio Salomão, aplaudiremos a moderação do árabe, que apenas desposou umas quinze ou dezassete mulheres; contam-se onze que tinham cada qual, em Medina, o seu aposento separado em volta da casa do apóstolo, e usufruíam, à vez, do favor da sua aliança conjugal. O mais curioso é que eram todas viúvas, excepto Aixa, a filha de Abu Becre. Esta era indubitavelmente virgem, pois Maomé consumou as núpcias (tal a prematura maturidade resultante do clima) quando ela tinha somente nove anos. A juventude, a beleza, a coragem de Aixa proporcionavam-lhe um ascendente sobre as outras; recebeu o amor e a confiança do profeta. E depois da morte dele, a filha de Abu Becre viu-se durante muito tempo venerada como a mãe dos fiéis. O seu comportamento havia sido ambíguo e imprudente: numa marcha nocturna, fora acidentalmente deixada para trás, e, de manhã, Aixa regressara ao acampamento com um homem. Maomé era propenso ao ciúme, mas uma revelação divina garantiu-lhe que ela estava inocente; castigou então os que a acusavam e publicou uma lei de paz doméstica, segundo a qual nenhuma mulher seria acusada se quatro homens não a tivessem visto no acto do adultério. Nas suas aventuras com Zeineb, a mulher de Zeid, e com Maria, uma cativa egípcia, o profeta enamorado esqueceu os interesses da sua reputação. Um dia, em casa de Zeid, seu liberto e filho adoptivo, ele viu a bela Zeineb meio desnuda e deixou escapar uma exclamação de devoção e desejo. O servil ou grato liberto entendeu a insinuação do seu benfeitor e anuiu sem hesitar ao amor dele. Mas, como a relação filial que os ligava suscitara algumas dúvidas e escândalo, o anjo Gabriel desceu dos céus para ratificar o sucedido, anular a adopção e censurar suavemente o apóstolo por não ter confiança na indulgência de Deus. Uma das suas mulheres, Hafna, filha de Omar, surpreendeu-o na própria cama nos braços da cativa egípcia; prometeu-lhe segredo e perdão, e ele jurou que renunciaria à posse de Maria. Ambos esqueceram os seus compromissos, e Gabriel voltou a descer dos céus com um capítulo do Alcorão a fim de o desobrigar do seu juramento e exortá-lo a usufruir livremente das suas cativas e concubinas, sem escutar os clamores das suas mulheres. Durante um retiro de trinta dias, ele esforçou-se a sós com Maria por cumprir as ordens do anjo. Depois de o amor e vingança dele estarem saciados, mandou chamar à sua presença as onze mulheres, reprovou-lhes a desobediência e a indiscrição, e ameaçou-as com uma sentença de divórcio, tanto neste mundo como no outro — uma

sentença terrível, pois todas as que haviam partilhado do leito do profeta estavam para sempre excluídas da esperança de um segundo casamento. Talvez a incontinência de Maomé possa ser desculpada pelo que se conta sobre os seus dons naturais ou sobrenaturais(*): ele reunia em si a força viril de trinta dos filhos de Adão; e o apóstolo podia ter igualado o décimo terceiro dos trabalhos do Hércules grego. Poderíamos ir buscar um meio de defesa mais sério e decente à sua fidelidade a Cadija. Durante os vinte e quatro anos deste casamento, o jovem marido absteve-se do direito de poligamia, e o orgulho ou a ternura da venerável matrona nunca sofreram por causa da associação de alguma rival. Após a morte dela, o profeta colocou-a na categoria das quatro mulheres perfeitas, juntamente com a irmã de Moisés, a mãe de Jesus e Fátima, a mais querida das suas filhas. «Mas ela não era velha?», inquiriu Aixa com a insolência de uma beleza em flor, «e Deus não te concedeu uma melhor em seu lugar?» «Não, por Deus!», redarguiu Maomé com a efusão de uma virtuosa gratidão, «nenhuma será melhor do que ela! Acreditou em mim, quando os homens me desprezavam: proveu às minhas necessidades quando eu era pobre e perseguido pelas gentes.»

Apesar da sua poligamia, Maomé não deixou herdeiros. Em 655 ou 656, o seu genro Ali tomou-se Comandante dos Crentes, mas os descendentes dele não mantiveram o poder.

A influência de Maomé

Os talentos de Maomé merecem o nosso louvor, mas talvez tenhamos admirado em demasia os seus êxitos. Será de espantar que uma multidão de prosélitos haja abraçado a doutrina e partilhado das paixões de um fanático eloquente? Nas heresias da Igreja, esta mesma sedução tem sido empregada e repetida desde o tempo dos apóstolos ao dos reformadores. Parece assim tão incrível que um simples cidadão tenha empunhado a espada e o ceptro, submetido o seu país natal e fundado uma monarquia graças às suas armas vitoriosas? No quadro instável das dinastias do Oriente, cem afortunados usurpadores guindaram-se de uma origem mais baixa, superaram obstáculos maiores e levaram mais longe as noções de império e conquista. Maomé

tanto aprendera a pregar como a lutar, e a reunião destas qualidades opostas realçava-lhe a glória e contribuía para o seu triunfo; os diversos meios da força e da persuasão, do entusiasmo e do medo, agiam constantemente uns sobre os outros, até todas as barreiras cederem à sua força irresistível. A voz dele incitava os Árabes à liberdade e à vitória, à luta e à rapina, ao gozo das suas mais gratas paixões neste mundo e no outro; as restrições que ele impunha tornavam-se necessárias para estabelecer o crédito do profeta e exercitar a obediência do povo, e o único óbice ao seu êxito residia na sua crença racional da unidade e das perfeições de Deus. O que mais deve surpreender-nos não é a propagação, mas a permanência da sua religião; o mesmo puro e perfeito cunho que ele imprimiu em Meca e Medina continua a ser preservado, após a passagem de doze séculos, pelos prosélitos indianos, africanos e turcos do Alcorão. Se os apóstolos cristãos, São Pedro ou São Paulo, pudessem regressar ao Vaticano, talvez perguntassem o nome da Divindade que é adorada, com ritos tão misteriosos, neste magnífico templo; em Oxford ou em Genebra, ficariam menos surpreendidos; mas, ainda assim, teriam de se inteirar do catecismo da Igreja, e de estudar os comentários ortodoxos sobre os seus próprios escritos e as palavras do seu Mestre. No entanto, a mesquita turca de Santa Sofia, apenas com mais esplendor e grandeza, representa o humilde tabernáculo erguido em Medina pelas mãos de Maomé. Os maometanos resistiram unanimemente à tentação de reduzir os objectos da sua fé e devoção ao nível dos sentidos e da imaginação do homem. «Acredito num só Deus, e Maomé é o apóstolo de Deus», tal é a simples e invariável profissão do islamismo. A imagem intelectual da Divindade nunca foi degradada por qualquer ídolo visível; as honras prestadas ao profeta nunca excederam o que é devido à virtude humana; e os seus preceitos imorredoiros contiveram a gratidão dos discípulos dentro dos limites da razão e da religião. Os sectários de Ali consagraram, é bem certo, a memória do seu herói, da mulher e dos filhos dele; e alguns doutores persas afirmam que a essência divina se encarnou na pessoa dos imãs; esta superstição é, todavia, condenada sem excepção pelos sunitas; e uma tal impiedade propiciou um oportuno aviso contra o culto dos santos e dos mártires. As questões metafísicas sobre os atributos de Deus e a liberdade do homem foram debatidas tanto nas escolas dos maometanos como nas dos cristãos; mas, entre os primeiros, elas nunca exacerbaram as paixões do povo, nem perturbaram a tranquilidade do Estado. A causa desta significativa diferença talvez possa encontrar-se na

separação ou na união das funções régias e sacerdotais. Os califas, sucessores do profeta e comandantes dos crentes, tinham interesse em reprimir e desencorajar todas as inovações religiosas. Os muçulmanos desconhecem a ordem, a disciplina, a ambição temporal e espiritual do clero; e os doutores da lei são os guias da sua consciência e os oráculos da sua fé. Desde o Atlântico ao Ganges, o Alcorão é reconhecido como o código fundamental não só da teologia, mas também da jurisprudência civil e criminal; e as leis que regem as acções e a propriedade dos homens são mantidas pela infalível e imutável sanção da vontade de Deus. Esta servidão religiosa faz-se acompanhar, na prática, de algumas vantagens; o legislador iletrado dos muçulmanos foi amiúde induzido em erro pelos seus próprios preconceitos e pelos do seu país; e as instituições do deserto árabe podem convir mal à riqueza e à população de Ispaão e Constantinopla. Nestas ocasiões, o cádi coloca respeitosamente sobre a sua cabeça o livro sagrado, e apresenta uma hábil interpretação mais conforme aos princípios da equidade e aos costumes ou à política dos tempos.

A última consideração sobre a personalidade de Maomé diz respeito ao seu contributo benéfico ou pernicioso para a felicidade pública. O mais amargo ou fanático dos seus inimigos cristãos ou judeus decerto reconhecerá que ele assumiu uma falsa missão para inculcar uma doutrina salutar, apenas menos perfeita que a deles. Adoptou piedosamente, como base da sua religião, a verdade e a santidade das anteriores revelações, bem como as virtudes e os milagres dos fundadores delas. Os ídolos da Arábia desapareceram diante do trono de Deus; o sangue das vítimas humanas foi expiado pela oração, o jejum e a esmola, louváveis ou inocentes artificios da devoção; e as recompensas e os castigos da outra vida eram traçados por meio das imagens mais apropriadas ao espírito de um povo ignorante e carnal. Maomé talvez fosse incapaz de ditar um sistema moral e político para uso dos seus compatriotas; mas insuflava um espírito de caridade e afeição nos fiéis; recomendava a prática das virtudes sociais, e reprimia, mediante as suas leis e preceitos, a sede de vingança e a opressão das viúvas e dos órfãos. As tribos hostis uniram-se em fé e obediência, e a bravura, até então gasta vãmente em querelas internas, dirigiu-se com vigor contra um inimigo estrangeiro. Se o impulso tivesse sido menos forte, a Arábia, livre no interior e temível lá fora, poderia ter florescido sob uma estirpe dos seus monarcas naturais. A sua soberania perdeu-se devido à extensão e à rapidez das conquistas. As colónias da nação espalharam-se pelo Oriente e o

Ocidente, e o sangue dos Árabes misturou-se com o sangue dos conversos e dos cativos. Após o reinado dos três primeiros califas, o trono transferiu-se de Medina para o vale de Damasco e as margens do Tigre; as duas cidades santas foram violadas por uma guerra ímpia; a Arábia vergou sob o jugo de um súbdito, talvez de um estrangeiro; e os beduínos do deserto, despertando do seu sonho de domínio, retomaram a sua antiga e solitária independência.

Capítulo 51

O destino da Biblioteca de Alexandria

Os capítulos 51 e 52 foram omitidos. Contêm o relato das conquistas dos Árabes e da extensão do seu poder e da sua civilização a África e a Espanha. A sua avançada em França foi sustida em 732 pela vitória de Carlos Martel. Depois de alastrarem até ao Ocidente, estas invasões quedam-se, rigorosamente falando, fora do Império Romano. Apenas inserimos aqui um excerto do Capítulo 51, que descreve a destruição da Biblioteca de Alexandria. Este evento constituiu, pelo menos, um símbolo do eclipse da cultura antiga e, como afirma Gibbon, não pode passar em claro. A narrativa permitiu-lhe prestar uma última homenagem a essa literatura que era o modelo da sua vida e do seu pensamento, e a partir da qual, bem como de outras fontes, traçou o declínio e queda da civilização. Ele conta, no entanto, o episódio de uma forma crítica, e o seu cepticismo é apoiado pela opinião moderna.

A Biblioteca de Alexandria

Decepcionaria a expectativa do leitor se porventura passasse em silêncio o destino da Biblioteca de Alexandria, segundo o que nos é relatado pelo sábio Abu Al-Faradj. O espírito de Amru era mais curioso e liberal que o dos seus compatriotas, e o chefe árabe gostava de passar as horas de lazer a

dialogar com João, último discípulo de Amónio, a quem cognominaram de *Filópono* devido aos seus laboriosos estudos de gramática e filosofia. Afoitado por esta familiaridade, Filópono atreveu-se a solicitar um presente, inestimável na sua opinião, desprezível aos olhos dos bárbaros; a biblioteca real, o único entre os despojos de Alexandria que escapara à vistoria e ao selo do conquistador. Amru estava disposto a satisfazer o desejo do gramático, mas a sua escrupulosa integridade recusava-se a alienar a mais pequena coisa sem o consentimento do califa; e a famosa resposta de Omar foi inspirada pela ignorância de um fanático. «Se os escritos dos Gregos estão de acordo com o livro de Deus, são inúteis e não necessitam ser conservados; se dele discordam, são perniciosos e devem ser destruídos.» Esta sentença passou logo à prática com cega obediência: os volumes em papel ou pergaminho foram distribuídos pelos quatro mil banhos da cidade; e tal era o seu incrível número, que seis meses mal chegaram para consumir este precioso combustível. Desde que as *Dinastias* de Abu Al-Faradj vieram à luz numa versão latina, o relato tem sido repetidamente transcrito; e todos os eruditos lamentaram com piedosa indignação a irreparável perda do saber, das artes e do génio da Antiguidade. No que me diz respeito, sinto-me bastante tentado a negar tanto o facto em si mesmo como as consequências. O facto é realmente assombroso. «Lede e espantai-vos!», diz o próprio historiador; e a informação isolada de um estrangeiro, que escrevia seiscentos anos depois nos confins da Idade Média, é contrabalançada pelo silêncio de dois analistas de uma época anterior, ambos cristãos, ambos naturais do Egipto, e dos quais o mais antigo, o patriarca Eutíquio, descreveu detidamente a conquista de Alexandria. A rigorosa sentença de Omar não é compatível com os preceitos mais idóneos e ortodoxos dos casuístas maometanos. Estes declaram expressamente que os livros religiosos dos Judeus e dos cristãos adquiridos pelo direito da guerra nunca devem ser lançados às chamas; e que as obras profanas dos historiadores ou dos poetas, dos médicos ou dos filósofos podem ser legitimamente aproveitadas para uso dos fiéis. Talvez se deva atribuir um zelo mais destrutivo aos primeiros sucessores de Maomé; mas, neste caso, o incêndio depressa chegaria ao fim por falta de materiais. Não recapitularei todos os desastres da Biblioteca de Alexandria, o incêndio involuntário ocasionado por César ao defender-se, ou o funesto fanatismo dos cristãos que se esforçavam por destruir os monumentos da idolatria. Mas se descermos em seguida do século dos Antoninos ao de Teodósio, ficaremos a

saber por uma série de testemunhos contemporâneos que o palácio real e o templo de Serápis já não continham os quatrocentos ou setecentos mil volumes que haviam sido reunidos pela curiosidade e a magnificência dos Ptolemeus. Talvez a sé e a residência dos patriarcas estivessem enriquecidas com um repositório de livros; mas se o enorme acervo da controvérsia ariana e monofisita foi realmente aquecer os banhos públicos, um filósofo poderá admitir, sorrindo, que esses escritos tiveram finalmente algum préstimo para o género humano. Lamento sinceramente as mais preciosas bibliotecas que se viram envolvidas na ruína do Império Romano; no entanto, quando calculo seriamente o afastamento dos tempos, os estragos causados pela ignorância e as calamidades da guerra, surpreendem-me mais os tesouros que nos restam do que os perdidos. Muitos factos curiosos e interessantes caíram no olvido; os três grandes historiadores de Roma só nos chegaram mutilados; e estamos privados de uma quantidade de agradáveis composições da poesia lírica, jâmbica e dramática dos Gregos. Devemos, no entanto, relembrar agradecidos que os danos do tempo e os acasos pouparam as obras clássicas às quais o sufrágio da Antiguidade atribuiu o primeiro lugar do génio e da glória. Os mestres do conhecimento antigo, cujo testemunho subsiste, tinham lido e comparado os escritos dos seus antecessores; e não há motivo pertinente para supor que uma verdade importante ou uma descoberta útil na arte ou no estudo da Natureza tenha sido subtraída à curiosidade dos tempos modernos.

O DECLÍNIO DO IMPÉRIO DO ORIENTE

Capítulo 53

Estado do Império do Oriente no século X. Riquezas, manufacturas e rendimentos do Império. O palácio imperial. Esquecimento da língua latina. Renascimento da sabedoria grega. Decadência do gosto

Um raio de luz histórico parece irradiar das trevas do século X. Abrimos com curiosidade e respeito os régios volumes de Constantino Porfirogénito, que ele compôs já numa idade madura para instrução do seu filho e onde nos promete revelar o estado do Império do Oriente, quer na paz quer na guerra, dentro e fora das fronteiras. Na primeira destas obras, ele descreve minuciosamente as pomposas cerimónias da Igreja e do palácio de Constantinopla, de acordo com o seu protocolo e o dos seus antecessores. Na segunda, tenta dar um panorama exacto das províncias, *os temas*, como eram denominadas tanto na Europa como na Ásia. O sistema de táctica dos Romanos, a disciplina e a ordem das tropas, e as operações militares em terra e mar são explicados na terceira destas colecções didácticas, a qual se pode atribuir a Constantino ou a seu pai Leão. Na quarta, sobre a

administração do império, desvendam-se os segredos da política bizantina nas suas relações de amizade ou inimizade com as outras nações. Os trabalhos literários da época, os sistemas práticos das leis, da agricultura e da historiografia parecem reverter em benefício dos súbditos e procurar honrar os príncipes macedônicos. Os sessenta livros das *Basílicas*, que formam o Código e as Pandectas da jurisprudência civil, foram redigidos a pouco e pouco, nos três primeiros reinados desta próspera dinastia. A arte da agricultura distraía os ócios e exercitara a pena dos mais probos e sábios dos Antigos; e os seus preceitos seleccionados estão contidos nos vinte livros das *Geopónicas* de Constantino. Por ordem dele, os melhores exemplos históricos do vício e da virtude foram coligidos em cinquenta e três livros, e todos os cidadãos puderam aplicar aos seus contemporâneos ou a si próprios as lições ou os avisos dos tempos passados. Das augustas funções de um legislador, o soberano do Oriente desce assim ao papel mais humilde de professor e copista; e se os sucessores ou os seus súbditos não atenderam a tais cuidados paternos, o certo é que nós herdámos e apreciámos este eterno legado.

Em boa verdade, um exame mais aprofundado reduz o valor da dádiva e a gratidão da posteridade; a posse destes tesouros imperiais não nos impede de lamentar a nossa pobreza e a nossa ignorância desta época da História, e a glória emurchecida dos autores será apagada pela indiferença ou o desprezo. As *Basílicas* não irão além de simples fragmentos, de uma versão parcial e mutilada, em língua grega, das leis de Justiniano; mesmo assim, a sabedoria dos antigos jurisconsultos é aí frequentemente alterada pela influência da beatice; e a proibição absoluta do divórcio, da concubinação e do empréstimo a juros sufoca a liberdade de comércio e a felicidade da vida privada. Na compilação histórica, um súbdito de Constantino podia admirar as inimitáveis virtudes da Grécia e de Roma; podia igualmente aprender até que ponto de energia e elevação chegara outrora o carácter humano. No entanto, um efeito contrário deve ter sido produzido por uma nova edição das *Vida dos Santos*, que o grande logóteta, ou chanceler do império, recebeu ordem para elaborar; e o fundo obscuro da superstição foi enriquecido pelas fabulosas e floreadas lendas de Simeão Metafrasta. Os méritos e os milagres celebrados em todo o calendário valem menos aos olhos de um sábio do que o labor de um simples agricultor que multiplica as dádivas do Criador e fornece o sustento dos seus irmãos. Os autores régios das *Geopónicas* estavam, contudo, mais seriamente empenhados em expor

os preceitos de uma arte destrutiva, a da guerra, que era ensinada desde o tempo de Xenofonte como a arte dos heróis e dos reis. A *Táctica* de Leão e de Constantino imbuíu-se, todavia, do baixo quilate da época em que eles viveram. Era destituída de génio e originalidade; transcrevem cegamente as regras e as máximas confirmadas por vitórias. Já não se cultivava o estilo nem o método; assim, vemo-los confundir sem discernimento as mais distantes e díspares instituições, a falange de Esparta e a de Macedónia, as legiões de Catão e de Trajano, de Augusto e de Teodósio. A própria utilidade, ou pelo menos a importância destes rudimentos militares pode ser justamente posta em causa, a sua teoria geral é ditada pela razão, mas o mérito, tanto quanto a dificuldade, residem na aplicação. A disciplina de um soldado assenta mais no exercício do que no estudo; os talentos de um comandante quadram bem com esses espíritos calmos, embora rápidos, que a Natureza produz para decidir da sorte dos exércitos e das nações; a primeira destas qualidades é a experiência da vida, e a segunda, o relance do momento; e as batalhas ganhas pelas lições de táctica são tão raras como os poemas épicos criados a partir das regras da crítica. O *Livro das Cerimónias* é uma descrição monótona e imperfeita da pompa desprezível que contaminava a Igreja e o Estado, desde o gradual declínio da pureza de uma e do poder do outro. A explanação dos *temas* ou províncias poderia oferecer a informação autêntica e útil que somente a curiosidade do governo é capaz de obter, em vez de tradições fabulosas sobre a origem das cidades e de alguns maliciosos epigramas sobre os vícios dos seus habitantes. O historiador deveria sentir prazer em coligir dados daquela ordem; mas não podemos condenar o seu silêncio a tal respeito, quando as questões mais interessantes, como a população da capital e das províncias, o montante dos impostos e dos rendimentos, o número dos súbditos e dos estrangeiros que serviam sob a bandeira imperial, são ignoradas por Leão, o *Filósofo*, e pelo seu filho Constantino. O *Tratado da Administração Pública* apresenta as mesmas pechas; distingue-se, contudo, por um mérito especial: o que aí se lê sobre as antiguidades das nações pode ser duvidoso ou fabuloso, mas a geografia e os costumes do mundo bárbaro são delineados com pormenor e exactidão. Dentre estas nações, só os Francos estavam em condições de observar e descrever por seu turno a metrópole do Oriente. O embaixador de Otão, o *Grande*, um bispo de Cremona, descreveu o estado de Constantinopla em meados do século X: o seu estilo é colorido, a sua narração viva, o seu poder de observação penetrante; e os próprios

preconceitos e paixões de Liutprando trazem a marca original da liberdade e do génio. É com este escasso fundo de materiais quer estrangeiros, quer colhidos no país, que eu irei estudar a forma e a substância do Império Bizantino: as províncias e as riquezas, o governo civil e as forças militares, os costumes e a literatura dos Gregos, ao longo de um período de seiscentos anos, desde o reinado de Heraclio à invasão bem-sucedida dos Francos ou Latinos.

Depois da partilha final entre os filhos de Teodósio, as multidões de bárbaros da Cítia e da Germânia espalharam-se pelas províncias e aniquilaram o império da antiga Roma. A fraqueza de Constantinopla era dissimulada pela vastidão dos seus domínios; os seus limites não tinham sido atacados, ou pelo menos estavam intactos; e o reino de Justiniano acabava de se dilatar mercê das brilhantes aquisições de África e da Itália. Mas a posse destas novas conquistas revelou-se efêmera e precária, e praticamente metade do Império do Oriente foi arrebatada pelas armas dos Sarracenos. A Síria e o Egipto ficaram sob o jugo dos califas árabes, e, após a sujeição de África, os seus lugar-tenentes invadiram e submeteram a província romana que formava então a monarquia dos Godos em Espanha. As ilhas do Mediterrâneo não eram inacessíveis ao seu poder naval; e era a partir das suas posições mais afastadas, os portos de Creta e as fortalezas da Cilícia, que os emires fiéis ou rebeldes aos califas ultrajavam a majestade do trono e da capital. As províncias que ainda obedeciam aos imperadores tomaram uma nova forma; e a jurisdição dos presidentes, dos consulares e dos condes foi substituída pela instituição dos *temas* ou governos militares, que prevaleceram sob os sucessores de Heraclio e são descritos pela pena do autor real. Os vinte e nove *temas*, doze na Europa e dezassete na Ásia, têm uma origem obscura, uma etimologia incerta ditada pelo capricho, e limites arbitrários e instáveis; mas alguns nomes particulares, que soam mais estranhamente aos nossos ouvidos, derivavam do carácter e dos atributos das tropas que eram mantidas a expensas e para a guarda das respectivas províncias. A vaidade dos príncipes gregos apoderou-se avidamente da sombra de algumas conquistas e da memória dos seus domínios perdidos. Criou-se uma nova Mesopotâmia na margem ocidental do Eufrates; o nome da Sicília e o seu pretor acharam-se transferidos para uma estreita faixa da Calábria; e um retalho do ducado de Benevento foi promovido à categoria e ao título de *tema* da Lombardia. No declínio do império dos Árabes, os sucessores de Constantino puderam satisfazer o seu

orgulho de uma maneira mais sólida. As vitórias de Nicéforo, de João Tzimices e de Basílio II restauraram a fama e alargaram as fronteiras do Império Romano; a província da Cilícia, a metrópole de Antioquia, as ilhas de Creta e de Chipre retornaram à fé de Cristo e ao mando dos Césares; um terço da Itália viu-se anexado ao trono de Constantinopla, o reino da Bulgária foi destruído, e os últimos soberanos da dinastia macedónia estenderam a sua lei desde as nascentes do Tigre às cercanias de Roma. No século XI, as perspectivas ficaram outra vez ensombradas por novos inimigos e novos infortúnios; o resto da Itália acabou invadido pelos aventureiros normandos, e quase todos os ramos asiáticos se separaram do tronco romano por obra dos conquistadores turcos. Depois destas perdas, os imperadores da casa de Comneno continuaram a reinar desde o Danúbio ao Peloponeso e de Belgrado a Nice, a Trebizonda e ao curso sinuoso de Meandro. As vastas províncias da Trácia, da Macedónia e da Grécia obedeciam ao seu ceptro; a posse de Chipre, Rodes e Creta era completada pela de cinquenta ilhas do mar Egeu ou mar Santo, e estes restos do império ainda ultrapassavam as dimensões do maior reino europeu.

Riquezas, manufacturas e rendimentos do Império

Estes mesmos príncipes podiam afirmar, com orgulho e verdade, que dentre todos os monarcas da Cristandade, eram pertença sua a maior capital, os mais largos rendimentos e o mais próspero e populoso Estado. Com o declínio e queda do império, as cidades do Ocidente haviam entrado igualmente em decadência e degradação; e as ruínas de Roma, as paredes de lama, os casebres de madeira e os estreitos recintos de Paris ou Londres não podiam dar aos latinos uma ideia que os preparasse para contemplar o aspecto e a extensão de Constantinopla, os seus imponentes palácios e igrejas, ou as artes e o luxo de um povo inumerável. Os seus tesouros podiam atrair as invasões audaciosas dos Persas, dos Búlgaros, dos Árabes e dos Russos, mas as suas forças incólumes sempre as haviam repellido e prometiam continuar a repelir. As províncias eram menos afortunadas e inexpugnáveis, e citavam-se poucos distritos e cidades que não tivessem sido violados por algum bárbaro feroz, impaciente por saquear, já que não acalentava a esperança de aí se estabelecer. Desde a época de Justiniano, o

Império do Oriente ia perdendo aos poucos o seu antigo brilho; os factores de destruição mostravam-se mais poderosos que os de aperfeiçoamento; e as calamidades da guerra eram agravadas pelos males mais duráveis das tiranias civil e eclesiástica. O cativo escapado aos bárbaros via-se muitas vezes despojado e aprisionado pelos agentes do seu soberano; a superstição grega amolecia o espírito pelo uso da oração e enfraquecia o corpo devido ao jejum; e a quantidade de mosteiros e festas desviava muitos braços e muitos dias de trabalho do serviço temporal da comunidade. No entanto, os súbditos do Império Bizantino continuavam a ser os mais hábeis e industriais do mundo inteiro; o seu país era abençoado pela Natureza com todas as vantagens do solo, do clima e da situação; e, no tocante à manutenção e ao restabelecimento das artes, a sua natureza paciente e pacífica revelava-se mais útil do que o espírito bélico e a anarquia feudal da Europa. As províncias que ainda faziam parte do império repovoaram-se e enriqueceram em resultado dos infortúnios das que estavam irremediavelmente perdidas. Fugindo ao jugo dos califas, os católicos da Síria, do Egipto e de África vieram submeter-se ao seu príncipe legítimo e procurar a sociedade dos seus irmãos; as riquezas mobiliárias, que escapam à devassa da opressão, acompanharam e suavizaram o exílio deles e Constantinopla acolheu no seu seio o comércio em fuga de Alexandria e Tiro. Os chefes da Arménia e da Cítia, expulsos por uma perseguição religiosa ou pelo inimigo, eram recebidos hospitaleiramente; os seus acompanhantes viam-se incentivados a construir novas cidades e a cultivar as terras abandonadas; e muitos lugares, tanto na Europa como na Ásia, conservaram o nome, os costumes, ou pelo menos a memória destas colónias nacionais. As próprias tribos de bárbaros que se tinham instalado de armas em punho no território do império foram gradualmente colocadas sob as leis da Igreja e do Estado; e enquanto se mantiveram separadas dos Gregos, a sua descendência forneceu uma raça de soldados fiéis e obedientes. Mesmo que possuíssemos materiais bastantes para descrever os vinte e nove *temas* da monarquia bizantina, a nossa curiosidade deveria satisfazer-se com um exemplo escolhido: podemos alegrar-nos por a mais clara luz nos iluminar a província mais interessante, a do Peloponeso, cujo nome despertará a atenção do leitor amante da Antiguidade Clássica.

A partir do século VIII, durante o conturbado reinado dos iconoclastas, a Grécia, e até mesmo o Peloponeso, foram inundados por bandos de escravos que se adiantaram ao estandarte real da Bulgária. Estrangeiros de

outrora, Cadmo, Dánao e Pélops, é que tinham lançado as sementes da civilização e do saber neste solo fértil; mas os selvagens do Norte arrancaram o que restava destas raízes murchas e débeis. O país e os habitantes transformaram-se em consequência desta irrupção; o sangue grego perdeu a sua pureza, e os nobres mais orgulhosos do Peloponeso receberam os nomes injuriosos de estrangeiros e de *escravos*. O denodo dos príncipes seguintes livrou uma parte desta terra dos bárbaros que a maculavam; e aos poucos que ficaram exigiu-se um juramento de obediência, de tributo e de serviço militar, que eles renovaram e violaram muitas vezes. O cerco de Patras sobreveio devido a uma singular cooperação entre os escravões do Peloponeso e os sarracenos de África. No meio da sua aflição, a piedosa quimera de que o pretor de Corinto se aproximava veio reanimar a coragem dos cidadãos. Fizeram uma surtida ousada e bem-sucedida; os estrangeiros embarcaram, os rebeldes submeteram-se, e atribuiu-se a vitória a um fantasma ou a um guerreiro desconhecido que lutou na primeira fila sob a figura do apóstolo Santo André. O cofre que continha as suas relíquias foi decorado com os troféus da vitória, e a raça cativa ficou para sempre votada ao serviço e submetida à vassalagem da Igreja metropolitana de Patras. A tranquilidade da península era frequentemente perturbada pela revolta de duas tribos escravónias das redondezas de Helos e de Lacedémon. Elas insultavam por vezes a fraqueza do governo de Bizâncio, e outras vezes resistiam à sua opressão, até que, finalmente, a notícia da aproximação de uma tropa dos seus irmãos lhes permitiu arrancar uma bula de ouro que regulava os direitos e as obrigações dos Ezeritas e dos Milengos, cujo tributo anual foi fixado em mil e duzentas moedas de ouro. O geógrafo imperial distinguiu cuidadosamente destes estrangeiros uma raça doméstica e talvez indígena que, em certa medida, podia descender dos desventurados hilotas. A liberalidade dos Romanos, e sobretudo de Augusto, libertara as cidades marítimas do domínio de Esparta; e este privilégio veio a enobrecer os seus habitantes com o título de *Eleuthera* ou de Lacónios Livres. No tempo de Constantino Porfirogénito, eles já tinham adquirido o nome de *Mainotas*, sob o qual desonram o seu amor à liberdade devido à desumana pilhagem de tudo o que naufraga junto às suas costas rochosas. O seu território, que não produzia trigo, mas era fértil em oliveiras, estendia-se até ao cabo de Málea; aceitavam um chefe ou príncipe nomeado pelo pretor bizantino; e um leve tributo de quatrocentas moedas de ouro era mais um símbolo de imunidade que de dependência. Os

homens livres da Lacónia mostraram a energia dos Romanos, e aderiram durante muito tempo à religião dos Gregos. Foram baptizados na fé de Cristo pelo zelo do imperador Basílio; mas os altares de Vénus e de Neptuno ainda haviam recebido as oferendas destes grosseiros adoradores quinhentos anos depois de terem sido proscritos no mundo romano. No *tema* do Peloponeso ainda se contavam quarenta cidades; e a situação declinante de Esparta, Argos e Corinto, no século X, talvez se situasse a igual distância do seu antigo esplendor e da sua presente desolação. A obrigação do serviço militar, quer em pessoa, quer por substituição, foi imposta aos que possuíam as terras ou os benefícios da província; colectava-se uma soma de cinco moedas de ouro a cada um dos rendeiros abastados; e a mesma capitação era paga em conjunto por cidadãos de menos cabedais. Quando a guerra de Itália foi declarada, os Peloponésios conseguiram isentar-se fazendo uma oferta de cem libras de ouro (quatro mil libras esterlinas) e mil cavalos com as respectivas armas e arreios. As igrejas e mosteiros forneceram o seu contingente; encontrou-se um recurso sacrílego na venda das honras eclesiásticas; e o indigente bispo de Leucádia teve de se responsabilizar por uma pensão de cem moedas de ouro.

No entanto, a riqueza da província, a fonte mais certa do rendimento público, provinha dos valiosos e abundantes produtos do comércio e das manufacturas; e notam-se alguns sintomas de uma política de vistas largas numa lei que dispensa de todos os impostos pessoais os marinheiros do Peloponeso e os obreiros que trabalhavam o pergaminho e a púrpura. Esta denominação pode de algum modo aplicar-se ou estender-se ao fabrico do linho, da lã e, mais especificamente, da seda: os dois primeiros floresciam na Grécia desde a época de Homero, e o último talvez tenha sido introduzido a partir do reinado de Justiniano. Estas artes, que eram exercidas em Corinto, Tebas e Argos, propiciavam sustento e ocupação a um grande número de indivíduos; os homens, as mulheres e as crianças eram empregados segundo a sua idade e força; e se muitos destes obreiros eram escravos, já os seus mestres, que orientavam o trabalho e colhiam os lucros, dispunham de um estatuto livre e honroso. Os presentes que uma rica e generosa matrona do Peloponeso ofereceu ao imperador Basílio, seu filho adoptivo, tinham indubitavelmente sido fabricados nos teares gregos. Danielis, era o nome dela, enviou-lhe um tapete de pura lã, cujo desenho representava os ocelos de uma cauda de pavão, e que era suficientemente grande para cobrir o chão de uma nova igreja erigida em tripla honra de

Cristo, do arcanjo Miguel e do profeta Elias. Ela deu-lhe também seiscentas peças de seda e de linho de diferentes espécies e destinadas a vários usos; a seda era tingida em cores de Tiro e ornada por bordados a agulha; e o linho era de tal modo fino que uma peça inteira podia ser enrolada no côncavo de uma cana. Na descrição destes artigos da indústria grega, um historiador da Sicília determina o seu preço segundo o peso e qualidade da seda, a densidade da textura, a beleza das cores, o bom gosto e a matéria dos bordados. O tecido de um, dois ou três fios era considerado suficiente para a venda usual; mas a junção de seis fios compunha uma peça de feitura mais forte e mais cara. Entre as cores, ele gaba com afectada eloquência o fulgor ígneo do escarlata e o brilho mais suave do verde. O bordado era lavrado a seda ou a ouro; os mais simples ornamentos em listas ou círculos eram superados pelos que imitavam flores com toda a precisão; as vestes e toalhas fabricadas para uso do palácio ou dos altares refulgiam frequentemente de pedras preciosas; e as figuras eram delineadas com fiadas de pérolas orientais. Até ao século XII, só a Grécia, entre todos os países da Cristandade, possuía o insecto que é ensinado pela Natureza, e os obreiros que são instruídos pela arte, a preparar esta sumptuária. O segredo, porém, fora surripiado pela destreza e iniciativa dos Árabes; os califas do Oriente e Ocidente não se rebaixavam a ir buscar o seu mobiliário e vestuário aos países infieis; e duas cidades de Espanha, Almería e Lisboa, tornaram-se famosas pelas suas manufacturas de seda, pelo uso que dela faziam e talvez pela exportação deste artigo. Ela foi inicialmente introduzida na Sicília pelos Normandos; e este advento de uma arte mecânica distingue a vitória de Rogério das banais e infrutíferas hostilidades de todos os séculos. Depois do saque de Corinto, Atenas e Tebas, o seu lugar-tenente embarcou com uma multidão cativa de tecelões e obreiros de ambos os sexos, um troféu tão glorioso para o seu amo quão vergonhoso para o imperador grego. O rei da Sicília mostrou-se sensível ao valor do presente; e, ao restituir os prisioneiros, só exceptuou os obreiros masculinos e femininos de Tebas e Corinto, que, afirma o historiador bizantino, trabalhavam sob um senhor bárbaro como os antigos Eritreus ao serviço de Dario. Construiu-se um imponente edifício no palácio de Palermo para o estabelecimento desta industriosa colónia; e os filhos e os discípulos dos obreiros propagaram a sua arte a fim de se satisfazer a crescente procura do mundo ocidental. O declínio da tecelagem na Sicília pode ser atribuído às conturbações na ilha e à concorrência das cidades

italianas. Em 1314, apenas Luca, entre as repúblicas suas irmãs, fazia este lucrativo comércio. Uma revolução interna dispersou os seus obreiros por Florença, Bolonha, Veneza, Milão, e até mesmo pelos países do outro lado dos Alpes; e treze anos após este acontecimento, os estatutos de Módena ordenam a plantação de amoreiras e regulamentam o imposto sobre a seda crua. Os climas do Norte são menos propícios à criação do bichoda-seda; mas as fábricas de França e de Inglaterra são abastecidas e enriquecidas pelas sedas de Itália e da China.

Devo repetir aqui o meu lamento de que as vagas e escassas crónicas da época não permitam um cálculo exacto dos impostos, rendimentos e recursos do Império Grego. De todas as províncias da Europa e da Ásia, o ouro e a prata afluíam numa torrente abundante e regular ao tesouro imperial. As perdas do império, ao separar alguns ramos do tronco, aumentaram a grandeza relativa de Constantinopla; e os ditames do despotismo reduziram o Estado à capital, a capital ao palácio, e o palácio à pessoa real. Um viajante judeu, de visita ao Oriente no século XII, desfaz-se em admiração ante as riquezas bizantinas. «É aqui», afirma Benjamim de Tudela, «na rainha das cidades, que os tributos do Império Grego são anualmente depositados e as amplas torres se enchem de preciosos sortimentos de seda, púrpura e ouro. Diz-se que Constantinopla paga diariamente ao seu soberano vinte mil moedas de ouro, que são cobradas nas lojas, nas tabernas e nos mercados, bem como aos negociantes da Pérsia e do Egipto, da Rússia e da Hungria, de Itália e de Espanha que chegam à capital por mar e por terra.» A autoridade de um judeu é indubitavelmente respeitável em todas as questões de dinheiro; mas como os trezentos e sessenta e cinco dias do ano dariam uma receita superior a sete milhões de libras esterlinas, sinto-me tentado a suprimir, pelo menos, as numerosas festas do calendário grego. Os tesouros amontoados por Teodora e por Basílio II darão uma ideia bastante sugestiva, embora aproximada, dos seus rendimentos e recursos. Antes de se retirar para um convento, a mãe de Miguel tentou conter ou desvendar a prodigalidade do seu ingrato filho, dando a conhecer com exactidão as riquezas que ele herdara: cento e nove mil libras de ouro, e trezentas mil de prata, fruto da poupança dela e do seu falecido marido. A avareza de Basílio é tão célebre como o seu valor e a sua fortuna; os seus exércitos vitoriosos foram pagos e recompensados sem que ele tocasse num pecúlio de duzentas mil libras de ouro (cerca de oito milhões de libras esterlinas) que escondera nas abóbadas subterrâneas do

palácio. Esta acumulação de dinheiro é rejeitada pela teoria e prática da nossa política moderna; e propendemos mais a calcular a riqueza nacional pelo uso e abuso do crédito público. Todavia, as máximas da Antiguidade ainda são seguidas por um monarca temido pelos seus inimigos, por uma república respeitada pelos seus aliados; e ambos atingiram os seus respectivos fins de poderio militar e tranquilidade doméstica.

O palácio imperial

Independentemente do que se pudesse gastar com as necessidades presentes ou reservar para uso futuro do Estado, a primeira e mais sagrada das exigências consistia na pompa e nos prazeres do imperador; e só a sua vontade podia traçar o limite das suas despesas privadas. Os príncipes de Constantinopla estavam muito longe da simplicidade da Natureza; no entanto, quando chegava o bom tempo, eram levados pelo gosto ou pela moda a retirar-se para um sítio de ar mais puro e liberto do fumo e da agitação da capital. Apreciavam, ou fingiam apreciar, os rústicos folguedos das vindimas; os seus lazes eram entretidos pelo exercício da caça e pelas distrações mais calmas da pesca; e no pino do Verão procuravam lugares umbrosos e refrescados pela brisa do mar. As costas e as ilhas da Ásia e da Europa apareciam cobertas das suas magníficas casas de campo; mas, em vez da arte modesta, que trata de se esconder a si mesma e de ornar a paisagem natural, os mármore dos seus jardins apenas serviam para alardear a riqueza do dono e o labor do architecto. Os sucessivos acasos das heranças e das confiscações haviam tornado o soberano proprietário de muitas casas sumptuosas na cidade e nos subúrbios, das quais doze eram ocupadas pelos ministros de Estado; mas o grande palácio, centro da residência imperial, manteve-se durante onze séculos no mesmo sítio, entre o Hipódromo, a Catedral de Santa Sofia e os jardins que desciam através de inúmeros terraços até às margens da Propôntida. O primitivo edifício de Constantino, *o Magno*, era uma cópia, ou uma emulação, da antiga Roma; os graduais melhoramentos dos seus sucessores aspiravam a rivalizar com as maravilhas do mundo antigo, e, no século x, o palácio de Bizâncio suscitava a admiração, pelo menos dos Latinos, mercê de uma incontestável superioridade de solidez, tamanho e magnificência. No entanto, o esforço e

os tesouros de tantos séculos só haviam produzido uma grande massa irregular; cada edifício separado exibia as marcas do tempo da sua construção e do gosto do seu fundador; e a falta de espaço podia servir de desculpa ao monarca reinante para demolir, talvez com íntima satisfação, a obra dos antecessores. A economia do imperador Teófilo não impediu o redobramento do seu luxo pessoal e do esplendor da corte. Um dos embaixadores favoritos, que surpreendera os próprios Abássidas com o seu orgulho e as suas liberalidades, descreveu-lhe, ao regressar, o modelo de um palácio que o califa de Bagdade construía recentemente nas margens do Tigre. Este modelo foi imediatamente copiado e ultrapassado; os novos edifícios de Teófilo fizeram-se acompanhar de jardins e de cinco igrejas, uma das quais era notável pelo tamanho e pela beleza; encimavam-na três cúpulas; o telhado, de bronze dourado, assentava em colunas de mármore italiano, e as paredes apresentavam-se incrustadas de mármore de várias cores. Em face da igreja, um pórtico semicircular, que tinha a forma e era designado pelo nome do *sigma* grego, apoiava-se em quinze colunas de mármore frígio, e as abóbadas subterrâneas ofereciam uma construção semelhante. A praça em frente do pórtico estava decorada com uma fonte, e placas de prata formavam a borda da bacia. No começo de cada estação, esta bacia era cheia, não com água, mas com os mais deliciosos frutos, que se abandonavam à população para diversão do príncipe. Ele desfrutava deste tumultuoso espectáculo do alto trono resplandecente de ouro e pedrarias, colocado no cimo de uma escada de mármore da altura de um terraço elevado. Por baixo do trono, sentavam-se os oficiais da sua guarda, os magistrados e os chefes das facções do circo; os degraus inferiores eram ocupados pelo povo, e a praça, em frente, enchia-se de companhias de bailarinos, cantores e mimos. A praça era circundada pelo palácio da justiça, o arsenal e as diversas dependências destinadas à administração e ao recreio; uma delas, a *câmara de púrpura*, devia o seu nome à distribuição anual de trajes escarlates e cor de púrpura pela mão da própria imperatriz. A longa correnteza dos aposentos estava adaptada às diversas estações e decorada com mármore e pórfiro, pinturas, esculturas e mosaicos, e uma profusão de ouro, prata e pedras preciosas. A fantasiosa magnificência de Teófilo empregou a habilidade e a paciência dos artistas que a época podia oferecer; mas o gosto de Atenas teria desprezado os seus frívolos e dispendiosos trabalhos; entre os quais uma árvore de ouro cujas folhas e ramos abrigavam uma multidão de pássaros chilreando os seus trilos

artificiais, e dois leões de ouro maciço e tamanho natural que revolviam os olhos e rugiam como os seus irmãos da floresta. Os sucessores de Teófilo, das dinastias basílica e comnena, nutriam igual ambição de deixar monumentos que lembrassem o seu reinado; e a parte mais esplendorosa e augusta do palácio recebeu deles o título de *triclínio de ouro*. Os mais ricos e nobres dentre os Gregos aspiravam, com uma conveniente modéstia, a imitar o soberano, e, sempre que atravessavam as ruas montados a cavalo, em trajes de seda bordada, as crianças tomavam-nos por reis. Uma matrona do Peloponeso, que favorecera a fortuna inicial de Basílio, *o Macedónio*, quis, por vaidade ou ternura, vir contemplar a grandeza do seu filho adoptivo. Numa viagem de quinhentas milhas, de Patras a Constantinopla, a sua idade ou a sua indolência recusaram o cansaço que lhe causariam um cavalo ou uma carruagem; a macia liteira de Danielis veio transportada aos ombros de dez robustos escravos, e, como eles eram revezados a curtas distâncias, houve necessidade de escolher trezentos para realizar este serviço. Basílio acolheu-a no palácio de Bizâncio com respeito filial e as honras de uma rainha; e qualquer que tenha sido a origem da sua riqueza, os presentes dela não eram indignos da majestade real. Já descrevi os belos e curiosos artigos do Peloponeso de linho, seda e lã por ela trazidos; no entanto, a mais valiosa das suas prendas consistiu em trezentos jovens de grande beleza, dos quais cem eram eunucos; «pois ela não ignorava», afirma o historiador, «que o ambiente do palácio convém ainda mais a esta espécie de insectos do que a leitaria de um pastor às moscas do Verão». Em vida, ela doou a maior parte das suas propriedades no Peloponeso, e, no seu testamento, nomeou Leão, filho de Basílio, seu herdeiro universal. Após o pagamento do legado, oitenta casas de campo ou herdades vieram juntar-se ao património imperial, e três mil escravos de Danielis receberam carta de alforria do seu novo amo e foram transplantados para formar uma colónia na costa italiana. A partir do exemplo de uma simples matrona, não custa imaginar a riqueza e a magnificência dos imperadores. No entanto, as nossas fruições estão confinadas a um círculo estreito, e qualquer que possa ser o seu valor, o luxo da vida é possuído com mais inocência e segurança pelo senhor da sua própria fortuna do que pelo administrador dos tesouros públicos. Sob um governo absoluto que confunde as extracções nobre e plebeia, o soberano constitui a única fonte das honras; e a hierarquia, tanto no palácio como no resto do império, depende dos títulos e dos cargos que são concedidos e retirados a seu bel-prazer. Durante mais de mil anos,

desde Vespasiano a Aleixo Comneno, o César foi a segunda pessoa ou, pelo menos, ocupou a segunda posição depois de o título supremo de *Augusto* passar a ser mais facilmente concedido aos filhos e irmãos do monarca reinante. A fim de se esquivar, sem a violar, à promessa feita a um poderoso associado, o marido da sua irmã, e de ao mesmo tempo recompensar a piedade do seu irmão Isaac, sem se dotar de um igual, o astucioso Aleixo imaginou uma nova dignidade superior à de César. A afortunada flexibilidade da língua grega permitiu-lhe combinar os nomes de Augusto e de imperador (*Sebastos* e *Autocrator*), e da união resultou o sonoro título de *Sebastocrator*. Ficava acima do César, no primeiro degrau do trono; as aclamações públicas repetiam o seu nome; e apenas se distinguia do soberano por uns peculiares ornamentos da cabeça e do calçado. Só o imperador podia usar borzeguins vermelhos ou cor de púrpura, e o diadema ou a tiara que imitavam o costume dos reis persas. Tratava-se de um alto barrete piramidal de tecido de lã ou de seda, quase oculto sob uma profusão de pérolas e jóias; a coroa era constituída por um círculo horizontal e dois arcos de ouro; no cimo, no ponto de intersecção, via-se um globo ou cruz, e dois cordões ou pingentes de pérolas pendiam sobre ambas as faces. Em vez de vermelhos, os borzeguins do Sebastocrator e do César eram verdes, e nas suas coroas mais pequenas e abertas, as jóias preciosas estavam mais parcamente distribuídas. Um pouco abaixo do César, a imaginação de Aleixo concebeu o *Panipersebasto* e o *Proto-sebasto*, cujo som e significado agradariam a um ouvido grego. Eles indicam uma superioridade e uma prioridade sobre o simples nome de Augusto; e desde então, este título sagrado e primitivo de um príncipe romano, despojado da sua dignidade, foi concedido aos familiares e aos servidores da corte bizantina. A filha de Aleixo aplaude com ingénua complacência esta habilidosa gradação de esperanças e honras; mas a ciência das palavras é acessível aos espíritos mais tacanhos; e, assim, este vão dicionário depressa se achou enriquecido pelo orgulho dos sucessores de Aleixo. Aos seus filhos ou irmãos predilectos, eles deram o nome mais assinalado de Senhor ou *Déspota*, o qual foi abrilhantado com novos ornamentos e prerrogativas, e colocado imediatamente a seguir à pessoa do imperador. Os cinco títulos de 1) *Déspota*; 2) *Sebastocrator*; 3) *César*; 4) *Panipersebasto*; e 5) *Proto-sebasto* ficavam habitualmente restringidos aos príncipes do mesmo sangue que o imperador; eram emanações da sua majestade; mas como estas

dignidades não implicavam funções regulares, a sua existência era inútil e a sua autoridade precária.

Todavia, em todas as monarquias, os poderes efectivos do governo devem ser repartidos e exercidos pelos ministros do palácio e do tesouro, pela armada e o exército. Só os títulos podem diferir; e com a revolução dos séculos, os condes e os prefeitos, o pretor e o questor perderam gradualmente importância, enquanto os seus subordinados chegavam às primeiras honras do Estado. 1) Numa monarquia que refere tudo à pessoa do príncipe, o encargo e as cerimónias do palácio formam o departamento mais respeitado. O *Curopolata*, tão ilustre no reinado de Justiniano, foi suplantado pelo *Protovestiário*, cujas primitivas funções se limitavam à custódia do guarda-roupa. A sua jurisdição estendeu-se em seguida aos inúmeros funcionários incumbidos da pompa e do luxo; e ele presidia com a sua vara de prata às audiências públicas e privadas. 2) No antigo sistema de Constantino, o nome de *logóteta*, ou contabilista, era aplicado aos recebedores das finanças; os principais oficiais distinguiram-se enquanto logótetas do domínio, dos correios, do exército, dos tesouros público e privado; e o *grande logóteta*, o supremo guardião das leis e dos rendimentos, é comparado ao chanceler das monarquias latinas. Ele vigiava cuidadosamente a administração civil; e era assistido, com a devida subordinação, pelo eparco ou prefeito da cidade, pelo primeiro-secretário, pelos guardiões do selo privado, dos arquivos e da tinta vermelha ou púrpura, reservada à assinatura sagrada do imperador. O introdutor e o intérprete dos embaixadores estrangeiros eram o grande *chiauss* e o *dragomano*, dois nomes de origem turca e que ainda são familiares à Sublime Porta. 3) Os *domésticos* ascenderam aos poucos de um título humilde e do serviço da guarda à posição de generais; os *temas* militares do Oriente e do Ocidente, as legiões da Europa e da Ásia, foram frequentemente repartidos entre vários generais até o *grande doméstico* acabar por ser investido do comando universal e absoluto das forças terrestres. O *protostrator*, inicialmente, limitava-se a ajudar o imperador quando ele montava a cavalo; tornou-se gradualmente o lugar-tenente do grande doméstico no campo de batalha; e a sua jurisdição estendeu-se aos estábulos, à cavalaria e a tudo o que dizia respeito à caça e à falcoaria reais. O *estratopedarco* era o grande juiz do acampamento; o *protospatário* comandava os guardas; o *condestável*, o grande *eteriarco* e o *acólito* eram os chefes separados dos Francos, dos bárbaros e dos Varegues ou Ingleses,

mercenários estrangeiros que, devido ao abastardamento do espírito nacional, constituíam o fulcro dos exércitos bizantinos. 4) As forças navais encontravam-se sob o comando do grão-duque; na sua ausência elas obedeciam ao grande *drungário* da armada; e este era substituído pelo *emir* ou *almirante*, nome tirado da língua sarracena, mas desde então naturalizado em todas as línguas modernas da Europa. A hierarquia civil e militar era composta por estes oficiais e muitos outros que seria inútil enumerar. As honras e os emolumentos, o traje e os títulos de cada um, as mútuas saudações e a respectiva preeminência eram regulados com mais cuidado do que seria necessário para estabelecer a constituição de um povo livre; e o código atingira quase a perfeição quando este falaz edifício, monumento de orgulho e servidão, ficou para sempre enterrado sob as ruínas do império.

Os títulos mais elevados e as posturas mais humildes que a devoção escolheu para honrar o Ente Supremo foram prostituídos pela lisonja e o medo que os aplicaram a criaturas da mesma natureza que nós. O modo de *adoração*, caindo prosternado no solo e beijando os pés do imperador, foi tirado por Diocleciano do servil cerimonial persa; mas manteve-se, sempre agravado, até à última época da monarquia grega. Exceptuando os domingos, em que era posta de lado por motivos de orgulho religioso, exigia-se esta humilde reverência a todos os que eram admitidos à presença real, desde os príncipes revestidos do diadema e da púrpura, aos embaixadores que representavam soberanos independentes, tais como os califas da Ásia, do Egipto ou de Espanha, os reis de França e de Itália, e até os imperadores latinos da antiga Roma. Nas suas relações de negócios, Liutprando, bispo de Cremona, sustentou o espírito livre de um franco e a dignidade do seu senhor Otão. Contudo, a sua sinceridade não lhe permite disfarçar a humilhação da sua primeira audiência. Ao aproximar-se do trono, os pássaros da árvore de ouro começaram o seu gorjeio, que era acompanhado pelos rugidos de dois leões de ouro. Liutprando foi coagido a curvar-se e prosternar-se, juntamente com os seus dois companheiros; e por três vezes tocou no chão com a testa. Ergueu-se, mas, neste breve intervalo, o trono fora içado por um engenho desde o chão até ao tecto; a figura imperial surgia em novos e mais sumptuosos trajes, e a entrevista terminou num altivo e majestoso silêncio. Nesta cândida e curiosa narrativa, o bispo de Cremona descreve as cerimónias da corte bizantina, que ainda hoje são praticadas na Sublime Porta e se mantiveram até ao século passado na corte

dos duques da Moscóvia ou da Rússia. Após uma longa viagem por mar e terra, de Veneza a Constantinopla, o embaixador parou diante da porta de ouro, até ser conduzido pelos funcionários do protocolo ao hospitaleiro palácio preparado para o acolher; mas este palácio era uma prisão, e os seus rígidos guardas proibiam-lhe qualquer contacto com os estrangeiros e os naturais do país. Na primeira audiência, ofereceu os presentes do seu amo — escravos, vasos de ouro e armas de grande valor. O pagamento ostentoso dos oficiais e da tropa expôs a seus olhos a riqueza do império; convidaram-no para um banquete real onde os embaixadores das nações eram dispostos de acordo com a estima ou o desprezo dos Gregos; da sua mesa, o imperador, como sinal do mais alto favor, enviava os pratos que havia provado; e despediu-se dos seus favoritos oferecendo-lhes uma veste de honra. Todas as manhãs e todas as tardes, os servidores civis e militares iam ao palácio exercer as respectivas funções; o empenho deles era recompensado por um olhar ou mesmo por um sorriso do seu senhor; as ordens eram dadas por meio de um aceno de cabeça ou de um gesto; mas todos os grandes da terra permaneciam de pé, silenciosos e submissos, na sua presença. Nos seus passeios triunfais pela cidade, em épocas fixas ou em ocasiões extraordinárias, ele exibia a sua pessoa aos olhares do público: os ritos da política estavam ligados aos da religião, e as visitas do imperador às igrejas principais regiam-se pelas festas do calendário grego. Na véspera destas procissões, os arautos anunciavam a intenção do monarca, movido pela piedade ou querendo dispensar uma graça aos súbditos. As ruas eram limpas e purificadas; a calçada ficava juncada de flores; nas janelas e varandas ostentavam-se os móveis mais preciosos, as baixelas de prata e ouro e as tapeçarias de seda; e uma severa disciplina reprimia e continha o tumulto da população. A marcha era aberta pelos oficiais do exército à cabeça das suas tropas; vinha a seguir a longa fila dos magistrados e dos ministros do governo civil; a pessoa do imperador era guardada pelos seus eunucos e domésticos; o patriarca e o clero recebiam-no solenemente à porta da igreja. O cuidado com os aplausos não ficava entregue às vozes rudes e às aclamações espontâneas da multidão. Os pontos mais propícios eram ocupados pelos bandos circenses dos Azuis e dos Verdes; e os seus violentos conflitos, que haviam outrora abalado a capital, mudavam-se aos poucos numa emulação servil. Respondiam uns aos outros com cantos em louvor do imperador; os seus poetas e músicos dirigiam o coro, e votos de longa vida e de vitória formavam o refrão de

todos os cânticos. As mesmas aclamações ressoavam na audiência, no banquete e na igreja; e, como prova de dominação ilimitada, elas eram repetidas em latim e na língua dos godos, dos persas, dos franceses e até mesmo dos ingleses pelos mercenários que representavam real ou ficticiamente estas nações. A ciência da etiqueta e da lisonja foi recolhida pela pena de Constantino Porfirogénito num volume pomposo e frívolo, que a vaidade dos seus sucessores enriqueceu com um largo suplemento. Não obstante, um simples instante de reflexão devia lembrar aos príncipes que as mesmas aclamações eram prodigadas a todas as personagens e todos os reinados; e, se um deles tivesse saído de uma condição privada, poderia então recordar-se de que a sua própria voz fora a mais sonora e veemente a aplaudir, no próprio momento em que invejava a fortuna ou conspirava contra a vida do seu antecessor.

Os príncipes das nações do Norte, afirma Constantino, sem fé nem reputação, ambicionavam contrair laços de sangue com os Césares por meio do casamento com uma donzela real, ou unindo as suas filhas a príncipes romanos. Nas suas instruções ao filho, o idoso monarca desvenda as máximas secretas da política e do orgulho, e indica as mais decentes razões para recusar estas propostas insolentes e insensatas. Todos os animais, declarara o prudente imperador, são impelidos pela Natureza a procurar um par de entre os animais da sua espécie; e a espécie humana divide-se em várias tribos caracterizadas por línguas, religiões e costumes diferentes. Uma justa salvaguarda da pureza da raça preserva a harmonia da vida pública e privada; pelo contrário, a mistura de sangue estrangeiro é fonte de desordem e discórdia. Sempre haviam sido estas a opinião e a prática dos sábios romanos; a sua jurisprudência proibia o casamento entre cidadãos e estrangeiros; no tempo da liberdade e da virtude, um senador teria desdenhado dar a mão de sua filha a um rei; a glória de Marco António ficou manchada por uma esposa egípcia; e o imperador Tito viu-se obrigado pela censura pública a mandar embora Berenice contra a vontade de ambos(*). Esta interdição perpétua teria sido ratificada pela suposta sanção de Constantino, *o Magno*. Os embaixadores das nações, em especial das nações não cristãs, foram solenemente avisados de que as uniões com estrangeiros haviam sido condenadas pelo fundador da Igreja e da cidade. A lei irrevogável foi inscrita no altar de Santa Sofia; e o príncipe ímpio que ousasse macular a majestade da púrpura era excluído da comunidade civil e eclesiástica dos Romanos. Se os embaixadores tivessem sido elucidados por

alguns falsos irmãos sobre a história bizantina, poderiam citar três memoráveis exemplos de violação desta lei imaginária: o casamento de Leão, ou melhor, de seu pai Constantino IV com a filha do rei dos Cazares; as núpcias de uma neta de Romano com um príncipe búlgaro; e a união de Berta de França ou de Itália com o jovem Romano, filho do próprio Constantino Porfirogénito.



O esquecimento da língua latina

Mercê do famoso edicto de Caracala, os seus súbditos, desde a Bretanha ao Egipto, ficaram habilitados ao nome e aos privilégios dos Romanos, e o soberano de todos eles pôde assim fixar ou estabelecer momentaneamente residência em qualquer província da pátria comum. No momento da divisão do Oriente e do Ocidente, conservou-se escrupulosamente uma unidade ideal, e, nos seus títulos, leis e estatutos, os sucessores de Arcádio e de Honório anunciaram-se sempre como colegas inseparáveis nas mesmas funções, como associados na soberania do império e da cidade de Roma, circunscritos pelos mesmos limites. Após a queda da monarquia do Ocidente, a dignidade da púrpura romana passou a residir apenas nos príncipes de Constantinopla, e, dentre eles, Justiniano foi o primeiro que, após uma separação de sessenta anos, recuperou os domínios da antiga Roma e se arrogou, pelo direito de conquista, o augusto título de imperador dos Romanos. A vaidade ou o descontentamento levou um dos seus sucessores, Constante II, a abandonar o Bósforo da Trácia e a restaurar as prístinas honras do Tibre: um projecto extravagante (exclama um malévolo escritor bizantino), como se ele despojasse uma bela virgem em flor para enriquecer, ou melhor, realçar a deformidade de uma decrepita matrona cheia de rugas. A espada dos Lombardos opôs-se, contudo, a que ele se estabelecesse em Itália; entrou em Roma, não como conquistador, mas como fugitivo, e, após uma visita de doze dias, saqueou e abandonou para sempre a antiga capital do mundo. A revolta final e a separação da Itália

ocorreram cerca de dois séculos após as conquistas de Justiniano, e podemos fazer remontar ao seu reinado o momento em que a língua latina começou a cair em desuso. Este legislador compusera os seus *Institutos*, o seu *Código* e as suas *Pandectas* numa língua que celebra como o lídimo estilo público do governo romano, o idioma consagrado do palácio e do Senado de Constantinopla, dos exércitos e dos tribunais do Oriente. Todavia, este dialecto estrangeiro era ignorado pelo povo e pelos soldados das províncias asiáticas; só imperfeitamente o sabiam a maior parte dos intérpretes das leis e dos ministros do Estado. Após um breve atrito, a natureza e o hábito prevaleceram sobre as obsoletas instituições do poder humano: para benefício geral dos súbditos, Justiniano promulgou as suas *Novelas* em duas línguas; as diversas partes da sua volumosa jurisprudência foram sucessivamente traduzidas; o original caiu no esquecimento, não se estudou senão a versão, e o grego, cujo valor intrínseco merecia realmente a preferência, recebeu o beneplácito legal e popular na monarquia bizantina. O nascimento e o uso do país onde residiam afastou os sucessores de Justiniano do idioma romano; Tibério, segundo os Árabes, e Maurício, segundo os Italianos, foram os primeiros Césares gregos e os fundadores de uma nova dinastia e de um novo império; esta revolução silenciosa consumou-se antes da morte de Heraclio, e alguns restos da língua latina permaneceram obscuramente nos termos da jurisprudência e nas aclamações do palácio. Depois da restauração do Império do Ocidente por Carlos Magno e pelos Otões, os nomes de Francos e de Latinos adquiriram a mesma acepção e a mesma extensão, e estes altivos bárbaros defenderam com alguma justiça os seus direitos à língua, e bem assim ao domínio de Roma. Insultaram os povos do Oriente que haviam renunciado ao traje e ao idioma dos Romanos, e valeram-se destes hábitos razoáveis para os designar frequentemente por Gregos. Uma tão desdenhosa denominação foi, contudo, indignamente rejeitada pelo príncipe e pelo povo a quem se applicava. Mau grado as mudanças introduzidas pelo curso dos séculos, eles alegavam uma sucessão directa e não interrompida desde Augusto e Constantino; e, no mais baixo período de degenerescência e fraqueza, o nome de romanos ainda se ligava aos últimos destroços do Império de Constantinopla. Enquanto, no Oriente, os actos do governo se efectuavam em latim, o grego era a língua da literatura e da filosofia; e os mestres que possuíam este idioma rico e perfeito não podiam ser levados a invejar o saber emprestado e o gosto imitativo dos seus discípulos romanos. Após a

queda do paganismo, a perda da Síria e do Egito e a extinção das escolas de Alexandria e de Atenas, os estudos dos gregos refugiaram-se aos poucos nalguns mosteiros, e sobretudo no colégio real de Constantinopla, que foi incendiado no reinado de Leão, *o Isáurio*. No estilo pomposo da época, o presidente desta fundação era chamado o «Sol da Ciência»; os seus doze associados, professores das diversas disciplinas e faculdades, eram os doze signos do Zodíaco; uma biblioteca de trinta e seis mil e quinhentos volumes estava à disposição das suas pesquisas; e eles podiam mostrar um antigo manuscrito de Homero num rolo de pergaminho com cento e vinte pés de comprimento, que havia sido, segundo a lenda, os intestinos de uma prodigiosa serpente. Os séculos VII e VIII constituíram, todavia, um período de discórdia e obscurantismo; a biblioteca foi incendiada, o colégio, extinto; os iconoclastas são representados como inimigos da Antiguidade, e uma grande ignorância e um feroz desprezo pelas letras desonrou os príncipes da família de Heraclio e da dinastia isáuria.

O renascimento da sabedoria grega

Descortinamos os primeiros alvares da restauração das ciências no século IX. Após a acalmia do fanatismo dos Árabes, os califas aspiravam a conquistar as artes, e não tanto as províncias do império: a sua larga curiosidade reavivou a emulação dos Gregos, que sacudiram o pó das suas antigas bibliotecas e aprenderam a conhecer e a recompensar os filósofos, cujos trabalhos, até então, só haviam recebido a paga do prazer do estudo e da busca da verdade. O César Bardas, tio de Miguel III, foi o generoso protector das letras, um título que, por si só, preservou a sua memória e desculpou a sua ambição. Uma parte dos tesouros do sobrinho pôde ser assim, não raro, desviada do sorvedouro do vício e da loucura; Bardas abriu uma escola no palácio de Magnaura, e a sua presença suscitava a emulação dos professores e dos estudantes. À frente dela estava o filósofo Leão, arcebispo de Tessalonica; os seus profundos conhecimentos de astronomia e matemática eram admirados pelos estrangeiros do Oriente, e ele via o seu saber pessoal magnificado pela ingenuidade do vulgo, o qual supõe modestamente que todo o conhecimento superior ao seu só pode ser o efeito da inspiração ou da magia. A pedido insistente do César, seu amigo, o

célebre Fócio renunciou à independência de uma vida secular e de estudo, subiu ao trono patriarcal e acabou por ser sucessivamente excomungado e absolvido pelos sínodos do Oriente e do Ocidente. Até mesmo os padres seus inimigos reconheciam que nenhuma arte ou ciência, excepto a poesia, era alheia a este sábio universal, profundo nos seus pensamentos, infatigável no estudo e eloquente no estilo. Na altura em que exercia a função de protospatário, ou capitão dos guardas, Fócio esteve como embaixador junto do califa de Bagdade. As monótonas horas de exílio, e talvez de isolamento, foram amenizadas pela apressada composição da sua *Biblioteca*, autêntico monumento de erudição e de crítica. Duzentos e oitenta escritores, historiadores, oradores, filósofos e teólogos são passados em revista sem qualquer método regular; ele condensa as suas narrativas ou as suas doutrinas, aprecia o seu estilo e o seu carácter, e julga os próprios padres da Igreja com uma prudente liberdade que irrompe frequentemente através das superstições da época. O imperador Basílio, que lamentava as falhas da sua própria educação, confiou aos cuidados de Fócio o seu filho e sucessor, Leão, o *Filósofo*, e o reinado deste príncipe e do seu filho Constantino Porfirogénito constituem uma das épocas mais florescentes da literatura bizantina. A munificência deles permitiu que os tesouros da Antiguidade viessem enriquecer a biblioteca imperial; as suas penas e as dos seus colaboradores dedicaram-se a redigir extractos e resumos por forma a despertar a curiosidade do público sem lhe fustigar a indolência. Além das *Basílicas* ou código das leis, as artes da agricultura e da guerra, destinadas a alimentar e a destruir a espécie humana, foram divulgadas com igual desvelo; e a história da Grécia e de Roma apareceu sintetizada em cinquenta e três volumes ou títulos, dos quais somente dois (o das *Embaixadas* e o das *Virtudes e Vícios*) chegaram até nós. Os leitores de todas as classes podiam assim contemplar o quadro do mundo pretérito, aproveitar a lição ou o aviso de cada página, e aprender a admirar, ou talvez a imitar, os exemplos de um período mais brilhante. Não me deterei nas obras dos gregos de Bizâncio, que, mercê de um estudo assíduo dos Antigos, mereceram de algum modo a recordação e a gratidão dos modernos. Os eruditos dos nossos dias ainda usufruem dos benefícios do manual filosófico de Estobeu, do léxico gramatical e histórico de Suídas, das *Quiliades* de Tzetzes, que englobam seiscentas narrativas em doze mil versos, e dos comentários sobre Homero de Eustácio, arcebispo de Tessalonica, que da sua cornucópia da abundância faz jorrar os nomes e as

autoridades de quatrocentos escritores. A partir destas obras originais e da numerosa legião dos escoliastas e dos críticos, podemos avaliar em certa medida a riqueza literária do século XII. Constantinopla ainda era iluminada pelo génio de Homero e Demóstenes, de Aristóteles e Platão; no meio da fruição ou da indiferença que nos propiciam as nossas presentes riquezas, devemos invejar a geração que podia ler a história de Teopompo, as orações de Hipérides, as comédias de Menandro e as odes de Alceu e de Safo. O grande número de comentários publicados atesta não só a permanência, mas também a popularidade dos clássicos gregos nesta época; a generalidade dos conhecimentos é-nos mostrada pelo exemplo de duas mulheres dotas, a imperatriz Eudóxia e a princesa Ana Comnena, que cultivaram sob a púrpura real as artes da retórica e da filosofia. O dialecto vulgar da capital era grosseiro e bárbaro: um estilo mais correcto e elaborado distinguia a conversação, ou pelo menos os escritos da Igreja e do palácio, que por vezes aspiravam a copiar a pureza dos modelos áticos.

A decadência do gosto

Na nossa educação moderna, o estudo penoso, embora necessário, de duas línguas mortas pode consumir o tempo e esmorecer o entusiasmo do jovem estudante. Os poetas e os oradores do Ocidente viram-se durante muito tempo entravados pelos dialectos bárbaros dos nossos antepassados, desprovidos de harmonia ou de graça; e este génio, sem o socorro dos preceitos ou dos exemplos, estava abandonado à força rude e espontânea do juízo ou da imaginação deles. No entanto, os gregos de Constantinopla, depois de depurar o seu idioma vulgar, adquiriram o livre uso da língua dos seus avoengos, a mais afortunada criação do espírito humano, e um conhecimento familiar dos mestres sublimes que haviam encantado ou instruído a primeira das nações. Mas estas vantagens só tendem a agravar a censura e a vergonha que pesam sobre um povo degenerado. Os Gregos do império seguravam nas suas mãos inertes as riquezas dos avós, sem terem herdado a energia que criara e melhorara este património sagrado: liam, elogiavam, compilavam, mas as suas almas lânguidas pareciam incapazes de pensamento e acção. Ao longo de dez séculos, nem uma única descoberta se fez que exaltasse a dignidade ou promovesse a felicidade dos

homens. Nem uma só ideia se acrescentou aos sistemas especulativos da Antiguidade, e uma sucessão de pacientes discípulos iam-se tornando, por seu turno, nos professores dogmáticos da não menos servil geração seguinte. Nem um só trecho de História, de filosofia ou de literatura foi salvo do esquecimento pela beleza intrínseca do estilo ou do sentimento, da originalidade ou sequer de uma imitação conseguida. Na prosa, os menos áridos dos escritores bizantinos são os que se furtaram à censura devido a uma simplicidade nua e despretensiosa; mas os oradores que se julgavam mais eloquentes são os mais afastados dos modelos com os quais procuravam rivalizar. Em todas as páginas, o nosso gosto e a nossa razão são feridos por uma escolha de palavras grandiosas e obsoletas, por boleios de frase rígidos e intrincados, pela incoerência das imagens, por uma busca pueril de ornamentos falsos ou despropositados e pela penosa tentativa destes escritores para se elevarem, surpreenderem o leitor e envolverem uma ideia trivial nos fumos da obscuridade e do exagero. A sua prosa ambiciona chegar à errada afectação da poesia; e a sua poesia situa-se ainda abaixo da banalidade e da insipidez da prosa. As musas da tragédia, da epopeia e da poesia lírica mantinham-se silenciosas e inglórias: os bardos de Constantinopla raramente se elevavam acima de um enigma, de um epigrama, de um panegírico ou de um conto; iam mesmo ao ponto de esquecer as regras da prosódia, e, com a melodia de Homero ainda a soar-lhes aos ouvidos, confundiam todas as medidas de pés e sílabas nessas toadas ineptas que receberam o nome de versos *políticos* ou de cidade. O espírito dos Gregos estava manietado pelas correntes de uma superstição vil e imperiosa que estendia o seu domínio em volta do círculo das ciências profanas. O entendimento deles extraviava-se nas controvérsias metafísicas; tinham perdido todos os princípios da evidência moral devido à crença nas visões e nos milagres; e o seu gosto estava estragado pelas homilias dos monges, absurda mistura de declamações e de frases da Escritura. Estes desprezíveis estudos nem sequer foram dignificados durante muito tempo pelo abuso do talento; os chefes da Igreja grega contentavam-se humildemente em admirar e copiar os oráculos da Antiguidade, e nem as escolas nem o púlpito produziram quaisquer rivais do renome de Atanásio e Crisóstomo.

Nos trabalhos da vida activa ou especulativa, a emulação dos povos e dos indivíduos constitui o móbil mais poderoso dos esforços e dos progressos da humanidade. As cidades da antiga Grécia moldaram-se numa afortunada

mescla de união e independência, que se repete em maior escala, mas de uma forma mais solta, entre as nações da Europa moderna: unidas pela língua, a religião e os costumes, elas tornam-se espectadoras e juízas dos méritos recíprocos; a independência de governo e de interesses, por outro lado, garante a sua liberdade separadamente e incita-as a lutar pela primazia na carreira da glória. A situação dos Romanos era menos favorável; todavia, nos primórdios da República, quando se formou o carácter nacional, assistiu-se a uma emulação semelhante entre os Estados do Lácio e da Itália; e nas artes e nas ciências, todos aspiravam a igualar ou superar os seus mestres gregos. O império dos Césares travou indubitavelmente a actividade e os progressos do espírito humano; a sua grande extensão pode, em boa verdade, ter deixado algum campo livre à competição dos cidadãos entre si; no entanto, quando ficou gradualmente reduzido, primeiro ao Oriente, em seguida à Grécia e a Constantinopla, os súbditos bizantinos passaram a mostrar um carácter abjecto e apático, consequência natural da sua posição isolada e apartada. A norte, sofriam o ataque de tribos de bárbaros cujo nome ignoravam e que só a custo encaravam como homens. A língua e a religião dos Árabes, nação mais civilizada, representavam um obstáculo insuperável a qualquer contacto social. Os vencedores da Europa compartilhavam com os Gregos a fé cristã, mas a língua dos Francos ou dos Latinos era desconhecida por estes, os seus costumes padeciam de rudeza, e eles raramente lidaram em paz ou em guerra com os sucessores de Heraclio. Sozinho no Universo, o orgulho dos Gregos, sempre satisfeito consigo, não se deixava perturbar pela comparação com o mérito alheio; não é de admirar que hajam sucumbido, pois não tinham rivais que os aguilhoassem na corrida, nem juízes que os coroassem na vitória. As nações da Europa e da Ásia misturaram-se em resultado das expedições à Terra Santa; e foi sob a dinastia dos Comnenos que uma leve emulação de luzes e de virtudes militares se reacendeu no Império Bizantino.

No Capítulo 54, Gibbon descreve o advento e a perseguição dos paulicianos (600-880), uma seita gnóstica, e sugere que, de certa maneira, eles prefiguraram as ideias da Reforma. No Capítulo 55, descreve o estabelecimento dos Búlgaros, Croatas e Húngaros nas antigas províncias do Danúbio, a origem da monarquia russa e a conversão ao cristianismo dos Russos e dos Europeus do Norte.

Capítulo 56

Conflito dos Sarracenos, Francos e Gregos em Itália. A chegada dos Normandos. Conquistas de Roberto Guiscardo

As três grandes nações do mundo, os Gregos, os Sarracenos e os Francos, defrontaram-se no palco da Itália. As províncias meridionais que compõem actualmente o reino de Nápoles encontravam-se quase todas sujeitas aos duques lombardos, príncipes de Benevento — tão temíveis na guerra, que travaram momentaneamente o génio de Carlos Magno — tão liberais na paz, que mantinham na sua capital uma academia de trinta e dois filósofos e gramáticos. A divisão deste próspero Estado deu origem aos principados rivais de Benevento, Salerno e Cápua; e a ambição irreflectida ou a vingança dos diferentes partidos fê-los chamar os Sarracenos, que se apossaram da sua herança comum. Durante um período calamitoso de duzentos anos, a Itália sofreu um sem-número de males que os invasores se mostraram incapazes de sanar por meio da união e da tranquilidade que se seguem a uma conquista consolidada. As esquadras dos Sarracenos saíam com frequência, quase todos os anos, do porto de Palermo e eram acolhidas com demasiada indulgência pelos cristãos de Nápoles; as mais poderosas armadas eram preparadas na costa africana; e os próprios árabes da Andaluzia se sentiam por vezes tentados a ajudar ou a rechaçar os muçulmanos de uma seita adversa. No decurso dos acontecimentos humanos, uma nova emboscada se escondia na Forcas Caudinas; os campos de Canas foram regados, uma vez mais, pelo sangue dos africanos, e o

soberano de Roma voltou a atacar ou a defender as muralhas de Cápua e Tarento. Uma colônia de sarracenos estabelecera-se em Bari, que domina a entrada do golfo Adriático; e as suas devastações indiscriminadas provocaram o ressentimento e induziram a união dos dois imperadores. Concluiu-se uma aliança ofensiva entre Basílio, o *Macedônio*, o primeiro da sua raça, e Luís, bisneto de Carlos Magno; e cada uma das partes forneceu o que faltava à outra. Teria sido uma imprudência por parte do monarca bizantino enviar as suas tropas estacionadas na Ásia para uma campanha em Itália; e os guerreiros latinos não bastariam se a marinha de Bizâncio, mais forte, não houvesse ocupado a foz do golfo. A fortaleza de Bari foi atacada pela infantaria dos Francos, secundada pela cavalaria e pelas galeras dos Gregos; e, após uma resistência de quatro anos, o emir árabe submeteu-se à clemência de Luís, que comandava pessoalmente as operações do cerco. Esta importante conquista fora obtida graças à concórdia entre o Oriente e o Ocidente; mas a sua recente amizade não tardou a ser azedada por queixas mútuas ditadas pela inveja e o orgulho. Os gregos arrogavam-se o mérito da conquista e a glória do triunfo, enalteciam a grandeza das suas forças e metiam a ridículo a intemperança e a indolência do punhado de bárbaros que serviam sob as bandeiras do príncipe carlovíngio. A resposta deste é expressa com a eloquência da indignação e da verdade: «Reconhecemos a grandeza dos vossos preparativos», declara o bisneto de Carlos Magno. «Os vossos exércitos eram realmente tão numerosos como uma nuvem de gafanhotos no Verão, que obscurecem o dia, batem as asas e, após um curto voo, tombam cansados e ofegantes no solo. Também vós caístes após um débil esforço; sim, fostes vencidos pela vossa própria cobardia, e abandonastes o campo de batalha para injuriar e despojar os nossos súbditos cristãos da costa da Esclavónia. Nós éramos poucos em número, e porque é que não éramos mais? Porque, cansado de vos esperar em vão, eu mandara embora as minhas hostes e retivera somente uma mancheia de guerreiros escolhidos para prosseguir o bloqueio da cidade. Se é verdade que eles se entregaram aos seus festins hospitaleiros diante do perigo e da morte, terão acaso estas festas diminuído o vigor dos seus cometimentos? Foi o vosso jejum que derrubou as muralhas de Bari? Não sabeis porventura que estes corajosos francos, apesar de diminuídos pela doença e a fadiga, enfrentaram e venceram os três emires mais poderosos dos sarracenos? E a derrota destes emires não precipitou afinal a queda da cidade? Bari caiu; Tarento estremece; a Calábria será liberta; e, se imperarmos no mar, a ilha da Sicília

pode ser arrancada às mãos dos infiéis. Meu irmão» (o nome mais ofensivo para a vaidade dos Gregos) «apressai o socorro naval que deveis prestar-me, respeitai os vossos aliados e desconfiai dos adutores.»

Estas altas esperanças em breve se desvaneceram devido à morte de Luís e ao declínio da casa carlovíngia; e a quem quer que se devesse a honra da vitória, os imperadores gregos, Basílio e o seu filho Leão, é que recolheram as vantagens da tomada de Bari. Os italianos da Apúlia e da Calábria reconheceram a bem ou a mal a sua supremacia, e uma linha ideal, desde o monte Gargano à baía de Salerno, mostra que a maior parte do reino de Nápoles estava sujeita ao Império do Oriente. Para lá desta linha, os duques ou as repúblicas de Amalfi e de Nápoles, que nunca tinham faltado aos seus deveres de fidelidade, regozijavam-se com a vizinhança do seu legítimo soberano; e Amalfi enriquecia-se ao abastecer a Europa com as produções e os fabricos da Ásia. No entanto, os príncipes lombardos de Benevento, Salerno e Cápua viram-se separados a contragosto da comunhão com o mundo latino, e violaram vezes sem conta os seus juramentos de servidão e tributo. A cidade de Bari elevou-se em dignidade e riqueza como a metrópole do novo *tema* ou província da Lombardia; o título de patrício, e em seguida o nome singular de *catapan*, foi atribuído ao governador supremo; e a política, tanto da Igreja como do Estado, regeu-se por uma absoluta subordinação ao trono de Constantinopla. Enquanto se disputou o poder entre estes príncipes de Itália, os seus esforços revelaram-se frágeis e discordes; e os Gregos rechaçaram ou evitaram as forças da Alemanha que desciam dos Alpes sob o estandarte imperial dos Otões. O primeiro e o maior destes príncipes saxões viu-se obrigado a abandonar o cerco de Bari; o segundo, após a perda dos seus mais intrépidos bispos e barões, saiu com honra da batalha sangrenta de Crotona. Nesse dia, o desfecho da guerra foi desfavorável aos Francos devido ao valor dos Sarracenos. Estes corsários, é certo, haviam sido repelidos pelas armadas bizantinas das fortalezas e costas de Itália; porém, o interesse prevalecera sobre a superstição ou o ressentimento, e o califa do Egipto enviara quarenta mil muçulmanos em auxílio do seu aliado cristão. Os sucessores de Basílio imbuíram-se da convicção de que a conquista da Lombardia se consumara e era mantida graças à justiça das suas leis, às virtudes dos seus ministros e à gratidão de um povo que eles haviam salvo da anarquia e da opressão. Uma série de revoltas deve ter lançado um raio de luz no palácio de Constantinopla; e as

ilusões que a lisonja alimentara foram desfeitas pelo fácil e rápido êxito dos aventureiros normandos.

O curso das coisas humanas produziu na Apúlia e na Calábria um triste contraste entre o estado destas regiões na época de Pitágoras e no século X da era cristã. No primeiro destes dois períodos, a costa da Magna Grécia (como era então designada a Itália do Sul) estava coberta de cidades livres e opulentas; estas cidades eram povoadas por soldados, artistas e filósofos; e as forças militares de Tarento, Síbaris ou Crotona não se mostravam inferiores às de um poderoso reino. No século X, estas províncias outrora florescentes achavam-se ensombradas pela ignorância, empobrecidas pela tirania e despovoadas pela guerra dos bárbaros; e talvez não devamos acusar severamente de exagero um autor contemporâneo que nos descreve um ameno e vasto distrito reduzido à mesma desolação que cobriu a Terra após o dilúvio universal. Das hostilidades entre Árabes, Francos e Gregos, na Itália Meridional, seleccionarei dois ou três episódios que farão conhecer melhor os seus costumes nacionais. 1. Os Sarracenos gostavam tanto de profanar como de pilhar os mosteiros e as igrejas. No cerco de Salerno, um chefe muçulmano fizera a sua cama em cima da mesa da comunhão, e sacrificara todas as noites neste altar a virgindade de uma freira cristã. Enquanto lutava para vencer a resistência de uma delas, uma viga desprendeuse do tecto por acidente ou estudadamente e veio cair sobre a sua cabeça; e a morte do voluptuoso emir foi atribuída à cólera de Cristo, que despertava finalmente para a defesa da sua fiel esposa. 2. Os Sarracenos cercavam as cidades de Benevento e Cápua; após um vão apelo aos sucessores de Carlos Magno, os Lombardos imploraram a clemência e a ajuda do imperador grego. Um destemido cidadão, descido do alto das muralhas, passou os entrincheiramentos, cumpriu a sua missão, e caiu nas mãos dos bárbaros quando regressava com as boas novas. Os inimigos ordenaram-lhe que favorecesse a empresa deles e enganasse os compatriotas, garantindo-lhe que riquezas e honras recompensariam a sua traição, ao passo que a sinceridade seria punida com uma morte imediata. Ele fingiu aceder, mas assim que os cristãos de guarda às muralhas ficaram ao alcance da sua voz, gritou com quanta força tinha: «Amigos e irmãos, sede corajosos e pacientes; defendei a cidade; o vosso soberano já sabe da vossa aflição e os libertadores estão perto. Não ignoro a sorte que me espera, e confio a minha mulher e os meus filhos à vossa gratidão.» A raiva dos árabes confirmou o seu testemunho, e este abnegado patriota foi

trespassado por mil lanças. Merece viver para todo o sempre na memória dos homens virtuosos, mas a repetição da mesma história nos tempos antigos e modernos pode lançar alguma dúvida sobre a veracidade deste generoso acto(*). 3. O relato do terceiro episódio pode provocar um sorriso no meio dos horrores da guerra. Teobaldo, marquês de Camerino e Espoleto, apoiava os rebeldes de Benevento; e a sua deliberada crueldade não era incompatível, nessa época, com um certo heroísmo. Os cativos da nação ou do partido grego caídos nas suas mãos sofriam uma impiedosa castração, e o ultraje era agravado com o gracejo cruel de que desejava presentear o imperador com um séquito de eunucos, o mais precioso ornamento da corte bizantina. A guarnição de um castelo fora derrotada numa surtida, e os seus presos logo condenados à habitual mutilação. O sacrifício havia sido, contudo, perturbado pela intrusão de uma mulher frenética, que, de faces afogueadas, cabelo desgrenhado e aos gritos, forçou o marquês a escutar as suas queixas. «É assim», exclamou ela, «que vós, magnânimos heróis, declarais guerra às mulheres, às mulheres que nunca vos fizeram mal e que têm como únicas armas a roca e o fuso?» Teobaldo negou a acusação, protestando que, desde as Amazonas, nunca ouvira falar de uma guerra contra mulheres. «E como podeis atacar-nos mais directamente», redarguiu ela furiosamente, «como podeis atingir-nos numa parte mais vital, do que privando os nossos maridos daquilo que mais gostamos, da fonte dos nossos prazeres e da esperança da nossa posteridade? Suportei sem um murmúrio o saque dos nossos rebanhos e manadas, mas esta injúria fatal, esta perda irreparável, esgotou a minha paciência e faz pairar sobre as vossas cabeças a justiça do céu e da terra.» Uma risada geral aplaudiu a sua eloquência; os selvagens francos, inacessíveis à piedade, sensibilizaram-se com o seu desespero ridículo mas compreensível; e além da libertação dos cativos, ela obteve a devolução dos seus bens. Ao regressar em triunfo ao castelo, veio atrás dela um mensageiro que lhe perguntou, em nome de Teobaldo, que castigo se deveria infligir ao seu marido, caso voltasse a ser apanhado de armas na mão. «Se assim for», respondeu ela sem hesitar, «se arcar com tal crime e infortúnio, ele tem olhos, um nariz, mãos e pés. São coisas que lhe pertencem, e pode merecer perdê-las pelos seus delitos. No entanto, que o meu senhor tenha a bondade de poupar o que a sua humilde servidora ousa reclamar como propriedade particular e legítima.»(*)

A chegada dos Normandos

O estabelecimento dos Normandos nos reinos de Nápoles e da Sicília é um acontecimento de origem bastante romanesca, e com importantes consequências tanto para a Itália como para o Império do Oriente. As províncias desmembradas dos Gregos, dos Lombardos e dos Sarracenos encontravam-se à mercê de qualquer invasor; nesta mesma época, todas as terras e todos os mares eram assaltados pela audácia dos piratas escandinavos. Após uma longa série de rapinas e matanças, um vasto e fértil território de França acabou por ser aceite e ocupado pelos Normandos, que lhe deram o seu nome; eles abdicaram dos seus deuses em favor do Deus dos cristãos; e os duques da Normandia reconheceram-se como vassallos dos sucessores de Carlos Magno e de Capelo. A energia feroz que haviam trazido das montanhas nevadas da Noruega poliu-se sem se corromper, sob um clima mais ameno; os companheiros de Rollo misturaram-se aos poucos com os naturais do país; adoptaram os costumes, a língua e o cavalheirismo da nação francesa; e, numa época guerreira, os Normandos puderam reclamar a palma do valor e das proezas gloriosas. Dentre as superstições em voga, eles entregaram-se com ardor às peregrinações a Roma, a Itália e à Terra Santa. Nesta devoção activa, revigoravam a alma e o corpo por meio do exercício; o perigo constituía um incentivo, e a novidade era a recompensa; o teatro do mundo era embelezado a seus olhos pelo assombro, a credulidade e uma esperança ambiciosa. Aliavam-se para sua mútua defesa; e os salteadores dos Alpes, a quem atraíam as vestes dos peregrinos, eram muitas vezes punidos pelo braço de um guerreiro. Numa dessas piedosas visitas à caverna do monte Gargano, na Apúlia, que havia sido santificada pela aparição do arcanjo São Miguel, eles foram abordados por um estrangeiro trajado à grega, mas que depressa se apresentou como um rebelde fugitivo e inimigo mortal do império de Bizâncio. Chamava-se Melo e era um nobre cidadão de Bari que, após uma revolta malograda, se vira obrigado a procurar novos aliados e vingadores do seu país. O aspecto arrojado dos normandos reavivou as suas esperanças e encheu-o de confiança; eles escutaram as queixas, e ainda mais atentamente as promessas do patriota. As riquezas com que acenou demonstravam a justiça da sua causa; e eles encararam como a herança dos bravos a terra fértil que estava oprimida por tiranos efeminados. De

regresso à Normandia, ataçaram o gosto pelas expedições, e uma tropa pequena, mas intrépida, uniu-se voluntariamente para libertar a Apúlia. Atravessaram os Alpes separadamente e disfarçados de peregrinos; mas, nas vizinhanças de Roma, encontraram-se com o chefe de Bari, que proveu os mais pobres de armas e cavalos, e os conduziu imediatamente ao combate. No primeiro confronto, o seu valor prevaleceu, mas, no segundo, foram esmagados pelo número e os engenhos militares dos Gregos, e recuaram indignadamente sem voltar as costas ao inimigo. O infeliz Melo passou o resto da vida a pedir auxílio na corte da Alemanha; os seus apaniguados normandos, expulsos tanto da terra natal como da terra prometida, vaguearam pelos montes e vales de Itália e ganharam a subsistência diária com a ponta da espada. Os príncipes de Cápua, Benevento, Salerno e Nápoles recorreram sucessivamente a esta mesma e temível espada durante as suas querelas intestinas; a superior valentia e disciplina dos Normandos propiciava a vitória ao partido que eles abraçavam; e a sua política cautelosa tentava manter o equilíbrio dos poderes, para que a preponderância de um dos Estados rivais não tornasse a sua ajuda menos importante, e os seus serviços menos proveitosos. O seu primeiro lugar de refúgio consistiu num acampamento fortificado nas profundezas dos pântanos da Campânia; no entanto, a liberalidade do duque de Nápoles em breve lhes arranhou um poiso mais confortável e estável. A cidade de Aversa, situada a oito milhas da sua residência, foi então erguida e fortificada para uso deles, como um baluarte contra Cápua; e deu-se-lhes o usufruto do trigo e dos frutos, dos prados e dos bosques deste fértil distrito. A notícia dos seus sucessos atraiu anualmente novas multidões de peregrinos e soldados; os pobres eram trazidos pela necessidade; os ricos, impelidos pela esperança; e as gentes valorosas e activas da Normandia desejavam impacientemente a fortuna e a fama. O estandarte independente de Aversa concedia asilo e encorajamento aos proscritos da província, a todos os fugitivos que haviam escapado à injustiça ou à justiça dos seus superiores; e estes aliados estrangeiros assimilaram rapidamente os costumes e a língua da colónia gaulesa. O primeiro chefe dos Normandos foi o conde Rainolfo; e, na origem da sociedade, a preeminência de cargo constitui a recompensa e a prova do mérito superior.

Desde a conquista da Sicília pelos Árabes, os imperadores gregos haviam ansiado por recuperar esta valiosa possessão; mas os seus esforços, ainda que estrénuos, depararam com os obstáculos da distância e do mar. Os

dispendiosos armamentos, após um vislumbre de êxito, vinham acrescentar novas páginas de calamidades e humilhações aos anais bizantinos; vinte mil dos seus melhores soldados perderam-se numa única expedição; e os muçulmanos vitoriosos zombavam da política de uma nação que confiava aos eunucos, não só a guarda das suas mulheres, mas também o comando dos seus homens. Após um reinado de duzentos anos, os Sarracenos perderam-se por causa das suas divisões. O emir recusou-se a reconhecer a autoridade do rei de Tunes; o povo sublevou-se contra o emir; as cidades foram usurpadas pelos chefes; até o último dos rebeldes era independente na sua aldeia ou no seu castelo; e o mais fraco de dois irmãos rivais implorou a ajuda dos cristãos. Onde quer que o perigo despontasse, os Normandos estavam prontos a correr e a tornar-se úteis; e quinhentos cavaleiros ou guerreiros a cavalo foram alistados por Arduíno, agente e intérprete dos Gregos, sob a bandeira de Maniaces, governador da Lombardia. Antes de eles desembarcarem, os irmãos reconciliaram-se; a união da Sicília e da África restabeleceu-se; e a ilha ficou guardada junto à beira-mar. Os Normandos conduziam a vanguarda, e os árabes de Messina sentiram o valor de um inimigo cujos golpes ainda não tinham experimentado. No segundo embate, o emir de Siracusa foi desmontado e trespassado pelo *braço de ferro* de Guilherme de Hauteville. Num terceiro recontro, os seus intrépidos companheiros desbarataram um exército de sessenta mil sarracenos, e apenas deixaram aos Gregos a fadiga da perseguição: uma brilhante vitória, mas acerca da qual nos cumpre dizer que a pena do historiador pode dividir o mérito com a lança dos Normandos. É verdade, não obstante, que eles contribuíram essencialmente para o êxito de Maniaces, que submeteu treze cidades e a maior parte da Sicília à obediência do imperador. Contudo, o seu renome militar ficou manchado pela ingratidão e a tirania. Na divisão do espólio, esqueceu o mérito dos seus bravos auxiliares; e nem a avareza nem o orgulho deles pôde tolerar este tratamento injurioso. Queixaram-se por intermédio do seu intérprete; a queixa foi menosprezada, e o intérprete vergastado; este padeceu os sofrimentos, mas o ultraje e o ressentimento também atingiram aqueles cujos sentimentos dera a conhecer. No entanto, procederam com dissimulação até conseguir, por astúcia ou consentimento, uma passagem segura para o continente italiano: os seus irmãos de Aversa comungaram da sua indignação, e a província da Apúlia foi invadida como penhor da dívida. Decorridos vinte anos sobre a primeira emigração, os Normandos

puseram-se em pé de guerra com escassos setecentos cavaleiros e quinhentos infantes; ao passo que as tropas de Bizâncio, depois de chamadas as legiões que haviam feito a guerra da Sicília, contavam, ao que se diz, sessenta mil homens. Um arauto propôs-lhes a escolha entre a batalha ou a retirada: «A batalha», bradaram em uníssono os Normandos; e um dos seus mais robustos guerreiros derrubou com um soco o cavalo do mensageiro grego. Este foi mandado embora noutro cavalo; os generais bizantinos tiveram o cuidado de esconder o insulto às tropas imperiais; no entanto, em duas batalhas sucessivas, eles tomaram conhecimento de um modo mais fatal da coragem dos seus adversários. Nas planícies de Canas, os asiáticos fugiram diante dos aventureiros de França; o duque da Lombardia foi feito prisioneiro; os Apulienses concordaram em submeter-se a um novo domínio; e só as quatro praças de Bari, Otranto, Brundísio e Tarento escaparam ao naufrágio das possessões gregas. Podemos datar desta época o estabelecimento do poder normando, que não tardou a eclipsar a nascente colônia de Aversa. Elegeram-se doze condes por sufrágio popular; e os motivos da escolha consistiram na idade, no nascimento e no mérito. Os tributos dos distritos que lhes cabiam eram destinados ao seu uso particular; e cada um dos condes ergueu uma fortaleza no meio das suas terras, imperando sobre os vassalos. No centro da província, a residência comum de Melfes tornou-se a metrópole e a cidadela da república; cada um dos doze condes ocupava aí uma casa e um bairro separados; e os assuntos nacionais eram regulados por este Senado militar. O primeiro dentre eles, presidente e general, recebeu o título de conde da Apúlia; e esta dignidade foi conferida a Guilherme Braço-de-Ferro, que, na linguagem da época, é representado como um leão na batalha, um cordeiro na sociedade e um anjo nos conselhos. Os costumes dos compatriotas são descritos de boa-fé por um historiador nacional contemporâneo. «Os Normandos», declara Malaterra, «são um povo ardiloso e vingativo; a eloquência e a dissimulação parecem constituir duas das suas características hereditárias: eles podem descer à adulação, mas, a menos que os refreie a coacção da lei, entregam-se aos excessos da natureza e das paixões. Os seus príncipes gostam que lhes elogiem a munificência pública; o povo queda-se no meio-termo, ou melhor, reúne os extremos da avareza e da prodigalidade; na sua ânsia de riqueza e domínio, eles desprezam tudo o que possuem e esperam tudo o que desejam. Armas e cavalos, o luxo do vestuário, o exercício da caça e da falcoaria fazem as delícias dos Normandos; mas, nas ocasiões

mais prementes, são capazes de suportar com incrível paciência a inclemência de todos os climas e as canseiras de uma vida militar.»

Os Normandos da Apúlia estavam situados na confluência de dois impérios, e, consoante a política do momento, recebiam a investidura das suas terras dos soberanos da Alemanha ou de Constantinopla. No entanto, o título mais sólido destes aventureiros residia no direito de conquista; não amavam nem confiavam em ninguém; ninguém os amava nem confiava neles; o desprezo que inspiravam aos príncipes mesclava-se de medo, e o medo que despertavam nos naturais do país mesclava-se de ódio e ressentimento. Todos os objectos de desejo, um cavalo, uma mulher, um jardim, tentavam e desencadeavam a rapacidade destes estrangeiros, e a cupidez dos seus chefes era tão-somente colorida pelos nomes mais especiosos de ambição e glória. Os doze condes coligavam-se, por vezes, para cometer uma injustiça; nas suas querelas internas, disputavam entre si os despojos do povo; as virtudes de Guilherme desapareceram com ele; e Drogão, seu irmão e sucessor, era mais apto para conduzir o valor do que para reprimir a violência dos seus iguais. No reinado de Constantino Monómaco, foi mais a política do que a benevolência da corte bizantina que tentou libertar a Itália desta calamidade permanente, mais atroz do que uma torrente de bárbaros; e Argiro, filho de Melo, achou-se investido, para executar tal desígnio, dos títulos mais grandiosos e dos mais extensos poderes. A memória do pai devia recomendá-lo aos olhos dos Normandos, e ele já assegurava os seus serviços voluntários para jugular a revolta de Maniaces e vingar a injúria particular e pública por eles sofrida. Constantino tencionava transplantar esta colónia guerreira das províncias italianas para a guerra da Pérsia; e o filho de Melo distribuiu pelos chefes o ouro e os artefactos da Grécia, como primeira marca da magnanimidade imperial. As suas astúcias, contudo, foram abortadas pelo bom senso e pela valentia dos conquistadores da Apúlia: os seus presentes, ou pelo menos as suas propostas, acabaram por ser rejeitadas; e eles recusaram unanimemente abandonar as suas possessões e as suas esperanças, em troca da remota perspectiva de uma fortuna asiática. Depois de o seu meio de persuasão falhar, Argiro resolveu compelir ou destruir; os poderes latinos foram solicitados contra o inimigo comum, e formou-se uma aliança entre o papa e os dois imperadores do Oriente e do Ocidente. O trono de São Pedro estava ocupado por Leão IX, um santo em toda a sua simplicidade, feito para se iludir a si e ao mundo, e, pela veneração que inspirava, apto a

consagrar em nome da piedade as medidas mais contrárias à prática da religião. A sua humanidade deixara-se tocar pelas queixas, ou talvez pelas calúnias de um povo oprimido; os ímpios normandos haviam interrompido o pagamento nos dízimos, e o gládio temporal pôde ser legalmente desembainhado contra os sacrílegos salteadores que se mostravam surdos às censuras da Igreja. Na qualidade de alemão, de nascimento nobre e parentesco real, Leão tinha livre acesso à corte e à confiança do imperador Henrique III, e o seu zelo ardente levou-o, em busca de guerreiros e aliados, da Apúlia à Saxónia, e das margens do Elba às do Tibre. Durante estes preparativos hostis, Argiro serviu-se em segredo das armas mais criminosas; uma multidão de normandos tornaram-se vítimas da vingança pública ou privada, e o valente Drogão caiu assassinado numa igreja. A sua coragem transmitiu-se, contudo, ao seu irmão Hunfredo, terceiro conde da Apúlia. Os assassinos foram punidos, e o filho de Melo, derrubado e ferido, correu para longe do campo de batalha, a fim de esconder a sua vergonha atrás das muralhas de Bari e ali aguardar o tardio socorro dos aliados.

Mas o poder de Constantino estava abalado pela guerra contra os Turcos, o espírito de Henrique era débil e indeciso, e o papa, em vez de voltar a atravessar os Alpes com um exército de alemães, fez-se unicamente acompanhar de uma guarda de setecentos suábios e de alguns voluntários da Lorena. No seu lento avanço de Mântua até Benevento, uma vil turba de italianos de todas as classes alistou-se sob o estandarte santo; o padre e o salteador dormiam na mesma tenda, as lanças e as cruzes misturavam-se nas primeiras filas, e o santo guerreiro recapitulava as lições militares da sua juventude na sequência das marchas, dos acampamentos e dos combates. Os normandos da Apúlia não puderam pôr em campanha senão três mil cavaleiros e um punhado de infantes; a defecção dos naturais do país privou-os de víveres e cortou-lhes a retirada; e a sua bravura, desconhecedora do medo, esfriou por momentos devido a um temor supersticioso. Ao verem Leão aproximar-se como inimigo, ajoelharam-se sem vergonha ou relutância diante do seu pai espiritual. Mas o papa mostrou-se implacável; os alemães, orgulhosos da sua altura, desataram a troçar da pequena estatura dos seus adversários; e os normandos foram informados de que a morte ou exílio eram a sua única alternativa. Desdenhavam a fuga, e, na medida em que muitos deles havia três dias que não sabiam o que era comida, decidiram-se pela certeza de uma morte mais

fácil e honrosa. Subiram à colina de Civitella, desceram à planície e carregaram, em três divisões, sobre o exército do papa. À esquerda e ao centro, Ricardo, conde de Aversa, e Roberto, o famoso Guiscardo, atacaram, romperam, desbarataram e perseguiram os bandos italianos que lutavam sem disciplina e fugiam sem vergonha. Uma tarefa mais árdua estava reservada à bravura do conde Hunfredo, que conduzia a cavalaria da ala direita. Os alemães eram apresentados como inábeis no manejo do cavalo e da lança, mas, a pé, constituíam uma forte e impenetrável falange, e nenhum homem, nem corcel, nem armadura conseguia resistir ao peso dos seus enormes sabres, que eles desferiam com ambas as mãos sobre o inimigo. Após uma dura refrega, foram cercados pelos esquadrões de cavalaria regressados da perseguição e morreram nos seus postos com a estima do inimigo e a satisfação de se terem vingado. As portas de Civitella fecharam-se ao papa fugitivo, feito então prisioneiro pelos seus piedosos vencedores, os quais lhe beijavam os pés, implorando-lhe a bênção e a absolvição por uma tão pecaminosa vitória. Os soldados encaravam o seu inimigo cativo como o vigário de Cristo; e, embora possamos admitir algum cálculo político dos chefes, é provável que eles estivessem impregnados de superstição popular. Na calma do retiro, o bem-intencionado papa lamentou o derramamento de sangue cristão que lhe devia ser assacado; sentiu que havia sido fator de pecado e de escândalo; e, dado a sua empresa ter falhado, a inconveniência da sua conduta militar seria, pensava ele, universalmente condenada. Nesta disposição, aceitou a proposta de um tratado vantajoso, abandonou uma aliança pregada por si mesmo como a causa de Deus, e ratificou as conquistas passadas e futuras dos Normandos. Independentemente das mãos que as tinham usurpado, as províncias da Apúlia e da Calábria faziam parte da doação de Constantino e do património de São Pedro; assim, a outorga e a aceitação confirmavam as mútuas pretensões do pontífice e dos aventureiros normandos. Eles prometeram apoiar-se reciprocamente com as suas armas espirituais e temporais; um tributo ou censo de doze dinheiros por charrua foi seguidamente estipulado, e desde esta memorável transacção que o reino de Nápoles tem permanecido, ao longo de mais de setecentos anos, um feudo da Santa Sé.

As conquistas de Roberto Guiscardo

Tem-se feito descender Roberto Guiscardo ora de um camponês, ora de um duque da Normandia; de um camponês, por obra do orgulho e da ignorância de uma princesa grega; de um duque, por obra da ignorância e da adulação dos súbditos italianos. A sua verdadeira descendência deve ser situada na segunda classe ou ordem média da nobreza. Provinha de uma raça de vassallos ou senhores de pendão e caldeira da diocese de Coutances, na Baixa Normandia; o Castelo de Hauteville era a honrosa morada deles; o seu pai, Tancredo, distinguia-se na corte e no exército do duque, ao qual era obrigado a fornecer dez soldados ou cavaleiros. Dois casamentos numa família digna da sua tornaram-no pai de doze filhos, que foram todos educados na casa paterna e acarinhados com igual ternura pela sua segunda mulher. Um escasso património não bastava, contudo, para esta numerosa e empreendedora prole; os doze irmãos, vendo à sua roda as funestas consequências da pobreza e da discórdia, decidiram procurar uma herança mais gloriosa nas guerras estrangeiras. Só ficaram dois para perpetuar a raça e cuidar da velhice do pai; os dez outros, conforme atingiam a idade da virilidade, abandonavam o castelo, atravessavam os Alpes e juntavam-se ao estabelecimento apuliense dos Normandos. Os mais velhos foram impelidos pelo seu valor natural; o seu êxito encorajou os irmãos mais novos; e os três gerados em primeiro lugar, Guilherme, Drogão e Hunfredo, mereceram ser os chefes da sua nação e os fundadores da nova república. Roberto era o mais velho dos sete filhos do segundo casamento, e até mesmo o elogio contrariado dos inimigos lhe atribui as qualidades heróicas de um soldado e de um estadista. A sua estatura ultrapassava a dos homens mais altos do seu exército; as proporções do seu corpo davam-lhe simultaneamente força e graça; e, no outono da vida, ele ainda mantinha o firme vigor da saúde e a nobreza de porte que se impõe a todos. Possuía um rosto corado, ombros largos, cabelo e barba compridos da cor do linho, olhos que chispavam lume, e a voz, como a de Aquiles, conseguia impor obediência e espalhar o terror no meio do tumulto da batalha. Nos tempos mais rudes da cavalaria, tais qualidades não passavam despercebidas ao poeta ou ao historiador; eles observam que Roberto manejava ao mesmo tempo, e com igual destreza, a espada na mão direita e a lança na esquerda; que, na Batalha de Civitella, foi desmontado por três vezes, e mesmo assim, no final desse dia

memorável, todos reconheceram que ele levava a palma do valor aos guerreiros dos dois exércitos. A sua insaciável ambição baseava-se na consciência da sua superioridade; na busca da grandeza, jamais o detiveram quaisquer escrúpulos de justiça, e raramente o moveram sentimentos de humanidade; embora não fosse insensível à nomeada, a escolha que fazia entre os meios de actuação aberta ou secreta era somente ditada pelo interesse do momento. Deu-se o cognome de Guiscardo a este mestre da sabedoria política, demasiadas vezes confundida com a prática da dissimulação e do engano, e Roberto é elogiado pelo poeta apuliense como tendo superado a astúcia de Ulisses e a eloquência de Cícero. Contudo, os seus artifícios disfarçavam-se sob uma aparência de franqueza militar; nos momentos de maior fortuna, mostrava-se acessível e cortês para com os seus soldados; e embora manifestasse indulgência pelos preconceitos dos seus novos súbditos, alardeava no vestuário e nas maneiras o apego aos antigos usos do seu país. Apoderava-se avidamente de tudo o que podia, a fim de distribuir depois com largueza; a pobreza da mocidade incutira-lhe hábitos de frugalidade; o ganho de um mercador não era indigno da sua atenção; e os seus prisioneiros sofriam longas e impiedosas torturas, destinadas a arrancar-lhes o segredo de algum tesouro escondido. Segundo os Gregos, partiu da Normandia seguido de apenas cinco cavaleiros e trinta infantes; contudo, até este número é aparentemente exagerado; o sexto filho de Tancredo de Hauteville atravessou os Alpes com o hábito de peregrino, e a sua primeira tropa foi recrutada entre os aventureiros de Itália. Os seus irmãos e compatriotas tinham repartido entre si as férteis terras da Apúlia, mas guardavam cada qual a sua parte com ciosa avareza; o moço cheio de ambição dirigiu-se então para as montanhas da Calábria e, nas primeiras façanhas contra os Gregos e os naturais do país, não é fácil distinguir o herói do salteador. As suas faculdades físicas e intelectuais exercitaram-se a assaltar de surpresa um castelo ou um convento, a armar uma cilada a algum cidadão rico e a saquear as aldeias das redondezas para obter víveres. Os voluntários da Normandia alistaram-se sob a sua bandeira, e, comandados por ele, os camponeses da Calábria tomaram o nome e o carácter de normandos.

Conforme o génio de Roberto aumentava com a sua fortuna, ia também crescendo a inveja do irmão mais velho, o qual, numa disputa passageira, lhe ameaçou a vida e restringiu a liberdade. Após a morte de Hunfredo, a tenra idade dos filhos excluiu-os do comando; ficaram reduzidos a uma

condição privada pela ambição do seu tutor e tio; Guiscardo foi elevado sobre um escudo e declarado conde da Apúlia e general da república. Assim, mais poderoso e revestido de maior autoridade, ele reatou a conquista da Calábria e aspirou em breve a uma categoria que o colocasse para sempre acima dos seus iguais. Devido a alguns actos de rapina ou de sacrilégio, havia sido excomungado pelo papa; no entanto, não custou persuadir Nicolau II de que as zangas dos amigos só podiam redundar em danos recíprocos; de que os Normandos eram os fiéis defensores da Santa Sé; e de que oferecia mais segurança confiar na aliança de um príncipe do que nos caprichos de uma aristocracia. Um sínodo de cem bispos reuniu-se em Melfes; e o conde interrompeu uma empresa importante para velar pela pessoa do pontífice romano e executar os seus decretos. Este, por gratidão e política, concedeu a Roberto e à sua posteridade o título ducal, juntamente com a investidura de Apúlia, da Calábria e de todas as terras da Itália e da Sicília que a sua espada conseguisse arrebatara aos gregos cismáticos e aos infiéis sarracenos. Esta sanção apostólica podia justificar as conquistas de Roberto, mas não autorizá-lo a dispor de um povo livre e vitorioso sem o seu consentimento; e Guiscardo só tornou pública a sua nova dignidade depois de a ilustrar pela conquista de Consenza e Régio na campanha seguinte. Na hora do triunfo, ele reuniu as tropas e pediu-lhes que confirmassem por meio do seu sufrágio o juízo do vigário de Cristo; os soldados saudaram com aclamações de alegria o seu valoroso duque; e os condes, até então seus iguais, pronunciaram o juramento de fidelidade, com sorrisos nos lábios e uma secreta indignação. Depois deste empossamento, Roberto intitulou-se «Duque da Apúlia, da Calábria e da Sicília, pela graça de Deus e de São Pedro»; e trabalhou vinte anos para merecer e realizar estes títulos pomposos. Sucessos tão tardios num país pouco extenso podiam parecer indignos das capacidades do chefe e da valia da nação; mas os normandos eram pouco numerosos e possuíam escassos recursos: os seus serviços eram voluntários e precários. Os mais altos desígnios do duque encontravam, por vezes, a oposição da assembleia dos barões; os doze condes eleitos pelo povo conspiraram contra a sua autoridade; e os filhos de Hunfredo pediram justiça e vingança contra a perfídia do tio. Graças à sua sagacidade e ao seu vigor, Guiscardo descobriu as conjuras deles, sufocou as rebeliões e puniu os culpados com a morte ou o exílio; no entanto, os seus anos e as forças da nação consumiram-se inutilmente nestas querelas internas. Após a derrota, as forças destroçadas dos seus inimigos

estrangeiros, gregos, lombardos e sarracenos, procuraram asilo nas populosas cidades fortificadas da costa. Eles eram mestres na arte das fortificações e na da defesa; os normandos estavam habituados a combater a cavalo em campo raso, e os seus inábeis ataques às praças-fortes só podiam resultar mercê de uma perseverante coragem. A resistência de Salerno durou mais de oito meses; o cerco ou bloqueio de Bari prolongou-se por cerca de quatro anos. Nestas acções, o duque normando era o mais afoito em todos os perigos, o último a cansar-se e o mais paciente nos sofrimentos. Ao assediar a cidadela de Salerno, uma enorme pedra, atirada do alto das muralhas, despedaçou um dos seus engenhos militares, e um estilhaço de madeira feriu-o no peito. Diante dos muros de Bari, ele alojou-se numa cabana ou barraca miserável, formada de ramos secos e coberta de palha — um lugar perigoso, exposto por todos os lados à inclemência do Inverno e às setas do inimigo.

As conquistas italianas de Roberto coincidem com as fronteiras do actual reino de Nápoles; e as regiões reunidas pelos seus exércitos não foram separadas pelas revoluções de setecentos anos. Esta monarquia compôs-se das províncias gregas da Calábria e da Apúlia, do principado lombardo de Salerno, da república de Amalfi e dos distritos interiores do vasto e antigo ducado de Benevento. Só três destes distritos escaparam à lei comum de sujeição — o primeiro para sempre, e os dois últimos até meados do século seguinte. A cidade e o território contíguo de Benevento tinham sido transferidos, por dádiva ou troca, do imperador da Alemanha para o pontífice romano; e embora esta terra santa haja sido invadida algumas vezes, o nome de São Pedro acabou por triunfar da espada dos Normandos. A primeira colónia deles em Aversa subjugou e conservou o estado de Cápua, e os príncipes desta cidade viram-se reduzidos a implorar a subsistência diante do palácio dos seus antepassados. Os duques de Nápoles, a actual metrópole, mantiveram a liberdade popular sob um simulacro de submissão ao Império Bizantino. Entre as novas conquistas de Guiscardo, as luzes de Salerno e o comércio de Amalfi devem fixar por momentos a curiosidade do leitor. I. Uma disciplina como a jurisprudência implica o prévio estabelecimento de leis e propriedades; e a teologia talvez possa ser suplantada pela plena luz da religião e da razão. Mas tanto o selvagem como o sábio não podem dispensar a assistência do médico; e se as nossas doenças se tornam mais agudas devido ao luxo, já as contusões e as feridas seriam decerto mais frequentes nos séculos de barbárie. Os

tesouros da medicina grega tinham-se difundido entre as colónias árabes de África, de Espanha e da Sicília; e no meio das relações da paz e da guerra, uma centelha de saber brotara e mantivera-se em Salerno, uma cidade ilustre onde os homens eram honestos e as mulheres bonitas. Uma escola, a primeira surgida nas trevas da Europa, consagrava-se à arte de curar; a consciência de monges e bispos amoldou-se a esta salutar e lucrativa profissão; e um sem-fim de pacientes da mais elevada categoria e dos países mais longínquos chamavam ou visitavam os médicos de Salerno. Estes eram protegidos pelos conquistadores normandos; e Guiscardo, embora educado no ofício das armas, sabia distinguir o mérito e o valor de um filósofo. Após trinta e nove anos de viagens, Constantino, um cristão africano, trouxe de Bagdade o conhecimento da língua e do saber dos Árabes; e Salerno ficou enriquecida com a prática, as lições e os escritos do aluno de Avicena. A sua escola de medicina vegetou durante muito tempo sob o nome de universidade, mas os seus preceitos estão condensados numa série de aforismos expressos em versos leoninos, ou rimas latinas, do século XII.

II. Sete milhas a oeste de Salerno, e trinta a sul de Nápoles, a obscura cidade de Amalfi alardeava então o poderio e os benefícios da indústria. A terra, embora fértil, era de pouca extensão, mas banhava-a um mar acessível e aberto; os seus habitantes encarregavam-se antes de mais ninguém do cuidado de abastecer o mundo ocidental com os artefactos e produtos do Oriente, e este útil tráfico constituiu a fonte da sua opulência e liberdade. O governo de Amalfi era popular, sob a administração de um duque e a supremacia do imperador grego. Cinquenta mil cidadãos habitavam no interior das muralhas de Amalfi; e nenhuma outra cidade oferecia uma tão grande cópia de ouro, prata e objectos de um luxo refinado. Os marinheiros que enchiam o seu porto notabilizaram-se na teoria e prática da navegação e da astronomia; e a descoberta da bússola, que nos abriu o globo, deve-se ao seu engenho ou à sua boa fortuna. O seu comércio estendia-se às costas, ou pelo menos às mercadorias, de África, da Arábia e da Índia; e os seus estabelecimentos em Constantinopla, Antioquia e Jerusalém tinham adquirido os privilégios de colónias independentes. Após trezentos anos de prosperidade, Amalfi foi subjugada pelas armas dos Normandos, e pilhada pela inveja de Pisa; no entanto, a pobreza de mil pescadores que ali vivem hoje pode orgulhar-se dos restos de um arsenal, de uma catedral e dos palácios dos seus antigos mercadores.

Rogério, o décimo segundo e último dos filhos de Tancredo, ficara retido durante muito tempo na Normandia pela sua juventude e pela velhice do pai. Aceitou uma bem-vinda chamada e dirigiu-se apressadamente ao aquartelamento de Apúlia, onde mereceu primeiro a estima, e suscitou em seguida a inveja do seu irmão mais velho. Tinham o mesmo valor e a mesma ambição; mas a juventude, a beleza e as maneiras elegantes de Rogério despertaram a afeição espontânea dos soldados e do povo. Dispunha de tão poucos meios de subsistência para si e para o seu séquito de quarenta pessoas, que desceu da conquista ao banditismo, e do banditismo ao roubo doméstico; e havia nessa época noções tão vagas sobre a propriedade, que o seu próprio historiador, por ordem dele mesmo, o acusa de ter furtado cavalos de um estábulo em Melfes. A sua valentia fê-lo sair da pobreza e da vergonha; deixou estas vis práticas em troca do mérito e da glória de uma guerra contra os infiéis; e a invasão da Sicília foi secundada pelo zelo e a política do seu irmão Guiscardo. Após a retirada dos Gregos, os *idólatras*, tal era o nome que os católicos ousavam dar aos Sarracenos, tinham reparado as suas perdas e reavido as suas possessões; no entanto, a libertação da ilha, debalde empreendida pelas forças do Império do Oriente, foi conseguida por uma pequena tropa privada de aventureiros. Na primeira tentativa, Rogério desafiou, num barco descoberto, os perigos reais ou fabulosos de Cila e Caríbdis; desembarcou com apenas sessenta soldados numa costa inimiga e repeliu os Sarracenos até às portas de Messina, regressando são e salvo a Itália com o espólio da região circunvizinha. A sua coragem activa e paciente revelou-se igualmente notável na fortaleza de Trani. Na velhice, contava com prazer que, durante a aflição do cerco, ele e a condessa sua esposa tinham ficado reduzidos à posse de uma simples capa ou manto, a qual vestiam alternadamente; que, numa surtida, tendo o seu cavalo sido morto, ele se vira arrastado pelos Sarracenos, mas se salvara à força de espada e trouxera a sua sela às costas para que nem um só troféu ficasse nas mãos dos infiéis. No cerco de Trani, trezentos normandos detiveram e repeliram as forças da ilha. Na Batalha de Cerâmio, cinquenta mil homens, tanto de cavalaria como de infantaria, foram desbaratados por cento e trinta e seis soldados cristãos, sem contar com São Jorge, que combateu a cavalo nas primeiras fileiras. As bandeiras inimigas capturadas, juntamente com quatro camelos, destinaram-se ao sucessor de São Pedro; e se estes despojos dos bárbaros tivessem sido expostos, não no Vaticano, mas no Capitólio, poderiam reavivar a memória

dos triunfos púnicos. O que se diz do pequeno número de normandos não deve provavelmente englobar senão os cavaleiros ou os guerreiros de extracção nobre que combatiam a cavalo, cada um dos quais tinha ao seu serviço cinco ou seis homens; no entanto, ao adoptar esta interpretação, e supondo todas as vantagens dadas pelo valor, as armas e a reputação, a derrota de um tão numeroso exército ainda reduz o leitor prudente à alternativa de um milagre ou de uma fábula. Os árabes da Sicília recebiam frequentes e poderosos socorros dos seus compatriotas de África; no cerco de Palermo, a cavalaria normanda foi ajudada pelas galés de Pisa; e, no momento da acção, a inveja dos dois irmãos sublimou-se numa generosa e invencível emulação. Após uma guerra de trinta anos, Rogério, com o título de grande conde, obteve a soberania da maior e mais fértil ilha do Mediterrâneo; e a sua administração evidencia um espírito liberal e esclarecido, bastante superior à sua época e à sua educação. Os muçulmanos puderam conservar a liberdade da sua religião e o gozo das suas propriedades; um filósofo e médico de Mazara, da raça de Maomé, que arengara ao vencedor, recebeu um convite para ir à corte; a sua geografia dos sete climas foi traduzida para o latim; e, após uma atenta leitura, Rogério preferiu a obra do árabe aos escritos do grego Ptolemeu. Um resto de naturais cristãos contribuíra para o êxito dos normandos, sendo assim recompensado pelo triunfo da cruz. A ilha retornou à jurisdição do pontífice romano; estabeleceram-se novos bispos nas principais cidades, e o clero teve motivos para ficar satisfeito com as largas dotações de igrejas e mosteiros. O herói católico sustentou, porém, os direitos do magistrado civil. Em vez de renunciar à investidura dos benefícios eclesiásticos, ele teve a habilidade de volver em seu proveito as pretensões papais; e a supremacia da coroa achou-se consolidada e dilatada pela singular bula que declara os príncipes da Sicília legados hereditários e perpétuos da Santa Sé.

Para Roberto Guiscardo, a conquista da Sicília foi mais gloriosa do que útil: a posse da Apúlia e da Calábria não bastavam à sua ambição, e ele decidiu aproveitar ou criar uma ocasião de invadir, e talvez mesmo submeter o Império Romano do Oriente. Divorciara-se da primeira mulher, a companheira dos seus tempos humildes, a pretexto de consanguinidade; e o filho deste casamento, Boemundo, estava destinado a imitar o seu ilustre pai e não tanto a suceder-lhe. A segunda mulher de Guiscardo era filha dos príncipes de Salerno; os Lombardos consentiram em reconhecer como herdeiro o filho de ambos, Rogério; as cinco filhas foram todas dadas em

honrosos esponsais, e uma delas ficou noiva, em tenra idade, do belo e jovem Constantino, filho e herdeiro do imperador Miguel. O trono de Constantinopla era entretanto abalado por uma revolução: a família imperial de Ducas viu-se confinada ao palácio ou ao claustro; e Roberto afligiu-se com a desgraça da filha e a expulsão do seu aliado, meditando projectos de vingança. Um grego, que se dizia pai de Constantino, apareceu passado pouco tempo em Salerno e contou as aventuras do seu destronamento e da sua fuga. Este infeliz amigo foi reconhecido pelo duque, rodeado de pompa e revestido dos títulos da dignidade imperial; na sua marcha triunfal através da Apúlia e da Calábria, Miguel era saudado com lágrimas e aclamações pelo povo; e o Papa Gregório VII exortou os bispos a pregar e os católicos a lutar em prol da piedosa obra de restauração deste príncipe. As suas conversas com Roberto eram frequentes e familiares; e as promessas mútuas entre os dois fundamentavam-se no valor dos Normandos e nos tesouros do Império do Oriente. Este Miguel, contudo, segundo o testemunho dos Gregos e dos Latinos, não passava de uma mistificação e de um impostor; era um monge fugido do convento, ou um criado que servira no palácio. A fraude havia sido forjada pelo sagaz Guiscardo; e ele confiava que, depois de ter dado assim uma aparência de legitimidade às suas armas, este pretendente voltaria a mergulhar, a um simples aceno seu, na obscuridade donde o tirara. A vitória constituía, no entanto, o único argumento capaz de determinar a crença dos Gregos; e o ardor dos Latinos era muito inferior à credulidade deles; os veteranos normandos desejavam usufruir em paz do fruto das suas lides, e os pacíficos Italianos estremeciam à simples ideia dos perigos conhecidos e desconhecidos de uma expedição além-mar. Roberto exerceu sobre as novas levas de tropas o poder dos presentes e das promessas, as ameaças da autoridade civil e eclesiástica; e alguns actos de violência justificam a censura feita por alguém de que velhos e crianças eram compelidos indistintamente ao serviço deste implacável príncipe. Após dois anos de incessantes preparativos, as forças terrestres e navais reuniram-se em Otranto, o último promontório de Itália, situado no salto da bota; e Roberto fez-se acompanhar da mulher, que combateu a seu lado, do filho Boemundo e do impostor que passava pelo imperador Miguel. Mil e trezentos cavaleiros normandos, ou adestrados na sua escola, constituíam o fulcro do exército, composto por trinta mil soldados de toda a espécie. Os homens, os cavalos, as armas, os engenhos e as torres de madeira cobertas de peles não trabalhadas foram embarcados

em cento e cinquenta navios; as embarcações de transporte haviam sido construídas nos portos de Itália, sendo as galés fornecidas pela república de Ragusa, aliada de Roberto.

À entrada do golfo Adriático, as costas de Itália e do Epiro aproximam-se uma da outra. O espaço que separa Brundísio de Durazzo, conhecido pelo nome de passagem romana, não excede as cem milhas; no último ponto, em Otranto, reduz-se a cinquenta; e esta pequena largura sugeriu a Pirro e a Pompeu a ideia sublime ou extravagante de aí erguer uma ponte. Antes do embarque geral, o duque normando enviou Boemundo com quinze galés, a fim de ir avassalar ou ameaçar a ilha de Corfu, reconhecer a costa oposta e garantir um porto nas vizinhanças de Valona para o desembarque das tropas. Boemundo fez a travessia e desembarcou sem avistar inimigos; e este ensaio feliz revelou a negligência e a decadência da marinha dos Gregos. As ilhas e as cidades marítimas do Epiro cederam às armas ou ao nome de Roberto, que conduziu a sua armada e o seu exército desde Corfu (sirvo-me da designação moderna) até ao sítio onde pôs cerco a Durazzo. Esta cidade, que era a chave do império do lado ocidental, achava-se guardada pela sua antiga fama, por fortificações recentes, pelo patrício Jorge Paleólogo, vitorioso em guerras no Oriente, e por uma numerosa guarnição de albaneses e macedónios, povos conhecidos desde sempre pelas suas qualidades militares. Ao longo desta empresa, a coragem de Guiscardo foi posta à prova por todo o género de perigos e acidentes. Na estação mais amena do ano, quando a sua armada seguia ao longo da costa, desencadeou-se um repentino temporal misturado de neve; o Adriático enfunou-se sob as rajadas furiosas do sul, e um novo naufrágio confirmou a antiga *e infame*(*) reputação dos rochedos Acroceráunios. As velas, os mastros e os remos foram despedaçados ou atirados para longe; o mar e as margens ficaram cobertos de destroços de navios, bem como de armas e cadáveres; e a maior parte das provisões afundaram-se nas águas ou estragaram-se. A galé ducal só muito a custo se salvou das ondas, e Roberto deteve-se sete dias no cabo vizinho, a fim de reunir os restos da sua frota e realentar o ânimo esmorecido dos soldados. Os Normandos já não eram os marinheiros ousados e experientes que tinham explorado o oceano desde a Gronelândia ao monte Atlas, e que sorriam dos perigos triviais do Mediterrâneo. Choraram durante a tempestade; sentiram-se assustados ante a hostil aproximação dos Venezianos, a quem as preces e promessas da corte bizantina haviam instado a atacá-los. O primeiro dia de acção não foi

desfavorável a Boemundo, jovem imberbe, que comandava os navios do pai. Durante toda a noite, as galés da república de Veneza mantiveram-se ancoradas em forma de crescente; e a vitória do segundo dia decidiu-se graças à destreza das suas evoluções, à posição dos seus arqueiros, ao peso dos seus dardos e ao fogo-greguês emprestado pelo imperador. Os navios da Apúlia e de Ragusa refugiaram-se na costa, e vários deles vieram cortar os seus cabos e caíram em poder do vencedor; uma surtida da guarnição de Durazzo levou a carnificina e a consternação às tendas do duque normando. Um oportuno auxílio chegou a esta cidade, e, mal os sitiantes perderam o domínio do mar, as ilhas e cidades costeiras deixaram de lhes enviar tributos e provisões. O exército normando foi em breve acometido pela peste: quinhentos cavaleiros pereceram sem glória; e a lista dos funerais (supondo que todos tiveram direito a um enterro decente) ascendeu a dez mil pessoas. Frente a tais calamidades, só a vontade de Guiscardo se manteve firme e indomável; e ao mesmo tempo que mandava vir novas forças da Apúlia e da Sicília, bombardeava, escalava ou minava as muralhas de Durazzo. Mas a sua indústria e o seu valor depararam com um valor igual e uma indústria mais perfeita. Um torreão móvel, com tamanho e capacidade para conter cerca de quinhentos soldados, fora feito rolar até junto da muralha; mas a descida da porta ou ponte levadiça foi sustida por uma enorme viga, e a estrutura de madeira tornou-se imediatamente pasto de chamas artificiais.

Enquanto o Império Romano era atacado pelos Turcos do lado oriental, e pelos Normandos do lado ocidental, o idoso sucessor de Miguel depunha o ceptro nas mãos de Aleixo, ilustre comandante e fundador da dinastia de Comneno. A princesa Ana, que escreveu a história de Aleixo, seu pai, observa, no seu estilo afectado que o próprio Hércules não estaria à altura de um duplo combate; e estribada neste princípio, ela aprova as tréguas apressadas com os Turcos, que permitiram ao pai ir pessoalmente em socorro de Durazzo. Ao subir ao trono, Aleixo encontrou os quartéis sem soldados e o tesouro sem dinheiro; no entanto, tal se mostrou o vigor e a actividade das suas medidas, que, em seis meses, reuniu um exército de setenta mil homens e fez uma marcha de quinhentas milhas. As suas tropas foram recrutadas na Europa e na Ásia, do Peloponeso ao mar Negro; a sua majestade patenteava-se nas armas de prata e nos ricos arreios da sua guarda a cavalo; e o imperador andava rodeado de um séquito de nobres e príncipes, alguns dos quais, numa rápida sucessão, haviam

momentaneamente envergado a púrpura e viviam agora com abundância e revestidos de dignidades devido à brandura dos costumes da época. Esta juventude ardorosa devia animar a multidão, mas o seu gosto do prazer e o seu desprezo pela subordinação eram uma fonte de desordens e malefícios; e os seus importunos clamores a favor de uma acção rápida e decisiva desconcertaram a prudência de Aleixo, que podia ter cercado e reduzido à fome o exército sitiante. A enumeração das províncias sugere uma triste comparação entre as antigas e as presentes fronteiras do mundo romano; os novos soldados eram recrutados à pressa e no meio do terror; e as guarnições da Anatólia, ou Ásia Menor, só haviam podido vir evacuando as cidades que caíam logo a seguir nas mãos dos Turcos. A força do exército grego residia nos Varegues, os guardas escandinavos, cujo número aumentara recentemente devido à chegada de uma colónia de exilados e voluntários da ilha britânica de Tule. Os Dinamarqueses e os Ingleses gemiam em conjunto sob o jugo do conquistador normando: um bando de jovens aventureiros resolveu abandonar uma terra de escravidão; o mar proporcionava-lhes um meio de escapar; e, na sua longa viagem, eles visitaram todas as costas que apresentavam alguma esperança de liberdade e vingança. Foram tomados ao serviço do imperador grego; e o seu primeiro estabelecimento situou-se numa nova cidade na costa asiática; mas Aleixo em breve os chamou para defesa da sua pessoa e do seu palácio; e legou mais tarde aos seus sucessores a herança da fidelidade e do valor deles. Lembrando-se do que haviam sofrido por parte dos Normandos, eles marcharam com entusiasmo contra o inimigo nacional, e ansiavam por recobrar no Epiro a glória que tinham perdido na Batalha de Hastings. Os Varegues eram apoiados por algumas companhias de francos ou latinos; e os rebeldes que se tinham refugiado em Constantinopla para escapar à tirania de Guiscardo estavam impacientes por dar provas de zelo e tirar vingança. Neste transe difícil, o imperador não desdenhara a ajuda impura dos paulicianos ou dos maniqueus da Trácia e da Bulgária; e estes hereges aliavam à paciência dos mártires o espírito activo e a disciplina dos soldados valorosos. O tratado com o sultão proporcionara um reforço de vários milhares de turcos; e as setas da cavalaria cita opuseram-se às lanças dos cavaleiros normandos. Ao ouvir as primeiras notícias sobre o tremendo exército que ele enxergava ao longe, Roberto reuniu o conselho dos seus oficiais. «Tendes diante dos olhos o perigo em que estais; é premente e inevitável», declarou ele. «As colinas estão cobertas de guerreiros e

estandartes; e o imperador dos Gregos está habituado às guerras e aos triunfos. A obediência e a união constituem a nossa única salvação; e eu estou disposto a ceder o comando a um chefe mais merecedor.» O voto e as aclamações, até mesmo dos seus inimigos secretos, garantiram-lhe naquele momento de perigo a estima e a confiança deles. E o duque prosseguiu: «Confiemos nos frutos da vitória, e não deixemos aos cobardes nenhum meio de fuga. Queimemos os nossos navios e as nossas bagagens, e lutemos neste terreno como se fosse o lugar do nosso nascimento e da nossa sepultura.» Esta resolução recebeu a aprovação geral; e, sem se confinar às suas linhas, Guiscardo aguardou à frente do exército formado em ordem de batalha a aproximação iminente do inimigo. A retaguarda estava coberta por um riacho; a ala direita estendia-se até ao mar; a esquerda, até às colinas; e talvez ele não soubesse que, naquele mesmo sítio, César e Pompeu tinham outrora disputado o império do mundo.

Contra a opinião dos seus mais sensatos capitães, Aleixo decidiu correr o risco de uma batalha campal e exortou a guarnição de Durazzo a contribuir para a sua própria libertação por meio de uma surtida apropositada da cidade. Marchou em duas colunas para surpreender os Normandos antes do romper do dia por dois lados diferentes; a sua cavalaria ligeira espalhou-se pela planície; os arqueiros formavam a segunda linha; e os Varegues exigiram a honra de combater na vanguarda. No primeiro embate, as achas-de-armas dos estrangeiros desferiram golpes profundos e sangrentos no exército de Guiscardo, que estava então reduzido a quinze mil homens. Os lombardos e os calabreses viraram ignominiosamente as costas, fugindo na direcção do riacho e do mar; mas a ponte fora destruída para se impedir a surtida da guarnição, e ao longo da costa alinhavam-se as galés venezianas que dispararam os seus engenhos contra a multidão em desordem. Prestes a sucumbir, ela foi salva pela coragem e comportamento dos seus chefes. Gaita, a mulher de Roberto, e descrita pelos Gregos como uma aguerrida amazona e uma segunda Palas; menos hábil nas artes, mas tão terrível nas armas como a deusa ateniense; embora ferida por uma seta, aguentou-se no seu lugar e esforçou-se, com as suas exortações e o seu exemplo, por reagrupar as tropas em debandada. A sua voz feminina era secundada pela voz mais potente e pelo braço do duque normando, tão calmo na acção como magnânimo nos conselhos: «Para onde», gritou ele. «para onde fugis? O vosso inimigo é implacável, e a morte é menos penosa do que a escravidão.» O momento era decisivo; ao avançarem para lá da linha da

frente, os Varegues deixaram os flancos a descoberto: o corpo de batalha do duque, formado por oitocentos cavaleiros, mantinha-se firme e intacto; eles precipitaram-se de lanças em riste, e os Gregos falam com dor do embate furioso e irresistível da cavalaria francesa. Aleixo cumpriu todos os deveres de um soldado e de um general; porém, assim que viu a carnificina dos Varegues e a fuga dos Turcos, desprezou os seus súbditos e desesperou da sua sorte. A princesa Ana, que verte uma lágrima por este triste acontecimento, vê-se reduzida a elogiar a força e a rapidez do cavalo do pai, e o vigor com que este se defendeu depois de ser quase derrubado por um golpe de lança que lhe quebrou o elmo. A sua coragem desesperada abriu caminho por entre um esquadrão de franceses que se opunha à sua fuga; e depois de errar dois dias e outras tantas noites pelas montanhas, encontrou algum repouso, não do espírito, mas do corpo, nas muralhas de Lícido. O vitorioso Roberto censurou a lentidão e a indolência com que as suas tropas tinham perseguido e deixado escapar uma tão ilustre presa; mas consolou-se desta desilusão mercê dos troféus e estandartes que juncavam o campo de batalha, da riqueza e do luxo do acampamento bizantino, e bem assim da glória de derrotar um exército cinco vezes mais numeroso que o seu. Uma multidão de italianos tinham sido vítimas dos seus próprios receios; mas somente trinta cavaleiros de Roberto pereceram nesta jornada memorável. Nas hostes do imperador, as perdas de gregos, turcos e ingleses ascenderam a cinco ou seis mil homens; a planície de Durazzo ficou manchada de sangue nobre e real; e o fim do impostor Miguel foi mais honroso do que a sua vida.

É mais do que provável que Guiscardo não se tenha afligido com a perda de um dispendioso fantoche que apenas merecera o desprezo e troça dos Gregos. Depois de derrotados, estes persistiram na defesa de Durazzo; e um comandante veneziano ocupou o lugar de Jorge Paleólogo, que havia sido imprudentemente chamado pelo imperador. As tendas dos sitiados foram transformadas em abarracamentos capazes de suportar a inclemência do Inverno; e em resposta ao desafio da guarnição, Roberto insinuou que a sua paciência era pelo menos igual à obstinação dos sitiados. Talvez contasse já com a sua ligação secreta a um nobre veneziano, disposto a trair a cidade em troca de um rico e honroso casamento. A hora adiantada da noite, várias escadas de corda foram atiradas do alto das muralhas; os ligeiros calabreses treparam silenciosamente; e os Gregos acordaram ao som do nome e das trombetas do conquistador. Mesmo assim, defenderam as ruas durante três

dias contra um inimigo que já era senhor da fortaleza; e quase sete meses decorreram entre a primeira investida e a rendição final da praça. De Durazzo, o duque normando avançou em direcção ao centro do Epiro ou Albânia; atravessou as primeiras montanhas da Tessália; surpreendeu trezentos ingleses na cidade de Castória; aproximou-se de Tessalonica, e fez tremer Constantinopla. Um dever mais urgente impediu a continuação dos seus ambiciosos desígnios. Devido ao naufrágio, à peste e à espada do inimigo, o seu exército estava reduzido a um terço dos efectivos iniciais; e em vez dos recrutas que esperava de Itália, chegaram-lhe, através de lamentosas epístolas, notícias dos males e perigos a que a sua ausência dera azo: a revolta das cidades e dos barões da Apúlia; a aflição do papa; e a aproximação ou a invasão de Henrique, rei da Alemanha. Presumindo altivamente que a sua pessoa bastaria à segurança dos seus Estados, voltou a atravessar o mar num único bergantim, e deixou o resto do exército sob o comando do filho e dos condes normandos, exortando Boemundo a respeitar a liberdade dos seus iguais, e os condes a obedecer à autoridade do seu general. O filho de Guiscardo seguiu as pisadas do pai; e os dois guerreiros são comparados pelos Gregos à lagarta e ao gafanhoto, o último dos quais devora tudo o que escapou à primeira. Depois de ter ganho duas batalhas contra o imperador, ele desceu à planície da Tessália e cercou Larissa, capital do fabuloso reino de Aquiles, que continha o tesouro e os depósitos do exército bizantino. Não podemos, porém, recusar um elogio à firmeza e à prudência de Aleixo, que lutou corajosamente contra as calamidades da época. Dada a pobreza do Estado, ele ousou apoderar-se dos ornamentos supérfluos das igrejas; a deserção dos maniqueus foi suprida por algumas tribos da Moldávia; um reforço de sete mil turcos substituiu e vingou a perda dos seus irmãos; e os soldados gregos exercitaram-se a montar e a atirar ao arco, além de se entregarem todos os dias à prática de emboscadas e evoluções. A experiência ensinara a Aleixo que a temível cavalaria dos Franceses não podia combater nem quase mover-se a pé; os seus arqueiros recebiam instruções para alvejar as montadas de preferência aos cavaleiros; e uma série de pontas de ferro e de armadilhas eram espalhadas no terreno onde se poderia esperar um ataque. Nas cercanias de Larissa, a guerra prolongou-se com êxitos repartidos. A coragem de Boemundo revelou-se sempre notável e frequentemente bem-sucedida. No entanto, o seu acampamento foi pilhado em resultado de um estratagema dos Gregos; a cidade era inexpugnável, e os condes, corrompidos pelo

inimigo ou descontentes, abandonaram o seu estandarte, entregaram as suas posições e alistaram-se ao serviço do imperador. Aleixo regressou a Constantinopla com a vantagem, e não tanto com a honra da vitória. Depois de largar as conquistas que já não podia defender, o filho de Guiscardo embarcou para Itália, onde se viu acolhido por um pai que lhe reconhecia o mérito e se condoía do seu infortúnio.

Dentre os príncipes latinos aliados de Aleixo e inimigos de Roberto, o mais activo e poderoso era Henrique III ou IV, rei da Alemanha e de Itália e futuro imperador do Ocidente. A epístola que o monarca grego lhe endereçou está cheia dos mais calorosos protestos de amizade e manifesta o vivo desejo de fortalecer a sua aliança através de todos os laços públicos e privados. Ele felicita Henrique pelo seu êxito numa guerra justa e santa, e lamenta que a prosperidade do seu próprio império seja perturbada pelas empresa audaciosas do normando Roberto. A lista dos seus presentes evidencia os costumes da época — uma coroa de ouro guarnecida de raios, uma cruz peitoral engastada de pérolas, uma caixa de relíquias com os nomes e os títulos dos santos, um vaso de cristal, um vaso de sardónica, algum bálsamo, provavelmente de Meca, e cem peças de púrpura. A tudo isto acrescentava um presente mais substancial de cento e quarenta e quatro mil bizantinos de ouro, com a promessa de dar mais duzentos e dezasseis mil assim que Henrique se achasse em armas nos territórios apulienses, e confirmava por juramento a liga de ambos contra o inimigo comum. O príncipe alemão, que já se encontrava na Lombardia à cabeça de um exército e de uma facção, aceitou estas generosas ofertas e marchou em direcção ao sul; o seu avanço foi detido pela notícia da Batalha de Durazzo; mas a influência das suas armas ou do seu nome, ao fazer regressar apressadamente Roberto, pagou sobejamente o donativo que ele recebera dos Gregos. Henrique era um adversário sincero dos Normandos, aliados e vassalos de Gregório VII, seu implacável inimigo. A longa querela entre o trono e a mitra(*) havia sido recentemente ateadada pelo zelo e a ambição deste padre orgulhoso; o rei e o papa depunham-se reciprocamente, e cada um deles estabelecera um rival no trono temporal ou espiritual do seu antagonista. Após a derrota e morte do rebelde suábio, Henrique desceu até Itália, a fim de aí tomar a coroa imperial e afastar do Vaticano o tirano da Igreja. O povo romano, porém, sustentou a causa de Gregório; a resolução dele era ainda fortalecida pelo auxílio em homens e dinheiro vindo da Apúlia; e o rei da Alemanha cercou três vezes em vão a cidade de Roma.

No quarto ano, segundo consta, Henrique corrompeu com ouro bizantino os nobres de Roma, cujas herdades e castelos haviam sido arruinados pela guerra. As portas, as pontes e cinquenta reféns foram entregues nas suas mãos; o antipapa, Clemente III, recebeu a sagração no Palácio de Latrão; este pontífice, reconhecido, coroou o seu protector no Vaticano; e o imperador Henrique fixou residência no Capitólio, como legítimo sucessor de Augusto e Carlos Magno. As ruínas do Septizónio ainda eram defendidas pelo sobrinho de Gregório: o papa estava bloqueado no Castelo de Santo Ângelo, e a sua última esperança residia na coragem e na fidelidade do seu vassalo normando. A amizade entre ambos havia sido interrompida por algumas injúrias e queixas recíprocas; mas, nesta situação aflitiva, Guiscardo não atendeu senão aos seus juramentos, ao seu interesse mais forte do que os juramentos, ao amor da fama e à inimizade pelos dois imperadores. Desfraldando o estandarte santo, ele decidiu acorrer em socorro do príncipe dos apóstolos: reuniu imediatamente o mais numeroso exército que alguma vez tivera, seis mil cavaleiros e trinta mil infantes; e a sua marcha de Salerno a Roma foi encorajada pelas aclamações públicas e pela promessa do favor divino. Henrique, invencível em sessenta e seis batalhas, estremeceu ao saber da sua aproximação; lembrou-se de alguns assuntos inadiáveis que exigiam a sua presença na Lombardia; exortou os Romanos a manterem-se fiéis; e retirou-se apressadamente, três dias antes da chegada dos Normandos. O filho de Tancredo de Hauteville alcançou em menos de três anos a glória de libertar o papa e obrigar os dois imperadores, do Oriente e do Ocidente, a fugir diante das suas armas vitoriosas. O triunfo de Roberto, contudo, ficou ensombrado pelas calamidades de Roma. As muralhas tinham sido esburacadas ou escaladas graças à ajuda dos partidários de Gregório; no entanto, a facção imperial continuava poderosa e activa; ao terceiro dia, o povo sublevou-se num furioso tumulto; e uma palavra inconsiderada do vencedor, que parecia ordenar a defesa ou a vingança, deu o sinal do incêndio e da pilhagem. Os sarracenos da Sicília, os súbditos de Rogério e os auxiliares do seu irmão aproveitaram este óptimo ensejo para saquear e profanar a cidade santa dos cristãos; muitos milhares de cidadãos foram ultrajados, reduzidos ao cativeiro ou mortos, sob o olhar e pelas mãos dos aliados do seu pai espiritual; e um espaçoso bairro da cidade, desde o Palácio de Latrão ao Coliseu, consumido pelas chamas, ainda hoje nos surge como um verdadeiro ermo. Gregório retirou-se de uma cidade onde era agora odiado e deixara de ser temido, para ir

acabar os seus dias no Palácio de Salerno. O hábil pontífice deve ter adulado a vaidade de Guiscardo com a esperança da soberania romana ou da coroa imperial; mas esta medida perigosa, que iria inflamar a ambição do normando, teria indisposto para sempre os príncipes mais fiéis da Alemanha.

O resto deste capítulo sumaria os conflitos que se seguiram entre os Normandos e o Oriente e o Ocidente. Rogério, rei da Sicília, invadiu a Grécia e libertou Luís VII de França, no ano de 1146. Em compensação, o imperador Manuel repeliu os Normandos e lançou uma ofensiva na Apúlia e na Calábria (1148-1155). O seu desígnio de recuperar o Império do Ocidente não foi mais além. Em 1194, o imperador Henrique VI conquistou a Sicília, e, por volta de 1204, o poder dos Normandos na região do Mediterrâneo já chegara ao fim.

Capítulo 57

O Reino de Rum. A conquista turca de Jerusalém

Os Turcos Seljúcidas foram os primeiros a aparecer dentre as nações destinadas a consumir o derrube final do Império Romano. No seguimento de expedições ao Indostão e da sujeição da Pérsia, eles invadiram as províncias asiáticas. Em 1071, sob a chefia de Alp Arslan, derrotaram os Romanos e capturaram o imperador, Romano Diógenes. Durante os vinte anos seguintes, o Império Seljúcida atingiu o auge da prosperidade sob o filho de Alp Arslan, Malik Xá. As províncias romanas da Ásia Menor ficaram sob o poder de Solimão, um descendente directo dos Seljúcidas.

O Reino de Rum

O estabelecimento dos Turcos na Anatólia ou Ásia Menor constituiu a perda mais considerável sofrida pela Igreja e o império desde as primeiras conquistas dos califas. A propagação da fé muçulmana valeu a Solimão o nome de *Gazi*, ou campeão sagrado; e o seu novo reino dos Romanos, ou de *Rum*, foi acrescentado às tábuas da geografia oriental, sendo descrito pelos autores como um território que se estendia do Eufrates a Constantinopla, e do mar Negro aos confins da Síria; era rico em minas de prata e ferro, de alúmen e cobre, fértil em trigo e vinho, e abundante em gado e em excelentes cavalos. A riqueza da Lídia, as artes dos Gregos, o esplendor do

século de Augusto já só existiam nos livros e nas ruínas, coisas igualmente ignoradas pelos conquistadores citas. No seu actual declínio, a Anatólia ainda oferece, todavia, algumas cidades ricas e populosas; mas, sob o Império Bizantino, elas eram muito mais numerosas, mais vastas e opulentas. O sultão escolheu Niceia, capital da Bitínia, para aí erguer o seu palácio fortificado; a sede da dinastia seljúcida de Rum achava-se a cem milhas de Constantinopla; e a divindade de Cristo era renegada e escarnecida no mesmo templo em que ela havia sido declarada matéria de fé pelo primeiro sínodo geral dos católicos. A unidade de Deus e a missão de Maomé eram pregadas nas mesquitas; a ciência árabe era ensinada nas escolas; os cádis julgavam segundo a lei do Alcorão; os costumes e a língua turca prevaleciam nas cidades; e os acampamentos turcomanos espalhavam-se pelas planícies e montanhas da Anatólia. Sob a dura condição de pagarem um tributo e de aceitarem a sujeição, os cristãos gregos puderam conservar o exercício da sua religião; no entanto, as suas igrejas mais veneradas foram profanadas, os seus padres e bispos insultados; eles viram-se obrigados a suportar o triunfo dos *pagãos* e a apostasia dos seus irmãos; muitos milhares de crianças ficaram marcadas pela faca da circuncisão, e muitos milhares de cativos acabaram votados ao serviço ou aos prazeres dos seus amos. Após a perda da Ásia, Antioquia ainda mantinha a sua fidelidade inicial a Cristo e a César; mas esta província solitária estava fora de alcance da ajuda romana e rodeada de todos os lados pelas forças maometanas. O desesperado governador Filarete, já não acreditando na defesa, dispunha-se a sacrificar a sua religião e a sua lealdade; mas este crime foi evitado pelo seu filho, que se dirigiu apressadamente ao palácio de Niceia e propôs entregar aquela importante cidade a Solimão. O ambicioso sultão montou a cavalo e, em doze noites (pois descansava de dia), fez uma marcha de seiscentas milhas. Antioquia não pôde resistir a uma empresa tão célere e secreta; e as cidades dependentes, até Laodiceia e aos confins de Alepo, seguiram o exemplo da metrópole. De Laodiceia ao Bósforo da Trácia, ou braço de São Jorge, as conquistas do reinado de Solimão estendiam-se por trinta dias de viagem em comprimento, e cerca de dez ou quinze em largura entre os rochedos da Lícia e o mar Negro. A ignorância dos Turcos na arte da navegação protegeu durante algum tempo a inglória segurança do imperador; no entanto, assim que uma armada de duzentos navios acabou de ser construída pelas mãos dos cativos gregos, Aleixo estremeceu atrás das muralhas da sua capital. As suas lamentosas

epístolas chegaram então a todos os cantos da Europa, na mira de suscitar a compaixão dos Latinos e de descrever o perigo, a fraqueza e as riquezas da cidade de Constantino.

A conquista turca de Jerusalém

A conquista mais interessante dos Turcos Seljúcidas foi, porém, a de Jerusalém, que depressa se transformou no palco das nações. Na sua capitulação frente a Omar, os habitantes haviam exigido como condição a liberdade da sua religião e a conservação dos seus bens; mas os artigos estipulados foram interpretados por um senhor contra o qual se tornava arriscado discutir; e ao longo dos quatrocentos anos de reinado dos califas, o clima político de Jerusalém ficou sujeito a frequentes variações. Os maometanos podiam justificar a usurpação de três quartos da cidade com o aumento dos seus prosélitos e da sua população; no entanto, um bairro especial ficou reservado ao patriarca, ao seu clero e ao seu rebanho; um tributo de duas moedas de ouro era o preço da protecção concedida; e o sepulcro de Cristo, com a Igreja da Ressurreição, continuava nas mãos dos seus devotos. A porção mais numerosa e respeitável de cristãos não se compunha de habitantes de Jerusalém; as peregrinações à Terra Santa haviam sido mais incentivadas do que interrompidas pela conquista dos Árabes; e o entusiasmo, que sempre inspirara estas perigosas viagens, era alimentado pelas paixões inerentes à dor e à indignação. Uma multidão de peregrinos do Oriente e do Ocidente continuava a visitar o Santo Sepulcro e os santuários das redondezas, em particular na festa da Páscoa; e os gregos e os latinos, os nestorianos e os jacobitas, os coplas e abissínios, os arménios e os georgianos mantinham as capelas, o clero e os pobres das suas respectivas comunidades. A harmonia da oração em tantas e variadas línguas, o culto de tantas nações no templo comum da sua religião, deveriam ter propiciado um espectáculo de edificação e paz; mas o zelo das seitas cristãs era azedado pelo ódio e a vingança; e no reino de um Messias sofredor, que perdoara aos seus inimigos, eles aspiravam a dominar e perseguir os seus irmãos espirituais. A coragem e o número asseguravam aos Francos a preeminência, e a grandeza de Carlos Magno protegia tanto os peregrinos latinos como os católicos do Oriente. A pobreza de Cartago,

Alexandria e Jerusalém foi aliviada pelas esmolas deste piedoso imperador, e muitos mosteiros da Palestina ficaram a dever a fundação ou o restabelecimento à sua generosa devoção. Hárune Arraxide, o maior dos Abássidas, estimava no príncipe cristão, a quem chamava irmão, uma grandeza de génio e de poderio igual à sua; a amizade entre ambos foi cimentada por uma frequente troca de presentes e embaixadas; e o califa, sem abdicar do domínio efectivo da Terra Santa, ofereceu ao imperador as chaves do Santo Sepulcro e provavelmente da cidade de Jerusalém. No declínio da monarquia carlovíngia, a república de Amalfi apadrinhou os interesses comerciais e religiosos dos europeus no Oriente. Os seus navios transportavam os peregrinos latinos até às costas do Egipto e da Palestina; e, graças aos seus úteis carregamentos, ela obteve o favor e a aliança dos califas fatímidas: instituiu-se uma feira anual no monte Calvário, e os mercadores italianos fundaram o convento e o hospital de São João de Jerusalém, berço da ordem militar e monástica que desde então reinou nas ilhas de Rodes e de Malta. Caso os peregrinos cristãos se tivessem contentado em venerar o túmulo de um profeta, os discípulos de Maomé, em vez de reprovar a sua devoção, tê-la-iam imitado; porém, estes rígidos *unitários* escandalizaram-se com um culto que representa o nascimento, a morte e a ressurreição de um Deus; as imagens católicas foram assim estigmatizadas com o nome de «ídolos»; e os muçulmanos esboçavam um sorriso de indignação ante a chama milagrosa que se acendia, em vésperas de Páscoa, no Santo Sepulcro. Esta piedosa fraude, inventada no século IX, era devotamente cultivada pelos cruzados latinos; e repete-se agora todos os anos por obra do clero das comunhões grega, arménia e copta, que iludem os espectadores crédulos para seu próprio benefício e dos seus tiranos. Em todos os tempos, o interesse tem fortificado o princípio da tolerância, e o rendimento do príncipe e do seu emir aumentava todos os anos em virtude das despesas e dos tributos de tantos milhares de estrangeiros.

A revolução que transferiu o ceptro dos Abássidas para os Fatímidas constituiu mais um benefício do que um dano para a Terra Santa. Um soberano residente no Egipto era mais sensível à importância do comércio cristão; e os emires da Palestina achavam-se menos afastados da justiça e do poderio do trono. Mas o terceiro destes califas fatímidas foi o célebre Hakim, um jovem frenético a quem a sua impiedade e o seu despotismo haviam libertado do temor a Deus e aos homens, e cujo reinado constituiu uma mistura monstruosa de vícios e desvarios. Sem atender aos mais

antigos usos do Egito, ele impôs uma absoluta clausura às mulheres; este constrangimento suscitou os protestos dos dois sexos; os seus clamores provocaram a fúria de Hakim, e uma parte do velho Cairo ardeu em chamas por ordem dele, acabando os guardas e os cidadãos por se envolverem num sangrento conflito de muitos dias. De início, o califa mostrou-se um zeloso muçulmano, fundador ou benfeitor de mesquitas e colégios; mil duzentos e noventa exemplares do Alcorão foram transcritos à sua custa em letras de ouro, e um edicto dele mandou arrancar todas as vinhas do Alto Egito. A sua vaidade não tardou, porém, a acalentar a esperança de introduzir uma nova religião; aspirava mais além da simples fama de profeta, e intitulava-se a imagem visível do Altíssimo, que, depois de nove aparições na Terra, se manifestava finalmente na sua régia pessoa. Ante o nome de Hakim, senhor dos vivos e dos mortos, todos os joelhos se dobravam em adoração religiosa; os seus mistérios eram celebrados numa montanha próximo do Cairo; dezasseis mil convertidos haviam assinado a sua profissão de fé; e ainda hoje, um povo livre e guerreiro, os Drusos do monte Líbano, acredita na divindade deste tirano insensato e julga que ele está vivo. Na qualidade de deus, Hakim odiava os Judeus e os cristãos como submetidos aos seus rivais, embora um resto de preconceito ou de prudência continuasse a falar-lhe em favor da lei de Maomé. As suas perseguições cruéis e arbitrarias fizeram alguns mártires e muitos apóstatas, tanto no Egito como na Palestina; os direitos comuns e os privilégios especiais das diferentes seitas eram indistintamente acalcanhados, e ele proibiu os habitantes de Jerusalém e os estrangeiros de visitar o túmulo de Cristo. O templo do mundo cristão, a Igreja da Ressurreição, foi demolido até aos alicerces; o prodígio luminoso que se via na festa da Páscoa desapareceu, e gastou-se muito esforço profano a destruir a gruta do rochedo que constitui propriamente o Santo Sepulcro. Ao ouvir a notícia deste sacrilégio, as nações da Europa encheram-se de assombro e aflição; mas, em vez de se armarem para a defesa da Terra Santa, contentaram-se em queimar ou banir os judeus, a quem consideravam como conselheiros secretos do ímpio bárbaro. Todavia, as calamidades de Jerusalém abrandaram de certa forma devido à inconstância ou ao arrependimento do próprio Hakim; e acabava de ser assinado um mandado régio a determinar a restituição das igrejas, quando o tirano morreu às mãos dos emissários da irmã. Os califas seguintes retomaram as antigas máximas da religião e da política muçulmanas; uma ampla tolerância voltou a ser concedida; o Santo Sepulcro reergueu-se das

suas ruínas com a piedosa ajuda do imperador de Constantinopla; e após uma breve privação, os peregrinos reataram com acrescido fervor as suas festividades espirituais. A viagem por mar até à Palestina abundava em perigos, e as ocasiões de a fazer eram raras; no entanto, a conversão da Hungria abriu uma rota segura entre a Alemanha e a Grécia. A caridade de Santo Estêvão, o apóstolo do seu reino, socorria e guiava os irmãos itinerantes; e, de Belgrado a Antioquia, eles atravessavam mil e quinhentas milhas de império cristão. Entre os Francos, o ardor da peregrinação era mais forte do que nunca, e os caminhos pululavam de gente de ambos os sexos e de todas as classes, que declarava só desejar viver até ao momento em que pudesse beijar o túmulo do seu Redentor. Príncipes e prelados abandonavam o cuidado dos seus domínios, e o número destas piedosas caravanas era já um prelúdio aos exércitos que, no século seguinte, iriam marchar sob o estandarte da cruz. Cerca de trinta anos antes da primeira cruzada, o arcebispo de Mogúncia, em companhia dos bispos de Utreque, Bamberg e Ratisbona, empreendeu esta árdua viagem desde o Reno ao Jordão, levando consigo um séquito de sete mil pessoas. Em Constantinopla, foram hospitaleiramente recebidos pelo imperador, mas a imprudente ostentação das suas riquezas deu origem a um assalto dos indómitos árabes; eles desembainharam as espadas com uma espécie de escrúpulo e aguentaram um cerco na aldeia de Capernaum, até serem salvos pela protecção venal do emir fatímida. Depois de visitar os lugares santos, embarcaram rumo a Itália, mas apenas dois mil sobreviventes do séquito chegaram sãos e salvos ao seu país natal. Ingulfo, secretário de Guilherme, *o Conquistador*, participou nesta peregrinação; ele informa que partiram da Normandia trinta robustos e bem equipados cavaleiros; mas quando atravessaram de novo os Alpes, já não restavam senão vinte miseráveis romeiros com o bordão na mão e o alforge às costas.

Após a derrota dos Romanos, a tranquilidade dos califas fatímidas foi perturbada pelos Turcos. Um dos lugar-tenentes de Malik Xá, Atsiz, *o Corásmio*, entrou na Síria à frente de um poderoso exército e reduziu Damasco pela fome e a espada. Hems e as restantes cidades da província reconheceram o califa de Bagdade e o sultão da Pérsia; e o emir vitorioso avançou, sem encontrar resistência, até às margens do Nilo; o fatímida dispunha-se a fugir para o Centro de África, mas os negros da sua guarda e os habitantes do Cairo fizeram uma surtida desesperada e repeliram os Turcos das fronteiras do Egipto. Na sua retirada, Atsiz entregou-se sem

freio à matança e à rapina; o juiz e os notários de Jerusalém receberam um convite para ir ao seu acampamento; ao chegar, foram logo supliciados, seguindo-se então a chacina de três mil cidadãos. A crueldade ou a derrota de Atsiz não tardaram a ser punidas pelo sultão Tucush, irmão de Malik Xá, que, possuidor de um título mais elevado e de forças mais temíveis, reivindicou o domínio da Síria e da Palestina. A casa dos Seljúcidas reinou cerca de vinte anos em Jerusalém, mas o comando hereditário da cidade santa e do seu território foi confiado ou abandonado ao emir Ortok, o chefe de uma tribo de turcomanos, cujos filhos, depois da sua expulsão da Palestina, formaram duas dinastias que reinaram nas fronteiras da Arménia e da Assíria. Os cristãos orientais e os peregrinos latinos deploraram uma revolução que, em vez do governo regular e da antiga aliança dos califas, os submetia ao jugo de ferro dos estrangeiros do Norte. Na sua corte e no seu exército, o grande sultão adoptara, em certos aspectos, as artes e os costumes da Pérsia; mas a maior parte da nação turca, e em particular as tribos pastoris, ainda evidenciavam a ferocidade do deserto. De Niceia a Jerusalém, as regiões ocidentais da Ásia eram teatro de guerras estrangeiras e intestinas; e os pastores da Palestina, que exerciam uma autoridade precária sobre uma fronteira incerta, não tinham vagar nem capacidades que lhes permitissem esperar os tardios benefícios da liberdade de comércio e de religião. Os peregrinos que, através de inumeráveis perigos, chegavam às portas de Jerusalém, eram vítimas da rapina dos indivíduos ou dos vexames administrativos, e sucumbiam frequentemente à fome e à doença, antes de lhes ser dada a consolação de saudar o Santo Sepulcro. Uma barbárie natural ou um zelo recente impeliavam os Turcomanos a insultar o clero de todas as seitas; o patriarca foi arrastado pelos cabelos ao longo das ruas e lançado numa masmorra, a fim de se arrancar um resgate à comiseração do seu rebanho; e o culto divino da Igreja da Ressurreição era amiúde perturbado pela rudeza selvática destes senhores. Relatos patéticos incitaram milhões de cristãos do Ocidente a marchar sob o estandarte da cruz para livrar a Terra Santa; e, no entanto, quão diminuta era a soma de todos estes males acumulados, em comparação com a simples acção sacrílega de Hakim, que fora tão pacientemente suportada pelos cristãos latinos! Ultrajes menores inflamaram o carácter mais irascível dos seus descendentes: nascera um novo espírito de cavalaria religiosa e de sujeição à autoridade papal; tocara-se num nervo muito sensível, e esta impressão fez vibrar o coração da Europa.

AS CRUZADAS

Capítulo 59

São Luís e a Sexta e Sétima Cruzadas. A perda de Antioquia. A perda de Acre e da Terra Santa

A tomada de Jerusalém pelos Turcos excitou o frenesim tanto espiritual quanto temporal da Europa Ocidental que levou às cruzadas. Em 1099, Jerusalém foi reconquistada por Godofredo de Bulhão, acontecimento que deu origem à fundação de um reino. Saladino conquistou Jerusalém em 1187 e pôs fim a este reino. Esforços subsequentes para reaver a cidade mostraram-se infrutíferos.

Gibbon inicia a sua narrativa das cruzadas no Capítulo 58, reservando a descrição da Quarta Cruzada, que teve uma influência muito directa no destino do Império Romano, para um capítulo ulterior (Capítulo 60) que é incluído na íntegra.

São Luís e a Sexta e Sétima Cruzadas

Das sete cruzadas, as duas últimas foram empreendidas por Luís IX, rei de França, que perdeu a liberdade no Egipto e a vida na costa de África. Vinte e oito anos decorridos sobre a sua morte, canonizaram-no em Roma e logo se descobriram e atestaram solenemente sessenta e cinco milagres que justificassem as honras prestadas à memória do santo real. A voz da História dá um testemunho mais louvável ao reunir nele as virtudes de um rei, de um herói e de um homem; o seu valor guerreiro era temperado pelo amor à justiça privada e pública; Luís foi o pai dos seus súbditos, o amigo dos seus vizinhos e o terror dos infiéis. Só a superstição, em toda a extensão da sua maléfica influência, corrompia o entendimento e o coração dele; a sua devoção dignava-se a admirar e imitar os frades mendicantes de São Francisco e São Domingos; ele perseguiu com um zelo cego e cruel os inimigos da fé; e o melhor dos reis desceu por duas vezes do trono em demanda das aventuras de um cavaleiro errante das coisas espirituais. Um historiador monástico ter-se-ia contentado em elogiar as facetas mais repreensíveis da sua personalidade; mas o nobre e galhardo Joinville, que partilhou da amizade e do cativeiro de Luís, traçou de maneira fidedigna o vero retrato das suas virtudes e também dos seus defeitos. A partir do íntimo conhecimento que ele tinha do seu rei, podemos ser levados a suspeitar que este concebia o projecto de enfraquecer o poderio dos grandes vassallos, do qual tantas vezes são acusados os soberanos que incentivaram as cruzadas. Mais do que todos os outros príncipes da Idade Média, Luís IX esforçou-se com êxito por restaurar as prerrogativas da coroa; mas foi no seu país, e não no Oriente, que fez estas aquisições para si e para a sua posteridade; o seu voto teve como motivo o entusiasmo e uma doença; e se ele foi o autor desta santa loucura, a verdade é que também se tornou vítima dela. Para invadir o Egipto, a França exauriu as suas tropas e os seus tesouros; Luís cobriu o mar de Chipre com mil e oitocentos barcos à vela; o cálculo mais modesto atribui cinquenta mil homens às suas tropas; e se aceitarmos o seu próprio testemunho, tal como é referido pela vaidade oriental, ele desembarcou nove mil e quinhentos cavaleiros e cento e trinta mil peões que realizaram a peregrinação à sombra do seu poder.

Armado dos pés à cabeça e precedido da auriflama, Luís foi um dos primeiros a saltar para a praia; e a praça-forte de Damietta, que resistira a um cerco de dezasseis meses dos seus antecessores, viu-se abandonada ao primeiro assalto pelos amedrontados muçulmanos. Damietta constituiu, todavia, a primeira e a última das suas conquistas; e na Quinta e na Sexta

Cruzadas, as mesmas causas, praticamente no mesmo terreno, originaram calamidades semelhantes. Após um funesto atraso, que introduziu no acampamento os germes de uma doença epidémica, os Francos avançaram da costa marítima em direcção à capital do Egipto, e tentaram transpor a inundação extemporânea do Nilo que se opunha à sua progressão. Sob o olhar do intrépido monarca, os barões e cavaleiros de França alardearam um irreprimível desprezo tanto pelo perigo como pela disciplina; o irmão dele, o conde de Artois, assaltou, num acto de bravura inconsiderada, a cidade de Mansurá; e os pombos-correios anunciaram aos habitantes de Cairo que tudo estava perdido. Mas um soldado, que posteriormente usurpou o ceptro, reagrupou as tropas em fuga; o corpo do exército cristão encontrava-se muito atrás da sua vanguarda, e Artois foi vencido e morto. Uma chuva de fogo-greguês era incessantemente lançada sobre os invasores; o Nilo estava dominado pelas galés egípcias, e o campo aberto, pelos árabes; todas as provisões eram interceptadas; cada dia agravava os males da doença e da fome; e no momento em que a retirada pareceu necessária, já não se podia pô-la em prática. Os escritores orientais confessam que Luís podia ter escapado, se porventura aceitasse abandonar os seus súbditos; foi feito prisioneiro com a maioria dos nobres; todos os que não conseguiram remir a vida por meio de resgate ou de serviço acabaram desumanamente chacinados, e uma fila de cabeças cristãs decorou os muros do Cairo. O rei de França viu-se posto a ferros, mas o generoso vencedor, um bisneto do irmão de Saladino, enviou uma túnica de honra ao seu régio cativo; e a libertação deste, juntamente com a dos soldados, ficou a dever-se à restituição de Damietta e ao pagamento de quatrocentas mil moedas em ouro. No meio da moleza do clima e do luxo, filhos degenerados dos companheiros de Nurad-Din e Saladino mostraram-se incapazes de resistir à fina flor da cavalaria europeia; só triunfaram devido às armas dos seus escravos ou mamelucos, intemeratos filhos da Tartária, que em tenra idade haviam sido comprados a mercadores sírios e educados nos acampamentos e no palácio do sultão. No entanto, o Egipto não tardou a oferecer um novo exemplo do perigo dos bandos pretorianos; e a raiva desses animais ferozes que haviam sido largados contra os estrangeiros em breve se atçou para devorar o seu benfeitor. Em pleno orgulho da vitória, Turan Xá, o último rebento da sua raça, foi morto pelos seus próprios mamelucos; e os mais ousados dos assassinos entraram no quarto do rei cativo, de cimitarras em riste e as mãos ainda tingidas do sangue do seu sultão. A firmeza de Luís

impôs-lhes respeito; a avareza prevaleceu sobre a crueldade e o zelo; o tratado cumpriu-se, e o rei de França, com os restos do seu exército, foi autorizado a embarcar para a Palestina. Passou quatro anos dentro dos muros de Acre, sem poder visitar Jerusalém e recusando-se sempre a voltar sem glória à sua pátria.

A memória da derrota sofrida induziu Luís, após dezasseis anos de sabedoria e repouso, a realizar a sétima e última das cruzadas. As suas finanças estavam restauradas e o seu reino dilatara-se; uma nova geração de guerreiros havia surgido, de modo que ele embarcou com renovada confiança à frente de seis mil cavaleiros e trinta mil peões. A perda de Antioquia determinara esta empresa; uma estranha esperança de baptizar o rei de Tunes levou-o a tomar o rumo da costa africana; e o rumor de um imenso tesouro consolou as tropas do atraso sofrido pela sua viagem à Terra Santa. Em vez de um prosélito, deparou-se-lhes a necessidade de pôr cerco; os Franceses, iludidos nas suas expectativas, pereciam na areias escaldantes; São Luís expirou na sua tenda; e, mal fechou os olhos, o seu filho e sucessor deu o sinal de retirada. «Foi assim», diz um imaginativo escritor, «que um rei cristão morreu próximo das ruínas de Cartago, lutando contra os adeptos de Maomé numa terra onde Dido introduzira as divindades da Síria.»

A perda de Antioquia

Não é possível conceber uma constituição mais injusta e absurda do que a que condena os naturais de um país à servidão perpétua sob o domínio arbitrário de escravos estrangeiros. Tal foi, contudo, a situação do Egipto durante mais de quinhentos anos. Os mais ilustres sultões das dinastias Baharita e Borgita saíam eles próprios dos bandos tártaros e circassianos; e os vinte e quatro beis, ou chefes militares, tiveram sempre como sucessores, não os filhos, mas os seus criados. Estes apresentam como a grande carta da sua liberdade o tratado de Selim I com a república; e o imperador otomano continua a receber do Egipto um leve tributo como penhor de sujeição. Salvo curtos intervalos de paz e ordem, estas duas dinastias assinalam-se por um período quase contínuo de depredações e assassínios; mas o seu trono, embora abalado, assentava nos dois pilares da disciplina e do valor; o

seu governo estendia-se ao Egipto, à Núbia, à Arábia e à Síria; os seus mamelucos, compostos inicialmente de oitocentos cavaleiros, multiplicaram-se até ao número de vinte e cinco mil; estes efectivos eram acrescidos de uma milícia provincial formada por cento e sete mil soldados, e da ajuda ocasional de sessenta e seis mil árabes. Príncipes dotados de um tal poder e valentia não podiam tolerar durante muito tempo nas suas costas uma nação hostil e independente; e embora a expulsão dos Francos tivesse ficado adiada cerca de quarenta anos, eles deveram esta folga aos embaraços de um reino mal consolidado, à invasão dos Mongóis e ao socorro esporádico de alguns peregrinos guerreiros. Entre estes, um leitor inglês notará o nome de Eduardo I, que tomou a cruz em vida do seu pai Henrique. À cabeça de mil soldados, o futuro conquistador do País de Gales e da Escócia fez levantar o cerco de Acre; marchou até Nazaré com um exército de nove mil homens; rivalizou em glória com o seu tio Ricardo; impôs, mercê da sua coragem, uma trégua de dez anos; e escapou, gravemente ferido, ao punhal de um *assassino*(*) fanático. Antioquia, cuja posição a expusera menos até então às calamidades da guerra santa, acabou por ser ocupada e devastada por Bondocdar ou Bibars, sultão do Egipto e da Síria; o principado latino findou; e a primeira sede do nome cristão ficou despovoada pela carnificina de dezassete mil e pelo cativo de cem mil dos seus habitantes. As cidades marítimas de Laodiceia, Gábala, Trípolis, Beirute, Sídon, Tiro e Jafa, e os castelos fortes dos Hospitalários e dos Templários renderam-se uns atrás dos outros; e as possessões dos Francos cingiram-se à cidade e à colónia de São João de Acre, que é algumas vezes designada sob o nome mais clássico de Ptolemais.

A perda de Acre e da Terra Santa

Após a perda de Jerusalém, Acre, que dela dista cerca de setenta milhas, tornou-se a metrópole dos cristãos latinos e foi apetrechada de sólidos e imponentes edifícios, aquedutos, um porto artificial e uma dupla muralha. A população aumentou devido às vagas incessantes de peregrinos e fugitivos; nos intervalos das hostilidades, o comércio do Oriente e do Ocidente eram atraídos pela sua posição favorável, e os seus mercados ofereciam as produções de todos os climas e os intérpretes de todas as línguas. Contudo,

todos os vícios se propagavam e praticavam nesta confluência de nações; de entre todos os discípulos de Jesus e de Maomé, os habitantes de ambos os sexos de Acre eram considerados os mais corrompidos, e o abuso da religião nem sequer podia ser corrigido pela força da lei. A cidade tinha vários soberanos e nenhum governo. Os reis de Jerusalém e de Chipre, da casa de Lusignan, os príncipes de Antioquia, os condes de Trípolis e de Sídon, os grão-mestres do Hospital, do Templo e da ordem Teutónica, as repúblicas de Veneza, Génova e Pisa, o legado do papa, os reis de França e de Inglaterra assumem todos uma autoridade independente; dezassete tribunais exerciam aí o direito de vida e de morte; os inculcados num bairro encontravam protecção no que ficava a seguir; e a constante inveja das nações explodia frequentemente em actos de violência e sangue. Alguns aventureiros, desonrando a insígnia da cruz que traziam, supriam a falta de pagamento mediante o saque de aldeias maometanas; dezanove mercadores sírios, que negociavam ao abrigo da fé pública, foram despojados e enforcados pelos cristãos; e a recusa de uma satisfação justificou o uso das armas por parte do sultão Khalil. Ele marchou contra Acre à cabeça de sessenta mil cavaleiros e cento e quarenta mil infantas; o seu trem de artilharia (se me é permitido utilizar o termo) era numeroso e pesado; as peças de madeira de um único engenho foram transportadas em cem carroças; e o historiador real Abu al-Fida, que servia nas tropas de Hamah, foi ele próprio testemunha da guerra santa. Quaisquer que hajam sido os vícios dos Francos, a coragem deles era avivada pelo entusiasmo e o desespero; viram-se, contudo, dilacerados pela discórdia dos seus dezassete chefes, e submersos de todos os lados pelas forças do sultão. Após um cerco de trinta e três dias, a muralha dupla acabou por ser forçada pelos muçulmanos; a torre principal cedeu aos seus engenhos; os mamelucos deram um assalto geral; a cidade foi invadida, e sessenta mil cristãos pereceram ou caíram na escravidão. O convento, ou melhor, a fortaleza dos Templários resistiu durante mais três dias; no entanto, o grão-mestre morreu trespassado por uma seta, e de quinhentos cavaleiros, somente dez conservaram a vida, menos felizes do que as vítimas dos combates, se a sorte lhes reservasse partilhar num cadafalso da injusta e cruel proscrição de toda a ordem. O rei de Jerusalém, o patriarca e o grão-mestre dos Hospitalários retiraram-se para o litoral; mas o mar estava agitado, os navios eram insuficientes, e um grande número de fugitivos morreram afogados antes de atingir a ilha de Chipre, que podia consolar Lusignan da

perda da Palestina. Por ordem do sultão, as igrejas e as fortificações das cidades latinas foram demolidas; um motivo de avidez ou temor deixou livre o caminho do Santo Sepulcro a alguns peregrinos devotos e indefesos; e um lúgubre e solitário silêncio reinou na costa que durante tanto tempo ressoara das controvérsias do mundo.

Capítulo 60

Cisma e hostilidade entre Gregos e Latinos. A Quarta Cruzada. Aliança dos Franceses e Venezianos e sua expedição a Constantinopla. Conquista e pilhagem de Constantinopla pelos Latinos

À restauração do Império do Ocidente por Carlos Magno seguiu-se rapidamente a separação das Igrejas grega e latina. Uma animosidade religiosa e nacional ainda hoje divide as duas maiores comunhões do mundo cristão; e o cisma de Constantinopla, ao alienar os seus mais úteis aliados e irritar os seus mais perigosos inimigos, precipitou o declínio e a queda do Império Romano do Oriente. No curso da presente história, a aversão dos Gregos aos Latinos tornou-se amiúde visível e notória. Ela derivou originariamente do ódio suscitado pela servidão, inflamado, desde o reinado de Constantino, pelo orgulho da igualdade ou da dominação, e envenenado posteriormente pela preferência que alguns súbditos rebeldes haviam dado à aliança dos Francos. Em todas as épocas, os Gregos sempre se orgulharam da sua superioridade no conhecimento religioso e profano; tinham recebido antes de mais ninguém a luz do cristianismo, e pronunciado os decretos de sete concílios gerais; a língua deles era a da Escritura e da filosofia; além disso, os bárbaros mergulhados nas trevas do Ocidente não deviam atrever-se a discutir as altas e misteriosas questões da ciência teológica. Estes bárbaros desprezavam, por seu turno, a irrequieta e subtil inconstância dos Orientais, autores de todas as heresias, e

abençoavam a sua própria singeleza que se contentava em seguir a tradição da Igreja apostólica. Todavia, no século VII, os sínodos de Espanha, e mais tarde de França, aperfeiçoaram ou corromperam o Credo de Niceia relativamente ao misterioso tema da terceira pessoa da Trindade. Nas longas controvérsias do Oriente, a natureza e a geração de Cristo haviam sido escrupulosamente definidas; e a bem conhecida relação de um pai com o seu filho parecia apresentar alguma pálida imagem de tudo isto ao espírito humano. A ideia de nascimento afigurava-se menos conforme ao Espírito Santo, que, em vez de um dom ou atributo divino, era considerado pelos católicos como uma substância, uma pessoa, um Deus; não fora engendrado, mas, em estilo ortodoxo, *procedia*. Procedia apenas do Pai, talvez *pelo* Filho? ou do Pai e do Filho? A primeira destas opiniões foi adoptada pelos Gregos, a segunda pelos Latinos: e a adição ao Credo de Niceia da palavra *filioque* ateou a chama da discórdia entre as Igrejas oriental e gaulesa. No início da disputa, os pontífices romanos aparentaram uma atitude de neutralidade e moderação; condenaram a inovação, mas anuíram ao conceito dos seus irmãos transalpinos: pareciam desejosos de fazer descer sobre esta indagação inane um véu de silêncio e caridade; e na correspondência entre Carlos Magno e Leão III, o papa assume a largura de vistas de um estadista, enquanto o príncipe se entrega às paixões e aos preconceitos de um padre. No entanto, a ortodoxia de Roma cedeu espontaneamente ao impulso da sua política temporal; e o *filioque*, que Leão desejava apagar, foi inscrito no símbolo e cantado na liturgia do Vaticano. Os credos de Niceia e de Atanásio são tidos como parte integrante da fé católica sem a qual ninguém pode salvar-se; e tanto os papistas como os protestantes devem hoje em dia suportar e devolver os anátemas dos Gregos, que negam que o Espírito Santo proceda igualmente do Filho e do Pai. Estes artigos de fé não são susceptíveis de conciliação; mas as regras de disciplina devem sofrer variações em Igrejas afastadas e independentes; e a razão dos próprios teólogos poderia admitir que as diferenças são inevitáveis e despidiendas. A perspicácia política ou a superstição de Roma impuseram aos padres e aos diáconos a rigorosa obrigação do celibato; entre os Gregos, ela não abarca senão os bispos; a privação é compensada pela dignidade ou desvanecida pela idade; o clero paroquial, os popes, desfrutam da sociedade conjugal da mulher que desposaram antes de entrar nas ordens sacras. Uma questão relativa aos *ázimos* foi calorosamente debatida no século XI, considerando-se então que a essência da Eucaristia

dependia, quer a Oriente, quer a Ocidente, do uso do pão feito com ou sem fermento. Deverei mencionar, numa história séria, as violentas censuras dirigidas contra os Latinos, que durante muito tempo se mantiveram na defensiva? Eles descuravam guardar abstinência, segundo o decreto apostólico, de animais estrangulados e de sangue; jejuavam, um preceito judaico!, todos os sábados; durante a primeira semana da Quaresma, permitiam o consumo de leite e queijo; os seus monges doentes eram autorizados a comer carne; e a gordura animal supria a falta de azeite; o santo crisma ou a unção do baptismo estavam reservados à ordem episcopal; os bispos, na qualidade de esposos espirituais das suas Igrejas, usavam um anel; os padres barbeavam-se e baptizavam por meio de uma simples imersão. Tais foram os crimes que indispueram o zelo dos patriarcas de Constantinopla, e que os doutores da Igreja latina justificaram com não menos fervor.

A beatice e o ódio nacional contribuem poderosamente para agravar todos os motivos de controvérsia; no entanto, a causa imediata do cisma dos Gregos pode ser atribuída à emulação dos dois principais prelados; o de Roma defendia a supremacia da antiga metrópole e dizia não ter igual no mundo cristão; o da capital reinante aspirava à igualdade e não reconhecia nenhum superior. Em meados do século IX, Fócio, um leigo ambicioso, capitão dos guardas e secretário principal do imperador, foi promovido por mérito e favor à dignidade mais desejável de patriarca de Constantinopla. Os seus conhecimentos, até mesmo em matéria eclesiástica, ultrapassavam os do clero da época; e a pureza da sua moral nunca se viu acusada; mas a sua ordenação mostrou-se precipitada, e a sua elevação irregular; e Inácio, o antecessor forçado a abdicar, ainda dispunha dos trunfos da compaixão pública e da obstinação dos seus adeptos. Estes apelaram para o tribunal de Nicolau I, um dos mais orgulhosos e ambiciosos pontífices romanos, que aproveitou a bem-vinda oportunidade de julgar e condenar o seu rival do Oriente. A querela azedou-se devido a um conflito de jurisdição sobre o rei e a nação dos Búlgaros, cuja recente conversão ao cristianismo de pouco serviria a qualquer dos dois prelados, se porventura não contassem estes novos prosélitos entre os súbditos do seu poder espiritual. O patriarca grego saiu vitorioso com a ajuda da corte; mas, na violência da contestação, ele depôs por sua vez o sucessor de São Pedro e envolveu a Igreja latina na censura de heresia e cisma. Fócio sacrificou a paz do mundo a um breve e precário reinado: tombou com o seu patrono, o César Bardas; e Basílio, o

Macedônio, fez um acto de justiça ao reempossar Inácio, cuja idade e dignidade não haviam sido suficientemente respeitadas. Do fundo do seu mosteiro ou prisão, Fócio solicitou o favor do imperador por meio de queixas patéticas e de hábeis lisonjas; e ainda mal o seu rival fechara os olhos, já ele subia de novo à cadeira patriarcal de Constantinopla. Depois da morte de Basílio, Fócio experimentou as vicissitudes das cortes e a ingratidão de um aluno ascendido ao trono: o patriarca voltou a ser deposto, e, na solidão dos seus últimos momentos, certamente lamentou ter sacrificado a liberdade de uma vida secular e estudiosa. A cada revolução, o sopro da corte ou um aceno do soberano fizera ceder um clero submisso; e um sínodo de trezentos bispos estava sempre preparado para saudar o triunfo do santo, ou anatematizar a queda do execrável Fócio. Os papas, seduzidos por enganosas promessas de socorro ou recompensa, consentiram em aprovar estes diversos procedimentos; e os sínodos de Constantinopla foram ratificados pelas suas epístolas ou pelos seus legados. No entanto, a corte e o povo, Inácio e Fócio, eram igualmente adversos às pretensões dos papas; os seus ministros viram-se insultados ou metidos na prisão; a procissão do Espírito Santo caiu no esquecimento; a Bulgária ficou para sempre anexada ao trono bizantino; e o cisma prolongou-se devido à rigorosa censura das múltiplas ordenações feitas por um patriarca irregular. O obscurantismo e a corrupção do século X suspenderam o intercâmbio das duas nações, sem reconciliar os espíritos. Mas quando a espada normanda reintegrou as igrejas da Apúlia na jurisdição de Roma, o patriarca, ao despedir-se do seu rebanho, exortou-o através de uma epístola veemente a evitar e a abominar os erros dos Latinos. A nascente majestade de Roma já não podia suportar a insolência de um rebelde; e Miguel Cerulário foi publicamente excomungado no meio de Constantinopla pelos legados do papa. Sacudindo a poeira dos pés, eles depuseram no altar de Santa Sofia um terrível anátema que enumerava as sete heresias mortais dos Gregos e condenava os seus culpados pregadores, com os infelizes sectários, à eterna companhia do Diabo e dos anjos das trevas. Uma correspondência amistosa era por vezes reatada, consoante as necessidades da Igreja e do Estado; simulava-se então a linguagem da caridade e da concórdia; no entanto, os Gregos jamais renegaram os seus erros, e os papas nunca revogaram a sua sentença; podemos datar desta crise a consumação do cisma do Oriente, o qual foi agravado por cada uma das empresas ambiciosas dos pontífices romanos: os imperadores de Bizâncio coravam e tremiam ante a sorte

ignominiosa dos seus irmãos reais da Alemanha; e o povo sentia-se escandalizado pelo poder temporal e a vida militar do clero latino.

Hostilidade entre Gregos e Latinos

A aversão dos Gregos e dos Latinos alimentou-se e manifestou-se nas três primeiras expedições à Terra Santa. Aleixo Comneno fez tudo, pelo menos, para afastar os temíveis peregrinos; os seus sucessores, Manuel e Isaac Anjo, tramaram com os muçulmanos a ruína dos príncipes mais ilustres dos Francos; e a sua política insidiosa e malévola foi secundada pela obediência activa e voluntária dos seus súbditos de todas as classes. Podemos sem dúvida atribuir uma larga parte desta índole hostil à diferença de língua, de vestuário e de costumes que separa e aliena umas das outras as nações do globo. O orgulho e a prudência do soberano ofendiam-se profundamente com a intrusão dos exércitos estrangeiros que reclamavam o direito de atravessar os seus domínios e passar sob as muralhas da sua capital; os seus súbditos eram insultados e pilhados pelos rudes habitantes do Ocidente; e o ódio dos gregos pusilânimes foi acicatado pela secreta inveja que lhes inspiravam os arrojados e piedosos cometimentos dos Francos. Mas estas causas profanas de inimizade nacional eram ainda reforçadas e inflamadas pelo veneno do zelo religioso. Em vez de se lhes deparar um abraço afável e uma recepção hospitaleira dos seus irmãos do Oriente, os cristãos do Ocidente ouviam à sua volta os nomes de cismáticos e hereges, mais odiosos à sensibilidade ortodoxa que os de pagãos e infiéis; em vez de estimados pela conformidade geral da fé e do culto, os Francos eram detestados devido a algumas regras de disciplina ou a certas questões teológicas em que eles ou os seus padres diferiam da Igreja oriental. Na cruzada de Luís VII, o clero grego lavou e purificou os altares que haviam sido maculados pelo sacrifício aí oferecido por um padre francês. Os companheiros de Frederico Barba Roxa deploram as injúrias e os maus tratos que haviam sofrido muito especialmente devido ao rancor dos bispos e dos monges. Estes, nas suas orações e nos seus sermões, incitavam o povo contra os bárbaros ímpios; e o patriarca é acusado de ter declarado que os fiéis podiam obter a remissão de todos os pecados por meio do extermínio dos cismáticos. Um entusiasta, de nome Doroteu, alarmou e tranquilizou ao

mesmo tempo o imperador, predizendo-lhe com toda a certeza que os hereges alemães, depois de atacarem a porta de Blaquemes, seriam punidos medonhamente a título de exemplo da vingança divina. A passagem destes poderosos exércitos eram acontecimentos raros e perigosos; mas as cruzadas introduziram um contacto frequente e familiar entre as duas nações, que ampliou as suas luzes sem esbater os seus preconceitos. As riquezas e o luxo de Constantinopla atraíam as produções de todos os climas; esta importação era contrabalançada pela arte e o labor dos seus numerosos habitantes; a sua posição geográfica chamava o comércio do mundo inteiro; e, em todos os períodos da sua existência, este comércio manteve-se nas mãos dos estrangeiros. Após o declínio de Amalfi, os Venezianos, os Pisanos e os Genoveses levaram as suas feitorias e estabelecimentos para a capital do império; os seus serviços foram recompensados com honras e imunidades; eles adquiriram a posse de terras e cavalos, as suas famílias multiplicaram-se por meio de casamentos com os nacionais, e, depois de se tolerar uma mesquita maometana, tornou-se impossível proibir as igrejas do rito romano. As duas mulheres de Manuel Comneno pertenciam à raça dos Francos; a primeira era cunhada do imperador Conrado; e a segunda, filha do príncipe de Antioquia; ele obteve para o seu filho Aleixo uma filha de Filipe Augusto, rei de França; e concedeu a mão da sua filha a um marquês de Monferrato, que havia sido educado e revestido das dignidades no palácio de Constantinopla. O príncipe grego aspirava à conquista do Ocidente, cujos exércitos combatera; apreciava o valor e confiava na fidelidade dos Francos, cujos talentos militares eram singularmente recompensados mercê dos lucrativos cargos de juizes e tesoureiros; a política de Manuel sugeriu-lhe a aliança do papa; e a voz pública acusou-o de ter um pendor para a nação e a religião dos Latinos. Durante o seu reinado e o do seu sucessor Aleixo, eles eram designados em Constantinopla pelos nomes odiosos de estrangeiros, hereges e favoritos; e este triplo crime foi severamente expiado no tumulto que anunciou o regresso e a elevação de Andronico. O povo pegou em armas; o tirano enviou tropas e galeras da costa asiática a fim de secundar a vingança nacional; e a desesperada resistência dos estrangeiros apenas serviu para justificar e redobrar o furor dos assassinos. Nem a idade, nem o sexo, nem os laços de amizade ou de parentesco puderam salvar as vítimas imoladas ao ódio nacional, à cobiça e ao zelo religioso; os latinos foram chacinados nas suas casas e nas ruas; o seu bairro ficou reduzido a cinzas; o

clero morreu queimado nas igrejas, e os doentes tiveram a mesma sorte nos hospitais; podemos fazer uma ideia da carnificina a partir da clemência que lhes pôs cobro: a venda de mais de quatro mil cristãos em regime de escravidão perpétua aos Turcos. Os padres e monges mostravam-se os mais encarniçados e activos na destruição dos cismáticos; e entoavam um cântico de acção de graças quando a cabeça de um cardeal romano, legado do papa, foi arrancada ao corpo, presa à cauda de um cão e arrastada, com ferozes zombarias, através das ruas da cidade. Os mais prudentes dos latinos tinham-se retirado ao primeiro sinal de alarme para os seus navios, escapando através do Helesponto a estas cenas sangrentas. Na sua fuga, incendiaram e devastaram duzentas milhas de orla costeira, exerceram uma cruel vingança sobre os súbditos inocentes do império, elegeram os padres e os monges como seus particulares inimigos e pagaram-se, mediante a acumulação de despojos, da perda de bens e amigos. No regresso, deram a conhecer à Itália e à Europa a opulência e a fraqueza, a perfídia e a malícia dos Gregos, cujos vícios eram descritos como a consequência natural da heresia e do cisma. Os escrúpulos dos primeiros cruzados haviam negligenciado as melhores oportunidades de abrir para sempre, graças à posse de Constantinopla, o caminho da Terra Santa; mas uma revolução interna convidou e quase forçou os Franceses e os Venezianos a tentar a conquista do Império Romano do Oriente.

Na longa sucessão de príncipes bizantinos, já referi a hipocrisia, a ambição, a tirania e a queda de Andronico, o último varão da família dos Comnenos que reinou em Constantinopla. A revolução que o expulsou do trono salvou a vida e elevou ao poder Isaac Anjo, que descendia, pelas mulheres, da mesma dinastia imperial. O sucessor de um segundo Nero teria facilmente obtido a estima e a afeição dos seus súbditos; mas estes viram-se algumas vezes levados a suspirar pela administração de Andronico. O espírito firme e lúcido deste tirano soubera discernir os laços que ligavam o seu interesse ao do povo; e enquanto fazia tremer todos os que podiam inspirar-lhe receio, o povo obscuro e as províncias longínquas abençoavam a justiça inexorável do seu soberano. O sucessor dele, contudo, era enfatuado e cioso do poder supremo, para cujo exercício lhe faltavam coragem e capacidade; os seus vícios tornaram-se funestos para os súbditos, e as suas virtudes (se é que as tinha) foram-lhes inúteis; os Gregos, que imputavam todas as calamidades à negligência dele, negaram-lhe o mérito de qualquer benefício passageiro ou accidental surgido no seu reinado. Isaac

dormitava no trono e só despertava à voz do prazer; os seus ócios eram entretidos por comediantes e bobos, e até mesmo aos olhos destes bobos o imperador aparecia como um objecto de desprezo; o luxo das suas festas e dos seus edificios superou tudo o que já se vira nas cortes; o número de eunucos e criados ascendia a vinte mil; e uma soma diária de quatro mil libras de prata fazia subir a quatro milhões de libras esterlinas a despesa anual da sua casa e da sua mesa. A opressão era o único meio de prover às suas necessidades; e o descontentamento público desencadeava-se devido aos abusos perpetrados quer na cobrança, quer na aplicação das receitas. Enquanto os Gregos contavam os dias de servidão, um profeta adulator, que ele recompensou com a dignidade de patriarca, anunciou-lhe um longo e vitorioso reinado de trinta e dois anos, durante o qual estenderia a sua autoridade ao monte Líbano, e as suas conquistas para lá do Eufrates. O seu único passo para consumir esta predição consistiu, porém, numa magnífica e escandalosa embaixada a Saladino, a fim de exigir a restituição do Santo Sepulcro e propor uma aliança ofensiva e defensiva ao inimigo do nome cristão. Nas mãos indignas de Isaac e do irmão, os restos do Império Grego reduziram-se a pó. A ilha de Chipre, cujo nome inspira ideias de elegância e prazer, foi usurpada por um príncipe seu homónimo da casa dos Comnenos; e, devido a um singular encadeamento de circunstâncias, a espada de Ricardo de Inglaterra fez passar este reino para a casa de Lusignan, uma rica compensação pela perda de Jerusalém. A honra da monarquia e a segurança da capital ficaram profundamente feridas pela revolta dos Búlgaros e dos Valáquios. Desde a vitória de Basílio II, eles tinham suportado durante mais de cento e setenta anos o frouxo domínio dos príncipes bizantinos; mas não se haviam adoptado quaisquer medidas eficazes para impor o jugo das leis e dos costumes a estas tribos selvagens. Por ordem de Isaac, o único meio de subsistência delas, os rebanhos e as manadas, foram-lhes tirados para servir à pompa das núpcias reais; e aqueles ferozes guerreiros sentiram-se ainda mais exasperados pela recusa de uma igualdade de categoria e de soldo no serviço militar. Pedro e Asan, dois poderosos chefes da raça dos antigos reis, defenderam os seus direitos e a liberdade nacional; os demoníacos impostores que pregavam no meio deles anunciaram à multidão que o seu glorioso patrono São Demétrio abandonara para sempre a causa dos Gregos; e a conflagração alastrou das margens do Danúbio às montanhas da Macedónia e da Trácia. Após uns débeis esforços, Isaac Anjo e o irmão reconheceram a independência deles,

e as tropas imperiais não tardaram a sentir-se desencorajadas à vista das ossadas dos seus camaradas espalhadas ao longo das passagens do monte Hemo. O segundo reino da Bulgária estabeleceu-se solidamente mercê das armas e da política de João ou Joanices. Este bárbaro astucioso enviou uma embaixada a Inocêncio III, reconhecendo-se como lídimo filho de Roma pelo nascimento e a religião, e recebeu humildemente do papa licença para cunhar moeda, o título de rei e um arcebispo ou patriarca latino. O Vaticano exultou com a conquista espiritual da Bulgária, primeiro objectivo do cisma; e se os Gregos tivessem conservado a supremacia sobre a Igreja da Bulgária, abdicariam de bom grado de qualquer pretensão sobre a monarquia.

Os Búlgaros eram suficientemente maliciosos para pedir aos céus uma longa vida para Isaac Anjo, o mais seguro garante da sua própria liberdade e prosperidade. Todavia, os seus chefes envolviam num mesmo desprezo a família e a nação do imperador. «O mesmo clima, carácter e educação», dizia Asan às suas tropas, «produzirão sempre os mesmos frutos em todos os gregos. Observai a minha lança», continuava o guerreiro, «e as compridas bandeiras que flutuam ao vento. Apenas diferem na cor; sendo feitas da mesma seda e trabalhadas pelo mesmo artífice, a flâmula tingida de púrpura não tem um preço nem um valor superiores aos das outras.» Vários candidatos ao império ascenderam e caíram sucessivamente sob o reinado de Isaac: um general que repelira as armadas da Sicília foi levado à revolta e à sua perda pela ingratidão do príncipe; e o voluptuoso repouso do soberano foi amiúde perturbado por conspirações secretas e motins populares. O imperador salvou-se por acaso ou por mérito dos seus servidores; acabou por sucumbir aos manejos de um irmão ambicioso que, na esperança de alcançar o precário diadema, esqueceu as obrigações da natureza, da lealdade e da amizade. Enquanto Isaac se entregava nos vales da Trácia aos indolentes e solitários prazeres da caça, o seu irmão, Aleixo Anjo, era revestido da púrpura imperial sob as aclamações unânimes do exército; a capital e o clero subscreveram esta escolha; e a vaidade do novo soberano rejeitou o nome dos seus avós, preferindo o apelido majestoso da raça real dos Comnenos. Já esgotei a linguagem do desprezo ao falar do carácter indigno de Isaac, e só posso acrescentar que, num reinado de oito anos, o vil Aleixo foi sustentado pelos vícios másculos da sua mulher Eufrosina. Isaac só soube do destronamento ao ver-se perseguido como inimigo pelos guardas que já não lhe obedeciam; fugiu à frente deles

durante mais de oitenta milhas até Estagiros, na Macedónia. No entanto, sozinho, sem projectos nem apoiantes, Isaac foi preso, reconduzido a Constantinopla, privado da vista e encarcerado numa torre solitária, onde ficou reduzido a uma escassa ração de pão e água. No momento da revolução, o seu filho Aleixo, que ele educara na esperança do império, tinha apenas doze anos. O usurpador poupou-lhe a vida e obrigou-o a assistir ao regozijo da sua corte tanto na paz como na guerra; quando, porém, o exército estava acampado no litoral, um navio italiano facilitou a fuga do jovem príncipe; e, disfarçado de simples marinheiro, ele escapou às buscas dos inimigos, atravessou o Helesponto e encontrou um refúgio seguro na ilha da Sicília. Depois de saudar a morada dos apóstolos e implorar a protecção do Papa Inocêncio III, Aleixo decidiu aceitar o convite da sua irmã Irene, esposa de Filipe da Suábia, rei dos Romanos. Mas ao atravessar a Itália, teve conhecimento de que a flor da cavalaria ocidental, reunida em Veneza, se preparava para ir libertar a Terra Santa; e acendeu-se-lhe no peito um raio de esperança de que a ajuda das suas invencíveis espadas poderia conseguir a restauração do pai.

A Quarta Cruzada

Cerca de dez ou doze anos após a perda de Jerusalém, os nobres de França voltaram a ser chamados à guerra santa pela voz de um terceiro profeta, talvez menos extravagante do que Pedro, *o Eremita*, mas muito abaixo do mérito de São Bernardo como orador e político. Foulques de Neuilly, um padre iletrado dos arredores de Paris, abandonou as suas obrigações paroquiais para desempenhar o papel mais lisonjeiro de missionário ambulante e pregador do povo. A fama da sua santidade e dos seus milagres espalhou-se por toda a parte; ele declamava com severidade e veemência contra os vícios da época; e os sermões que pregava nas ruas de Paris convertiam os ladrões, os usurários, as prostitutas e até mesmo os doutores e estudantes da universidade. Inocêncio III, assim que tomou posse da cadeira de São Pedro, mandou proclamar em Itália, na Alemanha e em França a necessidade de uma nova cruzada. O eloquente pontífice descrevia a ruína de Jerusalém, o triunfo dos pagãos e a vergonha da Cristandade: a sua liberalidade propunha a remissão dos pecados e uma

indulgência plenária a todos os que servissem na Palestina durante um ano, em pessoa, ou dois por via de um substituto; e no meio dos legados e oradores que faziam soar a trombeta sagrada, Foulques de Neuilly era o mais ardente e bem-sucedido de todos. A situação dos principais monarcas da Europa era desfavorável ao piedoso chamamento. O imperador Frederico II, ainda criança, via o seu reino da Alemanha disputado pelas casas rivais de Brunsvique e da Suábia, e pelas memoráveis facções dos Guelfos e dos Gibelinos. Filipe Augusto de França já consumara este voto perigoso e não estava disposto a renová-lo; mas como não era menos ávido de louvores que de poder, instituiu, cheio de entusiasmo, um fundo perpétuo para a defesa da Terra Santa. Ricardo de Inglaterra, saciado de glória e farto dos infortúnios da sua primeira aventura, ousou escarnecer das exortações de Foulques de Neuilly, que não se desconcertava na presença dos reis. «Aconselhais-me», declarou o Plantageneta, «a desfazer-me das minhas três filhas, o orgulho, a avareza e a incontinência; lego-os aos mais merecedores; o meu orgulho aos Templários, e a minha avareza aos monges de Cister e a minha incontinência aos prelados.» Não obstante, o pregador foi escutado e obedecido pelos grandes vassalos e os príncipes de segunda ordem; e Teobaldo ou Thibaud, conde de Champanha, lançou-se antes de mais ninguém nesta santa carreira. O valente jovem, aos vinte e dois anos de idade, sentiu-se encorajado pelo exemplo doméstico do pai, que marchara à frente da Segunda Cruzada, e do irmão mais velho, que se finara na Palestina com o título de rei de Jerusalém; dois mil e duzentos cavaleiros deviam-lhe serviço militar e homenagem feudal; os nobres da Champanha sobressaíam em todos os exercícios da guerra; e graças ao seu casamento com a herdeira de Navarra, Teobaldo pôde chamar a si um bando de audazes gascões de ambos os lados dos Pirenéus. Teve por companheiro de armas Luís, conde de Blois e de Chartres, tal como ele de estirpe real, pois os dois príncipes eram sobrinhos ao mesmo tempo do rei de França e do de Inglaterra. Entre a multidão de prelados e barões que lhes imitaram o zelo, saliento o nascimento e o mérito de Mateus de Montmorency; do famoso Simão de Montfort, flagelo dos albigenses, e de um valoroso nobre, Godofredo de Villehardouin, marechal de Champanha, que se dignou escrever ou ditar, no rude idioma do seu tempo e do seu país, a relação dos conselhos e das acções em que desempenhou um papel central. Na mesma altura, Balduino, conde de Flandres, que desposara a irmã de Teobaldo, tomou a cruz em Bruges, com o seu irmão Henrique e os principais

cavaleiros e cidadãos daquela rica e industriosa província. Os chefes ratificaram em torneios o voto que haviam pronunciado na igreja; as operações de guerra foram debatidas em frequentes assembleias gerais, tendo-se deliberado que, para libertar a Palestina, era conveniente atacar o Egipto, um país que, desde a morte de Saladino, estava praticamente arruinado pela fome e as guerras civis. Mas a sorte de inúmeros exércitos reais mostrava as tribulações e os perigos das expedições empreendidas por terra; e embora os Flamengos habitassem junto ao oceano, os barões franceses não possuíam navios e desconheciam a arte da navegação. Eles tomaram a sábia decisão de escolher seis delegados ou representantes, entre os quais Villehardouin, confiando-lhes o poder de agir em nome da confederação e dirigir todos os seus movimentos. Os Estados marítimos de Itália eram os únicos que tinham meios para transportar os guerreiros peregrinos com as suas armas e cavalos; e os seis delegados seguiram então para Veneza, a fim de solicitar, por motivos de piedade e de interesse, a ajuda desta poderosa república.

Na invasão de Itália por Átila, descrevi a fuga dos Venezianos das cidades devastadas do continente, e o seu obscuro lugar de refúgio na cadeia de ilhas que orlam a extremidade do golfo Adriático. Rodeados de mar, livres, indigentes, laboriosos e inacessíveis, eles reuniram-se aos poucos numa república: os primeiros alicerces de Veneza foram lançados na ilha de Rialto; e a eleição anual de doze tribunos cedeu o lugar ao cargo vitalício de duque ou doge. Na fronteira de dois impérios, os Venezianos orgulham-se da convicção de terem conservado sempre a sua independência primitiva. A antiga liberdade foi defendida pela espada, frente aos Latinos, e poderia ainda ser facilmente sustentada por meio de escritos. O próprio Carlos Magno renunciou a todos os direitos de soberania sobre as ilhas do golfo Adriático; o seu filho Pepino viu-se repellido no ataque às lagunas, ou canais, demasiado profundas para a cavalaria, e demasiado baixas para a aproximação dos navios; em todos os reinados dos imperadores da Alemanha, as terras da república sempre se distinguiram claramente do reino de Itália. Os habitantes de Veneza, todavia, seguiam a opinião das nações estrangeiras e dos seus soberanos gregos, que os consideravam uma parte inalienável do Império do Oriente; nos séculos IX e X, as provas da sua dependência são numerosas e incontestáveis; e os títulos vãos, as honras servis da corte bizantina, tão ambiciosamente solicitados pelos seus duques, teriam rebaixado os magistrados de um povo livre. No entanto, os laços

desta dependência, que nunca havia sido absoluta nem rígida, afrouxaram imperceptivelmente devido à ambição de Veneza e à fraqueza de Constantinopla. A obediência volveu-se em respeito, o privilégio passou a prerrogativa, e a liberdade do governo civil fortaleceu-se graças à independência da política externa. As cidades marítimas de Ístria e da Dalmácia obedeciam aos soberanos do Adriático; e quando os Venezianos se armaram contra os Normandos em defesa de Aleixo, o imperador não reclamou deles o dever de súbditos, mas a gratidão e a generosidade de aliados fiéis. O mar era o seu património: a região ocidental do Mediterrâneo, desde a Toscana a Gibraltar, estava realmente ocupada pelas suas rivais de Pisa e Génova; no entanto, os Venezianos adquiriram desde cedo uma lucrativa parte do comércio entre a Grécia e o Egipto. As suas riquezas aumentaram com a crescente procura da Europa; as suas manufacturas de seda e de vidro, e talvez a instituição do seu banco, remontam muito atrás; e eles usufruíram dos frutos da sua indústria na magnificência da vida pública e privada. Para defender a honra do seu pavilhão, vingar as injúrias e proteger a liberdade da navegação, a república podia lançar à água e armar uma frota de cem galeras; e os Gregos, os Sarracenos e os Normandos encontraram pela frente as suas forças navais. Os francos da Síria foram ajudados pelos Venezianos na expedição para submeter a orla costeira; mas o seu zelo não era cego nem desinteressado, e, após a conquista de Tiro, eles partilharam da soberania desta cidade, o primeiro entreposto de um comércio mundial. A política de Veneza caracterizava-se pela avidez comercial e pela insolência do poderio marítimo; mas a sua ambição guiou-se sempre pela prudência, e ela raramente se esqueceu de que se as galeras armadas eram o efeito e a salvaguarda da sua grandeza, já os navios mercantes eram a causa e o sustentáculo disto mesmo. Na religião, Veneza evitou o cisma dos Gregos, sem no entanto prestar uma obediência servil ao pontífice romano; e um livre intercâmbio com os infiéis de todos os climas parece ter atenuado desde cedo a febre da superstição. O seu governo primitivo constituía uma vaga mistura de democracia e monarquia; o doge era eleito pelo sufrágio de uma assembleia geral; enquanto gozava de popularidade, tinha êxito na administração, ele reinava com a pompa e autoridade de um príncipe; mas nas frequentes revoluções que abalaram o Estado, estes magistrados foram depostos, banidos ou até assassinados pela justiça ou injustiça da multidão.

O século XII viu nascer as primeiras formas da hábil e ciosa aristocracia que reduziu o doge a um fantoche e o povo a um zero.

Aliança dos Franceses e dos Venezianos

Quando os seis embaixadores dos peregrinos franceses chegaram a Veneza, foram hospitaleiramente recebidos no Palácio de São Marcos pelo duque reinante cujo nome era Henrique Dandolo; tendo atingido já o último período da vida humana, ele brilhava entre as mais ilustres personagens do seu século. Apesar do peso dos anos e da perda da vista, Dandolo conservava um raciocínio seguro e uma coragem viril; o espírito de um herói ansioso por marcar o seu reinado com alguns feitos memoráveis; e a sabedoria de um patriota, desejoso de erguer a sua fama sobre a glória e a superioridade do seu país. Ele louvou o audaz entusiasmo e a lhana confiança dos barões e seus delegados; ao serviço de semelhante causa e com tais associados, se fosse apenas um simples cidadão, disse-lhes ele, é que gostaria de acabar os seus dias; era, contudo, um servidor da república, e, nesta espinhosa questão, precisava de algum tempo para consultar os seus colegas. A proposta dos franceses foi em primeiro lugar debatida por seis *sages* recentemente nomeados para fiscalizar a administração do doge; em seguida, ofereceram-na à apreciação dos quarenta membros do conselho de Estado, sendo finalmente comunicada à assembleia legislativa de quatrocentos e cinquenta membros que eram eleitos anualmente nos seis bairros da cidade. Tanto na paz como na guerra, o doge continuava a ser o chefe da república; a autoridade legal de Dandolo era reforçada pela sua reputação pessoal; os seus argumentos em prol do interesse público da aliança foram ponderados e aprovados; e ele recebeu autorização para informar os embaixadores das condições do tratado. Sugeria-se que os cruzados se reunissem em Veneza na altura da festa de São João do ano seguinte; que barcos de fundo chato aí estivessem preparados para quatro mil e quinhentos cavalos e nove mil escudeiros, com um número suficiente de navios destinados ao transporte de quatro mil e quinhentos cavaleiros e vinte mil peões; que, durante um período de nove meses, os Venezianos abastecessem a frota de provisões e a conduzissem a qualquer ponto da costa onde o serviço de Deus e da Cristandade assim o exigissem; e que a

república se juntasse a esta frota com uma esquadra de cinquenta galeras. Estipulava-se que, antes da partida, os peregrinos pagassem uma soma de oitenta e cinco mil marcos de prata; e que todas as conquistas, por terra e por mar, fossem igualmente repartidas entre os confederados. As condições eram duras; mas as circunstâncias urgiam, e os barões franceses poupavam tão pouco o dinheiro como o sangue. Convocou-se uma assembleia geral para ratificar o tratado; a imponente capela e o Palácio de São Marcos encheram-se de dez mil cidadãos; e os nobres delegados franceses aprenderam uma nova lição, ao terem de se abaixar perante a majestade do povo. «Ilustres Venezianos», declarou o marechal de Champanha, «somos enviados pelos maiores e mais poderosos barões de França a fim de implorar a ajuda dos senhores do mar para a libertação de Jerusalém. Ordenaram-nos que nos prosternássemos a vossos pés; e não nos levantaremos antes de nos prometerdes que vingareis connosco as injúrias de Cristo.» A eloquência das suas palavras, a impressão causada pelas suas lágrimas, o seu ar marcial e a sua atitude suplicante arrancaram um grito geral de aplauso; julgar-se-ia, diz Godofredo, ouvir o ruído de um terramoto. O venerável doge subiu ao púlpito a fim de alegar em favor do pedido os motivos de honra e virtude que são os únicos que podem influir numa assembleia popular; o tratado foi transcrito num pergaminho, atestado por juramentos e selos, mutuamente aceite com lágrimas de alegria pelos representantes de França e de Veneza, e despachado para Roma a fim de ser aprovado pelo Papa Inocêncio III. Os mercadores emprestaram dois mil marcos para as primeiras despesas do armamento. Dos seis delegados, dois voltaram a atravessar os Alpes para anunciar o êxito das negociações, enquanto os outros quatro se empenhavam numa infrutífera tentativa de zelo e emulação que levasse as repúblicas de Génova e Pisa a entrar na confederação.

A execução do tratado ainda deparou com dificuldades e atrasos. No regresso a Troyes, o marechal foi acolhido afectuosamente e aprovado na sua conduta por Teobaldo, conde de Champanha, que havia sido eleito general pelo voto unânime dos confederados. No entanto, a saúde deste valente jovem já começara a alterar-se e em breve se perdiam as esperanças de o salvar; ele deplorou a sorte intempestiva que o condenava a expirar não num campo de batalha, mas num leito de doença. O príncipe moribundo distribuiu os seus tesouros pelos bravos e numerosos vassalos; estes juraram, na sua presença, cumprir o voto feito por todos eles, mas houve

alguns, declara o marechal, que aceitaram as suas dádivas e faltaram à palavra. Os campeões mais resolutos da cruz reuniram-se em Soissons para escolher um novo general, mas tais eram a incapacidade, a inveja ou o escrúpulo dos príncipes de França, que não se achou nenhum que aliasse os indispensáveis talentos à vontade de assumir a chefia da empresa. Concordaram então na eleição de um estrangeiro, recaindo a escolha em Bonifácio, marquês de Montferrato, descendente de uma raça de heróis e de grande distinção pessoal pela nomeada ganha nas guerras e nas negociações políticas da época; nem a piedade nem a ambição do nobre italiano lhe permitiam recusar este honroso convite. Após uma visita à corte francesa, onde o receberam como amigo e parente, o marquês foi investido, na igreja de Soissons, da cruz de peregrino e do bastão de general; e voltou logo a atravessar os Alpes, a fim de se preparar para a longa expedição ao Oriente. Por volta da festa do Pentecostes, ele desfraldou o estandarte e pôs-se a caminho de Veneza à frente dos seus italianos; ali o precederam ou seguiram os condes de Flandres e de Blois, e os mais ilustres barões de França; e o número deles engrossou com os peregrinos da Alemanha, cujos desígnios e motivos eram semelhantes aos seus. Os Venezianos haviam cumprido e até mesmo excedido os seus compromissos; construíram estrebarias para os cavalos e barracas para as tropas; os armazéns ficaram abundantemente fornecidos de forragem e provisões; os barcos de transporte, os navios e as galeras estavam prontos para se fazerem à vela assim que a república recebesse o pagamento estipulado para o frete e o armamento. No entanto, este preço excedia em muito as posses dos cruzados que se encontravam reunidos em Veneza. Os flamengos, cuja obediência ao seu conde era voluntária e precária, haviam embarcado nos seus próprios navios para a longa navegação do Oceano e do Mediterrâneo; e muitos dos franceses e italianos tinham preferido os meios de passagem mais baratos e cómodos que Marselha e a Apúlia lhes ofereciam para a Terra Santa. Todos os peregrinos podiam queixar-se de que, após o pagamento da sua contribuição, eram agora responsáveis pela dos seus irmãos ausentes; a baixela de ouro e prata dos chefes, por eles entregue voluntariamente ao tesouro de São Marcos, constituiu um sacrifício generoso mas insuficiente; depois de todos os esforços, continuavam a faltar trinta e quatro mil marcos para completar a quantia estipulada. O obstáculo foi removido pela política e o patriotismo do doge, o qual propôs aos barões que, no caso de eles pegarem em armas a seu lado para submeter

algumas cidades revoltadas da Dalmácia, iria combater em pessoa na guerra santa da Palestina e obteria uma prolongada moratória da república, até alguma rica conquista lhes fornecer os meios de satisfazer a dívida. Após muitos escrúpulos e hesitações, eles preferiram aceitar esta oferta a abandonar a sua empresa; e as primeiras hostilidades da armada e do exército dirigiram-se contra Zara, uma praça-forte da costa da Esclavónia que havia repudiado a sua fidelidade a Veneza e solicitado a protecção do rei da Hungria. Os cruzados rebentaram a corrente ou barragem que defendia o porto, desembarcaram os seus cavalos, tropas e engenhos militares, e obrigaram os habitantes, após uma resistência de cinco dias, a render-se sem condições; pouparam-lhes as vidas, mas a revolta acabou punida com a pilhagem das casas e a demolição das muralhas. A estação já ia bastante adiantada, e os franceses e venezianos resolveram passar o Inverno num porto seguro e num país fértil; mas o seu repouso foi perturbado pelas tumultuosas querelas nacionais dos soldados e marinheiros. A conquista de Zara lançara o germe da discórdia e do escândalo: as armas dos aliados haviam-se tingido na sua primeira peleja, não do sangue dos infiéis, mas dos cristãos; o rei da Hungria e os seus novos súbditos tinham-se eles próprios alistado sob o estandarte da cruz; e os escrúpulos dos devotos aumentavam devido ao temor ou à lassitude dos relutantes peregrinos. O papa excomungara os cruzados perjuros que tinham saqueado e chacinado os seus irmãos, e somente o marquês Bonifácio e Simão de Montfort escaparam a esta fulminação espiritual; o primeiro devido à sua ausência do cerco, e o segundo por ter abandonado de vez a confederação. Inocência estaria disposto a absolver os simples e submissos penitentes de França; contudo, sentia-se irritado com a atitude pertinaz dos Venezianos, que se recusavam a admitir a sua culpa, a aceitar o perdão e a reconhecer a autoridade de um padre no tocante aos seus assuntos temporais.

A reunião de tão poderosas forças navais e terrestres reanimara as esperanças do jovem Aleixo, e logo ele instou, tanto em Veneza como em Zara, os exércitos de cruzados a empreender a sua restauração e a libertação do pai. O jovem príncipe viu-se recomendado por Filipe, rei da Alemanha; as súplicas e a presença de Aleixo suscitaram então a compaixão dos peregrinos, e a sua causa foi abraçada e defendida pelo marquês de Montferrato e o doge de Veneza. Uma dupla aliança e a dignidade de César haviam ligado à família imperial os dois irmãos mais velhos de Bonifácio;

ele esperava adquirir um reino em resultado deste importante serviço; e a ambição mais generosa de Dandolo aspirava a assegurar os inestimáveis benefícios de comércio e domínio que daí poderiam advir para o seu país. A influência deles proporcionou uma recepção favorável aos embaixadores de Aleixo; e se a magnitude das suas ofertas levantava certas suspeitas, o certo é que os motivos e as recompensas por ele apresentados puderam justificar o atraso na libertação de Jerusalém e o desvio das forças que a tal haviam sido consagradas. Prometeu, em seu próprio nome e no do pai, que, mal se encontrassem instalados no trono de Constantinopla, poriam termo ao longo cisma dos Gregos e se submeteriam, eles e os seus súbditos, à legítima supremacia da Igreja romana. Assumiu o compromisso de recompensar as canseiras e o mérito dos cruzados por meio do pagamento imediato de duzentos mil marcos de prata; de acompanhar pessoalmente os peregrinos ao Egito; ou, caso fosse considerado mais vantajoso, de sustentar durante um ano dez mil homens, e durante toda a sua vida quinhentos cavaleiros para o serviço da Terra Santa. Estas tentadoras condições foram aceites pela república de Veneza, e a eloquência do doge e do marquês convenceram os condes de Flandres, de Blois e de Saint-Pol, juntamente com oito barões de França, a aderir a esta gloriosa empresa. Firmou-se um tratado de aliança ofensiva e defensiva mediante os juramentos e os selos habituais; e cada indivíduo, segundo a sua posição e carácter, sentiu-se seduzido pela esperança de vantagens públicas ou privadas; pela honra de repor no trono um monarca exilado; ou pela opinião sincera e razoável de que os esforços dos cruzados na Palestina seriam infrutíferos e impotentes, a menos que a tomada de Constantinopla antecederse e preparasse a conquista de Jerusalém. Eles eram, contudo, os chefes ou os iguais de uma briosa tropa de homens livres e de voluntários, que pensavam e agiam por si mesmos; os soldados e o clero estavam divididos; e embora uma larga maioria subscrevesse a aliança, o número e os argumentos dos dissidentes eram de ordem a merecer consideração. Até os corações mais intrépidos se sentiram impressionados com o relato que lhes faziam do poderio naval e das fortificações inexpugnáveis de Constantinopla; mas as suas apreensões eram disfarçadas em público, e talvez mesmo perante si próprios, devido a objecções mais decentes de religião e dever. Os dissidentes alegavam a santidade do voto que os afastara das suas famílias e casas para acorrerem à libertação do Santo Sepulcro; e muito menos os obscuros e turvos motivos da política dos homens deveriam desviá-los de uma empresa cujo desfecho

estava nas mãos do Todo-Poderoso. A sua primeira culpa, o ataque a Zara, fora severamente punida pelas admoestações da sua consciência e pelas censuras do papa, de modo que eles não voltariam a manchar as mãos com o sangue dos seus irmãos cristãos. O apóstolo de Roma já se pronunciara e não lhes cabia a eles vingar pela espada o cisma dos Gregos ou a duvidosa usurpação do monarca bizantino. Invocando tais princípios ou pretextos, muitos peregrinos, os mais distintos pelo seu valor e piedade, retiraram-se do acampamento; e a sua abalada foi menos funesta do que a oposição declarada ou secreta de um partido descontente que aproveitou todas as ocasiões para desunir o exército e fazer gorar a empresa.

A viagem a Constantinopla

Apesar deste abandono, os Venezianos insistiram vivamente na partida da frota e das tropas, escondendo sob a aparência de um zelo pela causa de Aleixo um justo ressentimento contra a nação e a família dele. Sentiam-se feridos pela recente preferência que fora concedida a Pisa, sua rival no comércio; tinham um longo rol de contas em dinheiro e injúrias a ajustar com a corte bizantina; e Dandolo talvez não desmentisse os falatórios do povo segundo os quais ele havia sido privado da vista pelo imperador Manuel, que violara perfidamente na pessoa do doge o carácter sagrado de um embaixador. Havia vários séculos que um armamento de tal vulto não era visto no Adriático: compunha-se de cento e vinte barcas de fundo chato, ou balandras, para os cavalos, duzentas e quarenta embarcações cheias de homens e armas, setenta navios de carga com provisões, e cinquenta fortes galeras bem preparadas para o recontro com o inimigo. Estando o vento favorável, o céu sereno e o mar calmo, todos os olhos se fixaram com espanto e agrado neste quadro de pompa militar e naval que cobria as águas. Os escudos dos cavaleiros e dos escudeiros, servindo ao mesmo tempo de ornamento e defesa, encontravam-se dispostos de ambos os lados dos navios; as diversas bandeiras das nações e das famílias iam desfraldadas à popa; a nossa artilharia moderna era suprida por trezentos engenhos de lançar pedras e dardos; as fadigas da viagem amenizavam-se graças ao som da música militar; e o espírito dos guerreiros animava-se com a certeza geral de que quarenta mil heróis cristãos bastavam para fazer

a conquista do mundo. Na rota desde Veneza e Zara, a armada foi governada de feição pela perícia e experiência dos pilotos venezianos; em Durazzo, os confederados desembarcaram já em território do Império Grego; a ilha de Corfu propiciou um ponto de paragem e descanso; dobrou-se a seguir, sem qualquer acidente, o perigoso cabo Málea, que forma a ponta meridional do Peloponeso ou da Moreia; fez-se escala nas ilhas de Negroponto e de Andros; e lançou-se âncora em Abido, na margem asiática do Helesponto. Os prelúdios de conquista mostraram-se fáceis e isentos de sangue; os gregos das províncias, destituídos de patriotismo ou de coragem, ficaram paralisados por uma força irresistível; a presença do herdeiro legítimo podia justificar a sua obediência, a qual foi recompensada pela moderação e disciplina dos latinos. Ao penetrar no Helesponto, a gigantesca esquadra achou-se apertada num estreito canal, e a superfície das águas ensombrou-se de inúmeras velas. Ela tornou a expandir-se na bacia da Propôntida, e atravessou este plácido mar até arribar à costa europeia junto da Abadia de Santo Estêvão, três léguas a oeste de Constantinopla. O prudente doge dissuadiu-os de se dispersarem numa terra populosa e hostil; e dado o sortimento de provisões estar reduzido, decidiu-se reabastecer os navios de transporte nas férteis ilhas da Propôntida durante a estação das colheitas. Os confederados dirigiram o seu rumo de acordo com esta resolução, mas um forte temporal e a sua própria impaciência arrastou-os para leste, chegando tão perto da costa e da cidade, que os navios e as muralhas trocaram entre si uma chuva de pedras e dardos. Ao passar, as tropas contemplaram com admiração a capital do Oriente, que mais parecia a do mundo, erguida no alto das sete colinas e dominando os continentes da Europa e da Ásia. As majestosas cúpulas e os altos pináculos dos quinhentos palácios e igrejas eram dourados pelo sol e reflectidos nas águas; as muralhas fervilhavam de soldados e espectadores, cujo número impressionava os peregrinos que desconheciam a sua têmpera; e todos os corações gelaram à lembrança de que, desde o começo do mundo, jamais uma empresa de tal envergadura fora tentada por um simples punhado de guerreiros. Todavia, o receio momentâneo foi dissipado pela esperança e pelo valor; e todos os homens, diz o marechal de Champanha, deitaram os olhos à espada ou à lança que deveriam em breve usar na gloriosa refrega. Os latinos lançaram âncora em frente de Calcedónia; só os marinheiros ficaram nos navios; os soldados, os cavalos e as armas desembarcaram em segurança; e os barões provaram os primeiros frutos do êxito no luxo de um

palácio imperial saqueado. Ao terceiro dia, a armada e o exército deslocaram-se para Escutári, o subúrbio asiático de Constantinopla; um destacamento de quinhentos homens da cavalaria grega foi surpreendido e derrotado por oitenta cavaleiros franceses; e uma paragem de nove dias bastou para fornecer abundantemente o acampamento de forragem e provisões.

Pode parecer estranho que, ao relatar a invasão de um grande império, eu não tenha falado dos obstáculos que deveriam opor-se ao avanço dos conquistadores. Os Gregos constituíam, em boa verdade, um povo pouco aguerrido; mas eram ricos, industriais e obedeciam à vontade de um senhor absoluto; teria sido necessário que este soberano mostrasse precaução quando os seus inimigos estavam longe, ou coragem quando eles se aproximavam da sua pessoa. O primeiro rumor da aliança do seu sobrinho com os Franceses e Venezianos foi recebido com desdém pelo usurpador Aleixo(*): os seus adutores convenceram-no de que este desprezo era sincero e resultante da sua bravura; e todas as noites, no fim de um banquete, ele desbaratava três vezes os bárbaros do Ocidente. Estes bárbaros tinham ficado justamente apreensivos ao ouvir a descrição do seu poderio naval; e os mil e seiscentos barcos de pescadores de Constantinopla podiam ter fornecido a tripulação de uma esquadra capaz de afundar as galeras venezianas no Adriático, ou de impedir a sua entrada no estreito do Helesponto. No entanto, todos os recursos podem ser desperdiçados pela negligência do príncipe e a venalidade dos seus ministros. O grão-duque ou almirante fazia um leilão escandaloso e quase público de velas, mastros e cordames; as florestas reais estavam reservadas à finalidade muito mais importante da caça; e as árvores, declara Nicetas, eram guardadas pelos eunucos como os bosques de um culto religioso. Aleixo acordou do seu sonho de orgulho devido ao cerco de Zara e ao rápido avanço dos Latinos; mal se deu conta de que o perigo era real, achou-o inevitável, e a sua vã presunção deu lugar ao desânimo torpe e ao desespero. Viu então estes bárbaros desprezíveis acampar impunemente à vista do palácio, e o medo dele mal se escondia sob a pompa e as ameaças de uma embaixada enviada para conversações. O imperador dos Romanos queria saber (os embaixadores vinham perguntá-lo em seu nome) qual o motivo do aparecimento em pé de guerra dos Latinos. Se estes peregrinos eram sinceros no seu voto de libertar Jerusalém, a voz de Aleixo aplaudia este piedoso desígnio, e os seus tesouros ficariam à disposição; mas,

acrescentaram os embaixadores, se eles se atrevessem a invadir o santuário do império, o seu número, ainda que dez vezes superior, não os protegeria de um justo ressentimento. A resposta do doge e dos barões foi simples e magnânima. «Empenhados na causa da honra e da justiça», declararam eles, «desprezamos o usurpador da Grécia, as suas ameaças e ofertas. A *nossa* amizade e a *sua* fidelidade são devidas de igual modo ao legítimo herdeiro, ao jovem príncipe que está sentado entre nós, e a seu pai, o imperador Isaac, privado do ceptro, da liberdade e da vista por malfeitoria de um irmão ingrato. Que este irmão confesse o seu crime e implore perdão, e nós próprios intercederemos para que lhe seja permitido viver em desafogo e segurança. Mas que ele não nos insulte com uma segunda embaixada; a nossa resposta será dada de armas em punho no palácio de Constantinopla.»

No décimo dia após a chegada a Escutári, os cruzados prepararam-se, como soldados e católicos, para a travessia do Bósforo. Tratava-se de uma aventura realmente perigosa; o caudal era largo e rápido; numa calmaria, a corrente do Euxino podia arrastar consigo os fogos líquidos e inextinguíveis conhecidos pelo nome de fogo-greguês, e a margem oposta era defendida por setenta mil cavaleiros e peões em ordem de batalha. Neste dia memorável, que o acaso quis luminoso e ameno, os Latinos formaram para o combate em seis divisões: a primeira, ou vanguarda, era chefiada pelo conde de Flandres, um dos mais poderosos entre os príncipes cristãos pela perícia e o número dos seus besteiros. As quatro divisões seguintes dos Franceses eram comandadas pelo seu irmão Henrique, os condes de Saint-Pol e de Blois, e Mateus de Montmorency, sendo este último honrado pelo serviço voluntário do marechal e dos nobres da Champanha. A sexta divisão, retaguarda e reserva do exército, era conduzida pelo marquês de Montferrato, à cabeça dos Alemães e dos Lombardos. Os cavalos de batalha, selados e cobertos com os seus compridos caparazões pendentes até ao chão, foram embarcados nas balandras de fundo chato, e os cavaleiros mantinham-se de pé junto aos seus cavalos, completamente armados, com os capacetes postos e as lanças na mão. A sua numerosa tropa de sargentos e arqueiros ocupava os navios de transporte, e cada uma destas embarcações foi rebocada por uma galera forte e rápida. As seis divisões atravessaram o Bósforo, sem encontrar um inimigo nem um obstáculo; desembarcar em primeiro lugar era o desejo de cada corpo e de cada soldado; vencer ou morrer era a resolução de todos eles. Ciosos de arrostar os maiores perigos, os cavaleiros, com as suas pesadas armaduras, saltaram

para o mar quando a água lhes dava pela cintura; os sargentos e os arqueiros imitaram a coragem deles; e os escudeiros, baixando as pontes das balandras, levaram os cavalos para a margem. Ainda antes de os cavaleiros estarem montados, formados em esquadrões e de lanças em riste, os setenta mil gregos já haviam desaparecido da vista deles; o tímido Aleixo deu o exemplo às suas tropas, e só pelo saque dos seus ricos pavilhões é que os Latinos ficaram a saber que haviam lutado contra um imperador. Tirando proveito do terror do inimigo em fuga, resolveu-se, mediante um duplo ataque, forçar a entrada do porto. A torre de Galata, no arrabalde de Pêra, foi tomada de assalto pelos Franceses, enquanto os Venezianos se encarregavam da mais difícil tarefa de romper a barragem ou corrente, esticada desde esta torre ao litoral bizantino. Após várias tentativas infrutíferas, a sua intrépida perseverança levou a melhor; vinte navios de guerra, restos da marinha grega, foram afundados ou apresados; os esporões ou o peso das galeras cortaram ou quebraram os enormes e maciços elos de ferro; e a armada dos Venezianos, segura e vitoriosa, ancorou no porto de Constantinopla. Graças a estas temerárias façanhas, os vinte mil homens que restavam aos Latinos ficaram em condições de cercar uma capital que albergava mais de quatrocentos mil habitantes, aos quais só faltava coragem para pegar em armas e defender o seu país. Este cálculo supõe, na verdade, uma população de perto de dois milhões; mas seja qual for o abatimento a fazer ao número de gregos, o certo é que os assaltantes acreditavam em tal multidão, e isto vem provar toda a sua audácia.

A conquista de Constantinopla pelos Latinos

Na escolha do ataque, os Franceses e os Venezianos diferiam de opinião, segundo os seus hábitos de vida e combate. Os últimos afirmavam, com razão, que Constantinopla era mais acessível pelo lado do mar e do porto. Os primeiros puderam afirmar, sem vergonha, que já haviam confiado suficientemente a sua vida e fortuna a uma frágil embarcação e a um elemento precário, e exigiram em voz alta actos dignos da cavalaria, um solo firme e um combate corpo a corpo, a pé ou a cavalo. Após um prudente compromisso de empregar as suas nações no mar e na terra, no serviço mais conveniente às suas características, a armada cobriu o exército e ambos

avançaram desde a entrada até ao fundo do porto; a ponte de pedra sobre o rio foi rapidamente reparada; e as seis divisões de franceses ergueram o acampamento defronte da capital, na base do triângulo que se estende ao longo de umas quatro milhas, do porto à Propôntida. À beira de um largo fosso, junto a uma alta muralha, eles tiveram tempo para ponderar as dificuldades da sua empresa. Das portas da cidade, à esquerda e à direita deste pequeno acampamento, irrompiam frequentemente surtidas de cavalaria e infantaria ligeira que chacinavam os retardatários, despojavam os campos de meios de subsistência e faziam soar o alarme cinco ou seis vezes por dia, obrigando os sitiante a plantar uma paliçada e a escavar um entrincheamento para sua defesa imediata. Em matéria de abastecimento de víveres, ou os Venezianos haviam sido demasiado parcós, ou os Francos vorazes de mais; as queixas habituais de fome e escassez faziam-se ouvir, ou talvez mesmo sentir: só restava farinha para três semanas, e os soldados, enjoados de carne salgada, decidiram-se a comer cavalos. O trémulo usurpador era apoiado por Teodoro Láscaris, seu genro, um jovem de valor que ambicionava salvar e governar o país; os Gregos, indiferentes à sua pátria, tinham sido despertados pelo perigo em que estava a sua religião; no entanto, as suas mais firmes esperanças depositavam-se na força e na coragem dos guardas varegues, compostos de dinamarqueses e ingleses, segundo a indicação dos autores da época. Após dez dias de incessante labor, o fosso ficou cheio por forma a nivelar-se o chão, os ataques dos sitiante efectuaram-se regularmente, e duzentos e cinquenta engenhos de assalto funcionaram continuamente para expulsar os defensores das suas posições, romper as muralhas e minar os alicerces. Ao primeiro sinal de uma brecha, as escadas foram logo colocadas; mas o número e a vantagem do terreno permitiram aos defensores repelir e dominar os aventureiros Latinos; os Gregos, porém, admiraram a determinação de quinze cavaleiros e sargentos, que tendo logrado a escalada, se mantiveram naquele sítio arriscado até serem atirados lá do alto ou feitos prisioneiros pelos guardas imperiais. Do lado do porto, o ataque naval foi conduzido com mais êxito pelos Venezianos; e este povo industrioso serviu-se de todos os recursos conhecidos e praticados antes da invenção da pólvora. Uma dupla linha, cuja frente se estendia por cerca de três alcances de flecha, era formada pelas galeras e os navios; e as rápidas evoluções das galeras protegiam-se com o peso e a força dos navios cujos convés, popas e torres serviam de plataforma a engenhos militares que disparavam pedras por cima da

primeira linha. Os soldados que saltavam das galeras para terra colocaram imediatamente as suas escadas e subiam por elas, enquanto os grandes navios, avançando mais devagar pelos intervalos e baixando uma ponte levadiça, ofereciam aos soldados um caminho pelos ares desde o mastro à muralha. No auge do combate, o doge, uma figura venerável e majestosa, postava-se armado a preceito na proa da sua galera. O grande estandarte de São Marcos flutuava à frente dele; as suas ameaças, promessas e exortações incitavam a energia dos remadores; o seu navio foi o primeiro a acostar; e Dandolo precedeu todos os guerreiros em terra firme. As nações admiraram a magnanimidade de um velho cego, sem se lembrarem de que a idade e achaques diminuía para ele o preço da vida, ao mesmo tempo que aumentavam o valor da glória imortal. De súbito, uma mão anónima (dado o porta-estandarte haver sido provavelmente morto) cravou a bandeira da república na muralha; vinte e cinco torres foram rapidamente ocupadas; e o cruel expediente do fogo escorraçou os gregos do bairro contíguo. O doge já mandara anunciar o seu êxito aos aliados, quando veio detê-lo a notícia do perigo em que eles estavam. Declarando nobremente que preferia morrer com os peregrinos a alcançar a vitória deixando-os sucumbir, Dandolo abandonou os seus ganhos, reuniu as tropas e dirigiu-se apressadamente para o teatro de luta. Encontrou os restos exaustos das seis divisões dos francos cercados por sessenta esquadrões da cavalaria grega, o mais pequeno dos quais excedia em número a mais forte divisão francesa. A vergonha e o desespero haviam impellido Aleixo ao derradeiro esforço de uma surtida geral; ele atemorizou-se, contudo, perante a boa ordem e o ar resolutos dos Latinos; e depois de participar de longe na escaramuça, retirou-se com as suas tropas ao entardecer. O silêncio ou o tumulto da noite aumentaram os seus receios; e o timorato usurpador, mandando juntar um tesouro de dez mil libras de ouro, abandonou vilmente a mulher, o povo e o trono; metendo-se numa barca, atravessou furtivamente o Bósforo e refugiou-se, em indigna segurança, num obscuro porto da Trácia. Mal se deram conta da sua fuga, os cortesãos gregos correram a implorar o perdão e a paz numa masmorra onde o cego Isaac esperava a todo o momento a visita do carrasco. Salvo e novamente elevado ao poder pelas vicissitudes da sorte, o cativo subiu ao trono envergando as vestes imperiais e rodeado de escravos prosternados, cujo verdadeiro terror ou fingida alegria ele já não podia distinguir. Ao alvorecer, as hostilidades suspenderam-se e os chefes latinos receberam com espanto uma mensagem do imperador

legítimo, restabelecido nos seus direitos, que estava impaciente por abraçar o filho e recompensar os seus generosos libertadores.

Todavia, estes generosos libertadores não se mostravam dispostos a soltar o seu refém antes de obterem do pai dele o pagamento ou, pelo menos, a promessa da sua recompensa. Escolheram quatro embaixadores, Mateus de Montmorency, o nosso historiador e marechal de Champanha, e dois venezianos, para felicitar o imperador. As portas da cidade abriram-se à sua chegada; de ambos os lados das ruas, os guardas dinamarqueses e ingleses formavam em linha com as suas achas-de-armas; a câmara do trono reluzia de ouro e jóias, substitutos enganadores da virtude e do poder; ao lado do cego Isaac estava sentada a sua mulher, irmã do rei da Hungria; e, logo que ela aparecera, as nobres matronas da Grécia haviam saído do seu retiro doméstico e misturavam-se agora com um círculo de senadores e de soldados. Os Latinos, pela boca do marechal, falaram como homens conscientes do que era devido aos seus méritos, mas que respeitavam a obra das suas próprias mãos; e o imperador compreendeu claramente que os compromissos assumidos pelo filho para com Veneza e os peregrinos deviam ser cumpridos sem hesitação nem demora. Retirando-se para um aposento privado com a imperatriz, um camareiro, um intérprete e os quatro embaixadores, o pai do jovem Aleixo perguntou com ansiedade qual era a natureza das condições estipuladas. A submissão do Império do Oriente ao papa, ajuda à libertação da Terra Santa e o pagamento a pronto de um contributo de duzentos mil marcos de prata. «Essas cláusulas são pesadas», redarguiu ele prudentemente. «São duras de aceitar e difíceis de perfazer. Mas nada pode superar a medida dos vossos serviços e dos vossos méritos.» Ouvindo esta garantia satisfatória, os barões montaram a cavalo e acompanharam o herdeiro de Constantinopla à cidade e ao palácio; a juventude e as prodigiosas aventuras dele fizeram pender todos os corações a seu favor, e Aleixo foi solenemente coroado com o pai na Catedral de Santa Sofia. Nos primeiros dias deste reinado, o povo, já bafejado com o retorno da abundância e da paz, regozijava-se do feliz desenlace da tragédia; e o descontentamento dos nobres, o seu desgosto e os seus temores encobriam-se sob a máscara polida da alegria e da lealdade. A mistura de duas nações distintas na mesma capital podia ser fonte de danos e perigos; e, assim, os subúrbios de Galata e de Pêra foram destinadas ao aquartelamento dos Franceses e dos Venezianos. Contudo, ficou assegurada a liberdade de comércio e de pleno convívio entre as nações amigas; e os

peregrinos sentiam-se todos os dias atraídos pela devoção e a curiosidade a visitar as igrejas e palácios de Constantinopla. Os seus rudes espíritos, talvez insensíveis às artes mais requintadas, surpreendiam-se com a magnificência do espectáculo; e a pobreza das suas cidades natais realçava a seus olhos a população e as riquezas da primeira metrópole da Cristandade. Descendo da sua alta dignidade, o jovem Aleixo era levado pelo interesse e a gratidão a fazer frequentes visitas familiares aos seus aliados latinos; e, na liberdade da mesa, a alegre ligeireza dos Franceses esquecia por vezes o imperador do Oriente. Em conferências mais sérias, concordou-se que a reunião das duas Igrejas só poderia ser fruto da paciência e do tempo; mas a cobiça foi menos maleável do que o zelo; e houve que desembolsar sem demora uma avultada soma para prover às necessidades dos cruzados e calar os seus clamores. Aleixo sentia-se inquieto ao ver aproximar-se a hora da partida deles; a ausência dos confederados iria dispensá-lo de um compromisso que ainda era incapaz de cumprir; no entanto, ao mesmo tempo, os seus amigos abandoná-lo-iam, só e indefeso, aos caprichos e preconceitos de uma nação pérfida. Propôs-lhes custear a sua permanência durante um ano, dispondo-se a arcar com as despesas e a pagar em nome deles o frete dos navios venezianos. A oferta foi debatida no conselho dos barões; e após reiterados argumentos e escrúpulos, uma maioria de votos cedeu à opinião do doge e aos rogos do jovem imperador. Pelo preço de mil e seiscentas libras de ouro, o marquês de Montferrato consentiu em levar Aleixo com um exército a todas as províncias da Europa; em estabelecer aí a sua autoridade e em perseguir o tio, enquanto Constantinopla se sentisse atemorizada com a presença de Balduíno e dos outros confederados de França e de Flandres. A expedição teve êxito; o imperador cego exultou com o êxito das suas armas e escutou as predições dos aduladores, segundo os quais a mesma Providência que o elevara desde uma masmorra até ao trono o curaria da gota, lhe devolveria a vista e velaria pela longa prosperidade do seu reinado. Entretanto, a índole desconfiada do ancião era atormentada pela crescente glória do filho; tão-pouco o seu orgulho podia dissimular a inveja de perceber que o seu nome era pronunciado com fracas e relutantes aclamações, enquanto o jovem príncipe recebia louvores espontâneos de toda a gente.

A recente invasão viera arrancar os Gregos a uma ilusão de nove séculos: a vã presunção de que a capital do Império Romano era inacessível aos exércitos inimigos. Os estrangeiros do Ocidente tinham violado a cidade e

disposto do ceptro de Constantino; os seus protegidos imperiais depressa se tornaram tão impopulares como eles; os conhecidos vícios de Isaac pareciam ainda mais vis devido às suas enfermidades, e o jovem Aleixo era odiado como um apóstata que renunciara aos costumes e à religião dos antepassados. O seu pacto secreto com os Latinos era conhecido ou pelo menos suspeitado; o povo, e especialmente o clero, tinham um apego indissolúvel à sua própria fé e superstição; e todos os conventos, e até mesmo as lojas, ressoavam do perigo da Igreja e da tirania do papa. Um tesouro exaurido dificilmente podia satisfazer as exigências do fausto régio e da extorsão estrangeira; os Gregos recusavam-se a obviar, mediante um imposto geral, ao perigo ameaçador da servidão e da pilhagem; a opressão dos ricos poderia excitar ressentimentos mais nocivos e pessoais; e ao fundir as pratas e espoliar as imagens dos santuários, o imperador podia justificar as censuras de heresia e sacrilégio. Durante a ausência do marquês Bonifácio e do seu pupilo imperial, Constantinopla foi assolada por uma calamidade que pôde ser justamente imputada ao zelo indiscreto dos peregrinos flamengos. Numa das suas visitas à cidade, eles ficaram escandalizados ao dar com uma mesquita ou uma sinagoga onde um só Deus era adorado, sem lhe juntar um associado ou um filho. A sua maneira mais vulgar de controverter consistira em atacar os infiéis à espadeirada e incendiar-lhes as casas; no entanto, estes infiéis e alguns vizinhos cristãos atreveram-se a defender as suas vidas e bens; e as chamas ateadas pelo fanatismo consumiram indistintamente os mais ortodoxos e inocentes edifícios. Durante oito dias e oito noites, o incêndio propagou-se a uma área de cerca de uma légua, desde o porto à Propôntida, apanhando a parte mais densa e povoada da cidade. Não seria fácil calcular o número de igrejas e palácios grandiosos que ficaram reduzidos a ruínas fumegantes, o valor das mercadorias destruídas nas ruas comerciais, ou a quantidade de famílias envolvidas na devastação geral. Por causa deste ultraje, de que o doge e os barões tentaram inutilmente ilibar-se, o nome dos Latinos tornou-se ainda mais impopular; e a colónia de ocidentais estabelecida na cidade, composta de mais de quinze mil pessoas, procurou a segurança indo pôr-se precipitadamente ao abrigo das bandeiras dos confederados no subúrbio de Pêra. O jovem imperador regressou vitorioso; mas até a mais firme e hábil política não estaria à altura de guiá-lo no meio da tempestade que fez soçobrar a sua pessoa e o seu governo. A sua inclinação pessoal e os conselhos do pai ligavam-no aos seus benfeitores; Aleixo, contudo, hesitava

entre a gratidão e o patriotismo, entre o medo dos seus súbditos e o dos seus aliados. Devido a esta conduta fraca e irresoluta, perdeu a estima e a confiança de ambos os partidos; e enquanto convidava o marquês de Montferrato para ocupar o palácio, permitia do mesmo passo que os nobres conspirassem e o povo pegasse em armas para libertar o país. Indiferentes à sua espinhosa situação, os chefes latinos instaram-no a cumprir o estipulado, melindraram-se com as demoras, desconfiaram das suas intenções e exigiram uma resposta definitiva de paz ou de guerra. Esta altiva intimação foi-lhe entregue por três cavaleiros franceses e três delegados venezianos, que cingiram as espadas, montaram nos cavalos, abriram caminho através da multidão enfurecida e entraram com ar seguro no palácio, chegando diante do imperador grego. Recapitularam, num tom peremptório, os seus serviços e os compromissos que ele assumira; e declararam ousadamente que, salvo se as suas justas reivindicações fossem plena e imediatamente satisfeitas, deixariam de considerá-lo como soberano e amigo. Após este desafio, o primeiro que alguma vez ferira os ouvidos de um imperador, afastaram-se sem denunciar o mais pequeno sintoma de medo; mas o facto de terem conseguido sair do palácio de um déspota e de uma cidade furiosa surpreendeu os próprios embaixadores; e o seu regresso ao acampamento constituiu um sinal de mútua hostilidade.

Entre os Gregos, toda a sabedoria e autoridade eram subjugadas pela multidão impetuosa que tomava a sua raiva por coragem, o seu número por força e o seu fanatismo por apoio e inspiração dos céus. Aos olhos das duas nações, Aleixo era perjuro e desprezível; a raça vil e espúria dos Anjos via-se repudiada no meio de clamores de desprezo; e o povo de Constantinopla rodeou o Senado para lhe pedir um imperador mais digno. Ofereceu-se sucessivamente o manto imperial a todos os senadores ilustres pelo nascimento ou pela dignidade, e todos eles recusaram esta veste mortal. A solicitação durou três dias, e sabemos por intermédio do historiador Nicetas, um dos membros da assembleia, que o medo e a fraqueza guardaram a lealdade dos senadores. Um fantoche, logo caído no esquecimento, foi proclamado à força pela multidão; no entanto, o autor do tumulto e o motor da guerra era um príncipe da casa de Ducas; e convém diferenciar o seu nome tão comum de Aleixo pelo cognome de Murzuflo, que, na língua vulgar, exprimia a junção das suas negras e espessas sobrancelhas. Simultaneamente patriota e cortesão, o pérfido Murzuflo, que não era destituído de astúcia nem de coragem, opôs aos Latinos a sua

eloquência e sua espada, inflamou as paixões e os preconceitos dos Gregos, e insinuou-se nas boas graças e na confiança de Aleixo, que o nomeou camareiro-mor e lhe tingiu os borzeguins com as cores da realeza. No silêncio da noite, ele correu para o quarto do jovem imperador com uma expressão assustada, exclamando que o palácio fora atacado pelo povo e atraído pelos guardas. Saltando do leito, o confiante príncipe lançou-se nos braços do inimigo, que aprontara a sua evasão por uma escada secreta. Mas esta escada desembocava numa prisão: Aleixo viu-se agarrado, despido e posto a ferros; e depois de provar durante vários dias toda a amargura da morte, foi envenenado, estrangulado ou morto à pancada a mandado e na presença do tirano. O imperador Isaac Anjo não tardou a seguir o filho na sepultura; e o destino talvez haja poupado Murzuflo ao crime supérfluo de apressar a morte de um velho cego e indefeso.

A pilhagem de Constantinopla

A morte dos imperadores e a usurpação de Murzuflo haviam mudado a natureza da querela. Já não se tratava de um desentendimento entre aliados, dos quais uns exageravam os seus serviços, e os outros faltavam às suas obrigações; os Franceses e os Venezianos esqueceram as queixas contra Aleixo, derramaram uma lágrima pela morte prematura do companheiro e juraram vingança contra a pérfida nação que coroara o assassino dele. O cauteloso doge ainda propendia, contudo, a negociar; pedia, como dívida, subsídio ou multa, cinquenta mil libras de ouro, cerca de dois milhões de libras esterlinas; e a conferência não teria sido tão abruptamente interrompida se o zelo ou a política de Murzuflo não houvessem recusado sacrificar a Igreja grega à segurança do Estado. Através das invectivas dos seus inimigos internos e estrangeiros, verificamos que ele não era indigno do papel que assumira de defensor do seu país; o segundo cerco de Constantinopla foi muito mais árduo que o primeiro; o tesouro estava cheio, e a disciplina restaurada, graças a uma severa inquirição dos abusos do reinado anterior; e Murzuflo, de maça de ferro na mão, visitando os postos e ostentando o porte e a atitude de um guerreiro, era motivo de terror, pelo menos para os seus soldados e os seus compatriotas. Antes e depois da morte de Aleixo, os Gregos empreenderam duas tentativas vigorosas e bem

conduzidas para incendiar a armada no porto; no entanto, a destreza e a coragem dos Venezianos repeliram os brulotes; e as chamas ambulantes consumiram-se no mar, sem causar nenhum prejuízo. Numa surtida nocturna, o imperador grego foi vencido por Henrique, irmão do conde de Flandres; a vantagem do número e a da surpresa agravaram a vergonha da derrota; o seu escudo apareceu caído no campo de batalha; e o estandarte imperial, que tinha estampada uma imagem miraculosa da Virgem, foi oferecido como troféu e relíquia aos monges cistercienses, discípulos de São Bernardo. Cerca de três meses, sem exceptuar a quadra santa da Quaresma, passaram-se assim em escaramuças e preparativos, sem que os Latinos pudessem ou decidissem dar um assalto geral. As fortificações do lado da terra tinham sido consideradas inexpugnáveis; e os pilotos venezianos alegavam que a ancoragem não era segura na costa da Propôntida, de tal modo que os navios podiam ser arrastados pela corrente até ao estreito do Helesponto; uma situação que não desagradava aos peregrinos mais recalcitrantes, que procuravam todos os pretextos para abandonar o exército. Por conseguinte, os sitiantes resolveram empreender o ataque a partir do porto, o que já era esperado pelos sitiados; e o imperador colocara o seu pavilhão escarlate numa elevação ali próximo, a fim de dirigir e animar os esforços das tropas. Um espectador destemido, cujo espírito fosse sensível a noções de aparato e beleza, teria admirado as fileiras a perder de vista dos dois exércitos em ordem de batalha que se estendiam numa frente de mais de meia légua, um deles nos navios e nas galeras, o outro nas muralhas e nas torres, cuja altura fora aumentada por outras torres de madeira com vários andares. O primeiro ímpeto esgotou-se numa descarga recíproca de setas, pedras e fogo disparadas pelas máquinas de guerra; mas as águas eram profundas, os Franceses ousados e os Venezianos hábeis; eles aproximaram-se das muralhas; e uma peleja desesperada de espadas, lanças e machados travou-se então nas pontes oscilantes que ligavam as baterias flutuantes dos Franceses às baterias sólidas dos Gregos. Em mais de cem lugares, deu-se o assalto logo sustido com igual valor; por fim, a vantagem do terreno e a superioridade do número prevaleceram, e as trombetas latinas deram o sinal de retirada. Nos dias seguintes, o ataque repetiu-se com o mesmo vigor e desfecho semelhante; e, durante a noite, o doge e os barões reuniram-se em conselho; só estavam apreensivos por mor do perigo público, e nem uma única voz pronunciou as palavras «fuga» ou «tratado»; todos os guerreiros, consoante

o seu temperamento, acalentavam a esperança da vitória ou confiavam numa morte gloriosa. A experiência do primeiro cerco instruíra os Gregos, mas ao mesmo tempo alentava os Latinos; e a certeza de que Constantinopla podia ser tomada era mais valiosa para eles do que o conhecimento de algumas precauções locais a adoptar na sua defesa o seria para os inimigos deles. No terceiro assalto, ligaram-se dois navios um ao outro para lhes duplicar a força; um forte vento do Norte impeliu-os para a margem; os bispos de Troyes e de Soissons conduziam a vanguarda; e os nomes auspiciosos destes dois navios, o *Peregrino* e o *Paraíso*, ressoavam ao longo da linha. As bandeiras episcopais desfraldaram-se sobre as muralhas; tinham sido prometidos cem marcos de prata aos primeiros a escalá-las; e se esta recompensa foi baldada pela morte, já os seus nomes ficaram imortalizados pela fama. Escalaram-se quatro torres, arrombaram-se três portas, e os cavaleiros franceses, que podiam tremer sobre as vagas, sentiam-se invencíveis a cavalgar em terra firme. Deverei referir que os milhares de soldados que guardavam a pessoa do imperador fugiram ao ver aproximar-se a lança de um único guerreiro? Esta fuga ignominiosa é atestada pelo seu compatriota Nicetas: um exército de fantasmas acompanhava o herói francês, e ele surgiu como um gigante aos olhos dos Gregos. Enquanto os vencidos abandonavam os postos e largavam as armas, os Latinos entraram na cidade sob as bandeiras dos seus chefes; as ruas e as portas franqueavam-se para lhes dar passagem; e quer de propósito quer por acidente, ateou-se um terceiro incêndio que consumiu em poucas horas uma área igual à de três das maiores cidades de França. Ao cair da noite, os barões chamaram as suas tropas e fortificaram as posições; estavam assustados com a extensão e a população desta capital que podia ainda custar-lhes mais de um mês a subjugar, caso nas igrejas e nos palácios se tomasse consciência da sua força intrínseca. No entanto, logo de manhã, uma procissão de suplicantes, com cruzes e imagens, anunciou a submissão dos Gregos e aplacou a sanha dos vencedores; o usurpador fugiu através da Porta de Ouro; os palácios de Blaquernes e de Bucóleon foram ocupados pelo conde de Flandres e pelo marquês de Montferrato; e o império, que ainda ostentava o nome de Constantino e o título de romano, soçobrou sob as armas dos peregrinos latinos.

Constantinopla fora tomada de assalto; e as leis da guerra apenas impunham as restrições da religião e da humanidade aos conquistadores. Bonifácio, marquês de Montferrato, ainda se comportava como um general;

e os Gregos, que respeitavam o nome dele como o do seu futuro soberano, vieram exclamar num tom lamentoso: «Tende piedade de nós, santo marquês rei!» A prudência ou a compaixão fê-lo abrir as portas da cidade aos fugitivos, e ele exortou os soldados da cruz a poupar a vida dos seus irmãos cristãos. Os rios de sangue que inundam as páginas de Nicetas podem ser reduzidos à matança de dois mil dos seus compatriotas abatidos sem resistência; e a maior parte deles foram chacinados não pelos peregrinos, mas pela colônia latina que os Gregos tinham expulsado da cidade e que exerceram a vingança de uma facção triunfante. Alguns destes exilados mostraram-se apesar de tudo mais sensíveis aos benefícios do que às injúrias; e o próprio Nicetas ficou a dever a sua salvação à generosidade de um mercador veneziano. O Papa Inocêncio III acusa os peregrinos de não terem respeitado, no seu desenfreamento, nem a idade, nem o sexo, nem a profissão religiosa; ele lamenta amargamente que as obras das trevas, fornicação, adultério e incesto se hajam perpetrado à luz do dia; e que nobres matronas e freiras veneráveis fossem desonradas pelos lacaios e camponeses do acampamento católico. É realmente provável que a licença da vitória servisse de pretexto e desculpa a uma série de pecados; mas não há dúvida de que a capital do Oriente continha um número de belezas venais ou complacentes que bastavam para saciar os desejos de vinte mil peregrinos, e, aliás, as mulheres prisioneiras já não estavam sujeitas ao direito ou ao abuso da escravidão doméstica. O marquês de Montferrato era o modelo da disciplina e da decência; o conde de Flandres era o espelho da castidade; eles tinham proibido, sob pena de morte, a violação de mulheres casadas, de virgens e de freiras; e esta proclamação foi, não raro, invocada pelos vencidos e respeitada pelos vencedores. A crueldade e a devassidão eram contidas pela autoridade dos chefes e pelos sentimentos dos soldados, pois já não estamos a descrever uma investida dos selvagens do Norte; e por mais ferozes que eles ainda possam parecer, o tempo, a política e a religião haviam civilizado os costumes dos Franceses, e sobretudo os dos Italianos. A sua cupidez, porém, teve rédea larga para cevar-se, sem atender à Semana Santa, na pilhagem de Constantinopla. O direito de vitória, não restringido por qualquer promessa ou tratado, confiscara as riquezas públicas e privadas dos Gregos; e todas as mãos, segundo o seu tamanho e a sua força, estavam habilitadas a executar a sentença e a apoderar-se dos objectos confiscados. O ouro e a prata cunhados ou não cunhados forneciam um padrão de troca universal e portátil, que todos os apreensores podiam, no

próprio local ou alhures, converter nos bens mais adequados ao seu temperamento e à sua situação. De todos os tesouros que o comércio e o luxo tinham acumulado na capital, as sedas, os veludos, as peles, as pedras preciosas, as especiarias e o mobiliário caro eram os mais valiosos, dado não poderem ser adquiridos por dinheiro nos países mais rústicos da Europa. Estabeleceu-se uma ordem de rapina, e o quinhão de cada indivíduo não ficou dependente do seu jeito ou do acaso. Sob as tremendas penas reservadas ao perjúrio — a excomunhão e a morte —, os Latinos foram obrigados a juntar os seus despojos ao fundo comum; escolheram-se três igrejas para o depósito e a repartição do espólio; uma só parte era quanto cabia a um soldado, duas a um sargento a cavalo, quatro a um cavaleiro, e aumentava-se em seguida na proporção da categoria e do mérito dos barões e dos príncipes. Por ter violado este compromisso sagrado, um cavaleiro das hostes do conde de Saint-Pol foi enforcado com o escudo e cota de armas em volta do pescoço; semelhante exemplo deve ter tornado os transgressores desta laia mais ardilosos e discretos, mas a avidez levou a melhor sobre o medo; e a opinião geral avalia a pilhagem secreta muito acima da que se distribuiu publicamente. A magnitude do prêmio ultrapassou em muito, mesmo assim, tudo o que alguma vez se vira ou podia esperar. Depois de a massa total haver sido equitativamente dividida entre os Franceses e os Venezianos, deduziram-se cinquenta mil marcos para satisfazer a dívida dos primeiros e a exigência dos últimos. O remanescente dos Franceses ainda ascendia a quatrocentos mil marcos de prata, cerca de oitocentas mil libras esterlinas; o melhor modo de indicar o valor relativo desta soma nos negócios públicos e privados do nosso tempo é representá-la como sete vezes superior ao rendimento anual do reino de Inglaterra.

Nesta grande revolução, desfrutamos da singular felicidade de comparar as narrativas de Villehardouin e de Nicetas, os sentimentos opostos do marechal de Champanha e do senador bizantino. Poderia parecer, à primeira vista, que as riquezas de Constantinopla se limitaram a passar de uma nação para outra, e que a perda e a dor dos Gregos ficaram exactamente contrabalançadas pela alegria e as vantagens dos Latinos. Todavia, no decurso funesto da guerra, o ganho nunca é equivalente à perda, nem o regozijo ao sofrimento; os sorrisos dos Latinos foram passageiros e ilusórios, e os Gregos choraram para todo o sempre a ruína do seu país, além de que o sacrilégio e o escárnio vinham agravar as suas calamidades

concretas. Que proveito tiraram os vencedores dos três incêndios que aniquilaram uma tão grande parte dos edifícios e riquezas da cidade? Uma imensidade de coisas que não podiam ser usadas nem transportadas acabaram maldosa ou arbitrariamente destruídas! Quantos tesouros se dissiparam futilmente no jogo, no deboche e em folias! E quantos objectos preciosos foram vendidos ao desbarato pela impaciência ou a ignorância dos soldados, cuja recompensa era assim espoliada pelo vil engenho dos últimos gregos! Dentre estes, só os que nada tinham a perder puderam lucrar alguma coisa com a revolução; já a miséria das camadas mais favorecidas da sociedade nos surge eloquentemente retratada nas aventuras pessoais do próprio Nicetas. O seu magnífico palácio ficara reduzido a cinzas no segundo incêndio; e o senador, juntamente com a família e os amigos, encontrou um obscuro refúgio numa outra casa que possuía perto da Igreja de Santa Sofia. Foi à porta desta humilde morada que um seu amigo, mercador veneziano, montou guarda disfarçado de soldado, até Nicetas conseguir salvar, mercê de uma fuga precipitada, os restos da sua fortuna e a castidade da filha. Em pleno Inverno, estes fugitivos, criados no seio da prosperidade, abalaram de casa a pé; a esposa dele estava grávida, e a deserção dos escravos forçou-os a transportar as bagagens aos ombros; as mulheres, colocadas no centro, foram exortadas a ocultar a sua beleza cobrindo o rosto de lama em vez de o adornarem de pinturas e jóias. Cada passo expunha-os a insultos e perigos; as ameaças dos estrangeiros eram menos penosas do que os sarcasmos dos plebeus, a cujo nível estavam agora reduzidos; e os exilados só respiraram em segurança quando a sua triste romagem terminou em Selímbria, a cerca de quarenta milhas da capital. No caminho encontraram o patriarca, sem companhia e quase desnudo, sujeito a um estado de pobreza apostólica que, se fosse voluntária, talvez merecesse louvores. Entretanto, as suas igrejas desertas eram profanadas pela licença e o espírito faccioso dos Latinos. Depois de arrancar aos cálices as pedras preciosas e as pérolas, serviram-se deles à guisa de taças; as mesas onde jogavam e se banquetavam estavam cobertas com as figuras de Cristo e dos santos; e todos calcavam aos pés os mais veneráveis objectos do culto cristão. Na Catedral de Santa Sofia, despedaçaram o amplo véu do santuário para extorquir a franja de ouro; e o altar, um monumento de arte e esplendor, foi destruído e repartido entre si pelos captores. Carregavam-se mulas e cavalos com os ornamentos de prata e ouro arrancados das portas e do púlpito; e se os animais tropeçavam sob o

fardo, eram logo apunhalados pelos seus impacientes condutores e o chão sagrado inundava-se de sangue impuro. Uma prostituta sentou-se no trono do patriarca; e esta filha de Belial, como lhe chama o historiador, cantou e dançou na igreja para ridiculizar os hinos e as procissões dos orientais. Nem sequer as criptas dos mortos reais escaparam à violação; na Igreja dos Apóstolos, profanaram-se os túmulos dos imperadores; e diz-se que, ao cabo de seis séculos, se deparou com o corpo de Justiniano sem qualquer sinal de corrupção ou putrefacção. Nas ruas, os franceses e os flamengos envolviam-se a si mesmos e aos seus cavalos em túnicas pintadas e véus flutuantes de linho; e a intemperança grosseira das suas festas insultava a sobriedade faustosa do Oriente. Desejando ostentar as armas próprias de um povo de escribas e estudantes, eles traziam na mão uma pena, um tinteiro e uma folha de papel, sem se darem conta de que os instrumentos da ciência eram tão fracos e inúteis ao serviço dos Gregos modernos como os do valor.

Não obstante, a reputação e a língua deles pareciam autorizá-los a desprezar a ignorância dos Latinos e a olhar de cima os seus progressos. No amor às artes, a diferença das duas nações era ainda mais óbvia e sensível; os Gregos conservavam com veneração as obras dos antepassados, as quais não conseguiam imitar; e a destruição das estátuas de Constantinopla só pode fazer-nos partilhar das queixas e das invectivas de Nicetas, o historiador bizantino. Vimos como a cidade nascente foi adornada pela vaidade e o despotismo do seu fundador imperial: na ruína do paganismo, alguns deuses e heróis haviam escapado à fúria da superstição; e o Fórum e o Hipódromo ainda eram embelezados pelos restos de uma época mais florescente. Alguns exemplos são descritos por Nicetas num estilo florido e afectado; vou então respigar vários pormenores interessantes da sua descrição. 1) Os condutores de carros vitoriosos eram moldados em bronze a suas expensas ou às do público e prontamente colocados no Hipódromo; surgiam aos olhos de toda a gente em pé nos seus carros que pareciam correr em direcção à meta: os espectadores tinham ensejo de admirar a atitude deles e ajuizar da semelhança; dentre estas figuras, as mais perfeitas podiam ter sido transportadas do estádio olímpico. 2) A esfinge, o cavalo-marinho e o crocodilo indicam a atmosfera e o fabrico do Egipto, sendo por conseguinte despojos desta antiga província. 3) A loba a amamentar Rómulo e Remo, tema igualmente do agrado dos *antigos* e dos *modernos* romanos, mas que raramente pôde ser tratado antes do declínio da escultura grega. 4) Uma águia que segura e despedaça uma serpente nas suas garras

— um monumento específico dos Bizantinos, que eles não atribuíam a um artista humano, mas ao poder mágico do filósofo Apolónio, que, com este talismã, livrara a cidade dos répteis venenosos. 5) Um burro e o seu condutor, que haviam sido erigidos por Augusto na sua colónia de Nicópolis para comemorar um presságio que lhe anunciara a vitória de Áccio. 6) Uma estátua equestre que, na opinião do vulgo, representava Josué, o conquistador judeu, estendendo a mão para deter o curso do sol poente. Uma tradição mais clássica reconhecia aqui as figuras de Belerofonte e Pégaso; e a atitude livre do corcel parecia revelar que ele caminhava nos ares e não no solo. 7) Um obelisco de bronze, muito alto e de forma quadrada; as faces, trabalhadas em relevo, apresentavam uma variedade de cenas pitorescas e campestres: aves a cantar, aldeões ocupados nas suas fainas ou a tocar flauta, carneiros a balir, cabritos aos pinchos, o mar e uma cena de pesca, pequenos Cupidos nus a rir, a brincar e a atirar maçãs uns aos outros, e, no cimo do obelisco, uma figura feminina que girava à mínima brisa e, por conseguinte, era intitulada a *aia do vento*. 8) O pastor frígio oferecendo a Vénus o prémio da beleza, o pomo da discórdia. 9) A incomparável estátua de Helena, descrita por Nicetas com palavras de admiração e amor: os pés bem torneados, os braços de alabastro, os lábios róseos, o sorriso encantador, os olhos cheios de langor, as sobrancelhas arqueadas, as formas harmoniosas, a leveza das roupagens e a cabeleira que flutuava ao sabor do vento — uma beleza capaz de levar os seus bárbaros destruidores a sentir pena e remorso. 10) A figura viril ou divina de Hércules, reanimada pela mão sábia de Lisipo; era tal o seu tamanho que o polegar tinha a grossura, e a perna a altura de um homem vulgar; possuía peito amplo, ombros largos, membros fortes e musculosos, cabelo encaracolado e um aspecto imperioso. Sem o arco, a aljava ou a maça, a sua pele de leão negligentemente atirada para os ombros, ele estava sentado num cesto de vime, com a perna e o braço direitos estendidos a todo o comprimento, o joelho esquerdo dobrado e sustentando o cotovelo, a cabeça apoiada na mão esquerda e um semblante indignado e pensativo. 11) Uma estátua colossal de Juno que adornara outrora o seu templo de Samos; a enorme cabeça foi custosamente transportada até ao palácio por quatro juntas de bois. 12) Outro colosso, de Palas ou Minerva, de trinta pés de altura e que representava com admirável energia os atributos e o carácter desta virgem marcial. Antes de acusar os Latinos, é justo assinalar que os próprios Gregos destruíram esta Palas após o primeiro cerco por razões de

medo e superstição. As outras estátuas de bronze que acabo de enumerar foram quebradas e fundidas pela cupidez insensível dos cruzados; o preço e o trabalho destas obras evolaram-se num ápice; o sopro do génio evaporou-se em fumo, e o que restou do metal grosseiro, convertido em moeda, serviu para pagar as tropas. O bronze não é o mais durável dos monumentos; os Latinos puderam desviar o olhar com estúpido desprezo das formas de mármore de Fídias e Praxíteles; mas, a menos que molestados por qualquer acidente, estes blocos inúteis conservavam-se em segurança nos seus pedestais. Os mais esclarecidos dos peregrinos, os que não partilhavam dos gostos rudes e sensuais dos seus compatriotas, exerceram mais piedosamente o direito de conquista na busca e assenhoreamento das relíquias dos santos. Não tem conta a imensidade de cabeças e ossos, de cruzes e imagens que esta revolução espalhou pelas igrejas da Europa; e tal foi o aumento das peregrinações e das oferendas, que talvez estas relíquias se hajam tornado a parte mais lucrativa do espólio trazido do Oriente. Dentre os escritos da Antiguidade, muitos dos que ainda existiam no século XII estão hoje perdidos. Os peregrinos, contudo, não se preocupavam em salvar ou transportar as obras de uma língua desconhecida; a substância perecível do papel ou do pergaminho só pode perpetuar-se através da multiplicidade das cópias; a literatura dos Gregos concentrara-se quase totalmente na metrópole; e embora sem poder calcular a extensão da nossa perda, devemos derramar lágrimas pelas bibliotecas consumidas no triplo incêndio de Constantinopla.

Capítulo 61

Balduíno II e a santa coroa de Espinhos. Reconquista de Constantinopla pelos Gregos. Consequências gerais das cruzadas

À tomada de Constantinopla pelos Latinos, em 1204, seguiu-se a entronização dos chamados «imperadores latinos», Balduíno I e os seus quatro sucessores. Ao mesmo tempo, os Gregos, que reivindicavam o império, estabeleceram-se em Niceia e Trebizonda. O governo dos imperadores latinos foi incompetente e desastroso e o último deles, Balduíno II, apelou publicamente à ajuda do Ocidente.

Balduíno II e a santa coroa de Espinhos

Só na época da cavalaria é que o valor permitiu ascender de uma condição privada aos tronos de Jerusalém e Constantinopla. A soberania titular de Jerusalém cabia a Maria, filha de Isabel e de Conrado de Montferrato, e neta de Almerico ou Amauri. Casou com João de Brienne, de uma família nobre da Champanha, aconselhada pela voz pública e pelo juízo de Filipe Augusto, que o intitulara o mais bravo defensor da Terra Santa. Na Quinta Cruzada, ele conduziu cem mil latinos à conquista do Egipto, e concluiu a tomada de Damietta; o subsequente revés foi justamente atribuído ao orgulho e à cobiça do legado. Após o casamento da sua filha

com Frederico II, a ingratidão do imperador levou-o a aceitar o comando das tropas da Igreja; e, embora de idade avançada e privado da realeza, João de Brienne estava sempre pronto para pôr a espada e a valentia ao serviço da Cristandade. Durante os sete anos do reinado do irmão, Balduíno de Courtenay ainda não saíra da infância, e os barões da România sentiam a premente necessidade de confiar o ceptro a um homem e herói. O venerável rei de Jerusalém teria desdenhado o nome e o cargo de regente; concordaram então em investi-lo vitaliciamente do título e das prerrogativas de imperador, com a simples condição de dar a Balduíno a sua segunda filha por esposa, e de este príncipe, ao atingir a maturidade, suceder no trono de Constantinopla. A esperança tanto dos Gregos como dos Latinos reanimou-se devido à escolha de João de Brienne, ao seu renome e à sua presença; e todos admiraram o porte marcial, o vigor de um ancião que já ultrapassara os oitenta anos, e a sua estatura acima das proporções comuns. No entanto, a avareza e o gosto pelo repouso haviam aparentemente esfriado nele o ardor dos cometimentos; as suas tropas debandaram, e passaram-se dois anos sem acções nem honra até ele ser despertado deste torpor pela perigosa aliança de Vataces, imperador de Niceia, e de Azan, rei da Bulgária. Eles cercaram Constantinopla por terra e mar com um exército de cem mil homens e uma armada de trezentos navios de guerra, ao passo que as forças do imperador latino se reduziam a cento e sessenta cavaleiros e a um pequeno número de sargentos e arqueiros. Hesito em contar que, em vez de defender a cidade, o herói fez uma surtida à frente da sua cavalaria; e que, de quarenta e oito esquadrões do inimigo, somente três escaparam ao fio da sua espada invencível. Entusiasmados pelo seu exemplo, a infantaria e os cidadãos lançaram-se sobre os navios que estavam ancorados junto às muralhas e levaram vinte e cinco deles em triunfo até ao porto de Constantinopla. À voz do imperador, os vassalos e os aliados armaram-se em defesa da cidade, derrubaram todos os obstáculos que se opunham à sua passagem, e, no ano seguinte, alcançaram uma segunda vitória sobre os mesmos inimigos. Os poetas deste século rude compararam João de Brienne a Heitor, Rolando e Judas Macabeu; no entanto, a sua autoridade e a sua glória são um tanto diminuídas pelo silêncio dos Gregos. O império em breve se viu privado do último dos seus defensores; e o monarca moribundo teve a ambição de entrar no paraíso envergando o hábito de franciscano.

Na dupla vitória de João de Brienne, não encontro traços do nome ou das proezas do seu pupilo Balduíno, que já atingira a idade do serviço militar e

assumiu a dignidade imperial após a morte do seu pai adoptivo. O jovem príncipe incumbiu-se de missões mais adequadas ao seu temperamento; enviaram-no em visita às cortes ocidentais, em especial à do papa e à do rei de França, a fim de suscitar a piedade deles perante a sua inocência e aflição, e de pedir socorros em homens e em dinheiro para alívio do império em soçobro. Repetiu por três vezes estas digressões implorantes, nas quais parece ter tentado prolongar a sua estada e adiar o regresso; dos vinte e cinco anos do seu reinado, a maior parte decorreu fora de casa, no estrangeiro; e em nenhum lugar o imperador se sentia menos livre e seguro do que no seu país natal e na sua capital. Em certas ocasiões públicas, a vaidade dele pôde satisfazer-se com o título de Augusto e as honras da púrpura; e no concílio geral de Lião, ao passo que Frederico II era excomungado e deposto, o seu colega oriental sentava-se no trono à direita do papa. Mas quantas vezes este imperador exilado, errante e mendicante se viu humilhado pelo desprezo, insultado pela piedade e degradado a seus próprios olhos e aos das nações! Na sua primeira visita a Inglaterra, detiveram-no em Dôver com uma severa reprimenda por ter ousado entrar sem licença num reino independente. No entanto, após uma certa dilação, Balduíno teve a liberdade de continuar a viagem, foi recebido com fria cortesia e despediu-se agradecido com um presente de setecentos marcos de prata. Da avareza de Roma, Balduíno só conseguiu obter a proclamação de uma cruzada e um tesouro de indulgências; uma moeda cujo valor se depreciara por causa de um abuso demasiado frequente e indiscriminado. O nascimento e os infortúnios do príncipe grego impressionaram a alma generosa do seu primo Luís IX; no entanto, o zelo marcial do santo rei desviou-se de Constantinopla para o Egipto e a Palestina; e a pobreza pública e privada de Balduíno atenuou-se momentaneamente graças à venda do marquesado de Namur e do senhorio de Courtenay, únicos restos da sua herança. Por meio destes expedientes vergonhosos ou ruinosos, ele regressou à România com um exército de trinta mil soldados, cujo número foi duplicado pelo terror aos olhos dos Gregos. Os seus primeiros despachos às cortes de França e de Inglaterra anunciaram vitórias e esperanças; ele submettera os arredores da capital à distância de três dias de marcha, e se porventura lograsse conquistar uma importante cidade cujo nome omite (provavelmente Quiorli), a fronteira ficaria em segurança e a passagem tornar-se-ia fácil. No entanto, estas esperanças (se Balduíno dizia a verdade) não tardaram a esfumar-se como um sonho; as tropas e os

tesouros de França dissiparam-se nas suas mãos inábeis; e o trono do imperador latino só pôde apoiar-se numa aliança desonrosa com os Turcos e os Comanos. Para selar o tratado com os primeiros, consentiu em dar a mão da sobrinha ao infiel sultão de Cogni; para agradar aos segundos, Balduíno submeteu-se aos seus rituais pagãos; imolou-se um cão entre os dois exércitos; e os príncipes contraentes provaram o sangue um do outro como penhor de lealdade. No seu palácio ou prisão de Constantinopla, o sucessor de Augusto demoliu as casas vagas a fim de arranjar lenha para o Inverno, e subtraiu o chumbo das igrejas para fazer face às despesas diárias da sua família. Alguns mercadores de Itália fizeram-lhe empréstimos usurários altamente especulativos; e Filipe, seu filho e herdeiro, esteve retido em Veneza como penhor de uma dívida contraída. A sede, a fome e a nudez são males reais, mas a riqueza é apenas relativa; e um príncipe que seria rico como simples particular, pode ficar exposto pelo acréscimo das suas necessidades a todas as angústias e amarguras da pobreza.

No meio desta aflição aviltante, o imperador e o império ainda possuíam, mesmo assim, um tesouro ideal que tirava o seu valor imaginário da superstição do mundo cristão. O mérito da vera cruz ficara um tanto prejudicado pela repetida divisão que dela se fizera; e a sua longa permanência nas mãos dos infiéis podia lançar uma certa suspeita sobre a quantidade de fragmentos espalhados no Oriente e no Ocidente. Todavia, uma outra relíquia da Paixão estava guardada na capela imperial de Constantinopla; e a coroa de espinhos que havia sido colocada na cabeça de Cristo era igualmente preciosa e autêntica. Os antigos Egípcios costumavam depositar como garantia das suas dívidas as múmias dos pais; empenhando assim a sua honra e a sua religião, eles eram forçados a resgatar o penhor. Da mesma maneira, na ausência do imperador, os barões da România pediram emprestada a quantia de treze mil cento e trinta e quatro moedas de ouro, dando como garantia a santa coroa: ao findar o prazo, não puderam cumprir o contrato; e um rico veneziano, Nicolau Querini, dispôs-se a reembolsar os credores impacientes, com a condição de a relíquia ficar deposta em Veneza e tornar-se sua propriedade pessoal, caso não fosse resgatada dentro de um prazo breve e bem definido. Os barões avisaram o soberano desta desagradável combinação e da perda impendente; e como o Estado não podia pagar uma quitação de sete mil libras esterlinas, Balduíno tomou a peito tirar o tesouro das mãos dos Venezianos e depositá-lo, com mais honra e benefício, nas do rei mui

cristão. As negociações, contudo, depararam com algumas dificuldades. A compra das relíquias teria sido vista pelo santo rei Luís IX como um crime de simonia; mas, modificando o estilo do convénio, ele podia reembolsar legitimamente a dívida, aceitar o presente e testemunhar o seu reconhecimento. Os seus embaixadores, dois dominicanos, foram enviados a Veneza com a missão de resgatar e receber a santa coroa que havia escapado aos perigos do mar e às galeras de Vataces. Ao abrir a caixa de madeira, eles identificaram os selos do doge e dos barões que tinham sido apostos num relicário de prata, no interior do qual se via o monumento da Paixão metido num vaso de ouro. Os Venezianos cederam renitentemente à justiça e ao poderio; o imperador Frederico concedeu passagem por entre honras; a corte de França avançou até Troves, na Champanha, indo cheia de devoção ao encontro desta inestimável relíquia, a qual foi levada em triunfo através das ruas de Paris pelo próprio rei, descalço e envergando uma simples camisa; e a dádiva de dez mil marcos de prata consolou Balduino da sua perda. O êxito desta negociação tentou o imperador latino a oferecer, com igual generosidade, os restantes ornamentos da sua capela; uma porção apreciável e autêntica da madeira da vera cruz; as fraldas do Filho de Deus; a lança, a esponja e a corrente da Paixão; a vara de Moisés; e uma parte do crânio de João Baptista. Para recolher estes tesouros espirituais, São Luís gastou vinte mil marcos na grandiosa fundação da Santa Capela de Paris, que a musa de Boileau imortalizou de um modo divertido. A autenticidade destas relíquias tão antigas e vindas de tão longe, que é impossível atestar por qualquer testemunho humano, deve ser admitida pelos que acreditam nos milagres que elas realizaram. Em meados do século passado, a santa picada de um dos espinhos da coroa curou uma úlcera inveterada; o prodígio é confirmado pelos mais piedosos e esclarecidos cristãos de França; e o facto não será facilmente desmentido, excepto pelos que se encontram munidos de um antídoto geral contra a credulidade religiosa.

Reconquista de Constantinopla pelos Gregos

Os latinos de Constantinopla estavam cercados e acossados por todos os lados: a sua única esperança, o último diferimento da sua ruína, consistia na divisão dos seus inimigos Gregos e Búlgaros; e perderam esta esperança

devido à superioridade das armas e da política de Vataces, imperador de Niceia. Desde a Propôntida à costa rochosa da Panfília, a Ásia vivia um período de paz e prosperidade sob o seu reinado; e os êxitos de cada campanha alargavam a sua influência na Europa. As fortalezas das montanhas da Macedónia e da Trácia foram arrebatadas aos Búlgaros, cujo reino ficou circunscrito aos limites naturais que ele hoje apresenta ao longo da margem meridional do Danúbio. O imperador único dos Romanos não podia tolerar por mais tempo que um duque do Epiro, um príncipe Comneno do Ocidente, ousasse disputar ou partilhar com ele as honras da púrpura; e o humilde Demétrio mudou a cor dos seus borzeguins e aceitou cheio de gratidão o título de déspota. Os seus próprios súbditos indignaram-se com tamanha baixeza e incapacidade, e imploraram a protecção do seu supremo suserano, o príncipe grego. Após uma certa resistência, o reino de Tessalonica ficou reunido ao império de Niceia; e Vataces reinou, sem competidor, desde as fronteiras da Turquia ao golfo Adriático. Os príncipes da Europa respeitavam o seu mérito e o seu poderio; e se ele quisesse subscrever o credo ortodoxo, talvez o papa abandonasse sem enleio o imperador latino de Constantinopla. No entanto, a morte de Vataces, o breve e agitado reinado do seu filho Teodoro e a menoridade desamparada do seu neto João suspenderam a restauração dos Gregos. No próximo capítulo, relatarei as suas revoluções intestinas; neste ponto, bastará observar que o jovem príncipe sucumbiu à ambição do seu tutor e colega Miguel Paleólogo, que patenteou as virtudes e os vícios característicos dos fundadores de uma nova dinastia. O imperador Balduíno vangloriara-se de que poderia recuperar algumas províncias ou cidades por meio de uma negociação e sem recurso à força. Os seus embaixadores foram recambiados de Niceia no meio do escárnio e do desprezo. A cada localidade que eles nomeavam, Paleólogo alegava algum motivo especial que a tornara querida e valiosa a seus olhos; numa delas nascera; noutra havia sido promovido pela primeira vez ao comando militar; e numa terceira usufruía, e esperava continuar a usufruir durante muito tempo, dos prazeres da caça. «E o que tencionais então dar-nos?», perguntaram os delegados, surpreendidos. «Nada», redarguiu o grego. «Nem um palmo de terra. Se o vosso soberano deseja a paz, ele que me pague, como tributo anual, a soma que lhe rendem o comércio e as alfândegas de Constantinopla. Nestas condições, talvez o deixe reinar. Se recusar, será a guerra. Conheço a arte militar e confio o desfecho da luta a Deus e à minha

espada.» Uma expedição contra o déspota do Epiro foi o primeiro ensaio das suas armas. Se a uma vitória se seguiu uma derrota, se a raça dos Comnenos ou dos Anjos resistiu nas montanhas do Epiro e sobreviveu ao reinado dele, já o cativo de Villehardouin, príncipe da Acaia, privou os Latinos do mais activo e poderoso vassalo da sua monarquia declinante. As repúblicas de Veneza e Génova disputavam, na primeira das suas guerras navais, o domínio do mar e o comércio do Oriente. O orgulho e o interesse ligavam os Venezianos à defesas de Constantinopla; os seus rivais propenderam a apoiar os desígnios dos inimigos dela, e a aliança dos Genoveses com o conquistador cismático provocou a indignação da Igreja latina. Empenhado no seu grandioso projecto, o imperador Miguel visitou pessoalmente e reforçou as guarnições e as fortalezas da Trácia. Os restos dos latinos viram-se então expulsos das suas últimas possessões; em seguida, ele deu assalto sem êxito ao subúrbio de Galata, carteando-se além disso com um pérfido barão que acabou por não querer ou não poder abrir as portas da capital. Na Primavera seguinte, o seu general favorito, Aleixo Estrategópulo, que ele nobilitara com o título de César, atravessou o Helesponto à cabeça de oitocentos cavaleiros e alguma infantaria numa expedição secreta. Recebera instruções para se aproximar de Constantinopla, escutando e espiando tudo, mas sem se arriscar a qualquer empresa duvidosa ou perigosa contra a cidade. O território circunvizinho, entre a Propôntida e o mar Negro, era cultivado por uma raça intrépida de camponeses e bandidos exercitados nas armas, de fidelidade incerta, mas de algum modo ligados pela língua, a religião e as vantagens presentes ao partido dos Gregos. Chamavam-lhes os *voluntários*, e, graças ao seu serviço nesta qualidade, o exército de Aleixo, dispondo das tropas regulares da Trácia e dos auxiliares comanos, passou a compor-se de vinte e cinco mil homens. O ardor dos voluntários, e a sua própria ambição, incitaram o César a desobedecer às ordens precisas do seu senhor, confiado justamente em que o êxito lhe valeria o perdão e a recompensa. A fraqueza de Constantinopla e a aflição ou o terror dos Latinos eram um espectáculo de todas as horas para os voluntários; e eles acharam que o momento se apresentava como o mais propício para surpreender e conquistar a capital. Um jovem temerário, que governava desde havia pouco a colónia veneziana, partira com trinta galeras e o escol dos cavaleiros franceses numa louca expedição a Dafnusa, uma cidade à beira do mar Negro, a quarenta léguas de Constantinopla, e os restantes latinos estavam sem

forças e desprevenidos. Haviam sabido que Aleixo atravessara o Helesponto; mas as suas apreensões dissiparam-se em virtude do pequeno número de tropas que ele trouxera, e a sua imprudência não atentara no posterior aumento dos efectivos. Deixando o corpo principal do exército a uma certa distância para secundar e apoiar as suas operações, ele podia avançar durante a noite com um destacamento escolhido. Enquanto alguns deviam encostar escadas à parte mais baixa das muralhas, um velho grego prometera introduzir os companheiros deles em casa através de uma passagem subterrânea; poderiam então, dentro da cidade, romper uma passagem pela Porta de Ouro que há muito não era aberta; e o conquistador devia apoderar-se de Bizâncio, antes que os Latinos se dessem conta do perigo. Após uma certa hesitação, o César rendeu-se à convicção dos voluntários; estes eram confiantes e audaciosos, e saíram-se bem; ao descrever o plano, já deixei entrever a execução e o êxito dele. No entanto, assim que Aleixo transpôs o limiar da Porta de Ouro, estremeceu da sua temeridade; estacou, reflectiu, até que os voluntários desesperados o determinaram a avançar garantindo-lhe que a retirada representaria um perigo maior e mais inelutável que o ataque. Enquanto o César mantinha as suas tropas regulares em ordem de batalha, os comanos dispersaram por todos os lados; soou o alarme, e as ameaças de incêndio e de saque forçaram os cidadãos a tomar uma resolução decisiva. Os gregos de Constantinopla lembraram-se dos seus antigos soberanos; os mercadores genoveses pensaram na sua recente aliança com o príncipe grego e nos inimigos venezianos; todos os bairros pegaram em armas, e estrondeou nos ares uma aclamação geral de «Longa vida e vitória a Miguel e João, os augustos imperadores dos Romanos!». O contendor deles, Balduíno, foi desperto pelos gritos, mas nem o perigo mais premente pôde levá-lo a desembainhar a espada para defender uma cidade que ele talvez tenha abandonado com mais satisfação do que pena: fugiu do palácio para a beira-mar, onde avistou as benditas velas da armada que regressava da vã e infrutífera expedição contra Dafnusa. Constantinopla estava irremediavelmente perdida; mas o imperador latino e as principais famílias embarcaram nas galeras venezianas e rumaram à ilha de Eubeia, donde conduziram a Itália o fugitivo real que foi recebido pelo papa e rei da Sicília com um misto de desprezo e compaixão. Desde a perda de Constantinopla até à hora da morte, Balduíno passou treze anos a solicitar às potências católicas que se unissem para o repor no trono; esta súplica era-lhe familiar

desde a juventude, e o seu último exílio não foi mais indigente nem mais vergonhoso do que as suas três primeiras viagens às cortes da Europa. O seu filho Filipe tornou-se o herdeiro de um título fictício; e as pretensões da sua filha Catarina transferiram-se pelo casamento para a pessoa de Carlos de Valois, irmão de Filipe, *o Belo*, rei de França. A casa de Courtenay foi sucessivamente representada na linha feminina por diferentes alianças, até que o título de imperador de Constantinopla, demasiado pomposo e sonoro para se juntar a um nome privado, se apagou humildemente no silêncio e no esquecimento.

Consequências gerais das cruzadas

Depois de ter narrado as expedições dos Latinos à Palestina e a Constantinopla, não posso abandonar o assunto sem apreciar as consequências gerais destas memoráveis cruzadas nos países que lhes serviram de teatro e nas nações que nelas participaram como protagonistas. Mal os exércitos dos Francos se retiraram, a impressão, mas não a lembrança, por eles deixada desvaneceu-se nos reinos maometanos do Egipto e da Síria. Os fiéis discípulos do profeta nunca sentiram o desejo profano de estudar as leis ou a língua dos idólatras; tão-pouco a simplicidade primitiva dos seus costumes sofreu a mínima alteração devido ao convívio, em paz ou em guerra, com os forasteiros do Ocidente. Os Gregos, que se consideravam orgulhosos, mas eram apenas frívolos, evidenciaram uma disposição um pouco menos inflexível. Nos esforços que fizeram para recuperar o império, procuraram igualar o valor, a disciplina e a táctica dos seus adversários. Podiam, com justa razão, desprezar a literatura moderna do Ocidente, mas o espírito de liberdade que aqui reinava ensinou-lhes os direitos comuns a todos os homens; e adoptaram algumas instituições públicas e privadas dos Franceses. A correspondência entre Constantinopla e a Itália difundiu o conhecimento do idioma latino, e vários padres e autores clássicos tiveram finalmente a honra de uma versão grega. No entanto, os preconceitos nacionais e religiosos dos orientais inflamaram-se por causa da perseguição; e o reinado dos Latinos confirmou a separação das duas Igrejas. Se compararmos, no século das cruzadas, os Latinos da Europa com os Gregos e os Árabes, considerando os seus

respectivos graus de instrução, indústria e arte, os nossos rudes antepassados terão de contentar-se com o terceiro lugar na escala das nações. Os seus sucessivos progressos e a superioridade de que hoje gozam podem ser atribuídos a uma particular energia de carácter, a um espírito activo e capaz de imitação inexistente entre os seus rivais mais avançados, que, não obstante, se encontravam então numa fase de estagnação ou de retrocesso. Os Latinos, dotados de semelhantes disposições, deviam naturalmente tirar vantagens imediatas e essenciais de uma série de acontecimentos que abriam a seus olhos o quadro do mundo, e lhes proporcionam longos e frequentes intercâmbios com as regiões mais cultivadas do Oriente. Os avanços mais precoces e visíveis manifestaram-se no comércio, nas manufacturas e nas artes que são fortemente impulsionados pela sede de riqueza, pela necessidade e pela satisfação dos sentidos ou da vaidade. No meio de uma multidão de fanáticos irreflectidos, podia haver um cativo ou um peregrino que observasse as invenções mais engenhosas do Cairo ou de Constantinopla: o que trouxe a dos moinhos de vento foi um benfeitor das nações; e embora tais serviços não tenham recebido o tributo do reconhecimento e da lembrança, a História dignou-se assinalar os luxos mais deleitosos da seda e do açúcar, vindos da Grécia e do Egipto para Itália. As necessidades intellectuais dos Latinos, todavia, só mais tarde se fizeram sentir e puderam ser satisfeitas; o acicate da curiosidade, mãe do estudo, despertou na Europa por via de causas diferentes e de eventos mais recentes; e, no século das cruzadas, eles encaravam com despreocupada indiferença a literatura dos Gregos e dos Árabes. É possível que tivessem posto em prática alguns princípios de medicina e adoptado certas figuras matemáticas; a necessidade pôde formar alguns intérpretes que servissem nos negócios dos mercadores e dos soldados; mas o comércio dos Orientais não divulgara o estudo e o conhecimento das suas línguas nas escolas da Europa. Se um princípio de religião, semelhante ao dos muçulmanos, repelia o idioma do Alcorão, já o desejo de conhecer o texto original do Evangelho deveria ter esporeado a paciência e a curiosidade dos cristãos; e a mesma gramática revelar-lhes-ia a clarividência de Platão e as belezas de Homero. No entanto, durante um reinado de sessenta anos, os latinos de Constantinopla desdenharam a língua e a erudição dos seus súbditos; e os manuscritos foram os únicos tesouros de que os naturais puderam desfrutar sem as ameaças da rapina ou da inveja. Aristóteles era, em boa verdade, o oráculo das universidades do

Ocidente, mas tratava-se de um Aristóteles bárbaro; e em vez de recorrer à fonte, os seus seguidores latinos aceitavam humildemente uma tradução defeituosa e aproximativa composta pelos judeus ou mouros da Andaluzia. O princípio das cruzadas consistiu num fanatismo selvagem, e os seus efeitos mais importantes foram análogos à sua causa. Todos os peregrinos tinham a ambição de regressar carregados de despojos sagrados, de relíquias da Grécia e da Palestina; e cada uma destas relíquias era antecedida e seguida de uma chusma de milagres e visões. A crença dos católicos ficou adulterada por novas lendas, e a sua prática por novas superstições; e a fonte funesta da guerra santa deu origem ao estabelecimento da Inquisição, às ordens mendicantes de monges e frades, ao extremo abuso das indulgências e aos progressos definitivos da idolatria. O espírito activo dos Latinos desdobrou-se à custa dos fundamentos da razão e da religião; e se os séculos IX e X foram épocas de trevas, o certo é que os séculos XIII e XIV viram reinar os absurdos e as fábulas.

Ao professar o cristianismo e cultivar uma terra fértil, os povos do Norte que conquistaram o Império Romano misturaram-se aos poucos com os provinciais e reataram as cinzas das artes da Antiguidade. Os seus estabelecimentos, por volta do século de Carlos Magno, haviam adquirido um certo grau de ordem e estabilidade, quando se viram subvertidos por novas vagas de invasores, os Normandos, Sarracenos e Húngaros, que mergulharam de novo as regiões ocidentais da Europa no seu primitivo estado de anarquia e barbárie. Por volta do século XI, esta segunda tempestade amainou graças à expulsão ou à conversão dos inimigos da Cristandade; o surto da civilização, que se retraíra durante tanto tempo, começou a expandir-se a um ritmo regularmente acelerado; e abriram-se novas perspectivas às esperanças e aos esforços da geração nascente. Ao longo dos duzentos anos das cruzadas, deram-se grandes passos em todos os campos; e alguns filósofos aplaudiram os efeitos benéficos destas guerras santas que, porém, na minha opinião, atrasaram mais do que adiantaram a maturidade da Europa(*). A vida e os trabalhos de milhões de homens sepultos no Oriente teriam sido mais utilmente empregadas no incremento do seu país natal; a massa acumulada da indústria e das riquezas teria fomentado a navegação e o comércio; e os Latinos ter-se-iam enriquecido e instruído por meio de uma correspondência pura e amistosa com os povos do Oriente. Só num aspecto é que consigo realmente enxergar uma eventual eficácia das cruzadas, não tanto ao produzir um bem, mas ao

fazer desaparecer um mal. A maioria dos habitantes da Europa estavam adstritos à gleba, sem liberdade, nem propriedade ou luzes; e apenas as duas ordens dos eclesiásticos e dos nobres, cujo número era relativamente pequeno, pareciam merecer o nome de cidadãos e de homens. Este sistema opressivo era mantido pelos artifícios do clero e pela espada dos barões. A autoridade dos padres operara nas épocas mais obscuras como um antídoto salutar: eles evitavam a total extinção das letras, amenizavam a ferocidade dos tempos, protegiam os pobres e os fracos e preservaram ou reavivaram a paz e a ordem da sociedade civil. No entanto, a independência, a rapina e as discórdias dos senhores feudais nunca produziam nada de bom; e todas as esperanças de indústria e aperfeiçoamento eram esmagadas pela mão de ferro da aristocracia militar. Entre as causas que minaram o edifício gótico do sistema feudal, devemos atribuir um lugar cimeiro às cruzadas. Os barões venderam as suas terras, e uma parte da sua raça sumiu-se nestas dispendiosas e perigosas expedições. A sua pobreza forçou o seu orgulho a conceder as cartas de alforria que soltavam os laços do servo, asseguravam a herdade do camponês e a loja do artífice, e devolviam paulatinamente uma existência e uma alma à parte mais numerosa e útil da comunidade. O incêndio que destruiu as árvores altas e estéreis da floresta deu ar e espaço às plantas mais humildes e nutritivas de que se cobre o solo.

Em 1261, os Gregos reconquistaram Constantinopla e colocaram no trono Miguel Paleólogo, o primeiro imperador da que viria a ser a última dinastia bizantina. Na segunda metade do século XIII, a cidade foi assediada por invasores mongóis sob os sucessores de Gengiscão. Conforme o poder mongol ia declinando, os Turcos Otomanos estabeleciam-se na Ásia Menor e punham um pé na Europa. Gibbon descreve estes episódios nos três capítulos seguintes, 62 a 64.

O FIM DO IMPÉRIO ROMANO

Capítulo 65

Cerco de Constantinopla por Amurat II. Disciplina dos Turcos. Invenção da pólvora

Em 1402, o perigo iminente dos Turcos Otomanos foi atalhado por Timur (ou Tamerlão), que capturou o sultão otomano Bajazeto II. O poder otomano voltou, contudo, a renascer sob Amurat II, e a ruína de Constantinopla tornou-se inevitável.

Cerco de Constantinopla por Amurat II

Durante estes conflitos, os turcos mais sensatos e, de um modo geral, o corpo da nação mantiveram-se fortemente apegados à unidade do império; a România e a Anatólia, tantas vezes dilaceradas pela ambição privada, eram movidas por uma tendência forte e irresistível para a coesão. Os seus esforços ofereciam uma lição às potências cristãs; e se estas tivessem ocupado com uma armada confederada o estreito de Galípoli, os Otomanos, pelo menos na Europa, não tardariam a ser desbaratados. Contudo, o cisma

do Ocidente, as facções e as guerras da França e da Inglaterra desviaram os Latinos desta generosa empresa; eles gozaram de um descanso passageiro sem pensar no futuro; e foram muitas vezes levados por um interesse momentâneo a servir o inimigo comum da sua religião. Uma colónia de genoveses que se instalara em Focea, na costa jónica, enriquecia por meio do lucrativo monopólio do alúmen; e a sua tranquilidade no seio do Império Turco era assegurada pelo pagamento anual de um tributo. Na última guerra civil dos Otomanos, o governador genovês, Adorno, um jovem ousado e ambicioso, tomou o partido de Amurat; e tratou de transportá-lo da Ásia para a Europa em sete sólidas galeras. O sultão, acompanhado de quinhentos guardas, embarcou no navio almirante, cuja tripulação se compunha de oitocentos dos mais bravos francos. A sua vida e a sua liberdade estavam nas mãos deles; e não nos é possível aplaudir sem repugnância a fidelidade de Adorno, que, a meio da travessia, se ajoelhou à sua frente e aceitou com gratidão a desobriga dos tributos atrasados. Desembarcaram à vista de Mustafá e de Galípoli; dois mil italianos, armados de lanças e achas, ajudaram Amurat na conquista de Adrianópolis; e este serviço venal obteve em breve como recompensa a ruína do comércio e da colónia de Focea.

Se Timur tivesse marchado generosamente contra Bajazeto a pedido e em socorro do imperador grego, ser-lhe-iam devidos os louvores e o reconhecimento dos cristãos. No entanto, um muçulmano que levava à Geórgia o gládio da perseguição e respeitava a guerra santa de Bajazeto não estava disposto a lastimar ou a proteger os *idólatras* da Europa. O tártaro seguiu o impulso da ambição; e o livramento de Constantinopla não passou de uma consequência indirecta. Quando abdicou do governo, Manuel rogava aos céus, mais do que esperava, que a ruína da Igreja e do Estado pudesse protelar-se até ao fim dos seus tristes dias; e depois do regresso de uma viagem ao Ocidente, ficou a aguardar incessantemente a notícia da negra catástrofe. De súbito, soube com espanto e alegria que sobreviera a retirada, a derrota e o cativeiro do imperador otomano. Manuel navegou imediatamente de Módon, na Moreia, para Constantinopla, subiu ao trono e mandou o seu competidor cego(*) para um exílio desafogado na ilha de Lesbos. Os embaixadores do filho de Bajazeto foram sem demora admitidos à sua presença; mas o orgulho deles estava abatido e o seu tom era modesto; continha-os um justo receio de que os Gregos abrissem as portas da Europa aos Mongóis. Solimão saudou o imperador com o nome de pai; solicitou

das suas mãos o governo ou a doação da România; e prometeu ser digno deste favor mediante uma amizade inviolável e a restituição de Tessalonica, juntamente com as mais importantes praças ao longo do Estrímon, da Propôntida e do mar Negro. A aliança com Solimão expôs o imperador ao ressentimento e à vingança de Muça: os Turcos surgiram em pé de guerra diante das portas de Constantinopla, mas foram repelidos por mar e por terra; e, a menos que a cidade estivesse guardada por mercenários estrangeiros, os Gregos devem ter-se admirado do seu próprio triunfo. Mas, em vez de prolongar a divisão das forças otomanas, a política ou a inclinação levaram Manuel a ajudar o mais temível dos filhos de Bajazeto. Assinou um tratado com Mahomet I, cujo avanço era travado pela barreira intransponível de Galípoli: o sultão e as suas tropas atravessaram o Bósforo nos navios gregos; Mahomet foi recebido hospitaleiramente na capital, e a sua surtida bem-sucedida contra o rival constituiu o primeiro passo para a conquista da România. A ruína de Constantinopla foi suspensa pela prudência e a moderação do vencedor: ele cumpriu fielmente as suas obrigações e as de Solimão; respeitou as leis da gratidão e a paz; e confiou ao imperador grego a tutela dos dois filhos mais novos, na vã esperança de os salvar da crueldade ciosa do seu irmão Amurat. A execução do seu testamento teria, no entanto, ofendido a honra e a religião dos maometanos; e o divã declarou unanimemente que os jovens príncipes não podiam ser entregues ao cuidado e à educação de um cão cristão. Os conselhos bizantinos dividiram-se na atitude a tomar perante tal recusa: mas a idade e a prudência de Manuel cederam à presunção do seu filho João; e eles lançaram mão de uma perigosa arma de vingança, mandando libertar o verdadeiro ou falso Mustafá que estivera durante muito tempo detido como prisioneiro ou refém, e para cuja manutenção recebiam uma pensão anual de trezentos mil aspres da Porta Otomana. Para sair do cativeiro, Mustafá concordou com todas as propostas, e a entrega das chaves de Galípoli, ou seja, da Europa, tal foi o preço estipulado para a sua libertação. No entanto, mal se viu sentado no trono da România, mandou embora os embaixadores gregos com um sorriso de desprezo, afirmando, num tom piedoso, que no Dia do Juízo preferia responder pela violação de um juramento a prestar contas pela rendição de uma cidade muçulmana à face dos infiéis. O imperador tornou-se simultaneamente inimigo dos dois rivais, um dos quais lhe fizera injúria e o outro a recebera dele; e à vitória de Amurat seguiu-se, ao chegar a Primavera, o cerco de Constantinopla.

O desígnio religioso de submeter a cidade dos Césares atraiu uma multidão de voluntários asiáticos que aspiravam à coroa do martírio; o seu ardor militar era inflamado pela perspectiva de ricos despojos e belas escravas; e a ambição do sultão viu-se consagrada pela presença e as predições de Seid Béchar, descendente do profeta, que chegou ao acampamento montado numa mula e acompanhado de um venerável séquito de quinhentos discípulos. No entanto, deve ter corado, se é que um fanático corava, perante o desmentido dos seus vaticínios. A força das muralhas de Constantinopla resistiu a um exército de duzentos mil turcos; os assaltos foram repelidos pelas surtidas dos Gregos e dos seus mercenários estrangeiros; os antigos meios de defesa opuseram-se aos novos engenhos de ataque; e o entusiasmo do dervixe, elevado miraculosamente ao céu para ter uma conversa visionária com Maomé, foi compensado pela credulidade dos cristãos que viram a Virgem Maria vestida de roxo, caminhando sobre as muralhas e encorajando-os à luta. Após um cerco de dois meses, Amurat teve de regressar a Bursa por causa de uma revolta interna ateadada pela perfídia dos Gregos, não tardando a extingui-la no sangue de um irmão inocente. Enquanto ele conduzia os seus janízaros a novas conquistas na Europa e na Ásia, o Império Bizantino gozou de um descanso servil e precário durante trinta anos. Manuel desceu à sepultura; e João Paleólogo obteve licença para reinar em troca de um tributo anual de trezentos mil aspres e da cessão de praticamente tudo o que possuía para lá dos subúrbios de Constantinopla.

Disciplina dos Turcos

No estabelecimento e na restauração do Império Turco, o maior mérito cabe indubitavelmente às qualidades pessoais dos sultões, pois que, na vida humana, os acontecimentos principais dependem do carácter de um único actor. Podemos distingui-los uns dos outros por certas gradações de sabedoria e virtude; no entanto, admitindo uma única excepção, durante um período de nove reinados e duzentos e sessenta e cinco anos, desde a proclamação de Otomão à morte de Solimão, o trono foi ocupado por uma rara sequência de príncipes guerreiros e activos que instilaram obediência nos súbditos e terror nos inimigos. Em vez de ficarem entregues ao luxo

indolente do serralho, os herdeiros da realeza eram educados nos conselhos e nos campos de batalha; ainda muito jovens, os pais confiavam-lhes o comando de províncias e exércitos; e esta nobre instituição, apesar de ocasionar frequentes guerras civis, deu sem dúvida um contributo essencial para a disciplina e o vigor da monarquia. Os Otomanos não podem intitular-se, à semelhança dos califas árabes, descendentes ou sucessores do apóstolo de Deus; e o parentesco que eles reivindicam com os cãs tártaros da casa de Gengis parece mais fundado na adulação do que na verdade. A sua origem é obscura; porém, esse direito sagrado e imprescritível, que o tempo não pode apagar nem a violência infringir, arreigou-se em breve de modo inalterável na mente dos seus súbditos. Um sultão fraco ou vicioso pode ser deposto e estrangulado; contudo, sucede-lhe sempre o seu filho, ainda que seja uma criança ou um imbecil; nunca o mais audacioso rebelde se atreveu a sentar-se no trono do seu legítimo soberano. Enquanto as dinastias vacilantes da Ásia têm sido continuamente derrubadas por um astuto vizir no palácio ou por um general vitorioso nos aquartelamentos, a sucessão otomana, confirmada pela prática de cinco séculos, faz agora parte dos princípios vitais que sustentam a nação turca.

No entanto, esta nação deve em grande parte o seu vigor e a sua constituição a uma influência bastante singular. Os primeiros súbditos de Otomão consistiam nas quatrocentas famílias de turcos nómadas que haviam seguido os antepassados dele do Oxo ao Sangário; e as planícies da Anatólia ainda estão cobertas com as tendas brancas e pretas dos seus compatriotas que habitam os campos. Este núcleo original dissolveu-se, contudo, na massa dos súbditos voluntários e vencidos que, sob o nome de turcos, se encontram unidos pelos laços comuns da religião, da língua e dos costumes. Em todas as cidades, desde Erzerum a Belgrado, esta denominação nacional aplica-se a todos os muçulmanos, que são considerados os primeiros e mais honrosos habitantes; no entanto, pelo menos na România, eles abandonaram as aldeias e o cultivo da terra aos camponeses cristãos. No primeiro vigor do Império Otomano, os próprios turcos estavam excluídos de todas as honras civis e militares; e uma classe servil, um povo factício, foi ensinado pela disciplina da educação a obedecer, a combater e a comandar. Desde o tempo de Orkhan e de Amurat I, os sultões sempre entenderam que um governo militar devia renovar a cada geração os seus soldados; e que estes soldados não deviam ser procurados na efeminada Ásia, mas entre os intrépidos e belicosos naturais

da Europa. As províncias da Trácia, da Macedónia, da Albânia, da Bulgária e da Sérvia tornaram-se o permanente viveiro do exército turco; e quando o quinto que cabia ao sultão do número de cativos diminuiu por causa das conquistas, sujeitaram as famílias cristãs a um imposto desumano que lhes retirava cada quinto filho, ou então se recebia todos os cinco anos. Aos doze ou catorze anos de idade, os jovens mais robustos eram arrancados aos pais; os seus nomes ficavam registados num livro; e a partir desse momento eles eram vestidos, instruídos e sustentados a expensas do público e destinados a servi-lo. Viam-se escolhidos, segundo o seu aspecto, para as escolas reais de Bursa, Pêra e Adrianópolis, confiados à vigilância dos paxás, ou dispersos pelas casas dos camponeses da Anatólia. O primeiro cuidado dos seus mestres consistia em ensinar-lhes a língua turca; os seus corpos eram exercitados em todos os trabalhos susceptíveis de os fortalecer; aprendiam a lutar, a saltar, a correr, a disparar com o arco e, em seguida, a servir-se do mosquete, até ingressarem nas casernas e nas companhias de janízaros para aí serem severamente adestrados na disciplina militar ou monástica da ordem. Os jovens mais notáveis pelo nascimento, os talentos ou a beleza passavam para a classe dos *agiamogls*, ou para a classe superior dos *ichogls*, encontrando-se os primeiros ligados ao palácio e os segundos à pessoa do príncipe. Em quatro escolas sucessivas, sob a férula dos eunucos brancos, a equitação e o lançamento do dardo constituíam o seu exercício diário, enquanto os que aparentavam uma índole mais estudiosa se aplicavam na aprendizagem do Alcorão e das línguas árabe e persa. Conforme avançavam em idade e mérito, eram distribuídos gradualmente pelos empregos militares, civis, ou até mesmo eclesiásticos: quanto mais tempo os conservavam, maiores se tornavam as suas esperanças de chegar a uma alta posição; até que, numa idade já madura, eram admitidos no número dos quarenta agás que acompanhavam o sultão, donde eram promovidos por escolha dele ao governo das províncias e às primeiras honras do império. Este tipo de instituição enquadrou-se admiravelmente na forma e no espírito de uma monarquia despótica. Os ministros e os generais eram, no sentido mais rigoroso, escravos do imperador a cuja bondade deviam a sua instrução e a sua subsistência. Quando abandonavam o serralho e deixavam crescer a barba como símbolo da sua alforria, viam-se investidos de um cargo importante, sem espírito de acção nem laços de amizade, sem pais nem herdeiros, dependentes da mão que os tirara do pó e que, ao mínimo passo em falso, podia fazer em pedaços estas estátuas de

vidro, como os denomina acertadamente um provérbio turco. No decurso de uma educação lenta e penosa, o seu carácter e os seus talentos revelavam-se a um olhar penetrante; o *homem*, nu e só, ficava reduzido à medida do seu mérito pessoal; e se o soberano tinha discernimento para escolher, dispunha de uma clara e ilimitada liberdade de o fazer. Os candidatos otomanos eram treinados para as virtudes da acção pelas da abstinência; e para os hábitos do comando pelos da submissão. Um espírito idêntico animava as tropas; e o silêncio, a sobriedade, a paciência e a modéstia dos janízaros arrancaram elogios aos seus inimigos cristãos. De resto, a vitória não devia parecer duvidosa, comparando a disciplina e o exercício dos Turcos com o orgulho inspirado pelo nascimento, a insubmissão da cavalaria, a ignorância dos recrutas, o carácter sedicioso dos veteranos e as pechas da intemperança e da desordem que durante tanto tempo contaminaram os exércitos da Europa.

Invenção da pólvora

A única esperança de salvação para o Império Grego e os reinos vizinhos só podia residir em alguma arma mais poderosa, em alguma descoberta na arte da guerra que lhes conferisse uma superioridade decisiva sobre os seus inimigos turcos. Uma tal arma estava na sua posse; uma tal descoberta havia sido feita no momento que iria determinar o seu destino. Os químicos da China ou da Europa tinham descoberto, por acaso ou por meio de experiências sistemáticas, que uma mistura de salitre, enxofre e carvão produzia, por acção de uma simples faísca, uma tremenda explosão. Depressa se observou que esta força expansiva, comprimida num tubo sólido, podia expelir uma bala de pedra ou de ferro com uma violência e uma velocidade irresistíveis. A época precisa da invenção e da aplicação da pólvora perde-se em tradições duvidosas e em fórmulas equívocas; podemos, todavia, depreender de modo claro que ela já era conhecida em meados do século XIV, e que antes do fim deste século a Alemanha, a Itália, a Espanha, a França e a Inglaterra recorriam com frequência ao uso da artilharia em batalhas e cercos por terra e por mar. É pouco importante saber qual destas nações a utilizou primeiro; nenhuma pôde retirar qualquer benefício exclusivo do seu prévio ou superior conhecimento; e o

aperfeiçoamento geral manteve inalterada a balança do poder relativo e da ciência militar. Tão-pouco era possível circunscrever o segredo desta descoberta ao mundo cristão; ele foi revelado aos Turcos pela traição dos apóstatas e a política egoísta da rivalidade; e os sultões tiveram suficiente bom senso para adoptar e riquezas bastantes para recompensar os talentos dos engenheiros cristãos. Os Genoveses, que transportaram Amurat para a Europa, podem ser acusados de o terem ensinado; e é provável que as suas mãos hajam fundido e dirigido o canhão de que ele se serviu no cerco de Constantinopla. É bem certo que a primeira tentativa falhou; mas no curso geral das guerras deste século, a vantagem esteve necessariamente do lado deles, pois eram quase sempre os assaltantes; quando o primeiro ardor do ataque e da defesa abrandou, esta artilharia fulminante foi apontada contra as muralhas e torres que não haviam sido erguidas senão para resistir aos engenhos menos potentes da Antiguidade. Os Venezianos comunicaram, sem motivo para censura, o uso da pólvora aos sultões do Egipto e da Pérsia, seus aliados contra o poderio otomano; o segredo não tardou a propagar-se até aos confins da Ásia; e a vantagem dos Europeus ficou restringida às suas fáceis vitórias sobre os selvagens do Novo Mundo. Ao comparar os rápidos progressos desta invenção funesta com os avanços lentos e laboriosos da razão, da ciência e das artes pacíficas, um filósofo rirá ou chorará, consoante o seu temperamento, perante a loucura do género humano.

Capítulo 66

Apelos gregos ao Ocidente. Visita de João Paleólogo a Roma. Visita de Manuel a Itália, França e Inglaterra. Expedição de João Paleólogo II. União temporária dos Gregos e Latinos. Renascimento das letras gregas em Itália. Papa Nicolau V. Uso e abuso da antiga erudição

Nos quatro últimos séculos dos imperadores gregos, o seu comportamento hostil ou amistoso para com o papa e os Latinos pode ser considerado como o termómetro da sua prosperidade ou da sua atribulação — como a escala da ascensão e queda das dinastias bárbaras. Quando os turcos da casa de Seljuque invadiram a Ásia e ameaçaram Constantinopla, vimos no Concílio de Placência os embaixadores de Aleixo a implorar a protecção do pai comum dos cristãos. Mal as armas dos peregrinos franceses rechaçaram o sultão de Niceia para Icónio, os príncipes gregos retomaram ou cessaram de dissimular o seu ódio e desprezo espontâneos pelos cismáticos do Ocidente, precipitando assim a primeira queda do seu império. A data da invasão mongol é assinalada pelo tom suave e caritativo de João Vataces. Após a reconquista de Constantinopla, o trono do primeiro Paleólogo foi abalado por inimigos estrangeiros e internos; enquanto a espada de Carlos se manteve suspensa sobre a sua cabeça, ele cortejou vilmente o pontífice romano, e sacrificou ao perigo do momento a sua fé, as

suas virtudes e a afeição dos súbditos. Após o falecimento de Miguel, o príncipe e o povo defenderam a independência da sua Igreja e a pureza do seu credo; Andronico II, *o Antigo*, não receava nem estimava os Latinos; nos seus últimos infortúnios, o orgulho serviu de salvaguarda à superstição; nem pôde sequer retractar-se decentemente na velhice das opiniões firmes e ortodoxas sustentadas na juventude. O neto dele, Andronico III, mostrou-se menos constrangido pela sua têmpera e pela situação; e a conquista da Bitínia pelos Turcos aconselhou-o a procurar uma aliança temporal e espiritual com os príncipes do Ocidente. Após uma separação e um silêncio de cinquenta anos, um agente secreto, o monge Barlaão, foi encarregado de uma missão junto do Papa Bento XII; e parece que as suas ardilosas instruções tinham sido traçadas pela mão de mestre do grande doméstico. «Mui Santo Pai», incumbiram-no de dizer, «o imperador deseja tanto como vós uma união entre as duas Igrejas; mas, nesta delicada empresa, ele vê-se obrigado a respeitar a sua própria dignidade e os preconceitos dos súbditos. Os caminhos da união são de duas espécies, a força ou a persuasão. Quanto ao primeiro, já se comprovou a sua ineficácia, pois os Latinos subjugaram o império, mas não o espírito dos Gregos. O método da persuasão, embora lento, é seguro e permanente. Uma delegação de trinta ou quarenta dos nossos doutores concordaria provavelmente com os do Vaticano no amor à verdade e na unidade da crença; mas, após o seu regresso, qual seria a utilidade ou a recompensa de um tal acordo? O desprezo dos seus confrades e as censuras de uma nação cega e obstinada. Esta nação está, contudo, habituada a venerar os concílios gerais que fixaram os artigos da nossa fé; e se os Gregos rejeitam os decretos de Lião, é porque as Igrejas do Oriente nunca foram ouvidas nem estiveram representadas nesta reunião arbitrária. Para alcançar este desígnio salutar, será vantajoso e até mesmo necessário que um legado bem escolhido seja enviado à Grécia para reunir os patriarcas de Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém, e, com a ajuda deles, preparar um sínodo livre e universal. Mas, neste momento», prosseguiu o subtil agente, «o império é assaltado e posto em perigo pelos Turcos, que já ocuparam quatro das principais cidades da Anatólia. Os habitantes cristãos expressaram o desejo de voltar a render preito ao seu soberano e à sua Igreja; mas as forças e os rendimentos do imperador são insuficientes para a libertação deles; e o legado romano tem de fazer-se acompanhar ou preceder de um exército de francos capaz de repelir os infiéis e abrir o caminho do Santo Sepulcro.» Na eventualidade de os

desconfiados Latinos exigirem alguma garantia, algum penhor prévio da sinceridade dos Gregos, Barlaão preparara uma resposta perspicaz e razoável. «1) Só um sínodo geral pode consumir a reunião das duas Igrejas; e não é possível convocá-lo antes de os três patriarcas do Oriente e um grande número de bispos estarem libertos do jugo maometano. 2) Os Gregos estão alienados por uma longa série de opressões e injúrias; têm de ser reconquistados por um acto de amor fraterno, por um auxílio eficaz que apoie a autoridade e os argumentos do imperador e dos partidários da união. 3) Mesmo que permaneça qualquer diferença de fé ou de cerimónias, os Gregos são apesar de tudo discípulos de Cristo, e os Turcos são os inimigos comuns do nome cristão. Os Arménios, os Cipriotas e os Ródios são igualmente atacados; e convém à piedade dos príncipes franceses puxar das suas espadas para a defesa geral da religião. 4) Ainda que os súbditos de Andronico sejam encarados como os piores dos cismáticos, dos hereges e dos pagãos, uma política judiciosa deverá induzir os príncipes do Ocidente a acolher um aliado útil, a amparar um império vacilante, a proteger os romeiros da Europa e ajuntar-se aos Gregos contra os Turcos em vez de esperar a fusão dos exércitos turcos com as tropas e os tesouros de uma Grécia cativa.» Os motivos, as ofertas e os pedidos de Andronico esbarraram com uma fria e altiva indiferença. Os reis de França e de Nápoles declinaram os perigos e a glória de uma cruzada; o papa negou-se a convocar um novo sínodo para regular os antigos artigos de fé; e em paga das velhas pretensões do imperador e do clero latino, serviu-se de um endereço ofensivo: «Ao *moderator* dos Gregos e às pessoas que se dizem patriarcas da Igreja do Oriente.» Seria difícil encontrar uma circunstância ou um carácter menos propícios para uma embaixada deste género. Bento XII era um camponês bronco, sempre enleado por escrúpulos e mergulhado na preguiça e no vinho; o seu orgulho pôde enriquecer a tiara papal com uma terceira coroa, mas ele era igualmente inapto para governar um reino ou a Igreja.

Depois da morte de Andronico, os Gregos, absorvidos pela guerra civil, não puderam perder tempo com a união geral dos cristãos. No entanto, mal Cantacuzeno perdoou aos seus inimigos vencidos, logo entendeu dever justificar, ou pelo menos atenuar, a falta que cometera ao introduzir os Turcos na Europa e ao casar a sua filha com um príncipe muçulmano. Dois dos seus ministros, acompanhados de um intérprete latino, foram enviados em seu nome à corte romana, transplantada para Avinhão, nas margens do

Ródano, onde ficou durante um período de setenta anos; eles expuseram a dura necessidade que o forçara a estabelecer uma aliança com os infiéis, e pronunciaram por ordem dele as palavras especiosas e edificantes de *união* e *cruzada*. O Papa Clemente VI, sucessor de Bento, recebeu-os de forma hospitaleira e honrosa, admitiu a inocência de Cantacuzeno, desculpou a sua aflição, elogiou a sua magnanimidade e mostrou um perfeito conhecimento do estado e das revoluções do Império Grego, cujos pormenores soubera através do relato sério de uma senhora da Sabóia, aia da imperatriz Ana. Embora Clemente não possuísse as virtudes de um padre, tinha pelo menos a envergadura e a magnificência de um príncipe cuja mão pródiga distribuía benefícios e reinos com a mesma facilidade. Sob o seu reinado, Avinhão representou a sede da pompa e dos prazeres: durante a juventude, ele excedera a licenciosidade de um barão; e o palácio, ou mais ainda o quarto de dormir do papa, eram adornados ou maculados pelas visitas das suas favoritas. As guerras de França e de Inglaterra contrariavam o projecto de uma cruzada; no entanto, a vaidade de Clemente divertiu-se com esta grandiosa ideia; e os embaixadores gregos regressaram com dois bispos latinos delegados pelo pontífice. À chegada a Constantinopla, o imperador e os núncios cumprimentaram a sua mútua piedade e eloquência; e as suas repetidas conferências abundaram em elogios e promessas recíprocas com que ambas as partes se entretinham sem os levar a sério. «Estou encantado», afirmou o devoto Cantacuzeno, «com o projecto da nossa guerra santa, que deve redundar em minha glória pessoal e ao mesmo tempo em benefício público da Cristandade. Os meus domínios concederão livre passagem aos exércitos da França; as minha tropas, as minhas galeras e os meus tesouros serão consagrados à causa comum; a minha sorte seria digna de inveja se eu pudesse merecer e alcançar a coroa do martírio. As palavras não bastam para exprimir o ardor com que anseio a reunião dos membros esparsos de Cristo. Se a minha morte pudesse contribuir para isso, de bom grado apresentaria a minha espada e o meu pescoço; se a fénix espiritual pudesse renascer das minhas cinzas, ergueria a pira e atearia a fogueira com as minhas próprias mãos.» O imperador grego ousou não obstante observar que os artigos de fé que dividiam as duas Igrejas tinham sido introduzidos pelo orgulho e a precipitação dos Latinos; repudiou o comportamento servil e arbitrário do primeiro Paleólogo e declarou firmemente que apenas submeteria a sua consciência aos decretos de um sínodo livre e universal. «As circunstâncias da época», prosseguiu,

«não permitem ao papa nem a mim um encontro em Roma ou em Constantinopla; pode, no entanto, escolher-se uma cidade marítima nas fronteiras dos dois impérios, para reunir os bispos e instruir os fiéis do Oriente e do Ocidente.» Os nuncios pareceram satisfeitos com a proposta; e Cantacuzeno deu a impressão de deplorar a perda das suas esperanças, que não tardaram a ser dissipadas pela morte de Clemente e as disposições diferentes do seu sucessor. Quanto a ele, viveu ainda durante muito tempo, mas num claustro; e, a não ser pelas suas preces, o humilde monge foi incapaz de orientar a acção do seu pupilo e os destinos do Estado.

Visita de João Paleólogo a Roma

Dentre todos os príncipes bizantinos, este pupilo, João Paleólogo, era no entanto o mais predisposto a escutar, dar crédito e obedecer ao pastor do Ocidente. A sua mãe, Ana de Sabóia, fora baptizada no regaço da Igreja latina; o casamento dela com Andronico forçara-a a mudar de nome, de vestuário e de culto, mas o seu coração permanecera fiel ao seu país e à sua religião; dirigira em pessoa a educação do filho, e governou o imperador mesmo depois de ele se tornar homem, senão no espírito, pelo menos no tamanho. Quando Cantacuzeno se retirou e ele ficou como único senhor da monarquia grega, os Turcos ainda dominavam o Helesponto; o filho de Cantacuzeno reunia rebeldes em Adrianópolis, e Paleólogo não podia fiar-se no seu povo nem em si mesmo. A conselho da mãe, e na esperança de receber ajuda estrangeira, ele sacrificou os direitos tanto da Igreja como do Estado, e este acto de servidão, assinado a tinta púrpura e selado com uma bula de ouro, foi entregue secretamente a um agente italiano. O primeiro artigo do tratado consistia num juramento de fidelidade e de obediência a Inocêncio VI e aos seus sucessores, os sumos pontífices da Igreja romana e católica. O imperador prometia acolher com a devida reverência os legados e os nuncios, destinar um palácio à residência e um templo ao culto deles, e entregar o seu segundo filho, Manuel, como refém e penhor de fidelidade. A troca destas concessões, solicitava um socorro imediato de quinze galeras com quinhentos homens de armas e mil arqueiros, para o defenderem dos inimigos cristãos e muçulmanos. Paleólogo prometia impor o jugo espiritual do pontífice romano ao seu clero e ao seu povo; mas na medida

em que a resistência dos Gregos era fácil de prever, propunha os dois meios eficazes da sedução e da educação. O legado foi autorizado a distribuir os benefícios vagos pelos eclesiásticos que subscrevessem o credo ao Vaticano; fundaram-se três escolas para instruir a juventude de Constantinopla na língua e na doutrina dos Latinos; e o nome de Andronico, herdeiro do império, apareceu em primeiro lugar na lista dos estudantes. Caso falhassem as suas iniciativas de persuasão ou de força, Paleólogo declarava-se indigno de reinar, transferindo então para o papa toda a autoridade régia e paterna e investindo Inocêncio de plenos poderes para dirigir a sua família e o seu governo, e casar Andronico, seu filho e sucessor. No entanto, este tratado nunca chegou a ser executado nem publicado; as galeras romanas eram tão vãs e imaginárias como a submissão dos Gregos; e só o segredo salvou o seu soberano da desonra desta inútil humilhação.

A fúria dos exércitos turcos não tardou a precipitar-se sobre ele; e após a perda de Adrianópolis e da România, viu-se enclausurado na sua capital, vassalo do orgulhoso Amurat, e reduzido à triste esperança de ser apenas o último devorado por este selvagem. Em tal estado de rebaixamento, Paleólogo resolveu embarcar para Veneza, indo dali lançar-se aos pés do papa; foi o primeiro dos príncipes bizantinos a visitar as regiões desconhecidas do Ocidente; mas a verdade é que em nenhum outro lado podia encontrar consolação ou ajuda, e a sua dignidade sofria menos ao aparecer no sacro colégio do que na Porta Otomana. Após uma prolongada ausência, os pontífices romanos regressavam nessa altura de Avinhão às margens do Tibre. Urbano V, dotado de um carácter doce e virtuoso, encorajou ou permitiu a peregrinação do príncipe grego, e, no mesmo ano, pôde regozijar-se de receber no Vaticano as duas sombras imperiais que representavam a majestade de Constantino e de Carlos Magno. Nesta visita de súplicas, o imperador de Constantinopla, cuja vaidade se diluía na aflição, levou mais longe do que seria de esperar as palavras ocas e as submissões formais. Obrigado a passar primeiro por um interrogatório na presença de quatro cardeais, ele reconheceu, como bom católico, a supremacia do papa e a dupla processão do Espírito Santo. Depois desta purificação, compareceu numa audiência pública na Igreja de São Pedro. Urbano estava sentado no trono rodeado de cardeais, e o monarca grego, após três genuflexões, beijou devotamente os pés, as mãos e, por fim, a boca do santo padre, que celebrou uma missa solene na sua presença, lhe

permitiu segurar na rédea da sua mula e lhe ofereceu um sumptuoso banquete no Vaticano. A recepção a Paleólogo foi amistosa e honrosa, mas Urbano concedeu uma certa preferência ao imperador do Ocidente; e o primeiro não teve o raro privilégio de cantar o Evangelho na qualidade de diácono. Urbano esforçou-se por reacender o zelo do rei francês e dos outros monarcas do Ocidente em favor do seu prosélito; mas estes só se interessavam pela suas querelas particulares, descurando assim a causa geral. A última esperança do imperador residia num mercenário inglês, John Hawkwood, ou Acuto, que, seguido de um bando de aventureiros, a Irmandade Branca, devastara a Itália dos Alpes à Calábria, vendia os seus serviços a quem quisesse pagá-los e incorrera numa justa excomunhão por atacar a residência papal. Urbano concedeu uma licença especial para se negociar com o bandido, mas as forças ou a coragem de Hawkwood não estavam à altura da empresa; e talvez haja sido bom para Paleólogo não ter desfrutado de uma ajuda provavelmente dispendiosa, decerto ineficaz, e que poderia revelar-se perigosa. O descoroçoado grego preparava-se para voltar, mas até o seu regresso foi contrariado por um obstáculo humilhante. À chegada a Veneza, pedira emprestadas somas avultadas a juro exorbitante; porém, os seus cofres estavam vazios, os credores mostravam-se impacientes, e ele acabou por ser detido para segurança do pagamento. O seu filho mais velho, Andronico, regente de Constantinopla, viu-se repetidamente instado a usar todos os recursos, e até mesmo a despojar as igrejas para livrar o pai do cativo e da vergonha. No entanto, o jovem mostrou-se insensível à ignomínia do pai e alegrou-se secretamente do seu cativo; o Estado era pobre, e o clero obstinado; nem sequer faltava algum escrúpulo religioso para mascarar esta indiferença criminosa. Manuel, irmão de Andronico, cheio de piedade, censurou-lhe a sua negligência tão contrária ao dever e logo vendeu ou hipotecou tudo o que possuía, embarcou para Veneza, libertou o pai e ofereceu-se a si mesmo como garante da dívida. No regresso a Constantinopla, Paleólogo, como pai e rei, tratou os dois filhos consoante o mérito de cada um; só que a fé e os costumes do indolente Paleólogo não haviam melhorado com a peregrinação a Roma; e a sua apostasia ou conversão, desprovida de quaisquer efeitos espirituais ou temporais, foi rapidamente esquecida por Gregos e Latinos.

Visita de Manuel a Itália, França e Inglaterra

Trinta anos após o regresso de Paleólogo, o seu filho e sucessor Manuel visitou igualmente os países do Ocidente, pelos mesmos motivos mas em mais extenso itinerário. Num capítulo anterior, já mencionei o seu tratado com Bajazeto, a violação deste tratado, o cerco ou bloqueio de Constantinopla e o auxílio enviado pelos Franceses sob o comando do galhardo Boucicault. Manuel solicitara a ajuda dos príncipes latinos por intermédio dos seus embaixadores, mas julgou-se que a presença de um monarca aflito arrancaria lágrimas e socorros aos bárbaros mais rudes; e o marechal que lhe aconselhava esta viagem precedeu-o para preparar a recepção ao príncipe bizantino. Os Turcos impediram as comunicações por terra, mas a navegação de Veneza era livre e segura. A Itália recebeu-o como o primeiro, ou pelo menos como o segundo dos príncipes cristãos. Manuel inspirou compaixão enquanto campeão e confessor da fé, e a dignidade do seu comportamento impediu que esta compaixão descambasse em desprezo. De Veneza, ele seguiu para Pádua e Pavia, e o próprio duque de Milão, se bem que aliado secreto de Bajazeto, mandou-o acompanhar de forma segura e honrosa até às fronteiras dos seus domínios. Ao entrar em França, os oficiais do rei tomaram-no a seu cargo, pagaram-lhe as despesas e conduziram-no; e dois mil dos mais ricos cidadãos, armados e a cavalo, vieram ao seu encontro em Charenton, nos arredores da capital. Às portas de Paris, ele foi saudado pelo chanceler e pelo Parlamento; e Carlos VI, com os príncipes e nobres, acolheu o seu irmão com um abraço cordial. Revestiram o sucessor de Constantino de uma túnica de seda branca e deram-lhe para montar um corcel branco como leite, uma circunstância de particular relevo no cerimonial francês, pois a cor branca é considerada o símbolo da soberania. Na sua última visita, o imperador da Alemanha, depois de reclamar com altivez esta distinção e receber uma teimosa recusa, tivera de se contentar com um cavalo preto. Manuel alojou-se no Louvre; uma sucessão de festas e bailes, de prazeres da mesa e da caça engenhosamente variados, tal foi o modo de a cortesia dos Franceses alardear a sua própria magnificência e distrair a dor do príncipe estrangeiro; concederam-lhe o uso particular de uma capela, e os doutores da Sorbona observaram, surpreendidos, e possivelmente escandalizados, a língua, os ritos e as vestes do clero grego. No entanto, o primeiro relance de olhos ao

estado do reino fê-lo desesperar de qualquer ajuda eficaz. O infeliz Carlos, embora tivesse momentos de lucidez, caía permanentemente numa demência frenética ou idiota; as rédeas do governo eram sucessivamente empunhadas pelo irmão e pelo tio, os duques de Orleães e de Borgonha, cuja sediciosa rivalidade preparava as calamidades da guerra civil. O primeiro era um jovem alegre, amante do luxo e grande apreciador de mulheres; o segundo era pai de João, conde de Nevers, recentemente resgatado do cativo turco; e se este príncipe intrépido estava ansioso por vingar-se da sua derrota, já o pai, mais prudente, ficara farto com o preço e os perigos da primeira experiência. Manuel, depois de satisfazer a sua curiosidade, e talvez de moer a paciência dos Franceses, resolveu fazer uma visita à ilha vizinha. No caminho de Dôver para Londres, foi recebido em Cantuária com as devidas honras pelo prior e os monges de Santo Agostinho; em Blackheath, o rei Henrique IV, seguido da corte inglesa, saudou o herói grego (transcrevo um velho cronista) que, durante muitos dias, se viu acolhido e tratado em Londres como o imperador do Oriente. Mas a disposição da Inglaterra era ainda mais adversa ao desígnio da guerra santa. Nesse mesmo ano, o soberano legítimo havia sido deposto e assassinado; o príncipe reinante, Henrique de Lencastre, cuja ambição o levava a usurpar o poder, vivia atormentado pela inquietação e o remorso, não ousando afastar-se com as suas forças da defesa de um trono incessantemente abalado por conspirações e revoltas. Manifestou a sua pena, elogiou e festejou o imperador de Constantinopla, mas, se fez voto de tomar a cruz, foi apenas para apaziguar o seu povo, e talvez a sua consciência, pelo mérito ou a aparência desta piedosa intenção. Cumulado, no entanto, de presentes e honras, Manuel regressou a Paris; e depois de ter passado dois anos no Ocidente, atravessou a Alemanha e a Itália, embarcou em Veneza, e esperou pacientemente na Moreia o momento da sua ruína ou do seu livramento. Escapara, todavia, à necessidade ignominiosa de vender a sua religião, quer publicamente, quer em segredo. A Igreja latina estava dilacerada pelo grande cisma: os reis, as nações, as universidades da Europa, dividiam-se na sua obediência aos dois papas de Roma e de Avinhão; e o imperador grego, ansioso por granjear a simpatia dos dois partidos, absteve-se de qualquer correspondência com estes dois rivais indignos e impopulares. A sua viagem coincidiu com o ano do jubileu; porém, atravessou a Itália sem pedir ou merecer a indulgência plenária que apagava os pecados dos fiéis e os dispensava da penitência. O papa romano

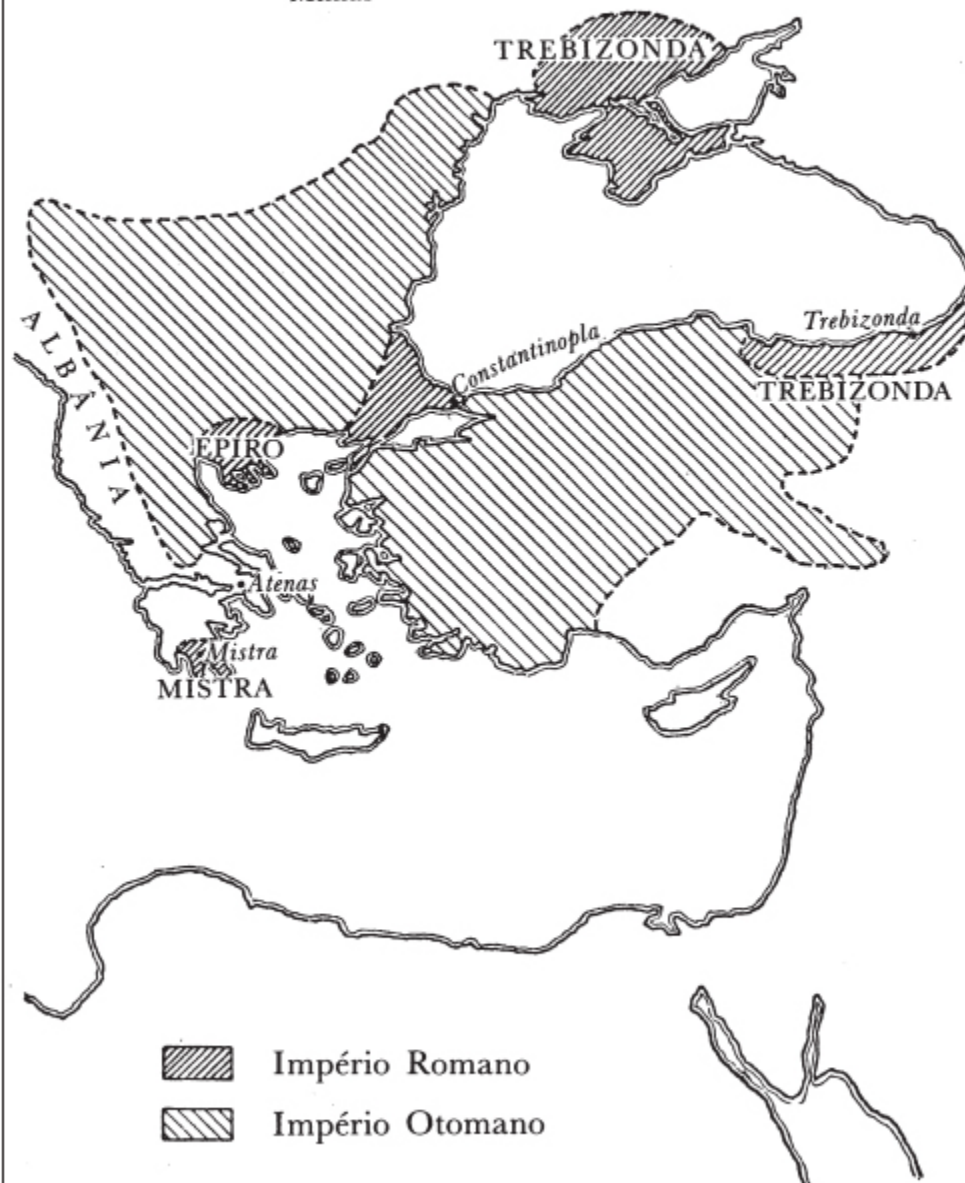
sentiu-se ofendido com esta indiferença, acusou Manuel de irreverência pela imagem de Cristo e exortou os príncipes de Itália a repudiar e abandonar um cismático obstinado.

Durante o período das cruzadas, os Gregos tinham contemplado com surpresa e horror o curso perpétuo das emigrações que não cessavam de brotar das regiões desconhecidas do Ocidente. As visitas dos seus últimos imperadores rasgaram o véu da separação e expuseram aos olhos deles as poderosas nações da Europa, as quais já não ousavam estigmatizar com o labéu de bárbaros.

O IMPÉRIO ROMANO CERCA
DE 1400

R Ú S S I A

0 100 200 300 400
Milhas



Os comentários de Manuel e dos seus mais curiosos acompanhantes foram conservados por um historiador bizantino da época; vou coligir e abreviar as suas ideias esparsas, e talvez se torne assim divertido, ou quiçá instrutivo, observar este quadro grosseiro da Alemanha, da França e da Inglaterra cujo estado antigo e moderno é tão familiar aos nossos espíritos.

I. A ALEMANHA (afirma o grego Calcôndilas) é um vasto país que se estende de Viena até ao oceano desde (uma estranha geografia) Praga, na Boémia, ao rio Tartesso e às montanhas dos Pirenéus. O solo, se exceptuarmos os figos e as azeitonas, é bastante fértil; o ar é salubre, os corpos dos nativos são robustos e saudáveis, e estas frias regiões raramente sofrem as calamidades da peste ou dos terremotos. Depois dos Citas ou dos Tártaros, os Alemães são a nação mais numerosa; possuem um temperamento corajoso e paciente, e se estivessem unidos sob um único chefe, disporiam de uma força irresistível. Obtiveram do papa o privilégio de eleger o imperador dos Romanos; e não existe um povo mais zeloso na fé e obediente ao patriarca latino. A maior parte do país encontra-se dividida entre os príncipes e os prelados; no entanto, Estrasburgo, Colónia, Hamburgo e mais de duzentas cidades livres são regidas por leis sábias e equitativas, conformes à vontade e ao interesse de toda a comunidade. O uso de duelos, ou combates singulares a pé, é frequente entre eles em tempo de paz e de guerra; a sua indústria tem fama em todas as artes mecânicas; e os Alemães podem gabar-se da invenção da pólvora e do canhão hoje em dia difundidos na maior parte dos países.

II. O reino de França estende-se por cerca de quinze ou vinte dias de viagem, desde a Alemanha até Espanha, e dos Alpes ao mar que a separa de Inglaterra, possuindo muitas e prósperas cidades, entre as quais Paris, a residência do rei, que ultrapassa as restantes em riqueza e luxo. Muitos príncipes e senhores servem alternadamente no palácio do monarca e reconhecem-no como seu soberano; os mais poderosos são os duques de Bretanha e de Borgonha, e este último possui a rica província de Flandres, cujos portos são frequentados pelos nossos comerciantes e pelos das mais remotas regiões. Os Franceses são um povo antigo e opulento; a sua língua e os seus costumes, embora um tanto diferentes, têm parentescos com os dos Italianos. Orgulhosos da dignidade imperial de Carlos Magno, das suas vitórias sobre os Sarracenos e dos feitos dos seus heróis Oliveiros e Rolando, eles consideram-se a primeira nação do Ocidente; no entanto, esta arrogância insensata foi recentemente humilhada pelo desfecho infeliz da

guerra contra os Ingleses, que habitam a ilha britânica. III. A INGLATERRA, no meio do oceano e defronte da costa da Flandres, pode ser considerada como uma ou como três ilhas; mas o todo encontra-se reunido por um interesse comum, pelos mesmos costumes e por um só governo. O seu perímetro é de cinco mil estádios; o país está coberto de cidades e aldeias; embora desprovido de vinhas e pouco abundante em árvores de fruto, é fértil em trigo, cevada, mel e lã; habitantes fabricam uma grande quantidade de panos. No tocante a população, poder, riqueza e luxo, Londres, a metrópole da ilha, ganha a palma a todas as cidades do Ocidente. Situa-se no Tamisa, um rio largo e rápido que desagua no mar da Gália a trinta milhas de distância; e o fluxo e refluxo diários oferecem uma entrada e saída seguras aos navios de comércio. O rei é o chefe de uma poderosa e turbulenta aristocracia; os seus principais vassallos dispõem de feudos em regime alodial, e as leis definem os limites da autoridade do monarca e da obediência dos feudatários. Este reino tem sido repetidamente afligido pela conquista de estrangeiros e por sedições internas; os seus naturais, no entanto, são corajosos e robustos, afamados nas armas e vitoriosos na guerra. A forma dos seus escudos ou tarjas inspira-se na dos Italianos, e a das suas espadas na dos Gregos; o uso exímio do arco é o motivo especial e decisivo da superioridade militar dos Ingleses. A sua língua não tem qualquer afinidade com os idiomas do continente; já os seus hábitos de vida doméstica têm muitas semelhanças com os dos seus vizinhos de França; o aspecto mais singular dos seus costumes reside, porém, na pouca conta em que têm a honra conjugal e a castidade das mulheres. Nas visitas mútuas, o primeiro acto de hospitalidade consiste em deixar os convidados beijar as suas mulheres e filhas; elas são cedidas e emprestadas aos amigos sem a mínima vergonha; em verdade, os habitantes das ilhas não se ofendem com este estranho comércio e suas inevitáveis consequências. Inteirados como estamos dos costumes da velha Inglaterra, e seguros da virtude das nossas mães, podemos sorrir da credulidade ou indignar-nos da injustiça do historiador grego, que deve ter confundido uma decorosa saudação(*) com um beijo criminoso. No entanto, esta credulidade ou injustiça pode ensinarnos de modo útil a desconfiar dos relatos de viajantes sobre nações estrangeiras e distantes, e a não acreditar piamente nas narrativas que contradizem as leis da Natureza e o carácter do homem.

Após o seu regresso e a vitória de Timur, Manuel reinou durante muitos anos em paz e prosperidade. Enquanto os filhos de Bajazeto procuraram a

sua amizade e pouparam os seus domínios, ele contentou-se com a religião nacional; e aproveitou os seus lazeres para compor vinte diálogos teológicos em defesa dela. A chegada dos embaixadores bizantinos ao Concílio de Constança anunciou a restauração do poder turco, bem como o da Igreja latina; a conquista dos sultões Mahomet e Amurat reconciliou o imperador com o Vaticano; e o cerco de Constantinopla quase o levou a aquiescer à dupla processão do Espírito Santo. Quando Martinho V ascendeu sem rival à cadeira de São Pedro, restabeleceu-se uma amistosa troca de cartas e embaixadas entre o Oriente e o Ocidente. A ambição, por um lado, e o infortúnio, por outro, ditavam uma mesma linguagem de caridade e paz; o ardiloso grego exprimia o desejo de casar os seus seis filhos com princesas italianas; e o romano, não menos astuto, enviou a filha do marquês de Montferrato, juntamente com um séquito de nobres donzelas capazes de amaciar, com os seus encantos, a obstinação dos cismáticos. No entanto, um olhar penetrante podia entrever que, sob a aparência do zelo, tudo era oco e falso na corte e na Igreja de Constantinopla. Segundo as vicissitudes do perigo e da trégua, o imperador avançava ou recuava; autorizava e desacreditava alternadamente os seus ministros; e escapava a insistências importunas alegando o dever de consultar os patriarcas e os bispos a fim de ter em conta a opinião deles, e a impossibilidade de os reunir numa altura em que os exércitos turcos se encontravam às portas da capital. A partir do exame das conversações públicas parece que os Gregos insistiam em três medidas sucessivas, um auxílio, um concílio e uma reunião final, enquanto os Latinos se furtavam à segunda e somente prometiam a primeira como uma consequência e uma recompensa voluntária da terceira. Temos, contudo, o ensejo de apurar as mais secretas intenções de Manuel, tal como ele as explicou numa conversa privada sem artifício nem disfarce. Na velhice, o imperador associara ao poder João Paleólogo, o segundo de nome e o mais velho dos seus filhos, no qual depositou a maior parte da autoridade e do peso do governo. Um dia, estando apenas presente o historiador Franza, o seu camareiro favorito, Manuel expôs ao seu colega e sucessor o verdadeiro princípio das negociações com o papa. «O nosso último recurso contra os Turcos», declarou ele, «reside no medo que lhes inspira a nossa união com os Latinos, com essas nações belicosas do Ocidente que podem pegar em armas para nos socorrer e os destruir a eles. Sempre que te sentires ameaçado pelos infiéis, faz-lhes ver este perigo. Propõe um concílio; entra

em negociações, mas adia sempre e evita a convocação de uma assembleia que jamais te seria de qualquer serventia espiritual ou temporal. Os Latinos são orgulhosos; os Gregos, obstinados; nenhum dos partidos voltará atrás ou se retractará; e a tentativa de consumação de uma união perfeita só confirmaria o cisma e separaria as Igrejas, deixando-nos a nós, sem esperança nem meios, à mercê dos bárbaros.» Pouco satisfeito com esta salutar lição, o jovem príncipe levantou-se e saiu em silêncio; e o sábio monarca (prossegue Franza) pousando os olhos em mim, retomou desta forma o seu discurso: «O meu filho julga-se grande e heróico; só que, infelizmente, o nosso triste tempo não é propício ao heroísmo nem à grandeza. O seu espírito ousado conviria antes aos tempos mais felizes dos nossos antepassados; mas a situação presente exige menos um imperador do que um cauteloso administrador dos últimos destroços das nossas fortunas. Bem me recordo das altas esperanças que ele depositou na nossa aliança com Mustafá; e temo muito que a sua coragem temerária apresse a ruína da nossa casa, e que a própria religião acompanhe a nossa queda.» Todavia, a experiência e a autoridade de Manuel preservaram a paz e evitaram o concílio; até que, aos setenta e oito anos de idade, envergando um hábito de monge, ele chegou ao fim da vida depois de ter distribuído os seus bens mais preciosos pelos filhos, pelos pobres, pelos seus médicos e pelos criados favoritos. Dos seis filhos, Andronico, o segundo, recebeu o principado de Tessalónica e morreu de lepra pouco depois da venda desta cidade aos Venezianos e da sua conquista final pelos Turcos. Alguns episódios felizes haviam reintegrado o Peloponeso, ou Moreia, no império; e em tempos mais prósperos, Manuel fortificara o estreito istmo de seis milhas com uma muralha de pedra flanqueada de cento e cinquenta e três torres. A muralha desabou à primeira carga dos Otomanos; a fértil península poderia ter bastado aos quatro irmãos mais novos, Teodoro e Constantino, Demétrio e Tomás; mas eles desperdiçaram os restos da sua força em guerras civis, e os vencidos ficaram reduzidos a uma vida de dependência no palácio bizantino do seu irmão João Paleólogo II.

A expedição de João Paleólogo II

O mais velho dos filhos de Manuel, João Paleólogo II, foi reconhecido, após a morte do pai, como único imperador dos Gregos. Começou por repudiar a mulher e contrair novo casamento com a princesa de Trebizonda: a beleza era, a seus olhos, o primeiro requisito de uma imperatriz; e o clero cedera à sua firme ameaça de que, caso não lhe concedessem o divórcio, recolheria a um claustro e deixaria o trono ao seu irmão Constantino. A primeira, e afinal a única vitória de Paleólogo, foi a que alcançou sobre um judeu que, após uma longa e douda disputa, converteu à fé cristã; e esta relevante conquista ficou cuidadosamente registada na história do tempo. Ele não tardou, contudo, a retomar o desígnio de reunir o Oriente e o Ocidente; e, sem atender aos avisos do pai, deu ouvidos, segundo parece de boa-fé, à proposta de se avistar com o papa num concílio geral do outro lado do Adriático. Este arriscado projecto foi encorajado por Martinho V e friamente encarado pelo seu sucessor Eugénio, até que, após uma enfadonha negociação, o imperador recebeu uma notificação da parte de uma assembleia latina de um novo género, a dos prelados independentes de Basileia, que se intitulavam representantes e juizes da Igreja Católica. O pontífice romano defendera e ganhara a causa da liberdade eclesiástica; no entanto, o clero vitorioso viu-se rapidamente exposto à tirania do seu libertador, cujo carácter sagrado o punha ao abrigo das armas que eles empregavam com tanto desembaraço e eficiência contra os magistrados civis. A maior prerrogativa deles, o direito de eleição, era aniquilada por apelos, escamoteada por cargos ou comendas, baldada por doações reversíveis, e postergada por prévias e arbitrarias reservas. A corte de Roma instituiu uma venda pública: os cardeais e os favoritos do papa enriqueciam com os despojos das nações; e todos os países podiam queixar-se de que os mais importantes e valiosos benefícios do seu território iam acumular-se sobre a cabeça dos estrangeiros e dos ausentes. Durante a sua residência em Avinhão, a ambição dos papas descambou nas paixões mais baixas da avareza(*) e do luxo: impunham rigorosamente ao clero o tributo dos primeiros frutos e dos dízimos; toleravam, no entanto, a impunidade dos vícios, das desordens e da corrupção. Estes múltiplos escândalos foram agravados pelo grande cisma do Ocidente, que se prolongou por mais de cinquenta anos. Nas tempestuosas disputas de Roma e Avinhão, os vícios dos rivais eram mutuamente publicados; e a sua situação precária degradava a sua autoridade, abrandava a sua disciplina e multiplicava as suas necessidades e as suas exacções. Os sínodos de Pisa e Constança reuniram-

se sucessivamente para curar os males e restaurar a influência da Igreja; mas estas grandes assembleias, conscientes da sua força, resolveram restabelecer os privilégios da aristocracia cristã. Os padres de Constança pronunciaram uma sentença pessoal contra dois pontífices que eles recusavam reconhecer, e depuseram por meio de outra aquele que tinham aceitado como seu soberano; em seguida passaram a examinar a natureza e os limites da supremacia romana; e não se separaram antes de terem estabelecido a autoridade, acima do papa, de um concílio geral. Estatuiu-se que estas assembleias teriam lugar a intervalos regulares em vista do governo e da reforma da Igreja; e que cada sínodo, antes de se dissolver, indicaria o local e a data da reunião seguinte. A convocação do previsto Concílio de Siena foi facilmente evitada graças ao ascendente da corte de Roma; no entanto, a actuação ousada e vigorosa do Concílio de Basileia esteve quase a ser fatal para o pontífice reinante, Eugénio IV. Uma justa suspeita quanto aos desígnios dele levou os padres a apressar a publicação do seu primeiro decreto, segundo o qual os representantes da Igreja militante estavam investidos de uma jurisdição divina e espiritual sobre todos os cristãos, sem exceptuar o papa; além de que não se podia dissolver, prorrogar ou transferir um concílio geral sem a livre deliberação e o consentimento dos seus membros. Ao saber que Eugénio fulminara mesmo assim uma bula de dissolução, eles aventuraram-se a intimar, admoestar, ameaçar e censurar o contumaz sucessor de São Pedro. Após inúmeras demoras concedidas para lhe darem tempo de se arrepender, acabaram por declarar que, se ele não se submetesse no prazo de sessenta dias, ficaria suspenso do exercício de toda a autoridade temporal e eclesiástica. E para assinalar a sua jurisdição sobre o príncipe e bem assim sobre o padre, eles assumiram o governo de Avinhão, anularam a alienação do património sagrado e proibiram a cobrança de novos impostos. A sua ousadia foi justificada não só pela opinião geral do clero, mas também pela aprovação e protecção dos principais monarcas da Cristandade: o imperador Sigismundo declarou-se servidor e defensor do sínodo: a Alemanha e a França aderiram igualmente à causa dele; o duque de Milão era inimigo pessoal de Eugénio; e uma insurreição do povo romano forçou o pontífice a fugir do Vaticano. Rejeitado em simultâneo pelos seus súbditos temporais e espirituais, restava-lhe a submissão como única alternativa: o papa revogou os seus actos e ratificou os do concílio por meio de uma bula humilhante; incorporou os seus legados e os cardeais nesta venerável assembleia;

pareceu resignar-se aos decretos de uma legislatura suprema. A fama deles estendeu-se aos países do Oriente, e foi na presença dos padres do concílio que Sigismundo recebeu os embaixadores do sultão turco, os quais depuseram a seus pés doze grandes vasos cheios de vestes de seda e moedas de ouro. Os padres de Basileia aspiravam à glória de trazer os Gregos, bem como os Boémios, para o seio da Igreja; e os seus delegados instaram o imperador e o patriarca de Constantinopla a reunir-se a uma assembleia que gozava da confiança das nações do Ocidente. Paleólogo não se mostrou avesso à proposta; e os seus embaixadores foram introduzidos com as devidas honras no senado católico. Todavia, a escolha do lugar parecia um obstáculo insuperável, pois ele recusava-se a atravessar os Alpes ou o mar da Sicília e exigia que o sínodo se reunisse em alguma cidade de Itália, ou pelo menos nas cercanias do Danúbio. Os outros artigos deste tratado depararam com menos dificuldades; e concordou-se em custear as despesas da viagem do imperador com um séquito de setecentas pessoas, em enviar-lhe imediatamente a soma de oito mil ducados para o alojamento do clero grego, e, na sua ausência, em conceder dez mil ducados, trezentos arqueiros e algumas galeras para a protecção de Constantinopla. A cidade de Avinhão adiantou os fundos para as primeiras despesas; e preparou-se o embarque em Marselha com alguma dificuldade e lentidão. Na sua atribulada situação, a amizade de Paleólogo era apesar de tudo disputada pelos poderes eclesiásticos do Ocidente; mas a hábil actividade de um monarca prevaleceu sobre os morosos debates e os procedimentos rígidos que caracterizam uma república. Os decretos de Basileia tendiam continuamente a circunscrever o despotismo do papa e a erguer um tribunal supremo e permanente na Igreja. Eugénio sentia-se impaciente com o jugo que lhe impunham; e a união dos Gregos oferecia-lhe um pretexto decente para deslocar um sínodo rebelde do Reno para o Pó. A independência dos padres acabaria se eles atravessassem os Alpes; Sabóia ou Avinhão, com as quais anuíram a contragosto, eram vistas em Constantinopla como situadas muito para lá das Colunas de Hércules; o imperador e o seu clero temiam os perigos de uma prolongada navegação; além do mais, ficaram ofendidos com a arrogante declaração do concílio segundo o qual, depois de suprimir a *nova* heresia dos Boémios, ele anunciava que não tardaria a erradicar a *velha* heresia dos Gregos. Por parte de Eugénio, tudo era calma, condescendência e respeito; convidava, aliás, o monarca bizantino a pôr cobro, com a sua presença, ao cisma da Igreja latina, bem como à do

Oriente. Ferrara, próximo do litoral adriático, foi o local sugerido para o amistoso encontro de ambos; e a coberto de alguma maquinação e embuste, forjou-se um decreto doloso que transferia o sínodo, com o seu próprio consentimento, para esta cidade italiana. Nove galeras foram equipadas para este efeito em Veneza e na ilha de Cândia; elas anteciparam-se aos navios mais lentos de Basileia; o almirante romano recebeu ordens para os incendiar, afundar e destruir; e estas esquadras eclesiásticas poderiam ter-se defrontado nas mesmas águas onde Atenas e Esparta haviam outrora lutado pela glória da preeminência. Instado por cada uma das facções que pareciam prontas a lutar pela posse da sua pessoa, Paleólogo ainda hesitou, antes de abandonar o seu palácio e o seu país, em tentar esta perigosa expedição. Os conselhos do pai continuavam frescos na sua memória, e o bom senso talvez lhe sugerisse que os Latinos, divididos entre si, jamais viriam a unir-se por uma causa estrangeira. Sigismundo quis dissuadi-lo de tão inoportuna aventura; a sua opinião era imparcial, pois ele aderira ao concílio; e era ainda reforçada pelo estranho convencimento então existente de que o César alemão nomearia um grego como seu herdeiro e sucessor no Império do Ocidente. O próprio sultão turco era outro conselheiro no qual podia ser perigoso confiar, mas que se tornava arriscado ofender. Amurat não era versado nas disputas dos cristãos, mas mostrava-se apreensivo com a eventual união deles. Ofereceu-se para prover às necessidades da corte bizantina pondo à disposição os seus tesouros; declarou, porém, com aparente magnanimidade, que Constantinopla se manteria segura e inviolável na ausência do seu soberano. A resolução de Paleólogo acabou por ser forçada pelos mais esplêndidos presentes e pelas mais belas promessas; ele pretendia afastar-se durante uns tempos de um cenário de perigo e desgraça; e depois de despedir com uma resposta ambígua os embaixadores do concílio, declarou a sua intenção de embarcar nas galeras romanas. A avançada idade do patriarca José tornava-o mais passível de medo que de esperança; receando os perigos que iria correr no mar, fez então notar que a sua débil voz, junta porventura à de trinta prelados ortodoxos, seria abafada em terra estrangeira pelo poder e o número dos bispos que compunham o sínodo latino. Cedeu, porém, ao mandato real, à asserção lisonjeira de que o escutariam como o oráculo das nações, e ao secreto desejo de aprender com o seu irmão do Ocidente a libertar a Igreja do jugo dos reis. Os cinco cruciferários ou dignitários de Santa Sofia foram postos ao seu serviço pessoal; e um deles, o grande eclesiarca ou pregador,

Silvestre Sirópulo, compôs uma história curiosa e sincera *da falsa* união. A submissão era o primeiro dever, e a paciência a virtude mais útil, entre o clero que obedeceu relutantemente às ordens do imperador e do patriarca. Numa lista escolhida de vinte bispos, encontramos os metropolitas de Heracleia, Cízico, Niceia, Nicomedia, Éfeso e Trebizonda, e, por mérito pessoal, Marcos e Bessarion, elevados à dignidade episcopal pela confiança que o seu saber e a sua eloquência inspiravam. Alguns monges e filósofos viram-se nomeados para alardear a ciência e a santidade da Igreja grega; e o serviço do coro era efectuado por um grupo seleccionado de cantores e músicos. Os patriarcas de Alexandria, Antioquia e Jerusalém participavam por intermédio dos seus lídimos ou supostos delegados; o primaz da Rússia representava uma Igreja nacional, e os Gregos podiam rivalizar com os Latinos pela extensão do seu império espiritual. Os preciosos vasos de Santa Sofia foram expostos aos ventos e às ondas para que o patriarca pudesse officiar com o conveniente esplendor; gastou-se todo o ouro que o imperador conseguiu arranjar na decoração do seu carro e do seu leito de ornamentos maciços; e enquanto tentavam manter o exterior da sua antiga fortuna, os Gregos disputavam a partilha de quinze mil ducados, a primeira esmola enviada pelo pontífice romano. Após os necessários preparativos, João Paleólogo, acompanhado de um numeroso séquito e levando consigo o seu irmão Demétrio e as personalidades mais respeitáveis da Igreja e do Estado, embarcou em oito navios à vela e a remos que rumaram pelo estreito turco de Galípoli em direcção ao Arquipélago, à Moreia e ao golfo Adriático.

União temporária dos Gregos e Latinos

Após uma longa e cansativa navegação de setenta e sete dias, a esquadra religiosa ancorou diante de Veneza; e a recepção que lhe fizeram patenteou o júbilo e a magnificência desta poderosa república. Senhor do mundo, o modesto Augusto nunca exigira tantas honras dos súbditos como as que eram agora prestadas ao seu fraco sucessor por um Estado independente. Do alto de um trono colocado na popa, Paleólogo recebeu a visita ou, à maneira grega, a *adoração* do doge e dos senadores. Eles vinham no *Bucentauro*, escoltado por doze imponentes galeras; o mar estava coberto

de inúmeras gôndolas destinadas à pompa ou ao prazer; o ar ressoava de música e aclamações; os marinheiros e os próprios navios apresentavam-se revestidos de seda e ouro; e em todos os emblemas e alegorias as águias romanas juntavam-se aos leões de São Marcos. A procissão triunfal subiu o grande canal e passou sob a ponte de Rialto; os forasteiros orientais contemplavam com admiração os palácios, as igrejas e a imensa população de uma cidade que parecia flutuar sobre as vagas. Suspiraram, porém, ao ver os despojos e os troféus que tinham vindo decorar Veneza após o saque de Constantinopla. Depois de uma hospitaleira recepção de quinze dias, Paleólogo prosseguiu viagem por terra e mar, até chegar a Ferrara; e, nesta ocasião, o orgulho do Vaticano cedeu à política, conferindo ao príncipe grego as antigas honras do Imperador do Oriente. Ele fez a sua entrada montado num cavalo negro; no entanto, conduziam à sua frente um corcel branco de arreios bordados com águias douradas; e o pálio que cobria a sua cabeça era levado pelos príncipes de Este, filhos ou parentes de Nicolau, marquês da cidade e um soberano mais poderoso do que ele. Paleólogo não desmontou antes de chegar ao fundo da escadaria; o papa avançou até à porta do seu aposento e levantou-o quando ele fazia menção de se ajoelhar; e, após um abraço paternal, conduziu o imperador até junto de uma cadeira colocada à sua esquerda. O patriarca não quis descer da sua galera antes de se combinar uma cerimónia quase idêntica entre o bispo de Roma e o de Constantinopla. Este foi saudado pelo seu irmão com um beijo de união e caridade; e nenhum dos eclesiásticos gregos aceitou beijar os pés do primaz do Ocidente. Na abertura do sínodo, o centro ou lugar de honra tornou-se motivo de disputa entre os chefes temporais e eclesiásticos; e só alegando que os seus antecessores não haviam estado em pessoa em Niceia nem em Calcedónia é que Eugénio conseguiu eximir-se ao antigo cerimonial de Constantino e Marciano. Após longos debates, estipulou-se que as duas nações ocupariam cada um dos lados da igreja, à direita e à esquerda; que a cadeira de São Pedro se elevaria no primeiro lugar, à frente da fila dos latinos; e que o trono do imperador grego, à cabeça do seu clero, ficaria à mesma altura, em face do segundo lugar, o assento vago do imperador do Ocidente^(*).

No entanto, mal os festejos e as formalidades cederam o lugar a discussões sérias, os Gregos sentiram-se descontentes com a sua viagem, consigo próprios e com o papa. Os emissários de Eugénio tinham-no apresentado habilmente em Constantinopla como estando numa situação

próspera, à cabeça dos príncipes e prelados da Europa, os quais acreditavam e pegavam em armas obedecendo à sua voz. A assembleia pouco numerosa do sínodo universal de Ferrara denunciava a sua fraqueza; aliás, os Latinos abriram a primeira sessão apenas com cinco arcebispos, dezoito bispos e dez abades, a maior parte dos quais eram súbditos ou compatriotas do pontífice italiano. Exceptuando o duque de Borgonha, nenhum dos soberanos do Ocidente se dignou aparecer pessoalmente ou enviar embaixadores; e não era possível suprimir os actos judiciais de Basileia contra a dignidade e a pessoa de Eugénio, os quais se concluíram por uma nova eleição. Nestas circunstâncias, Paleólogo pediu e obteve uma pausa ou um adiamento que lhe desse tempo de ver outorgada pelos Latinos alguma recompensa temporal como preço a pagar por uma união desaprovada pelos seus súbditos; após a primeira sessão, os debates públicos foram adiados para daí a seis meses. O imperador, com um séquito escolhido de favoritos e de janízaros, fixou a sua residência de Verão num vasto mosteiro situado agradavelmente a seis milhas de Ferrara; esqueceu então, nos prazeres da caça, as tribulações da Igreja e do Estado; e persistiu em matar os animais sem atender às justas queixas do marquês e dos agricultores. Entretanto, os seus infelizes gregos sofriam todas as desgraças do exílio e da pobreza; tinha-se atribuído uma mensalidade de três ou quatro florins de ouro para a manutenção de cada estrangeiro, e, embora a soma inteira não ascendesse a mais de setecentos florins, verificavam-se frequentes e numerosos atrasos devido à indigência ou à política da corte romana(*). Eles suspiravam por uma rápida soltura, mas a sua fuga era impedida por um triplo obstáculo; às portas de Ferrara, exigia-se um passaporte dos seus superiores; o governo de Veneza prometera prender e recambiar os fugitivos, e um castigo inevitável aguardava-os em Constantinopla: excomunhão, multas e uma pena que não respeitava sequer os sacerdotes, despojados das suas roupas e vergastados em público. Só o dilema que os ameaçava com a fome se não aceitassem o debate é que persuadiu os Gregos a inaugurar a primeira conferência, e eles consentiram então com extrema relutância em seguir de Ferrara até Florença na retaguarda do sínodo em debandada. Esta nova deslocação era ditada pela força das coisas: a cidade fora acometida pela peste; a fidelidade do marquês suscitava desconfiança; as tropas mercenárias do duque de Milão encontravam-se ali às portas, e, como elas ocupavam a Romanha, só com muito custo e risco é que o papa, o

imperador e os bispos abriram caminho através das veredas pouco frequentadas dos Apeninos.

Todos estes obstáculos foram apesar de tudo superados pelo tempo e a política. A violência dos padres de Basileia ajudou mais do que prejudicou a causa de Eugénio: as nações da Europa abominaram o cisma e rejeitaram a eleição de Félix V, sucessivamente duque de Sabóia, eremita e papa; e os príncipes mais poderosos aproximaram-se a pouco e pouco do seu rival, passando a dar mostras de uma neutralidade favorável e de uma afeição sincera. Os legados, juntamente com alguns membros respeitáveis, desertaram para o lado dos romanos, que viam todos os dias aumentar o seu número e melhorar a sua reputação; o Concílio de Basileia ficou reduzido a trinta e nove bispos e a trezentos dos membros do clero inferior; entretanto, os latinos de Florença podiam pôr em evidência a presença da pessoa do papa, de oito cardeais, dois patriarcas, oito arcebispos, cinquenta e dois bispos e quarenta e cinco abades ou chefes de ordens religiosas. Depois de um trabalho de nove meses e dos debates de vinte e cinco sessões, eles alcançaram o triunfo e a glória de reunir a si os Gregos. Quatro questões primordiais tinham sido discutidas entre as duas Igrejas: 1) O uso do pão ázimo na comunhão. 2) A natureza do Purgatório. 3) A supremacia do papa. 4) A processão simples ou dupla do Espírito Santo. A causa de cada uma das nações era defendida por dez experientes teólogos; os Latinos contavam com a inesgotável eloquência do cardeal Juliano, e Marcos de Éfeso e Bessarion de Niceia conduziam com ousadia e habilidade o campo grego. Podemos honrar de algum modo os progressos da razão humana, observando que a primeira destas questões era *agora* tratada como um rito pouco importante que podia variar sem consequências segundo a opinião dos tempos e dos países. No que se refere à segunda, ambas as partes concordaram na crença de um estado intermédio de purificação para os pecados veniais dos fiéis; quanto a saber se as suas almas eram purificadas pelo fogo elementar, tratava-se de um ponto que dentro de poucos anos poderia ser convenientemente dirimido ali mesmo pelos contendores. A supremacia do papa parecia de um género mais ponderado e substancial, embora o bispo de Roma sempre tivesse sido reconhecido pelos orientais como o primeiro dos cinco patriarcas; também não puseram objecções a admitir que a jurisdição dele se exerceria em conformidade com os cânones sagrados; uma vaga concessão que podia ser definida ou contornada de acordo com a conveniência do momento. A processão do Espírito Santo,

somente do Pai, ou do Pai e do Filho, constituía um artigo de fé mais profundamente enraizado no juízo dos homens; assim, nas sessões de Ferrara e Florença, a adição latina de *filioque* foi dividida em duas questões, a da legalidade e a da ortodoxia. Talvez se torne desnecessário afirmar a minha indiferença imparcial neste assunto; quer-me parecer, todavia, que os Gregos tinham a seu favor a proibição estabelecida pelo Concílio de Calcedónia de se acrescentar qualquer artigo ao Credo de Niceia, ou melhor, de Constantinopla(*). Nos assuntos terrenos, não é fácil conceber que uma assembleia de legisladores possa atar as mãos a sucessores investidos de poderes idênticos aos seus. Todavia, as decisões ditadas pela inspiração divina devem ser verdadeiras e imutáveis; um bispo ou um sínodo provincial não podem pretender inovar contra o juízo universal da Igreja Católica. Quanto ao fundo da doutrina, a infindável controvérsia desencadeou as alegações de ambos os lados: a razão é confundida pela processão de uma divindade; o Evangelho, colocado no altar, nada oferecia que pudesse resolver esta questão; os vários textos dos padres podiam ter sido falsificados por fraude ou enredados por sofismas; e os Gregos ignoravam o carácter e os escritos dos santos latinos(*). Podemos, pelo menos, ter a certeza de que nenhuma das partes era susceptível de se deixar convencer pelos argumentos dos adversários. O preconceito pode ser esclarecido pela razão, e um relance superficial pode ser rectificado por uma visão mais clara e perfeita de um objecto ao alcance das nossas faculdades. No entanto, os bispos e monges haviam sido ensinados desde a infância a repetir uma fórmula de palavras misteriosas; a sua honra nacional e pessoal dependia da repetição dos mesmos vocábulos, e os seus espíritos estreitos endureceram e inflamaram-se devido ao azedume de uma disputa pública.

Perdidos como estavam num dédalo poeirento e obscuro, o papa e o imperador mostravam-se desejosos de uma união aparente, única maneira de consumir o objectivo da sua entrevista; e a obstinação da controvérsia pública foi suavizada pelas artes da negociação privada e pessoal. O patriarca José sucumbira ao peso da idade e das doenças; as suas últimas palavras traduziam-se em conselhos de caridade e concórdia, e o seu lugar vago podia tentar as esperanças de um clero ambicioso. A obediência pronta e activa dos arcebispos da Rússia e de Niceia, Isidoro e Bessarion, foi induzida e recompensada por uma rápida elevação à dignidade de cardeal. Nos primeiros debates, Bessarion revelara-se o mais estrénuo e

eloquente campeão da Igreja grega; e se o seu país o rejeitou como apóstata e bastardo, ele oferece mesmo assim na história eclesiástica o raro exemplo de um patriota recomendado ao favor da corte por uma resistência estrondosa e uma concordância no momento conveniente. Ajudado pelos seus dois coadjutores espirituais, o imperador soube aplicar os argumentos mais adequados à situação geral e ao carácter pessoal dos bispos, e todos cederam sucessivamente à autoridade e ao exemplo. Os rendimentos deles estavam nas mãos dos Turcos, e as suas pessoas nas dos Latinos; o tesouro dos bispos resumia-se a três vestes e quarenta ducados, que em breve se esgotaram; e a suas esperanças de regresso continuavam dependentes dos navios de Veneza e da esmola de Roma; e era tal a sua indigência, que o pagamento dos atrasos que lhes eram devidos seriam aceites como um favor, e poderiam operar como um suborno. O socorro exigido pelo perigo de Constantinopla podia desculpar uma prudente e piedosa dissimulação; e insinuou-se, além do mais, que os heréticos obstinados que resistissem ao acordo do Oriente e do Ocidente seriam abandonados em terra hostil à vingança ou à justiça do pontífice romano. Na primeira assembleia particular dos Gregos, a fórmula de união foi aprovada por vinte e quatro, e rejeitada por doze dos seus membros; no entanto, os cinco cruciferários de Santa Sofia que pretendiam representar o patriarca viram-se desautorizados pelas regras da antiga disciplina, e o seu direito de voto transferiu-se para um conjunto complacente de monges, gramáticos e leigos. A vontade do monarca produziu uma falsa e servil unanimidade, e não mais de dois patriotas tiveram coragem para expressar os seus próprios sentimentos e os do país. Demétrio, irmão do imperador, retirou-se para Veneza a fim de não ser testemunha desta união; e Marcos de Éfeso, tomando provavelmente o seu orgulho pela sua consciência, recusou qualquer comunhão com os hereges latinos e declarou-se campeão e confessor do credo ortodoxo(*). Na redacção do tratado entre as duas nações, propuseram-se várias formas conciliadoras que pudessem contentar os Latinos, sem humilhar os Gregos; e ponderaram-se cuidadosamente as palavras e as sílabas até a balança teológica se inclinar um pouco a favor do Vaticano. Concordou-se (devo pedir aqui a atenção do leitor) que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, como de um mesmo princípio e de uma mesma substância; que ele procede *pelo* Filho, sendo da mesma natureza e da mesma substância; e que procede do Pai e do Filho mediante uma *espiração* e uma produção. Torna-se então menos difícil compreender os artigos do tratado preliminar: que o

papa deveria custear todas as despesas do regresso dos Gregos a casa; que ele deveria manter durante todo o ano duas galeras e trezentos soldados para a defesa de Constantinopla; que todos os navios que transportassem peregrinos para Jerusalém seriam obrigados a fundear naquele porto; que, todas as vezes que lho pedissem, o papa forneceria dez galeras por ano ou vinte por seis meses; e que ele solicitaria o auxílio dos príncipes da Europa sempre que o imperador precisasse de efectivos terrestres.

O mesmo ano e quase o mesmo dia ficaram assinalados pela deposição de Eugénio em Basileia, e, em Florença, pela reunião de Gregos e Latinos sob a égide dele. No primeiro destes sínodos (que o papa definiu, na realidade, como uma assembleia de demónios) declararam-no culpado de simonia, perjúrio, tirania, heresia e cisma; acusando-o ainda de ser incorrigível nos seus vícios, indigno de qualquer título e incapaz de desempenhar qualquer função eclesiástica. No segundo, veneraram-no como o vigário legítimo de Cristo, que, após uma separação de seiscentos anos, reconciliara os católicos do Oriente e do Ocidente num só rebanho e sob um único pastor. O acto da união foi subscrito pelo papa, o imperador e os membros principais das duas Igrejas, inclusive pelos que, à semelhança de Sirópulo, haviam sido destituídos do direito de voto. Duas cópias pareciam bastar, uma para o Oriente, e a outra para o Ocidente; no entanto, Eugénio só ficou satisfeito depois de quatro transcrições autênticas e iguais terem sido assinadas e atestadas como monumentos da sua vitória. Num dia memorável, 6 de Julho, os sucessores de São Pedro e de Constantino subiram aos seus tronos na presença das duas nações reunidas na catedral de Florença; os representantes destas nações, o cardeal Juliano e Bessarion, arcebispo de Niceia, apareceram no púlpito e, depois de lerem o acto de união nas suas respectivas línguas, beijaram-se um ao outro em nome e sob os aplausos dos compatriotas presentes. O papa e os seus ministros oficiaram em seguida de acordo com a liturgia romana; cantou-se o credo com a adição de *filioque*; a aquiescência dos Gregos escudou-se na frágil desculpa da sua ignorância do sentido destas palavras harmoniosas mas mal articuladas; e os Latinos, mais escrupulosos, recusaram qualquer celebração pública do rito bizantino. Seja como for, o imperador e o seu clero não esqueceram de todo em todo a honra nacional. Eles ratificaram voluntariamente o tratado, sob a cláusula tácita de que não se tentaria inovar coisa alguma no seu credo ou nas suas cerimónias; tomaram em consideração e respeitaram intimamente a generosa firmeza de Marcos de

Éfeso, e, por ocasião da morte do patriarca José, apenas aceitaram eleger o seu sucessor na Catedral de Santa Sofia. Na distribuição das recompensas gerais e particulares, o pontífice, cheio de liberalidade, superou as esperanças deles e as suas próprias promessas; os Gregos regressaram, com menos pompa e orgulho, pelo mesmo caminho de Ferrara e Veneza; e a sua recepção em Constantinopla será descrita no próximo capítulo. O êxito da primeira tentativa incitou Eugénio a repetir esta cena edificante, e os delegados dos arménios, dos maronitas, dos jacobitas da Síria e do Egipto, dos nestorianos e dos etíopes, sucessivamente admitidos a beijar os pés do pontífice romano, anunciaram a obediência e a ortodoxia do Oriente. Fastas embaixadas orientais, desconhecidas nos países que pretendiam representar, propagaram o renome de Eugénio no Ocidente; e clamores habilmente semeados acusaram os cismáticos da Suíça e da Sabóia de serem os únicos oponentes à harmonia do mundo cristão. À sua vigorosa oposição sucedeu-se o cansaço do desespero; o Concílio de Basileia dissolveu-se de modo despercebido; e Félix, renunciando à tiara, retirou-se de novo para o devoto ou delicioso eremitério de Ripaille. Uma paz generalizada foi assegurada por actos mútuos de esquecimento e de reparação; todas as ideias de reforma se desvaneceram; os papas continuaram a exercer e a abusar do seu despotismo eclesiástico; e Roma não voltou desde então a ser agitada pelos malefícios de uma eleição contestada.

Renascimento das letras gregas em Itália

As viagens de três imperadores de nada serviram à sua salvação temporal, ou talvez mesmo espiritual; tiveram, porém, a benéfica consequência do renascimento das letras gregas em Itália, de onde elas se difundiram por todas as nações do Ocidente e do Norte. Na servidão abjecta e na crise em que haviam caído, os súbditos do trono bizantino ainda possuíam apesar de tudo a chave inestimável que podia abrir os tesouros da Antiguidade, essa língua musical e fecunda que dá uma alma aos objectos dos sentidos, e um corpo às abstracções da filosofia. Desde que as barreiras da monarquia, e inclusive as da capital, haviam sido derrubadas, os bárbaros vindos de todos os lados tinham sem dúvida corrompido a forma e a substância do dialecto nacional; e foi preciso compor abundantes

glossários para interpretar uma quantidade de palavras de origem árabe, turca, esclavónia, latina ou francesa. Mas um idioma mais puro era falado na corte e ensinado nos colégios; e o estado florescente da língua é descrito, ou talvez mesmo embelezado, por um sábio italiano que, após uma longa residência e um casamento nobre, se naturalizara em Constantinopla cerca de trinta anos antes da conquista turca. «A língua vulgar», afirma Filelfo, «foi adulterada pelo povo e contaminada pela multidão de estrangeiros e mercadores que todos os dias acorrem à cidade e se misturam com os habitantes. Dos discípulos desta escola é que os Latinos receberam as traduções de Aristóteles e Platão, de sentido tão obscuro e de tão insulso conteúdo. Mas os Gregos que escaparam ao contágio são os que *nós* prezamos hoje, e somente eles merecem ser imitados. Nas conversas, continuam a falar a língua de Aristófanes e Eurípides, dos historiadores e filósofos de Atenas; e o estilo dos seus escritos é ainda mais elaborado e correcto. As pessoas que, por nascimento e funções, se encontram ligadas à corte bizantina são as que conservam sem qualquer mescla a elegância e a pureza dos Antigos; e a graça natural da língua sobressai de forma notável entre as nobres matronas que estão afastadas de todo o contacto com os estrangeiros. Que digo eu? Com os estrangeiros? Elas vivem retiradas e subtraídas aos olhares dos seus próprios concidadãos. Raramente aparecem nas ruas; e quando saem de casa, fazem-no ao entardecer, para ir à igreja ou visitar os parentes mais chegados. Nestas ocasiões, deslocam-se a cavalo cobertas com um véu, e acompanhadas pelos pais, pelos maridos ou por criados.»

Entre os Gregos, um clero numeroso e opulento dedicava-se ao serviço da religião; os monges e os bispos sempre se distinguiram pela austeridade e circunspecção das suas maneiras, e nunca se entregaram, como os padres latinos, aos prazeres de uma vida secular e até mesmo militar. Depois de gastarem uma parte do seu tempo e dos seus talentos na devoção, no ócio e na discórdia da igreja ou do claustro, os espíritos mais curiosos e activos consagravam-se ao estudo da erudição sagrada e profana em língua grega. Os eclesiásticos presidiam à educação da juventude; as escolas de filosofia e de eloquência perpetuaram-se até à queda do império; e podemos afirmar que o recinto de Constantinopla continha mais livros e conhecimentos do que todos os que estariam dispersos pelas vastas regiões do Ocidente. Já observámos, contudo, uma significativa diferença: os Gregos tinham parado ou retrocedido, enquanto os Latinos avançavam num movimento rápido e

progressivo. As nações eram animadas pelo espírito de independência e de emulação; e até o pequeno mundo dos Estados italianos continha mais população e indústria do que o espaço minguante do Império Bizantino. Na Europa, as camadas mais baixas da sociedade tinham-se emancipado do jugo da servidão feudal; e a liberdade é o primeiro passo em direcção à curiosidade e à instrução. O uso, embora rude e alterado, da língua latina fora preservado pela superstição; as universidades, desde Bolonha a Oxford(*) eram frequentadas por milhares de estudantes; e o seu ardor mal conduzido podia orientar-se para estudos mais liberais e mais nobres. Na ressurreição das ciências, a Itália foi a primeira, por assim dizer, a soltar-se da mortalha; e o eloquente Petrarca, graças às suas lições e ao seu exemplo, merece ser aplaudido como o precursor dos novos tempos. O estudo e a imitação dos escritores da antiga Roma produziram um estilo mais puro de composição e uma expressão mais sublime e racional dos sentimentos; e os discípulos de Cícero e Virgílio aproximaram-se, com respeito e amor, do santuário dos seus mestres gregos. No saque de Constantinopla, os Franceses e os próprios Venezianos haviam desprezado e destruído as obras de Lisipo e Homero; as obras-primas da arte podem ser aniquiladas de um só golpe, mas o génio imortal renova-se e multiplica-se nas cópias feitas pela pena, e tanto Petrarca como os seus amigos ambicionavam possuir e compreender tais cópias. Os exércitos turcos apressaram sem dúvida a fuga das Musas; haverá, contudo, razão para estremecer à simples ideia de que a Grécia podia ter soçobrado com as suas escolas e bibliotecas antes de a Europa emergir do dilúvio da barbárie; e então os germes das ciências ter-se-iam dispersado antes de o solo italiano estar preparado para a sua cultura.

Os italianos mais doutos do século xv notaram e aplaudiram o renascimento da literatura grega, após um prolongado olvido de muitos séculos. No entanto, neste país, e mesmo para lá dos Alpes, citam-se os nomes de alguns eruditos que, nos tempos mais sombrios, se distinguiram honrosamente pelo conhecimento da língua grega; e a vaidade nacional não se poupou ao elogio destes raros exemplos de saber. Sem nos determos embora no exame do seu mérito pessoal, convém observar que a sua ciência era desprovida de motivo e finalidade; que eles podiam contentar-se facilmente a si e aos seus ainda mais ignorantes contemporâneos; e que o idioma por eles tão prodigiosamente aprendido não estava trasladado senão para escassos manuscritos e não era ensinado em qualquer das universidades do Ocidente. Restavam alguns vestígios num recanto de

Itália, como dialecto popular, ou pelo menos como língua eclesiástica. A antiga influência das colónias dórias e jónias nunca se extinguiu completamente; as igrejas da Calábria estiveram ligadas durante muito tempo ao trono de Constantinopla; e os monges de São Basílio ainda faziam os seus estudos no monte Atos e nas escolas do Oriente. A Calábria era o país natal de Barlaão, que já vimos aparecer como sectário e embaixador; e foi ele o primeiro a reavivar, para lá dos Alpes, a memória, ou pelo menos os escritos de Homero. É-nos descrito por Petrarca e Bocácio como um homem de pequena estatura, embora verdadeiramente grande no tocante a erudição e génio; era dotado de um discernimento agudo, mas de uma elocução lenta e difícil. Durante muitos séculos (segundo eles afirmam), a Grécia não produziu ninguém que se lhe comparasse no conhecimento da História, da gramática e da filosofia; e o seu mérito foi celebrado pelo testemunho de príncipes e doutores de Constantinopla. Um destes testemunhos ainda existe: o imperador Cantacuzeno, protector dos seus adversários, é forçado a confessar que Euclides, Aristóteles e Platão eram familiares a este lógico profundo e subtil. Na corte de Avinhão, ele estabeleceu laços muito íntimos com Petrarca, o primeiro dos letrados latinos; e o desejo de se instruírem mutuamente constituiu o princípio do seu convívio literário. O toscano entregou-se com ávida curiosidade e assídua diligência ao estudo da língua grega, e num combate laborioso com a aridez e dificuldade dos primeiros rudimentos, começou a apreender o sentido e a sentir as belezas dos poetas e dos filósofos a cujo espírito nada ficava a dever. Depressa, porém, se viu privado da companhia e das lições deste útil assistente; Barlaão abandonou a sua infrutífera embaixada e, ao regressar à Grécia, provocou imprudentemente o fanatismo dos monges ao tentar substituir pela luz da razão a do *umbigo* deles. Após uma separação de três anos, os dois amigos voltaram a encontrar-se na corte de Nápoles; mas o generoso pupilo renunciou a este óptimo ensejo de se aperfeiçoar; Barlaão estabeleceu-se, por sua recomendação, num pequeno bispado da Calábria natal. As múltiplas ocupações de Petrarca, o amor e a amizade, a sua variada correspondência e as suas frequentes viagens, os louros recebidos em Roma e as suas elaboradas composições em prosa e verso, em latim e em italiano, afastaram-no do estudo de um idioma estrangeiro; e ao avançar em idade, a aprendizagem da língua grega tornou-se mais o objecto dos seus desejos que das suas esperanças. Tinha cerca de cinquenta anos quando um embaixador bizantino, seu amigo e versado nas duas línguas,

lhe ofereceu uma cópia de Homero; e a resposta de Petrarca expressa ao mesmo tempo a sua eloquência, a sua gratidão e a sua pena. Depois de celebrar a generosidade do doador e o valor de uma dádiva mais preciosa a seus olhos do que o ouro ou os rubis, continua assim: «O vosso presente do texto genuíno e original do divino poeta, fonte de toda a invenção, é digno de vós e de mim; cumpristes a vossa promessa e satisfizestes os meus desejos. No entanto, a vossa liberalidade é ainda imperfeita; juntamente com Homero, deveis ter-me ofertado a vossa própria pessoa, tornando-vos o meu guia através deste campo de luz e desvendando a meus olhos surpreendidos os sedutores milagres da *Iliada* e da *Odisseia*. Mas, infelizmente, Homero é mudo para mim, ou eu sou surdo para ele; e não está ao meu alcance usufruir da beleza que possuo. Pu-lo ao lado de Platão, o príncipe dos poetas junto ao príncipe dos filósofos, e rejubilo ao contemplar os meus ilustres convidados. Já tinha adquirido tudo o que foi traduzido para a língua latina dos seus escritos imortais; no entanto, mesmo sem tirar proveito deles, sinto algum prazer em ver estes veneráveis gregos nas suas verdadeiras roupagens nacionais. Sinto-me deliciado com a vista de Homero; e sempre que pego neste silencioso volume, exclamo com um suspiro: Ilustre bardo!, com que prazer escutaria o teu canto, se os meus ouvidos não estivessem endurecidos e embotados pela morte de um amigo e a mui dolorosa ausência de outro! Não desespero, porém, e o exemplo de Catão insufla-me algum consolo e esperança, pois só na velhice é que ele chegou ao conhecimento das letras gregas!»

O galardão que Petrarca tentava em vão ganhar foi alcançado pela fortuna e os esforços do seu amigo Bocácio, o pai da prosa toscana. Este escritor popular, que deve a sua fama ao *Decâmeron*, colectânea de cem contos de graça e amor, poderia aspirar ao mais justo encómio de ter reanimado em Itália o estudo da língua grega. Em 1360, um discípulo de Barlaão, chamado Leão ou Leôncio Pilatos, viu-se retido no seu caminho para Avinhão pelos conselhos e a hospitalidade de Bocácio, que alojou o forasteiro em sua casa, conseguindo que a república de Florença lhe pagasse um estipêndio anual e dedicando os seus lazes ao primeiro professor grego que ensinou esta língua nas regiões ocidentais da Europa. O aspecto de Leão repugnaria ao discípulo mais fervoroso; vestia um manto de filósofo ou mendigo; tinha um semblante hediondo; o rosto escondia-se sob o cabelo negro; a barba era comprida e desalinhada; evidenciava maneiras grosseiras e um carácter sombrio e inconstante; nem sequer era

capaz de embelezar o seu discurso com os ornamentos ou a clareza da elocução latina. Contudo, o seu espírito encerrava um tesouro de erudição grega; história e fábula, filosofia e gramática, eram matérias que ele dominava igualmente; e comentava os poemas de Homero nas escolas de Florença. Foi a partir das suas instruções que Bocácio compôs e transcreveu uma tradução literal em prosa da *Ilíada* e da *Odisseia*, destinada a satisfazer a sede do seu amigo Petrarca e que, no século seguinte, talvez tenha servido secretamente a Lourenço Valla na feitura de uma versão latina. O mesmo Bocácio recolheu nas narrativas de Leão os materiais para o seu tratado sobre a genealogia dos deuses pagãos, uma obra encarada no seu século como um prodígio de erudição, e que ele recheou ostentadamente de caracteres e de trechos gregos a fim de suscitar a admiração e o elogio dos seus leitores mais ignorantes. Os primeiros passos da instrução são lentos e penosos; não podemos enumerar mais de dez cultores de Homero em toda a Itália, e nem Roma, nem Veneza, nem Nápoles puderam acrescentar um só nome a esta douda lista. No entanto, o seu número ter-se-ia multiplicado e os progressos acelerar-se-iam, caso o inconstante Leão não houvesse abandonado, ao cabo de três anos, a sua honrosa e vantajosa situação. Petrarca serviu-lhe de anfitrião em Pádua durante uma breve passagem; ele apreciava o erudito, mas sentia-se justamente ofendido com o temperamento sombrio e intratável do homem. Descontente com o mundo e consigo próprio, Leão desdenhava a felicidade de que podia gozar, ao passo que as pessoas e os objectos ausentes eram caros à sua imaginação. Em Itália era tessálio, na Grécia, calabrês; na presença dos latinos, desprezava a língua, a religião e os costumes deles; mal desembarcou em Constantinopla, começou logo a sentir saudades da riqueza de Veneza e da elegância de Florença. Os seus amigos italianos mostraram-se surdos às suas importunidades: contando com a curiosidade e a indulgência deles, embarcou para uma segunda viagem; ao entrar no Adriático, contudo, o navio foi açoitado por uma tempestade, e o infeliz professor, que à semelhança de Ulisses se amarrara ao mastro, sucumbiu fulminado por um raio. O sensível Petrarca derramou lágrimas pelo seu infortúnio; mas, acima de tudo, quis saber se alguma cópia de Eurípides ou Sófocles não teria caído nas mãos dos marinheiros.

No entanto, os frágeis rudimentos de erudição grega que Petrarca incentivara e Bocácio desenvolvera não tardaram a definhar e expirar. A geração seguinte contentou-se durante algum tempo em aperfeiçoar a

eloquência latina; e só no final do século XIV é que uma nova e perpétua chama voltou a animar a erudição grega em Itália. Antes de empreender a sua viagem, o imperador Manuel mandara enviados e oradores para implorarem a compaixão dos príncipes ocidentais. Destes enviados, o mais notável ou sábio era Manuel Crisoloras, de nascimento nobre, cujos antepassados, ao que se dizia, haviam deixado Roma com Constantino, *o Magno*. Depois de visitar as cortes de França e Inglaterra, onde conseguiu algumas contribuições e muitas promessas, o enviado foi convidado para desempenhar as funções de professor; e Florença voltou a ter a honra deste segundo convite. Devido ao seu conhecimento não só da língua grega, mas também da latina, Crisoloras mereceu o estipêndio e superou as esperanças da república. A sua escola era frequentada por uma multidão de discípulos de todas as classes e idades; e um deles dá-nos conta, numa história geral, dos seus motivos e dos seus êxitos. «Nessa altura», declara Leonardo Aretino, «eu era estudante de jurisprudência, mas o amor das letras abrasava a minha alma e decidi dedicar algum tempo ao estudo da lógica e da retórica. À chegada de Manuel, hesitei no meu íntimo entre abandonar o estudo das leis ou deixar escapar a magnífica oportunidade que se me deparara; e, por conseguinte, movido pelo ardor da juventude, disse assim para comigo: vais perder-te a ti mesmo e à tua fortuna? Vais recusar aprender a conversar familiarmente com Homero, Platão e Demóstenes? Com todos esses poetas, filósofos e oradores de quem se contam tantas maravilhas e que são celebrados por todas as gerações como os grandes mestres da ciência humana? Professores e peritos de direito civil hão-de existir sempre em número bastante nas nossas universidades; mas um mestre como este, e ainda por cima de língua grega, quem o deixar escapar talvez nunca mais o reencontre. Convencido por estes motivos, entreguei-me a Crisoloras, e tão grande era a minha paixão, que as lições que estudara durante o dia se tornavam à noite o tema constante dos meus sonhos.» Nessa mesma época, os clássicos latinos eram explicados em Florença por João de Ravena, educado em casa de Petrarca: os italianos que ilustraram o seu século e o seu país formaram-se nesta dupla escola, e Florença transformou-se no útil seminário da erudição grega e romana. A chegada do imperador chamou Crisoloras da sua escola para a corte; mas ele ensinou posteriormente com igual empenho e os mesmos aplausos em Pavia e Roma. O resto da sua vida, cerca de quinze anos, repartiu-se entre a Itália e Constantinopla, entre embaixadas e lições. O nobre serviço de esclarecer

uma nação estrangeira nunca levou o gramático a descurar um dever mais sagrado para com o seu príncipe e o seu país; e Manuel Crisoloras morreu em Constança, numa missão pública a mando do imperador junto do concílio.

Na sua esteira, a restauração das letras gregas em Itália foi então levada a cabo por uma profusão de gregos emigrados, destituídos de fortuna e dotados de conhecimentos, pelo menos o da sua própria língua. Os habitantes de Tessalonica e Constantinopla fugiram ao terror e à opressão dos exércitos turcos para uma terra de liberdade, curiosidade intelectual e riqueza. O sínodo introduziu em Florença as luzes da Igreja grega e os oráculos da filosofia platónica; e os fugitivos que aderiam à união tinham o duplo mérito de renunciar à sua pátria não só pela causa do cristianismo, mas também pela do catolicismo. Um patriota que sacrifica o seu partido e a sua consciência às seduções do favor pode ser, não obstante, detentor de virtudes privadas e sociais; longe do seu país, deixa de escutar os epítetos recriminadores de escravo e apóstata, e a consideração que adquire entre os seus novos associados pode restituir-lhe a seus próprios olhos a dignidade de carácter. A prudente docilidade de Bessarion foi recompensada com a púrpura eclesiástica; ele fixou residência em Itália, e o cardeal grego, patriarca titular de Constantinopla, viu-se respeitado em Roma como o chefe e o protector da sua nação; exerceu os seus talentos nas delegações de Bolonha, de Veneza, da Alemanha e da França; e a sua eleição para a cadeira de São Pedro esteve quase a consumir-se na incerteza de um conclave(*). As suas honras eclesiásticas revestiram de esplendor e preeminência o seu mérito e os seus trabalhos literários; o seu palácio era uma autêntica escola; sempre que o cardeal visitava o Vaticano, acompanhava-o um cortejo de letrados das duas nações, homens aplaudidos por si próprios e pelo público, e cujos escritos, hoje cobertos de poeira, se tornaram populares e úteis na sua época. Não tentarei enumerar todos os que contribuíram para restaurar a literatura grega no século xv; bastará mencionar, com gratidão, os nomes de Teodoro Gaza, Jorge de Trebizonda, João Argirópulo e Demétrio Calcôndilas, que ensinaram a sua língua nacional nas escolas de Florença e Roma. Os seus trabalhos não foram inferiores aos de Bessarion, cuja púrpura reverenciavam, e cuja fortuna era objecto da sua secreta inveja. As vidas destes gramáticos decorreram, porém, humildes e obscuras; haviam recusado a carreira lucrativa da Igreja; as suas roupas e maneiras excluía-los do convívio social; e visto que se

restringiam ao mérito da erudição, deviam contentar-se com a recompensa dela. João Láscharis merece que lhe abramos uma exceção neste aspecto. A sua eloquência, delicadeza e descendência imperial recomendavam-no aos monarcas franceses; e era alternadamente empregado nas mesmas cidades como professor e negociador. O dever e o interesse induziram estes sábios a cultivar o estudo da língua latina, e os mais aplicados passaram a escrever e a falar com fluência e elegância um idioma estrangeiro. No entanto, jamais abdicaram de uma arreigada vaidade nacional; os seus louvores, ou pelo menos a sua estima, eram reservados aos escritores do seu país, a cujo génio deviam a sua própria reputação e a subsistência; e eles denunciaram por vezes o seu desprezo por meio de críticas insolentes ou satíricas da poesia de Virgílio ou da oratória de Cícero. A superioridade destes mestres derivava da prática habitual de uma língua viva; e os seus primeiros discípulos já não podiam discernir até que ponto eles haviam degenerado da teoria, ou mesmo do uso dos seus antepassados. Uma pronúncia viciosa(*), que eles aí tinham introduzido, foi banida das escolas pelo bom senso das gerações seguintes. Não conheciam o valor dos acentos gregos; e estas notas musicais que, pronunciadas por uma língua ática para um ouvido ático, devem ter encerrado o segredo da harmonia, eram a seus olhos, tal como aos nossos, simples marcas mudas e sem significado, supérfluas na prosa e incómodas no verso. Eles possuíam realmente os princípios da gramática; os preciosos fragmentos de Apolónio e Herodiano foram transfundidos nas suas lições; e os seus tratados de sintaxe e de etimologia, embora destituídos de espírito filosófico, continuam hoje a ser úteis aos estudantes gregos. No descalabro das bibliotecas bizantinas, cada fugitivo se apoderou de um fragmento do tesouro, de uma cópia de algum autor, que sem a sua iniciativa teria perecido; as transcrições multiplicaram-se graças a penas laboriosas e por vezes elegantes, e o texto era então corrigido e explicado pelos seus próprios comentários ou pelos dos antigos escoliastas. O sentido, ainda que não o espírito, dos clássicos gregos era interpretado para elucidação do mundo latino; as belezas de estilo evaporam-se numa tradução, mas o juízo de Teodoro Gaza escolheu as obras mais sólidas de Aristóteles e Teofrasto, e as suas histórias naturais dos animais e das plantas abriram um vasto campo à teoria e à experimentação científicas.

As sombras fugazes da metafísica foram não obstante perseguidas com mais curiosidade e ardor. Após um longo esquecimento, o génio de Platão ressurgiu em Itália por obra de um venerável grego(*) que ensinava na casa

de Cosme de Médicis. Num tempo em que o Sínodo de Florença estava envolvido no debate teológico, o estudo desta elegante filosofia podia ter algumas consequências benéficas; o seu estilo é o mais puro modelo do dialecto ático; e os seus sublimes pensamentos estão por vezes adaptados ao tom familiar, enquanto outras vezes se adornam com as mais ricas cores da poesia e da eloquência. Os diálogos de Platão apresentam um quadro dramático da vida e da morte de um sábio; e sempre que ele desce lá do alto, o seu sistema moral inculca o amor à verdade, à prática e à humanidade. Os preceitos e o exemplo de Sócrates recomendavam uma dúvida modesta e uma indagação livre; e se os platónicos adoravam com cega devoção as visões e os erros do seu divino mestre, o certo é que este entusiasmo podia servir para corrigir o método seco e dogmático da escola peripatética. Os méritos de Platão e de Aristóteles são tão iguais, e no entanto tão opostos, que os podemos confrontar numa controvérsia infundável; mas uma centelha de liberdade brota não raramente do choque de duas servidões adversas. Os Gregos modernos dividiram-se entre estas duas seitas e combateram com mais furor do que destreza sob o estandarte dos seus chefes, tendo o campo de batalha sido transferido, por ocasião da sua fuga, de Constantinopla para Roma. No entanto, este debate filosófico não tardou a degenerar numa azeda querela de gramáticos que trocavam injúrias pessoais; e Bessarion, sendo embora adepto de Platão, protegeu a honra nacional ao interpor os conselhos e a autoridade de um mediador. Nos jardins dos Médicis, a doutrina da Academia era fruída por homens educados e doutos. Mas esta sociedade filosófica dissolveu-se ao fim de pouco tempo; e enquanto os escritos do sábio de Atenas eram lidos nos gabinetes de estudo, o seu poderoso rival, o Estagirita, permanecia sozinho como o oráculo da Igreja e da escola.

O Papa Nicolau V

Apresentei com isenção os méritos literários dos Gregos; devo, no entanto, confessar que eles foram secundados e ultrapassados pelo ardor dos Latinos. A Itália estava então dividida em muitos Estados independentes; e uma das ambições dos príncipes e das repúblicas consistia em disputar a honra de encorajar e recompensar a literatura. A fama de Nicolau V ficou

abaixo dos seus méritos. De origem plebeia, ele guindou-se mercê das suas virtudes e da sua erudição; o carácter do homem prevaleceu sempre sobre o interesse do papa, e ele afiou por suas próprias mãos as armas que em breve serviriam para atacar a Igreja romana. Fora amigo dos mais eminentes sábios da época tornando-se depois o protector deles; e tal era a simplicidade dos seus costumes, que esta mudança quase passou despercebida a si e a eles. Sempre que instava a que aceitassem um presente generoso, não o oferecia como uma medida do mérito, mas como uma prova de benevolência; e quando a modéstia recusava a sua dádiva: «Aceitai-a», dizia ele com a noção do que valia, «nem sempre tereis um Nicolau entre vós.» A influência da Santa Sé propagou-se em toda a Cristandade; e ele exerceu esta influência em busca não de benefícios, mas de livros. Mandou procurar os manuscritos poeirentos dos escritores da Antiguidade nas ruínas das bibliotecas bizantinas e nos mais obscuros mosteiros da Alemanha e da Grã-Bretanha; e sempre que recusavam vender-lhe o original, fazia-se uma cópia fiel que lhe era transmitida para seu uso. O Vaticano, velho repositório de bulas e lendas, de monumentos da superstição e da fraude, era diariamente abastecido de um mobiliário mais precioso; e a actividade de Nicolau foi de tal ordem, que, num reinado de oito anos, ele formou uma biblioteca de cinco mil volumes. O mundo latino ficou a dever à sua munificência as traduções de Xenofonte, Diodoro, Políbio, Tucídides, Heródoto e Apiano; da *Geografia* de Estrabão, da *Iliada*, das obras fundamentais de Platão e Aristóteles, de Ptolemeu e Teofrasto e dos padres da Igreja grega. O exemplo do pontífice romano foi precedido ou imitado por um mercador florentino que governava a república sem armas e sem título. Cosme de Médicis veio a ser pai de uma linhagem de príncipes cujo nome e século são praticamente sinónimos de restauração do saber; o crédito dele ganhou nomeada; as suas riquezas foram dedicadas ao serviço da humanidade; correspondia-se ao mesmo tempo com o Cairo e com Londres; e um carregamento de especiarias indianas e de livros gregos chegava-lhe frequentemente no mesmo navio. O génio e a educação do seu neto Lourenço erigiram-no não só em protector, mas em juiz da literatura e candidato a um lugar nela. No seu palácio, a pobreza encontrava alívio, e o mérito recompensa; os seus lazeres decorriam com delícia na Academia platónica; encorajou a emulação de Demétrio Calcôndilas e Ângelo Policiano; e o seu activo missionário João Láscharis trouxe do Oriente um tesouro de duzentos manuscritos, oitenta dos

quais eram então desconhecidos nas bibliotecas da Europa. O resto da Itália foi animado por um espírito semelhante, e os progressos da nação pagaram a liberalidade dos príncipes. Os Latinos reservaram para si a propriedade exclusiva da sua própria literatura; e estes discípulos da Grécia ficaram rapidamente em condições de transmitir e aperfeiçoar as lições que haviam recebido. Após uma curta sucessão de professores estrangeiros, o fluxo da emigração cessou; no entanto, a língua de Constantinopla difundira-se para lá dos Alpes, e os estudantes de França, da Alemanha e de Inglaterra^(*) comunicaram aos seus países o fogo sagrado que haviam recebido nas escolas de Florença e Roma. Nas produções do espírito, tal como nas do solo, os dons da Natureza são superados pela indústria e o engenho: os autores gregos, esquecidos nas margens do Ilisso, foram postos em evidência nas do Elba e do Tamisa; e Bessarion ou Gaza poderiam ter invejado a superioridade dos bárbaros, a exactidão de Budé, o gosto de Erasmo, a prolificidade de Estienne, a erudição de Escalígero, o discernimento de Reiske ou de Bentley. Foi o acaso que situou do lado dos Latinos a vantagem da invenção da imprensa; esta útil arte, contudo, serviu a Aldo Manúcio e aos seus inúmeros sucessores para perpetuar e multiplicar as obras da Antiguidade^(**). Um único manuscrito trazido da Grécia revivia em dez mil cópias, cada uma delas mais bela que o original. Homero e Platão leriam com mais satisfação os seus próprios escritos; e os seus escoliastas devem atribuir a palma ao labor dos nossos editores ocidentais.

Uso e abuso da erudição antiga

Antes do renascimento da literatura clássica, os bárbaros da Europa estavam mergulhados na ignorância, e as suas línguas vulgares deixavam transparecer a grosseria e a pobreza dos seus costumes. Os que estudaram os idiomas mais perfeitos de Roma e da Grécia entraram num novo mundo de luzes e de ciência, vendo-se admitidos na sociedade das nações livres e polidas da Antiguidade, em pleno convívio com esses homens imortais que haviam falado a linguagem sublime da eloquência e da razão. Estas relações tendiam necessariamente a afinar o gosto e a elevar a alma dos modernos; e, no entanto, o resultado dos primeiros ensaios leva a crer que o estudo dos Antigos emprestara mais grilhões do que asas ao espírito humano. Por mais

louvável que seja, o espírito de imitação é de natureza servil; e os primeiros discípulos dos Gregos e dos Romanos pareciam formar uma colônia de estrangeiros no meio da sua época e do seu país. O cuidado minucioso e laborioso posto na pesquisa das antiguidades de tempos recuados podia ter sido empregado na melhoria ou no embelezamento do estado presente da sociedade; os críticos e os metafísicos eram escravos da autoridade de Aristóteles; os poetas, os historiadores e os oradores tinham orgulho em repetir os pensamentos e palavras do século de Augusto; as obras da Natureza eram observadas com os olhos de Plínio e Teofrasto; e alguns devotos pagãos veneravam em segredo os deuses de Homero e de Platão(*). Os Italianos viram-se esmagados pela força e o número dos seus antigos auxiliares; o século que se seguiu às mortes de Petrarca e de Bocácio pululou de uma multidão de imitadores latinos que deixamos repousar convenientemente nas prateleiras das nossas estantes; mas nessa época de erudição não seria fácil distinguir uma verdadeira descoberta da ciência, uma obra de invenção ou de eloquência na língua nacional. Contudo, logo que ficou embebido deste orvalho celestial, o solo não tardou a lançar vegetação e vida; os idiomas modernos aperfeiçoaram-se; os clássicos de Atenas e Roma inspiraram um gosto puro e uma nobre emulação; e em Itália, como depois em França e Inglaterra, ao reinado atraente da poesia e da ficção sucederam as luzes da filosofia especulativa e experimental. O génio pode antecipar o período da maturidade; mas na educação de um povo, tal como na de um indivíduo, é preciso exercitar a memória antes de as faculdades da razão e da imaginação poderem expandir-se; e só depois de ter aprendido a imitar as obras dos seus predecessores é que o artista pode esperar igualá-las ou superá-las.

À união das Igrejas, alcançada no Concílio de Florença, seguiu-se em breve o cisma definitivo da Igreja grega (1440-1448). As operações de Ladislau, rei da Polónia e da Hungria, e as revoltas de João Huniades e Scanderbeg travaram os Turcos, mas não puderam obviar ao desfecho final. Constantino Paleólogo viria a tornar-se o último imperador romano de Constantinopla (1448-1453). Estes acontecimentos são descritos por Gibbon no Capítulo 67.

Capítulo 68

Carácter e reinado de Mahomet II. Cerco e tomada de Constantinopla. Entrada dos Turcos na cidade. Consternação e terror da Europa

O cerco de Constantinopla pelos Turcos chama antes de mais a nossa atenção para a pessoa e o carácter do poderoso destruidor deste império. Mahomet II era filho de Amurat II; e embora a sua mãe tenha sido intitulada de cristã e princesa, o mais provável é que ela se confundisse no meio das inúmeras concubinas que vinham de todos os países povoar o harém do sultão. A sua educação e os seus sentimentos começaram por ser os de um devoto muçulmano; e todas as vezes que conversava com um infiel, purificava logo a seguir as mãos e o rosto mediante as abluções prescritas pela lei. A idade e o trono levaram-no, segundo se diz, a afrouxar este estreito fanatismo; a sua alma ambiciosa recusava-se a admitir qualquer poder acima do dele; e nos momentos de maior liberdade atrevia-se (segundo consta) a alcunhar o profeta de Meca de salteador e impostor. Em público, porém, o sultão mostrou sempre um decente respeito pela doutrina e a disciplina do Alcorão; as suas indiscrições privadas nunca devem ter chegado aos ouvidos do vulgo; e convém suspeitar da credulidade dos estrangeiros e dos sectários, tão prontos a julgar que um espírito endurecido contra a verdade deve estar armado de um desdém ainda maior contra o absurdo e o erro. Instruído pelos mais hábeis mestres, Mahomet fez desde cedo rápidos progressos na senda do conhecimento; e afirma-se que além da sua língua materna, ele falava ou compreendia cinco línguas, o árabe, o

persa, o caldeu ou hebraico, o latim e o grego. O persa podia contribuir, em boa verdade, para o seu recreio, e o árabe para a sua edificação; aliás, tais estudos são familiares aos jovens orientais. Em resultado dos contactos entre Gregos e Turcos, é natural que um conquistador quisesse saber a língua de um povo que ele aspirava a submeter; era interessante que os louvores que lhe faziam em verso ou em prosa latina pudessem chegar aos seus ouvidos reais; mas que uso ou mérito poderia recomendar ao estadista ou ao letrado o rude dialecto dos seus escravos hebreus? Tinha bem presente a História e a geografia do mundo; as vidas dos heróis do Oriente, e talvez do Ocidente, inflamavam a sua emulação; as suas noções de astrologia são desculpadas pela insânia dos tempos e pressupõem alguns rudimentos de matemática; e os seus generosos convites e recompensas aos pintores de Itália revelam um gosto profano pelas artes(*). No entanto, a religião e as letras não surtiram qualquer efeito sobre a sua natureza selvagem e desregrada. Não referirei, nem tão-pouco acredito plenamente nas histórias dos seus catorze pajens a quem desventrou à procura de um melão roubado, ou da bela escrava que o próprio Mahomet II decapitou a fim de provar aos janízaros que o amo deles não se deixava subjugar pelo amor(**). A sua sobriedade é atestada pelo silêncio dos anais turcos, que só acusam três príncipes da linha otomana do vício da embriaguez(***). Mas não podemos negar que as suas paixões eram simultaneamente raivosas e implacáveis; que, tanto no palácio como no campo de batalha, jorravam rios de sangue à mais pequena irritação; e que os mais nobres dentre os seus jovens cativos eram muitas vezes desonrados pela sua lascívia contranatura. Na guerra da Albânia, ele meditou as lições do pai, não tardando a superá-lo; e a conquista de dois impérios, doze reinos e duzentas cidades, cálculo falso e lisonjeiro, é atribuída à sua cimitarra invencível. Tinha sem dúvida as qualidades de um soldado, e talvez de um general; Constantinopla coroou a sua glória; mas se compararmos os meios, os obstáculos e as proezas, Mahomet II deve corar ao ver-se cotejado com Alexandre ou Timur. Sob o seu comando, as forças otomanas mostraram-se sempre mais numerosas que os exércitos inimigos, e mesmo assim as suas conquistas não passaram do Eufrates e do Adriático, e o seu avanço foi sustido por Huniades e Scanderbeg, pelos cavaleiros ródios e pelo rei persa.

Sob o reinado de Amurat, ele saboreara a realeza por duas vezes, e por duas vezes descera do trono; a sua tenra idade impediu-o de se opor à restauração do pai, mas nunca perdoou aos vizires que haviam aconselhado

esta medida salutar. Desposou a filha de um emir turcomano, e, após uma boda de dois meses, partiu com a noiva de Adrianópolis para ir residir no governo de Magnésia. Ainda não tinham decorrido seis semanas, quando foi de novo chamado por uma mensagem do divã que anunciava a morte de Amurat e a ameaça de motins por parte dos janízaros. A sua rapidez e o seu vigor compeliram-nos à obediência; atravessou o Helesponto com uma guarda escolhida, e, a uma milha de Adrianópolis, os vizires e os emires, os imãs e os cádis, os soldados e o povo prosternaram-se aos pés do novo sultão. Todos simularam lágrimas de emoção e atitudes de regozijo; ele subiu ao trono com vinte e um anos e preveniu qualquer causa de sedição por meio da morte inelutável dos seus irmãos ainda crianças. Os embaixadores da Europa e da Ásia vieram pouco depois felicitá-lo pela sua entronização e solicitar a amizade dele; a todos se dirigiu então com palavras de moderação e de paz. A confiança do imperador grego restabeleceu-se devido aos juramentos solenes e às garantias aliciantes de que ele fez acompanhar a ratificação do tratado; e, por fim, destinou um rico domínio nas margens do Estrímon ao pagamento anual de uma pensão de trezentos mil aspres, para manutenção de um príncipe otomano que se encontrava retido a seu pedido na corte bizantina. Mas os vizinhos de Mahomet devem ter estremecido ao ver a severidade com que o jovem monarca reformava o fausto da casa paterna; as despesas do luxo deram lugar aos gastos da ambição, e um inútil séquito de setecentos falcoeiros foi despedido ou alistado nas tropas. No primeiro Verão do seu reinado, ele visitou à cabeça de um exército as províncias asiáticas; mas depois de ter humilhado o orgulho dos Caramânios, Mahomet aceitou a submissão deles, a fim de não ser desviado pelo mínimo obstáculo na execução do seu maior desígnio.

Mahomet construiu uma fortaleza em Assómaton, no Bósforo, e fez preparativos para o cerco a Constantinopla. Construiu-se um canhão de enorme potência. Entretanto, o imperador Constantino Paleólogo tentou inutilmente obter ajuda do Ocidente.

O cerco de Constantinopla

Dois dos lados do triângulo formado pela cidade de Constantinopla, os que se estendem ao longo do mar, eram inacessíveis ao inimigo; a Propôntida, por causas naturais, o porto, por obra do homem. Entre estas duas margens, a base do triângulo, do lado da terra, estava protegida por uma dupla muralha e um fosso com cem pés de profundidade.

Os Otomanos dirigiram o seu principal ataque contra esta linha de fortificação a que Franza, uma testemunha ocular, atribuiu um comprimento de seis milhas; e o imperador, depois de distribuir o serviço e o comando dos postos mais perigosos, empreendeu a defesa da muralha exterior. Nos primeiros dias do cerco, os soldados gregos desceram ao fosso ou fizeram uma surtida em campo aberto; não tardaram, porém, a verificar que, na proporção dos seus respectivos números, um cristão valia mais de vinte turcos; e, após estas provas iniciais de coragem, eles contentaram-se prudentemente em defender a muralha com as suas armas de arremesso. Esta prudência não pode ser acusada de pusilanimidade. É bem certo que a nação era cobarde e vil, mas o último Constantino merece o nome de herói; a sua valorosa tropa de voluntários respirava a virtude dos primeiros romanos, e os auxiliares estrangeiros sustentavam a honra da cavalaria ocidental. Chuvas incessantes de dardos e setas faziam-se acompanhar do fumo, do ruído e do fogo da sua mosquetaria e dos seus canhões. Cada uma das suas pequenas armas disparava ao mesmo tempo cinco ou mesmo dez balas de chumbo do tamanho de uma noz; e, segundo a espessura das fileiras cerradas e a força da pólvora, cada tiro podia atravessar a armadura e o corpo de vários guerreiros. Mas os Turcos em breve se aproximaram a coberto de trincheiras ou protegidos atrás das ruínas. Cada dia que passava vinha aumentar a ciência dos cristãos; mas o seu escasso depósito de pólvora ia-se gastando nas operações diárias. A sua artilharia era pouco poderosa em número e calibre; e embora possuíssem alguns canhões pesados, eles receavam colocá-los sobre as muralhas, pois estas, de tão vetustas, seriam decerto abaladas e derrubadas pela explosão. Esse mesmo segredo destruidor também havia sido revelado aos muçulmanos, pelos quais foi empregado com a energia que o zelo, as riquezas e o despotismo sempre acrescentam. O grande canhão de Mahomet já teve aqui a devida menção, na sua qualidade de objecto relevante e aparente na história dos tempos; este enorme engenho encontrava-se, além do mais, flanqueado por duas outras bocas de fogo de tamanho quase idêntico: a longa correnteza da artilharia turca estava apontada contra as muralhas; catorze baterias

fulminaram ao mesmo tempo os sítios mais acessíveis; e os autores, ao referirem-se a uma delas, servem-se de expressões equívocas, de tal modo que não sabemos se englobava cento e trinta peças, ou se disparou cento e trinta balas. Mau grado o poder e a actividade do sultão, não custa ver que ainda se estava na infância desta nova arte. Sob um mestre que contava os momentos, o grande canhão não podia ser carregado e disparado mais do que sete vezes por dia. Infelizmente, o metal aquecido rebentou; vários artilheiros pereceram, e admirou-se a habilidade de um artífice que se lembrou de prevenir o perigo e os acidentes, deitando óleo na boca dos canhões após cada explosão.

Os primeiros disparos feitos ao acaso produziram mais ruído que devastação; e foi devido ao conselho de um cristão que os engenheiros aprenderam a apontar para os dois lados opostos aos ângulos salientes de um baluarte. A potência e a repetição das descargas, apesar de alguma inépcia, surtiram efeito nas muralhas; e os Turcos, avançando até à beira do fosso, tentaram encher esta imensa abertura e abrir caminho para o assalto. Amontoaram lá dentro inúmeras faxinas, barris e troncos de árvores, e a impetuosidade deste tropel foi de tal ordem, que os homens da frente e os mais fracos se viram empurrados para o interior do precipício, ficando imediatamente soterrados sob as massas lá deitadas. Encher o fosso era a tarefa dos sitiados, e remover todo aquele entulho era o único meio de salvação dos sitiados; após longos e sangrentos combates, a teia tecida pelos muçulmanos durante o dia acabava sempre por ser destruída à noite. Mahomet recorreu em seguida à arte das minas; mas o solo era rochoso, e todas as tentativas depararam com a resposta dos engenheiros cristãos por meio de contraminas; ainda não se tinha inventado o estratagema de encher estas passagens subterrâneas com pólvora e fazer saltar torres e cidades inteiras. A circunstância que distingue o cerco de Constantinopla é a junção da antiga à moderna artilharia. Os canhões entremeavam-se com máquinas de guerra que lançavam pedras e dardos; as balas e o aríete flagelavam as mesmas muralhas; e a descoberta da pólvora não fizera esquecer o uso do fogo-greguês, líquido e inextinguível. Uma enorme torre de madeira ia avançando sobre cilindros; este depósito móvel de munições e faxinas era defendido por uma tripla cobertura de peles de boi; os guerreiros que ela abrigava disparavam continuamente e sem perigo pelas aberturas; a parte dianteira estava munida de três portas que permitiam aos soldados e aos obreiros fazer alternadamente surtidas e retiradas. Subiam por uma escada à

plataforma superior, e do alto desta plataforma podia-se elevar uma escada por meio de roldanas a fim de formar uma ponte que se prendia à muralha inimiga. Por acção destes diversos sistemas de ataque, alguns tão novos quanto funestos para os Gregos, a torre de São Romano acabou por ceder: após um renhido combate, os Turcos foram repelidos da brecha e detidos pelas trevas; confiavam, porém, que ao amanhecer poderiam reatar o ataque com redobrado vigor e mais êxito. Nesta pausa da luta, neste intervalo de esperança, nem um só instante se perdeu graças ao empenho do imperador e do genovês Justiniani, que passaram a noite no local e incitaram os trabalhos de que dependiam a sorte da Igreja e a da cidade. Ao alvorecer, o impaciente sultão viu com surpresa e dor a sua torre de madeira reduzida a cinzas; o fosso estava limpo e restabelecido, e a torre de São Romano novamente sólida e inteira. Ele lamentou o malogro do seu projecto e soltou uma exclamação profana, dizendo que a palavra de trinta e sete mil profetas não o teria levado a acreditar que os infiéis pudessem em tão pouco tempo fazer semelhante obra.

A generosidade dos príncipes cristãos mostrou-se fria e tardia; mas logo aos primeiros receios de sofrer um cerco, Constantino negociara os provimentos mais indispensáveis nas ilhas do Arquipélago, na Moreia e na Sicília. Ao primeiro dia de Abril, cinco grandes navios, equipados para o comércio e a guerra, teriam zarpado do porto de Quios se o vento não soprasse teimosamente do norte. Um destes navios arvorava o pavilhão imperial; os restantes quatro pertenciam aos Genoveses; e estavam carregados de trigo e cevada, de vinho, azeite e legumes, e, sobretudo, de soldados e marinheiros para o serviço da capital. Após uma aborrecida demora, uma brisa suave vinda do sul, que ao segundo dia se transformou num vento mais forte, impeliu-os através do Helesponto e da Propôntida; a capital do império, contudo, já havia sido investida por mar e por terra, e a armada turca, à entrada do Bósforo, estendia-se de uma margem à outra em forma de crescente para interceptar, ou pelo menos repelir, estes destemidos auxiliares. O leitor que tenha presente no espírito o quadro geográfico de Constantinopla conceberá e admirará a grandiosidade do espectáculo. Os cinco navios cristãos continuaram a avançar com brados de júbilo, à força de velas e de remos, contra uma frota inimiga de trezentos navios; e as muralhas, o acampamento, as costas da Europa e da Ásia estavam cobertos de inumeráveis espectadores que esperavam ansiosamente o desfecho deste importante socorro. À primeira vista, tal desfecho não oferecia dúvidas; a

superioridade dos muçulmanos era de todo em todo desproporcionada, e, em tempo de calma, o seu número e valor levaria inevitavelmente a melhor. No entanto, a sua marinha feita à pressa e imperfeita não fora criada pelo génio do povo, mas pela vontade do sultão; no auge da prosperidade, os Turcos reconheceram que, se Deus lhes dera o domínio da terra, já por outro lado deixara o mar nas mãos dos infiéis; e uma série de derrotas e uma rápida decadência provaram a veracidade da sua modesta confissão. Exceptuando dezoito galeras de alguma força, o resto da armada compunha-se de barcos abertos, de construção grosseira e mal manobrados, repletos de tropas e desprovidos de canhões; e dado a coragem provir em grande medida da consciência das nossas forças, os mais bravos janízaros talvez hajam tremido sobre um novo elemento. Na esquadra cristã, cinco seguros e grandes navios eram governados por pilotos hábeis e tripulados por veteranos de Itália e da Grécia exercitados nas lides e nos perigos do mar. O seu fim consistia em afundar ou destroçar as fracas embarcações que lhes impediam a passagem; a sua artilharia varria as ondas, e o fogo-greguês jorrava sobre os inimigos que ousavam aproximar-se para tentar a abordagem; os ventos e as vagas estão sempre do lado dos navegadores mais hábeis. Neste combate, o navio imperial, já quase subjugado, foi salvo pelos Genoveses; e os Turcos, num ataque distante e noutro mais aproximado, viram-se rechaçados por duas vezes com baixas significativas. Mahomet estava montado a cavalo, no meio da praia, a fim de encorajar os muçulmanos com a sua voz e a sua presença, e também com promessas de recompensa ou com o receio que ele inspirava, mais forte que o receio do inimigo. A agitação da sua alma, os próprios movimentos do seu corpo, pareciam imitar as acções dos combatentes; e como se fosse ele o senhor da Natureza, alheio ao medo, fazia esforços impotentes para esporear o seu cavalo adentro do mar. As suas violentas censuras e os clamores do acampamento determinaram os Otomanos a um terceiro ataque, mais fatal e sangrento para si mesmos que os dois anteriores; e devo citar aqui, embora não lhe dê crédito, o testemunho de Franza que afirma, reproduzindo a própria confissão dos Turcos, terem eles perdido mais de doze mil homens na carnificina desse dia. Fugiram em desordem, rumo às costas da Europa e da Ásia, enquanto a esquadra cristã, vitoriosa e incólume, avançava ao longo do Bósforo e ancorava em segurança dentro da corrente de ferro que protegia o porto. Inebriados pela vitória, vangloriavam-se de que todo o exército turco se teria vergado à força dos seus braços; por seu lado, o

almirante ou capitão-paxá procurava algum consolo para o doloroso ferimento sofrido na vista, atribuindo a este acidente a causa da sua derrota. Baltha-Ogli era um renegado oriundo dos príncipes da Bulgária; as suas qualidades militares sobressaíam menos por causa do vício abominado da avareza; e, sob o despotismo de um príncipe ou do povo, a desgraça é uma prova suficiente de culpabilidade. O título e os serviços deste guerreiro foram apagados pelo descontentamento do sultão. Estendido no chão por quatro escravos na presença de Mahomet, o paxá recebeu cem vergastadas com uma barra de ouro; Mahomet ordenara a sua morte, e ele admirou a clemência do sultão, que se contentou com o castigo mais suave do confisco de bens e do exílio. Este socorro reanimou as esperanças dos Gregos e pôs a nu a inércia dos seus aliados ocidentais. No meio dos desertos da Anatólia e dos rochedos da Palestina, milhões de cruzados tinham vindo procurar uma morte voluntária e inevitável; mas Constantinopla, pela sua situação, apresentava-se fortificada contra os inimigos e acessível aos amigos; um armamento razoável e pouco considerável dos Estados marítimos podia ter salvo os restos do nome romano e mantido uma fortaleza cristã no coração do Império Otomano. Contudo, a única e débil tentativa para libertar Constantinopla limitou-se aos já referidos cinco navios. As nações afastadas mostraram-se insensíveis ao perigo, e o embaixador da Hungria, ou pelo menos o de Huniades, residia no acampamento turco, a fim de dissipar os receios e dirigir as operações do sultão.

Era difícil aos Gregos penetrar no segredo do divã; no entanto, os seus autores estão convencidos de que uma resistência tão obstinada e surpreendente fatigara a perseverança de Mahomet. Ele começou a congeminar uma retirada; e o cerco teria sido em breve levantado se a ambição e a inveja do segundo vizir não se houvessem oposto aos pérfidos conselhos de Calil-Paxá, que continuava a manter uma correspondência secreta com a corte bizantina. A rendição da cidade parecia inviável, a menos que se pudesse empreender um ataque contra o porto, em simultâneo com um assalto das tropas por terra; o porto, no entanto, era inacessível: a grossa corrente que o fechava estava agora defendida por oito grandes navios, vinte de tamanho mais pequeno, e várias galeras e barcos; em vez de forçar esta barreira, os Turcos deviam antes temer uma surtida naval e um segundo confronto em pleno mar. No meio destas perplexidades, o génio de Mahomet engendrou e executou um plano de uma ousadia prodigiosa, transportando por terra os navios mais leves e as munições

desde o Bósforo até à parte mais alta do porto. A distância é de aproximadamente dez milhas; o terreno é irregular e apresentava-se coberto de mato; e dado que era necessário passar por detrás do subúrbio de Galata, o êxito da empresa ou a morte de todos os que nela participassem dependiam da atitude da colónia genovesa. No entanto, estes mercadores egoístas ambicionavam o favor de serem devorados em último lugar, e o sultão, sossegado a tal respeito, supriu por meio de miríades de braços obedientes a falta de conhecimentos mecânicos. O caminho aplanado foi coberto com uma larga plataforma de tábuas fortes e sólidas; e a fim de as tornar mais escorregadias e macias, decidiu-se untá-las de sebo de carneiro e boi. Oitenta galeras leves e bergantins de cinquenta e trinta remos acostaram à margem do Bósforo, sendo sucessivamente colocados sobre rolos e impelidos à força de braços e roldanas. Dois guias ou pilotos iam ao leme e à proa de cada navio: as velas desfraldaram-se ao vento, e cânticos e aclamações alegraram a faina. Durante uma única noite, esta armada turca subiu a custo a colina, atravessou a planície e escorregou pelo declive em direcção às águas menos fundas do porto, ao abrigo dos danos que os navios mais pesados dos Gregos poderiam causar-lhes. A verdadeira importância desta operação foi ampliada pela inquietação dos Gregos e pela confiança que incutiu nos Turcos; mas o facto notório e incontestável patenteou-se à vista das duas nações, cujos escritores o relataram. Um estratagema semelhante havia sido frequentemente empregado pelos Antigos: as galeras otomanas (devo repeti-lo) não passavam de grandes barcos; se compararmos o tamanho e a distância, os obstáculos e os meios, talvez o celebrado milagre haja sido igualado pela perícia dos nossos tempos. Assim que ocupou a parte superior do porto com navios e tropas, Mahomet construiu no sítio mais estreito uma ponte, ou melhor, um molhe de cinquenta côvados de largura e cem de comprimento; era constituído por barricas e tonéis ligados por barrotes e aros de ferro, e revestidos de um sobrado sólido. Ele montou um dos seus maiores canhões sobre esta bateria flutuante, enquanto as oitenta galeras, com as tropas e as escadas, se aproximavam do lado mais acessível, aquele por onde outrora os guerreiros latinos haviam tomado a cidade de assalto. Os cristãos têm sido acusados de indolência por não haverem destruído estas obras antes de estarem acabadas; mas o fogo da sua bateria foi dominado e silenciado por um fogo superior; e uma noite eles bem tentaram incendiar os navios, assim como a ponte do sultão. A vigilância de Mahomet impediu a aproximação deles; as

galeotas da frente foram afundadas ou apresadas; quarenta jovens, os mais corajosos de Itália e da Grécia, morreram desumanamente supliciados por sua ordem; e a dor do imperador não se atenuou com a justa, embora cruel retaliação de mandar expor nas muralhas as cabeças de duzentos e sessenta cativos muçulmanos. Após um cerco de quarenta dias, já nada podia mudar o destino de Constantinopla. A reduzida guarnição estava esgotada por um duplo ataque; as fortificações, que haviam resistido durante séculos às arremetidas dos inimigos, ficaram desmanteladas de alto a baixo pelo canhão otomano; abriram-se muitas brechas, e, junto à porta de São Romano, quatro torres jaziam por terra. Para pagar às suas tropas debilitadas e prontas a amotinar-se, Constantino viu-se obrigado a despojar as igrejas, prometendo restituir quatro vezes o valor do que tomava; e o seu sacrifício deu ensejo a um novo motim de censura por parte dos inimigos da união. O espírito de discórdia diminuiu o que restava das forças dos cristãos; os auxiliares genoveses e venezianos faziam valer a preeminência dos seus respectivos serviços; e Justiniani e o grão-duque, cuja ambição não se desvanecera ante o perigo comum, acusavam-se mutuamente de traição e cobardia.

Durante o cerco de Constantinopla falara-se algumas vezes de paz e capitulação; e várias embaixadas haviam transitado entre o acampamento e a cidade. O imperador grego sentia-se humilhado pela adversidade e teria acedido a quaisquer condições que resguardassem a sua religião e a sua realza. O sultão turco estava desejoso de poupar o sangue dos soldados; e mais desejoso ainda de lançar mão para seu próprio uso dos tesouros bizantinos; e cumpria também um dever sagrado de muçulmano ao apresentar aos *Gaburs* a alternativa da circuncisão, de um tributo ou da morte. A cupidez de Mahomet ter-se-ia satisfeito com uma soma anual de cem mil ducados; mas a sua ambição visava a capital do Oriente; ele propôs a Constantino um equivalente desta cidade, e aos Gregos a tolerância ou a licença para abalarem em segurança; no entanto, após infrutíferas negociações, declarou a sua resolução de encontrar um trono ou uma sepultura sob as muralhas de Constantinopla. O sentido da honra e o receio da censura universal impediram Paleólogo de entregar a sua capital aos Otomanos; e decidiu suportar os últimos extremos da guerra. O sultão levou vários dias a ultimar os preparativos do assalto; e a sua confiança na astrologia, ciência favorita, deixou respirar os Gregos até ao dia 29 de Maio, anunciado pelos astros como o momento propício e predestinado. Na

noite de 27, ele ditou as ordens finais; chamou à sua presença os chefes militares, mandou os arautos anunciar no acampamento os motivos desta perigosa empresa e incitar os soldados a fazerem o seu dever. O medo constitui o princípio basilar de um governo despótico; e as ameaças, expressas no estilo oriental, apregoavam que, mesmo que os fugitivos e os desertores tivessem as asas de um pássaro, não escapariam à sua inexorável justiça. A maioria dos seus paxás e janízaros eram filhos de pais cristãos, mas as glórias do nome turco iam sendo perpetuadas por adoções sucessivas; e apesar da mudança gradual dos indivíduos, o espírito de uma legião, de um regimento, ou de uma *oda* mantém-se vivo através da imitação e da disciplina. Nesta guerra santa, os muçulmanos foram exortados a purificar o espírito pela oração, e o corpo por sete abluções; e a absterem-se de comida até ao fim do dia seguinte. Uma multidão de dervixes visitou as tendas para incutir o desejo do martírio e a certeza de uma juventude imortal passada no meio dos rios e jardins do paraíso, nos braços de virgens de olhos negros. No entanto, Mahomet contava sobretudo com a eficácia das recompensas temporais e palpáveis. Prometeu-se um duplo soldo como prémio da vitória. «A cidade e os edifícios pertencem-me», declarou Mahomet, «mas abandono à vossa bravura os cativos e o espólio, os tesouros do ouro e da beleza; sede ricos e felizes. São muitas as províncias do meu império; o intrépido soldado que escalar primeiro as muralhas de Constantinopla será recompensado com o governo da mais bela e rica de todas; e a minha gratidão acumulará sobre ele honras e riquezas muito além das suas esperanças.» Motivos tão variados e tão fortes espalharam um ardor geral entre os turcos, desapegados da vida e desejosos de acção: o acampamento ressoou com os brados muçulmanos de «Deus é Deus; só há um Deus, e Maomé é o apóstolo de Deus», e o mar e a terra desde Galata às sete torres iluminaram-se do resplendor das suas fogueiras. Era muito diferente o ânimo dos cristãos; com ruidosos e inúteis lamentos, eles carpiam os seus pecados ou o castigo que os ameaçava. A imagem celestial da Virgem tinha sido exposta numa procissão solene; mas a divina padroeira mostrava-se surda às suas súplicas; eles acusavam a obstinação do imperador, que recusara render-se quando ainda era tempo; antecipavam os horrores da sua sorte; e suspiravam pelo repouso e a segurança de que esperavam gozar na servidão dos Turcos. Os gregos mais nobres e os aliados mais valorosos foram chamados ao palácio na noite de 28, a fim de se prepararem para o terrível assalto geral que lhes cumpria sustentar. O último

discurso de Paleólogo constituiu a oração fúnebre do Império Romano; prometeu, exortou e tentou em vão infundir a esperança que se apagara no seu próprio íntimo. Neste mundo, tudo era desconsolado e sombrio; e nem o Evangelho nem a Igreja prometeram qualquer recompensa notável aos heróis que iriam tombar ao serviço da pátria. Mas o exemplo do príncipe e a sufocação resultante do cerco haviam armado os guerreiros da coragem do desespero; esta cena patética é descrita pela pena do historiador Franza, que também se encontrava presente na lúgubre reunião. Todos choravam e se abraçavam; devotavam-se à morte esquecendo a família e as riquezas; e cada comandante se encaminhou para o seu posto, mantendo durante toda a noite uma vigilância ansiosa nas muralhas. O imperador e alguns fiéis companheiros entraram na Catedral de Santa Sofia, que dentro de poucas horas iria transformar-se em mesquita; e receberam piedosamente, por entre lágrimas e preces, o sacramento da santa comunhão. Constantino repousou uns momentos no palácio, onde ecoavam gritos e lamentos; pediu perdão a todos os que pudesse ter ofendido; e montou a cavalo para visitar os guardas e observar os movimentos do inimigo. A mágoa e a queda do último dos Constantinos são mais gloriosas do que a longa prosperidade dos Césares bizantinos.

A tomada de Constantinopla

No meio das trevas, um atacante pode não raramente ser bem-sucedido; mas, neste desmesurado ataque geral, o critério militar e os conhecimentos astrológicos de Mahomet aconselharam-no a esperar pela manhã desse memorável dia 29 de Maio do ano 1453 da era cristã. Não se havia perdido um só instante da noite anterior: as tropas, o canhão e as faxinas tinham avançado para a beira do fosso, que em muitos sítios oferecia um caminho regular e plano até às brechas; e as oitenta galeras quase tocavam com as proas e as escadas de escalada nas muralhas menos defendíveis do porto. O sultão ordenou silêncio sob pena de morte, mas as leis físicas do movimento e do som não estão submetidas à disciplina e ao medo; cada indivíduo podia abafar a voz e medir os passos; no entanto, a marcha e as lides de um numeroso exército produziram inevitavelmente uma estranha mistura de sons confusos que chegaram aos ouvidos das sentinelas das torres. Ao

alvorecer, sem o habitual disparo de canhão da manhã, os Turcos assaltaram a cidade por terra e por mar; e houve quem comparasse a sua linha de ataque cerrada e contínua a uma comprida corda torcida ou entrançada. As fileiras da frente compunham-se do refugo das tropas, uma turba de voluntários que combatiam sem disciplina nem ordem, de velhos ou crianças, de camponeses e vagabundos, e de todos os que se tinham juntado ao exército na cega esperança do saque ou do martírio. Um impulso geral conduziu-os para diante da muralha; os mais ousados na escalada foram logo precipitados no fosso; e nem um dardo nem uma bala dos cristãos se gastou em vão contra aquele denso tropel. No entanto, as forças e as munições em breve se exauriram nesta laboriosa defesa: o fosso encheu-se de cadáveres que serviram de ponte aos companheiros; e a morte desta devotada vanguarda teve mais serventia do que a sua vida. As tropas da Anatólia e da România carregaram umas atrás das outras, conduzidas pelos seus respectivos paxás e sanjaques; os seus êxitos foram diversos e duvidosos, mas, após uma peleja de duas horas, os Gregos tinham e continuavam a ganhar vantagem; e ouviase a voz do imperador, encorajando os soldados a concluir, por meio de um derradeiro esforço, a libertação do país. Neste momento fatal, ergueram-se os janízaros, frescos, vigorosos e invencíveis. O sultão, a cavalo e com uma maça de ferro na mão, era espectador e juiz da bravura deles; encontrava-se rodeado de dez mil homens das suas tropas domésticas, as quais reservava para o momento decisivo; e as vagas de combatentes eram incitadas pela sua voz e o seu olhar. Os inúmeros ministros da sua justiça, postados atrás da linha, acicatavam, continham e puniam os guerreiros; e se o perigo estava à frente, a vergonha e uma morte inevitável seguiam atrás dos que se atreviam a fugir. Os gritos de medo e dor eram abafados pela música marcial dos tambores, trombetas e timbales; e a experiência provou que a operação mecânica dos sons, ao activar a circulação do sangue e dos humores, produz mais efeito na máquina humana do que a eloquência da razão e da honra. Instalada nas linhas, nas galeras e na ponte, a artilharia otomana flagelava os Gregos por toda a parte; o acampamento e a cidade, os sitiados e os sitiantes, viam-se envoltos numa nuvem de fumo que já só poderia dissipar-se após a libertação ou a destruição final do Império Romano. Os combates singulares dos heróis da História ou da fábula divertem a nossa imaginação e suscitam-nos interesse; as hábeis evoluções da guerra podem esclarecer o espírito e aperfeiçoar uma arte necessária, se bem que perniciosa. Mas no

quadro uniforme e odioso de um assalto geral, tudo é sangue, horror e confusão; sendo assim, à distância de três séculos e de um milhar de milhas, nem sequer tentarei delinear uma cena que não teve espectadores e acerca da qual os próprios actores não podiam formar qualquer ideia precisa ou adequada.

A perda tão rápida de Constantinopla pode ser atribuída à bala ou à seta que trespassou a manopla de João Justiniani. A visão do sangue e a dor lancinante abateram a coragem deste chefe, cujo braço e conselhos eram os mais firmes baluartes da cidade. Ao abandonar o seu posto para ir procurar um cirurgião, o infatigável imperador deu-se conta da retirada dele e deteve-o. «A vossa ferida é ligeira», exclamou Paleólogo, «o perigo é premente, a vossa presença necessária; e por onde se fará a vossa retirada?» «Retirar-me-ei», respondeu o trémulo genovês, «pelo mesmo caminho que Deus abriu aos Turcos»; e, após estas palavras, atravessou rapidamente uma das brechas da muralha interior. Com semelhante atitude de cobardia, desonrou toda uma vida militar, e os poucos dias que ainda sobreviveu em Galata, ou na ilha de Quios, foram envenenados pelas censuras da sua consciência e pelas do público. A maioria dos auxiliares latinos seguiu-lhe o exemplo, e a defesa começou a fraquejar quando o ataque se desencadeava com redobrado vigor. O número dos otomanos era cinquenta ou talvez cem vezes superior ao dos cristãos; as duplas muralhas ficaram reduzidas pela artilharia a um monte de ruínas; num perímetro de várias milhas, devia haver sítios de mais fácil acesso ou mais mal guardados; e se os sitiante conseguissem penetrar num único ponto, toda a cidade ficaria irremediavelmente perdida. O primeiro a merecer a recompensa do sultão foi Hassan, o janízaro, de uma estatura e de uma força gigantescas. Com a cimitarra numa mão e o escudo na outra, escalou o muro exterior; e de trinta janízaros, émulo da sua bravura, dezoito pereceram na ousada aventura. Hassan e os seus doze companheiros alcançaram o cimo; o gigante, porém, foi precipitado no fosso; soergueu-se ainda num joelho e voltou a tombar sob uma chuva de dardos e pedras. Mas o seu êxito inicial provara que a empresa era possível; as muralhas e as torres em breve se cobriram de um enxame de turcos; e os Gregos, perdendo assim a vantagem do terreno, acabaram esmagados por uma multidão crescente. No meio desta turba, o imperador(*), cumprindo todos os deveres de general e de soldado, pôde ser visto durante muito tempo até finalmente desaparecer. Os nobres que lutavam em volta da sua pessoa sustentaram até ao último suspiro os

honrosos nomes de Paleólogo e de Cantacuzeno; ouviu-se a sua soturna exclamação: «Não há afinal um cristão que queira cortar-me a cabeça?», e o seu último receio era cair vivo nas mãos dos infiéis. Determinado a morrer, Constantino tivera a precaução de se despojar das suas vestes de púrpura; caiu no meio do tumulto sob uma mão desconhecida e o seu corpo ficou sepulto debaixo de um montão de cadáveres. A sua morte pôs termo à resistência e ditou o desbarato: os Gregos fugiram em direcção à cidade; e muitos morreram apertados e sufocados na estreita passagem da Porta de São Romano. Os Turcos, vitoriosos, precipitaram-se através das brechas do muro interior; e avançando pelas ruas, depressa viram chegar os seus camaradas que tinham forçado a Porta de Fenar do lado do porto. No primeiro calor da perseguição, cerca de dois mil cristãos foram passados a fio de espada; no entanto, a cobiça não tardou a prevalecer sobre a crueldade; e os vencedores reconheceram que teriam desde logo dado quartel se o valor do imperador e dos seus soldados de elite não os houvessem feito supor que encontrariam a mesma oposição em todos os bairros da capital. Assim, depois de um cerco de cinquenta e três dias, Constantinopla, que desafiara a força de Cósroes, do chagan e dos califas, caiu definitivamente sob as armas de Mahomet II. Os Latinos só tinham derrubado o seu império, mas os conquistadores muçulmanos calcaram aos pés a sua religião.

O rumor da desgraça voa com rapidez; mas Constantinopla era tão extensa, que os bairros mais afastados ainda permaneceram alguns momentos na feliz ignorância da sua má sina. No meio da consternação geral, no meio dos sentimentos de ansiedade que cada qual nutria por si ou pela sua pátria, no meio do tumulto e do fragor do assalto, o certo é que os habitantes de Constantinopla devem ter passado uma noite de insónia; e custa-me a acreditar que um grande número de mulheres gregas tenham sido acordadas de um sono profundo e calmo pelos janízaros. Logo que houve a certeza da calamidade pública, as casas e os conventos ficaram imediatamente desertos; e os trémulos habitantes apinhavam-se nas ruas, qual rebanho de tímidos animais, como se a união das suas fraquezas pudesse produzir a força, ou na vã esperança de que, no meio da multidão, cada um deles encontraria esconderijo e salvação. Vinham de todas as partes da capital refugiar-se na Igreja de Santa Sofia: no espaço de uma hora, o santuário, o coro, a nave, as galerias superiores encheram-se de uma multidão de pais e maridos, mulheres e crianças, padres, monges e

religiosas; trancaram as portas por dentro, buscando asilo neste templo sagrado que ainda tão recentemente haviam abominado como um edifício profano e maculado. A sua confiança baseava-se na profecia de um fanático ou impostor que anunciara que os Turcos haviam de entrar um dia em Constantinopla e perseguir os romanos até à coluna de Constantino, na praça fronteira a Santa Sofia; mas isto seria o termo das calamidades, pois um anjo desceria dos céus empunhando o gládio e entregaria o império, juntamente com esta arma celeste, a um pobre homem sentado ao pé da coluna. «Pega neste gládio», diria ele, «e vinga o povo do Senhor.» Ouvindo estas palavras animadoras, os Turcos fugiriam de imediato, e os Romanos vitoriosos expulsá-los-iam então do Ocidente e de toda a Anatólia, até às fronteiras da Pérsia. É a tal propósito que Ducas, com alguma malícia e muita verdade, verbera a discórdia e a obstinação dos Gregos. «Se o anjo tivesse aparecido», exclama o historiador, «se ele houvesse proposto exterminar os vossos inimigos com a condição de consentirdes na união da Igreja, nesse momento fatal teríeis uma vez mais recusado a vossa salvação, ou então enganado o vosso Deus.»

Enquanto eles aguardavam a descida do anjo que tardava, as portas de Santa Sofia eram arrombadas à machadada; e dado os Turcos não encontrarem resistência, as suas mãos não fizeram correr sangue e trataram apenas de escolher e guardar a multidão de cativos. A juventude, a beleza e a aparência de riqueza determinaram a escolha; e o direito de propriedade decidiu-se entre eles segundo a prioridade da captura, a força pessoal e a autoridade dos chefes. No espaço de uma hora, os prisioneiros masculinos ficaram atados com cordas, e as mulheres com os seus véus e cintos. Os senadores foram emparelhados com os escravos; os prelados com os porteiros das igrejas; e jovens plebeus com nobres donzelas cujo rosto nem o sol nem os parentes mais chegados haviam alguma vez mirado. Neste cativoiro comum confundiram-se as hierarquias sociais; os laços da Natureza romperam-se; e os soldados implacáveis de Mahomet não atenderam aos gemidos dos pais, às lágrimas das mães, aos lamentos dos filhos. Os queixumes mais estridentes vinham das freiras, arrancadas aos altares de seios desnudos, mãos estendidas, cabelo desgrenhado; e julgamos piedosamente que poucas delas seriam levadas a preferir as vigílias do harém às do mosteiro. Filas inteiras destes infelizes gregos, destes animais domésticos, eram brutalmente conduzidos pelas ruas; e os conquistadores, desejosos de regressar para se apoderarem de mais despojos, açodavam a

sua marcha trémula com ameaças e pancadas. No mesmo instante, cenas de idêntica rapina repetiam-se em todas as igrejas e mosteiros, em todos os palácios e moradas da capital; nenhum lugar, por mais sagrado ou isolado que fosse, podia proteger as pessoas ou os bens dos Gregos. Mais de sessenta mil destes cidadãos devotos foram transportados para o acampamento e a frota, e depois trocados ou vendidos segundo o capricho ou o interesse dos seus donos, e dispersos em servidão pelas mais longínquas províncias do Império Otomano. Entre eles, convém referir aqui o destino de algumas figuras notáveis. O historiador Franza, camareiro-mor e primeiro-secretário do imperador, partilhou com a sua família da sorte comum. Após quatro meses de amargosa escravidão, recuperou a liberdade; no Inverno seguinte, arriscou-se a ir a Adrianópolis e resgatou a esposa das mãos do *mirbashi*, ou mestre da cavalaria; mas os seus dois filhos, na flor da idade e da beleza, haviam sido reservados ao uso do próprio Mahomet. A filha de Franza morreu no serrallo, porventura virgem; o seu filho, com quinze anos de idade, preferiu a morte à infâmia, e foi apunhalado pela mão do seu amante real, o sultão. Um acto tão desumano não pôde, decerto, ser expiado pela generosidade esclarecida com que ele libertou uma matrona grega e as suas duas filhas, ao receber uma ode latina de Filelfo, que tomara mulher nesta nobre família. O orgulho ou a crueldade de Mahomet ter-se-iam sentido altamente satisfeitos com a captura do legado romano; no entanto, a astúcia do cardeal Isidoro iludiu as buscas e permitiu-lhe fugir de Galata vestido de plebeu. A corrente de ferro e a entrada na enseada exterior continuavam na posse dos navios italianos, quer mercantes, quer de guerra. Eles tinham assinalado o seu valor durante o cerco; aproveitaram então para se retirar, enquanto os marinheiros turcos se entregavam à pilhagem da cidade. Quando içaram as velas, a praia estava coberta de uma turba suplicante e lastimosa; mas os meios de transporte eram escassos; os Venezianos e os Genoveses escolheram os seus compatriotas; e apesar das belas promessas do sultão, os habitantes de Galata abandonaram as suas casas e embarcaram com o que possuíam de mais precioso.

Na descrição da queda e do saque das grandes cidades, o historiador vê-se condenado a repetir sempre a narrativa das mesmas calamidades; os mesmos efeitos são produzidos pelas mesmas paixões; e quando estas paixões já não têm freio, ai de nós!, é bem pequena a diferença entre o homem civilizado e o selvagem. No conjunto das vagas exclamações da beatice e do ódio, não vemos os Turcos acusados de terem derramado de

modo intencional ou imoderado o sangue cristão; mas, segundo as máximas deles (que eram as máximas da Antiguidade), a vida dos vencidos pertencia-lhes; e a legítima recompensa do vencedor consistia no serviço, na venda ou no resgate dos seus cativos de ambos os sexos. O sultão concedera todas as riquezas de Constantinopla às suas tropas vitoriosas; e a rapina de uma hora é mais lucrativa que o labor de vários anos. Contudo, dado que o espólio não foi repartido de uma maneira regular, o mérito não determinou as respectivas porções; e os lacaios do acampamento, que não haviam sofrido as canseiras e os perigos da batalha, apropriaram-se das recompensas do valor. A narrativa de todas estas depredações não seria motivo de divertimento nem de instrução; avaliou-se em quatro milhões de ducados o património total que representava o resto da riqueza do império; e desta quantia, uma pequena parte era propriedade dos venezianos, dos genoveses, dos florentinos e dos mercadores de Ancona. Estes estrangeiros aumentavam a sua fortuna por meio de uma rápida e constante circulação; mas as riquezas dos gregos eram gastas na vã ostentação dos palácios e dos guarda-roupas, ou então enterradas sob forma de tesouros de lingotes e de moedas antigas, para que o fisco lhas não reclamasse em prol da defesa do país. A profanação e o saque dos mosteiros e das igrejas suscitaram as mais trágicas queixas. O próprio templo de Santa Sofia, o céu terrestre, o segundo firmamento, o veículo dos querubins, o trono da glória de Deus, foi despojado das oferendas de séculos; e o ouro e a prata, as pérolas e as jóias, os vasos e ornamentos sacerdotais que ele continha passaram a estar pecaminosamente ao serviço dos homens. Depois de as santas imagens terem sido despojadas de tudo o que se apresentava valioso a olhares profanos, a tela ou a madeira eram quebradas, despedaçadas, queimadas, espezinhadas ou aplicadas nos estábulos e nas cozinhas, em todos os usos mais vis. De resto, os conquistadores latinos de Constantinopla já haviam dado o exemplo de tais sacrilégios; e o tratamento que Cristo, a Virgem e os santos tinham sofrido por parte dos culpados católicos podia muito bem ser infligido pelo zeloso muçulmano aos monumentos da idolatria. Em vez de se juntar ao clamor público, um filósofo poderá observar que, no declínio das artes, a feitura não tinha provavelmente outro valor senão o tema da obra, e que um novo sortimento de visões e de milagres seria em breve providenciado pela esperteza dos padres e a credulidade do povo. Ele lamentará mais profundamente a perda das bibliotecas bizantinas, que ficaram destruídas ou dispersas no meio da confusão geral; consta que

desapareceram cento e vinte mil manuscritos, e que dez volumes podiam ser adquiridos nessa altura por um ducado; pior ainda, este preço ignominioso, talvez demasiado considerável para uma estante de livros de teologia, incluía as obras completas de Aristóteles e de Homero, as mais nobres criações da ciência e da literatura da Grécia antiga. Lembremo-nos ao menos, com prazer, de que uma inestimável porção dos nossos tesouros clássicos já estava guardada em segurança na Itália; e de que os artífices de uma cidade alemã tinham inventado uma arte que desafia os estragos do tempo e da barbárie.

A entrada de Mahomet II

Desde a primeira hora desse memorável 29 de Maio, a desordem e a rapina assolaram Constantinopla, só parando à oitava hora do mesmo dia, quando o sultão em pessoa transpôs triunfante a Porta de São Romano. Vinha acompanhado dos seus vizires, paxás e guardas, cada um dos quais (afirma um historiador bizantino) era robusto como Hércules, hábil como Apolo, equivalente na lide das armas a dez homens comuns. O conquistador pasmou-se, satisfeito e admirado, ante o estranho, se bem que esplendoroso aspecto das cúpulas e dos palácios tão diferentes do estilo da arquitectura oriental. No Hipódromo, ou *Atmeidan*, o seu olhar deteve-se fascinado na coluna retorcida das três serpentes; e, para exhibir a sua força, destruiu com a maça de ferro a mandíbula de um destes monstros que os Turcos encaravam como os ídolos ou os talismãs da cidade. Junto à porta principal de Santa Sofia, apeou-se do cavalo, entrou na igreja e mostrou-se tão cioso de conservar este monumento da sua glória que, ao avistar um zeloso muçulmano a quebrar o pavimento de mármore, o advertiu com a cimitarra de que, se ele concedera os despojos e os cativos aos soldados, já os edifícios públicos e particulares estavam reservados ao príncipe. Por sua ordem, a metrópole da Igreja do Oriente acabou transformada em mesquita: os ricos instrumentos da superstição que era fácil deslocar já haviam sido levados; derrubaram-se as cruzes; e as paredes, cobertas de azulejos e de frescos, foram lavadas, purificadas e devolvidas à sua nua simplicidade. Nesse mesmo dia, ou na sexta-feira seguinte, o muezim, ou apregoador, subiu à torre mais alta e proclamou o *ezan*, ou convite público, em nome de

Deus e do seu profeta; o imã pregou; e Mahomet II fez a *namaz* de preces e de acção de graças no altar-mor onde os mistérios cristãos haviam sido ainda tão recentemente celebrados na presença do último dos Césares. Ao sair de Santa Sofia, ele encaminhou-se para a morada augusta, mas desolada, anteriormente habitada por cem sucessores de Constantino, o *Magno*, mas que em poucas horas fora despojada da pompa da realeza. Ele não pôde coibir-se de fazer uma reflexão melancólica sobre as vicissitudes da grandeza humana, repetindo um elegante dístico de um poeta persa: «A aranha teceu a sua teia no palácio imperial, e a coruja soltou o seu pio nocturno nas torres de Afrasiab.»

Todavia, o seu espírito não estava satisfeito, e a vitória não lhe pareceu completa antes de ser informado do destino de Constantino — se escapara, se estava prisioneiro ou se tombara no campo de batalha. Dois janízaros reivindicaram a honra e o prémio da sua morte: o corpo, sob uma pilha de cadáveres, foi reconhecido devido às águias bordadas a ouro nos sapatos; os Gregos identificaram, debulhados em lágrimas, a cabeça do seu falecido imperador; e depois de haver exposto aos olhares públicos este troféu sangrento, Mahomet concedeu as honras de um funeral decente ao seu rival. Estando Constantino morto, Lucas Notaras, grão-duque e primeiro-ministro do império, era o prisioneiro mais importante. Conduziram-no então com as suas riquezas aos pés do trono: «E por que motivo», inquiriu, indignado, o sultão, «não utilizaste estes tesouros em defesa do teu príncipe e do teu país?» «Eram vossos», respondeu o escravo. «Deus reservara-os para as vossas mãos.» «Se estavam reservados para mim», redarguiu o déspota, «como tiveste a audácia de os reter durante tanto tempo por meio de uma resistência inútil e fatal?» O grão-duque alegou a obstinação dos auxiliares estrangeiros e um certo encorajamento secreto por parte do vizir turco; e saiu finalmente desta perigosa entrevista, com a garantia de que lhe perdoavam e protegeriam a sua vida. Mahomet condescendeu em visitar a mulher de Notaras, uma venerável princesa afligida pela doença e a mágoa; e consolou-a do seu infortúnio com palavras da maior humanidade e de respeito filial. A mesma clemência estendeu-se aos oficiais mais importantes do Estado, vários dos quais resgatou a suas próprias expensas; e durante alguns dias intitulou-se amigo e pai dos vencidos. Mas a situação não tardou a modificar-se, e antes da sua partida o Hipódromo inundou-se do sangue dos mais nobres cativos. A sua pérfida crueldade é amaldiçoada pelos cristãos; estes pintam com as cores de um martírio heróico a execução

do grão-duque e dos seus dois filhos, atribuindo a morte dele à generosa recusa de entregar os filhos à concupiscência do tirano. Um historiador bizantino deixou no entanto, por inadvertência, escapar palavras sobre uma conspiração e um projecto de libertação graças à ajuda italiana; semelhantes traições podem ser gloriosas; mas o rebelde que as assume corajosamente não tem o direito de se queixar ao perder a vida; e não devemos censurar um vencedor por destruir inimigos nos quais já não pode confiar. No dia 18 de Junho, o sultão vitorioso regressou a Adrianópolis, e sorriu das vis e enganosas embaixadas de felicitações dos príncipes cristãos, que entreviam a sua ruína já próxima na queda do Império do Oriente.

Constantinopla fora deixada nua e desolada, sem príncipe nem povo. Não se pudera, contudo, despojá-la da incomparável situação que a destinará sempre a metrópole de um grande império: e o génio do lugar triunfará invariavelmente dos acidentes do tempo e da fortuna. Bursa e Adrianópolis, antigas sedes dos Otomanos, reduziram-se desde então a cidades de província; e Mahomet II fixou a sua residência e a dos seus sucessores no mesmo local elevado que havia sido escolhido por Constantino. As fortificações de Galata, susceptíveis de proporcionar abrigo aos Latinos, foram prudentemente destruídas; mas os danos causados pela artilharia turca não tardaram a ser reparados, e antes do mês de Agosto já se tinham cozido grandes quantidades de cal para restaurar as muralhas da capital. Dado a plena posse do solo e dos edifícios públicos e particulares, profanos e sagrados, estar agora transferida para o conquistador, este começou por tomar um espaço de oito estádios no vértice do triângulo para a construção do seu serralho ou palácio. É aqui, no seio do luxo, que o *Grand Signor* (segundo era enfaticamente designado pelos Italianos) parece reinar sobre a Europa e a Ásia; no entanto, a sua pessoa, bem como as margens do Bósforo, nem sempre estarão livres dos ataques de uma armada inimiga. Sob a sua nova forma de mesquita, a Catedral de Santa Sofia viu-se dotada de um avultado rendimento, coroada de altos minaretes e rodeada de bosques e fontes onde os muçulmanos podiam fazer as suas abluções e refrescar-se. Seguiu-se o mesmo modelo na construção dos *jami* ou mesquitas reais; a primeira foi edificada pelo próprio Mahomet sobre as ruínas da Igreja dos Santos Apóstolos e dos túmulos dos imperadores gregos. No terceiro dia após a conquista, uma visão revelou a sepultura de Abu Ayub, ou Job, que tombara durante o primeiro cerco posto pelos Árabes a Constantinopla; e é diante do sepulcro deste mártir que os novos

sultões cingem o gládio imperial. Constantinopla já não é da alçada do historiador do Império Romano; assim, não enumerarei os edifícios civis ou religiosos que foram profanados ou erigidos pelos senhores turcos; a população em breve se restabeleceu, e, antes do fim de Setembro, cinco mil famílias da Anatólia e da România já haviam obedecido à ordem régia que as intimava, sob pena de morte, a vir ocupar as moradas da capital. O trono de Mahomet era defendido pelo grande número e pela fidelidade dos seus súbditos muçulmanos; mas a sua política esclarecida aspirava a reunir o que restava dos Gregos, e estes voltaram em massa a partir do momento em que lhes deram garantias de segurança de vida, liberdade e livre exercício da sua religião. O cerimonial da corte bizantina foi retomado para a eleição e a investidura do patriarca. Com um misto de contentamento e medo, eles viram o sultão, na pompa da corte, depor nas mãos de Genádio o báculo pastoral, símbolo das suas funções eclesiásticas, conduzi-lo à porta do serralho, dar-lhe um cavalo ricamente ajaezado e ordenar aos vizires e paxás que o levassem até ao palácio destinado à sua residência. As igrejas de Constantinopla foram repartidas entre as duas religiões; fixaram-se os limites dos dois cultos; e até ao momento em que Selim, neto de Mahomet, violou tais privilégios, os Gregos desfrutaram durante mais de sessenta anos o benefício desta partilha equitativa. Encorajados pelos ministros do divã, que pretendiam atalhar ao fanatismo do sultão, os defensores do cristianismo ousaram sustentar que esta partilha não havia sido um acto de generosidade, mas de justiça; não uma concessão, mas um pacto; e que, se metade da cidade fora conquistada de assalto, já a outra metade se rendera em consequência de uma capitulação sagrada. Era bem certo que o fogo consumira a carta de garantia; mas esta perda podia ser suprida pelo depoimento de três velhos janízaros que se recordavam da concessão, e os seus juramentos venais pesam mais na opinião do historiador Cantemir do que a declaração positiva e unânime dos autores coevos.

Abandono às armas turcas os destroços da monarquia grega na Europa e na Ásia; mas só a extinção final das duas últimas dinastias que reinaram em Constantinopla põe ponto final no declínio e queda do Império Romano do Oriente. Os déspotas da Moreia, Demétrio e Tomás, irmãos de Constantino e herdeiros do nome de paleólogo, ficaram surpreendidos ao tomar conhecimento da morte do imperador e da ruína da monarquia. Sem esperança de poderem defender-se, eles dispuseram-se, juntamente com os nobres gregos que compartilhavam da sua sorte, a procurar refúgio em

Itália, longe do alcance da fúria otomana. As suas primeiras apreensões foram dissipadas pelo sultão vitorioso, que se contentou com um tributo de doze mil ducados; e enquanto a sua ambição assolava o continente e as ilhas em busca de pilhagem, ele deixou à Moreia uma trégua de sete anos. Estes sete anos, todavia, constituíram um período de dor, discórdia e miséria. O *hexamilion*, esse baluarte do istmo tantas vezes erguido e outras tantas derrubado, já não podia ser defendido por trezentos arqueiros italianos; os Turcos apoderaram-se das portas de Corinto; eles regressaram das suas incursões estivais com muitos cativos e despojos, escutando com indiferença e desprezo as queixas dos gregos ofendidos. Os Albaneses, uma tribo nómada de pastores e salteadores, infestaram a península de rapina e morte; os dois déspotas, Demétrio e Tomás, suplicaram a ajuda perigosa e humilhante de um paxá vizinho; e depois de haver jugulado a revolta, ele traçou as regras da conduta futura dos dois príncipes. Nem os laços de sangue, nem os juramentos feitos repetidamente ao pé do altar na altura da comunhão, nem a força ainda maior da necessidade, puderam apaziguar ou suspender as suas querelas intestinas. Cada um deles pôs a ferro e fogo o território do outro; as esmolas e o auxílio do Ocidente consumiram-se nesta guerra civil, e o poder de ambos somente se exercia em execuções cruéis e arbitrárias. Aflito e desejoso de vingança, o mais fraco dos dois chamou em socorro o senhor comum; e quando o tempo ficou maduro para o desagravo, Mahomet declarou-se amigo de Demétrio e entrou na Moreia com forças irresistíveis. Depois de ter tomado posse de Esparta, «Tu és demasiado fraco», disse então o sultão ao seu aliado, «para dominar esta província turbulenta; levarei a tua filha para a minha cama, e passarás o resto dos teus dias em segurança e cheio de honrarias.» Demétrio suspirou e obedeceu; entregou a filha e os castelos, seguiu o seu soberano e genro até Adrianópolis e recebeu, para sua própria manutenção e da sua casa, uma cidade na Trácia e as ilhas adjacentes de Imbros, Lemnos e Samotrácia. No ano seguinte, juntou-se-lhe um companheiro de infortúnio, David, o último da raça dos Comnenos, que, após a tomada de Constantinopla pelos Latinos, fundara um novo império na costa do mar Negro. Ao prosseguir as suas conquistas na Anatólia, Mahomet investiu com um armada e um exército a capital de David, que ousava intitular-se imperador de Trebizonda; a negociação limitou-se a uma pergunta breve e peremptória: «Quereis conservar a vossa vida e os vossos tesouros abdicando do trono? Ou preferis perder o trono, os tesouros e a vida?» O débil Comneno cedeu

aos seus próprios receios e seguiu o exemplo de um vizinho muçulmano, o príncipe de Sinope, que, intimado da mesma maneira, entregara uma cidade fortificada, quatrocentos canhões e dez ou doze mil soldados. A capitulação de Trebizonda foi fielmente executada segundo o estipulado, e o imperador David, juntamente com a família, mudou-se para um castelo da România; porém, devido a uns leves indícios de manter uma correspondência com o rei persa, David e toda a sua família acabaram sacrificados às suspeitas ou à cupidez do conquistador. Tão-pouco o nome de sogro do sultão pôde proteger durante muito tempo o infeliz Demétrio do exílio e do confisco dos bens; a sua abjecta submissão suscitou a piedade e o desprezo de Mahomet; os membros do seu séquito foram mandados para Constantinopla, tendo sido em seguida deliberado atenuar-lhe a pobreza por meio de uma pensão de cinquenta mil aspres, até que por fim o hábito de monge e a morte em idade já avançada libertaram Paleólogo do poder de um amo terreno. Não se torna fácil indicar qual o mais inglório: se a servidão de Demétrio ou o exílio do seu irmão Tomás. Após a conquista da Moreia, este déspota fugiu para Corfu e daí para Itália com alguns seguidores despojados de tudo; o seu nome, os seus sofrimentos e a cabeça do apóstolo Santo André valeram-lhe a hospitalidade do Vaticano; e a sua pobreza foi prolongada por uma pensão de seis mil ducados do papa e dos cardeais. Os seus dois filhos, André e Manuel, receberam educação em Itália; mas o mais velho, desdenhado pelos inimigos e pesado para os amigos, aviltou-se em consequência da baixeza do seu comportamento e do seu casamento. Tinha um título, o de imperador de Constantinopla, como única herança; e vendeu-o sucessivamente aos reis de França e de Aragão. Durante os dias da sua passageira prosperidade, Carlos VIII ambicionou reunir o Império do Oriente ao reino de Nápoles; no meio de uma festa pública, tomou o título de Augusto e envergou a púrpura; os Gregos rejubilaram e os Otomanos já temiam ver chegar a cavalaria francesa. Manuel Paleólogo, segundo filho de Tomás, cedeu à tentação de visitar novamente a sua pátria; o seu regresso podia ser agradável à Sublime Porta e não devia inquietá-la; ele viveu em Constantinopla graças à benevolência do sultão, nunca lhe faltando segurança nem desafogo, e um honroso cortejo de cristãos e muçulmanos participou no seu funeral. Se há animais de natureza tão generosa que se recusam a procriar num estado de servidão, o último príncipe da família imperial deve ser inscrito numa espécie menos nobre; Manuel aceitou duas

belas mulheres oferecidas generosamente pelo sultão, e deixou um filho perdido na turba dos escravos turcos, cujo modo de vida e religião adoptou.

Consternação e terror da Europa

A importância da perda de Constantinopla foi sentida de uma forma exagerada; o pontificado de Nicolau V, embora pacífico e próspero, ficou desonrado pela queda do Império do Oriente; e a dor ou o terror dos Latinos reavivou, ou pareceu reavivar, o antigo entusiasmo das cruzadas. Numa das mais longínquas regiões do Ocidente, Filipe, duque de Borgonha, reuniu em Lisle, na Flandres, uma assembleia dos seus nobres, decidindo amoldar habilmente o aparato faustoso da festa à imaginação e aos sentimentos deles. No meio do banquete, um sarraceno de estatura gigantesca entrou na sala conduzindo um simulacro de elefante que trazia um castelo sobre o dorso; uma matrona em traje de luto, representando a religião, saiu então do castelo; ela deplorou as suas desgraças e acusou a indolência dos seus paladinos; o primeiro arauto do Tosão de Ouro avançou empunhando um faisão vivo que, segundo os ritos da cavalaria, ele ofereceu ao duque. Perante tão extraordinário chamamento, Filipe, um príncipe sábio e idoso, empenhou a sua pessoa e todas as suas forças na guerra santa contra os Turcos; o seu exemplo foi imitado pelos barões e cavaleiros presentes na assembleia; eles juraram a Deus, à Virgem, às damas e *ao faisão*; e os seus votos particulares não se mostraram menos extravagantes que o teor geral do juramento. A execução de todos estes compromissos dependia, porém, de alguns acontecimentos futuros e alheios a esta empresa; e durante doze anos, até à hora da morte, o duque de Borgonha deu sempre a impressão de estar, talvez sinceramente, em vésperas de partir. Se em todos os peitos ardesse o mesmo fogo; se a união dos cristãos correspondesse à sua bravura; se todos os países, desde a Suécia a Nápoles, tivessem fornecido numa justa proporção o seu contingente de cavalaria e infantaria, de homens e dinheiro, é provável que se tivesse libertado Constantinopla e rechaçado os Turcos para lá do Helesponto e do Eufrates. No entanto, o secretário do imperador, que redigiu todas as epístolas e assistiu a todas as assembleias, Eneias Sílvio, estadista e orador, dá a conhecer, a partir da sua experiência pessoal, quanto o estado da Cristandade e a disposição dos

espíritos se opunham a tal projecto. «É um corpo», afirma ele, «sem cabeça, uma república sem leis nem magistrados. O papa e o imperador podem resplandecer do brilho dado pelos títulos insignes: as suas figuras deslumbram; mas são incapazes de comandar, e ninguém está disposto a obedecer: cada país tem um príncipe particular, e cada príncipe tem interesses particulares. Que eloquência conseguiria unir tantas potências discordantes e hostis umas às outras sob o mesmo estandarte? Se elas reunissem as suas tropas, quem se atreveria a assumir as funções de general? Que ordem aí se estabeleceria? Que disciplina militar? Quem se encarregaria de alimentar uma tão imensa multidão? Quem entenderia as suas diversas línguas, ou regeria os seus estranhos e incompatíveis costumes? Que mortal lograria conciliar os Ingleses e os Franceses, Génova e Aragão, os Alemães e os povos da Hungria e da Boémia? Se apenas um pequeno número se alistar nesta guerra santa, será derrotado pelos infiéis; se vierem muitos, sê-lo-ão pelo seu próprio peso e desordem.» No entanto, este mesmo Eneias, quando ascendeu ao trono papal sob o nome de Pio II, dedicou o resto da vida a negociar uma guerra contra os Turcos. No Concílio de Mântua, ele atçou algumas centelhas de um entusiasmo fraco ou fingido; mas quando o pontífice apareceu em Ancona para embarcar pessoalmente com as tropas, os compromissos desvaneceram-se em desculpas; o dia da partida, fixado de modo preciso, foi adiado sem prazo definido; e o seu exército efectivo ficou composto de uns escassos peregrinos alemães que ele se viu obrigado a mandar embora com indulgências e esmolas. Sem cuidar do futuro, os seus sucessores e os outros príncipes de Itália não formaram senão desígnios de engrandecimento imediato à custa dos vizinhos: a distância ou a proximidade de cada objecto determinava a seus olhos a magnitude aparente de que ele se revestia. No seu próprio interesse, vistas mais largas tê-los-iam ensinado a travar no mar uma guerra defensiva contra o inimigo comum; e o apoio de Scanderbeg e dos seus bravos albaneses podia ter evitado a subsequente invasão do reino de Nápoles. O cerco e o saque de Otranto pelos Turcos suscitaram uma consternação geral; e o Papa Sisto dispunha-se a fugir para lá dos Alpes quando esta tempestade se dissipou com a morte de Mahomet II, aos cinquenta e um anos de idade. A sua índole ambiciosa aspirava a conquistar Itália; ele possuía uma cidade forte e um vasto porto; e o mesmo reino poderia ter sido decorado com os troféus da NOVA e da ANTIGA ROMA.

Convém mencionar aqui dois efeitos do pedido de ajuda ao Ocidente (cf. resumo página 563). Um traduziu-se no envio de dois mil dos soldados genoveses chefiados por Justiniani (Giustiniani); o outro foi uma missão do cardeal Isidoro no papel de legado papal. O relato da conduta de Justiniani na página 574 não é historicamente correcto nem justo. A causa imediata da tomada da cidade consistiu na entrada de alguns turcos através de uma poterna que Justiniani abrira para uma surtida. A missão de Isidoro apenas serviu para aumentar a hostilidade dos Gregos aos Latinos. Alguém observou que eles preferiam ver na cidade o turbante de Mahomet ao chapéu de um cardeal. Depois de os ritos latinos terem sido praticados em Santa Sofia, a igreja ficou deserta e «um pesado e sombrio silêncio envolveu esta venerável catedral». Isto explica a referência à mácula na página 576.

EPÍLOGO: ROMA MEDIEVAL E OS ALVORES DO RENASCIMENTO

Capítulo 69

Autoridade dos Papas em Roma. Métodos de eleição papal. Ida dos Papas para Avinhão. Instituição do Jubileu ou Ano Santo. A nobreza romana

Nos primeiros séculos do declínio e queda do Império Romano, os nossos olhares fixam-se invariavelmente na cidade soberana que ditara leis à mais estimável porção do globo. Observamos a sua fortuna, primeiro com admiração, em seguida com pena, e sempre com atenção; aliás, quando esta atenção se desvia do Capitólio para se deter nas províncias, elas são consideradas como outros tantos ramos sucessivamente desprendidos do tronco imperial. A fundação de uma segunda Roma nas margens do Bósforo forçou-nos a seguir os sucessores de Constantino; e a nossa curiosidade aventurou-se na visita às mais remotas regiões da Europa e da Ásia, para aí indagar as causas e os autores da longa decadência da monarquia bizantina. As conquistas de Justiniano chamaram-nos às margens do Tibre, a fim de assistirmos à libertação da antiga metrópole; no entanto, esta libertação não fez mais do que mudar, ou talvez agravar, a servidão. Roma já havia sido

despojada dos seus troféus, dos seus deuses e dos seus Césares; e o domínio dos Godos não fora mais humilhante e opressivo do que a tirania dos Gregos. No século VIII da era cristã, uma querela religiosa sobre o culto das imagens levou os Romanos a pugnar pela independência; o seu bispo tornou-se o pai temporal e espiritual de um povo livre; e o nome e o conceito de Império do Ocidente, restaurado por Carlos Magno, ainda hoje conferem o seu brilho à singular constituição da Alemanha moderna. A fama de Roma continua a suscitar o nosso respeito involuntário; o clima (sem nos demorarmos agora na sua influência) já não era o mesmo; a pureza do sangue havia sido contaminada por mil afluentes estrangeiros; no entanto, o venerável aspecto das suas ruínas e a memória da grandeza passada reanimaram uma centelha do carácter nacional. As trevas da Idade Média oferecem cenas dignas do nosso olhar. E não quero concluir a presente obra sem passar em revista o estado e as revoluções da Cidade de Roma, que se submeteu à autoridade absoluta dos papas quase na mesma altura em que Constantinopla era subjugada pelos exércitos turcos.

No começo do século XII(*), época da Primeira Cruzada, Roma era venerada pelos Latinos como a metrópole do mundo, como o trono do papa e do imperador, os quais tiravam da Cidade Eterna os seus títulos, as suas honras e o direito ou o exercício do poder temporal. Após uma tão longa interrupção, não será despropositado repetir que os sucessores de Carlos Magno e dos Otões eram escolhidos para lá do Reno numa dieta nacional; mas que estes príncipes se contentavam com o modesto título de rei da Alemanha e de Itália, até ao momento em que atravessavam os Alpes a fim de ir procurar a coroa imperial nas margens do Tibre. A uma certa distância da cidade, eles recebiam as homenagens do clero e do povo, que vinham em longa procissão ao seu encontro empunhando palmas e cruzes; terríficos emblemas de lobos e leões, de dragões e águias, que se viam flutuar nos pendões militares, recordavam as legiões e as cortes que haviam outrora combatido pela República. O imperador jurava três vezes manter as liberdades de Roma, primeiro na ponte(*), em seguida à porta da cidade, e por fim na escadaria do Vaticano; e a distribuição das dádivas costumeiras imitava palidamente a magnificência dos primeiros Césares. Na Igreja de São Pedro, a coroação era efectuada pelo sucessor deste apóstolo; a voz de Deus confundia-se com a do povo; e a concordância pública manifestava-se por aclamações: «Longa vida e vitória para o papa, nosso soberano! Longa vida e vitória para os soldados romanos e teutões!» Os nomes de César e

Augusto, as leis de Constantino e Justiniano, o exemplo de Carlos Magno e de Otão estabeleciam o supremo domínio dos imperadores; o seu título e a sua imagem eram gravados nas moedas papais; e para assinalar a sua jurisdição, eles entregavam o gládio da justiça ao prefeito da cidade. Todavia, todos os preconceitos romanos despertavam à face do nome, da língua e dos costumes de um amo bárbaro. Os Césares da Saxónia e da Francónia eram os chefes de uma aristocracia feudal; eles não podiam exercer essa disciplina civil e militar que é a única capaz de garantir a obediência de um povo distante, impaciente sob o jugo da servidão, embora talvez inapto para a liberdade. Só uma vez na vida cada imperador passava os Alpes à cabeça de um exército de alemães seus vassallos. Já descrevi o plácido cerimonial da sua entrada e da sua coroação; no entanto, a ordem era muitas vezes perturbada pelos clamores e a sedição dos Romanos, que se opunham ao seu soberano como a um invasor estrangeiro; a partida dele era sempre brusca, e frequentemente assumia foros de ignomínia; e durante a ausência resultante de um longo reinado, a sua autoridade era insultada e o seu nome esquecido. Os progressos da independência na Alemanha e em Itália minaram os alicerces da soberania imperial, e o triunfo dos papas equivalia à libertação de Roma.

Destes dois soberanos, o imperador reinava precariamente por direito de conquista, enquanto a autoridade do papa se fundava na base mais subtil, embora mais sólida, da opinião e do hábito. O pontífice, ao arredar a influência de um príncipe estrangeiro, tornou-se mais caro ao seu rebanho, do qual se tornou efectivamente pastor. Em vez de depender da nomeação arbitrária ou venal de uma corte alemã, o vigário de Cristo passou a ser livremente eleito pelo colégio dos cardeais, na sua maior parte originários ou habitantes de Roma. Os aplausos dos magistrados e do povo confirmavam a sua eleição; e este poder eclesiástico, ao qual se obedecia na Suécia e na Bretanha, derivava afinal de contas do sufrágio dos Romanos. O mesmo sufrágio dava à capital não só um príncipe, mas também um pontífice. Acreditava-se geralmente que Constantino investira os papas do domínio temporal de Roma; e os mais ousados civilistas, os cépticos mais laicos, limitavam-se a contestar o direito do imperador e a validade da sua doação. A verdade do facto e a autenticidade da doação achavam-se profundamente enraizadas na ignorância e na tradição de quatro séculos; e a origem desta fábula perdia-se sob efeitos reais e duradouros. O nome de *dominus*, ou senhor, estava gravado nas moedas do bispo; o seu título era

reconhecido por aclamações e juramentos de fidelidade; e, com o consentimento livre ou forçado dos Césares alemães, ele havia exercido durante muito tempo uma jurisdição suprema ou subordinada sobre a cidade e o património de São Pedro. O reinado dos papas, agradável aos preconceitos dos Romanos, não era incompatível com as suas liberdades; e uma investigação mais apurada teria revelado uma fonte ainda mais nobre do seu poder — a gratidão de uma nação que eles haviam salvo da heresia e da tirania dos imperadores gregos. Numa época de superstição, julgar-se-ia que o poder régio e a autoridade sacerdotal reunidos deveriam fortificar-se mutuamente, e que as chaves do Paraíso constituiriam para o bispo de Roma o mais firme garante de obediência terrena. A santidade do sacerdócio podia, é bem certo, ser degradada pelos vícios pessoais do homem. Todavia, os escândalos do século X foram apagados pelas virtudes austeras e mais perigosas de Gregório VII e dos seus sucessores; e ao longo das ambiciosas contendas que eles travaram pelos direitos da Igreja, os seus reveses e êxitos tenderam de igual modo a aumentar a veneração do povo. Vítimas da perseguição, erravam por vezes na pobreza e no exílio; e o zelo apostólico com que se ofereciam ao martírio devia granjear o favor e suscitar a simpatia de todos os católicos. E não raro, troando do alto do Vaticano, eles criavam, julgavam e depunham os reis do mundo; nem o mais orgulhoso dos Romanos podia julgar-se rebaixado ao submeter-se a um padre que via os sucessores de Carlos Magno beijar-lhe os pés e segurar-lhe o estribo. O próprio interesse temporal da cidade de Roma consistia em assegurar aos papas uma residência tranquila e honrosa no seu seio, pois era da presença deles que um povo preguiçoso e frívolo tirava a maior parte da sua subsistência e das suas riquezas. O rendimento fixo dos papas diminuía provavelmente: muitos domínios do antigo património de São Pedro, tanto em Itália como nas províncias, tinham sido invadidos por mãos sacrílegas; e esta perda não podia ser compensada pelas vastas concessões de Pepino e dos seus descendentes, mais reclamadas do que realmente possuídas pelo bispo de Roma. O Vaticano e o Capitólio, apesar de tudo, eram alimentados por uma multidão contínua e sempre crescente de peregrinos e suplicantes; a Cristandade dilatara-se bastante, e o papa e os cardeais viam-se assoberbados pelo julgamento de causas eclesiásticas e seculares. Uma nova jurisprudência estabelecera o direito e o uso dos recursos na Igreja latina; já no Norte, já no Ocidente, os bispos e os abades eram convidados ou intimados a vir solicitar, apresentar queixas, acusar os

seus inimigos ou justificar-se no santuário dos apóstolos. Contava-se um facto que tem laivos de prodígio: dois cavalos, pertencentes aos arcebispos de Mogúncia e de Colónia, tornaram a passar os Alpes ainda carregados de ouro e prata; mas depressa se percebeu que o êxito dos peregrinos e dos clientes dependia muito mais do valor da oferenda que da justiça da causa. A riqueza e a piedade destes estrangeiros eram ostentosamente alardeadas, e as suas despesas, sagradas ou profanas, revertiam por vários canais em benefício dos Romanos.

Estes poderosos motivos deviam manter o povo de Roma numa voluntária e piedosa obediência ao seu pai espiritual e temporal. No entanto, a actuação do preconceito e do interesse é muitas vezes perturbada pelas arremetidas indomáveis da paixão. O índio que corta a árvore para colher a fruta e o árabe que pilha as caravanas dos mercadores são movidos pelo mesmo impulso de uma natureza selvagem que descarta o futuro para só pensar no presente e sacrifica a longa e segura posse das mais preciosas bênçãos a gozos momentâneos. E assim o sacrário de São Pedro foi profanado pelos desatinados romanos que roubaram as oferendas dos fiéis e feriram os peregrinos, sem tomar em consideração o número e o valor de semelhantes visitas que iriam acabar devido aos seus sacrilégios e à sua inospitalidade. A própria influência da superstição é variável e precária; e o escravo cuja razão está subjugada é amiúde libertado pela sua avareza ou orgulho. A crédula devoção pelas fábulas e os oráculos dos sacerdotes exerce forte ascendente no espírito de um bárbaro; um tal espírito, contudo, é o menos disposto a preferir a imaginação aos sentidos, a sacrificar os desejos e os interesses deste mundo a um motivo distante, a um objecto invisível e talvez ideal. No vigor da idade e da saúde, os seus costumes contrariam permanentemente a sua crença, até ao dia em que o agulhão da idade, da doença ou do infortúnio desperta os seus terrores e o impele a pagar a dupla dívida que lhe impõem a piedade e o remorso. Já observei que os nossos tempos modernos de diferença religiosa são os mais favoráveis à paz e à segurança dos padres. Sob o reinado da superstição, eles tinham muito a esperar da ignorância, e muito a recear da violência dos homens. As suas riquezas, cujo constante aumento os teria tornado nos únicos proprietários dos bens da terra, eram-lhes alternadamente entregues por um pai arrependido e tiradas por um filho ávido: adoravam-se os eclesiásticos ou atentava-se contra eles; e o mesmo ídolo era colocado no altar ou calcado aos pés pelos mesmos indivíduos. No sistema feudal da Europa, as

armas determinavam as distinções honoríficas e impunham as relações de obediência; e no meio do tumulto que elas provocavam, raramente se escutava ou seguia a voz serena da lei e da razão. Os Romanos, turbulentos, desdenhavam o jugo e insultavam a impotência do seu bispo, cuja educação ou carácter não lhe permitiam exercer com decência ou eficácia o poder do gládio. Os motivos da sua eleição e as fraquezas da sua vida tornavam-se matéria de todas as conversas; e a proximidade diminuía o respeito que o seu nome e os seus decretos inspiravam a um mundo bárbaro. Esta particularidade não escapou ao nosso historiador filósofo: «Enquanto o nome e a autoridade da corte de Roma eram o terror das regiões mais remotas da Europa, mergulhadas numa profunda ignorância e onde se desconhecia completamente o seu carácter e a sua conduta, em Itália o papa merecia tão pouco respeito que os seus inimigos mais inveterados rodeavam as portas de Roma e chegavam a influir no seu governo da cidade; de tal modo que os embaixadores vindos do extremo da Europa para lhe testemunhar a humilde, ou melhor, a abjecta submissão do maior monarca do século, tiveram uma enorme dificuldade em aproximar-se dele e lançar-se a seus pés.»(*)

Desde tempos recuados, os papas viam-se forçados a defrontar a oposição, o insulto e a violência. Em meados do século XII, Arnaldo de Brescia encabeçou um movimento para restaurar a República. Arnaldo foi expulso de Roma por Adriano IV (o papa inglês) e pelo imperador Frederico Barba-Roxa, sendo posteriormente queimado vivo. Estabeleceu-se, contudo, uma forma de governo republicano que incluía a dignidade de senador.

Métodos de eleição papal

A ambição é uma erva daninha que cresce cedo e com rapidez na vinha do Senhor. Sob os primeiros príncipes cristãos, a cadeira de São Pedro era disputada pelos votos e também pela venalidade e a violência que acompanham uma eleição popular: os santuários de Roma estavam manchados de sangue; e do século III ao século XII a Igreja sofreu o abalo de repetidos cismas. Enquanto o magistrado civil se pronunciou em última

instância sobre estas discussões, o mal foi apenas passageiro e local; o mérito era julgado, quer pela equidade, quer pelo favor; e o competidor derrotado não podia perturbar durante muito tempo o triunfo do adversário. No entanto, depois de os imperadores serem destituídos das suas prerrogativas e se estabelecer por máxima que o vigário de Cristo não é julgável por qualquer tribunal terreno, a cada vacatura da Santa Sé a Cristandade corria o risco de se envolver na controvérsia e na guerra. As pretensões dos cardeais e do clero inferior, dos nobres e do povo eram vagas e litigiosas; a liberdade de eleição achava-se embargada pelos tumultos de uma cidade que já não admitia nem acatava um superior. Por ocasião da morte de um papa, as duas facções procediam, em igrejas diferentes, a uma dupla eleição; o número e o peso dos votos, as preferências da época, o mérito dos candidatos contrabalançavam-se mutuamente; os membros mais respeitáveis do clero encontravam-se divididos; e os príncipes estrangeiros, que se inclinavam diante do trono espiritual, não podiam distinguir o falso ídolo do legítimo. Os imperadores provocaram frequentemente cismas ao quererem opor um pontífice amigo a um pontífice inimigo sob o aspecto político; e cada um dos competidores acabava por sofrer os ultrajes dos adeptos do seu rival que não eram refreados pela decência, e por comprar o apoio de partidários quase sempre movidos pela avareza ou a ambição. Alexandre III estabeleceu uma ordem de sucessão pacífica e duradoura, abolindo finalmente as votações tumultuosas do clero e do povo, e atribuindo exclusivamente o direito de eleição ao colégio dos cardeais. As três ordens dos bispos, dos padres e dos diáconos ficaram niveladas por este relevante privilégio; o clero paroquial de Roma obteve a primeira posição na hierarquia; os eclesiásticos que o compunham eram indiferentemente escolhidos entre as nações cristãs; e a posse dos mais ricos benefícios e dos mais importantes bispados não era incompatível com o título e as funções que eles recebiam em Roma. Os senadores da Igreja Católica, os coadjutores e os legados do sumo pontífice foram revestidos de púrpura, símbolo do martírio ou da realeza; eles afirmavam-se, cheios de orgulho, iguais aos reis; e a sua dignidade ainda se realçava mais devido ao seu reduzido número, que até ao reinado de Leão X raramente excedeu os vinte ou vinte e cinco membros. Esta sábia norma removeu toda a incerteza e escândalo, e a raiz do cisma foi tão categoricamente cortada por tal deliberação, que num período de seiscentos anos só uma vez uma dupla eleição dividiu a unidade do sacro colégio. No

entanto, dado terem sido exigidos dois terços dos votos, a eleição de um novo papa era amiúde retardada pelos interesses pessoais e as paixões dos cardeais; e enquanto eles prolongavam o seu reinado independente, o mundo cristão ficava sem chefe. Uma vacatura de quase três anos antecederia a elevação de Gregório X, o qual resolveu prevenir futuros abusos; e assim, depois de encontrar alguma oposição, a sua bula sobre esta matéria veio inscrever-se no código da lei canónica. Ela concede nove dias para as exéquias do papa defunto e a chegada dos cardeais ausentes; ao décimo, manda fechá-los, cada qual em companhia de um doméstico, num aposento comum ou *conclave* que não esteja dividido por paredes ou reposteiros; uma pequena janela fica reservada à serventia das coisas de que eles precisarem; no entanto, a porta é aferrolhada de ambos os lados e guardada pelos magistrados da cidade, a fim de que os cardeais não tenham qualquer comunicação com o exterior. Se a eleição não se consumir em três dias, o luxo da mesa fica reduzido a um único prato de manhã e à tarde; e ao fim do oitavo dia só lhes é concedida uma escassa porção de pão, água e vinho. Durante a vacatura da Santa Sé, os cardeais estão proibidos de tocar nos rendimentos da Igreja, ou de se imiscuir na administração dela, excepto em casos de rara necessidade; todos os acordos e promessas entre os eleitores são formalmente anulados; e a sua integridade deve ser garantida por juramentos solenes e sustentada pelas preces dos católicos. Alguns artigos de um rigor incómodo ou supérfluo tornaram-se, aos poucos, mais brandos, mas o princípio do isolamento mantém-se vigente e intacto; por razões de saúde e necessidade de liberdade, os cardeais ainda apressam o momento de sair da clausura; e a introdução do escrutínio secreto cobriu as intrigas do conclave com o véu esplendente da caridade e da polidez. Estas instituições privaram os Romanos da eleição do seu príncipe e bispo; e no meio da agitação de uma liberdade febril mas precária, eles pareciam insensíveis à perda deste inestimável privilégio. O imperador Luís da Baviera quis seguir o exemplo de Otão, *o Grande*. Depois de algumas negociações com os magistrados, fez reunir o povo romano na Praça de São Pedro; o papa de Avinhão, João XXII, foi deposto, sendo em seguida a escolha do seu sucessor ratificada pelo consentimento e o aplauso dos Romanos. Eles votaram livremente uma nova lei segundo a qual o seu bispo nunca devia ausentar-se mais de três meses por ano, nem afastar-se mais de dois dias de viagem da cidade; além de que, no caso de não regressar à terceira notificação, deveria ser degradado das suas funções e deposto na

qualidade de servidor público. Luís esqueceu-se, contudo, da sua própria fraqueza e dos preconceitos da época; para lá do recinto de um acampamento alemão, o inútil fantoche por ele criado não merecia consideração; os Romanos desprezavam a sua própria obra; o antipapa implorou o perdão do seu legítimo soberano; e o direito exclusivo dos cardeais ainda ficou mais fortalecido depois deste ataque inoportuno.

Ida dos Papas para Avinhão

Se a eleição dos papas continuasse a realizar-se no Vaticano, os direitos do Senado e do povo não teriam sido impunemente violados. Mas a verdade é que os Romanos esqueceram e deixaram esquecer estes direitos durante a ausência dos sucessores de Gregório VII, que não encararam como um preceito divino a obrigação de residir na cidade ou na diocese. O cuidado desta diocese interessava-lhes menos do que o governo da Igreja universal; e os papas não podiam aprazer-se numa cidade onde a sua autoridade deparava com incessantes oposições e a sua pessoa se expunha a frequentes perigos. Fugindo à perseguição dos imperadores e às guerras de Itália, eles refugiaram-se do outro lado dos Alpes, no seio hospitaleiro de França; noutras ocasiões, afastaram-se prudentemente dos tumultos de Roma para irem viver e morrer em sítios mais tranquilos como Anágria, Perúcia, Viterbo, e as cidades das redondezas. Sempre que o rebanho se sentia lesado ou empobrecido pela ausência do pastor, este ouvia logo lembrarem-lhe severamente que São Pedro não estabelecera a sua cadeira numa cidade obscura, mas na capital do mundo; e ecoava a feroz ameaça de que os Romanos pegariam em armas para ir destruir a urbe e os habitantes que ousassem oferecer-lhe um retiro. Os papas obedeciam e regressavam a tremer; recebiam-nos então apresentando a conta de uma avultada dívida, de todas as perdas que a sua deserção ocasionara: as casas por arrendar, os géneros por vender e as várias despesas dos servidores e dos estrangeiros acompanhantes da corte de que Roma não tirara proveito. Após um breve intervalo de paz e talvez de autoridade, eles eram outra vez afugentados por novos tumultos, e outra vez chamados por imperiosas ou respeitadas notificações do Senado. Por ocasião destas retiradas ocasionais, os exilados e os fugitivos do Vaticano raramente se afastavam para longe da metrópole

e não demoravam a voltar; mas no começo do século XIV, o trono apostólico foi transferido, ao que se julgava para sempre, das margens do Tibre para as do Ródano; e a causa de semelhante transmigração pode ser atribuída à acesa disputa entre Bonifácio VIII e o rei de França. As armas espirituais do papa, a excomunhão e o interdito, foram combatidas pela união das três ordens e pelos privilégios da Igreja galicana; o papa, porém, não estava preparado para enfrentar outras armas mais reais que Filipe, *o Belo*, teve a coragem de utilizar. Residindo ele em Anágnia, sem suspeitar do perigo, o seu palácio e a sua pessoa sofreram o ataque de trezentos cavaleiros que haviam sido secretamente recrutados por Guilherme de Nogaret, ministro de França, e por Sciarra Colonna, pertencente a uma nobre família romana hostil ao papa. Os cardeais fugiram; os habitantes de Anágnia esqueceram a fidelidade e o reconhecimento que deviam ao seu soberano; mas o intrépido Bonifácio, desarmado e sozinho, sentou-se na sua cadeira e aguardou, à semelhança dos antigos padres conscritos(*), o gládio dos Gauleses. Nogaret, um adversário estrangeiro, contentou-se em executar as ordens do seu senhor; o pontífice foi agredido com palavras e golpes por Colonna, que o odiava pessoalmente; e durante um cativo de três dias, a sua vida correu perigo devido aos maus tratos que ambos lhe infligiram para vencer a pertinácia que nele procuravam. Esta estranha demora de três dias deu tempo e incutiu coragem nos partidários da Igreja, que o salvaram de tão sacrílega violência; mas esta alma forte recebera um ferimento mortal; e Bonifácio expirou em Roma num delírio de raiva e ressentimento. A sua memória ficou manchada pelos vícios da avareza e do orgulho; nem sequer a coragem do mártir em que ele se tornou para a Igreja lhe permitiu alcançar as honras da canonização; um pecador magnânimo (afirmam as crônicas da época) que se insinuou como uma raposa no papado, reinou como um leão e morreu como um cão. Sucedeu-lhe Bento XI, o mais doce dos homens. Excomungou, mesmo assim, os ímpios emissários de Filipe, *o Belo*, e lançou sobre a cidade e o povo de Anágnia tremendas maldições cujos efeitos ainda são enxergados pelos espíritos supersticiosos.

Após a sua morte, a habilidade da facção francesa alimentou a longa e monótona indecisão do conclave. Ela propôs que a facção contrária designasse três cardeais entre os quais o partido francês deveria escolher um no prazo de quarenta dias; esta oferta especiosa teve aceitação. O arcebispo de Bordéus, inimigo encarniçado do seu rei e do seu país, foi o primeiro da lista; mas a sua ambição era conhecida; o rei de França havia sido

informado por um rápido mensageiro de que a escolha do papa estava nas suas mãos; e o arcebispo cedeu à voz da consciência e ao engodo da oferta que lhe faziam. As condições foram estipuladas numa entrevista privada; e a negociação efectuou-se com tal celeridade e segredo, que o conclave aprovou unanimemente a eleição do arcebispo de Bordéus, que tomou o nome de Clemente V. Os cardeais dos dois partidos não tardaram, com igual surpresa, a receber ordem para atravessarem com ele os Alpes, de onde, como logo descobriram, nunca mais deviam ter esperança de voltar a Roma. Clemente V prometera residir em França, e era também esse o seu desejo; depois de passear a sua corte pelo Poitou e pela Gasconha, e de arruinar com a sua estada as cidades e os conventos que ficavam no caminho, instalou-se finalmente em Avinhão, que prosperou durante mais de setenta anos como sede do pontífice romano e metrópole da Cristandade. Avinhão era acessível por mar, por terra e pelo Ródano; as províncias do Sul de França em nada são inferiores à Itália; erigiram-se aí novos palácios para alojar o papa e os cardeais; e as artes do luxo não tardaram a ser atraídas pelos tesouros da Igreja. Os bispos de Roma já possuíam o território circunvizinho, o condado Venaissin, um sítio populoso e fértil; e a soberania de Avinhão foi em seguida comprada a Joana I, rainha de Nápoles e condessa da Provença, pelo preço baixíssimo de oitenta mil florins, aproveitando a sua juventude e a sua aflicção. À sombra da monarquia francesa, no meio de um povo obediente, os papas usufruíram dessa existência honrosa e tranquila que durante tanto tempo lhes fora negada; mas a Itália deplorava a sua ausência; e Roma, solitária e pobre, deve ter-se arrependido do indomável espírito de liberdade que enxotara do Vaticano o sucessor de São Pedro. Este arrependimento era no entanto tardio e inútil; após a morte dos seus membros mais velhos, o sacro colégio encheu-se de cardeais franceses que encaravam Roma e a Itália com abominação e desprezo, perpetuando então uma série de papas tomados na nação e até mesmo na província onde residiam, e ligados por laços indissolúveis ao seu país natal.

Instituição do Jubileu ou Ano Santo

O progresso da indústria formara e enriquecera as repúblicas italianas; a época da sua liberdade corresponde ao período mais florescente da sua população e da sua agricultura, das suas manufacturas e do seu comércio; e os seus trabalhos, a princípio mecânicos, refinaram gradualmente nas artes da elegância e do génio. Mas a situação de Roma era menos favorável, e o solo menos fértil; o carácter dos seus habitantes estava aviltado pela indolência e inebriado pelo orgulho; e eles pensavam tolamente que o tributo dos súbditos devia alimentar para todo o sempre a metrópole da Igreja e do império. Este preconceito foi em certa medida fomentado pela afluência dos peregrinos ao túmulo dos apóstolos; e o último legado dos papas, a instituição do ANO SANTO, não foi menos benéfico ao povo do que ao clero. Desde a perda da Palestina, a concessão de indulgências plenárias, destinadas às cruzadas, permanecia sem objecto; e o mais valioso tesouro da Igreja havia sido durante mais de oito anos retirado da circulação pública. Uma nova via se abriu por iniciativa de Bonifácio VIII, que aliava o vício da ambição ao da avareza; o papa era sobejamente instruído para relembrar e fazer reviver os jogos seculares que se celebravam em Roma no final de cada século. A fim de sondar sem perigo a profundidade da credulidade popular, pregou-se um sermão apropriado, propalaram-se hábeis rumores, fez-se valer o depoimento de alguns velhos; e no dia 1 de Janeiro de 1300, a Igreja de São Pedro encheu-se de fiéis que solicitaram a *usual* indulgência do ano santo. O pontífice, que espiava e excitava a devota impaciência deles, deixou-se convencer rapidamente, graças ao testemunho dos velhos, da justiça do seu pedido; e proclamou uma absolvição plenária de todos os católicos que, durante aquele ano e no fim de cada século, visitassem respeitosa e as igrejas apostólicas de São Pedro e de São Paulo. A feliz notícia propagou-se por toda a Cristandade, e, primeiramente, nas províncias mais próximas de Itália, em seguida nos reinos distantes da Hungria e da Bretanha, as estradas apinharam-se de multidões de peregrinos que procuravam expiar os seus pecados por meio de uma viagem, sem dúvida dispendiosa e árdua, mas que pelo menos estava isenta dos perigos do serviço militar. Todas as inibições vindas da classe ou do sexo, da idade ou da doença ficavam esquecidas neste entusiasmo geral; e tal era o afã da devoção, que muitas pessoas morreram espezinhadas nas ruas e nas igrejas. O cálculo do número da peregrinação não pode ser feito com exactidão; e provável que haja sido exagerado por um clero hábil, interessado em espalhar o contágio do exemplo; um historiador judicioso, que assistiu à

cerimónia, garante-nos apesar de tudo que nunca acorriam a Roma menos de duzentos mil estrangeiros durante o jubileu; e outro espectador avaliou em dois milhões o número anual de peregrinos. Bastaria uma pequena oferta de cada indivíduo para se acumular um imenso tesouro; e dois padres, munidos dia e noite de ancinhos, tratavam de recolher, sem contar, os montes de ouro e prata que eram derramados sobre o altar de São Paulo. Estava-se, afortunadamente, numa época de paz e abundância; e embora a forragem escasseasse e as estalagens e os alojamentos se pagassem a peso de ouro, a sagacidade de Bonifácio e a ávida hospitalidade dos Romanos providenciaram um abastecimento inesgotável de pão e vinho, de carne e peixe. Todas as riquezas puramente casuais de uma cidade desprovida de comércio e indústria se sumiram num ápice; mas a cupidez e a inveja da geração seguinte solicitaram a Clemente VI que concedesse um novo ano santo sem esperar pelo fim do século. O pontífice dignou-se aceder aos seus desejos e proporcionou a Roma este pobre consolo pelo que ela perdera com a mudança da Santa Sé; mas quis fundar esta nova prática na lei mosaica, da qual tomou então o nome de jubileu. Obedeceu-se à sua voz, e o número, o zelo e a liberalidade dos peregrinos não foram inferiores aos da festa anterior. Eles amargaram, porém, o triplo flagelo da guerra, da festa e da fome; muitas esposas e virgens sofreram atentados ao pudor nos castelos de Itália; e muitos estrangeiros acabaram roubados ou mortos pelos ferozes romanos, que já não eram contidos pela presença do bispo. Podemos atribuir à impaciência dos papas o sucessivo encurtamento do intervalo dos jubileus para cinquenta, trinta e três e vinte e cinco anos, embora o segundo destes lapsos correspondesse ao da vida de Cristo. A profusão de indulgências, a revolta dos protestantes e o declínio da superstição diminuíram bastante os réditos dos jubileus; no entanto, a décima nona e última festa representou um ano de prazer e proveito para os Romanos; e o sorriso do filósofo não perturbará o triunfo do clero ou a felicidade do povo.

A nobreza romana

No começo do século XI, a Itália encontrava-se sujeita à tirania feudal, igualmente gravosa para o soberano e o povo. Os direitos da natureza humana eram sustentados pelas numerosas repúblicas que não tardaram a

alargar a sua liberdade e o seu ascendente aos campos em redor das cidades. Quebrou-se o gládio dos nobres, libertaram-se os seus servos, demoliram-se os seus castelos; eles adoptaram os hábitos da sociedade e as formas da obediência; a sua ambição ficou restringida às honras municipais; e todos os patrícios da mais orgulhosa aristocracia de Veneza ou de Génova se submeteram às leis. No entanto, o fraco e desregrado governo de Roma não estava à altura da tarefa de vergar os seus filhos rebeldes, que desprezavam a autoridade do magistrado dentro e fora de muros. Já não se tratava de uma disputa civil entre os nobres e os plebeus sobre o governo do Estado; os barões defendiam a sua independência pessoal pela força das armas; os seus palácios e castelos tinham sido fortificados de maneira a aguentar um cerco; e as suas querelas particulares punham em acção uma caterva de vassalos e criados. Nem a origem nem a afeição os ligavam ao seu país; e um autêntico romano, se é que os havia, teria rejeitado estes cruéis estrangeiros que desdenhavam o nome de cidadãos e se intitulavam orgulhosamente príncipes de Roma. Após uma série de obscuras revoluções, todos os registos genealógicos se perderam; aboliram-se os apelidos; o sangue das nações misturou-se em mil ramificações; e os Godos e os Lombardos, os Gregos e os Francos, os Germanos e os Normandos obtiveram as mais valiosas possessões graças ao favor régio ou como tributo do seu valor. Não custa perceber que as coisas se passaram assim; no entanto, a ascensão de uma família de judeus à categoria de senadores e de cônsules constitui um exemplo único no longo cativeiro destes infelizes exilados. No tempo de Leão IX, um judeu abastado e instruído converteu-se ao cristianismo, sendo honrado no baptismo com o nome do seu padrinho, o papa reinante. O zelo e a coragem de Pedro, filho de Leão, sobressaíram em prol da causa de Gregório VII, que confiou ao seu fiel adepto o governo do molhe de Adriano, conhecido em seguida por Torre de Crescêncio ou, como agora se denomina, Castelo de Santo Ângelo. Tanto o pai como o filho tiveram uma numerosa prole; as suas riquezas, fruto da usura, foram partilhadas com as famílias mais nobres da cidade; e as suas alianças tornaram-se tão extensas, que o neto do convertido se elevou por obra do parentesco ao trono de São Pedro. A maioria do clero e do povo apoiava a sua causa; ele reinou vários anos no Vaticano sob o nome de Anacleto, e só a eloquência de São Bernardo e o triunfo final de Inocêncio II o estigmatizaram com o labéu de antipapa. Após a sua queda e morte, a descendência de Leão nunca mais se notabilizou; e nenhum dos nobres modernos ambicionaria ter uma

ascendência judia. Não tenciono enumerar aqui as famílias romanas que soçobraram em diversas épocas, nem as que se prolongaram com diferentes graus de esplendor até à actualidade. A velha linha consular dos *Frangipanis* deriva o seu nome do generoso acto de *partir* ou dividir o seu pão com o povo numa época de fome; e esta beneficência é, em boa verdade, mais gloriosa que a de terem enclausurado, juntamente com os seus aliados, os Com, um amplo bairro da cidade nas cadeias das suas fortificações; os *Savellis*, ao que se julga de extracção sabina, mantiveram a sua dignidade primeva; o velho apelido de *Capizucchi* está inscrito nas moedas dos primeiros senadores; os *Contis* guardaram as honras, mas não os domínios, dos condes de Signia; e os *Annibaldis* devem ter sido muito ignorantes ou modestos se acaso não se afirmaram descendentes do herói de Cartago.

Todavia, entre o número e talvez acima dos pares e príncipes de Roma, convém distinguir as casas rivais dos Colonnas e dos Orsinis, cuja história privada constitui uma parte essencial dos anais da Roma moderna. I. O nome e as armas dos Colonnas têm dado lugar a duvidosas etimologias; os oradores e os antiquários não esqueceram, nestas pesquisas, a coluna de Trajano, nem as colunas de Hércules, nem a coluna da flagelação de Cristo, nem a coluna luminosa que guiou os Israelitas no deserto. A sua primeira referência histórica no ano de 1104 comprova o poder e a antiguidade deles, ao mesmo tempo que explica o singelo significado do nome. Ao apoderar-se de Cavas, os Colonnas tinham provocado as armas de Pascoal II; mas possuíam legitimamente na Campina Romana os feudos hereditários de Zagarola e *Colonna*; e a última destas duas cidades talvez estivesse ornada de alguma coluna elevada, resto de uma antiga casa de campo ou de um templo. Possuíam igualmente metade da vizinha cidade de Túsculo, o que supõe a sua descendência dos condes de Túsculo, que, no século X, oprimiram a sede apostólica. Segundo a sua própria opinião e a do público, pertenciam a uma família muito antiga, oriunda das margens do Reno; e os soberanos da Alemanha não se envergonhavam de uma afinidade real ou imaginária com uma nobre casa que, no decurso de setecentos anos, se ilustrou muitas vezes pelo mérito e sempre pela fortuna. Em fins do século XIII, o ramo mais poderoso compunha-se de um tio e seis irmãos, todos distintos nas armas ou elevados às honras da Igreja. Destes, Pedro viu-se eleito senador de Roma, transportado até ao Capitólio num carro de triunfo, e saudado por algumas vozes com o vão título de César; por seu lado, João

e Estêvão foram nomeados marquês de Ancona e conde da Romanha por Nicolau IV, o qual favoreceu tanto a família deles, que o vemos desenhado em retratos satíricos como se estivesse aprisionado numa coluna oca. Após a morte dele, o comportamento altivo dos Colonnas provocou o desagrado do mais implacável dos homens, Bonifácio VIII. Dois cardeais desta família, o tio e o sobrinho, contestaram a sua eleição; e os Colonnas viram-se momentaneamente açoitados pelas armas temporais e espirituais do papa. Ele proclamou uma cruzada contra os seus inimigos pessoais; mandou confiscar-lhes os bens; as tropas de São Pedro e as das famílias nobres rivais dos Colonnas cercaram as fortalezas que eles tinham de ambos os lados do Tibre; e após a ruína de Palestrina ou Preneste, sua residência principal, o solo que ela ocupara ficou sulcado pelo arado, emblema de desolação eterna. Degradados, banidos e proscritos, os seis irmãos, disfarçados e arrostando mil perigos, deambularam pela Europa sem renunciar à esperança do regresso e da vingança. A corte francesa serviu-lhes de asilo seguro para acalentar esta dupla esperança; conceberam e chefiaram a empresa de Filipe, *o Belo*; e eu elogiaria a sua magnanimidade, caso tivessem respeitado o infortúnio e a coragem do tirano cativo. Os actos civis de Bonifácio VIII foram anulados pelo povo romano, que restituiu as honras e as possessões aos Colonnas; podemos avaliar as suas riquezas pelo quadro das suas perdas, e fazer uma estimativa destas perdas a partir da indemnização de cem mil florins de ouro que receberam à custa dos bens dos cúmplices e dos herdeiros do defunto papa. Todas as censuras espirituais e declarações de incapacidade civil acabaram por ser abolidas pelos prudentes sucessores de Bonifácio VIII; e a fortuna da casa consolidou-se ainda mais mercê desta tempestade passageira. A audácia de Sciarra Colonna ressaltou por ocasião do aprisionamento de Bonifácio, e também muito depois, durante a coroação de Luís da Baviera; assim, por gratidão deste imperador, a coluna das suas armas passou a estar cingida por uma coroa real. O mais insigne da família em fama e mérito viria a ser, todavia, Estêvão, primeiro do nome, que Petrarca amava e apreciava como um herói superior à sua própria época e digno da antiga Roma. A perseguição e o exílio mostraram às nações os seus talentos na paz e na guerra; no seu desvalimento, tornou-se alvo de respeito, não de piedade; a vista do perigo era apenas mais um motivo para o levar a declarar o seu nome e a sua terra; e quando lhe perguntaram: «Onde é agora a tua fortaleza?», respondeu pondo a mão no coração: «Aqui.» Encarou com a

mesma virtude o retorno da prosperidade; e até ao fim dos seus dias, Estêvão Colonna foi por mor dos seus antepassados, de si mesmo e dos seus filhos uma das figuras mais ilustres da república romana e da corte de Avinhão. II. Os Orsinis emigraram de Espoleto; os filhos de Ursus, eis como eram designados no século XII, do nome de alguma personalidade eminente que só é conhecida como seu primeiro antepassado. Eles em breve se distinguiram entre os nobres de Roma pelo número e a coragem da sua gente, pela força das suas torres, pelas honras do Senado e do sacro colégio, pelo advento de dois papas, Celestino III e Nicolau III, do seu nome e linhagem. As suas riquezas tendem a provar um abuso já bastante antigo do nepotismo; Celestino, num acto de prodigalidade, alienou em favor deles os domínios de São Pedro; e Nicolau, indo ao ponto de solicitar para eles a aliança dos monarcas, quis fundar-lhes novos reinos na Lombardia e na Toscana, e investi-los da dignidade perpétua de senadores de Roma. Tudo o que dissemos sobre a grandeza dos Colonnas pode reverter da mesma maneira em glória dos Orsinis, seus constantes antagonistas e iguais em força durante a longa querela hereditária que, ao longo de mais de duzentos e cinquenta anos, perturbou os Estados da Igreja. O desejo de preeminência e poderio constituiu a verdadeira causa da sua disputa; mas, à guisa de pretexto especioso de distinção, os Colonnas adoptaram o nome de Gibelinos e o partido do império; os Orsinis assumiram o título de Guelfos e a causa da Igreja. A águia e as chaves ressaltavam nos seus estandartes adversos; e as duas facções que entre si repartiam a Itália combateram com mais fúria do que nunca quando já se havia esquecido há muito a origem e a natureza da disputa. Após a retirada dos papas para Avinhão, elas disputaram de armas na mão o governo da república; e os males da discórdia perpetuaram-se devido ao lamentável compromisso de se elegerem todos os anos dois senadores rivais. A cidade e os campos foram devastados pelas suas hostilidades particulares, e a balança pendia ao sabor dos seus êxitos alternados. Mas nenhum membro das duas famílias pereceu ainda pelo gládio na altura em que o mais famoso campeão dos Orsinis foi surpreendido e morto por Estêvão Colonna, *o Moço*. O seu triunfo ficou manchado pela censura de haver violado a trégua que então vigorava; e os Orsinis vingaram vilmente a derrota assassinando diante da porta da igreja um jovem Colonna inocente e os seus dois criados. No entanto, o vitorioso Estêvão, juntamente com um colega que só ocuparia o lugar durante um ano, foi nomeado senador de Roma por cinco anos. E a musa de Petrarca

formulou um desejo ou uma esperança, predizendo que o generoso jovem, filho do seu venerável herói, restauraria a antiga glória de Roma e da Itália; e que a justiça dele aniquilaria os lobos e os leões, as serpentes e os *ursos* que se esforçavam por derrubar do seu pedestal eterno a COLUNA de mármore.

Capítulo 70

Petrarca. Rienzi e a restauração do bom Estado.
Prosperidade da República Romana. Grau de
cavaleiro, coroação e loucuras de Rienzi. Regresso
dos Papas a Roma. Grande cisma do Ocidente.
Governo de Roma no século XV. Governo
eclesiástico

No conceito dos tempos modernos, Petrarca é o cantor italiano de Laura e do amor. Na harmonia das rimas toscanas, a Itália aplaude, ou melhor, adora o pai da sua poesia lírica; e os versos dele, ou quando menos o seu nome, é repetido pelo entusiasmo ou pela afectação da sensibilidade amorosa. Seja qual for o gosto pessoal de um estrangeiro, o seu conhecimento ténue e superficial da língua italiana deve fazê-lo seguir humildemente neste ponto o juízo de uma nação ilustrada; ousa contudo esperar, ou supor, que os Italianos não comparam o ritmo monótono e uniforme dos sonetos e das elegias às sublimes composições dos seus poetas épicos, à originalidade indómita de Dante, às belezas regulares de Tasso e à inexaurível variedade do inimitável Ariosto. Ainda me sinto menos apto a apreciar os méritos do amante; de resto, estou pouco interessado numa paixão metafísica por uma ninfa tão etérea que a sua existência tem sido posta em causa; por uma matrona tão fecunda que deu à luz onze filhos legítimos, enquanto o seu jovem enamorado suspirava e cantava junto à fonte de Vacluse. Aos olhos

de Petrarca e dos mais graves dos coevos, o seu amor era no entanto pecaminoso, e os versos italianos um frívolo divertimento. Os seus escritos em latim de filosofia, poesia e eloquência estabeleceram a sua sólida reputação, que não tardou a difundir-se de Avinhão por toda a França e Itália; os seus amigos e discípulos multiplicaram-se em todas as cidades; e embora a maior parte da sua obra durma agora em paz, devemos sentir-nos gratos a um homem cujos preceitos e exemplo fizeram reviver o sopro e o estudo dos autores do século de Augusto. Desde muito jovem que Petrarca aspirou à coroa poética. As honras académicas das três faculdades conferiam a quem as obtivesse o grau supremo de mestre ou doutor em poesia; e o título de poeta laureado, que o hábito, mais do que a vaidade, perpetua na corte inglesa foi inventado antes de mais ninguém pelos Césares da Germânia. Nos jogos musicais da Antiguidade concedia-se um prémio ao vencedor; a convicção de que Virgílio e Horácio tinham sido coroados no Capitólio esbraseou a emulação do bardo latino; e os louros eram ainda mais queridos ao amador devido à semelhança verbal com o nome da amada. O valor destes dois objectos de desejo aumentava com a dificuldade de os alcançar; e já que a virtude ou a prudência de Laura era inexorável, ele desfrutou pelo menos da ninfa da poesia e pôde gabar-se do seu triunfo. A sua vaidade não era do género mais delicado, pois que ele próprio celebrou o êxito dos seus trabalhos; o seu nome tornou-se popular, e os seus amigos serviam-no com solicitude; a oposição declarada ou secreta da inveja e do preconceito acabou por ser vencida pelo engenho do seu mérito paciente. Aos trinta e seis anos de idade, pediram-lhe que aceitasse aquilo que mais almejava; e no mesmo dia, na solidão de Vaucluse, depois de receber este convite solene do Senado de Roma, recebeu outro semelhante da Universidade de Paris. O saber de uma escola de teologia e a ignorância de uma cidade entregue à desordem não estavam sem dúvida à altura de conceder a coroa ideal, embora imortal, que o génio pode obter do livre aplauso do público e da posteridade; o candidato arredou, contudo, esta desagradável reflexão, e, após uns momentos de complacência e incerteza, preferiu o convite da metrópole do mundo.

A cerimónia da sua coroação foi celebrada no Capitólio pelo seu amigo e protector, o supremo magistrado da república. Estavam presentes doze jovens patrícios em traje escarlata e seis representantes das mais ilustres famílias, de fato verde com grinaldas de flores, que acompanharam o cortejo; no meio dos príncipes e dos nobres, o senador conde de Anguillara,

parente dos Colonnas, subiu ao seu trono; e Petrarca levantou-se à voz de um arauto. Depois de fazer um discurso sobre um texto de Virgílio e de formular três vezes os seus votos pela prosperidade de Roma, ajoelhou-se diante do trono e recebeu do senador uma coroa de louros juntamente com palavras ainda mais preciosas: «Esta é a recompensa do mérito.» O povo gritou: «Longa vida ao Capitólio e ao poeta!» Um soneto de Petrarca à glória de Roma foi acolhido com a efusão do génio e da gratidão; o cortejo dirigiu-se então ao Vaticano e o poeta depôs a coroa profana diante do relicário de São Pedro. Na acta ou diploma entregue a Petrarca concediam-lhe o título e as prerrogativas do poeta laureado, assim restaurados no Capitólio após um interregno de mil e trezentos anos; outorgavam-lhe o privilégio imorredouro de usar, à sua escolha, uma coroa de louro, de hera ou de mirto, de tomar as vestes de poeta e de ensinar, debater, interpretar ou compor em todos os lugares e sobre todos os temas de literatura. Esta mercê foi ratificada pela autoridade do Senado e do povo; e acrescentou-se o atributo de cidadão como recompensa pela sua afeição ao nome romano. Era uma distinção honrosa, mas Petrarca fizera jus a ela. Imbuíra-se das ideias de um antigo patriota no convívio com os escritos de Cícero e Tito Lívio; e a sua imaginação ardente dava a todas as ideias o calor do sentimento, e a todos os sentimentos o fogo da paixão. A vista das sete colinas e das suas ruínas majestosas intensificou estas vivas impressões; e ele amou um país cujo espírito liberal o tinha coroado e adoptado como um filho. A pobreza e a degradação de Roma suscitaram a indignação e a piedade deste filho reconhecido; dissimulou as faltas dos seus concidadãos; aplaudiu com tendencioso carinho os últimos heróis e matronas da república; e a recordação do passado, bem como a esperança no futuro, faziam-no cair deleitosamente no olvido do presente. Roma continuava a ser a seus olhos a senhora legítima do mundo; o papa e o imperador, o seu bispo e o seu general, haviam abandonado os respectivos postos em troca de um vergonhoso retiro à beira do Ródano e do Danúbio; mas se recobrasse as suas virtudes, a república poderia restabelecer a sua liberdade e a sua dominação. Estando ele assim absorto no entusiasmo e na eloquência, uma revolução que realizou momentaneamente os anelos de Petrarca veio assombrá-lo a ele, à Itália e à Europa. A ascensão e queda do tribuno Rienzi, pois a elas me refiro, ocuparão as páginas seguintes; o tema é interessante, os materiais são abundantes, e o olhar de um bardo patriota

animará algumas vezes a narrativa pormenorizada, mas simples, do florentino e sobretudo do romano que abordaram este lance da História.

Rienzi e a restauração do bom Estado

Num bairro da cidade que não era habitado senão por artífices e judeus, o casamento de um estalajadeiro com uma lavadeira produziu o futuro libertador de Roma. Nicolau Rienzi Gabrini não podia herdar dignidade nem riqueza de semelhantes pais; todavia, à custa de sacrifícios, eles deram-lhe uma educação liberal que viria a ser a causa da sua glória e do seu fim prematuro. O estudo da História e da eloquência, dos escritos de Cícero, Séneca, Tito Lívio, César e Valério Máximo elevaram acima dos seus iguais e dos seus contemporâneos o génio do jovem plebeu; ele estudava com incansável desvelo os manuscritos e os mármores da Antiguidade; gostava de explicar o que sabia na língua vulgar do seu país, e era muitas vezes levado a exclamar: «Onde estão hoje esses romanos? As suas virtudes, a sua justiça, o seu poder? Porque não nasci nesses tempos áureos?» Quando a república enviou à corte de Avinhão uma embaixada composta das três ordens do Estado, o espírito e a eloquência de Rienzi indigitaram-no para um lugar entre os treze representantes do povo. O orador teve a honra de arengar ao Papa Clemente VI, e a satisfação de conversar com Petrarca, um espírito afim do seu; mas as suas esperanças ambiciosas eram arrefecidas pela humilhação e a pobreza, pois o patriota estava reduzido a um único fato e à caridade do hospital. Viu-se liberto desta miséria pela justiça feita ao seu mérito, ou pelo bafejo do favor; o emprego de notário apostólico proporcionou-lhe um estipêndio diário de cinco florins de ouro, ligações mais honrosas e mais alargadas, e o direito de fazer contrastar a integridade das suas palavras e das suas acções com os vícios do Estado. A eloquência de Rienzi era frontal e convincente, impressionando a multidão sempre disposta à inveja e à censura; vinha-lhe um novo ardor da perda de um irmão, morto por assassinos que tinham ficado sem castigo; ademais, não era possível desculpar ou exagerar as calamidades públicas. As bênçãos da paz e da justiça, finalidade de todas as sociedades civis, encontravam-se banidas de Roma; cidadãos ciumentos, que teriam suportado qualquer ofensa às suas pessoas ou aos seus bens, sentiam-se profundamente feridos

com a desonra das suas mulheres e filhas; eram igualmente oprimidos pela arrogância dos nobres e a corrupção dos magistrados; e o abuso das armas por uns, ou das leis pelos outros, era a única circunstância que distinguia os leões dos cães e das serpentes do Capitólio. Estes emblemas alegóricos estavam reproduzidos de diversas maneiras nos quadros que Rienzi expunha nas ruas e nas igrejas; e enquanto a multidão os contemplava com surpresa a curiosidade, o orador, audacioso e sempre pronto, desvendava o sentido deles, aplicava-lhes a sátira, incendiava as paixões e anunciava uma remota esperança de alívio e libertação. Os privilégios de Roma, a sua soberania imperecedeira sobre os seus príncipes e as suas províncias, constituíam o tema dos discursos públicos e privados de Rienzi; e um monumento de servidão tornou-se, nas suas mãos, um título e um aguilhão de liberdade. O decreto do Senado que concedia as maiores prerrogativas ao imperador Vespasiano fora inscrito numa tábua de cobre ainda existente no coro da Igreja de São João de Latrão. Ele convidou uma numerosa assembleia de nobres e plebeus para a leitura solene deste decreto, e mandou erigir um teatro próprio para os receber. O notário surgiu revestido de um traje magnífico e algo misterioso, explicou a inscrição, traduzindo-a em língua vulgar e comentando-a, e alongou-se com eloquência e calor sobre as antigas glórias do Senado e do povo, de onde derivava toda a autoridade legal. A indolente ignorância dos nobres não lhes permitiu discernir o propósito sério destas representações; castigaram algumas vezes com palavras, e outras vezes com pancada, o plebeu que se erigia em reformador; no entanto, toleraram-no frequentemente no Palácio Colonna para divertir a assistência com as suas ameaças e profecias; e o moderno Bruto escondia-se sob a máscara da loucura e o papel de bobo. Enquanto eles o votavam ao desprezo, a restauração do *bom Estado*, sua expressão favorita, era considerada pelo povo como um acontecimento desejável, possível e, por fim, até mesmo iminente; todos os plebeus estavam dispostos a aplaudir o libertador que lhes era prometido, chegando alguns deles a encher-se de coragem para o secundar.

Uma profecia, ou melhor, uma notificação afixada na porta da Igreja de São Jorge constituiu a primeira prova pública dos seus desígnios; e uma assembleia nocturna de cem cidadãos reunidos no monte Aventino foi o primeiro passo para a execução deles. Depois de obrigar os conspiradores a jurarem guardar segredo e ajudá-lo, ele fez-lhes ver a importância e a facilidade da empresa; referiu que os nobres, desunidos e sem recursos, só

eram fortes por causa do receio inspirado pela sua força imaginária; que todo o poder, bem como o direito, se encontravam nas mãos do povo; que os rendimentos da câmara apostólica eram suficientes para aliviar a miséria pública; e que o próprio papa aprovaria a sua vitória sobre os inimigos do governo e da liberdade. Depois de ter assegurado uma tropa fiel para apoiar a sua primeira declaração, ele proclamou através da cidade, ao som das trombetas, que na noite do dia seguinte todas as pessoas deviam juntar-se, desarmadas, diante da Igreja de Santo Ângelo, a fim de se prover ao restabelecimento do *bom Estado*. Ele aproveitou essa noite para mandar celebrar trinta missas do Espírito Santo; e de manhã, Rienzi, de cabeça descoberta, mas couraçado dos pés à cabeça, saiu da igreja acompanhado dos cem conspiradores. O vigário do papa, simples bispo de Orvieto, que fora convencido a desempenhar um papel nesta cerimónia singular, caminhava à direita de Rienzi, diante do qual se levavam três grandes estandartes, emblemas do desígnio que os unia. No primeiro, a que se chamava a bandeira da *liberdade*, Roma aparecia sentada em dois leões, com uma palma numa das mãos e um globo na outra; São Paulo, de espada desembainhada, figurava na bandeira da *justiça*; e, na terceira, São Pedro segurava as chaves da *concordia* e da *paz*. Rienzi sentiu-se encorajado com a presença e os aplausos de uma numerosa multidão que compreendia pouco de todo este aparato, mas esperava muito; e a procissão avançou lentamente do Castelo de Santo Ângelo em direcção ao Capitólio. O sentimento do seu triunfo foi perturbado por algumas secretas emoções que ele se esforça por conter; subiu sem oposição e com aparente confiança à cidadela da república; arengou ao povo da varanda e recebeu dele a mais lisonjeira aprovação dos seus actos e leis. Os nobres, como se estivessem desprovidos de armas e iniciativa, observavam em consternado silêncio esta estranha revolução; escolhera-se cuidadosamente o momento em que o temível Estêvão Colonna se encontrava ausente da cidade. Ao primeiro rumor, ele regressou ao seu palácio, fingiu desprezar este motim dos plebeus e declarou ao mensageiro de Rienzi que, logo que tivesse vagar, atiraria aquele louco pelas janelas do Capitólio. O sino maior deu imediatamente sinal de alarme, e a sublevação foi tão rápida e o perigo tornou-se tão premente, que Colonna fugiu precipitadamente para o subúrbio de São Lourenço, donde, após uns momentos de descanso, continuou na mesma veloz carreira até se achar em segurança no castelo da Palestrina, lamentando a sua imprudência de não ter abafado a primeira

centelha deste terrível incêndio. Do Capitólio emanou uma ordem geral e peremptória avisando todos os nobres de que deviam retirar-se pacificamente para as suas propriedades; eles obedeceram, e a sua partida garantiu a tranquilidade de Roma e dos cidadãos livres e obedientes que ela agora albergava.

Contudo, uma obediência voluntária desvanece-se com os primeiros transportes do entusiasmo; e Rienzi percebeu a importância de justificar a sua usurpação por meio de formas regulares e de um título legal. Se ele quisesse, o povo romano teria demonstrado o seu apego e a sua autoridade brindando-o com os títulos de senador ou de cônsul, de rei ou de imperador; mas ele preferiu a antiga e modesta designação de tribuno; a protecção da arraiamiúda constituía a essência deste cargo sagrado, e ela ignorava que o tribunado nunca fora investido de qualquer quota-parte dos poderes legislativo ou executivo da República. Sob este nome e com a anuência dos Romanos, o tribuno promulgou as leis mais salutaras para a restauração e a manutenção do *bom Estado*. Pela primeira, em conformidade com os anseios da honestidade e da inexperiência, ele ordenou que se concluíssem no prazo de quinze dias todos os processos civis. O perigo dos perjúrios repetidos talvez justificasse uma outra lei que infligia ao crime de falsa acusação a pena que o acusado teria sofrido; as desordens da época podem ter forçado o legislador a punir todos os homicídios com a morte, e todas as injúrias com a pena de talião. A administração da justiça, contudo, era algo que só se podia esperar depois de abolir a tirania dos nobres. Assim, declarou-se formalmente que ninguém, excepto o supremo magistrado, disporia da posse ou do comando das portas, das pontes ou das torres do Estado; que nenhuma guarnição privada seria introduzida nas cidades ou nos castelos do território romano; que ninguém poderia usar armas nem fortificar a sua casa na cidade ou no campo; que os barões seriam responsáveis pela segurança das estradas e pela livre circulação das provisões; e que a protecção concedida aos malfeitores e ladrões seria expiada com uma multa de mil marcos de prata. Estes regulamentos ter-se-iam no entanto revelado impotentes e inócuos, caso a licença dos nobres não houvesse sido debelada pelo gládio da autoridade civil. Ao primeiro toque de alarme, o sino do Capitólio ainda podia reunir mais de vinte mil voluntários sob os estandartes; mas o tribuno e as leis necessitavam de uma força mais regular e permanente. Nos vários portos do litoral, colocou-se um navio incumbido de defender o comércio; uma milícia efectiva de

trezentos e sessenta cavaleiros e mil e trezentos infantes foi recrutada, vestida e paga em cada um dos treze bairros da cidade; e o espírito das repúblicas não nos passa despercebido na atribuição, como testemunho de reconhecimento, de cem florins, ou libras, aos herdeiros de todos os soldados que perdessem a vida ao serviço da pátria. A fim de prover à defesa pública, à criação de celeiros do Estado, ao alívio das viúvas, dos órfãos e dos conventos pobres, Rienzi não hesitou em utilizar, sem receio de sacrilégio, os rendimentos da câmara apostólica: as receitas do imposto sobre os lares, do imposto sobre o sal e das alfândegas elevavam-se anualmente a cem mil florins; e os abusos deviam ser escandalosos se, como dizem, no espaço de quatro ou cinco meses o rendimento da contribuição sobre o sal triplicou graças à criteriosa economia do tribuno. Depois de ter assim restaurado as forças e as finanças da república, Rienzi tirou os nobres da sua solitária independência, exigindo a presença deles no Capitólio e impondo um juramento de fidelidade ao novo governo e de submissão às leis do *bom Estado*. Temendo pela sua segurança, mas sentindo que uma recusa seria ainda mais perigosa, os príncipes e os barões regressaram às suas casas de Roma sob a aparência de simples e pacatos cidadãos; os Colonnas e os Orsinis, os Savellis e os Frangipanis viram-se confundidos perante o tribunal de um plebeu, desse vil bobo que tantas vezes haviam ridiculizado, e o seu desvalimento era agravado pela indignação que debalde se esforçavam por dissimular. O mesmo juramento foi sucessivamente pronunciado pelas diversas classes da sociedade, o clero e a nobreza, os juízes e os notários, os mercadores e os artesãos, e conforme se descia em hierarquia, iam sendo maiores o zelo e a sinceridade. Todos juravam viver e morrer no seio da república e da Igreja, cujos interesses ficaram habilidosamente ligados pela associação nominal do bispo de Orvieto, o vigário do papa, ao cargo de tribuno. Rienzi vangloriava-se de ter libertado o trono e o património de São Pedro de uma aristocracia rebelde; e Clemente VI, que rejubilava com a queda dos nobres, fingia acreditar nas demonstrações de estima do seu fiel servidor, aplaudir-lhe o mérito e confirmar o poder de que ele se achava revestido. O discurso, e porventura o coração do tribuno, estava animado de um fervoroso desvelo pela pureza da fé; ele insinuou que o Espírito Santo o encarregara de uma missão sobrenatural; impôs, mediante pesadas penas pecuniárias, o dever anual da confissão e da comunhão; e velou empenhadamente pelo bem-estar espiritual e temporal do seu povo fiel.

A prosperidade da República Romana

A energia e a força de carácter de um só homem talvez nunca se tenham feito sentir de modo tão notável como na súbita, embora passageira reforma operada em Roma pelo tribuno Rienzi. Um covil de ladrões submeteu-se à disciplina de um exército ou de um convento: o seu tribunal, escutando com paciência, julgando prontamente, punindo sem contemplações, estava sempre aberto ao pobre e ao estrangeiro; e nem o nascimento, nem a dignidade, nem as imunidades da Igreja serviam de protecção ao culpado ou aos seus cúmplices. As casas privilegiadas, todos esses santuários privados de Roma onde nenhum oficial de justiça ousaria entrar, foram por ele abolidos; e empregou a madeira e o ferro das suas barricadas nas fortificações do Capitólio. O venerável pai dos Colonnas amargou no seu próprio palácio a dupla vergonha de desejar proteger um criminoso e não ter poder para o fazer. Uma mula, carregada com um pote de azeite, fora roubada próximo de Capranica; e o senhor do lugar, pertencente à família dos Orsinis, viu-se condenado a reparar o dano e a pagar uma multa de quatrocentos florins por ter descurado a guarda da estrada. A pessoa dos barões não estava mais ao abrigo das leis do que as suas terras ou as suas casas; e por acaso ou de propósito, o mesmo imparcial rigor era aplicado aos chefes das facções rivais. Pedro Agapito Colonna, antigo senador de Roma, foi preso na rua por injúria ou dívida; e fez-se justiça com a tardia execução de Martinho Orsini, que, entre os seus vários actos de violência e rapina, pilhara um navio naufragado na foz do Tibre. O inflexível tribuno, que pretendia castigar para exemplo, não atendeu ao nome dele, nem à púrpura de dois tios cardeais, nem ao seu casamento recente, ou sequer a uma doença mortal. Os oficiais públicos arrancaram Martinho ao palácio e ao leito nupcial; o seu processo foi curto e comprovou a verdade dos factos; o sino do Capitólio reuniu o povo; despojado do manto, de joelhos e com as mãos atadas atrás das costas, o réu escutou a sentença de morte e, após uma breve confissão dos seus pecados, Orsini foi conduzido ao cadafalso. Após um tal exemplo, nenhum dos que estavam cônscios dos seus crimes podia contar com a impunidade, e a cidade e o território de Roma não tardaram a purificar-se graças à fuga dos facínoras, dos desordeiros e dos ociosos. Nesta época (afirma o historiador), os bosques resplandeceram por já não estarem infestados de salteadores; os bois retomaram a lavoura; os peregrinos

voltaram aos santuários; as estradas e as estalagens encheram-se de viajantes; o comércio, a abundância e a boa-fé ressurgiram nos mercados; e podia-se deixar sem qualquer risco uma bolsa de ouro no meio da estrada. Sempre que a vida e os bens dos súbditos se encontram em segurança, as fainas da indústria e as riquezas que a recompensam tornam a aparecer espontaneamente: Roma continuava a ser a metrópole do mundo cristão, e a fama e a fortuna do tribuno eram apregoadas em todos os países pelos estrangeiros que haviam usufruído das bênçãos do seu governo.

A libertação da sua urbe inspirou a Rienzi a ideia ainda mais vasta e talvez visionária de unir a Itália numa grande república federativa, onde Roma ocuparia legitimamente, como outrora, a primeira posição, e as cidades livres e os principados se tornariam membros associados. Os seus escritos eram tão eloquentes como os seus discursos, e assim as suas numerosas epístolas foram confiadas a mensageiros rápidos e fiéis: a pé, com um bastão branco na mão, eles atravessavam as florestas e as montanhas, desfrutando nas regiões mais hostis da imunidade sagrada dos embaixadores; e contavam, quer se tratasse de lisonja ou de verdade, que as estradas se orlavam à sua passagem de multidões ajoelhadas que imploravam ao céu o êxito da sua empresa. Se a paixão escutasse a razão, se o interesse privado cedesse à felicidade pública, a Itália confederada e governada por um tribunal supremo ter-se-ia curado da discórdia interna e haveria fechado os Alpes aos bárbaros do Norte. No entanto, a época favorável já passara; e se Veneza, Florença, Siena, Pérúsia e muitas cidades inferiores ofereceram as vidas e as riquezas dos seus súbditos ao *bom Estado*, também é verdade que os tiranos da Lombardia e da Toscana deviam desprezar ou odiar o autor plebeu de uma Constituição livre. No entanto, a resposta deles e de todas as outras partes de Itália vinha cheia de declarações de amizade e respeito; em breve chegaram os embaixadores dos príncipes e das repúblicas; e nesta aglomeração de estrangeiros, em todas as ocasiões de prazer ou de negócios, o notário de origem humilde demonstrava a cortesia familiar ou majestosa de um soberano(*). A circunstância mais gloriosa do seu reinado consistiu num apelo à sua justiça por parte de Luís, rei da Hungria, queixando-se de que a cunhada, Joana, rainha de Nápoles, lhe estrangulara perfidamente o irmão e marido dela; o processo de Joana correu em Roma de uma forma solene; porém, depois de ouvir os advogados de ambas as partes, o tribuno adiou esta causa momentosa e desagradável, que não tardou a ser resolvida pela espada do

húngaro. Do outro lado dos Alpes, especialmente em Avinhão, a revolução suscitava curiosidade, surpresa e aplauso. Petrarca vivera na intimidade de Rienzi e talvez o houvesse secretamente aconselhado; dos seus escritos da época desprende-se todo o fervor do patriotismo e um grande júbilo; o seu respeito pelo papa e a sua gratidão aos Colonnas desapareceram em face dos deveres superiores de cidadão romano. O poeta laureado do Capitólio apoia a revolução, elogia o herói e exprime, por entre algumas preocupações e vários conselhos, as mais altas esperanças numa eterna e sempre crescente grandeza da república.

Grau de cavaleiro, coroação e loucuras de Rienzi

Enquanto Petrarca se entregava a estas visões proféticas, o herói romano declinava rapidamente em fama e poder; o povo, que contemplara cheio de admiração a ascensão do meteoro, começava a notar as irregularidades do seu curso e as sombras que encobriam aqui e além o seu brilho. Mais eloquente do que judicioso, mais empreendedor do que resoluto, as faculdades de Rienzi não eram regidas pela razão fria e categórica; ele exagerava imensamente os motivos de esperança e de medo; e a prudência, que não teria bastado para o elevar ao trono, também não tratou de o manter. No auge da prosperidade, as suas virtudes tingiram-se insensivelmente dos vícios que lhes são inerentes; a justiça degenerou em crueldade, a liberalidade em dissipação, e o desejo de fama em pueril e ostentosa vaidade. Ele deveria saber que os antigos tribunos, tão fortes e sagrados na opinião pública, não se distinguiam pelo tom, nem pelo vestuário, nem pelo porte de um vulgar plebeu; e que, todas as vezes que visitavam a cidade a pé, um único viator ou sargento os acompanhava no exercício do cargo. Os Gracos teriam franzido o sobrolho ou sorrido, se porventura houvessem lido os pomposos títulos e epítetos do seu sucessor: «NICOLAU, SEVERO E MISERICORDIOSO, LIBERTADOR DE ROMA; DEFENSOR DE ITÁLIA; AMIGO DA HUMANIDADE, DA LIBERDADE, DA PAZ E DA JUSTIÇA; TRIBUNO AUGUSTO».

Este aparato teatral preparara a revolução; no entanto, Rienzi, entregue ao luxo e ao orgulho, abusou da máxima política que recomenda que se fale tanto aos olhos como ao entendimento da multidão. A natureza dotara-o de

uma boa figura, mas a intemperança não tardou a engordá-lo e a desfeá-lo; e a sua propensão para o riso era corrigida nas funções de magistrado por uma gravidade e uma severidade afectadas. Usava, pelo menos nas ocasiões públicas, uma túnica multicolor de veludo ou de cetim, guarnecida de pele e bordada a ouro; o bastão da justiça que ele empunhava era um ceptro de aço polido, encimado por um globo e uma cruz de ouro que encerrava um pequeno fragmento do autêntico santo lenho. Quando desfilava na cidade ou participava numa procissão, montava um corcel branco, símbolo da realeza; por cima da sua cabeça flutuava o grande estandarte da república, que exibia um sol rodeado de estrelas e uma pomba com um ramo de oliveira; uma chuva de moedas de ouro e prata era atirada à população; cinquenta guardas armados de alabardas protegiam a sua pessoa; um esquadrão de cavalaria precedia a sua marcha tocando timbales e trombetas de prata maciça.

A ambição de obter o grau de cavaleiro denunciou a baixeza do seu nascimento e degradou a dignidade das suas funções; e, assim, o tribuno equestre tornou-se tão odioso aos nobres entre os quais se incorporava, como aos plebeus a quem abandonava. As somas que ainda restavam no tesouro, tudo o que o luxo ou a arte podiam fornecer, foi gasto nesse dia solene. Rienzi encabeçou o cortejo desde o Capitólio ao Palácio de Latrão; alegrou-se a monotonia do caminho com decorações e jogos; as ordens eclesiásticas, civil e militar marchavam sob as suas respectivas bandeiras; as damas romanas acompanhavam a mulher dele; e os embaixadores dos diversos Estados de Itália aplaudiam ruidosamente em público ou troçavam em segredo de toda esta pompa extravagante. Ao fim da tarde, chegado à igreja e ao palácio de Constantino, ele agradeceu e mandou embora a numerosa assembleia, convidando-a para a festa do dia seguinte. Recebeu a Ordem do Espírito Santo das mãos de um venerável cavaleiro; a purificação do banho era uma cerimónia prévia; mas em nenhum passo da sua vida Rienzi suscitou tão grande escândalo e censura como ao dar um uso profano ao vaso de pórfiro onde Constantino (segundo uma lenda ridícula) havia sido curado da lepra pelo Papa Silvestre. Em seguida, o tribuno velou, ou melhor, repousou com a mesma presunção no recinto sagrado do baptistério; e um acidente que fez abater o seu leito de estadão foi interpretado como um presságio da sua próxima queda. No dia seguinte, à hora do culto, ele apresentou-se à multidão em atitude majestosa, ataviado de uma túnica de púrpura, da sua espada e de esporas de ouro; mas os

rituais sagrados depressa se interromperam por causa da sua ligeireza e insolência. Erguendo-se do trono e avançando para a assembleia, proclamou em voz alta: «Intimamos a comparecer no nosso tribunal o Papa Clemente, e ordenamos-lhe que resida na sua diocese de Roma; chamamos igualmente à nossa presença o sacro colégio dos cardeais, bem como os dois pretendentes, Carlos da Boémia e Luís da Baviera, que se intitulam imperadores; intimamos também todos os eleitores da Alemanha a informarem-nos do motivo por que usurparam o direito inalienável do povo romano, que é o antigo e legítimo soberano do império.» Desembainhando a sua espada ainda virgem, brandiu-a por três vezes na direcção das três partes do mundo, e por três vezes repetiu a inaudita afirmação: «E também isto é meu!» O vigário do papa, bispo de Orvieto, tentou deter este assomo de insânia; no entanto, o seu débil protesto foi abafado por uma música guerreira; e em vez de se retirar da assembleia, ele acedeu a jantar com o seu colega tribuno numa mesa até então reservada ao sumo pontífice. Preparou-se então um banquete semelhante aos que os Césares davam outrora aos Romanos. Os aposentos, pórticos e pátios do Palácio de Latrão estavam cheios de mesas destinadas a ambos os sexos e a todas as condições; uma torrente de vinho brotava das narinas do cavalo de bronze de Constantino; ninguém se queixou de nada, a não ser da falta de água; e a licença da multidão cedeu à disciplina e ao medo. Fixou-se um dia pouco afastado para a coroação de Rienzi; os mais insignes membros do clero romano colocaram sucessivamente na cabeça dele sete coroas de diferentes folhas ou metais; representavam os sete dons do Espírito Santo, e era assim que ele pretendia continuar a seguir o exemplo dos antigos tribunos. Estes extraordinários espectáculos enganavam ou lisonjeavam o povo, cuja vaidade se satisfazia ao identificar-se com a do chefe. Todavia, na sua vida privada, Rienzi em breve se afastou das regras estritas da frugalidade e da abstinência; e os plebeus, a quem infundia respeito o esplendor dos nobres, sentiram-se pelo contrário irritados com o luxo do seu igual. A mulher, o filho e o tio dele (um barbeiro de nome e profissão) expunham aos olhos de toda a gente o contraste entre as suas maneiras grosseiras e uns gastos principescos; e sem adquirir a majestade dos reis, Rienzi caiu nos vícios deles.

Em 1347, Rienzi foi deposto das suas funções e forçado a exilar-se. Passados sete anos, regressou a Roma com o título de senador, mas

assassinaram-no quatro meses depois, em Setembro de 1354.

O regresso dos Papas a Roma

O primeiro e o mais nobre desejo de Petrarca era a restauração de uma república livre; mas, após o exílio e a morte do seu herói plebeu e tribuno, ele voltou os olhos para o rei dos Romanos. O Capitólio ainda estava manchado do sangue de Rienzi, quando Carlos IV desceu dos Alpes para se fazer imperador e rei de Itália. Ao passar por Milão, recebeu a visita do poeta laureado e retribuiu as suas lisonjas; aceitou uma medalha de Augusto e prometeu, sem sorrir, imitar o fundador da monarquia romana. Uma falsa aplicação dos nomes e das máximas da Antiguidade era a fonte das esperanças sempre iludidas de Petrarca; não deveria, porém, ignorar tudo o que separava os tempos e os caracteres; o incomensurável abismo entre o primeiro dos Césares e um príncipe boémio elevado pelo favor do clero à posição de chefe titular da aristocracia germânica. Em vez de pensar em devolver a glória e as províncias a Roma, Carlos prometera ao papa, por meio de um tratado secreto, sair da cidade no dia da sua coroação; e a sua vergonhosa retirada deu azo às admoestações do bardo patriota.

Ao perder a esperança no restabelecimento da liberdade e do império, o terceiro desígnio de Petrarca, mais humilde, resumiu-se a conciliar o pastor com o rebanho, a trazer de novo o bispo romano para a sua antiga e lúdima diocese. No fervor da juventude, ou já com a autoridade conferida pela idade, Petrarca dirigiu as suas exortações a cinco papas sucessivos, sendo a sua eloquência invariavelmente animada pelo ardor do sentimento e pela franqueza da linguagem. Filho de um cidadão de Florença, ele preferiu sempre o país onde nascera a essoutro ao qual devia a sua educação; a seus olhos, a Itália era a rainha e o jardim do mundo. Apesar das facções internas, ela era indubitavelmente superior à França nas artes e nas ciências, na riqueza e na civilidade; mas a diferença não parecia tão grande que desse a Petrarca o direito de apodar de bárbaros todos os países situados para lá dos Alpes. Avinhão, a mística Babilónia, antro dos vícios e da corrupção, era objecto do seu ódio e desprezo; ele esquecia-se, todavia, de que estes vícios escandalosos não eram uma produção espontânea do solo, e que em todas as moradas eles vinham na esteira do poder e do luxo da corte papal.

Petrarca reconhece que o sucessor de São Pedro é o bispo da Igreja universal; mas acrescenta que não foi nas margens do Ródano, antes nas do Tibre, que o apóstolo instalou o seu trono sempiterno; além de que, enquanto todas as cidades do mundo cristão usufruíam da presença do seu bispo, só a metrópole se apresentava solitária e desamparada. Desde a transferência da Santa Sé, os edifícios sagrados de Latrão e do Vaticano, os seus altares e os seus santos estiolavam num estado de *pobreza* e decadência; e Roma era frequentemente retratada por ele sob o aspecto de uma matrona pesarosa, como se o quadro da velhice e das enfermidades de uma esposa em pranto pudesse fazer voltar um marido inconstante. Mas a nuvem que pairava sobre as sete colinas seria dissipada pela presença do soberano legítimo; a glória eterna, a prosperidade de Roma e a paz de Itália deviam ser a recompensa do papa que ousasse tomar esta generosa resolução. Dos cinco pontífices a que se dirige Petrarca, os três primeiros, João XXII, Bento XII e Clemente VI, sentiram-se apenas importunados ou divertidos com o atrevimento do orador; no entanto, a memorável mudança tentada por Urbano V iria ser finalmente consumada por Gregório XI. A execução deste desígnio deparou com obstáculos poderosos e quase insuperáveis. Um rei de França, que mereceu o cognome de Sábio, não se mostrava disposto a libertar os papas da dependência em que os mantinha a estada no seu território; os cardeais, quase todos seus súbditos, estavam afeiçoados à língua, aos costumes e ao clima de Avinhão, aos seus magníficos palácios, e sobretudo aos vinhos da Borgonha. Aos olhos deles, a Itália afigurava-se estrangeira ou inimiga; e embarcaram com tanta relutância, em Marselha, como se os tivessem vendido ou banido para as plagas dos Sarracenos. Urbano V residiu três anos no Vaticano em segurança e de maneira honrosa; a sua santidade era protegida por uma guarda de dois mil cavaleiros; e o rei de Chipre, a rainha de Nápoles e os imperadores do Oriente e do Ocidente dignaram-se saudar com devoção o seu pai comum na cadeira de São Pedro. No entanto, a alegria de Petrarca e dos Italianos em breve deu lugar à dor e à indignação. Razões de ordem pública ou privada, a sua própria impaciência ou as súplicas dos cardeais levaram Urbano a regressar a França; e a eleição já muito próxima do seu sucessor livrou-se do patriotismo tirânico dos Romanos. As potestades celestiais interessaram-se pela causa deles: Brígida da Suécia, uma santa peregrina, censurou a partida de Urbano V e profetizou a sua morte; o retorno de Gregório XI foi encorajado por Santa Catarina de Siena, esposa

de Cristo e embaixatriz dos Florentinos; e os próprios papas, os grandes fautores da credulidade humana, parece terem dado ouvidos a estas duas mulheres visionárias. Aliás, tais admonições do céu eram apoiadas por certos argumentos de política temporal. A residência de Avinhão fora invadida por tropas hostis: à cabeça de trinta mil salteadores, um herói exigira um resgate e a absolvição ao vigário de Cristo e ao sacro colégio; e esta máxima dos guerreiros franceses, de poupar o povo e pilhar a Igreja, constituía uma nova heresia de perigosíssimas consequências. Ao mesmo tempo que se via enxotado de Avinhão, o papa era insistentemente convidado a ir para Roma. O Senado e o povo reconheciam-no como seu legítimo soberano e depunham a seus pés as chaves das portas, das pontes e das fortalezas, pelo menos as do bairro situado para lá do Tibre. Esta proposta leal fazia-se no entanto acompanhar de uma declaração segundo a qual não podiam suportar por mais tempo o escândalo e a desventura da sua ausência; e que a sua teimosia os levaria em último caso a ressuscitar e defender o antigo direito de eleição. Tinham perguntado ao abade de monte Cassino se aceitaria a tiara das mãos do clero e do povo: «Sou um cidadão de Roma», respondera este venerável eclesiástico, «e a minha primeira lei é a voz do meu país.»

Se a superstição pode interpretar uma morte prematura, se o mérito das deliberações deve ser julgado a partir do desfecho, digamos então que esta medida, aparentemente tão razoável e conveniente, não agradava ao céu. Gregório XI só viveu mais catorze meses após o seu regresso ao Vaticano; e à sua morte seguiu-se o grande cisma do Ocidente, que dividiu a Igreja latina durante mais de quarenta anos. O sacro colégio compunha-se então de vinte e dois cardeais: seis haviam ficado em Avinhão; onze franceses, um espanhol e quatro italianos entraram no conclave da forma usual. A sua escolha ainda não estava circunscrita à púrpura romana; e, assim, eles nomearam por unanimidade o arcebispo de Bari, súbdito de Nápoles, famoso pelo seu zelo e saber, que subiu ao trono de São Pedro sob o nome de Urbano VI. A epístola do sacro colégio afirma que a sua eleição fora livre e regular, e que eles tinham, como de costume, sido inspirados pelo Espírito Santo; a cerimónia da adoração, da investidura e da coroação fez-se de acordo com os ritos usuais; Roma e Avinhão obedeceram ao poder temporal de Urbano VI, e o mundo latino reconheceu a sua supremacia eclesiástica. Durante várias semanas, os cardeais continuaram a reunir-se em torno do seu novo senhor com os mais vivos protestos de dedicação e

lealdade, até o calor estival permitir uma saída decente da cidade. No entanto, mal se encontraram em Anágria e Fundos, num lugar seguro, deixaram cair a máscara, reprovaram a sua própria falsidade e hipocrisia, excomungaram o apóstata e anticristo de Roma e procederam a uma nova eleição, escolhendo Roberto de Génova, que tomou o nome de Clemente VII, e anunciaram-no às nações como o verdadeiro e legítimo vigário de Cristo. A sua primeira escolha, por eles considerada forçada e ilegal, foi anulada por ter sido ditada pelo medo da morte e as ameaças dos Romanos; e as suas queixas são justificadas por algumas verosimilhanças e factos bem estabelecidos. Os dozes cardeais franceses, dispondo de mais de dois terços dos votos, podiam decidir da eleição; e quaisquer que fossem as suas invejas intestinas, não se pode supor curialmente que eles sacrificassem os seus direitos e interesses em favor de um candidato estrangeiro que os afastava para todo o sempre da sua pátria. Nas variadas, e por vezes contraditórias narrativas dos coevos, as suspeitas de violência popular aparecem em tintas mais ou menos carregadas; mas a licença dos Romanos, propensos à sedição, era ainda por cima acicatada pela noção dos seus privilégios e pelo receio de uma segunda emigração. O conclave viu-se cercado e intimidado pelos gritos de trinta mil rebeldes armados; os sinos do Capitólio e de São Pedro tocaram a rebate: «A morte ou um papa italiano!», era o clamor geral; a mesma ameaça foi repetida pelos doze porta-bandeiras ou chefes de bairros sob a forma de aviso caridoso; fizeram-se alguns preparativos para queimar os cardeais refractários; e se acaso dessem a tiara a um súbdito francês, é provável que eles já não saíssem com vida do Vaticano. Este mesmo constrangimento obrigou-os nas semanas seguintes a dissimular aos olhos de Roma e do mundo; mas o orgulho e crueldade de Urbano constituíam um perigo ainda maior; e eles não tardaram a descobrir as facetas deste tirano tão insensível que passeava no seu jardim a recitar o breviário, ao mesmo tempo que escutava os gemidos de seis cardeais torturados numa câmara ali próximo. O seu zelo inflexível, que censurava ruidosamente o luxo e os vícios deles, tê-los-ia forçado a cumprir os seus deveres nas paróquias de Roma; e se não houvesse adiado, infelizmente para si, uma nova promoção, os cardeais franceses iriam encontrar-se em desamparada minoria no sacro colégio. Estes motivos e a esperança de voltarem a passar os Alpes levaram-nos a perturbar temerariamente a paz e a unidade da Igreja; e a validade da primeira ou da segunda eleição ainda é discutida nas escolas católicas. A

corte e o clero de França atenderam mais à vaidade do que ao interesse da nação. Sabóia, a Sicília, Chipre, Aragão, Castela, Navarra e a Escócia, induzidos por este exemplo de peso, optaram por obedecer a Clemente VII, e após a morte dele, a Bento XIII. Roma e os principais Estados de Itália, a Alemanha, Portugal, a Inglaterra, a Holanda e os reinos do Norte aderiram à anterior eleição de Urbano VI, que teve como sucessores Bonifácio IX, Inocêncio VII e Gregório XII.

O grande cisma do Ocidente

Das margens do Tibre e do Ródano, os dois pontífices antagonistas defrontaram-se com a pena e a espada; a ordem da sociedade foi perturbada nos planos civil e eclesiástico; e os Romanos sofreram uma boa parte dos males de que se podia acusá-los de serem os primeiros autores. Eles tinham-se gabado vãmente de poderem restaurar na capital a monarquia eclesiástica e sair da sua pobreza graças aos tributos e às ofertas das nações; mas a dissidência da França e de Espanha desviou o curso desta lucrativa devoção; e a sua perda não pôde ser compensada pelos dois jubileus que se celebraram no espaço de dez anos. Urbano VI e os seus três sucessores viram-se frequentemente obrigados a abandonar a residência no Vaticano devido às questões do cisma, às armas estrangeiras e aos tumultos populares. Os Colonnas e os Orsinis persistiam nas suas querelas funestas; os porta-bandeiras de Roma apoderaram-se e abusaram dos privilégios de uma república; os vigários de Cristo, que haviam recrutado uma força militar, castigaram os rebeldes com o patíbulo, a espada e o punhal; e durante uma conferência amistosa, onze representantes do povo foram traiçoeiramente assassinados e atirados à rua. Desde a invasão de Roberto, o *Normando*, os Romanos haviam-se entregue às suas pendências internas sem a perigosa interposição dos estrangeiros. Mas nas desordens resultantes do cisma, um vizinho ambicioso, Ladislau, rei de Nápoles, apoiou e atraçou cada um por sua vez o papa e o povo; foi nomeado gonfaloneiro ou general da Igreja pelo sumo pontífice, enquanto os cidadãos submetiam à sua escolha a nomeação dos magistrados. Cercando Roma por terra e por mar, entrou lá três vezes como um conquistador bárbaro; profanou os altares, violou as donzelas, pilhou os mercadores, fez as suas devoções a

São Pedro e deixou uma guarnição no Castelo de Santo Ângelo. As suas armas nem sempre saíram vitoriosas, e, uma vez, ele só ficou a dever a vida e a coroa a uma dilação de três dias; mas Ladislau também triunfou por seu turno; e só a sua morte prematura pôde salvar a metrópole e o Estado eclesiástico dos tentames deste ambicioso conquistador, que assumira o título ou pelo menos usurpara os poderes de rei de Roma.

Não empreendi a história eclesiástica do cisma do Ocidente; no entanto, Roma, objecto dos últimos capítulos desta obra, está profundamente interessada nas disputas travadas acerca da sucessão dos seus soberanos. Os primeiros conselhos em prol da paz e da união da Cristandade provieram da Universidade de Paris, da Faculdade da Sorbona, cujos doutores eram considerados, pelo menos na Igreja galicana, como os mais consumados mestres da ciência teológica. Arredando prudentemente todas as indagações incômodas sobre a origem e as razões da contenda, eles propuseram, para dar remédio a tantos males, que os dois pretendentes de Roma e Avinhão abdicassem ao mesmo tempo depois de ambos habilitarem os cardeais das facções adversas a reunir-se para uma eleição legítima; e que as nações se subtraíssem à obediência daquele dos dois competidores que preferisse os seus interesses pessoais aos do público. A cada vacatura, estes médicos da Igreja alertavam para as consequências negativas de uma escolha precipitada; mas a política do conclave e a ambição dos seus membros mostravam-se surdas à razão e aos rogos; e quaisquer que fossem as promessas anteriormente feitas, o papa nunca se sentia ligado aos juramentos do cardeal. Ao longo de quinze anos, os desígnios pacíficos da Universidade de Paris foram iludidos pelos artifícios dos pontífices rivais, pelos escrúpulos ou paixões dos seus adeptos e pelas vicissitudes das facções que, em França, governavam o insensato Carlos VI. Por fim, adoptou-se uma resolução firme: uma embaixada solene de que faziam parte o patriarca titular de Alexandria, dois arcebispos, cinco bispos, cinco abades, três cavaleiros e vinte doutores dirigiu-se à corte de Avinhão e à de Roma para pedir, em nome da Igreja e do rei, a abdicação dos dois pretendentes, Pedro de Luna, que se intitulava Bento XIII, e Ângelo Corrario, a quem chamavam Gregório XII. Invocando a antiga honra de Roma e o êxito da sua missão, os embaixadores solicitaram uma conferência com os magistrados da cidade, aos quais começaram por dar a garantia formal de que o rei mui cristão não tencionava deslocar a Santa Sé do Vaticano, que era a seus olhos a residência mais convinável ao sucessor

de São Pedro. Em nome do Senado e do povo, um orador eloquente retorquiou que os Romanos desejavam concorrer para a união da Igreja, deplorou os danos temporais e espirituais de um tão longo cisma e requereu a protecção de França contra as armas do rei de Nápoles. As respostas de Bento e de Gregório foram igualmente edificantes e enganadoras; e os dois rivais, para se esquivarem ao pedido de abdicação, mostraram-se animados de um espírito comum. Concordaram com a necessidade de um encontro preliminar; mas nunca assentaram na data, no local e na forma desta entrevista. «Se um avança», afirma um servidor de Gregório, «o outro recua; um parece um animal receoso da terra, e o outro uma criatura com medo da água. E assim, por alguns instantes de vida e de poder que ainda podem restar-lhes, estes dois padres idosos comprometem a paz e a salvação do mundo cristão.»

O mundo cristão acabou por indignar-se com a obstinação e os ardis deles: viram-se ambos abandonados pelos seus cardeais, que se reuniram aos do partido adverso como amigos e colegas; e esta revolta recebeu o aplauso de uma numerosa assembleia de prelados e embaixadores. Com equânime justiça, o Concílio de Pisa depôs o papa de Roma e o de Avinhão; o conclave elegeu por unanimidade Alexandre V, e após a morte deste, sobrevinda pouco depois, nomeou da mesma maneira João XXIII, o mais dissoluto dos homens. Mas em vez de se pôr termo ao cisma, a precipitação dos Franceses e dos Italianos só serviu para fazer aparecer um terceiro pretendente à cadeira de São Pedro. Contestaram-se os novos direitos que o sínodo e o conclave se tinham arrogado; três reis, os da Alemanha, Hungria e Nápoles, aderiram à causa de Gregório XII; e Bento XIII, um espanhol, viu-se reconhecido pela devoção e o patriotismo da sua poderosa nação. Os decretos inconsistentes de Pisa foram corrigidos pelo Concílio de Constança; o imperador Sigismundo desempenhou aí um importante papel como o advogado ou protector da Igreja Católica; e o número e o peso dos membros civis e eclesiásticos que assistiam a este concílio deram a impressão de se estar perante os estados gerais da Europa. Dos três papas, João XXIII foi a primeira vítima: fugiu, mas tornaram a trazê-lo cativo; suprimiram-se as acusações mais escandalosas, e o vigário de Cristo apenas se viu acusado de pirataria, homicídio, violação, sodomia e incesto; depois de subscrever a sua própria condenação, ele expiou na prisão a imprudência de ter confiado a sua pessoa a uma cidade livre do outro lado dos Alpes. Gregório XII, cuja jurisdição estava confinada ao estreito recinto de Rimini,

desceu do trono mais honrosamente: o seu embaixador convocou a sessão onde ele renunciou ao título e à autoridade de papa legítimo. Para vencer a teimosia de Bento XIII ou a dos seus adeptos, o imperador deslocou-se pessoalmente de Constança a Perpignan. Os reis de Castela, de Aragão, de Navarra e da Escócia firmaram um tratado justo e honroso; graças à colaboração dos Espanhóis, Bento foi deposto pelo concílio, mas deixaram este velho inofensivo excomungar duas vezes por dia, do seu castelo solitário, os reinos rebeldes que haviam abandonado a sua causa. Depois de ter erradicado desta forma os restos do cisma, o Sínodo de Constança procedeu lenta e cuidadosamente à eleição do soberano de Roma e chefe da Igreja. Nesta magna ocasião, vieram acrescentar-se aos vinte e três cardeais, que formavam o sacro colégio, trinta delegados escolhidos em número igual em cada uma das cinco grandes nações da Cristandade — a italiana, a alemã, a francesa, a espanhola e a inglesa; a interferência dos estrangeiros tornou-se mais suportável pela generosidade que eles demonstraram ao escolher um italiano e romano; e assim, em virtude da sua linhagem e do seu mérito pessoal, Otão Colonna congregou os sufrágios do conclave. Roma aceitou com alegria e docilidade o mais nobre dos seus filhos; o Estado eclesiástico foi defendido pela poderosa família dele; e a elevação de Martinho V assinala o regresso e o definitivo estabelecimento dos papas no Vaticano.

O governo de Roma no século xv

Um cidadão observou com orgulho e satisfação que o rei dos Romanos(*), depois de ter saudado à pressa os cardeais e os prelados que o esperavam junto às portas da cidade, distinguiu o senador de Roma e o seu traje de cerimónia; e, nesta última despedida, a encarnação do império e a da república abraçaram-se de uma maneira amistosa. Segundo as leis de Roma, o seu primeiro magistrado devia ser um legista, estrangeiro, nascido a pelo menos quarenta milhas da cidade, com cujos habitantes não podia estar ligado por laços de parentesco ou de aliança no terceiro grau canónico. A eleição era anual; quando o senador saía do cargo, a sua conduta era submetida a um rigoroso exame; e só podia exercer as mesmas funções após um intervalo de dois anos. Um generoso salário de três mil florins

remunerava-o e provia às suas despesas; e o seu aparecimento em público rodeava-se de uma pompa digna da majestade da república. As suas vestes eram de brocado de ouro ou de veludo carmesim; no Verão, usava um tecido de seda mais leve; empunhava um ceptro de marfim; o som das trombetas anunciava a sua aproximação; e os seus passos solenes eram precedidos por um mínimo de quatro lictores ou acompanhantes, que seguravam varas vermelhas envoltas em fitas ou bandeirolas douradas, a cor da cidade. O seu juramento no Capitólio indicava os seus direitos e deveres: observar e manter as leis, reprimir o orgulhoso, proteger o pobre, e exercer a justiça e a misericórdia em toda a extensão da sua jurisdição. Era assistido nestas úteis funções por três estrangeiros instruídos; os dois *colaterais* e o juiz dos apelos em matéria criminal; os seus frequentes julgamentos por crimes de roubo, rapto e homicídio são atestados pelas leis; e a fraqueza destas leis é tão grande que elas parecem autorizar as querelas privadas e as associações de cidadãos armados para a sua defesa mútua. O senador só estava incumbido da administração da justiça: o Capitólio, o tesouro e o governo da cidade e do seu território eram confiados a três conservadores, substituídos quatro vezes por ano; a milícia dos treze bairros reunia-se sob os estandartes dos seus respectivos chefes, ou *caporioni*, o primeiro dos quais se distinguia pelo nome e a dignidade de *prior*. O poder legislativo do povo residia no conselho secreto e na assembleia geral dos Romanos. O primeiro compunha-se dos magistrados e dos seus antecessores imediatos, de alguns funcionários fiscais e judiciais, e de três classes de treze, vinte e seis e quarenta conselheiros, no total cerca de cento e vinte pessoas. Na assembleia geral, todos os cidadãos varões tinham o direito de votar; e o valor deste privilégio era reforçado pelo cuidado com que se impediam os estrangeiros de usurpar o título de cidadãos romanos. O tumulto de uma democracia era evitado por meio de sábias e severas precauções; só os magistrados podiam propor pontos de discussão; ninguém tinha licença para falar, a não ser do alto de um púlpito ou de um tribunal; todas as aclamações turbulentas eram contidas; a opinião da maioria era apurada por votação secreta; e os seus decretos promulgavam-se sob os nomes veneráveis do Senado e do povo romanos. Não é fácil indicar um período em que esta teoria de governo tenha coincidido com uma prática escrupulosa e constante, pois o estabelecimento da ordem surgiu ligado à paulatina diminuição da liberdade. Todavia, no ano de 1580, os antigos estatutos foram coligidos, ordenados em três livros e adaptados ao uso da

época, sob o pontificado e com a aprovação de Gregório XIII; este código civil e criminal ainda hoje está vigente em Roma; e embora as assembleias populares já não subsistam, um senador estrangeiro e três conservadores ainda residem no palácio do Capitólio. A política dos Césares foi adoptada pelos papas; e o bispo de Roma aparentou manter as formas de uma república, apesar de reinar com o poder absoluto de um monarca temporal e espiritual.

O governo eclesiástico

As fulminações espirituais do Vaticano dependem da força que lhes empresta a opinião; se esta opinião cede o lugar à razão ou à paixão, o seu vão estrondo pode evoluir-se nos ares; e o padre sem apoio fica exposto à violência brutal de qualquer adversário nobre ou plebeu. Mas quando os papas deixaram a residência de Avinhão, as chaves de São Pedro foram guardadas pelo gládio de São Paulo. Roma era sobranceada por uma cidadela inexpugnável, e o uso do canhão constitui um poderoso meio contra as sedições populares; uma tropa regular de cavalaria e infantaria servia sob o estandarte do papa; os seus largos rendimentos permitiam-lhe prover às despesas da guerra; e, dada a extensão dos seus domínios, ele estava em condições de jugular uma cidade revoltada sob um exército de vizinhos inimigos e de súbditos leais. Desde a reunião dos ducados de Ferrara e Urbino, o Estado eclesiástico estende-se do Mediterrâneo ao Adriático, e da fronteira do reino de Nápoles às margens do Pó; a partir do século XVI, a maior parte deste vasto e fértil território reconhece os legítimos direitos e a soberania temporal dos pontífices romanos. Os seus primeiros direitos fundaram-se nas doações autênticas ou fabulosas dos séculos de ignorância; os sucessivos passos do seu estabelecimento definitivo levar-nos-iam a entrar muito adiante na história de Itália, e até mesmo da Europa: os crimes de Alexandre VI, as operações militares de Júlio II e a política esclarecida de Leão X, um tema ilustrado pela pena dos mais nobres historiadores desta época. No primeiro período das suas conquistas, até à expedição de Carlos VIII, os papas puderam defrontar com êxito os príncipes e os Estados vizinhos, cujas forças militares eram iguais ou inferiores às deles. No entanto, assim que os monarcas de França, da

Alemanha e de Espanha lutaram entre si, com exércitos gigantescos, pelo domínio de Itália, os sucessores de São Pedro lançaram mão da astúcia para remediar a sua fraqueza e ocultaram num labirinto de guerras e tratados os seus desígnios ambiciosos e a esperança que nunca os abandonou de repelir os bárbaros para lá dos Alpes. O apetecível equilíbrio tão caro ao Vaticano foi repetidamente subvertido pelos soldados do Norte e do Ocidente, reunidos sob o estandarte de Carlos V; a débil e instável política de Clemente VII expôs a sua pessoa e os seus domínios ao conquistador; e Roma ficou entregue durante sete meses a um exército sem freio, mais cruel e ávido do que os Godos e os Vândalos. Após esta severa lição, os papas restringiram a sua ambição, que então quase se realizou: retomaram o papel paternal que lhes é próprio e abstiveram-se de guerras ofensivas, com excepção de uma querela imponderada em que o vigário de Cristo e o sultão turco pegaram ao mesmo tempo em armas contra o reino de Nápoles. Os Franceses e Alemães retiraram-se finalmente do campo de batalha; Milão, Nápoles, a Sicília, a Sardenha e o litoral da Toscana eram possessões detidas firmemente pelos Espanhóis; de tal modo que lhes interessava manter a paz e a dependência de Itália, que se prolongaram quase sem conturbações desde meados do século XVI até ao começo do século XVIII. O Vaticano encontrava-se sob o domínio e a protecção da política religiosa do rei católico; os preconceitos e o interesse deste levavam-no a apoiar o príncipe contra o povo em todas as disputas; e em vez dos encorajamentos, da ajuda e do asilo que haviam até então encontrado nos Estados vizinhos, os amigos da liberdade e os inimigos da lei viram-se encerrados por todos os lados no círculo de ferro do despotismo. O longo hábito da obediência e a educação acabaram por subjugar o espírito turbulento dos nobres e do povo de Roma. Os barões esqueceram as armas e as facções dos seus avós, e tornaram-se gradualmente escravos do luxo e do governo. Em vez de sustentar uma multidão de partidários e acólitos, eles passaram a empregar os seus rendimentos nessas despesas privadas que multiplicam os prazeres e diminuem o poder do senhor. Os Colonnas e os Orsinis já só rivalizavam entre si na decoração dos seus palácios e capelas; e o seu antigo esplendor era igualado ou superado pela súbita opulência das famílias papais. Em Roma, a voz da liberdade e a da discórdia deixaram de se ouvir; e, em lugar de uma torrente espumante, ela já só oferece um lago calmo e estagnado onde se reflecte a imagem da ociosidade e da servidão.

O cristão, o filósofo e o patriota sentir-se-ão igualmente escandalizados com a dominação temporal do clero; a majestade local de Roma, a recordação dos seus cônsules e dos seus triunfos parecem tornar mais amargas a consciência e a vergonha da sua servidão. Se ponderarmos friamente os méritos e os defeitos do governo eclesiástico, podemos louvá-lo no seu estado actual como um sistema suave, decente e sereno, resguardado dos perigos de uma minoria, do ímpeto da juventude, dos gastos do luxo e das calamidades da guerra. Estas vantagens, porém, são contrapesadas pelas frequentes eleições, quase sempre de sete em sete anos, de um soberano que só raramente é originário de Roma; segue-se o governo de um *jovem* estadista de sessenta anos, no declínio da vida e das faculdades, sem esperança de viver o bastante para concluir os trabalhos do seu reinado passageiro e sem filhos que os continuem. Vai-se buscar o candidato triunfante ao seio da Igreja ou até ao fundo de algum convento; ele traz consigo hábitos de educação e de vida dos mais adversos à razão, à humanidade e à liberdade. Preso na rede de uma fé servil, ensinaram-no a acreditar em função do absurdo, a respeitar tudo o que é desprezível e a desprezar o que é digno da estima de um ser racional; a punir o erro como um crime, a celebrar a mortificação da carne e o celibato como as primeiras virtudes; a colocar os santos do calendário acima dos heróis de Roma e dos sábios de Atenas; a considerar, enfim, o missal ou o crucifixo como instrumentos mais úteis do que o arado ou o tear. Nas nunciaturas ou no cardinalato, ele pode adquirir algum conhecimento do mundo, mas a mácula primitiva subsistirá no seu espírito e nos seus costumes; graças ao estudo e à experiência, pode suspeitar dos dogmas da sua fé, mas este artista sacerdotal deve imbuir-se de alguma porção da beatice que inculca nos outros. O génio de Sisto V irrompeu da obscuridade de um convento de franciscanos. Num reinado de cinco anos, ele aniquilou a raça dos fora-de-lei e dos bandidos, aboliu os santuários profanos(*) de Roma, criou uma marinha e um exército, restaurou os monumentos da Antiguidade e quis igualá-los nas suas construções, e, depois de ter usado liberalmente e aumentado o rendimento público, deixou cinco milhões de coroas no Castelo de Santo Ângelo. Mas a sua justiça ficou manchada pela crueldade, e as suas acções resultaram da ambição de conquistar; após a sua morte, os abusos reapareceram; dissipou-se o tesouro que ele amealhara, além de que onerara a posteridade com trinta e cinco novos impostos e a venalidade dos cargos; e quando deu o último suspiro, a sua estátua foi derrubada por um

povo ingrato ou oprimido. O carácter indómito e a originalidade de Sisto V ocupam um lugar especial na história dos pontífices; as máximas e os efeitos do seu governo temporal só podem ser ajuizados a partir de um exame comparativo e positivo das artes e da filosofia, da agricultura e do comércio, da riqueza e da população do Estado eclesiástico. Quanto a mim, quero despedir-me em paz com toda a gente, e nestes derradeiros momentos nem sequer me apetece ofender o papa e o clero de Roma.

Capítulo 71

Discurso de Poggio sobre as ruínas de Roma no Século XV. Quatro causas de ruína. O Coliseu. Restauração da cidade. Reflexões finais sobre o Declínio e Queda do Império Romano

Nos últimos dias do reinado do Papa Eugénio IV(*), dois dos seus servidores, o douto Poggio e um amigo, subiram ao monte Capitolino, descansaram no meio dos destroços das colunas e dos templos, e contemplaram deste lugar elevado o imenso e variado cenário de desolação. O local em si mesmo e o espectáculo abriam largo campo a uma dissertação moral sobre as vicissitudes da fortuna, que não poupa o homem nem as mais orgulhosas das suas obras, que precipita impérios e cidades no mesmo túmulo; e eles concordaram que, comparativamente à sua grandeza pretérita, Roma era de todas as cidades aquela cuja queda oferecia um aspecto mais imponente e deplorável. «O seu estado primevo, tal como seria na época remota em que Evandro acolheu o forasteiro de Tróia, foi traçado pela imaginação de Virgílio. Esta rocha Tarpeia só apresentava então um matagal selvagem e solitário; no tempo do poeta, o seu cimo era coroado pelos telhados dourados de um templo; o templo já não existe; pilharam o ouro que o revestia; a roda da fortuna completou a sua revolução, e o solo sagrado está de novo desfigurado por espinhos e silvas. A colina do Capitólio, onde nos sentamos, era antigamente a cabeça do Império Romano, a cidadela do mundo, o terror dos reis, ilustrada pelos

passos de tantos triunfadores e enriquecida pelos despojos e os tributos de tantas nações. Este espectáculo que atraía os olhares do mundo decaiu sem medida! Como ele mudou, como se desfeou! O caminho da vitória está obstruído por vinhas, e os bancos dos senadores somem-se sob as imundícies. Fitai o monte Palatino e procurai no meio dos fragmentos disformes e enormes o teatro de mármore, os obeliscos, as estátuas colossais, os pórticos do palácio de Nero; examinai as outras colinas da cidade: vereis espaços vagos cortados apenas por ruínas e jardins. O Fórum do povo romano, onde ele se reunia para fazer as suas leis e eleger os seus magistrados, contém hoje quintais destinados ao cultivo de hortaliças, ou terrenos percorridos por búfalos e porcos. Os edifícios públicos e privados, cuja sólida construção parecia desafiar os séculos, jazem por terra, despojados e em pedaços, semelhantes aos membros de um robusto gigante; e a devastação ainda é impressionante quando atentamos nos restos prodigiosos que sobreviveram às injúrias do tempo e da fortuna.»

Estes restos são descritos minuciosamente por Poggio, um dos primeiros a erguer os olhos dos monumentos da superstição religiosa para os da superstição clássica. 1) Além de uma ponte, de um arco, de um sepulcro e da pirâmide de Céstio, ele ainda distinguia entre as obras do tempo da República uma dupla correnteza de abóbadas na parte do Capitólio ocupada pelos funcionários da gabela, nas quais estava inscrito o nome e atestada a munificência de Catulo. 2) Onze templos ainda permaneciam mais ou menos conservados, desde o Panteão intacto aos três arcos e a uma coluna de mármore do Templo da Paz, que Vespasiano mandou erigir após as guerras civis e o triunfo sobre os Judeus. 3) No total, por ele fixado um pouco ligeiramente, das sete *termæ*, ou banhos públicos, nenhuma se encontrava suficientemente bem conservada para deixar entrever o uso e a distribuição das suas diversas partes; mas as de Diocleciano e de Antonino Caracala ainda eram conhecidas pelo nome dos fundadores e surpreendiam o espectador curioso, que observava a sua solidez e extensão, a variedade de mármore, o tamanho e a imensidade das colunas, e comparava o labor e as despesas exigidas por tais edifícios com a sua utilidade e importância. Ainda hoje existem alguns vestígios dos banhos de Constantino, de Alexandre, de Domiciano, ou melhor, de Tito. 4) Os arcos de triunfo de Tito, Severo e Constantino estavam inteiros e o tempo não apagara as suas inscrições; um fragmento de outro que caía em ruínas era honrado com o nome de Trajano; e dois arcos que então se viam na Via Flamínia tinham

sido dedicados à memória menos nobre de Faustina e de Galieno. 5) Após as maravilhas do Coliseu, Poggio poderia ter ignorado um pequeno anfiteatro de tijolo, que provavelmente se destinava aos guardas pretorianos; o sítio dos teatros de Marcelo e de Pompeu já estava ocupado em grande parte por edifícios públicos e particulares; quanto ao circo agonal e ao circo máximo, pouco mais se discernia do que a situação e a forma. 6) As colunas de Trajano e de Antonino continuavam de pé, mas os obeliscos egípcios estavam quebrados ou enterrados. Este povo de deuses e heróis, obra do cinzel, encontrava-se reduzido a uma estátua equestre de bronze dourado e a cinco figuras de mármore, as mais notáveis das quais eram dois cavalos de Fídias e Praxíteles. 7) Os mausoléus ou sepulcros de Augusto e de Adriano não podiam ter desaparecido inteiramente; mas do primeiro somente se enxergava um montículo de terra, e o segundo, denominado Castelo de Santo Ângelo, tomara o nome e o aspecto de uma cidadela moderna. Se acrescentarmos algumas colunas esparsas e cuja origem já não se conhecia, temos assim as ruínas da antiga cidade, pois as marcas de uma construção mais recente eram visíveis nas muralhas, as quais formavam uma circunferência de dez milhas, incorporavam trezentas e setenta e nove torres e davam para o campo através de treze portas.

Esta descrição melancólica era feita mais de novecentos anos após a queda do Império do Ocidente, e até mesmo do reino dos Godos em Itália. Durante o longo período de desgraça e anarquia em que o império, as artes e as riquezas abandonaram as margens do Tibre, a cidade não pôde restaurar-se nem embelezar-se; e na medida em que todas as coisas humanas devem retroceder se não avançam, cada século que decorria só vinha apressar a ruína das obras da Antiguidade. Avaliar a evolução do declínio e indagar em cada época o estado de cada edifício constituiria uma tarefa infundável e inútil; limitar-me-ei então a duas observações que nos conduzirão a uma breve análise geral das causas e dos efeitos da decadência. 1) Duzentos anos antes do eloquente lamento de Poggio, um autor anónimo redigiu uma descrição de Roma. A sua ignorância pode tê-lo levado a designar os mesmos objectos avistados por Poggio sob nomes estranhos e fabulosos. Este bárbaro topógrafo, apesar de tudo, tinha olhos e ouvidos; era capaz de observar os restos de antiguidades ainda visíveis; podia escutar a tradição do povo; e ele enumera distintamente sete teatros, onze banhos, doze arcos e dezoito palácios, vários dos quais haviam desaparecido antes do tempo de Poggio. Parece que não poucos

monumentos sólidos da Antiguidade subsistiram até um período tardio, e que os princípios da destruição actuaram com tremenda e redobrada energia durante os séculos XIII e XIV. 2) A mesma reflexão é aplicável aos três últimos séculos; e seria em vão que buscaríamos o Septizónio de Severo, celebrado por Petrarca e pelos antiquários do século XVII. Enquanto os edifícios romanos permaneceram intactos, a solidez do todo e a harmonia das partes resistiram aos primeiros golpes, por muito sérios e impetuosos que fossem; mas o mais leve choque deitou por terra os fragmentos de arcos e colunas assim que o escalavramento se iniciou.

Quatro causas de destruição

Após uma cuidadosa indagação, posso apontar quatro causas principais da ruína de Roma, cuja acção se prolongou durante mais de mil anos. I. Os estragos do tempo e da Natureza. II. Os assolamentos dos bárbaros e dos cristãos. III. O uso e abuso dos materiais que formavam os monumentos antigos. IV. As querelas intestinas dos Romanos.

I. O engenho do homem é capaz de construir monumentos muito mais duradouros que o curto intervalo da existência individual; todavia, estes monumentos são, tal como ele, perecíveis e transitórios; e no interminável curso do tempo, tanto a sua vida como as suas obras devem ser vistas como um momento efêmero. Mesmo assim, não é fácil circunscrever a duração de um edificio simples e sólido. Verdadeiras maravilhas de outrora, as pirâmides já atraíam a curiosidade dos Antigos; desapareceram cem gerações como as folhas de Outono; e após a queda dos faraós e dos Ptolemeus, dos Césares e dos califas, as mesmas pirâmides, de pé e inabaláveis, elevam-se acima das cheias do Nilo. Um edificio composto de várias e delicadas partes está mais sujeito aos estragos e ao declínio; e o silencioso correr do tempo é frequentemente acelerado por furacões e terremotos, por incêndios e inundações. É verdade que a atmosfera e o solo de Roma sofreram abalos; as suas altas torres estremeceram nos alicerces; mas as sete colinas não parece estarem situadas em alguma das grandes cavidades do globo; e a cidade nunca se viu exposta às convulsões da Natureza que, nos climas onde se erguem Antioquia, Lisboa ou Lima, aniquilam em poucos momentos os trabalhos de várias gerações. O fogo é o

agente mais poderoso da vida e da morte; este rápido flagelo pode ser ateado e propagado pela indústria ou tão-só a negligência dos homens; e todas as épocas dos anais romanos se encontram assinaladas pela repetição de semelhantes calamidades. Um incêndio memorável, crime ou desgraça do reinado de Nero, subsistiu com mais ou menos furor durante seis ou nove dias. Inúmeros edifícios, aglomerados em ruas estreitas e tortuosas tornaram-se pasto permanente das chamas; e quando elas cessaram, apenas quatro dos catorze bairros estavam incólumes; três ficaram totalmente destruídos, e sete estavam desfigurados pelos restos de edifícios fumegantes e desmantelados. No apogeu do império, a metrópole renasceu das cinzas com um novo esplendor; mas os velhos cidadãos lamentavam várias perdas irreparáveis, as obras-primas da Grécia, os troféus da vitória, os monumentos da Antiguidade primitiva ou fabulosa. Em tempos de miséria e anarquia, todas as feridas são mortais, e todas as quedas irremediáveis; e os danos já não podem ser reparados pelos cuidados públicos do governo ou pela actividade do interesse privado. Podemos, contudo, adiantar duas causas que tornam a calamidade do fogo mais devastadora numa cidade próspera do que numa cidade decadente. 1) Os materiais combustíveis, o tijolo, a madeira e os metais, são os primeiros a fundir-se ou a consumir-se; mas as chamas podem atacar sem causar estragos as paredes nuas e as abóbadas maciças que se acham despojadas dos seus ornamentos. 2) Uma faúlha nefasta descamba mais facilmente em incêndio nas vulgares habitações plebeias; mas assim que estas são devoradas, os edifícios maiores, que resistiram ou escaparam às chamas, ficam como outras tantas ilhas num espaço vazio e sem correr perigo. A situação de Roma expõe-na a frequentes inundações. Os rios que descem de ambos os lados dos Apeninos, incluindo o Tibre, têm um curso não muito longo e irregular; as suas águas são baixas durante os calores estivais; e formam-se torrentes impetuosas quando eles engrossam na Primavera ou no Verão devido à chuva e ao degelo das neves. Quando os rios, ao chegarem ao mar, são repelidos por ventos contrários, quando o leito normal já não pode conter a massa das águas, estas galgam as margens e inundam, sem medida nem obstáculo, as planícies e cidades das redondezas. Pouco depois do triunfo na Primeira Guerra Púnica, o Tibre transbordou por causa de chuvas inusitadas; e a inundação, ultrapassando em duração e extensão todas as que se tinham visto até então, destruiu todos os edifícios que se situavam abaixo das colinas de Roma. Segundo a natureza do solo, o mesmo mal sobreveio

de diferentes maneiras; e os edifícios foram arrastados por um súbito impulso, ou então dissolvidos e minados pelo prolongado contacto com as águas. Durante o reinado de Augusto, repetiu-se a mesma calamidade: o rio enfurecido derrubou os palácios e os templos que se erguiam nas suas margens; e não obstante os esforços deste imperador para limpar e alargar o leito atravancado pelos destroços, a vigilância dos seus sucessores teve de ocupar-se dos mesmos perigos e trabalhos. O projecto de desviar o Tibre ou alguns dos seus afluentes para novos canais foi durante muito tempo contrariado pela superstição e pelos interesses locais; e as vantagens da sua execução, já tardia e imperfeita, não compensaram o trabalho e a despesa. A sujeição dos rios é a vitória mais bela e importante que os homens alcançaram sobre a braveza da Natureza; e se tais foram as devastações do Tibre sob um governo firme e activo, o que poderia deter ou quem pode enumerar os estragos que afligiram a cidade após a queda do Império do Ocidente? O próprio mal gerou finalmente o remédio: a acumulação dos escombros e da terra desprendida das colinas parece ter elevado a campina de Roma catorze ou quinze pés acima do nível anterior; e a cidade moderna tornou-se menos acessível às cheias do rio. II. A maioria dos autores de todas as nações, que atribuem a destruição dos monumentos romanos aos Godos e aos cristãos, esqueceram-se de indagar até que ponto eles estariam animados da vontade de destruir, e em que grau disporiam dos meios e do vagar de se entregarem à sua hostilidade. Mais atrás, descrevi o triunfo da barbárie e da religião; e só posso resumir aqui em poucas palavras a ligação real ou imaginária deste triunfo com a ruína da antiga Roma. A nossa inventiva pode criar ou adoptar ideias romanescas sobre a emigração dos Godos e dos Vândalos, comprazendo-se em supor que eles saíram da Escandinávia desejosos de vingar a fuga de Odin(*); de quebrar as cadeias das nações e castigar os opressores; de queimar os monumentos da literatura clássica e de estabelecer a sua arquitectura nacional sobre os destroços das ordens toscana e coríntia. Mas, em boa verdade, os conquistadores do Norte não eram bastante selvagens, nem tão-pouco sobejamente refinados, para conceber desígnios tão ambiciosos de destruição e vingança. Os pastores da Cítia e da Germânia tinham sido educados nos exércitos do império, imbuindo-se da sua disciplina e dando-se conta da sua fraqueza; com o uso da língua latina, eles haviam aprendido a respeitar o nome e os títulos de Roma; e, embora incapazes de igualar as artes e os trabalhos literários de um período mais luzido, eles propendiam

mais a admirá-los do que a aniquilá-los. Momentaneamente senhores de uma capital abastada e que não oferecia resistência, os soldados de Alarico e Genserico deram largas a todas as paixões de um exército vitorioso; no meio da satisfação licenciosa da luxúria e da crueldade, as riquezas de fácil transporte eram objecto das suas buscas; e eles não podiam sentir orgulho nem prazer ao pensar que abatiam inutilmente os monumentos dos cônsules e dos Césares. O seu tempo, ainda por cima, era precioso; os Godos evacuaram Roma ao sexto dia, e os Vândalos ao décimo quinto; e embora seja mais difícil construir do que destruir um edifício, o seu apressado assalto teria surtido pouco efeito sobre as sólidas construções da Antiguidade. Podemos recordar que tanto Alarico como Genserico capricharam em poupar os edificios da cidade, os quais se conservaram na sua força e na sua beleza sob o governo auspicioso de Teodorico; e que o ressentimento passageiro de Tótila foi reprimido pelas suas próprias reflexões e pelos conselhos dos seus amigos e inimigos. Semelhante censura deve ser transferida destes bárbaros inocentes para os católicos de Roma. As estátuas, os altares e os templos do demónio constituíam uma abominação a seus olhos; e vendo-se senhores absolutos da cidade, é natural que eles se esforçassem com zelo e perseverança por apagar os vestígios da idolatria dos seus antepassados. A demolição dos templos do Oriente oferecia-lhes um exemplo a seguir ao mesmo tempo que vem apoiar a nossa tese; e é provável que uma parte da culpa ou do mérito de tal acção deva ser justamente atribuída aos recém-convertidos. Contudo, a sua aversão limitava-se aos monumentos da superstição pagã; e os edificios civis dedicados aos negócios ou ao recreio da sociedade podiam ser mantidos sem ofensa nem escândalo. A mudança de religião não se consumou por meio de um tumulto popular, mas pelos decretos dos imperadores e do Senado, e pela lei do tempo. Na hierarquia cristã, os bispos de Roma mostraram-se habitualmente os mais prudentes e os menos fanáticos; e não se pode opor qualquer acusação pertinente ao meritório acto de terem salvo o Panteão para colocar este majestoso edificio ao serviço da religião.

III. O valor de qualquer objecto que satisfaça as necessidades ou os prazeres da espécie humana compõe-se da sua substância e da sua forma, da matéria e da mão-de-obra. O seu preço depende do número de pessoas que podem adquirir-lo e usá-lo, da extensão do mercado e, consequentemente, da facilidade ou dificuldade que se tem em exportá-lo para longe, segundo a

natureza do artigo, a sua situação local e as circunstâncias temporárias do mundo. Os conquistadores bárbaros de Roma usurparam num ápice o labor e os tesouros de sucessivas gerações; mas, exceptuando os bens de consumo imediato, eles devem ter olhado sem cobiça tudo o que não podia ser levado da cidade nas carroças dos Godos ou nos navios dos Vândalos. O ouro e a prata constituíram os primeiros objectos da sua cupidez, visto que em todos os países, e sob um volume bastante pequeno, eles proporcionam a quem os detém a parte mais considerável do trabalho e da propriedade dos outros. Um vaso ou uma estátua destes metais preciosos podia tentar a vaidade de algum chefe bárbaro; no entanto, a multidão, mais grosseira e indiferente à forma, não se interessava senão pela substância; e o metal fundido em lingotes deve ter sido prontamente dividido e convertido na moeda corrente do império. Os saqueadores menos activos ou menos afortunados ficavam reduzidos à pilhagem, mais vil, do bronze, do chumbo, do ferro e do cobre: tudo o que escapara aos Godos e aos Vândalos foi arrepanhado pelos tiranos gregos; e o imperador Constante, na sua visita rapace à cidade de Roma, arrancou as telhas de bronze do telhado do Panteão. Os edificios romanos podiam ser considerados como uma vasta mina de materiais variados; a primeira tarefa, a de os extrair, já fora executada; os metais estavam purificados e moldados; os mármore, talhados e polidos; e, depois de a cupidez dos estrangeiros e dos cidadãos haver sido saciada, os restos da cidade, caso aparecesse um comprador, ainda se apresentavam bons para a venda. Os monumentos da Antiguidade já estavam despojados dos seus preciosos ornamentos; mas os Romanos mostravam-se dispostos a demolir por suas próprias mãos os arcos e as paredes, desde que a esperança de lucro ultrapassasse o custo do trabalho e da exportação. Se Carlos Magno tivesse instalado em Itália a sede do Império do Ocidente, o seu génio aspiraria a restaurar e de modo nenhum a violar as obras dos Césares; mas a política confinou o monarca francês às florestas da Germânia; o seu gosto só pôde satisfazer-se por via da destruição; e o novo palácio de Aquisgrano foi decorado com os mármore de Ravena e de Roma. Quinhentos anos depois de Carlos Magno, um rei da Sicília, Roberto, o soberano mais sábio e esclarecido do seu tempo, arranhou os mesmos materiais que lhe chegaram através da fácil navegação do Tibre e do mar Mediterrâneo; e Petrarca queixava-se indignado ao ver a antiga capital do mundo tirar das suas entranhas o que iria embelezar o luxo indolente de Nápoles. Todavia, estes exemplos de saque ou venda de mármore e colunas foram raros nos

séculos mais obscuros; e os Romanos, sem concorrentes a tal respeito, podiam ter adaptado às suas necessidades públicas ou particulares as antigas construções da Antiguidade, se a forma e a situação destes edifícios os não tornassem, em grande medida, inúteis à cidade e aos seus habitantes. As muralhas ainda desenhavam o mesmo contorno, mas a cidade descera das sete colinas para o Campo de Marte; e alguns dos mais belos monumentos que tinham desafiado os assaltos do tempo achavam-se numa espécie de deserto, longe das habitações. Os palácios dos senadores já não convinham aos costumes ou à fortuna dos seus míseros sucessores; perdera-se o uso dos banhos e dos pórticos; desde o século VI que os jogos do teatro, do anfiteatro e do circo já não se realizavam; alguns templos foram apropriados ao culto imperante; mas as igrejas cristãs preferiam em geral a forma sagrada da cruz; e a moda, ou a razão, haviam estabelecido um modelo especial para as celas e as dependências dos claustros. O número destas piedosas instituições multiplicou-se extraordinariamente sob o reinado eclesiástico; a cidade albergava quarenta mosteiros de homens, vinte de mulheres e sessenta capítulos e colégios de cônegos e padres, que, em vez de atenuar, agravavam o despovoamento do século X. Mas se as formas da antiga arquitectura foram desdenhadas por um povo insensível ao seu uso e à sua beleza, os seus abundantes materiais tiveram serventia em todos os objectos aonde os chamava a necessidade ou a superstição; até mesmo as mais belas colunas das ordens jónicas e coríntia, os mais ricos mármore de Paros e da Numídia devem ter sido aviltados para servir de suporte num convento ou num estábulo. Os estragos causados diariamente pelos Turcos nas cidades da Grécia e da Ásia dão-nos um triste exemplo disto mesmo; e na destruição gradual dos monumentos da antiga Roma, só Sisto V pode ser desculpado por ter empregado as pedras do Septizónio no majestoso edifício de São Pedro. Um fragmento ou uma ruína, por mais mutilados ou profanados que estejam, ainda hoje suscitam um sentimento de prazer e nostalgia; mas a maior parte dos mármore, além de retalhados e mudados de sítio, ficaram reduzidos a nada; calcinaram-nos para obter cal; Poggio, desde que chegara, vira desaparecer o Templo da Concórdia e muitos outros edifícios importantes; e um epigrama da mesma época exprimia o justo e piedoso receio de que a continuação desta prática acabasse por aniquilar todos os monumentos da Antiguidade. Só a diminuição do número de habitantes veio refrear as necessidades e as devastações dos Romanos. A imaginação de Petrarca levou-o a supor a

presença em Roma de uma abundante população, mas custa-me a acreditar que, mesmo no século XIV, só lá existissem uns escassos trinta e três mil habitantes. Se, desde esse período até ao reinado de Leão X a população se elevou para oitenta e cinco mil almas, um tal aumento deve ter sido prejudicial à antiga urbe.

IV. Reservei para o fim a mais forte e convincente das causas de destruição, as lutas intestinas dos próprios Romanos. Sob o domínio dos imperadores gregos e franceses, a paz da cidade foi perturbada por sedições passageiras, embora frequentes; é do declínio da autoridade dos sucessores de Carlos Magno, quer dizer, do começo do século X, que podemos datar o desenfreamento das guerras particulares que violaram impunemente as leis do Código e as do Evangelho, sem respeitar a majestade do soberano ausente, nem a presença e a pessoa do vigário de Cristo. Durante um obscuro período de quinhentos anos, Roma viu-se continuamente dilacerada pelas sangrentas querelas dos nobres e do povo, dos Guelfos e dos Gibelinos, dos Colonnas e dos Orsinis; apesar de muitos factos haverem escapado ao conhecimento da História e de alguns outros serem indignos de menção, expus mesmo assim nos dois capítulos anteriores as causas e os efeitos destas desordens públicas. Nessa época, em que todos os conflitos eram resolvidos pela espada e ninguém podia confiar a vida ou os bens a leis sem autoridade, os cidadãos poderosos armavam-se ofensivamente ou defensivamente contra os inimigos pessoais que temiam ou odiavam. Com excepção de Veneza, todas as repúblicas livres de Itália tinham os mesmos desígnios e corriam iguais perigos; os nobres usurparam a prerrogativa de fortificar as suas casas e erguer sólidas torres aptas a resistir a um ataque inesperado. As cidades estavam cheias destas construções de guerra; e o caso de Luca, que possuía trezentas torres cuja altura estava limitada por lei a oitenta pés, pode aplicar-se nas devidas proporções aos Estados mais opulentos e povoados. O primeiro cuidado do senador Brancaleone, quando quis restabelecer a paz e a justiça, consistiu em demolir (como já vimos) cento e quarenta das torres de Roma; e nos últimos tempos de anarquia e discórdia, sob o reinado de Martinho V, quarenta e quatro delas ainda subsistiam num dos treze ou catorze bairros da cidade. Os restos da Antiguidade eram prontamente adaptados a este propósito nocivo: os templos e os arcos ofereciam uma base ampla e sólida para apoiar as novas construções de tijolo e pedra; e podemos citar as modernas torres que se ergueram sobre os arcos de triunfo de Júlio César, de Tito e dos Antoninos.

Depois de algumas ligeiras modificações, um teatro, um anfiteatro ou um mausoléu transformavam-se numa forte e vasta cidadela. Não preciso de repetir que o molhe de Adriano é que deu origem ao Castelo de Santo Ângelo; o Septizónio de Severo teve condições para resistir a um exército real; o sepulcro de Metela sumiu-se sob as obras de que o ajoujaram; os teatros de Pompeu e de Marcelo foram ocupados pelos Savellis e pelos Orsinis; e as toscas fortalezas construídas sobre estes edifícios adquiriram aos poucos o esplendor e a elegância de um palácio italiano. As próprias igrejas foram rodeadas de armas e baluartes, e os engenhos militares colocados no telhado da Catedral de São Pedro apavoravam o Vaticano e escandalizavam o mundo cristão. Todos os lugares fortificados devem ser atacados, e tudo o que é atacado pode ser destruído. Se os Romanos pudessem retirar aos papas o Castelo de Santo Ângelo, teriam decidido aniquilar este monumento de servidão por meio de um decreto público. Todas as construções de defesa estavam à mercê de um cerco; e em cada cerco, todos os meios de destruição eram ardorosamente utilizados. Depois da morte de Nicolau IV, Roma, sem soberano nem senado, achou-se abandonada durante seis meses à violência da guerra civil. «As casas», afirma um cardeal e poeta coetâneo, «foram esmagadas por enormes pedras lançadas com rapidez; as paredes ficaram esburacadas pelos golpes do aríete; as torres estavam envoltas em fogo e fumo; e os assaltantes sentiam-se instigados pela avidez e o ressentimento.» A tirania das leis concluiu a obra de destruição; e as diversas facções de Itália, entregando-se alternadamente a vinganças cegas e inconsideradas sobre os seus adversários, arrasaram casas e castelos por toda a parte. Ao comparar os dias de invasões estrangeiras com os séculos de guerras intestinas, somos obrigados a afirmar que as últimas se mostravam muito mais funestas para a cidade; e a nossa opinião é confirmada pelo testemunho de Petrarca. «Vede», convida o poeta laureado, «o que resta de Roma, a imagem da sua prístina grandeza! Nem o tempo nem os bárbaros podem vangloriar-se de uma tão assombrosa destruição; ela foi levada a cabo pelos seus próprios cidadãos, pelos mais ilustres dos seus filhos; e os vossos antepassados (ele escrevia a um nobre da família Annibaldi) fizeram com o aríete o que nenhum herói púnico conseguiu alcançar com a espada.» A influência das duas últimas causas de decadência intensificou-se de certa forma por acção recíproca, pois as casas e as torres abatidas pela guerra civil obrigaram a tirar constantemente novos materiais dos monumentos da Antiguidade.

O Coliseu

Podemos aplicar cada uma destas observações gerais ao anfiteatro de Tito, que recebeu o nome de coliseu quer por causa da sua vastidão, quer devido à estátua colossal de Nero; um edifício que talvez houvesse subsistido para todo o sempre se os seus inimigos fossem apenas o tempo e a Natureza. Os antiquários curiosos, que calcularam o número dos espectadores, tendem a acreditar que, acima do último degrau da bancada de pedra, o anfiteatro era circundado e alteado por vários andares de galerias de madeira, as quais foram repetidas vezes consumidas pelo fogo e restauradas pelos imperadores. Tudo o que era precioso, portátil, ou profano, as estátuas de deuses e dos heróis, as sumptuosas esculturas ornamentais moldadas em bronze ou revestidas de folhas de prata e ouro, constituíram a primeira presa da conquista ou do fanatismo, da cupidez dos bárbaros ou dos cristãos. Nas pedras maciças do Coliseu, é possível enxergar vários buracos; e as duas conjecturas mais prováveis sobre esta circunstância traduzem os vários agentes da decadência. Estas pedras encontravam-se ligadas por sólidos grampos de bronze ou ferro, e o olhar da rapina não desdenhou os metais menos preciosos; a arena do anfiteatro transformou-se durante muito tempo numa feira ou mercado; os artesãos do Coliseu são mencionados numa antiga descrição da urbe; e eles fizeram ou alargaram esses orifícios para aí encaixar os paus que sustentavam as locandas ou tendas dos seus vários ofícios. Reduzido à sua nudez majestosa, o anfiteatro flaviano era contemplado com respeito e admiração pelos peregrinos do Norte; e o rude entusiasmo deles manifestou-se em palavras sublimes que se tornaram proverbiais e ficaram registadas desde o século VIII nos fragmentos do venerável Beda: «Enquanto o Coliseu estiver de pé, Roma continuará de pé; quando o Coliseu cair, Roma cairá; e quando Roma cair, o mundo cairá com ela.» No sistema moderno da arte militar, uma situação como a do Coliseu, dominada por três colinas, não seria escolhida para local de uma fortaleza; mas a solidez dos muros e das abóbadas podia resistir às máquinas de assédio; uma numerosa guarnição podia desde logo alojar-se no seu recinto; e enquanto uma facção ocupava o Vaticano e o Capitólio, a outra entrincheirava-se no Palácio de Latrão e no Coliseu.

Deve entender-se com alguma largueza a referência à abolição dos jogos da antiga Roma; na verdade, durante os séculos XIV e XV, a lei ou o costume

da cidade regulavam os jogos que se efectuavam antes da Quaresma no monte Testáceo e no circo agonal. O senador presidia, com dignidade e pompa, julgando e distribuindo os prémios, ou seja, o anel de ouro ou o *pallium*, como era designado um retalho de fazenda ou de seda. Um tributo sobre os judeus provia às despesas anuais dos jogos; e as corridas a pé, de cavalos ou de carros eram enobrecidas por uma justa ou torneio entre setenta e dois jovens romanos. Em 1332, apresentou-se no Coliseu uma tourada à maneira dos mouros e dos Espanhóis; e os costumes da época estão descritos num diário de um autor contemporâneo. Restaurou-se um número de bancadas suficiente para sentar os espectadores; e uma proclamação geral, que chegou a Rimini e a Ravena, convidava os nobres a virem exercitar a sua destreza e coragem nesta perigosa aventura. As damas romanas formavam três divisões e ocupavam três balcões que, nesse dia, 3 de Setembro, estavam revestidos de um tecido escarlate. A bela Jacova di Rovere conduzia as matronas que habitavam do outro lado do Tibre, uma raça pura e oriunda dali mesmo, que ainda oferece nos nossos dias os traços e o carácter da Antiguidade. O resto da cidade dividia-se, como habitualmente, entre os Colonnas e os Orsinis: as duas facções sentiam-se orgulhosas do número e da beleza das suas mulheres; os encantos de Savella Orsini são mencionados elogiosamente; e os Colonnas lamentaram a ausência da mais jovem donzela da sua casa, que tinha torcido um tornozelo nos jardins da torre de Nero. Um velho e respeitável cidadão tirou à sorte os lidadores, e eles desceram à arena para defrontar os touros, armados apenas de uma lança, e, ao que parece, a pé. Dentre eles, o nosso cronista indica os nomes, as cores e as divisas de vinte dos mais notáveis cavaleiros. Alguns dos nomes pertencem às famílias mais ilustres de Roma e do Estado eclesiástico: Malatesta, Polenta, Della Valle, Cafarello, Savelli, Capoccio, Conti, Annibaldi, Altieri, Corsi; as cores correspondiam ao gosto e à posição de cada um; as divisas exprimiam esperança ou desespero, e alardeavam espírito de galantaria e bravura. «Estou sozinho como o mais jovem dos Horácios», era a confiança de um intrépido estrangeiro; «Vivo inconsolável», dizia um viúvo lamentoso; «Ardo sob as cinzas», rezava a divisa de um amante discreto; «Adoro Lavínia ou Lucrécia», era a ambígua declaração de uma paixão mais moderna; «A minha fidelidade é puríssima», eis o lema de uma libré branca; «Quem é mais forte do que eu?», inquiria alguém sob uma pele de leão; «Se me afogar em sangue, haverá morte mais agradável?», apregoava uma coragem feroz. O orgulho

ou a prudência dos Orsinis não lhes permitiu entrar na liça, onde três dos seus rivais hereditários exibiam divisas que provavam a altiva grandeza do nome dos Colonnas: «Embora triste, sou forte»; «A minha força iguala a minha nobreza»; «Se cair», dizia alguém, dirigindo-se aos espectadores, «caireis comigo», significando (afirma o autor contemporâneo) que, enquanto as outras famílias eram súbditas do Vaticano, só eles sustentavam o Capitólio. Os combates do anfiteatro revelaram-se perigosos e mortíferos. Todos os lidadores defrontaram cada um por sua vez um touro selvagem; e a vitória parece ter cabido aos quadrúpedes, pois só onze deles ficaram estendidos na arena, ao passo que houve nove feridos e dezoito mortos do lado dos seus adversários. Algumas das mais nobres famílias talvez tenham chorado as suas perdas, mas a pompa dos funerais, nas igrejas de São João de Latrão e de Santa Maria Maior, proporcionou uma segunda festa ao povo. Decerto que não era em tais combates que o sangue dos Romanos devia derramar-se; mas se por um lado censuramos a sua temeridade, também nos cumpre aplaudir a sua bravura; e os nobres voluntários que exibem a sua magnificência e arriscam a vida sob o olhar das belezas despertam um interesse mais elevado que os milhares de cativos e malfeitores que a antiga Roma arrastava à força para um cenário de carnificina.

O anfiteatro raramente servia para tal fim, e a festa que acabamos de descrever tinha sido única; a necessidade de materiais era diária e incessante, indo os cidadãos buscá-los a este monumento sem constrangimento nem remorsos. No século XIV, um acordo escandaloso garantiu às duas facções o privilégio de extrair livremente pedras da pedreira comum do Coliseu; e Poggio lamenta que a maior parte destas pedras tenham sido reduzidas a cal pela insensatez dos Romanos. A fim de pôr cobro a este abuso e prevenir os crimes nocturnos que podiam perpetrar-se neste vasto e sombrio recesso, Eugénio IV mandou rodeá-lo de um muro; e, mediante uma carta que existiu durante muito tempo, doou o terreno e o edifício aos monges de um convento vizinho. Depois da sua morte, o muro foi derrubado num tumulto popular; o povo decidiu então que o Coliseu nunca mais deveria tornar-se propriedade particular; e se os Romanos houvessem respeitado o mais nobre monumento da grandeza dos seus avós, esta resolução mereceria elogios. O interior estava danificado; mas em meados do século XVI, época de gosto e erudição, o perímetro exterior de mil seiscientos e doze pés continuava intacto e inviolado; três

filas sobrepostas, cada uma com oitenta arcos, elevam-se a uma altura de cento e oito pés. Os sobrinhos de Paulo III devem ser apontados como responsáveis pela actual ruína; e todos os viajantes que visitam o Palácio Farnésio podem amaldiçoar o sacrilégio e o luxo destes príncipes novos-ricos. Uma censura semelhante é feita aos Barberinis; e havia motivos para temer a repetição dos mesmos atentados sob cada reinado, até ao momento em que o Coliseu foi colocado sob a salvaguarda da religião pelo mais liberal dos pontífices, Bento XIV, o qual consagrou um lugar que a perseguição e a fábula macularam com o sangue de tantos mártires cristãos.

A restauração da cidade

Quando Petrarca contemplou pela primeira vez estes monumentos cujos destroços se acham tão acima das mais eloquentes descrições, espantou-o a supina indiferença dos Romanos; e sentiu-se mais humilhado do que extasiado ao descobrir que, exceptuando o seu amigo Rienzi e um dos Colonnas, um habitante das margens do Ródano se encontrava mais familiarizado com estas antiguidades do que os nobres e os cidadãos da metrópole. A ignorância e a credulidade dos Romanos estão bem patentes numa antiga descrição da cidade composta no dealbar do século XIII; e, para já não falar nos inúmeros erros de nome e lugar, a lenda do Capitólio que nos surge nesta obra pode fazer esboçar um sorriso de desprezo e indignação. «O Capitólio», afirma o autor anónimo, «é assim chamado por estar à cabeça do mundo; era dali que os cônsules e os senadores governavam outrora a cidade e todas as regiões do globo. As suas paredes, sólidas e elevadas, achavam-se revestidas de vidro e ouro e encimadas por um telhado do mais rico e curioso cinzelado. Por baixo da cidadela, erguia-se um palácio quase todo de ouro e ornado de pedras preciosas, cujo valor podia ser estimado num terço do mundo inteiro. As estátuas de todas as províncias alinhavam-se ali mesmo por ordem, tendo cada uma delas uma sineta suspensa do pescoço; e era tal o poder das artes mágicas, que sempre que uma província se revoltava contra Roma, a estátua virava-se para esse ponto do horizonte, a sineta tocava, o profeta do Capitólio anunciava o prodígio e o Senado era avisado do perigo impendente.» Um segundo exemplo, menos importante, mas igualmente absurdo, tem que ver com os

dois cavalos de mármore conduzidos por dois jovens nus, que foram transportados mais tarde dos banhos de Constantino para o monte Quirinal. O autor atribui-os, sem fundamento, a Fídias e Praxíteles, mas talvez pudéssemos desculpá-lo se ele não se enganasse em mais de quatrocentos anos sobre o tempo em que viveram estes escultores, trazendo-os da época de Péricles para a de Tibério; não os devia, tão-pouco, ter transformado em filósofos ou mágicos que adoptaram a nudez como símbolo da verdade e do conhecimento, que revelaram ao imperador as suas mais secretas acções, e que, depois de terem recusado qualquer recompensa pecuniária, solicitaram a honra de deixar à posteridade este eterno monumento de si próprios. Despertos desta forma para os poderes da magia, os Romanos tornaram-se insensíveis às belezas da arte; Poggio já só encontrou cinco estátuas em Roma; e felizmente, tantas outras sepulturas sob as ruínas, por acaso ou de propósito, só foram trazidas à luz numa época mais segura e esclarecida. O Nilo que agora ornamenta o Vaticano tinha sido exumado por uns jornaleiros que amanhavam uma vinha próximo do templo ou do convento de Minerva; mas o proprietário, sem paciência e enfadado com a visita de alguns curiosos, devolveu o mármore que lhe parecia sem valor à sua antiga sepultura. A descoberta de uma estátua de Pompeu, com dez pés de altura, deu origem a um processo. Fora encontrada sob uma parede divisória: o juiz decidira de modo equânime que a cabeça seria separada do corpo para satisfazer os direitos dos dois proprietários contíguos; e a sentença ia ser executada quando a intercessão de um cardeal e a liberalidade do papa salvaram o herói romano das mãos dos seus bárbaros compatriotas.

As nuvens da barbárie, todavia, dissiparam-se aos poucos e a plácida autoridade de Martinho V e dos seus sucessores restaurou os ornamentos da cidade, e bem assim a ordem do Estado eclesiástico. Os progressos de Roma, iniciados no século xv, não se deveram ao efeito espontâneo da liberdade e da indústria. O primeiro e o mais natural alicerce de uma grande cidade consiste no labor e na população do território circunvizinho, que fornece aos cidadãos os meios de subsistência e a matéria-prima das manufacturas e do comércio. A maior parte da Campina Romana não apresenta, contudo, senão um deserto lúgubre e desolado; as propriedades dos príncipes e do clero invadem o terreno todo e são cultivadas pelas mãos indolentes de vassallos pobres e sem esperança de ganho; e as escassas colheitas destes domínios acabam armazenadas ou exportadas em benefício de um monopólio. Uma segunda causa, menos natural, do crescimento de

uma metrópole é a que se traduz na residência de um monarca, nas despesas de uma corte luxuosa e no tributo das províncias dependentes. As províncias e os tributos desapareceram com a queda do império; e embora uma porção da prata do Peru e do ouro do Brasil tenha chegado à posse do Vaticano, o rendimento dos cardeais, as remunerações dos serviços, as oblatas dos peregrinos e dos clientes e o resto dos impostos eclesiásticos não fornecem senão um magro e precário provimento, mesmo assim suficiente para alimentar a ociosidade da corte e da cidade. A população de Roma, muito inferior à das grandes capitais da Europa, não excede os cento e setenta mil habitantes; e no vasto recinto das suas muralhas, a maior parte das sete colinas cobre-se apenas de vinhedos e ruínas. A beleza e o esplendor da cidade moderna devem ser atribuídas aos abusos do governo e à influência da superstição. Todos os reinados (com raras exceções) foram assinalados pela rápida ascensão de uma nova família, enriquecida por um pontífice sem filhos à custa da Igreja e do país. Os palácios dos seus afortunados sobrinhos constituem os mais dispendiosos monumentos de elegância e servidão: toda a perfeição da arquitectura, da pintura e da escultura se prostituiu ao serviço deles; as suas galerias e os seus jardins eram decorados com os exemplares mais preciosos da Antiguidade que o gosto ou a vaidade os induziram a coleccionar. Os rendimentos eclesiásticos foram empregados com mais decência pelos papas na pompa do culto católico; mas torna-se supérfluo enumerar toda essa série de altares, capelas e igrejas, fruto das suas piedosas fundações, pois trata-se de astros menores, eclipsados pelo sol do Vaticano, pela Catedral de São Pedro, o mais imponente edifício que alguma vez se consagrou à religião. A fama de Júlio II, Leão X e Sisto V está ligada ao génio superior de Bramante e Fontana, de Rafael e Miguel Ângelo; e a mesma munificência que se traduziu em palácios e em templos ocupou-se com igual zelo de fazer reviver e igualar as obras da Antiguidade. Obeliscos abatidos foram levantados do chão e reerguidos nos lugares mais notórios; dos onze aquedutos dos Césares e dos cônsules, restauraram-se três; encontraram-se rios artificiais por sobre uma longa sequência de arcadas antigas ou novas, a fim de derramarem jarros de água fresca e salubre em bacias de mármore; e o espectador, impaciente por subir os degraus de São Pedro, é retido por uma coluna de granito egípcio, que se ergue à altura de cento e vinte pés entre duas magníficas fontes cuja abundância nunca se esgota. O labor dos antiquários e dos estudiosos lançou luz sobre a topografia, a descrição e os monumentos da antiga

Roma; e o rastro dos heróis, as relíquias, não da superstição, mas do império, são devotamente visitados por uma nova raça de peregrinos vindos das longínquas regiões do Norte, outrora selvagens.

Reflexões finais sobre o Declínio e Queda do Império Romano

A atenção destes peregrinos, e a de todos os leitores, será atraída pela história do declínio e queda do Império Romano, talvez o mais imponente quadro nos anais da humanidade. As diversas causas e os efeitos progressivos deste processo estão ligados a muitos dos acontecimentos mais interessantes da história do mundo: a artificiosa política dos Césares, que conservaram durante muito tempo o nome e o simulacro de uma república livre; as desordens do despotismo militar; o advento, o estabelecimento e as seitas do cristianismo; a fundação de Constantinopla; a divisão da monarquia; a invasão e o estabelecimento dos bárbaros da Germânia e da Cítia; as instituições da lei civil; o carácter e a religião de Maomé; a soberania temporal dos papas; a restauração e a decadência do Império do Ocidente de Carlos Magno; as cruzadas dos Latinos no Oriente; as conquistas dos Sarracenos e dos Turcos; a ruína do Império Grego; a situação e as revoluções de Roma na Idade Média. O historiador pode regozijar-se da importância e da variedade do tema; mas, embora consciente das suas próprias imperfeições, coube-lhe atribuí-las não raramente à penúria dos materiais disponíveis. Foi no meio das ruínas do Capitólio que concebi pela primeira vez a ideia de uma obra que ocupou e recreou perto de vinte anos da minha vida, e que, a despeito de estar longe do que eu desejaria, submeto finalmente à curiosidade e à indulgência do público.

LAUSANA,
27 de Junho de 1787

Nota Bibliográfica

O *Declínio e Queda* foi originariamente publicado em seis volumes in-quarto. O primeiro surgiu em 1776, o segundo e o terceiro em 1783, e os três últimos em 1788. Uma edição em 12 volumes in-octavo saiu à luz em vida do autor. Descontando alguns erros óbvios, o texto apresentado pode ser visto como o que Gibbon escreveu com os seus próprios arranjos tipográficos de maiúsculas, itálicos, etc., e a sua grafia muito pessoal.

Das numerosas edições posteriores, a mais apreciável do ponto de vista académico é a de J. B. Bury em sete volumes, que apareceu em várias edições de 1896 em diante; a melhor de todas é a ilustrada (1900-1914). A versão que o Dr. William Smith fez da edição de Dean Milman (1853-1854) ainda pode ser consultada com proveito e é, em vários aspectos, de mais fácil utilização que a de Bury.

Numa obra como a que apresentamos agora não tem cabimento uma notícia bibliográfica. O leitor que deseje estudar o Império Romano à luz da moderna investigação deve reportar-se aos devidos volumes da *Cambridge Ancient History* e da *Cambridge Medieval History*, nos quais se podem encontrar igualmente bibliografias completas. Consideramos úteis as seguintes obras, algumas das quais foram publicadas já depois dos trabalhos anteriormente mencionados. A maior parte delas também contém bibliografias.

A. Stuart Jones, *The Roman Empire 29 a.C.-476* (1908). (Continua a ser uma das melhores narrativas sucintas deste período.)

Methuen's History of the Roman World, Vol. VI, por R. P. Longden. Vol. VII, por H. M. D. Parker.

A. A. Vasiliev, *History of the Byzantine Empire 324-1453* (1952).

N. H. Baynes, *The Byzantine Empire* (1925).

N. H. Baynes e H. St. L. B. Moss, *Byzantium* (1948).

Christopher Dawson, *The Making of Europe* (1932).

H. Mattingly, *Roman Imperial Civilisation* (1957).

Steven Runciman, *Byzantine Civilisation* (1935).

Steven Runciman, *The Fall of Constantinople* (1965).

Steven Runciman, *A History of the Crusades* (1951-1954).

J. B. Bury, *The Invasion of Europe by the Barbarians* (1928).

E. A. Thompson, *A History of Attila and the Huns* (1948).

F. W. Walbank, *The Decline of the Roman Empire in the West* (1946).

Uma Lista Cronológica dos Imperadores Romanos

Os nomes são transcritos na sua grafia usual.

I. DE AUGUSTO ATÉ À QUEDA DO IMPÉRIO NO OCIDENTE

A.C. A.D.

27-14 AUGUSTO

14-37 TIBÉRIO

37-41 CAIO (CALÍGULA)

41-54 CLÁUDIO

54-68 NERO

68-69 GALBA

69 OTÃO

69 VITÉLIO

69-79 VESPASIANO

79-81 TITO

81-96 DOMICIANO

96-98 NERVA

98-117 TRAJANO

117-138 ADRIANO

138-161 ANTONINO, o Pio

161-180 MARCO AURÉLIO com Lúcio VERO de 161 a 169 e CÓMODO
desde 177

A.D.

180-192 CÔMODO

193 PERTINAX seguido de DÍDIO JULIANO

193-211 SÉTIMO SEVERO com CARACALA desde 198 e GETA desde 209

211-217 ANTONINO (CARACALA) com GETA de 211 a 212

217-218 MACRINO com DIADÚMENO em 218

218-222 ANTONINO (HELIOGÁBALO)

222-235 ALEXANDRE SEVERO

235-238 MAXIMINO I, o TRÁCIO

238 GORDIANO I, GORDIANO II, PUPIENO (MÁXIMO) e BALBINO

238-244 GORDIANO III

244-249 FILIPE, o ÁRABE com o seu filho FILIPE de 247 a 249

249-251 DÉCIO

251-253 TREBONIANO GALO e VOLUSIANO

253-260 VALERIANO com GALIENO

260-268 GALIENO

268-270 CLÁUDIO II, o GÓTICO

270-275 AURELIANO

275-276 TÁCITO (e FLORIANO em 276)

276-282 PROBO

282-283 CARO

283-284 CARINO e NUMERIANO

284-305

DIOCLECIANO.	} os dois abdicaram em 305
MAXIMIANO	

305-311 GALÉRIO governando em vários períodos associado a CONSTÂNCIO I CLORO, SEVERO II, LICÍNIO, CONSTANTINO I e MAXIMINO DAIA. Em 309 houve seis Augustos

311-324 CONSTANTINO I e LICÍNIO

324-337 CONSTANTINO I

337-340 CONSTANTINO II, CONSTÂNCIO II e CONSTANTE

340-350 CONSTÂNCIO II e CONSTANTE

350-361 CONSTÂNCIO II

361-363 JULIANO

363-364 JOVIANO

364-375 VALENTINIANO I e VALENTE com GRACIANO, desde 367

375-378 VALENTE, GRACIANO e VALENTINIANO II

378-395 TEODÓSIO I (o GRANDE) reinou com GRACIANO e VALENTINIANO II de 378 a 383, com VALENTINIANO II e ARCÁDIO de 383 a 392, com ARCÁDIO e HONÓRIO de 392 até à sua morte em 395

395 Divisão do Império Romano entre o Ocidente e o Oriente. Os imperadores seguintes, de HONÓRIO a RÔMULO AUGUSTULO, reinaram apenas no Ocidente

A.D.

395-423 HONÓRIO

425-455 VALENTINIANO III

455 PETRÔNIO MÁXIMO

455-456 AVITO

457-461 MAJORIANO

461-465 LÍBIO SEVERO

467-472 ANTÉMIO

472 OLÍBRIO

473-474 GLICÉRIO

474-475 JÚLIO NEPOS

475-476 RÔMULO AUGUSTULO (deposto)

FIM DO IMPÉRIO ROMANO NO OCIDENTE

II. OS IMPERADORES ROMANOS DO ORIENTE, DESDE A DIVISÃO DO IMPÉRIO ATÉ À QUEDA FINAL DE CONSTANTINOPLA

DINASTIA DE TEODÓSIO

395-408 ARCÁDIO

408-450 TEODÓSIO II

450-457 MARCIANO (casado com PULQUÉRIA, neta de TEODÓSIO I)

DINASTIA DE LEÃO

A.D.

457-474 LEÃO I

474 LEÃO II

474-491 ZENÃO

491-518 ANASTÁCIO

DINASTIA DE JUSTINIANO

518-527 JUSTINO I
527-565 JUSTINIANO I
565-578 JUSTINO II
578-582 TIBÉRIO II
582-602 MAURÍCIO
602-610 FOCAS

DINASTIA DE HERACLIO

610-641 HERACLIO
641-668 CONSTANTE II
668-685 CONSTANTINO IV
685-695 JUSTINIANO II (banido)
695-698 LEÔNCIO
698-705 TIBÉRIO III
705-711 JUSTINIANO II (reposto)
711-713 BARDANO
713-716 ANASTÁCIO II
716-717 TEODÓSIO III

Estes três últimos imperadores não pertencem a qualquer dinastia e só obtiveram um breve poder num período conturbado.

DINASTIA ISÁURIA (OS ICONOCLASTAS)

717-741 LEÃO III
741-775 CONSTANTINO V COPRÓNIMO
775-780 LEÃO IV
780-797 CONSTANTINO VI (privado da vista e assassinado pela sua mãe IRENE)
797-802 IRENE

FIM DA DINASTIA ISÁURIA

A.D.

802-811 NICÉFORO I
811 ESTAURÁCIO
811-813 MIGUEL I
813-820 LEÃO V

DINASTIA FRÍGIA

820-829 MIGUEL II

829-842 TEÓFILO

842-867 MIGUEL III

DINASTIA MACEDÓNIA

867-886 BASÍLIO I

886-912 LEÃO VI e ALEXANDRE
e 913

912-959 CONSTANTINO VII PORFIRÓGENITO

919-944 ROMANO I LECAPENO (co-imperador com CONSTANTINO VII
até 944. O seu filho CONSTANTINO (VIII) tentou a usurpação em
924)

959-963 ROMANO II

963 Regência de TEOFÂNIA, viúva de ROMANO II, em nome dos
seus filhos menores BASÍLIO II e CONSTANTINO VIII (IX).
TEOFÂNIA casou com NICÉFORO FOCAS, que reinou como

963-969 NICÉFORO II e foi assassinado por

969-976 JOÃO I TZIMICES

1025 Morte de BASÍLIO II BULGARÓCTONO

1028 Morte de CONSTANTINO VIII (IX)

1028-1034 ROMANO III ARGIRO

1034-1041 MIGUEL IV, o PAFLAGÓNIO

1041-1042 MIGUEL V, o CALAFATE

1042 ZOE e TEODORA, co-imperatrizes ZOE casou e atribuiu o
diadema a

1042-1055 CONSTANTINO IX (X) MONÓMACO

1050 Morte de ZOE

1055-1056 TEODORA, imperatriz única

1056-1057 MIGUEL VI ESTRATIÓTICO

FIM DA DINASTIA MACEDÓNIA

PRELÚDIO À DINASTIA COMNENA A.D.

1057-1059 ISAAC I COMNENO (abdicou)

1059-1067 CONSTANTINO X (XI) DUCAS

1067-1071 ROMANO IV DIÓGENES (CONSTANTINO (XII) 1071)

1071-1078 MIGUEL VII DUCAS

1078-1081 NICÉFORO III BOTANIATES (revolta de NICÉFORO BRIÊNIO)

DINASTIA DOS COMNENOS

1081-1118 ALEIXO I COMNENO
1118-1143 JOÃO II CALOJOANES
1143-1180 MANUEL I
1180-1183 ALEIXO II
1183-1185 ANDRONICO II

DINASTIA DOS ANJOS

1185-1195 ISAAC II (destronado)
1195-1203 ALEIXO III
1203-1204 ISAAC II (reposto) com ALEIXO IV
1204 ALEIXO V DUCAS MURZUFLO
1204 Tomada de Constantinopla pela Quarta Cruzada e estabelecimento dos imperadores latinos na capital.

IMPERADORES ROMANOS DO ORIENTE EM NICEIA

1204-1222 TEODORO I LÁSCARIS
1222-1254 JOÃO III DUCAS VATATZES
1254-1258 TEODORO II LÁSCARIS
1258-1261 JOÃO IV LÁSCARIS
1259-1282 MIGUEL VIII PALEÓLOGO
1261 Reconquista de Constantinopla e restauração dos imperadores do Oriente na capital.

DINASTIA DOS PALEÓLOGOS

1261-1282 MIGUEL VIII PALEÓLOGO
1282-1328 ANDRONICO II
(1293-1320) MIGUEL IX
Período de anarquia seguido de
1328-1341 ANDRONICO III
1341-1376 JOÃO V CANTACUZENO
1341-1354 JOÃO VI
1376-1379 ANDRONICO IV

A.D.

1379-1391 JOÃO V (reposto)
1390 JOÃO VII
1391-1425 MANUEL II

1425-1448 JOÃO VIII

1449-1453 CONSTANTINO XI (XIII) DRAGASES

1453 Tomada de Constantinopla por MAOMÉ II e fim do Império Romano

Nota. A enumeração dos Constantinos nesta lista segue o uso moderno, fazendo de Constantino XI o último imperador com este nome. A numeração dava ao filho rebelde de Romano I o nome de Constantino VIII, com um consequente avanço na série dos ulteriores portadores deste nome até Constantino Ducas (1059-1067). Um outro pretendente transitório ao trono obteve o título de Constantino XII em 1071, de modo que o último Constantino era designado por Constantino XIII.

Este livro foi publicado com o apoio dos leitores através de um mecanismo de financiamento colectivo.

As obras propostas pelos editores, padrinhos do projecto ou pelos leitores são, depois de avaliadas, apresentadas no sítio www.bookbuilders.net

Quando são anunciadas é também indicada a duração do período em que estarão em fase de apoio, bem como o número de apoios necessários para que um projecto se torne realidade. Durante esse período, qualquer leitor poderá apoiar um projecto, cujo valor será de aproximadamente 2/3 do valor que a obra terá no futuro, em livraria.

No final do período de apoio poderá passar-se uma das seguintes situações:

- a) atingiu-se o valor necessário e o projecto avança: quem tiver apoiado recebe o livro sem mais custos.
- b) não se atingiu o valor, mas a Bookbuilders decide completar o valor: quem tiver apoiado recebe o livro sem mais custos.
- c) não se atingiu o valor: quem tiver feito um apoio recebe um *e-mail* para decidir se quer receber o dinheiro de volta ou se prefere mantê-lo por novo período de apoio.

A edição deste livro resulta de uma proposta de **Pedro Bernardo**

Participe e construa esta editora connosco em www.bookbuilders.net

(*) Addison fez uma descrição muito pitoresca do percurso através dos Apeninos. Os Godos não tinham vagar para admirar as belezas da paisagem; mas ficaram contentes ao verificar que a *Saxa Intercisa*, uma estreita passagem que Vespasiano abria através da rocha, estava completamente abandonada.

(*) O douto Arbuthnot observou com humor, e segundo creio sem faltar à verdade, que Augusto não tinha vidraças nas janelas, nem camisa sobre o corpo. No Baixo Império, o uso do linho e do vidro tornou-se um pouco mais comum.

(**) Cabe-me explicar as liberdades que tomei relativamente ao texto de Amiano. 1) Fundi numa única peça o sexto capítulo do décimo quarto livro e o quarto capítulo do vigésimo oitavo livro. 2) Conferi ordem e conexão à confusa massa de materiais. 3) Suavizei algumas extravagantes hipérboles e eliminei várias superfluidades do original. 4) Desenvolvi algumas observações que eram mais insinuadas do que expressas. Com estas licenças, a minha versão não será considerada realmente literal, mas fiel e exacta.

(*) As *carrucae*, ou carruagens dos Romanos, eram muitas vezes de prata maciça, curiosamente cinzelada e gravada; e os arreios das mulas ou cavalos eram lavrados a ouro. Esta magnificência continuou desde o reinado de Nero ao de Honório; e a Via Ápia ficou coberta das faustosas equipagens dos nobres que foram ao encontro de Santa Melânia, quando ela regressou a Roma seis anos antes do cerco dos Godos. Todavia, a pompa é bem substituída pela comodidade; e um singelo coche moderno suspenso sobre molas é preferível às charretes de prata ou de ouro da Antiguidade, que assentavam nos eixos das rodas e estavam na sua maior parte expostas à inclemência do tempo.

(*) Numa homilia de Astério, bispo de Amásia, M. de Valois descobriu que se tratava de uma nova moda: ursos, lobos, leões e tigres, bosques, caçadas, etc., eram representados em bordados; e os mais piedosos janotas substituíam-nos pela imagem ou lenda de um santo favorito.

(*) O leirão é o *glis* latino ou o *loir* francês: um animalzinho que vive nos bosques e parece entorpecido em tempo frio. A arte de criar e engordar grandes quantidades de *glires* ou leirões era praticada nas vilas romanas como um lucrativo artigo de economia rural. A sua excessiva procura para as mesas sumptuosas aumentou com as ridículas proibições dos censores; e consta que ainda são apreciados na Roma moderna e dados frequentemente como prenda pelos príncipes da casa dos Colonnas.

(*) Este jogo, que pode traduzir-se pelos nomes mais familiares de *triquetraque* ou *gamão*, era o divertimento favorito dos mais graves romanos; e o velho Múcio Cévola, o jurisconsulto, tinha fama de excelente jogador. Era designado por *ludus duodecim scriptorum*, devido às doze *scripta* ou linhas que dividiam igualmente o *alveolus* ou mesa. Nesta, os dois exércitos, o branco e o preto, cada qual composto de quinze homens, ou *calculi*, eram dispostos regularmente e movidos alternadamente, segundo as leis do jogo e a sorte ditada pelas *tesserae*, ou dados. O Dr. Hyde, que traça meticulosamente a história e as variedades do *nerdiludium* (um nome de etimologia persa) desde a Irlanda ao Japão, prodigaliza neste assunto trivial uma copiosa torrente de erudição clássica e oriental.

(*) A pimenta constituía um ingrediente favorito da mais cara cozinha romana, e a melhor espécie era geralmente vendida por quinze denários, ou dez xelins, cada libra. Era trazida da Índia; e o mesmo país, a costa do Malabar, continua a fornecê-la em grande abundância; só que o surto do comércio e da navegação multiplicou a quantidade e baixou o preço.

(*) Este comandante godo é denominado, por Jornandes e Isidoro, *Athaulphus*; por Zósimo e Orósio, *Ataulphus*; por Olimpíodoro, *Adaoulphus*. Optei pelo famoso nome de Adolfo, que aparentemente

nos é autorizado pelo uso dos Suecos, filhos ou irmãos dos antigos Godos.

(*) As *Ostia Tiberina*, no plural, as duas embocaduras do Tibre, achavam-se separadas pela Ilha Sagrada, um triângulo equilátero cujos lados estavam avaliados em cerca de duas milhas. A colónia de Óstia situava-se imediatamente para lá do braço esquerdo ou meridional do rio, e o porto para lá do direito ou setentrional; e a distância entre os seus restos mede um pouco mais de duas milhas no mapa de Cingolani. Na época de Estrabão, a areia e o lodo depositados pelo Tibre tinham entupido o porto de Óstia; a evolução desta mesma causa aumentara em muito o tamanho da Ilha Sagrada e deixara gradualmente Óstia e o porto a uma considerável distância da margem. Os canais secos e os largos estuários assinalam as mudanças do rio e os esforços do mar. Consultar, sobre o presente aspecto desta lúgubre e desolada extensão, o excelente mapa dos Estados da Igreja elaborado pelos matemáticos de Bento XIV; uma planta actual do *Agro Romano*, em seis folhas, por Cingolani, que contém 113 819 *rubbia* (cerca de 570 mil acres): e o grande mapa topográfico de Ameti, em oito folhas.

(*) Orósio elogia a piedade dos godos cristãos, sem parecer dar-se conta de que a maior parte deles eram heréticos arianos. Jornandes e Isidoro de Sevilha, ambos ligados à causa gótica, repetiram e embelezaram estas edificantes narrativas. Segundo Isidoro, o próprio Alarico teria afirmado que fazia guerra aos Romanos e não aos apóstolos. Tal era o estilo do século vii; duzentos anos antes, a fama e o mérito haviam sido atribuídos não aos apóstolos, mas a Cristo.

(*) Agostinho faz saber que algumas virgens ou matronas se suicidaram realmente para escapar à violação; e embora lhes admire a coragem, vê-se forçado, pela sua teologia, a condenar a precipitada deliberação delas. Talvez o bondoso bispo de Hipona fosse tão ingénuo a acreditar como severo a censurar este acto de heroísmo feminino. As vinte virgens (se alguma vez existiram) que se atiraram ao Elba quando Magdeburgo foi assaltada subiram para o número de mil e duzentas.

(*) Na medida em que as aventuras de Proba e da sua família estão ligadas à vida de Santo Agostinho, elas foram diligentemente elucidadas por Tillemont. Algum tempo depois da sua chegada a África, Demétria tomou o véu e fez voto de castidade, um acontecimento que foi encarado como da mais alta importância para Roma e para o mundo. Todos os *Santos* escreveram cartas a felicitá-la; a de Jerónimo ainda existe e contém uma mescla de raciocínios absurdos, declamações veementes e factos curiosos, alguns dos quais se reportam ao cerco e ao saque de Roma.

(*) Sem qualquer aparência de verdade ou razão, Sócrates sustenta que Alarico fugiu ao ter conhecimento de que os exércitos do Império do Oriente estavam em marcha para vir atacá-lo.

(*) O humilde Paulino teve um dia a presunção de dizer que julgava ser amado por São Félix; pelo menos como um dono ama o seu cãozinho.

(*) Na medida em que sou *quase* um estranho no que se refere aos volumosos sermões de Crisóstomo, depusitei a minha confiança nos dois mais criteriosos e moderados críticos eclesiásticos, Erasmo e Dupin; no entanto, o bom gosto do primeiro é algumas vezes viciado por um excessivo amor à Antiguidade, e o bom senso do segundo é sempre restringido por considerações de prudência.

(**) As mulheres de Constantinopla distinguiram-se pela sua inimizade ou simpatia para com Crisóstomo. Três nobres e opulentas viúvas — Marsa, Castrícia e Eugráfia — estavam à cabeça da perseguição. Era-lhes impossível desculpar um pregador que as censurava por buscarem esconder a idade e a fealdade mediante os adornos do vestuário. O mesmo zelo, empregado numa causa mais piedosa, valeu a Olímpia o título de santa.

(*) Sozómenes, e mais particularmente Sócrates, definiram o verdadeiro carácter de Crisóstomo com uma liberdade moderada e imparcial, muito ofensiva para os seus cegos admiradores. Estes historiadores pertenciam à geração seguinte, quando a violência sectária já amainara, e tinham conversado com muitas pessoas intimamente conhecedoras das virtudes e imperfeições do santo.

(**) Paládio defende muito seriamente o arcebispo: 1) Nunca bebia vinho. 2) O seu débil estômago exigia uma dieta especial. 3) Os negócios, o estudo ou a devoção mantinham-no frequentemente em jejum até ao sol-posto. 4) Detestava o ruído e a futilidade dos grandes repastos. 5) Poupava dinheiro para ajudar os pobres. 6) Preocupava-se, numa capital como Constantinopla, em não aceitar os convites de nenhuma facção, a fim de não dar azo a invejas ou censuras.

(*) Crisóstomo declara a sua livre opinião de que o número de bispos que podem salvar-se fica muito aquém dos que serão condenados às penas eternas.

(*) Foi avisada, por vários sonhos consecutivos, do lugar onde haviam sido enterrados os corpos de quarenta mártires. O chão onde jaziam pertencera sucessivamente à casa e ao jardim de uma dama de Constantinopla, a um mosteiro de monges macedónios e a uma Igreja de Santo Tirso erguida por Cesário, que foi cônsul no ano de 397; e a memória destas relíquias já quase se apagara. Apesar dos caridosos desejos do Dr. Jortin, torna-se difícil ilibar Pulquéria de alguma participação nesta piedosa fraude, a qual deve ter ocorrido quando ela tinha mais de trinta e cinco anos.

(*) As lamentações originárias sobre a desolação da África estão contidas: 1) Numa carta de Capréolo, bispo de Cartago, como desculpa pela sua ausência no Concílio de Éfeso. 2) Na *Vida de Santo Agostinho*, pelo seu amigo e colega Possídio. 3) Na *História da Perseguição dos Vândalos*, por Victor Vitensis. O último quadro, traçado sessenta anos após o acontecimento, expressa mais a emoção do autor que a verdade dos factos.

(*) Na sua mais recuada juventude, Santo Agostinho detestava e descurava o estudo do grego; e ele confessa abertamente que leu os platónicos numa versão latina. Alguns críticos modernos acharam que a sua ignorância do grego o tornava pouco apto a explicar a Sagrada Escritura; e tanto Cícero como Quintiliano teriam exigido o conhecimento desta língua a um professor de retórica.

(*) A Igreja de Roma canonizou Agostinho e condenou Calvino. No entanto, dado que a efectiva diferença entre ambos é imperceptível até mesmo com a ajuda de um microscópio teológico, os molinistas são esmagados pela autoridade do santo, e os jansenistas denegridos pela sua semelhança com um herético. Por seu lado, os armínios protestantes mantêm-se à parte e ridiculizam a mútua perplexidade dos disputadores. Talvez um argumentador ainda mais imparcial possa sorrir por sua vez, ao ler um comentário armínio sobre a Epístola aos Romanos.

(*) Ele afirma que os vícios peculiares de cada país vêm reunir-se na cloaca de Cartago. Os africanos aplaudiam o seu próprio vigor na prática do vício. *Et illi se magis virilis fortitudinis esse crederent, qui maxime viros fæminei usus probositate fregissent*. As ruas de Cartago estavam infestadas de uma súcia efeminada que adoptava publicamente o porte, o vestuário e as maneiras de mulheres. Se um monge aparecia na cidade, o santo homem era perseguido com ímpia troça e desdém; *detestantibus ridentium cachinnis*.

(*) Maomé não deu provas de muito gosto nem engenho com este tema tão propício à imaginação. Inventou o cão (*Al Rakim*) dos sete adormecidos; o respeito do Sol, que alterava o seu curso duas vezes por dia para não iluminar a caverna; e o cuidado do próprio Deus que evitou a putrefacção dos corpos virando-os ora para a direita, ora para a esquerda.

(**) Paulo, o diácono de Aquileia que viveu em fins do século viii, situou numa caverna, sob um rochedo à beira do Oceano, os sete adormecidos do Norte, cujo longo repouso foi respeitado pelos bárbaros. As suas vestes indicavam que eram romanos; e o diácono conjectura que a Providência os reservava para futuros apóstolos destas gentes descrentes.

(*) Gibbon, e outros na sua esteira, enganaram-se ao dar o nome de Châlons ao cenário da derrota de Átila. É hoje ponto assente que a acção decorreu na planície de Maurica. — D. M. L.

(*) No século xiii, os Mogóis flagelaram as cidades da China com enormes engenhos construídos pelos maometanos ou cristãos ao seu serviço e que lançavam pedras de cento e cinquenta a trezentas

libras de peso. Em defesa do seu país, os Chineses serviam-se de pólvora e até mesmo de bombas, mais de cem anos antes de elas serem conhecidas na Europa; no entanto, nem sequer estas armas celestiais ou infernais foram suficientes para proteger uma nação pusilânime.

(*) Considera-se, hoje em dia, que a origem de Veneza remonta às posteriores invasões dos Lombardos. Não se pode, contudo, pôr em dúvida que algumas pessoas que fugiam de Átila se refugiaram na Laguna. A descrição de Gibbon pode, portanto, ser aceite com este senão. — D. M. L.

(*) Placídia morreu em Roma, no dia 27 de Novembro de 450. Foi enterrada em Ravena, onde o seu sepulcro, e até mesmo o seu corpo sentado numa cadeira de madeira de cipreste, foram preservados durante séculos. A imperatriz recebeu muitos elogios do clero ortodoxo; e São Pedro Crisólogo garantiu-lhe que o seu zelo pela Santíssima Trindade fora recompensado com uma augusta trindade de filhos.

(*) Cf. a *Vida de Hilarião*, por São Jerónimo. As histórias de Paulo, Hilarião e Malco são admiravelmente narradas pelo mesmo autor; e estas agradáveis composições somente pecam por faltar à verdade e ao senso comum.

(**) Cf. a sua *Vida* e os três *Diálogos* de Sulpício Severo, que declara que os livreiros de Roma estavam encantados com a rápida e pronta venda da sua obra então em voga.

(***) Quando Hilarião embarcou em Paretónio para o cabo Paquino, propôs pagar a sua passagem com um livro dos Evangelhos. Postumiano, um monge gaulês que visitara o Egipto, encontrou um barco mercante que partia de Alexandria para Marselha e fez a viagem em trinta dias. Atanásio, que desejava enviar a sua *Vida de Santo Antão* aos monges estrangeiros, viu-se forçado a apressar a redacção dela por forma a tê-la pronta na altura da largada das frotas.

(*) Crisóstomo dedicou três livros ao elogio e à defesa da vida monástica. Ele é conduzido pelo exemplo da Arca da Aliança a supor que apenas os eleitos (os monges) podem ser salvos. Noutros passos, porém, mostra-se mais compassivo e admite diferentes graus de glória, como o Sol, a Lua e as estrelas. Na sua sugestiva comparação entre um rei e um monge, ele supõe (o que é bastante injusto) que o rei será mais parcamente recompensado e punido com mais severidade.

(*) As senhoras devotas ocupam uma larga parte das obras de Jerónimo; o tratado especial que ele intitula de *Epitáfio de Paula* é um elaborado e extravagante panegírico. O exórdio é ridiculamente enfático: «Se todas as partes do meu corpo se transformassem em línguas e todos os meus membros ressoassem com voz humana, seria mesmo assim incapaz de... etc.»

(**) Um frade dominicano, hospedado em Cádiz num convento da sua ordem, não tardou a perceber que o repouso dos religiosos nunca era interrompido pelas orações nocturnas. «*quoiqu'on ne laisse pas de sonner pour l'édification du peuple*».

(*) A regra de Columbano, tão seguida no Ocidente, inflige cem vergastadas pelas faltas mais leves. Antes do reinado de Carlos Magno, os abades permitiam-se mutilar os seus monges ou arrancar-lhes os olhos — um castigo muito menos cruel do que o horrível *vade in pace* (masmorra subterrânea ou sepulcro) que posteriormente se inventou. Cf. um admirável discurso do erudito Mabillon que, na ocorrência, parece inspirado pelo génio da humanidade. Devido a este esforço, consigo perdoar-lhe a defesa da santa lágrima de Vendôme.

(*) «Aqueles que somente bebem água e não consomem qualquer licor nutritivo devem, pelo menos, ter direito a uma libra e meia de pão (*vinete e quatro onças*) diárias.» Estado das Prisões, p. 40, por Howard. [O *Estado das Prisões em Inglaterra e no País de Gales*, 1784.]

(*) Expressões como o *meu* livro, o *meu* manto, os *meus* sapatos eram não menos severamente proibidas entre os monges do Ocidente, e a regra de Columbano punia-os com seis vergastadas. O irónico autor das *Ordres Monastiques*, que troça das minudências disparatadas dos modernos conventos, parece ignorar que os antigos também eram absurdos.

(*) O monge Pambo deu uma resposta sublime a Melânia, que desejava fazer a avaliação da sua dádiva: «Oferecei-la a mim ou a Deus? Se é a Deus, aquele que pesa as montanhas numa balança não necessita ser informado do peso da vossa baixela.»

(**) Ouvi contar ou li algures a franca confissão de um abade beneditino: «O meu voto de pobreza valeu-me cem mil coroas por ano; o meu voto de obediência elevou-me à categoria de príncipe soberano.» Não me lembro das consequências do seu voto de castidade.

(*) Não devo calar uma antiga maledicência relativa à origem desta úlcera. Consta que o Diabo, assumindo a forma de anjo, o convidou a subir, como Elias, para um carro de fogo. O santo levantou o pé com excessiva pressa e Satã aproveitou o momento para infligir este castigo à sua vaidade.

(*) A América acolhe actualmente cerca de seis milhões de europeus de nascimento ou de origem; e o seu número, pelo menos no Norte, aumenta continuamente. Quaisquer que sejam as mudanças do seu sistema político, eles devem preservar os costumes da Europa; e podemos pensar com algum prazer que a língua inglesa será provavelmente difundida através de um imenso e populoso continente.

(*) Seria uma tarefa fácil, embora fastidiosa, invocar a autoridade de poetas, dos filósofos e dos historiadores. Contentar-me-ei, assim, em recorrer ao testemunho decisivo e autêntico de Diodoro da Sicília. Os Ictiófagos, que no seu tempo vagueavam ao longo das costas do mar Vermelho, não podem comparar-se senão aos nativos da Nova Holanda. A fantasia, ou talvez a razão, pode ainda supor um estado extremo e absoluto de natureza bastante inferior ao destes selvagens, que tinham adquirido algumas artes e instrumentos.

(*) O mérito dos Descobrimentos foi com grande frequência maculado pela avareza, a crueldade e o fanatismo; e o intercâmbio das nações originou a transmissão de doenças e preconceitos. Devemos abrir uma justa excepção ao mérito do nosso século e do nosso país. As cinco grandes viagens sucessivamente realizadas por ordem do actual rei de Inglaterra foram inspiradas pelo puro e generoso amor à ciência e à humanidade. Este mesmo príncipe, adaptando as suas benfeitorias às várias classes da sociedade, fundou uma escola de pintura na sua capital e introduziu nas ilhas do mar do Sul os vegetais e os animais que são mais úteis ao género humano.

(*) Santo Epifânio de Pavia remiu, por meio de orações ou de um resgate, seiscentos cativos em poder dos Burgúndios de Lião e de Sabóia. Estas acções são os mais belos de todos os milagres.

(*) Marco Túlio Cícero. (*Nota da edição portuguesa.*)

(*) Instaurou-se um severo inquérito sobre o crime de magia; e acreditava-se que muitos necromantes tinham escapado *enlouquecendo* os carcereiros; em vez de *enlouquecendo*, eu seria tentado a ler: *embriagando*.

(*) A inscrição gravada no seu novo túmulo foi composta pelo antigo preceptor de Otão III, o douto Papa Silvestre II, que, à semelhança de Boécio, era apodado de mágico pela ignorância dos tempos. O mártir católico, segundo se diz, transportara a cabeça nas mãos durante uma longa distância; no entanto, uma senhora minha conhecida, a quem falavam de tal milagre, observou: «La distance n'y fait rien; il n'y a que le premier pas qui coûte.» (Madame du Deffand. Referia-se ao milagre similar de São Dinis. — D. M. L.)

(*) Justiniano no papel de um burro — em tudo parecido com Domiciano — os amantes de Teodora expulsos da sua cama por demónios rivais — predissera-se o seu casamento com um grande demónio — um monge viu o príncipe dos demónios no trono em vez de Justiniano — os criados que velavam nos seus aposentos viram um rosto sem feições, um corpo a caminhar sem cabeça, etc. Procópio declara acreditar, tal como os amigos, nestas histórias diabólicas.

(*) *Let greatness own her, and she's mean no more*, etc. Sem o telescópio crítico de Warburton, jamais teria descortinado neste retrato geral do vício triunfante qualquer alusão pessoal a Teodora.

(*) Jerusalém. (*Nota da edição portuguesa.*)

(*) A verdadeira causa dos tumultos de *Nika* foi o ressentimento contra as extorsões da administração inconsiderada de Justiniano. Gibbon não refere este facto, nem tão-pouco tinha conhecimento de que as facções do circo eram, na verdade, uma miniatura dos demos ou paróquias da cidade. Elas eram, por conseguinte, em certa medida, os meios constitucionais de comunicação entre o povo e o imperador. — D. M. L.

(*) Na história dos insectos (muito mais maravilhosa do que *As Metamorfoses* de Ovídio), o bicho-da-seda ocupa um lugar de relevo. O bombice da ilha de Ceos, tal como o descreve Plínio, corresponde de algum modo a uma espécie semelhante que existe na China; mas o nosso bicho-da-seda, bem como a amoreira-branca, eram desconhecidos de Teofrasto e Plínio. (Gibbon confundiu Cós com Ceos. Aristóteles foi o primeiro escritor grego a mencionar a seda. É provável que a seda crua fosse trazida da Ásia para Cós e aqui manufacturada. — D. M. L.)

(*) A cega admiração dos Jesuítas confunde os diferentes períodos da história da China. Eles são actualmente distinguidos, de forma mais criteriosa por M. de Guignes, que descobre os progressos paulatinos da verdade dos anais, e a extensão da monarquia até à era cristã. Indagou cheio de curiosidade as ligações dos Chineses com as nações do Ocidente; porém, estas ligações são fracas, casuais e obscuras; tão-pouco os Romanos suspeitaram alguma vez de que os Seres ou os Sinos possuísem um império em nada inferior ao deles.

(*) Os itinerários da China até à Pérsia e ao Indostão podem ser examinados nas Relações de Hackluyt e Thevenot. Uma comunicação através do Tibete foi recentemente explorada pelas autoridades inglesas de Bengala.

(*) Tradução grega do Velho Testamento feita em Alexandria por setenta e dois judeus do Egipto. (*Nota da edição portuguesa.*)

(*) Foi assim que Sócrates se salvou, pela sua temperança, da peste de Atenas. O Dr. Mead atribui a peculiar salubridade das casas religiosas ao facto de estarem separadas das outras e à frugalidade da alimentação.

(*) Mead prova que a peste é contagiosa, baseando-se em Tucídides, Lucrécio, Aristóteles, Galeno e na experiência corrente; e refuta a opinião contrária dos médicos franceses que visitaram Marselha em 1720. Não obstante, eles tinham sido espectadores recentes e esclarecidos de uma peste que, no espaço de alguns meses, ceifou 50 mil habitantes de uma cidade que não abriga mais de 90 mil pessoas na sua actual fase de prosperidade e comércio.

(*) Crisóstomo e Atanásio são obrigados a confessar que Cristo ou os seus apóstolos raramente mencionam a divindade dele.

(*) São João e Cerinto encontraram-se por acaso nos banhos públicos de Éfeso; mas o apóstolo fugiu do herético, não fosse o edifício desmoronar-se em cima da sua cabeça. Esta história tola, rejeitada pelo Dr. Middleton, é, no entanto, contada por Ireneu, com base no testemunho de Policarpo, e ajustava-se provavelmente ao conhecimento que se tinha da época em que viveu Cerinto e do lugar que ele habitava. Esta versão de João (IV, 3) — $\diamond$ $\text{I}\dot{\text{U}}\text{eit}\ddot{\text{O}}\text{n } \text{'Ihso}\ddot{\text{U}}\text{n}$ —, caída em desuso apesar de parecer verdadeira, alude à dupla natureza ensinada pelo herético Cerinto.

(*) Esta expressão enérgica pode ser justificada pela linguagem de São Paulo (*Tim.* iii. 16); somos, contudo, enganados pelas nossas Bíblias modernas. A palavra $\diamond$ (*o qual*) foi mudada para $\text{qe}\ddot{\text{O}}\text{j}$ (*Deus*) em Constantinopla, no começo do século vi: a verdadeira versão, segundo os textos latino e sírio, ainda existe nos raciocínios dos padres gregos e latinos; e esta fraude, juntamente com a das

três testemunhas de São João, é admiravelmente apontada por Sir Isaac Newton. Pesei os argumentos e opto por subscrever a autoridade do primeiro dos filósofos, que era profundo conhecedor dos estudos críticos e teológicos. [Deveria ser *o*]. O peso da autoridade é de tal maneira contra a interpretação comum nestes dois pontos, que eles deixaram de ser invocados pelos polemistas prudentes. Será que o respeito de Gibbon pelo *primeiro dos filósofos* se alargou a *todas* as suas conclusões teológicas? — Milman.]

(*) Os cristãos dos primeiros quatro séculos ignoravam o lugar da morte e o da sepultura de Maria. A tradição de Éfeso é confirmada pelo sínodo, mas viu-se suplantada pelas pretensões de Jerusalém; e o sepulcro *vazio* de Maria, tal como era mostrado aos peregrinos, originou a lenda da sua ressurreição e assunção, que foi piedosamente adoptada pelas Igrejas grega e latina.

(*) «As vossas escandalosas figuras sobressaem da tela; são tão más como um grupo de estátuas!» Era assim que a ignorância e o fanatismo de um padre grego louvavam os quadros de Ticiano, que tinha encomendado e se recusava agora a aceitar.

(*) João, ou Mansur, era um nobre cristão de Damasco, que desempenhava um cargo importante ao serviço do califa. O seu zelo na causa das imagens expô-lo ao ressentimento e à perfídia do imperador grego: e, sob suspeita de uma correspondência traiçoeira, foi-lhe cortada a mão direita, que a Virgem lhe devolveu milagrosamente. Após este prodígio, demitiu-se do seu cargo, repartiu as suas riquezas e isolou-se no Mosteiro de São Sabas, entre Jerusalém e o Mar Morto. A lenda é famosa; mas o seu erudito editor, o Padre Lequien, provou infelizmente que São João Damasceno já era monge antes da disputa dos iconoclastas.

(*) A visão de Weltin, composta por um monge onze anos após a morte de Carlos Magno, mostra-o no purgatório, onde um abutre lhe rasga perpetuamente o membro culpado, enquanto o resto do seu corpo, emblema das suas virtudes, se mantém ileso e perfeito.

(**) O casamento de Eginardo com Ema, filha de Carlos Magno, é, na minha opinião, suficientemente refutado pelo *probrum* e o *suspicio* lançados por ele sobre estas belas moças, sem exceptuar a sua própria mulher. Um marido nunca transigiria em cumprir tão bem os deveres de historiador.

(*) Dado que, tanto neste como no próximo capítulo, irei expor muita erudição árabe, cabe-me declarar aqui a minha total ignorância das línguas orientais e manifestar a minha gratidão aos sábios intérpretes que divulgaram a sua ciência em latim, francês e inglês. Mencionei ocasionalmente as suas compilações, versões e histórias.

(*) Os doutores maometanos não gostam de abordar esta questão; mas encaram a circuncisão como necessária à salvação, e vão ao ponto de afirmar que Maomé nasceu milagrosamente sem prepúcio.

(*) É obscuramente sugerida no Alcorão, e mais claramente explicada pela tradição dos sunitas. No século xii, a Imaculada Conceição foi condenada por São Bernardo como uma inovação presunçosa.

(*) A inveja de Maracci condu-lo a enumerar as esmolas ainda mais liberais dos católicos de Roma. Quinze grandes hospitais encontram-se abertos a muitos milhares de doentes e peregrinos; mil e quinhentas donzelas recebem anualmente um dote; existem cinquenta e seis escolas de caridade para os dois sexos; cento e vinte confrarias aliviam as necessidades dos seus membros, etc. A benevolência de Londres é ainda maior; mas temo que tenhamos de atribuir muito mais à humanidade do que à religião do povo inglês.

(*) Do árabe *mohâjirun* (expatriados ou emigrantes) e *ançâr* (auxiliares ou apoiantes). (*Nota da edição portuguesa.*)

(*) Os capítulos X e XX do Deuteronomio, com os comentários práticos de Josué, David, etc., são lidos com mais temor do que satisfação pelos devotos cristãos da época actual. No entanto, os bispos, tal como os rabis dos primeiros tempos, fizeram ressoar o tambor eclesiástico com prazer e êxito.

(*) Consta que Abu-Rafe, servidor de Maomé, afirmou que ele próprio e mais sete homens tentaram, posteriormente, sem êxito, erguer esta mesma porta do chão. Abu-Rafe era uma testemunha ocular, mas quem testemunhará por Abu-Rafe?

(*) Após a conquista de Meca, o Maomé de Voltaire imagina e perpetra os mais horrendos crimes. O poeta confessa que não é corroborado pela verdade da História, e somente pode alegar que «*celui qui fait la guerre à sa patrie au nom de Dieu est capable de tout*». A máxima não é caridosa nem filosófica; e a glória dos heróis e a religião das nações merecem indubitavelmente um certo respeito. Informaram-me de que um embaixador turco em Paris ficou muito escandalizado quando assistiu à representação desta tragédia.

(*) Num passo de algum dos seus numerosos escritos, Voltaire compara o profeta, na velhice, a um faquir «*qui détache la chaîne de son cou pour en donner sur les oreilles à ses confrères*».

(*) *Sibi robur ad generationem, quantum triginta viri habent, inesse jactaret: ita ut unica hora posset undecim fæminis satisfacere, ut ex Arabum libris refert sanctus. Petrus Paschasius, c. 2 (Maracci).* Al-Jannabi cita o próprio Maomé, que se gabava de superar todos os homens em vigor conjugal; e Abulfeda menciona a exclamação de Ali, ao lavar o corpo do profeta após a morte: «*O propheta, certe penis tuus coelum versus erectus est.*»

(*) *Berenicem invitum invitam dimisit* (Suetônio, in *Tito, c. 7*). Não me lembro se já mencionei algures que esta beleza judia tinha então mais de cinquenta anos. O judicioso Racine omitiu discretamente tanto a idade como o país dela.

(*) No ano de 663, uma tragédia semelhante é situada por Paulo Diácono sob as muralhas da mesma cidade de Benevento. Mas os actores são diferentes, e a culpa imputada aos Sarracenos na versão bizantina é agora assacada aos próprios Gregos. Durante a recente guerra na Alemanha, *consta* que M. d'Assas, um oficial francês do regimento da Auverne, se sacrificou da mesma forma. O seu comportamento foi tanto mais heróico quanto o inimigo que o fizera prisioneiro apenas pedia o seu silêncio. (Voltaire, *Siècle de Louis XV, c. 33.*)

(*) Liutprando. Se alguém achar a narrativa demasiado brejeira, poderei redarguir, como o pobre Sterne, que é duro não poder transcrever com circunspecção o que um bispo pôde escrever sem escrúpulos. E se eu tivesse traduzido, *ut viris certetis testiculos amputare, in quibus nostri corporis refocillatio, etc.?*

(*) O termo «infame» é-lhes atribuído por Horácio no conto *Secular*. (Nota na edição portuguesa.)

(*) Questão das Investiduras. (Nota da edição portuguesa.)

(*) Membro da seita muçulmana dos ismaelianos. (Nota da edição portuguesa.)

(*) Aleixo III Anjo, a quem sucederia o seu sobrinho Aleixo IV, o Moço, colocado no trono pelos cruzados. (Nota da edição portuguesa.)

(*) Sobre este interessante tema dos progressos da sociedade na Europa, um raio brilhante de luz filosófica irrompeu do fundo da Escócia nos nossos dias; e é com particular estima e pública consideração que eu cito os nomes de Hume, Robertson e Adam Smith.

(*) João de Selimbria, sobrinho de Manuel II. (Nota da edição portuguesa.)

(*) Erasmo tem um delicioso trecho sobre a moda inglesa de beijar os estranhos à chegada e à partida deles, sem no entanto retirar daí nenhuma ilação escandalosa.

(*) O Papa João XXII, ao falecer em Avinhão no ano de 1334, deixou milhões de florins de ouro e mais sete milhões em pratas e jóias. Consultar a *Crónica* de João Villani, cujo irmão soube destes pormenores pelos tesoureiros papais. No século xiv, um tesouro de seis ou oito milhões de libras esterlinas parece enorme e quase inconcebível.

(*) () O povolêu latino riu-se muito do estranho vestuário dos gregos, em especial devido às suas compridas roupas, mangas e barbas; e o imperador não se distinguia senão pela cor púrpura e pelo seu diadema ou tiara com uma jóia na ponta. No entanto, um outro espectador confessa que a moda grega era *più grave e più degna* do que a italiana.

(*) () Os Gregos conseguiram, depois de muitas dificuldades, que em vez de provisões lhes distribuíssem dinheiro, quatro florins por mês às pessoas de estatuto ilustre e três florins por cada criado, com um suplemento de trinta para o imperador, vinte e cinco para o patriarca e vinte para o príncipe, ou déspota, Demétrio. O pagamento total do primeiro mês ascendeu a 691 florins, uma soma que nos permite avaliar em não mais de duzentos gregos de todas as classes. Em 20 de Outubro de 1438, deviam-se atrasos de quatro meses; em Abril de 1439, de três; e de cinco meses e meio em Julho, na altura da união.

(*) () Os gregos opostos à união não se mostravam dispostos a abdicar deste sólido argumento. Os Latinos não tiveram vergonha de exhibir um velho manuscrito do segundo Concílio de Niceia, no qual se acrescentara o *filioque* ao credo. Uma óbvia falsificação!

(*) () «Quando entro numa igreja latina, não me inclino diante dos santos porque não conheço nenhum deles.» (Tradução de um comentário de Sirópulo citado em grego por Gibbon.)

(*) () Esquecia-me de um outro opositor popular e ortodoxo: o cão favorito que geralmente se conservava quieto aos pés do trono do imperador, mas que ladrrou furiosamente quando se procedeu à leitura do acto de união, sem que as festas ou as chicotadas dos servidores reais conseguissem silenciá-lo.

(*) () No fim do século xv, existiam na Europa cerca de cinquenta universidades, sendo a fundação de dez ou doze delas anterior ao ano 1300. Enchiam-se de estudantes em virtude do seu pequeno número. Bolonha contava 10 mil estudantes, sobretudo de jurisprudência. No ano de 1357, os estudantes de Oxford diminuíram de 30 mil para 6000. No entanto, este resto era ainda muito superior ao actual corpo discente desta universidade.

(*) () Os cardeais bateram à porta dele, mas o seu conclavista recusou interromper o estudo de Bessarion. «Nicolau», disse-lhe ele, «o teu respeito custou-te o chapéu, e a mim a tiara.»

(*) () Manuel Crisolaras e os seus colegas foram acusados de ignorância, inveja e avareza. Os gregos modernos pronunciam o β como o V consoante, e confundem três vogais (η i u) e vários ditongos. Era esta a pronúncia vulgar que o severo Gardiner manteve por meio de medidas penais na Universidade de Cambridge; mas o monossílabo $\beta\eta$ soava aos ouvidos áticos como o balido de uma ovelha, e um carneiro teria sido a tal respeito um melhor testemunho do que um bispo ou um chanceler. Os tratados destes eruditos, e em especial de Erasmo, que defenderam uma pronúncia mais clássica estão coligidos no *Sylloge* de Havercamp; torna-se, contudo, difícil reproduzir sons por palavras; e ao remeter para o uso moderno, eles somente podem ser entendidos pelos respectivos compatriotas. Convém notar que a nossa pronúncia peculiar do θ , *th*, é aprovada por Erasmo.

(*) () Jorge Gemisto Pleto, um autor versátil de obras volumosas, mestre de Bessarion e de todos os platónicos da época. Visitou a Itália já na velhice, tendo regressado logo a seguir para acabar os seus dias no Peloponeso.

(*) () A língua grega foi introduzida na Universidade de Oxford, nos últimos anos do século xv, por Grocyn, Linacer e Latimer, que haviam estudado em Florença sob a direcção de Demétrio Calcôndilas. Cf. a curiosa *Vida* de Erasmo, da autoria do Dr. Knight. Embora seja um resoluto paladino da sua academia, ele é forçado a reconhecer que Erasmo aprendeu em Oxford o grego que ensinou em Cambridge.

(**) () O prelo de Aldo Manúcio, um romano, estabeleceu-se em Veneza por volta de 1494; ele imprimiu mais de sessenta volumosas obras de literatura grega, a maior parte das quais ainda estavam

em manuscrito; várias delas continham tratados de diferentes autores; fez de algumas duas, três ou até quatro edições. A sua glória não deve, contudo, levar-nos a esquecer que o primeiro livro grego, a *Gramática* de Constantino Láscaris, foi impresso em Milão, em 1476, e que o Homero editado em Florença, de 1488, apresenta todo o luxo da arte tipográfica. Cf. Os *Annales Typographici* de Maittaire e a *Bibliographie Instructive* de De Bure, um famoso livreiro de Paris.

(*) Escolherei três exemplos singulares deste entusiasmo clássico. 1) No Sínodo de Florença, Gemisto Pleto disse em conversa familiar com Jorge de Trebizonda que em breve toda a humanidade renunciaria ao Evangelho e ao Alcorão, para abraçar uma religião semelhante à dos gentios. 2) Paulo II perseguiu a Academia romana, fundada por Pompónio Leto, e os membros principais foram acusados de heresia, impiedade e *paganismo*. 3) No século seguinte, alguns letrados e poetas celebraram em França o êxito da tragédia *Cleópatra*, da autoria de Jodelle, organizando uma festa de Baco e, segundo consta, imolando um bode. O espírito beato pôde, verdade se diga, descortinar amiúde uma grave impiedade no que não passava de um jogo da imaginação e do saber.

(*) O célebre Gentile Bellino, que ele mandara vir de Veneza, recebeu uma corrente e um colar de ouro, e uma bolsa com 300 ducados. Tal como Voltaire, não levo a sério a ridícula história desse escravo a quem teriam decapitado só para mostrar ao pintor o funcionamento dos músculos.

(**) A *Irene* do Dr. Johnson baseia-se nesta história. As dúvidas de Gibbon foram confirmadas por autores mais recentes. Bury assinala que a história se baseia nas *Controvérsias* de Séneca (55 a. C.), x.5. — D. M. L.

(***) Estes bêbados imperiais foram Solimão I, Selim II e Amurat IV. Os sufis da Pérsia oferecem, neste aspecto, uma lista mais longa; e no século passado os nossos viajantes europeus assistiram às suas orgias e participaram nelas.

(*) Ducas diz que o imperador foi morto por dois soldados turcos; segundo Calcôndilas, ele foi ferido no ombro e em seguida esmagado sob a porta da cidade. O desespero de Franza, ao arrastá-lo para o meio do inimigo, não lhe permitiu assistir à morte dele; podemos contudo, sem lisonja, aplicar-lhe estes nobres versos de Dryden:

Quanto a Sebastião, deixemo-los procurar por todo o campo;
E onde encontrarem uma montanha de mortos,
Mandem um deles trepá-la; olhando então abaixo de si,
Reconhecê-lo-á pela sua estatura viril,
E verá o seu rosto voltado para o céu,
Ali sepulto naquele sangrento monumento
Talhado pela sua forte espada.

(*) O leitor está há tanto tempo afastado de Roma que o aconselho a relembra-lo ou reler o Capítulo 49 desta história.

(*) Ponte Mílvia. (*Nota da edição portuguesa.*)

(*) *História de Inglaterra*, de Hume, vol. I, p. 419. O mesmo autor relata, a partir de Fitz-Stephen, um estranho acto de crueldade perpetrado contra o clero por Godofredo, pai de Henrique II. «Quando ele era senhor da Normandia, o capítulo de Seez atreveu-se a eleger um bispo sem o seu consentimento; ele ordenou então que todos, incluindo o bispo eleito, fossem castrados, e mandou que lhe trouxessem os testículos numa travessa.» Podiam queixar-se, com razão, da dor e do perigo desta operação; mas como tinham feito voto de castidade, ele só os privava de um tesouro inútil.

(*) Título dado aos senadores romanos. (*Nota da edição portuguesa.*)

(*) De igual modo, um antigo conhecimento de Oliver Cromwell, que se recordava do seu ar grosseiro e canhestro ao entrar na Câmara dos Comuns, surpreendeu-se com o à-vontade e a

majestade do Protector no seu trono. A consciência do mérito e do poder confere por várias as maneiras adequadas a uma alta posição.

^{*}
() Frederico III, último imperador da Alemanha, vindo a Roma para ser coroado por Nicolau V. *(Nota da edição portuguesa.)*

^{*}
() Lugares de asilo que serviam de refúgio aos criminosos. *(Nota da edição portuguesa.)*

^{*}
() Trata-se, aparentemente, de uma confusão com o Papa Martinho V. Na nota 51 do Capítulo 65, Gibbon assinala que o diálogo de Poggio *De Varietate Fortunæ* foi escrito pouco antes da morte de Martinho, em fins de 1430. Milman comenta este pormenor; Bury passa-o em silêncio. — D. M. L.

^{*}
() Aproveito esta oportunidade para declarar que, passados doze anos, esqueci ou rejeitei essa história da fuga de Odin de Azofe para a Suécia, na qual nunca acreditei seriamente. Os Godos são provavelmente germanos; mas, além de César e Tácito, as antiguidades da Germânia não oferecem senão obscuridade e fábulas.